

# MATRIZes

ISSN 1982-8160

## DOSSIÊ ESPECIAL: *Semiótica*

Clotilde Perez & Jean Cristtus Portela  
(Editores)

Ana Claudia de Oliveira

Camilo Alejandro Rodríguez Flechas

Carmen Fernández Galán Montemayor

Celia Rubina Vargas

Claudio Racciatti

Clotilde Perez

Eduardo Yalán Dongo

Elder Cuevas-Calderón

Ivo A. Ibri

Jean Cristtus Portela

José Enrique Finol

José Luis Fernández

José Luiz Aidar

José María Paz Gago

Liliana de Simone

Maria Giulia Dondero

Mario Carlón

Massimo Leone

Neyla Graciela Pardo Abril

Óscar Quezada Macchiavello

Paulina Gómez-Lorenzini

Roberto Flores

Vanesa Saiz-Echezarreta





## UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**Reitor:** Carlos Gilberto Carlotti Junior

**Vice-Reitora:** Maria Armanda do Nascimento Arruda

## ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

**Diretora:** Brasilina Passarelli

**Vice-Diretor:** Eduardo Henrique Soares Monteiro

## COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO (CPG)

**Presidente:** Mario Rodrigues Videira Junior

**Vice-Presidente:** Maria Clotilde Perez Rodrigues

## COMISSÃO COORDENADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA USP (CCP)

**Coordenadora:** Profa. Dra. Maria Clotilde Perez Rodrigues

**Vice-coordenadora:** Profa. Dra. Maria Cristina Palma Mungioi

### Membros Titulares

Profa. Dra. Maria Aparecida Ferrari

Profa. Dra. Maria Clotilde Perez Rodrigues

Profa. Dra. Maria Cristina Palma Mungioi

Profa. Dra. Roseli Aparecida Figaro Paulino

### Membros Suplentes

Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho

Profa. Dra. Daniela Osvald Ramos

Prof. Dr. Luiz Alberto Beserra de Farias

Prof. Dr. Richard Romancini

**Secretária:** Maria das Graças Sousa

# MATRIZES [www.matrizes.usp.br](http://www.matrizes.usp.br)

**Diretora:** Maria Immacolata Vassallo de Lopes (Universidade de São Paulo)

### Editoria Científica:

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Isabel Ferin Cunha (Universidade de Coimbra)

Luciano Guimarães (Universidade de São Paulo)

Maria Clotilde Perez Rodrigues (Universidade de São Paulo)

Maria Inês Carlos Magno (Universidade Anhembi Morumbi)

Raúl Fuentes Navarro (Universidad de Guadalajara e Universidad Jesuita de Guadalajara)

Richard Romancini (Universidade de São Paulo)

Roseli Figaro (Universidade de São Paulo)

Wagner Souza e Silva (Universidade de São Paulo)

### Editores Executivos:

Luciano Guimarães (Universidade de São Paulo)

Wagner Souza e Silva (Universidade de São Paulo)

### Assistentes Editoriais:

Ana Clara Gimenez (Universidade de São Paulo)

Blanca Luigia Capucho Marinho (Universidade de São Paulo)

### Conselho Científico - Membros Honorários

Albino Rubin (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Armand Mattelart (Université Paris VIII, França)

Etienne Samain (Universidade Estadual de Campinas, Brasil)

Gabriel Cohn (Universidade de São Paulo, Brasil)

Graham Murdock (London School of Economics, Inglaterra)

Giovanni Bechelloni (Università degli Studi di Firenze, Itália)

Henry Jenkins (University of Southern California, EUA)

John B. Thompson (University of Cambridge, Inglaterra)

José Teixeira Coelho (Universidade de São Paulo, Brasil) (*in memoriam*)

Klaus Bruhn Jensen (University of Denmark, Dinamarca)

Jesús Martín-Barbero (Universidad Javeriana de Bogotá, Colômbia) (*in memoriam*)

Lucia Santaella (Pontifícia Universidade Católica-São Paulo, Brasil)

Massimo Canevacci (Università di Roma - La Sapienza, Itália)

Muniz Sodré (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)

Néstor García Canclini (Universidad Autónoma Metropolitana de México, México)

Renato Janine Ribeiro (Universidade de São Paulo, Brasil)

### Conselho Científico - Membros Efetivos:

Adilson Citelli (Universidade de São Paulo, Brasil)

André Lemos (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Aníbal Bragança (Universidade Federal Fluminense, Brasil) (*in memoriam*)

Antonio Fausto Neto (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil)

Arlindo Machado (Universidade de São Paulo, Brasil) (*in memoriam*)

Bernard Miège (Université Stendhal, França)

Catarina Duff Burnay (Universidade Católica de Portugal, Portugal)

Charo Lacalle (Universidad Autónoma de Barcelona, Espanha)

Ciro Marcondes Filho (Universidade de São Paulo, Brasil) (*in memoriam*)

Cremilda Medina (Universidade de São Paulo, Brasil)

Erick Felinto Oliveira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Francisco Rüdiger (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)

Gilberto Prado (Universidade de São Paulo, Brasil)

Giuseppe Richeri (Università della Svizzera Italiana, Itália)

Guillermo Orozco Gómez (Universidad de Guadalajara, México)

Ismail Xavier (Universidade de São Paulo, Brasil)

James Lull (San Jose State University, Estados Unidos)

José Luiz Braga (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil)

Juremir Machado da Silva (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil)

Lucrecia d'Alessio Ferrara (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil)

Luiz Cláudio Martino (Universidade de Brasília, Brasil)

Marcus Freire (Universidade Estadual de Campinas, Brasil)

Marcos Palacios (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Margarida M. Krohling Kunsch (Universidade de São Paulo, Brasil)

Marialva Carlos Barbosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)

Mauro Wilton de Sousa (Universidade de São Paulo, Brasil)

Milly Buonanno (Università di Roma - La Sapienza, Itália)

Nilda Jacks (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)

Norval Baitello (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil)

Raquel Paiva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)

Silvia Borelli (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil)

Tereza Quiroz (Universidad de Lima, Peru)

Valerio Fuenzalida Fernández (Pontifícia Universidad Católica de Chile, Chile)

Vera França (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

Walmir Barbosa (Universidade Federal do Amazonas, Brasil)

Yvana Fechine (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil)

## MATRIZES

### REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Bloco 22, sala 24  
Cidade Universitária, Butantã, CEP 05508-900, São Paulo - SP  
Tel.: 55 (11) 3091.8657  
e-mail: matrizes@usp.br

[www.matrizes.usp.br](http://www.matrizes.usp.br)

e-ISSN: 1982-8160

ANO 18 - Nº 3 set./dez. 2024

apoio:  USP  
AGÊNCIA DE BIBLIOTECAS E COLÊGIOS DIGITAIS  
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*As opiniões expressas nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores. Todo material incluído nesta revista tem a autorização expressa dos autores ou de seus representantes legais. Qualquer parte dos artigos da revista pode ser reproduzida desde que citados autor e fonte.*



## INDEXADORES

[DIADORIM – Diretório de Políticas Editoriais das Revistas Científicas Brasileiras](#)

[DOAJ – Directory of Open Access Journals](#)

[EBSCO](#)

[ERIEHPLUS – European Reference Index for the Humanities and Social Sciences](#)

[EUROPUB](#)

[EZB – Eletronic Lournals Library](#)

[FUNARTE – Fundação Nacional de Artes](#)

[GOOGLE ACADÊMICO](#)

[HAL – Accès aux données de reference de HAL](#)

[J4F – Journals For Free](#)

[LATININDEX – Sistema Regional de Información en línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal](#)

[LATINREV – Red latinoamericana de revistas académicas en ciencias sociales y humanidades](#)

[MIAR – Information Matrix for the Analysis of Journals](#)

[MIGUILIM – Diretório das Revistas Científicas Eletrônicas Brasileiras](#)

[OPEN SCIENCE](#)

[PERIÓDICOS CAPES](#)

[RCAAP – Repositório Científico der Acesso Aberto de Portugal](#)

[REDALYC – Red de Revistas Científicas de Acceso Abierto Diamante](#)

[REDIB – Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico](#)

[RESEARCHBIB – Academic Resource Index](#)

[REVISCOM – Red Confibercom de Revistas Científicas de Comunicación](#)

[ISSN PORTAL](#)

[WIKIDATA](#)

[WORLDCAT](#)

---

### Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação – ECA/USP

**MATRIZES** / Revista do programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo.  
– Ano 18, nº 3 ( set./dez. 2024) - São Paulo : ECA/USP/: 2024  
– PDF

Quadrimestral  
e-ISSN 1982-8160  
1. Comunicação  
1. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes

CDD – 23 ed. - 302.2

---

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado – CRB-8/6194

# Sumário

## DOSSIÊ

- 1** EDITORIAL  
**Edição especial Semiótica de MATRIZES**  
CLOTILDE PEREZ  
JEAN CRISTTUS PORTELA
- 11** **Chronos, Kairós e a semiótica das coisas sem nome**  
IVO A. IBRI
- 29** **Semiótica da inteligência artificial: análise computacional de grandes bases de dados e geração automática de imagens**  
MARIA GIULIA DONDERO  
GUSTAVO H. R. DE CASTRO  
MATHEUS NOGUEIRA SCHWARTZMANN  
DANIERVELIN PEREIRA
- 55** **O futuro no rosto: da fisionomia à inteligência artificial**  
MASSIMO LEONE
- 85** **IArt-à-porter: a moda na era da inteligência artificial**  
JOSÉ MARÍA PAZ GAGO
- 97** **Práticas de vida no futuro, prospecção semiótica: como o passado se reinscreve no hoje e no amanhã?**  
ANA CLAUDIA DE OLIVEIRA
- 115** **Semiótica e historiografia linguística: disciplinas contra-hegemônicas**  
JEAN CRISTTUS PORTELA
- 137** **Semiótica e interdisciplina no ecossistema mediático atual**  
JOSÉ LUIS FERNÁNDEZ

- 159** **Semiótica, (hiper)mediatização, circulação e atores/ enunciadores: a caminho de um enfoque macro-relacional não antropocêntrico para pensar o futuro?**  
MARIO CARLÓN
- 185** **Novas disquisições sobre a Corposfera  
Sitofilia: corpo e sexo, erotismo e alimentação**  
JOSÉ ENRIQUE FINOL
- 205** **DA receita-modelo para UMA receita com ar familiar:  
hedonismo estético e utilitarismo poético na abordagem  
semiótica do social**  
ÓSCAR QUEZADA MACCHIABELLO  
EDUARDO YALÁN DONGO  
ELDER CUEVAS-CALDERÓN
- 221** **Urgência e emergência no capitalismo comunicacional  
ou repensando a importância do reconhecimento**  
JOSÉ LUIZ AIDAR
- 237** **Espaço-temporalidade e territorialidade:  
deslocamento interno forçado na Colômbia**  
NEYLA GRACIELA PARDO ABRIL  
CAMILO ALEJANDRO RODRÍGUEZ FLECHAS
- 267** **Utopias, fantasmas e ficções do fim**  
CARMEN FERNÁNDEZ GALÁN MONTEMAYOR
- 283** **A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol  
na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit'i.  
É possível um compromisso ético-semiótico  
com o meio ambiente?**  
CELIA RUBINA VARGAS
- 303** **Consumo, contestação e configurações afetivas  
na explosão social**  
PAULINA GÓMEZ-LORENZINI  
LILIANA DE SIMONE  
VANESA SAIZ-ECHEZARRETA  
CLAUDIO RACCIATTI

PARECERISTAS

**329** **Semiótica dos afetos nos rituais de consumo:  
sensações, sentimentos e emoções**

CLOTILDE PEREZ

**347** **Magia publicitária: a arte da mediação**

ROBERTO FLORES

**361** **Lista de Pareceristas  
(novembro de 2023 a novembro de 2024)**

TESES E  
DISSERTAÇÕES

**369** **Teses e Dissertações  
(1<sup>o</sup> de julho de 2023 a 30 de junho de 2024)**

## Edição especial Semiótica de MATRIZES

Entre os dias 2 e 5 de julho de 2024, a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), sediou o X Congresso da Federación Latino-americana de Semiótica (Fels), juntamente com outras 17 universidades brasileiras e seis internacionais. Inaugural na quantidade, diversidade e potência das parcerias expressa no Conselho Científico do evento, foi também o primeiro congresso que integrou as diferentes correntes semióticas a partir de seus usos e suas reflexões em regionalidades científicas diversas, de Comunicação, Letras, Filosofia, Direito, Artes e até Engenharias. Com mais de 700 participantes, de 22 países diferentes, 408 trabalhos apresentados em conferências, painéis e mesas de debates, configurou-se como um dos maiores congressos de semiótica já realizados na América Latina. Além de momentos marcantes que ficaram nos registros institucionais e na memória dos que compartilharam esses dias, o legado se materializa nos desdobramentos acadêmicos, nas parcerias internacionais criadas e outras fomentadas e nas produções científicas realizadas e em produção.

É nesse contexto que surge esta edição especial *Semiótica* de *MATRIZES*, periódico do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, que nos seus quase 53 anos de existência segue na missão de formar novos pesquisadores, fomentar a produção e a circulação de conhecimento no campo da Comunicação e suas interfaces e no compromisso ético e estético com a melhoria da sociedade brasileira e mundial.

Os textos reunidos nesta edição são a expressão da riqueza das discussões oferecidas pelos pesquisadores brasileiros, latino e ibero-americanos e europeus convidados e demonstrar a relevância das pesquisas empreendidas por esses semioticistas, em distintos países e instituições. Juntos, esses professores formaram centenas de outros pesquisadores que atuam na docência, na pesquisa e na construção das políticas científicas do campo, em instituições nacionais e internacionais. São 17 artigos que aportam olhares inovadores e direcionados ao

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p1-8>

V.18 - Nº 3 set./dez. 2024 São Paulo - Brasil EDITORIAL p. 1-8

MATRIZES

futuro da semiótica como teoria e método, como campo científico e epistemológico e como ciência que se concebe aberta à interdisciplinaridade e em crescimento.

O texto que abre a edição especial *Semiótica de MATRIZes*, “Chronos, Kairós e a semiótica das coisas sem nome”, de autoria de Ivo Ibri, professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), nos oferece uma reflexão sensível e uma imersão poética a partir do realismo que caracteriza a filosofia de Charles S. Peirce. À luz desse realismo, a semiótica expande seus significados ao universo dos signos humanamente constituídos e àqueles do mundo natural. Aproximando essa reflexão aos princípios do Pragmatismo de Peirce compreendemos sua universalidade uma vez que o humano e o natural, a subjetividade e a objetividade, a interioridade e a exterioridade, a mente e a matéria, desde que submetidos às mesmas três categorias fundamentais da experiência e do pensamento, são inseparáveis. Com esse fundamento teórico-filosófico, Ibri toma as dimensões do tempo nesses dois universos que existem em *continuum*, elaborando o conceito “coisas sem nome”. O autor nos oferece uma imersão sensível e densa na filosofia de Peirce, apresentando-a como poesia, um sofisticado, competente e inovador caminho próprio daqueles que se lançam à arte.

Maria Giulia Dondero, professora da Universidade de Liège, Bélgica, nos apresenta o texto “Semiótica da inteligência artificial: análise computacional de grandes bases de dados e geração automática de imagens”, no qual elabora reflexões sobre a Inteligência Artificial (IA) como expressão da complexidade das linguagens e das ações humanas. A IA como instrumento semiótico é compreendida por meio da teoria da enunciação de É. Benveniste, prioritariamente a partir dos desenvolvimentos em semiótica pós-greimasiana e dos recentes ensinamentos de Jacques Fontanille. Essa base teórica possibilitou a reflexão sobre a relação banco de dados de imagens e algoritmos na análise de grandes coleções de imagens por meio da Computer Vision e, posteriormente, sobre os modos de diálogo dos usuários com o modelo de inteligência artificial generativa Midjourney, que permitiu abordar as dinâmicas criativas das máquinas.

“O futuro no rosto: da fisionomia à inteligência artificial” é o título do artigo de autoria de Massimo Leone, professor titular de semiótica da Universidade de Turin, Itália. O texto traz as principais conclusões de sua pesquisa empreendida ao longo de cinco anos e analisa a semiótica cultural da matemática como uma linguagem que se apoia na cognição humana. O estudo mostra o quanto a matemática foi frequentemente transformada em ferramenta utilitária que, em vez de medir a realidade, se tornou uma retórica tendenciosa. Essa retórica confere uma aura de comensurabilidade, exatidão e precisão a domínios humanos que, na realidade, não estão totalmente estruturados, além de estarem submetidos

a escolhas ideológicas. O artigo centra-se particularmente na medição matemática do corpo, com ênfase na cabeça e no rosto. A contagem e a medição do corpo foram essenciais para o desenvolvimento da medicina antiga como ciência e prática modernas. No entanto, essas práticas evoluíram frequentemente para técnicas de controle biopolítico. Esse ensaio debruça-se especificamente sobre a tradição da “mensuração facial”, que surgiu a partir do Iluminismo. A tradição defendia que a medição de cabeças, crânios e rostos podia levar a um conhecimento objetivo da beleza, inteligência, moralidade e posição dos indivíduos numa escala de evolução natural. Uma análise semiótica cultural dessa tradição revela que ela utilizou a matemática facial como um meio de ocultar e objetivar o preconceito racista. O autor chama a atenção ainda para o fato de que o preconceito não se encontra intrinsecamente nas medições em si, mas antes na decisão de medir.

Seguindo com as reflexões sobre IA, José Maria Paz Gago, professor catedrático da Universidade da Coruña, Espanha, nos oferece o texto “IArt-à-porter: a moda na era da inteligência artificial”. A partir do entendimento de que o sistema de moda foi colonizado pela IA multimodal, interferindo em todos os âmbitos, desde os esboços criativos de figurinos e padrões até campanhas publicitárias, tudo pode ser gerado e pode funcionar a partir das lógicas algorítmicas. A razão dessa precoce invasão é explicada pelas aplicações intermediárias criadas entre a realidade visual e a IA conhecida como metaverso. Esses espaços imersivos foram os antecedentes da IA na moda, o que incentivou a criação de ações emblemáticas das marcas de moda, muitas delas desfiladas na IAFashion Week. O texto apresenta as implicações semióticas decorrentes dessa incorporação tecnológica que cada vez mais tornam difíceis as distinções entre modelos reais e digitais. O autor elabora e articula os conceitos de representação, simulação e maquinação oferecendo chaves conceituais fundamentais à compreensão da IA na moda.

Ana Claudia de Oliveira, professora titular de semiótica da PUC-SP, traz suas reflexões sobre o futuro da semiótica no texto “Práticas de vida no futuro, prospecção semiótica: como o passado se reinscreve no hoje e no amanhã?”. A partir da análise da sociedade contemporânea tomada por crises plurais, a autora constata a falta de um direcionamento global rumo ao futuro. Falta algo novo que poderia se projetar sobre a atualidade do presente. Essa falta reside, então, em um sujeito competencializado para esse tempo novo. Um sujeito que carregue em sua atuação uma inventividade, que esteja apto com a sua competencialização cognitiva e performática a se deixar guiar por sua sensibilidade a fim de assumir-se sujeito criador. É preciso que o tempo futuro entenda as regras e as intencionalidades de suas narratividades e os sentidos que produzem

para daí poder ultrapassá-las e desenvolver, jogando com essas, para tirar delas proveito e as usar para chegar às novas formas. Nesse sentido, a prospecção semiótica indica que temos de nos constituir como sujeitos livres e criativos para a partir do social existente e jogando com ele, aproveitar-se dele para reinventar a interação em uma outra, o que faz advir sentidos novos.

Jean Cristtus Portela, semioticista e professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Araraquara, propõe à reflexão o texto “Semiótica e historiografia linguística: disciplinas contra-hegemônicas”. Tomando como ponto de partida as concepções da historiografia linguística e da história das ideias linguísticas, disciplinas, que como a semiótica geral, podem ser consideradas contra-hegemônicas, na medida em que desafiam o *status quo* de um determinado estado de ciência, o texto propõe uma leitura crítica do modo como os semioticistas se ocuparam da história da semiótica do discurso. Partindo de evidências que demonstram a força da abordagem historiográfica nos estudos semióticos, analisam-se algumas abordagens historiográficas nesse campo de estudo, com o objetivo de propor as linhas gerais de uma meta-historiografia de inspiração semiótica.

“Semiótica e interdisciplina no ecossistema mediático atual” é o artigo apresentado por José Luis Fernandez, professor catedrático da Universidade de Buenos Aires. Tradicional pesquisador da semiótica dos meios, o autor inicia suas reflexões chamando a atenção para a imprescindível necessidade de compreender os intercâmbios discursivos decorrentes das vindas plataformáticas, mas avança. O texto propõe uma revisão do trabalho de pesquisa desde a sociosemiótica das mediatizações e suas relações com outros enfoques. Inicia com a descrição do ecossistema midiático atual e dentro dele o enfoque sociosemiótico. São expostos caminhos metodológicos que se complementam, e ao final o autor sugere a integração tanto dentro da própria semiótica, quanto em outras regionalidades científicas que estudam e se ocupam das mediatizações.

Também da Universidade de Buenos Aires, apresentamos as reflexões de Mário Carlon, com o texto intitulado “Semiótica, (Hiper)Mediatización, Circulación y actores/enunciadores: ¿Hacia un enfoque macro-relacional no Antropocentro para pensar el futuro?”, uma contribuição alinhada à proposta temática do X Congresso da Fe “Semiótica do Futuro. Futuro da Semiótica”. O trabalho revisa como a sociosemiótica de inspiração peirciana se articulou com a teoria das mediações de Eliseo Verón nos anos 80 e 90, no contexto das relações com as noções clássicas da sociologia na era dos meios massivos. O autor nos oferece um quadro síntese dessas articulações que deixa explícito um paradigma antropocêntrico dominante na época. A partir desse quadro,

o texto nos leva a questionar o futuro dessa semiótica enquanto os indivíduos se apropriam da IA para produzir discursos e colocá-los em circulação, estabelecendo algumas observações sobre os aspectos que se alteram e aqueles que se mantêm na sociedade atual.

“Novas disquisições sobre a Corposfera. Sitofilia: corpo e sexo, erotismo e alimentação” é o título da contribuição de José Enrique Finol, da Universidade de Zulia, Venezuela. O texto aborda as relações entre corporeidade, comensalidade e eroticidade. Para tanto, analisa as organizações semióticas de algumas expressões e práticas ritualísticas e alimentares que se sustentam sobre o corpo, a comida e algumas manifestações eróticas. Tem tratamento especial o erotismo gastro-ritual, chamado *food porn*, o erotismo corpo-místico e a antropofagia erótica. O autor propõe um modelo de relações semióticas entre corpo, sexo e comida que resultaria de semelhanças e particularidades. A conclusão do trabalho permite compreender que a erotização do corpo encontra na comida, em sua representação e consumo, uma fonte de criação de significados eróticos e de imaginários coletivos potentes.

Óscar Quezada Macchiavello, Eduardo Yalán Dongo e Elder Cuevas-Calderón, professores do Grupo de Investigación Semiótica da Universidade de Lima, Peru, assinam o texto “DA receita-modelo para UMA receita com ar familiar: hedonismo estético e utilitarismo poético na abordagem semiótica do social”. Por meio das reflexões sobre as possibilidades de a língua expressar e conter o social, os autores apresentam um caminho reflexivo que interpela as dimensões do real e da realidade à luz da semiótica greimasiana. Se a linguagem é um evento constitutivo da vida e não apenas um instrumento contingente, se admitirmos que, como seres vivos, somos feitos de linguagem, então como não considerar o real como linguagem, como não fazer com que os animais, a terra, digam algo novamente? A semiótica dita padrão coloca o “real” entre aspas, como aquilo que nos toca, mas não é tocado. Zilberberg, por sua vez, entende que em todo valor há uma interseção “mística” entre uma valência intensiva e uma valência extensiva. Ele usa as aspas para aludir ao formidável contato que ocorre, no âmago do valor, entre o afeto e a cognição, entre o eu profundo e sombrio e sua fulguração superficial. O encaminhamento final dos autores é pela continuidade do hábito de fazer perguntas, seja para resolvê-las ou dissolvê-las.

“Urgência e emergência no capitalismo comunicacional ou repensando a importância do reconhecimento”, de José Luiz Aida, professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, parte da constatação de que vivemos no mundo da hiperatividade neoliberal do capitalismo comunicacional e que a midiaticização em rede traz o imperativo semiotizador

de produtividade que pede impacto social e atenção a capitalizar. Em relação à modernidade, há déficits e excessos. Convocando Habermas, o autor compreende sua tentativa de tratar essa crise a partir do dualismo sistema/mundo da vida e da pragmática universal. Já Honneth faz a crítica de Habermas a partir da proposição da teoria do reconhecimento. Os movimentos de reconhecimento sucederam as lutas capital/trabalho, centrando-se na luta política a partir da construção de identidades plurais. Em outra direção, Fraser propõe tensão entre reconhecimento e distribuição, ao passo que Safatle mostra o déficit de negatividade na crítica de Honneth. A conclusão de Aidar é que a questão hoje deve estar centrada no repensar o reconhecimento em cruzamento com o acontecimento, de modo a não naturalizar a cooperação, mas pensando a negatividade para criação de novos mundos, como preconizam Safatle e Badiou.

“Espaço-temporalidade e territorialidade: deslocamento interno forçado na Colômbia” é o título do artigo de Neyla Graciela Pardo Abril e Camilo Alejandro Rodríguez Flechas, professores da Universidade Nacional da Colômbia. Os autores desenvolvem uma proposta analítica a partir dos Estudios Críticos del Discurso Multimodal y Multimedial (ECDMM) para abordar a relação espaço-temporal, territorial e de memórias no marco da representação sobre a mobilidade forçada interna no conflito armado colombiano. A relevância dessa indagação procede, por um lado, pela importância do Informe Final de la Comisión de la Verdad; e por outro, pela visibilização institucional feita pela Unidad de Víctimas em 2024 quando reporta que em 31 de maio de 2024 há um total de 8.665.884 vítimas de deslocamento forçado interno. Assim, os autores propõem compreender e interpretar os fatores que determinam as causas e as consequências da mobilidade interna forçada, explicitando a necessidade de socializar o conhecimento sobre a situação social vivida por indivíduos e grupos que são vítimas desse tipo de crime. Aqui a semiótica é a chave teórica fundamental no âmbito de sua relevância para a transformação social.

O artigo “Utopias, fantasmas e ficções do fim”, de Carmen Fernández Galán Montemayor, da Universidade de Zacatecas, México, trata das articulações ente literatura e ciência, cujas conexões na modernidade fomentam o surgimento de novos tipos textuais, utopias e viagens, que são antecedentes da ciência ficcional como ensaio de futuros possíveis. Em 1979, Suvin escreveu a história da ciência ficcional a partir das viagens maravilhosas, as ilhas alternativas e o conceito de estranhamento histórico. A ficção latino-americana, que teve desenvolvimento tecnológico, seguiu um caminho totalmente diferente, fronteiro com o fantástico e o sobrenatural. A pesquisa da autora explora as fronteiras e possibilidades cognitivas da utopia, da ciência ficcional, do fantástico e das ficções apocalípticas e fantasmagóricas.

Celia Rubina Vargas, professora catedrática da Pontifícia Universidade Católica do Peru, apresenta o texto “A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit’i. É possível um compromisso ético-semiótico com o meio ambiente?”. Esse título-pergunta sintetiza outra pergunta proposta pela autora, que se questiona sobre as urgências da sociedade contemporânea como caminho possível para pensar o futuro. A partir do interesse pelos estudos das práticas sociais religiosas de grande magnitude, complexidade e relevância no Peru, como é o caso da peregrinação ao Santuario del Señor de Qoyllurit’i, estabelecem-se questões sobre as possibilidades que a semiótica oferece como teoria e método que nos auxilia no compromisso ético com o meio ambiente. Para isso, a autora coloca em destaque as quatro figuras centrais da natureza: a terra, as pedras, os nevados e o sol que são parte essencial dos rituais de peregrinação. A ética ecológica da cultura *quéchua* oferece uma via para propor um compromisso ético para a semiótica.

“Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social” é o artigo decorrente da pesquisa de Paulina Gómez-Lorenzini, Liliana de Simone, Claudio Racciatti, da Pontifícia Universidade Católica do Chile, e de Vanesa Saiz-Echezarreta, da Universidade Castilla-La Mancha, Espanha. A partir da constatação de que a explosão social chilena ocorrida em 2019 representa um ponto de inflexão na história recente do país, os autores estudam o desencadeamento de uma forte crise sociopolítica cujas causas e expressões continuam a ser debatidas. Para alguns analistas, o fenômeno foi uma reação a décadas de políticas neoliberais, enquanto outros a associam à frustração com expectativas não atendidas em uma sociedade de consumo. O texto explora a estratégia do núcleo do protesto – a “linha de frente” – para se espalhar e permanecer ativo por meio de sua presença em espaços de consumo tradicionais. Usando uma abordagem netnográfica, os autores analisam os sistemas de significado do protesto em espaços comerciais, concentrando-nos nas dimensões afetivas relacionadas ao consumo no contexto das mobilizações. Investigam as formas pelas quais as atmosferas afetivas ligadas aos rituais de protesto e consumo atuaram de modo articulado como ferramentas sociopolíticas, reunindo diferentes espaços, coletividades e práticas e tentando estabelecer um diálogo – nem sempre bem-sucedido – no contexto da ruptura da ordem institucional.

No alinhamento com as conexões entre semiótica e consumo, Clotilde Perez, da Universidade de São Paulo, apresenta as conclusões da pesquisa no âmbito dos afetos nas relações de consumo, com o artigo intitulado “Semiótica dos afetos nos rituais de consumo: sensações, sentimentos e emoções”. Com base na semiótica peirciana, fundada nas categorias universais da experiência primeiridade, secundidade e terceiridade, a autora articula os pressupostos da antropologia

dos afetos, sendo o principal expoente Le Breton e da psicanálise freudiana. O robusto e interdisciplinar arcabouço teórico é base para o entendimento do consumo como ritual, nas suas articulações com os conceitos de identidade, cidadania. Para finalizar, a autora traz as reflexões sobre o consumo como ato de amor presente em Daniel Miller, em que compreendemos sua capacidade de produzir estímulos sensíveis, promover sentimentos aprazíveis e gerar emoções promotoras de satisfação imediata alimentada pela publicidade, linguagem privilegiada do consumo e das marcas.

Para encerrar esta edição especial temos o texto de Roberto Flores, do Instituto Nacional de Antropologia e História, México, intitulado “Magia publicitária: a arte da mediação”. O autor propõe uma abordagem antropossemiótica dos anúncios publicitários por meio da união entre narrativa e produto. A hipótese central é a de que a publicidade se utiliza das mesmas estratégias da magia para persuadir e vender. Assim, para que o ato mágico-publicitário seja efetivo é preciso criar as condições rituais de sua apresentação, as quais criam, por meio da catarse, um sentimento de comunidade que envolve todos os personagens participantes da cena publicitária. A presença de observadores é inevitável na produção da catarse. Desse modo, a causalidade mágico-publicitária se difunde, não apenas entre os personagens, mas também transborda para alcançar os espectadores-consumidores.

Os leitores desta edição poderão analisar e alinhar propostas, objetos e problemas que compõem o futuro da semiótica e a semiótica do futuro. A semiótica, como nos lembrou Paz Gago na abertura do X Congresso da Fels em que se deram esses debates, não está na moda, não causa frisson, mas é cada vez mais numerosa, associada e institucionalizada. E quantos mais formos, mais diversos e matizados seremos. Nesse processo se diluem a metalinguagem e muitas posições teórico-metodológicas em proveito das soluções e arranjos de uma inteligência semiótica comunitária. A semiótica assim assimilada, secularizada, dá muitos e bons frutos e nos permite entrever uma grande e sempre promissora seara. Boa leitura! ■

*Clotilde Perez  
Jean Cristtus Portela*

# DOSIÊ

Semiótica



# Chronos, Kairós e a semiótica das coisas sem nome

## *Chronos, Kairós and the semiotics of nameless things*

■ IVO A. IBRI<sup>a</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Centro de Estudos de Pragmatismo. São Paulo – SP, Brasil

### RESUMO

O realismo da filosofia de Peirce sugere sempre que pensemos uma filosofia sem a suposição de um sujeito constituidor da realidade e de seu significado, como é frequente em filosofias nominalistas. A Semiótica, nesse sentido, à luz do realismo, espraia seu sentido para o universo de signos humanamente produzidos, assim como para os próprios ao mundo natural. Do mesmo modo, pode-se entender o Pragmatismo, em sua proposta de ser uma máxima semântica, como aplicável aos signos naturais e, de um modo geral, a objetos reais. O humano e o natural, a subjetividade e a objetividade, a interioridade e a exterioridade, conquanto submetidos às mesmas três categorias de Peirce como quesito básico de seu realismo, mantêm-se, não obstante, distinguíveis, sem qualquer separação que gere estranhamento de natureza entre ambos. Assim, é possível pensar dimensões do Tempo que habitem esses dois universos, associados ao que caracteriza nossa humana experiência e ao que se associa a uma realidade cuja história transcorre por si mesma, sempre como desafiadora alteridade. Esse ensaio trata dessas dimensões, trazendo pela relação entre elas o conceito de *coisas sem nome*, situando-o na interface de possibilidades do que tipifica o discurso lógico e o que seria próprio ao de natureza poética.

**Palavras-chave:** Peirce, categorias, semiótica, pragmatismo, tempo, coisas sem nome

<sup>a</sup>Professor titular de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3801-3061>. E-mail: [ibri@uol.com.br](mailto:ibri@uol.com.br)

### ABSTRACT

The realism of Peirce's philosophy continuously suggests that we conceive of a philosophy without the assumption of a subject that constitutes reality and its meaning, as is common in nominalist philosophies. Thus, in the light of realism, Semiotics extends its meaning to the universe of humanly produced signs and to those proper to the natural world. Likewise, Pragmatism, in its scope of being a semantic maxim, can be understood as applicable to natural signs and, in general, to real objects. The human and the natural, subjectivity and objectivity, interiority and exteriority, although

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p11-27>

V.18 - Nº 3 set./dez. 2024 São Paulo - Brasil IVO A. IBRI p. 11-27

MATRIZES

subject to the same three categories of Peirce as a basic requirement of his realism, nevertheless remain distinguishable, without any separation that might generate an estrangement between the nature of each. Thus, it is possible to think of dimensions of time that inhabit these two universes, associated with what characterizes our human experience as well as with what is associated with a reality whose history unfolds by itself an otherness ever challenging. This essay addresses these dimensions, bringing, by means of the relation between them, the concept of nameless things and placing it at the interface of possibilities of what typifies logical discourse and what would be proper to discourse of a poetic nature.

**Keywords:** Peirce, semiotics, categories, pragmatism, time, nameless things

A FILOSOFIA DE PEIRCE abriga muitas disciplinas que se entrelaçam em um sistema teórico complexo abrangente, desenhando-se poderosamente heurístico. Afirmar essa característica de sua obra em meu primeiro livro, *Kosmos Noetós* (Ibri, 2015), buscando mencionar que doutrinas como a Semiótica e o Pragmatismo se enriqueceriam de sentido quando vistas à luz desse sistema, assumindo com isso uma postura cara a Peirce, a saber, a de um realismo de inspiração em raízes antigas, escolásticas, que objetivava desfazer relações de estranhamento de gênese entre os universos humano e natural ou, de modo mais geral, entre mundos interno e externo.

A recusa desse estranhamento no pensamento peirciano redundava num eixo teórico fundamental de sua filosofia, que, ao fim, se reveste de um *valor* que como conceito tenho denominado *coabitação* (Ibri, no prelo), que poderia ser entendido como promotor da superação de dualidades como fins de conduta ou, de modo mais geral, como fins integradores do particular em instâncias gerais. O desenvolvimento desse conceito permeará todo o sistema filosófico de Peirce que se funda em três eixos balizadores, suas três *categorias*<sup>1</sup>. Sob elas o entendimento do sistema e dos problemas que ele se propõe pensar tornam-se, a meu ver, interligados e, de certa forma, *coabitam* teoricamente.

De início, considerem-se três ambientações, se assim podemos chamar: a fenomenológica, a epistemológica e a ontológica, designando por elas os universos da experiência, das linguagens e da realidade em que os signos de um modo geral circularão – os imaginários, os conjecturantes, os preditivos bem-sucedidos, os que são cósmica e geneticamente originários, desenhando na Natureza uma história do drama da vida, que exibiria, como pregava o Romantismo Alemão, em especial a filosofia de Schelling<sup>2</sup>, processos teleológicos inteligentes, a par de signos logicamente *desnecessários*, que estariam destinados tão somente à mera, não obstante essencial, função de encantamento.

<sup>1</sup>Sobre a gênese das categorias peircianas, consulte-se De Tienne (1996) e Ibri (2015, capítulo 1).

<sup>2</sup>Sobre as interfaces entre o Romantismo alemão e a filosofia de Peirce, consultar Dilworth (2014, 2016) e Ibri (2020, caps. II e V).

Há, aqui, toda uma História, moldada em um Tempo que constitui a si mesmo nessa saga, e que proporciona aos seres cognitivos que o habitam conhecê-lo e representar o que ele cosmicamente e humanamente tem narrado. É desse Tempo cósmico, mundano, designado na antiga Grécia por *Chronos*, que falaremos nesse texto, em suas relações com um tempo que a ele prioritariamente se apega e dele por vezes se afasta, a saber, *Kairós*, que também de sua origem grega designaria momentos existenciais possivelmente ocorrentes no *Chronos*, e que aqui o tomamos genericamente pelo viés de sua natureza subjetiva (Ibri, 2021b, cap. III, 2023).

### POR ONDE CIRCULAM OS SIGNOS – AS CATEGORIAS E A ESCULTURA DO CHRONOS

Na filosofia de Peirce, as categorias, nascidas na Fenomenologia como modos de ser da experiência, se estendem igualmente como modos de ser da realidade. Esse passo, consequência de seu realismo de inspiração escolástica, já rompe com os dualismos da história das ideias, em especial entre *parecer e ser* e igualmente *aparecer e ser*.

A ostensiva diversidade e assimetria dos fenômenos naturais que podem ser silenciosamente observados, malgrado logicamente indescritíveis em sua idiosincrasia, caracteriza a primeira categoria, como aquela que abriga tudo o que nos fenômenos evidencia espontaneidade, e que ontologicamente convocará o princípio do Acaso, a face da Primeiridade como realidade.

Essa estratégia teórica de unificação categorial entre o que *aparece* como experiência e que indica para o que provavelmente *é* prossegue na formulação da segunda categoria, a Segundidade, em que a experiência do *não* – da reação dos fatos contra nossas expectativas e nossa vontade – propõe o conceito de *existência* como o correlato ontológico que traz o traço mais marcante do que se pode chamar realidade, a saber, sua alteridade. Este mostrar-se na experiência como independente do que se quer, se espera, ou que insolentemente ocorre na *linha mundo*<sup>3</sup> dos seres, constituirá o que Peirce denomina de *teatro de reações*, em que eles, os seres, serão personagens expostos à possível cognição de si mesmos e dos demais com quem coabitam.

A Segundidade acolherá o modo de ser de tudo que oriundo de seu berço de vagueza, indefinição e generalidade se torna definido, individual, particular e temporalmente irreversível, como comentarei adiante. Ela se tornará o espelho, como um lado exterior dos seres, por meio do qual toda reflexão sobre os outros e sobre si mesmos adquirirá sua condição de possibilidade pragmática<sup>4</sup>. Esse é, a propósito, o sentido mais genuíno do que na máxima do

<sup>3</sup> Conceito aqui utilizado metaforicamente, *linha mundo* ou *linha universo*, expressão criada pelo físico Hermann Minkowski, é a trajetória de uma partícula atômica quando de sua existência como matéria, anterior a uma possível passagem a um seu estado originário como energia.

<sup>4</sup> Leituras e aplicações do Pragmatismo de Peirce constam, exemplarmente, em Nubiola (2021), Ibri (2015, cap. 6), Fabbrichesi (2008, 2019) e Calcaterra (2015).

pragmatismo se denomina *consequências práticas*. As mediações reflexionadas na experiência tornam-se balizadoras da conduta dos seres, caracterizando seu *sentido pragmático* – ele abriga o aparecer do geral no particular, do conceito na ação, das leis naturais nos fatos sob elas. E aqui já a terceira categoria se desenha. Mediações oriundas de generalização da experiência em forma de estruturas lógicas se destinarão a hábitos guias de conduta, e esses se estenderiam, conforme conjectura Peirce, do humano ao natural. Hábitos naturais constituiriam as leis da Natureza, e essa identidade entre ambos abre as portas para se pensar uma filosofia em que mente e matéria deixam de partilhar um recíproco estranhamento.

Assim como as *mediações dos seres cognitivos*, expressão intencionalmente assim empregada para não a confinar exclusivamente ao universo humano, as mediações naturais são, à luz de uma filosofia evolucionista como o é a de Peirce, formações lógicas indutivas, a saber, constituídas por generalização da experiência constituintes de hábitos de conduta (Santaella, 2004). Tenho realçado já em outros ensaios esse *insight* brilhante do pensamento peirciano que, ao considerar que hábitos são signos cosmicamente espalhados, abre as portas para uma conjectura que desfaz a cizânia de natureza entre mente e matéria, fundando um viés vigoroso em favor de uma unidade entre ambas e satisfazendo um dos princípios caros a seu realismo, o de continuidade. Deixemos esse ponto essencial da filosofia de Peirce, por ele denominado Idealismo Objetivo<sup>5</sup>, apenas assim mencionado para ficar como pano de fundo eventualmente convocável por outras conjecturas teóricas que se seguirão.

Importante será estabelecer que Chronos, tempo objetivo, pertence à terceira categoria, ou seja, que está sempre associado àquilo que por resultar em lei, hábito, tem comportamento regular, recorrente, e transcorre vinculado à realidade de um Cosmos, a saber, de um mundo que se mostra organizado logicamente por si mesmo, independente de nossas representações, e que, por assim ser, torna-se alvo possível de cognição e conseqüentemente de predição de sua trajetória futura. Esse papel preditivo das mediações enforma seu núcleo essencial: ele define a missão do que se possa denominar inteligência ou racionalidade<sup>6</sup>.

Chronos, no entanto, como aquilo que proporciona formação de mediações em relação à alteridade da Segundidade, aqui considerado pelo seu viés necessariamente lógico, assume outras faces fenomenologicamente históricas que, de certo modo, se associam não apenas às possibilidades de se inteligir o fluxo da experiência, mas, também, de filtrar de dentro dela os elementos que *tragificam* congenitamente a saga humana em prismas existenciais e metafísicos.

<sup>5</sup> Exponho as diretrizes teóricas do Idealismo Objetivo de Peirce em Ibri (2015, cap. 4). Consultar também Guardiano (2011).

<sup>6</sup> A propósito do conceito de racionalidade deliberativa em Peirce, ver Colapietro (2017).

## SOBRE NOSSA HISTÓRICA RELAÇÃO COM O CHRONOS

Parece interessante percorrer, a par da conceituação do Chronos como próprio à terceira categoria dos fenômenos e da realidade, uma sua historicidade na qual se encontram narrativas de natureza metafísica que marcaram e prosseguem marcando nossa humana existência. Pensarmos-nos como anjos decaídos excluídos de um paraíso permeado pela eternidade, redundando em considerar nossa forçada inserção no tempo como uma forma de punição originária, marcada principalmente pela finitude da existência. E é nessa finitude que a grande maioria das filosofias, mormente as contemporâneas, situam o que Kierkegaard pioneiramente consolidou teoricamente como angústia de natureza genética.

A consciência da morte parecia ser o preço da desobediência para os que aceitam a narrativa bíblica, enquanto as filosofias ateias orbitam-na como foco inexorável de angústia, inseridas em um mundo desabitado por divindades e, por isso, destituído de sentido prévio a qualquer outro que humanamente poderia lhe ser atribuído.

É interessante assinalar que uma análise da nossa consciência de um tempo objetivo, à luz das categorias de Peirce, parece acrescentar faces outras dessa angústia limitada à finitude, a qual, de fato, não permanece conscientemente presente no transcorrer cotidiano da vida humana.

Veja-se, exemplarmente, nossa relação com o passado vivido, marcado pela facticidade de nossas ações, que sob a Segundidade constituíram-se em passagens da indeterminação de nossos planos, escolhas, desejos, permeados por suposta racionalidade ou por irrefreável emocionalidade, a atos definitivamente concretos, *ipseidades*, como se diria na filosofia escolástica, em que toda vagueza e possibilidade de ser se desfaz em fatos irrevogáveis.

Nesse sentido, convivemos e trazemos em nossa interioridade essa facticidade vivida e, por assim ser, resulta constituir em nosso ser um *segundo* para a consciência. Nela se encontram motivos de celebração pelo bem-sucedido, mesclados a outros denunciando de equívocos, logicamente eleváveis a revisões de conduta e aprendizagem, ou possivelmente embebidos em sentimento de culpa, documentando para a narrativa metafísico-religiosa nossa humana fragilidade e dependência inevitável da assistência de um supramundo divino. De qualquer modo, observa-se como tais fatos, encravados na memória, exsudam sentimentos, documentando a presença da Primeiridade no interior de toda Segundidade.

À luz do mesmo prisma de análise, não menos desconfortável seria nossa relação com o futuro do Chronos. Nele estarão as possibilidades que deixarão de ser, tornando-se escolhas que fluirão para o passado. A angústia da escolha sob o ponto de vista das categorias de Peirce são consequências do próprio

<sup>7</sup> Ver Ibri (2015, caps. 5 e 6), em que trato com detalhes da lógica do possível no interior da ontologia e cosmologia peircianas.

<sup>8</sup> Consultar o excelente texto de Nathan Houser (2011) sobre ação e representação no pragmatismo de Peirce.

<sup>9</sup> Proponho, a propósito, uma terceira dimensão do Tempo, que denominei *tempo histórico*, cuja facticidade associada seria formada pela história humana, em Ibri (2023).

<sup>10</sup> Sobre criatividade ambientada na filosofia de Peirce, valho-me de sua metáfora do “lago sem fundo da consciência” (CP 7.5470) em Ibri (2021a).

existir, em que o que é logicamente possível deve se anular para ser fato concreto<sup>7</sup>. *Agir* não é uma opção entre outras, e sim torna-se sinônimo de *existir*. Sob esse viés, não se justificaria estudar uma filosofia da ação, como um ramo filosófico específico, uma vez que seria como se fosse proposta uma escolha entre *existir* e *não existir*. O *não agir*, seria, por conseguinte, uma negação do *existir* e, assim, uma recusa de adentrar o teatro de reações, implicando na renúncia ao espelho exterior em que os seres exercitam sua possibilidade de autoconhecimento e tornam seu mundo interior dotado de possível significação pragmática. *Consequências práticas*, expressão presente na máxima do pragmatismo, novamente aqui retomada, tão diluída em teorias da ação como fins em si mesmos que vulgarizaram o pragmatismo e o próprio conceito filosófico de *prático*, originalmente associado à conduta, convocam um entendimento profundo em que epistemologia e ontologia comungam território filosófico comum e interrelacional na filosofia de Peirce<sup>8</sup>.

Primeiridade tonalizando as possibilidades de vagueza e indeterminação congênicas ao tempo futuro, e Terceiridade revestida de uma esperança de continuidade de sequenciamento lógico de um mundo que se mantém ao menos parcialmente organizado, desenham a história do que poderia ocorrer, sob a qual buscamos definir nossa conduta<sup>9</sup>.

Em resumo, poderíamos dizer que estarmos no tempo, vivermos imersos no Chronos facultaria à filosofia pensar em motivos possíveis de angústia. Enquanto no futuro espreitam os possíveis erros de escolha que fluem para um irreversível passado, neste se encontra concretamente uma espécie de não ego, constituído por uma histórica facticidade irrevogável, no interior de um ego, desafiando-nos a equilibrar interpretantes emocionais com os que são de natureza lógica, para que ele, passado, de fato se preste a espelho voltado à aprendizagem e renovação de conduta. Essa concepção da alteridade do Chronos caracterizada pelo modo como experienciamos passado e futuro, inspirada pelas categorias peircianas, parece situar o conceito de angústia para bem além daquela que balizaria nossa esporádica consciência de morte que, como já mencionado, é frequente foco da filosofia contemporânea.

Nesse ponto de nossa reflexão fundada na filosofia de Peirce, caberia agora entender como nossa relação com o Chronos torna-se uma envoltória existencial em que a Terceiridade, depositária de inteligência lógica, é justificadamente uma genuína categoria semiótica, tomando esse predicado como instância de integração comunicativa, por meio da qual uma vida comum poderá ser basicamente possível, partilhável em um sentido universal. Essa missão da inteligência lógica, na ambientação criada pela filosofia de Peirce<sup>10</sup>, não obstante deverá estar sob permanente tensão, pois a esperança de espelhos precisos de uma objetividade configurada pelos seus objetos dinâmicos, como assim a Semiótica

nomeia a realidade, será desfeita pela presença do Acaso, princípio ontológico que marca toda facticidade, dotando-a de graus de liberdade que afastam da filosofia concepções de um mundo semelhante a um relógio, a um mecanismo regido estritamente por leis<sup>11</sup>.

Aqui, novamente, interfere nossa experiência que observa no mundo o que não pode ser associado a causas formais, em que a Primeiridade se faz reconhecer como princípio de liberdade. Incertezas e imprecisões comungarão em todas as mediações dos seres que interagem em um universo cronológico dotado de alteridade, ou seja, um universo real que não obstante cognoscível imporá ao conteúdo de sua representação possível a marca necessária de graus de vagueza e, mais que isso, da incidência daquilo que não poderia ser previsto em absoluto. Terceiridade tensa não se dá pela possibilidade tão somente do erro, mas, também, pela renúncia a certezas que a realidade lhe impõe, tornando-a produtora de representações aproximadas, esforçando-se sempre em encontrar nos fenômenos o que parece ser inteligível e cabível em teorias gerais com razoável poder preditivo. Esse esforço cobrará o preço de relegar ao esquecimento signos que não podem ser ditos por linguagens de natureza lógica por terem nascidos alheios ao Chronos, como abordado em sequência.

<sup>11</sup>Sobre o determinismo ontológico, consulte-se Ibri (2015, cap. 30). Para uma perspectiva complementar entre a relação entre acaso e regularidade, vale consultar Calcaterra (2015).

## SOB AS FORMAS DE SILENCIAR A ALTERIDADE

### O silêncio pela Terceiridade

Em face do que estamos aqui lidando, poder-se-ia generalizar a necessária condição do existir como um estar imerso em universo de alteridades, e essa constatação se estenderia a todos os seres cognitivos, cujo campo experiencial é-nos diretamente acessível ao observarmos a nós mesmos.

Surge, parece, uma questão comum a todos os seres viventes em um teatro de reações, a saber: como lidar com o que reage aos fins que queremos, com o que lhes obsta o caminho em sua direção e se põe genuinamente como objeto, *obiectum* em sua raiz etimológica, *objektor*, aquilo que objeta a todo *télos* que se desenha no interior da realidade?

Nesse sentido, a Terceiridade, a categoria depositária das mediações entre uma mente sensitiva, potencialmente cognitiva e existencialmente desejanse e a Segundidade dos objetos reais, dispõe-se à sua missão semiótica, a de conhecer a alteridade de modo a representar sua conduta no Chronos. Representar, nesse sentido, identifica-se com conhecer, e essa tarefa, de seu lado, com a de prever.

Eis que, então, o Chronos será o palco onde os signos da alteridade serão *indiciliazados*, permitindo generalizações indutivas sobre regras de conduta,

# D

<sup>12</sup>Tal como Peirce expressa esse conceito em (CP 5.484).

em que a mente, em sua tarefa de semiose<sup>12</sup>, transformará índices em estruturas simbólicas. Essas, em essência, deverão configurar os hábitos que o objeto de cognição detém e que, portanto, lhes servem como regras de conduta. As ações do objeto serão exibidas no Chronos e, assim, observáveis como o lado exterior de seus hábitos. À luz desses conceitos decorrentes das categorias de Peirce, conhecer se traduziria em representar os hábitos que norteiam e guiam as ações do *outro*.

Em síntese, todo conhecimento no seu sentido mais geral, referido a objetos reais, significaria adquirir a capacidade de prever como tais objetos irão agir no tempo futuro. Esse papel da Terceiridade permitiria, assim, como sua finalidade, desenhar qual conduta adotar para que as objeções aos fins almejados sejam, de algum modo, neutralizadas, ou, em outros termos, *silenciadas* em seu poder de objetar.

O termo *silêncio*, aqui, mais que meramente metafórico, associa-se a um *dizer* que a Semiótica<sup>13</sup> peirciana permite pensar, mediante entender que as ações dos seres existentes constituem o modo como o seu lado interior, configurado por instâncias gerais como guias de conduta, como são os hábitos, *dizem* de si, constituindo uma linguagem significativa interpretável por outras mentes. O silenciar da realidade obsistente, mediante seu conhecimento, instala, de sua vez, na mente cognoscente, um silêncio de seus próprios hábitos de conduta. Esses atuam na mente de modo praticamente inconsciente, subsistindo, como já dito, enquanto sua capacidade preditiva da conduta do outro permaneça bem-sucedida<sup>14</sup>.

Conquanto aproximada e falível seja essa previsão do curso futuro dos fatos na forma de símbolos habituais, sua permanência se dará pela eficiência em *silenciar* a alteridade. A razão cognitiva, nessa função silenciadora, minimiza o que Peirce denomina o *choque bruto* da Segundidade (CP 1.21, CP 1.432, CP 6.202, CP 8.330), termo que pode ser entendido como *experenciar* o desconhecido, ignorando o que ele irá fazer, como irá se comportar. Novamente, Chronos em sua alteridade abrigará o que supomos conhecido e o que ainda, malgrado cognoscível, não ocorre na experiência.

Esse silêncio obtido especialmente pelas ciências, mormente as contemporâneas, é configurado em modelos teóricos que representam os fenômenos por algoritmos probabilísticos, contemplando a incidência do Acaso nas leis, que se expressa como *desvios* do que é mais frequente, alimentando e reforçando nosso abandono da pretensão de certeza, de longa raiz histórica.

Há, contudo, uma facticidade accidental, que incide transversalmente ao Chronos e que não caberia em algoritmo algum. Nesses casos, o que seria apto a silenciá-la? Deixemos essa questão por ora irrespondida e passemos a outras formas possíveis de silenciamento da alteridade.

<sup>13</sup>Interessante também verificar, exemplarmente, aspectos de aplicabilidade da Semiótica expostos em Clavere (2020) e Seif (2020).

<sup>14</sup>Não obstante Peirce afirme em sua epistemologia que toda a função de nossa racionalidade cognitiva é criar hábitos de ação (CP 5.400), cabe assinalar que ele também observa que uma continuada ausência de reação do mundo contra a consciência cobra da mente o preço de uma danosa letargia (CP 6.301).

### O silêncio pela Segundidade

Silenciar a alteridade pela Segundidade significaria impor fins que desconheciam os fins distintos de um outro potencialmente objeto, podendo para tanto imediatamente se valer de exercício de força ou de um processo de cognição destinado a estabelecer estratégias de dominação ou mesmo de destruição da alteridade. As crenças por autoridade, uma das quatro classes de crenças propostas por Peirce<sup>15</sup>, costumam operar assim, de modo que a alteridade não irá se prestar à formação de Terceiridade que a integre em sistemas semióticos de natureza geral<sup>16</sup>.

Pode-se dizer que casos de silêncio da alteridade pela força correlacionam-se a fins particulares que não têm caráter coabitante das oposições. A Terceiridade se harmonizaria, nesse aspecto, com os fins gerais da Ética de Peirce, direcionados para o que sua filosofia nomeia por *razoabilidade concreta*<sup>17</sup>. Razoabilidade não comporta como fim ético relações explícitas de força que degeneram a Terceiridade. Aqui se distinguem Razão de Razoabilidade em que esta se compromissa necessariamente com fins de natureza geral, enquanto aquela pode simplesmente fazer valer fins particulares por mera *eficiência lógica* e se prestar a silenciar a alteridade por mera dominação dualizante.

Em suma, conhecer para integrar, visando coabitação, já traz em sua essência um direcionamento possível a fins gerais, enquanto conhecer para dominar parece sempre redundar sectariamente em fins particulares, o que torna, nesse caso, a Terceiridade logicamente degenerada. Permita-se acrescer, a esse conceito proposto por Peirce, uma degenerescência de caráter ético quando é trazida à tela a natureza mesma de sua Ética<sup>18</sup>.

### O silêncio pela Primeiridade

Os objetos de desejo que depositamos no Chronos nos inserem em um teatro de reações e nos trazem uma consciência de realidade fundada na experiência ubíqua de alteridade. Para colimá-los, como já considerado, desenvolvemos mediações que buscam representar o curso futuro dos fatos e, assim, ajustarmos nossa própria conduta buscando dotá-la de certa probabilidade de sucesso.

Imaginemos, agora, desmobilizarmos por momentos nossa vontade sempre desejante, aquela que direciona a metas futuras e que, por assim fazer, nos compromete inexoravelmente com o Chronos. Esse compromisso, redundemos aqui, convoca em nós nossa competência cognitiva para o desenvolvimento de mediações capazes de resgatar aquelas metas.

Essa desmobilização da vontade, faculdade que nos impele, conforme terminologia semiótica, a interpretantes energéticos, proporcionaria uma relação

<sup>15</sup> Conferir: (CP 5.358-387) e (EP 1.109-123).

<sup>16</sup> Quando se suscitam comparações entre os três momentos da dialética de extração hegeliana, exemplarmente, com as três categorias de Peirce, deve-se ter em conta, e isso torna-se vitalmente distintivo, que a etapa dialética da *síntese* é, em geral, descrita como *superação da antítese*, significando a possibilidade de finalizar o processo de modo similar como aqui descrito por Segundidade final. Enquanto a Terceiridade prima pelos fins gerais ou universalidade integrativa das diversas nuances da experiência, a síntese dialética resolve o conflito entre opostos por superação, sem que haja compromisso com um vetor direcionado a fins universais.

<sup>17</sup> Quando se suscitam comparações entre os três momentos da dialética de extração hegeliana, exemplarmente, com as três categorias de Peirce, deve-se ter em conta, e isso torna-se vitalmente distintivo, que a etapa dialética da *síntese* é, em geral, descrita como *superação da antítese*, significando a possibilidade de finalizar o processo de modo similar como aqui descrito por Segundidade final. Enquanto a Terceiridade prima pelos fins gerais ou universalidade integrativa das diversas nuances da experiência, a síntese dialética resolve o conflito entre opostos por superação, sem que haja compromisso com um vetor direcionado a fins universais.

<sup>18</sup> Para o aprofundamento acerca da Ética no interior das Ciências Normativas peirciana, consulte-se Liszka (2021).

com o mundo que poderia dispensar nossa racionalidade, nossa linguagem judicativa, uma vez também desmobilizada nossa relação com o curso futuro do Chronos. Nosso repertório cognitivo, depositário de signos potencialmente mediadores, estaria, de igual modo, desativado em nossa memória, desprendendo-nos, por conseguinte, de uma consciência de passado.

Essa hipotética experiência, afastando-nos de uma consciência de futuro e de passado que seria típica de uma racionalidade ativa sob a terceira categoria, reduziria nossa consciência de Chronos à singularidade de seu ponto presente, a saber, facultando-nos experienciar o mundo em sua mera presentidade, ao que, de modo imediato, ele simplesmente se abriria aos nossos sentidos. Essa experiência, considerada na história das ideias como *contemplação*, assume na Fenomenologia peirciana estatuto diretamente ligado à primeira categoria, aquela em que toda relação com o mundo se reduz a qualidades de sentimento. Dessa relação estariam ausentes as duas outras categorias, Segundidade e Terceiridade, supostamente de dualidade e de mediação, desmobilizadas, como considerado, pelo abandono, pelo esquecimento contingente de nossa condição de seres desejantes.

Assim, a consciência seria apenas tomada pelas qualidades de sentimento tonalizadas pelas qualidades sensíveis expostas à contemplação. Esse estado seria o que se poderia denominar de experiência mais geneticamente estética, que recolhe do mundo o que somente por esse ponto presente do Chronos torna-se ostensivo.

É evidente que essa seria uma forma outra de silenciamento da alteridade, por um abandono da dualidade que tipifica toda existência, e mergulho mais fundo na categoria de Primeiridade com sua típica nuance de mera *possibilidade* de ser. Essa experiência, cujo significado mais profundo associado a uma cosmogenética tratei em textos anteriores<sup>19</sup>, aspecto que aqui passaremos ao largo, evidencia-se como radical silenciamento da alteridade por simplesmente abandoná-la. Ao assim fazer, toda noção de mundo exterior desapareceria, tornando a experiência pura de Primeiridade ser de natureza essencialmente interior. Estaria ausente, desse estado de consciência, toda presença de tempo? Essa questão abre espaço no que se segue para o conceito de *Kairós*.

### ***Kairós* – o tempo da interioridade**

Interessante comprovar como a desmobilização de nossos objetos de desejo proporciona igualmente o abandono de nosso aparato lógico cognitivo, incorrendo-se, então, no que aqui foi denominado de silenciamento da alteridade. Restarão do mundo, uma vez abandonado o que o caracteriza como *real*, suas

<sup>19</sup>Ver, por exemplo, Ibri (2020, caps. III e IV).

qualidades sensíveis que podemos experienciar independentemente do contínuo fluir do Chronos do futuro para o passado.

Contemplar tais qualidades, que tomam a consciência na forma de qualidades de sentimentos (*qualities of feelings*), torna-se uma experiência que participa do Chronos apenas em seu ponto presente, permitindo-nos vivenciar qualissignos independentemente de sua *figuração*<sup>20</sup> nos objetos particulares que móbiliam a cena mundana foco da contemplação. Tal experiência possibilitaria simplesmente contemplar a realidade, recolhendo dela suas qualidades presentificadas, libertas de conceitos que dela extraem apenas suas semelhanças recíprocas, indutivamente apreensíveis no contínuo fluir do Chronos. Nossa nomeação dos objetos reais, em verdade, sempre necessariamente os abandona em sua singularidade para configurar classes de predicados gerais que recebem nomes e predicação de natureza da Terceiridade.

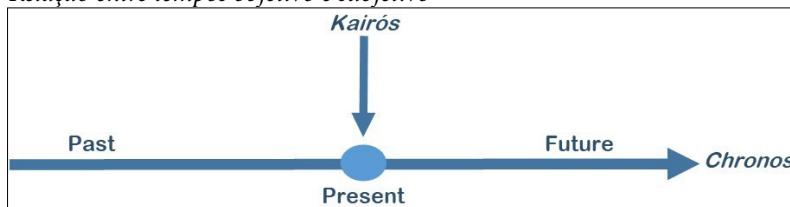
<sup>20</sup>Tal como aparece em Schelling (1978).

Em síntese, o abandono de nossa linguagem judicativa decorrente da Terceiridade que silencia logicamente a alteridade dos objetos por desvendar seus hábitos de conduta, permite-nos uma forma presentificada de experiência que resgata o que dos objetos fica à margem de nossas concepções lógicas da realidade.

Então, o passear das qualidades de sentimento em nossa consciência, que Peirce denomina *play of musement*, que propus traduzir por “*jogo do devaneio*” (Ibri, 2020, cap. II), flui por um tempo interior que venho denominando *Kairós*, termo apropriado da antiga filosofia grega pelo seu viés de subjetividade. Interessante pensar esse tempo como ortogonal ao tempo Chronos, por fluir pelo seu ponto presente, conforme Figura 1.

**Figura 1**

*Relação entre tempos objetivo e subjetivo*



Nota. Ibri (2021b, cap. XII, p. 273).

Por um lado, *Kairós* pode ser sentido pela sua gênese presentificada como pura Primeiridade interior, em toda experiência em que a consciência é apenas tomada por qualidades de sentimento. Naturalmente, pode-se pensar que toda forma de experiência estética constituída por qualissignos fluiria *kairoticamente*,

caracterizando uma consciência de unidade alheia a toda dualidade, distante, portanto, de qualquer Segundidade.

Torna-se interessante pensar se haveria modos de Chronos e Kairós coabitarem. Essa questão nos conduz a retomar nossa inserção na realidade mundana, em que por Terceiridade genuína silenciemos a alteridade cognitivamente, combinando em graus variados interpretantes lógicos e emocionais para construção de nossas mediações em relação à alteridade. O sentir e o pensar, o imediato e o mediato dos signos são articulados em formas heurísticas que aqui também apenas cabe mencionar. Nelas, a intensidade de participação de cada uma dessas duas classes de interpretantes tonalizaria o compromisso entre Kairós e Chronos. Dir-se-ia que toda intensa inserção de nossa consciência na realidade faz sintonizar Kairós a Chronos, na mesma medida em que os interpretantes sensíveis operam heurísticamente com os de natureza lógica, direcionados ao sucesso preditivo do curso futuro dos fatos.

A sintonia entre essas duas classes de tempo tem graus possíveis de comprometimento, dependendo do modo como decidirmos nos relacionar com a realidade. Nesse sentido, Kairós pode se desprender de Chronos de modo quase absoluto por abandono de nossos objetos de desejo, o que equivaleria dizer, por deixarmos de nos relacionar de modo interessado com a realidade. Pensar por tal viés sugere que possivelmente poderíamos ter uma relação desinteressada com o mundo, o que, de fato, já se renunciou aqui no que até então exposto. Que face do mundo poderia ser assim experienciada?

### **SOBRE AS COISAS SEM NOME**

Mediações, retome-se, são representações de leis que comandam a conduta dos objetos reais. Leis, por sua vez, são regras que impõem comportamento regular a seus objetos, a saber, que se repetem no tempo, exibindo permanência de predicados partilhados por eles. Esse partilhamento de predicados, constituído pelas propriedades comuns a todos os objetos, destina-se a recolher de um específico recorte de realidade o que em cada objeto que o compõe se assemelha e pode, desse modo, ser generalizado, deixando ao lado o que os diferencia. Assim se formam os *nomes* e seus *predicados* na forma de conceitos constituintes de leis e hábitos associados, sempre, a redundância, permanência, regularidade de conduta.

Todavia, retomando que a ontologia peirciana abriga o princípio do Acaso, necessário para que tudo o que é irregular, assimétrico e meramente accidental na Natureza tenha sua existência justificada. Acaso, como se sabe, associa-se à primeira categoria constitutiva da realidade, e por sua própria natureza não

pode depender do contínuo do Chronos, adentrando a existência pelo hiato constituído no instante presente. Essa sua independência do tempo, em verdade, típica de tudo o que se situa sob a primeira categoria, introduz na realidade o que não pode ser generalizado na forma de conceito, constituindo sempre o que nos objetos os singulariza, os torna únicos, originalmente *primeiros*.

Essa impossibilidade de generalização da diferença resulta em relegar no mundo uma espécie de resíduo deixado ao largo pelos conceitos que se nutrem, justamente, pelas semelhanças. Tal resíduo seria, então, formado pelas *coisas sem nome*<sup>21</sup>, aquelas que são singulares pelas suas diferenças, avessas a qualquer operação indutiva, ou seja, de generalização de predicados. A quem interessaria percebê-las, se não se prestam em absoluto a iluminar o que no futuro nos espregueira como experiência? Se elas não cabem em descrições lógicas, como superar essa sua inefabilidade?

<sup>21</sup>Conceito proposto por mim em Ibri (2011), republicado em Ibri (2020, cap. III).

## CONCLUSÃO: O ESPAÇO DA ARTE – A MISSÃO DE TORNAR DIZÍVEIS AS COISAS SEM NOME

Perceber as *coisas sem nome* implica abandonar o que nos distancia das singularidades dos objetos, daquilo que os torna originais, únicos, primeiros. Esse abandono, por tudo o que já se expôs aqui, refere-se à linguagem lógica toda estruturada em semelhanças facultadoras de classes gerais de predicados e permanência extensiva no Chronos. Percebê-las, por conseguinte, requer que nossa consciência, alheia ao fluxo do Chronos, deixe fluir em sua interioridade Kairós, situada na presentidade do Chronos, de modo a nos aproximarmos do que não tem nome para lhes fazer justiça – pode-se dizer que se referir aos objetos por meio de classes de predicados colhidos por semelhança, a par de inseri-los em redes lógicas, incorreria no que se poderia denominar *injustiça estética*.

De fato, os nomes gerais nada dizem do que é singular nos objetos e nos distanciam de um viver presente, de um perceber do que é sempre novo, original e possivelmente fonte de conteúdo poético. Esses são o que denominei em outro trabalho (Ibri, no prelo) de *signos esquecidos*, que só poderiam ser ditos pela linguagem da arte, privilegiada pela possibilidade de ruptura de estruturas lógicas, pela sua natural polissemia, pela sua circulação legitimada no universo das qualidades de sentimento. A ela destina-se a missão de recolhimento desse resíduo de mundo, necessariamente negligenciado pela nossa racionalidade silenciadora da alteridade espreitada pelo Chronos.

Deve-se reconhecer que a arte também se ocupa de outras inserções do Acaso na realidade, como as acidentalidades que trespassam o curso do Chronos pelo hiato do instante presente, como tudo o mais que esteja sob a Primeiridade.

<sup>22</sup>Outras abordagens e perspectivas acerca da relação entre a filosofia de Peirce e a arte podem ser consultadas em: Santaella (2019), Dantas (2019), Barrena (2007, 2015).

Esses eventos, sob a força bruta da Segundidade, subvertem a Terceiridade real, se indicializam à margem de nossa humana racionalidade preditiva e costumam fenomenologicamente suscitar experiências embebidas em qualidades de sentimento de diversas tonalidades, fazendo predominar interpretantes emocionais cuja contingência tem historicamente se expressado em várias formas de arte<sup>22</sup>, das mais celebrantes às mais trágicas, determinação que dependerá do que esses signos acidentais aparentam *dizer*.

Dos encontros que parecem conspirados por seres feéricos, às perdas e rupturas que esgarçam de modo lancinante nossa humana inserção no Chronos, há um leque de signos que somente as mais refinadas expressões da Arte poderiam relatar, fiéis à polissemia de origem que as inspira e as facultam cumprir, de sua liberdade criadora, promessas de sentido.

Uma vez mais, como *anjos decaídos*, podemos alternativamente apelar à transcendência divina para que nos socorra de uma dor de incompreensível insolência, ou agradecê-la pela graça que desafiaria adivinhar as razões de alguma intensa, malgrado efêmera felicidade.

No intento de mediar acidentalidades, por afetarem diretamente nossa *linha mundo*, é humanamente comum o apelo a descrições de causas eficientes, não obstante não poderem ser alçadas a causas formais aptas a se legitimarem como mediações lógicas. Recorrer-se a planos transcendentais que as dotariam de sentido faz parte íntima de nossa humana história. *Nada existe por acaso*, frequente proposição de senso comum, tacitamente pressupõe a deificação de uma escritura essencialista que nos toma como seus personagens.

Distantes de um caráter lógico aderente ao Chronos, as artes nascidas sob Kairós proporcionam reflexão de fundo sensível, educando o coração a desenhar significações que navegam por tragicidades ou por signos de encantamento. Certamente, ele poderá encontrar acolhida na serena contemplação das coisas sem nome, que sempre lhe poderão oferecer um justo e benfazejo silêncio em que tudo se disporia possivelmente a recomeçar.

Nesse recolhimento do que é abandonado pela Terceiridade inserta no Chronos, poder-se-á, talvez, redimensionar nossa percepção de mundo, inspirada pela infundável exibição de criatividade das coisas sem nome. Nas mais diversas formas *sígnicas*<sup>23</sup> nas quais se exprimem as artes encontra-se o dizer do que é, para a linguagem lógica, inefável. A elas, e somente a elas, caberia a missão de celebrar o resgate de uma até então desdenhada justiça estética, pacientemente, porque não assim pensar, aguardada pelas coisas sem nome.

Aos que puderem adestrar sua sensibilidade permitindo-se a experiência presentificada e interior de Kairós, acessando por ele as coisas sem nome, perceberão não mais serem os mesmos após vê-las traduzidas, exemplarmente, na

<sup>23</sup>Conferir Innis (2022) e Lefebvre (2007) para argutas reflexões acerca das expressões *sígnicas* nas artes.

música de Mahler, na poesia de Rilke, nas telas de Willem de Kooning, para brevemente apenas citar neste final alguns de meus amores. ■

## REFERÊNCIAS

- Barrena, S. (2007). *La razón creativa: Crecimiento y finalidad del ser humano según C. S. Peirce*. Rialp; Biblioteca Nueva.
- Barrena, S. (2015). *La belleza en Charles S. Peirce: Origen y alcance de sus ideas estéticas*. Eunsa.
- Calcaterra, R. M. (2015). Chance and regularities: Remarks on Richard Rorty's contingentism. *European Journal of Pragmatism and American Philosophy*, 7(2). <https://doi.org/10.4000/ejpap.417>
- Clavere, J. (2020). The multidimensionality of semiosis: Beyond multimodality. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 21(1), 34-44. <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2020v21i1p34-44>
- Colapietro, V. (2017). Peirce's pragmatist portrait of deliberative rationality. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 18(1), 13-32. <http://dx.doi.org/10.23925/2316-5278.2017v18i1p13-32>
- Dantas, L. F. N. S. (2019). *Contribuições da filosofia de Charles S. Peirce para uma investigação acerca de questões de fenomenologia e ontologia das obras de arte* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/22791>
- De Tienne, A. (1996). *Lanalytique de la représentation chez Peirce: La genèse de la théorie des catégories*. Publications Fac St Louis.
- Dilworth, D. A. (2014). Intellectual gravity and elective attractions: The provenance of Peirce's categories in Friedrich von Schiller. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 15(1), 37-72. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/21071>
- Dilworth, D. A. (2016). Peirce's transmutation of Schelling's *Philosophie der Natur*. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 17(2), 253-290. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/31234>
- Fabbrichesi, R. (2008). The Greek roots of pragmatism: A new name for an old way of thinking. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 9(2), 205-221. <https://revistas.pucsp.br/cognitiofilosofia/article/download/12977/9452>
- Fabbrichesi, R. (2019). Spinoza, Emerson, and Peirce: Re-thinking the genealogy of pragmatism: 2019 Presidential address. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, 55(2), 103-118. <https://doi.org/10.2979/trancharpeirsoc.55.2.01>

- Guardiano, N. (2011). The intelligibility of the metaphysics of Peirce's objective idealism. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 12(2), 187-204. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/11602>
- Houser, N. (2011). Action and representation in Peirce's pragmatism. In R. M. Calcaterra (Ed.), *New perspectives on pragmatism and analytic philosophy* (pp. 61-69). Editions Rodopi.
- Houser, N., & Kloesel, C. (Eds.). (1992). *The essential Peirce: Selected philosophical writings* (Vol. 1). Indiana University Press.
- Ibri, I. A. (2011). Peircean seeds for a philosophy of art. In K. Haworth, J. Hogue & L. G. Sbrocchi (Eds.), *Semiotics 2010* (Vol. 1, pp. 1-16). Legas Publishers.
- Ibri, I. A. (2015). *Kósmos Noetós: A arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. Paulus.
- Ibri, I. A. (2020). *Semiótica e pragmatismo: Interfaces teóricas* (Vol. 1). FiloCzar; Cultura Acadêmica.
- Ibri, I. A. (2021a). On the bottomless lake of firstness: Conjectures on the synthetic power of consciousness. *Semiotica*, 243, 129-152. <https://doi.org/10.1515/sem-2021-0120>
- Ibri, I. A. (2021b). *Semiótica e pragmatismo: Interfaces teóricas* (Vol. 2). FiloCzar; Cultura Acadêmica.
- Ibri, I. A. (2023). Between bets and rational choices: Conjectures on the fraying of time under intense action of chance. *Veritas*, 68(1), e44913. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2023.1.44913>
- Ibri, I. A. (no prelo). Rescuing forgotten signs: In search of what heralds rebirth and renewal. *The American Journal of Semiotics*.
- Innis, R. (2022). *Dimensions of aesthetic encounters: Perception, interpretation, and the signs of art* (SUNY series in American philosophy and cultural thought). State University of New York Press.
- Lefebvre, M. (2007). Peirce's esthetics: A taste for signs in art. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, 43(2), 319-344. <http://www.jstor.org/stable/40321187>
- Liszka, J. (2021). *Charles Peirce on ethics, esthetics and the normative sciences*. Routledge.
- Nubiola, J. (2021). Understanding and teaching pragmatism: "By their fruits ye shall know". *Cognitio: Revista de Filosofia*, 22(1), e56724. <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2021v22i1:e56724>
- Peirce, C. S. (1931-1935; 1958). *Collected papers of Charles Sanders Peirce* (8 vols., C. Hartshorne, P. Weiss, & A. Burks, Eds.). Cambridge, MA: Harvard University Press. (Citado CP seguido do número do volume e do número da página).

- Peirce, C. S. (1992). *The essential Peirce: Selected philosophical writings* (Vol. 1, N. Houser & C. Kloesel, Eds.). Bloomington, IN: Indiana University Press. (Citado EP seguido do número do volume e do número da página).
- Santaella, L. (2004). O papel da mudança de hábito no pragmatismo evolucionista de Peirce. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 5(1), 75-83. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/13210>
- Santaella, L. (2019). *Estética & semiótica*. Intersaberes.
- Schelling, F. W. J. (1978). *System of transcendental idealism of 1800* (P. Heath, Trans.). University Press of Virginia.
- Seif, F. (2020). Design and semiotics: The de-sign constitution of reality. *The American Journal of Semiotics*, 36(3), 165-178. <https://doi.org/10.5840/ajs2020363/469>

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.



# Semiótica da inteligência artificial: análise computacional de grandes bases de dados e geração automática de imagens<sup>a, b</sup>

## *Semiotics of artificial intelligence: a computational analysis of big datasets and automatic image generation*

MARIA GIULIA DONDERO<sup>c</sup>

Fonds National de la Recherche Scientifique. Liège, Bélgica

GUSTAVO H. R. DE CASTRO<sup>d</sup>

Universidade Estadual Paulista. Araraquara – SP, Brasil

MATHEUS NOGUEIRA SCHWARTZMANN<sup>e</sup>

Universidade Estadual Paulista. Araraquara – SP, Brasil

DANIERVELIN PEREIRA<sup>f</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG, Brasil

### RESUMO

A inteligência artificial simula hoje, de maneira cada vez mais satisfatória, a complexidade da linguagem e das ações humanas. Neste artigo abordamos as inteligências artificiais com instrumentos semióticos. Aqui, assumiremos o ponto de vista da teoria da enunciação de É. Benveniste, especialmente dos desenvolvimentos em semiótica pós-greimasiana, e sobretudo de Jacques Fontanille aplicados ao estudo da inteligência artificial. Essa base teórica nos possibilitará discutir, primeiramente, a relação entre banco de dados de imagens e algoritmos na análise de grandes coleções de imagens por meio da *computer vision*, além dos modos de diálogo do usuário com o modelo de inteligência artificial generativa Midjourney, que nos permitirá tratar a criatividade da máquina.

**Palavras-chave:** Inteligência artificial, modelo generativo, práxis enunciativa, geração de imagens, Midjourney

<sup>a</sup> Este artigo é parcialmente baseado na pesquisa apresentada no artigo “Inteligência artificial e enunciação: análise de grandes coleções de imagens e geração automática via Midjourney” (Dondero et al., 2024). Essa pesquisa é desenvolvida, atualizada e aperfeiçoada aqui.

<sup>b</sup> Agradecemos a A. Delière por suas explicações sobre métodos de análise em aprendizado de máquina. Também agradecemos a Enzo D’Armenio por seus comentários sobre a geração de imagens usando o Midjourney.

<sup>c</sup> Diretora de pesquisa do Fonds National de la Recherche Scientifique (F.R.S. – FNRS), na Bélgica, e professora da Universidade de Liège. Orcid: [0000-0003-2320-8130]. E-mail: mariagiulia.dondero@uliege.be

<sup>d</sup> Doutorando (Fapesp 2019/27000-7) do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Tradução, revisão e notas. Orcid: 0000-0003-4486-9579. E-mail: g.castro@unesp.br

<sup>e</sup> Livre-docente em Semiótica do Discurso pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), atualmente Coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp de Araraquara (SP) e membro da Comissão Permanente da Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (CAADI) da Unesp. Releitura. Orcid: 0000-0002-2887-3570. E-mail: matheus.schwartzmann@unesp.br

<sup>f</sup> Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Em 2024, realiza pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense e na Université de Liège com financiamento Capes PrInt. Releitura final. Orcid: 0000-0003-1861-3609. E-mail: daniervelin@gmail.com



# D

### ABSTRACT

Artificial intelligence today simulates the complexity of language and human actions in an increasingly satisfactory manner. In this paper I discuss artificial intelligences using semiotic tools, assuming as a theoretical standpoint É. Benveniste's theory of enunciation in post-Greimasian semiotics, notably Jacques Fontanille's concept of enunciative praxis, applied to the study of artificial intelligence. This theoretical basis will allow us to address the relation between image databases and algorithms in analyzing large image collections through computer vision, as well as user's communication modes with the Midjourney generative artificial intelligence model, focusing on machine creativity.

**Keywords:** Artificial intelligence, generative model, enunciative praxis, image generation, Midjourney

<sup>g</sup>(N.T.) A Máquina de Turing consiste na metáfora conceitual de uma fita infinita, que atua como memória de longo prazo, na qual símbolos podem ser lidos e escritos; e de uma cabeça de leitura/escrita que se move ao longo da fita, segundo uma tabela de instruções responsáveis por determinar as operações.

<sup>h</sup>(N.T.) As primeiras tentativas de gerar imagens automaticamente datam dos anos 1960-1970, com o programa AARON, de Harold Cohen. Posteriormente, uma série de tecnologias foram desenvolvidas. Apenas a título de exemplo, podemos mencionar alguns marcos: em 2018, surgiram as GANs Progressivas, seguidas pelo BigGAN, da Google, que permitiram gerar imagens aprimorando-as gradualmente em termos de resolução. Em 2021, a OpenAI introduziu o DALL-E, inaugurando a geração de imagens a partir de descrições textuais.

<sup>1</sup>Na década de 1950, Turing fez uma pergunta fundamental em seu famoso artigo "Computing Machinery and Intelligence" (1950): "a máquina pode pensar?". Para uma discussão filosófica sobre a origem, a história e os desenvolvimentos da máquina de Turing, ver o livro *Turing* de Jean Lassègue (2017).

<sup>1</sup>(N.T.) No contexto da computação, um *prompt* consiste em instruções ou estímulos dados, por exemplo, a sistemas de IA para gerar respostas ou realizar tarefas específicas, direcionando o modelo na produção de conteúdo.

A HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA artificial (IA) remonta à década de 1950 e à máquina de Turing<sup>g</sup>, que continua sendo o modelo teórico fundamental de toda computação atual: esse foi o início da digitalização e da automatização dos cálculos. Se dermos, ainda, um salto no tempo rumo à história mais recente, veremos que a automatização da computação está na base do funcionamento de diversos tipos de utilitários cotidianos: mecanismos de busca, sistemas de recomendação de produtos e de navegação, jogos de estratégia, *chatbots* e, mais recentemente, os modelos de geração automática de imagens<sup>h</sup>.

De maneira geral, as inteligências artificiais oferecerem ferramentas que tentam simular, de modo cada vez mais convincente e capilar, a particularidade da linguagem do ser humano e de suas práticas, inclusive as práticas de pensamento<sup>1</sup>. Por isso, é imprescindível que a semiótica pós-estruturalista trate das linguagens artificiais e das tecnologias e práticas de automatização das ações humanas.

Este artigo está dividido em duas seções. Na primeira, tratamos da abordagem da *análise* de bancos de dados a fim de examinar o modo como a visão computacional (*computer vision*), conjuntamente a outras disciplinas como a história da arte, permite a análise de grandes quantidades de dados (os *big visual data*) usando, para isso, algoritmos apropriados que transformam análises estatísticas em visualizações de imagens (meta-imagens).

Em seguida, nos dedicaremos ao estudo da *geração automática de enunciados visuais*, isto é, às grandes coleções arquivadas em bancos de dados, usadas para produzir novos enunciados a partir de textos antigos, já sedimentados na memória coletiva, por meio de operações ou mesmo de instruções (*prompts*)<sup>1</sup>. Especialmente no caso da geração de novos enunciados, estudaremos algumas interações e alguns de seus produtos textuais obtidos por meio do Midjourney. Os

modelos utilizados pelo Midjourney (ou mesmo pelo DALL·E, para mencionar outro exemplo) traduzem enunciados verbais (*prompts*) em enunciados visuais, ou vice-versa: produzem enunciados verbais com o objetivo de, por exemplo, descrever uma imagem que o usuário propõe ao Midjourney.

Ousaríamos dizer que a geração de textos visuais por esse modelo nos interessa mais do que os experimentos com o ChatGPT. Isso porque, especialmente no caso do Midjourney, a tradução não ocorre somente entre a linguagem da máquina e a linguagem humana<sup>2</sup>. Ela ocorre, principalmente, entre a linguagem verbal do *prompt* (o comando dado) e a linguagem visual (o produto gerado). As instruções são aplicadas a bancos de dados verbais e visuais, que desempenham um papel fundamental nessas operações de análise, tradução e produção de enunciado.

<sup>2</sup>Para uma comparação de todos os modelos generativos, consulte Santaella e Kaufman (2024).

Um banco de dados pode, em termos semióticos, ser concebido segundo a noção de enciclopédia proposta por Umberto Eco (1984), ou ainda, em termos greimasianos e pós-greimasianos, como o *local da sedimentação de formas discursivas verbais e visuais já realizadas*, pensando agora no mecanismo de renovação da cultura humana formalizado por Jacques Fontanille (1999) na teoria da práxis enunciativa. Utilizaremos esta teoria neste artigo, considerando que o banco de dados ocuparia o lugar da virtualização, ou seja, dos objetos culturais e dos discursos sedimentados em uma memória coletiva, e em arquivos, a partir dos quais *novas criações/performances podem ser produzidas (atualização/realização)*, nesse caso, “automaticamente”, pois estamos lidando com linguagens artificiais. A teoria da práxis enunciativa nos servirá, portanto, para estudar a dinâmica *entre inovação e sedimentação* no contexto de bancos de dados entendidos como arquivos e como locais onde o novo é gerado.

## ANÁLISE DE SEMELHANÇAS/DISSIMILARIDADES ENTRE IMAGENS NOS BANCOS DE DADOS

De modo bastante sumário, poderíamos definir a IA como uma ferramenta dedicada a realizar tarefas no lugar de um humano que a treinou previamente. Ensinar uma máquina consiste, essencialmente, em capacitá-la a aprender a executar uma tarefa a partir de um banco de dados apropriado. Para isso, de início, o programador deve escolher o tipo de algoritmo de aprendizado (*random forest, svm* etc.), o que equivale a escolher uma estratégia segundo a tarefa a ser executada e a natureza dos dados fornecidos (imagens, planilhas etc.).

No caso da análise de grandes coleções de imagens, iremos considerar duas estratégias. A primeira, a *extração de recursos*, é a estratégia usada por Lev Manovich (2020b). Ela consiste em um método que extrai recursos do conteúdo dos bancos de dados com base em regras definidas prévia e “manualmente” pelo pesquisador,

<sup>3</sup>Ver a esse propósito o site de Lev Manovich, especialmente a seção sobre os espaços dos estilos (Manovich, 2011).

<sup>1</sup> (N.T.) A aprendizagem profunda (ou *deep learning*) consiste em um algoritmo que define um modelo, frequentemente uma rede neural, a partir de um conjunto inicial de parâmetros, otimizando gradualmente (aprofundando) as variáveis para realizar a tarefa desejada.

<sup>4</sup>Em geral, começa-se compilando o conjunto completo de dados que desejamos analisar. Em seguida, extraímos parte dele, fazemos anotações e o usamos para treinamento. O restante será utilizado para verificar os resultados, que são, de fato, o que queremos estudar. Se essa distribuição do conjunto de dados inicial for bem-sucedida, teremos mais chances de ter um modelo que generalize mais precisamente os dados de interesse.

<sup>5</sup>Nesse caso, é importante destacar que estamos falando de dados *digitalizados*, e não de dados *digitais*: pretendemos nos concentrar na análise de grandes coleções de imagens, pertencentes ao patrimônio artístico ocidental, e não nos dados produzidos pela própria tecnologia digital, a exemplo daqueles que geramos cotidianamente nas redes sociais, e-mails etc.

<sup>6</sup>Sobre o problema do estilo em Warburg, ver Pinotti (2001).

que dita as instruções computacionais a serem seguidas para a execução da tarefa. É o caso, por exemplo, da escolha dos recursos a serem extraídos, como os gradientes de luminosidade em pinturas de artistas abstracionistas do início do século XX<sup>3</sup>.

A segunda estratégia é a *aprendizagem profunda* (*deep learning*)<sup>1</sup>, que consiste em um algoritmo responsável por fornecer à máquina um conjunto de dados por meio dos quais e nos quais ela deve detectar semelhanças/dessemelhanças.

Quando usamos um algoritmo de aprendizagem profunda, não estamos mais na *extensão do olho do pesquisador* que decide o que a máquina deve encontrar na coleção de imagens (como foi o caso da extração de recursos). Trata-se de uma outra situação, que nos coloca na extensão do banco de dados usado para treinar o algoritmo. Ora, ao adotar a aprendizagem profunda como estratégia, estamos, na realidade, deixando o próprio algoritmo decidir sobre o que ele deve calcular para realizar satisfatoriamente a sua tarefa. Nesse caso, resta ao pesquisador apenas fornecer ao modelo um parecer sobre os resultados apresentados, permitindo que ele se corrija sem, no entanto, dizer-lhe exatamente quais cálculos deveria ter feito. De fato, *é a qualidade do banco de dados que determinará a capacidade do modelo de aprender a executar sua tarefa de forma mais ou menos correta.*

Evidentemente, se o algoritmo tiver sido treinado em um conjunto de dados composto por imagens comuns, que representam objetos do cotidiano, por exemplo, será muito difícil obter bons resultados no contexto da pesquisa de imagens artísticas<sup>4</sup>. Dito de outro modo, o conjunto de dados no qual o algoritmo é treinado deve ter afinidades suficientes com o banco de dados que será apresentado posteriormente: só assim ele pode analisá-lo de modo relativamente satisfatório, em termos de semelhanças e/ou diferenças.

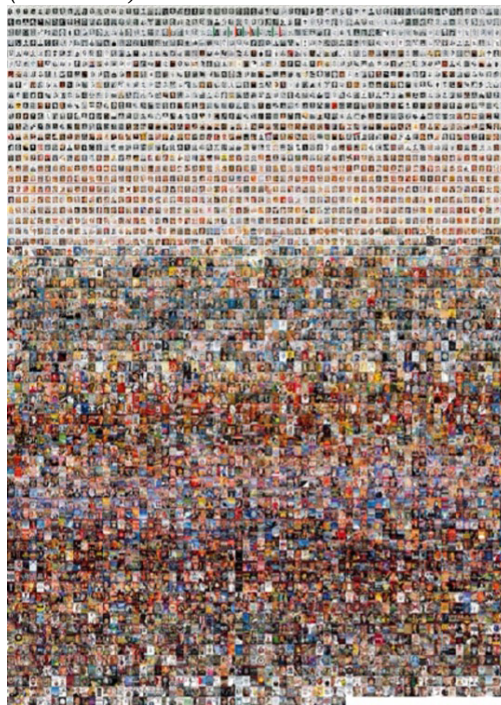
As tarefas executadas pela máquina “em nosso lugar” – e que viemos estudando há alguns anos (Dondero, 2020) – estão relacionadas, principalmente, à análise de imagens. Obviamente, sobretudo quando o que está em jogo é a organização de grandes coleções de dados visuais (milhares de imagens), digitalizados de acordo com suas semelhanças/dissimilaridades, a máquina está sendo solicitada a realizar uma tarefa que ultrapassa a capacidade puramente humana de análise<sup>5</sup>.

Logo, podemos notar que a produção desses dados massivos possibilitou a análise de grandes coleções de imagens, reabrindo, inclusive, o terreno para projetos de pesquisa que antes não eram sequer conjecturados. Referimo-nos, aqui, em particular, ao projeto do historiador da arte Aby Warburg. Em seu trabalho *Atlas Mnemosyne* (1924-1929), Warburg (2012) estudou a imagem por meio da imagem, usando como método de investigação a visualização, de modo que imagens com características comuns em termos de estilo<sup>6</sup> fossem dispostas próximas umas das outras em grandes painéis pretos, em função de semelhanças de composição.

Diante das múltiplas questões que cada imagem artística coloca para o observador e para o historiador, Warburg escolheu como resposta e como explicação geral uma fórmula, por assim dizer: aproximar uma imagem de “sua vizinha mais próxima”, em termos plásticos, e distanciá-la daquelas às quais ela se opõe ou entra em conflito, gradualmente. Foi exatamente isso que fizeram os pesquisadores que, a exemplo de Lev Manovich, seguiram essa proposta, garantindo que os bancos de dados e os seus algoritmos pudessem agrupar dados de acordo com suas semelhanças e diferenças, segundo a regra do “vizinho mais próximo”, de Warburg.

Há alguns anos, estudamos dois modelos de visualização (Dondero, 2017b, 2019b, 2020) que exemplificam bem as possibilidades dessa proposta. O primeiro é uma montagem clássica, com cerca de 4.500 imagens (Figura 1).

**Figura 1**  
*Montagem com 4.535 capas da Time Magazine (1923-2009)*



Nota. Manovich e Douglass (2009).

Já o segundo, o mais interessante, são as visualizações que chamamos de diagrama de imagens. A montagem nos parece ser menos interessante por um motivo talvez evidente: ela segue uma organização determinada por um metadado, nesse caso, a data de produção<sup>7</sup>.

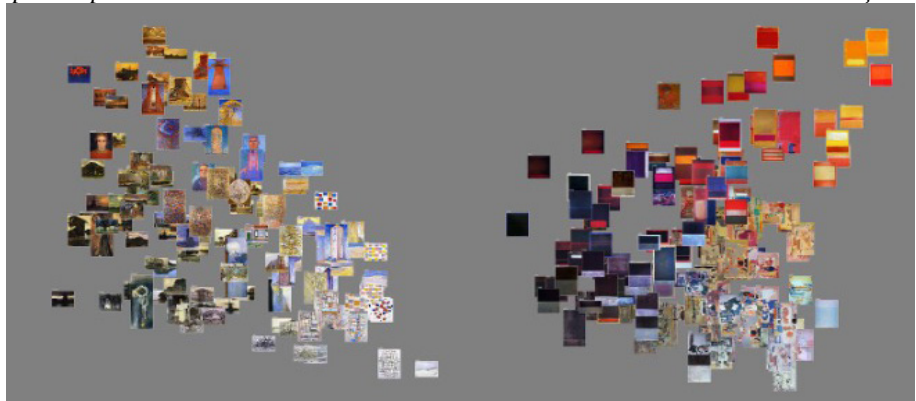
<sup>7</sup> Trata-se de uma estratégia que já criticamos em várias publicações (Dondero, 2017b, 2019b, 2020), nas quais explicamos que a organização de coleções por meio de metadados recai no mesmo erro pelo qual se critica Roland Barthes em relação à translinguística, ou seja, a tentativa de reduzir a imagem ao que pode ser lexicalizado.

Já no caso do diagrama, a disposição das imagens depende unicamente das instruções que o pesquisador dá à máquina – e não dos metadados, como ocorre com a montagem. Essas instruções têm como objetivo medir a semelhança visual entre as características plásticas das imagens contidas no banco de dados<sup>8</sup> (Figura 2).

<sup>8</sup> Para uma análise enunciativa desses dois tipos de visualização de imagem, consulte o terceiro capítulo de *The Language of Images* (Dondero, 2020), em que fazemos a distinção entre as focalizações relevantes para a montagem e aquelas relevantes para os diagramas, adotando, para isso, a classificação de Fontanille proposta em *Sémiotique et littérature* (1998).

### Figura 2

*Comparação de 128 pinturas de Piet Mondrian (1905-1917) e 151 pinturas de Mark Rothko (1944-1957). As duas visualizações de imagem são colocadas lado a lado, de modo que compartilham o mesmo eixo X. Eixo X: média de brilho. Eixo Y: média de saturação*



Nota. Manovich et al. (2011).

<sup>k</sup> (N. T.) O termo se refere a características básicas e primitivas das imagens, extraídas sem necessidade de uma modulação semântica, que podem incluir cores, texturas, bordas, formas, histogramas, gradientes, dentre outros.

<sup>9</sup> Há, no entanto, uma observação: quando usamos uma rede como a ResNet para extrair/calcular uma incorporação de uma imagem, que chamamos de extração de recursos (pelo menos, no caso da visão computacional), essa incorporação ainda contém informações relacionadas à distribuição de recursos e não apenas à média.

<sup>10</sup> Sobre a imagem como um todo, consulte Goodman (1976), Thom (1983) e Dondero (2020).

Dentre as propriedades plásticas, a categoria cromática é fácil de ser trabalhada pela máquina porque é uma categoria de caractere quantitativo, assim como as intensidades de luz. De fato, no caso do método de “extração de recursos” de que falamos aqui, o objetivo é extrair das imagens as características plásticas que, na visão computacional, são chamadas de “recursos de baixo nível”<sup>k</sup>. Trata-se de propriedades que não estão diretamente ligadas à figuração. Entretanto, essa tarefa diz respeito à aferição das médias de cada característica distribuída na superfície de cada imagem, e não se confundem, portanto, com a identificação de *formantes plásticos* ou *figurativos* (Greimas, 1984).

Em alguns trabalhos que publicamos anteriormente (Dondero, 2017a, 2019b, 2020), fizemos, justamente, uma crítica a essa metodologia de análise de grandes coleções de imagens: o procedimento de extração trabalha com características plásticas *médias*<sup>9</sup>, deixando de se concentrar na *distribuição* dessas características dentro da imagem artística, entendida como uma totalidade<sup>10</sup>.

Mas a despeito das críticas que podem ser feitas a esse ou àquele método estatístico, há inúmeros motivos que justificam o interesse semiótico nessas análises, dentre os quais listamos dois: essas visualizações desenvolvem uma das questões de Warburg (a das imagens e seus “vizinhos mais próximos”) por

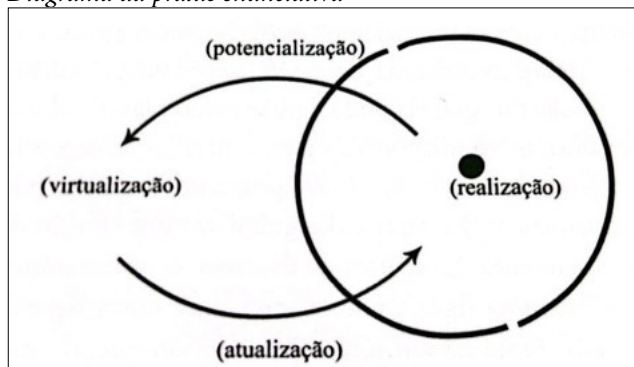
meio de uma metodologia controlável, e também essas revelam um trabalho que pode ser entendido como estruturalista em dois sentidos:

- (i) essas visualizações contrastam grupos de imagens com características plásticas gradualmente semelhantes ou opostas e organizam as características de cada imagem *gradualmente*, dentro de um espaço de controle (uma perspectiva tensiva da estrutura)<sup>11</sup>; essas visualizações de imagens apresentam a análise realizada (no sentido de divisão, agrupamento, reconstrução da relação) e permitem efetuar um raciocínio diagramático, colocando em jogo aspectos estatísticos e perceptuais via *semissimbolismo*, de acordo com o parâmetro de similaridade/dissimilaridade. Podemos usar essas visualizações para realizar experimentos estatístico-perceptuais em uma coleção com base em vários parâmetros relevantes para cada banco de dados (que não se limitam a características cromáticas ou luminosas, pois incluem, também, aspectos da geometria das formas, do comprimento e da tipologia das linhas desenhadas);
- (ii) a coleção de imagens pode ser estudada como um sistema em que a máquina foi treinada para trabalhar com diferenças e semelhanças. Como já pudemos indicar, o sistema de coleção funciona como uma enciclopédia, em outras palavras, como um sistema de “co-textos”, para usar um termo de U. Eco (1984). Ou, ainda, como o lugar onde as estratégias discursivas de formas artísticas (por exemplo, formas pictóricas) de todos os tempos foram sedimentadas. Portanto, podemos situá-las no diagrama da práxis enunciativa *no espaço da virtualização*:

<sup>11</sup>Ver Fontanille e Zilberberg (1998).

**Figura 3**

*Diagrama da práxis enunciativa*



Nota. Fontanille (1999, p. 272).

Muitas das perguntas feitas na semiologia visual e na semiótica, desde a década de 1960, ainda não foram resolvidas – por exemplo: “existe uma linguagem visual?”. No entanto, ao menos agora essas questões foram postas concretamente e, em parte, respondidas, graças às operações de algoritmos realizadas em bancos de dados de imagens. De fato, um banco de dados não é propriamente equiparável à *langue* saussuriana, que é composta de virtualidades, mas ele tem uma espessura conceitual muito semelhante à do *locus* da virtualização: as imagens que ele contém não são meras virtualidades pictóricas, mas imagens que foram produzidas historicamente e, de certa forma, estão copresentes no banco de dados. Elas compartilham, após a digitalização, uma substância digital comum e responsável por torná-las *comensuráveis* e disponíveis para uma análise algorítmica. Essa comensurabilidade significa que, em um banco de dados, as imagens podem ser manipuladas e medidas até que sua especificidade/diferença se destaque das demais.

### Um projeto de pesquisa sobre a genealogia dos gestos na pintura<sup>12</sup>

Meu projeto de pesquisa *Em direção a uma genealogia das formas visuais – Semiótica e abordagens computacionais para grandes coleções de imagens* (2022-2025, F.R.S.-FNRS) é outra maneira – mais complexa, esperamos – de dar continuidade à teorização da genealogia das formas que foi feita pelo historiador de arte Henri Focillon (1934) no livro *Vie de formes* (*Vida das formas*), e, em particular, às formas de *páthos* (o *pathosformeln*<sup>1</sup> de Warburg) que podemos ver *nas poses e nos gestos das figuras* retratadas em pinturas ao longo da história.

Mas não se trata apenas disso. Trata-se também de fazer avançar o próprio projeto da semiótica visual, em particular, uma questão específica que já abordamos sobretudo em nosso livro *The Language of Images* (Dondero, 2020): o estudo do movimento, da temporalidade e da narratividade na imagem estática, a partir do modo como a enunciação temporal e aspectual é significada em uma substância fixa como a pintura. Ora, a enunciação da categoria de pessoa foi amplamente desenvolvida e estudada em trabalhos sobre o rosto e o perfil (Beyaert-Geslin, 2017; Dondero, 2023, 2024). O mesmo ocorreu com a enunciação espacial – neste último caso, em especial, graças a vários trabalhos sobre perspectiva, tais como os de L. Marin (1993) e de J. Fontanille (1989). Todavia, a enunciação temporal (o antes e o depois dentro de uma ação representada em imagem), a enunciação aspectual (o momento da ação, focalizado pelo produtor) e o ritmo do desenrolar da ação não foram suficientemente investigados. Há pouquíssimos estudos sobre essa questão: poderíamos mencionar o trabalho de J. Petitot (2004) sobre o *Laocoon*, um artigo do Grupo  $\mu$  (1998) e outro de M. Colas-Blaise (2019), por exemplo<sup>13</sup>.

<sup>12</sup>Este projeto de pesquisa, iniciado em 2022, terminará no fim de 2025. Ele está intitulado

“Towards a Genealogy of Visual Forms: Semiotic and Computer-Assisted Approaches to Large Image Collections” e é financiado pelo Fonds de la Recherche Scientifique (F.R.S.-FNRS-Bélgica). Mais informações em Dondero (2022).

<sup>1</sup> (N.T.) Conceito cuja tradução literal seria “formas de páthos”.

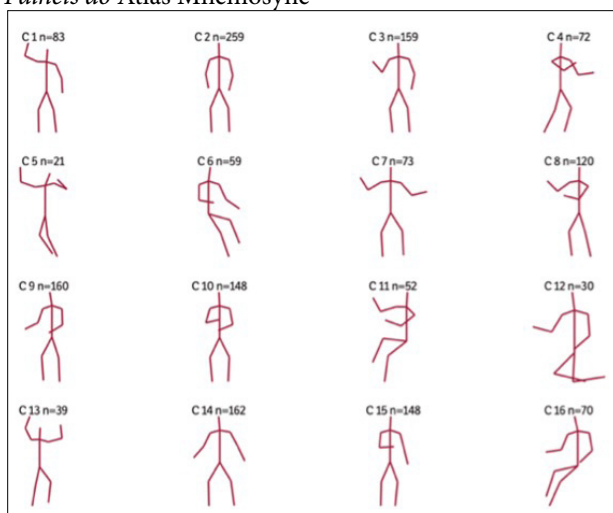
Diz respeito ao sentimento veiculado (culturalmente) por gestos, poses e expressões faciais. No contexto da visão computacional, em que se insere a autora do artigo, o tratamento da pose é crucial para o aprimoramento da interação ser humano-máquina, por exemplo.

<sup>13</sup>Para uma discussão mais recente sobre essa questão, levando em conta os autores citados e o livro de Baso Fossali (2017), consulte Dondero (2024).

Levando em conta esse estado da arte em semiótica, nosso projeto tem o objetivo de analisar a representação de gestos corporais em um *corpus* de milhões de imagens. Por que poses e gestos corporais? Porque são o local de uma *dinâmica figurativa*, ou seja, de um *continuum*, e porque nosso desafio é o de estudar, justamente, o *movimento em imagens estáticas de maneira automática*.

Sobre esse tópico, antes de nós, Impett e Moretti (2017) formalizaram os gestos dos corpos encontrados nos painéis do *Atlas Mnemosyne*, de Warburg (Figura 4).

**Figura 4**  
Painéis do Atlas Mnemosyne



Nota. Impett e Moretti (2017).

Minha observação crítica em relação a esse método é que a modelagem de Impett e Moretti (2017) reduz o corpo a um esqueleto, uma figura geométrica feita de segmentos de linha, enquanto o corpo tem um volume feito de forças internas que ocupam o espaço e uma silhueta que está envolvida em cada dinâmica gestual e desempenha um papel crucial na direcionalidade dentro de uma paisagem.

Leonard Impett, em um artigo de 2020 publicado no livro *Routledge Companion to Digital Humanities and Art History*, intitulado “Analyzing Gesture in Digital Art History”, tenta complexificar o modelo do corpo inserindo os parâmetros de direcionalidade e o ritmo do movimento (Figura 5). Por meio desse esquema, vemos que não apenas o esqueleto foi complexificado, mas também que Impett tenta calcular o ritmo do movimento e o deslocamento do corpo.

**Figura 5**

Análise de componentes principais nas poses do Painel 46 do Atlas, capturando a característica morfológica mais forte do painel: a ninfa



Nota. Impett (2020).

De forma semelhante, nosso projeto de pesquisa atual visa rastrear poses, gestos e outros tipos de movimento e dinâmica de forças em imagens estáticas, como pinturas e fotografias que abrangem um período que vai da pintura barroca à fotografia de moda contemporânea, extraindo poses e agrupando-as.

O que ambiciono dizer com “a dinâmica de forças em uma imagem estática”? As forças podem ser parcialmente identificadas com a direcionalidade: a direção de um olhar, de uma mão levantada, de um dedo apontado, mas também com as direções dadas por componentes da imagem que não são figurativos, mas formais/plásticos: a mudança da luminosidade em uma pintura funciona como uma espécie de seta, a mudança na saturação é capaz de produzir uma força de elevação ou de queda. A geometria de um gesto também conta: um gesto que compõe uma figura circular no plano da expressão reflete estabilidade e calma no plano do conteúdo; ao contrário, um gesto que compõe um triângulo irregular refletirá direções perturbadoras, um conflito no plano do conteúdo.

Nesse contexto, Adrien Delière e eu tomamos alguns exemplos de um *corpus* produzido a partir da coleção completa de pinturas disponíveis no WikiArt – triadas, evidentemente, de acordo com nossas necessidades. Chegamos a um grupo de 5 mil imagens religiosas, contendo 8.599 poses individuais. Cada pose individual é redesenhada em uma imagem separada, com coordenadas de pontos-chave normalizadas para permitir comparações significativas entre as imagens (Figura 6).

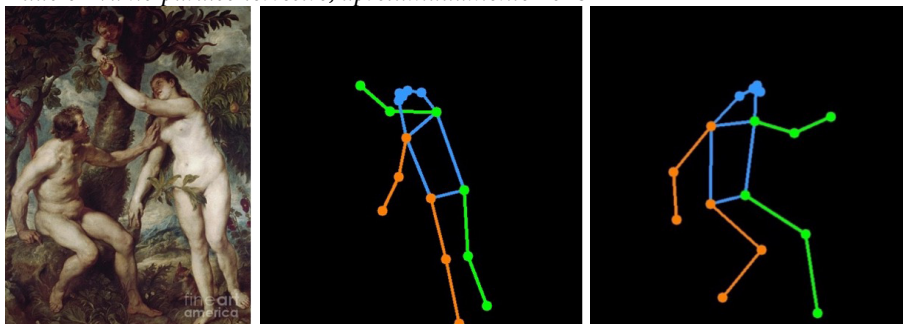
Usamos o MMPose<sup>m</sup> para mapeamento e o Pixplot<sup>n</sup> para visualização das poses. No MMPose, as poses são mapeadas a partir de 17 pontos-chave, que tentam abranger todo o corpo. Quando os 17 pontos não são contemplados, excluimos a imagem do *corpus*, pois o algoritmo não identificou um corpo inteiro.

<sup>m</sup> (N.T.) MMPose é um *framework* (conjunto de ferramentas, bibliotecas e convenções que proporcionam uma base para o desenvolvimento de um *software* de código aberto), destinado a mapear poses humanas em imagens e vídeos, por meio do rastreamento da angulação e direção articulares, como se vê na Figura 6.

<sup>n</sup> (N.T.) O PixPlot é uma ferramenta de visualização interativa desenvolvida para explorar grandes coleções de imagens de modo bidimensional. Ele permite identificar padrões visuais, agrupamentos e relações entre imagens de maneira intuitiva ou automática.

**Figura 6**

Exemplo de poses individuais extraídas de uma pintura original, Peter Paul Rubens, *Adão e Eva no paraíso terrestre*, aproximadamente 1628



Nota. Delière e Dondero (no prelo).

Primeiro analisamos todas essas poses individuais antes de passar para as coletivas. Definimos a distância entre duas poses como a soma das distâncias entre seus pontos-chave correspondentes. Em seguida, usamos essa métrica de distância no módulo de redução de dimensionalidade UMAP do *software* PixPlot para produzir uma visualização da organização das poses individuais (Figura 7), ou seja, as poses semelhantes estão localizadas próximas umas das outras e distantes das poses diferentes. No exemplo a seguir, é possível acompanhar essa organização.

**Figura 7**

Visualização de 8.599 poses individuais de 5.269 pinturas religiosas contidas no banco de dados WikiArt e organizadas por similaridade de pose<sup>14</sup>



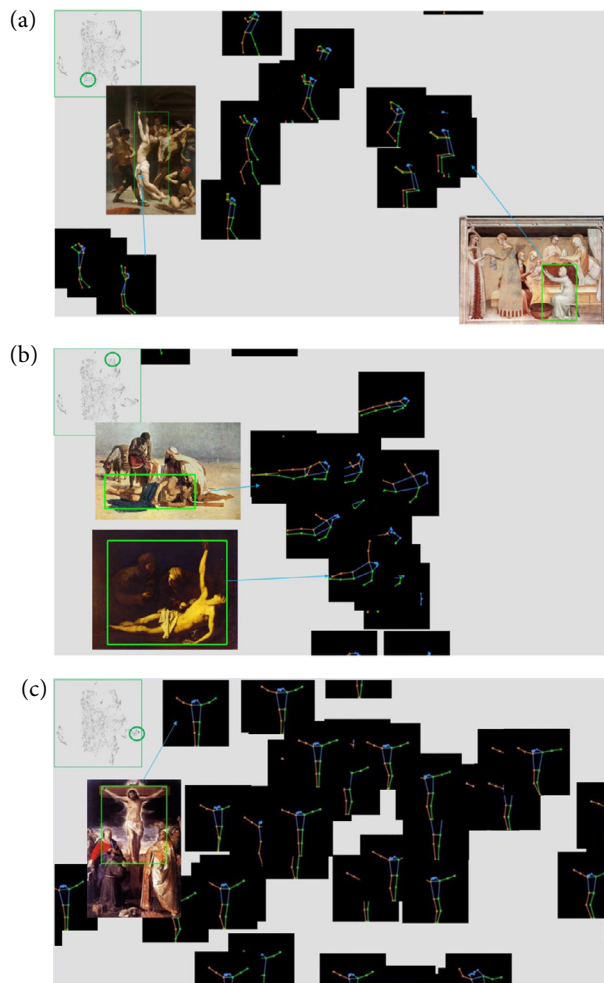
Nota. Delière e Dondero (no prelo).

<sup>14</sup>Um aplicativo interativo da web que permite navegar por essa “nuvem de imagens” (com funcionalidades de *zoom in* e *out*). Recuperado de [https://adriendeliere.z6.web.core.windows.net/outputs/WikiArt\\_religious\\_painting\\_solo\\_poses/index.html](https://adriendeliere.z6.web.core.windows.net/outputs/WikiArt_religious_painting_solo_poses/index.html)

Dentro dessa coleção, é possível acompanhar a variedade de poses de acordo com a organização estabelecida pelos algoritmos. Como exemplos, cada círculo verde no diagrama geral da coleção (canto superior esquerdo de cada subfigura da Figura 8) refere-se a um grupo de pinturas que a máquina reconhece como pertencentes a uma pose específica, que é ampliada para mostrar a validade da abordagem.

### Figura 8

*Exemplos de poses específicas compartilhadas por determinadas pinturas, circuladas em verde (canto superior esquerdo) na visualização geral, e zoom nessas regiões delimitadas para mostrar a semelhança e as variações de poses semelhantes pertencentes a um grupo de imagens. Visualização gerada via MMPose e o Pixplot*



Nota. Deliège e Dondero (no prelo).

Podemos percorrer toda a coleção – que chamamos de *corpus de referência*, por ser abrangente – e selecionar o *corpus de trabalho* – também segundo nossa terminologia –, composto por vários grupos de poses (circuladas em verde).

Pode-se observar que o centro da visualização tende a agrupar poses relativamente neutras, representando uma pessoa em pé, de frente para o espectador. À medida que nos afastamos do centro, as poses variam continuamente, chegando a poses completamente diferentes nos cantos da meta-imagem, como personagens deitados, sentados, caindo etc. Um grupo de representações de Jesus em sua cruz também é claramente visível, pois essa pose é comum em pinturas religiosas. Também podemos identificar um grupo de imagens em que o personagem é visto de costas, o que é completamente, e por direito, dissociado do restante das imagens (na extrema esquerda da visualização). Observemos também que um corpo deitado com a cabeça à esquerda é uma pose completamente diferente (de acordo com a métrica usada) do que se a cabeça estiver à direita da imagem. As poses opostas são representadas em partes opostas da visualização, ou seja, na parte superior e inferior nesse caso. Por fim, como em toda análise automatizada em grande escala, há alguns erros não filtrados que passaram despercebidos por essa visualização; nesse caso, como um pequeno grupo de poses com pernas cortadas nos joelhos, correspondendo a personagens que não são completamente mostrados nas imagens (na parte superior central cercada por uma vizinhança vazia na visualização).

Essas poses podem, por exemplo, ser usadas em pesquisas sobre a relação entre a expressão dessas imagens e seu conteúdo, seguindo uma *análise semissimbólica* que estabelece que uma oposição no plano de expressão está correlacionada a uma oposição no plano de conteúdo das imagens. Dois exemplos simples poderiam ser os seguintes: braços para cima vs. braços para baixo = oração vs. descanso, ou corpo em pé vs. corpo reclinado = pose arrogante vs. pose piedosa.

Ainda há várias questões a serem consideradas em poses coletivas: precisamos decidir se criaremos uma genealogia das poses coletivas mais semelhantes ou das *formas de poses* mais semelhantes (algumas poses coletivas podem formar triângulos, quadrados etc.), ou ainda, se levaremos em conta o local das poses e sua escala na superfície da imagem. Alguns dos desenvolvimentos desse trabalho podem ser encontrados em outros textos de Adrien Delière<sup>15</sup>.

<sup>15</sup>Ver Delière (2024).

## GERAÇÃO DE NOVAS IMAGENS

Após a análise computacional de *big data*, chegamos à segunda parte deste artigo sobre a *geração automática e algorítmica de novas imagens*. Nesse caso, é a máquina que enuncia por meio de nossas instruções, traduzindo-as da linguagem verbal para a linguagem visual. Mas ela também pode fazer o oposto, como já dissemos: descrever

uma imagem em linguagem verbal. Nesse aspecto, as possibilidades enunciativas de geradores como o Midjourney são bastante amplas para cada direção de tradução (verbal ↔ visual): é possível mudar o estilo de uma foto, misturar vários deles ou fundir imagens de artistas diferentes. No entanto, cada nova imagem começa com outro tipo de tradução, mais fundamental: a tradução da imagem e do texto verbal em números. A capacidade de manipulação da imagem, adquirida dessa forma, permite que a IA generativa produza novas imagens automaticamente, usando bancos de dados e métodos de aprendizado de máquina. Essas novas imagens são geradas por operações realizadas em todas as imagens já produzidas, que são armazenadas e anotadas de acordo com o estilo, o autor e o gênero nos bancos de dados disponíveis (WikiArt, Artsy, Google Art and Culture etc.).

Os modelos de geração de imagens usam um componente *large language models*<sup>o</sup>, ou, pelo menos, um modelo que entenda a linguagem natural (por exemplo, *CLIP – contrastive language-image pre-training*<sup>j</sup>), para transformar *prompts* (comandos) em *embeddings* (listas de números) que podem ser usados pela máquina<sup>16</sup>. As listas de números que descrevem imagens são vinculadas a listas de números que identificam textos em linguagem natural. Esses modelos de aprendizado, responsáveis pela tradução entre linguagens verbais e visuais são determinados pela organização do conteúdo do banco de dados.

A produção de uma série de imagens exige que o utilizador execute várias operações<sup>17</sup>. Quando uma instrução é dada ao Midjourney, são obtidas, por padrão, quatro versões dessa instrução verbal, que diferem entre si em termos de intensidade da luz, posicionamento dos objetos etc. O experimentador deve escolher a melhor e decidir – ou não – continuar buscando a imagem ideal, dando instruções adicionais para modificar a versão escolhida. É possível transformar as quatro versões produzidas (que podem ser entendidas como diferentes *otimizações da instrução dada*), escolhendo uma em cada série de quatro, até que o resultado corresponda à imagem almejada pelo experimentador.

Também é necessário lembrar que cada imagem produzida, ou cada conjunto de imagens produzidas, é, do ponto de vista científico (o que me interessa), mais interessante como *amostras de áreas do conjunto de dados do que como imagens isoladas tout court*. Em outras palavras: as imagens produzidas pelos modelos generativos contam mais como extrações de características típicas de *uma região do conjunto de dados*, ou seja, como exemplos de padrões produzidos pelo trabalho dos algoritmos que exploram (Meyer, 2023) determinados domínios do conjunto de dados decididos pelas anotações e operacionalizados pelos *embeddings* do que como imagens estabilizadas e correspondências definitivas entre determinadas palavras e determinadas formas.

<sup>o</sup>(N.T.) Sistemas de inteligência artificial projetados para entender e gerar linguagem natural, treinados em grandes quantidades de texto para aprender padrões linguísticos, permitindo que se execute uma variedade de tarefas relacionadas ao processamento de linguagem, como tradução automática, geração de texto, resumo de documentos, resposta a perguntas etc. Os mais conhecidos são o ChatGPT da OpenAI, e o BERT, da Google.

<sup>16</sup> Isso no caso de modelos para gerar textos verbais, como GPT-3.5, GPT-4, Llama, Claude, PaLM.

<sup>17</sup> Enzo D'Armenio e Adrien Deliége foram atores importantes no desenvolvimento dessas reflexões, tendo participado ativamente dos experimentos.

Mas vamos examinar agora o processo que nos leva a gerar imagens.

Vejam, por exemplo, os estereótipos que a máquina nos apresentou a partir dos extensos bancos de dados sobre os estilos do Renascimento, Barroco, Maneirismo e Rococó: a máquina produz uma *média* de todas as pinturas dos estilos da Renascença, do Barroco, do Maneirismo e do Rococó, conforme a Figura 9.

### Figura 9

Prompt: /Ascensão de Maria Madalena nos estilos da Renascença, Barroco, Maneirismo e Rococó/



Nota. Experimento realizado por Enzo D'Armenio, Adrien Delière e M. G. Dondero (2024), via Midjourney.

Mas há duas coisas que esse processo de transformação de estilos em *médias de várias imagens* singulares não impede: a primeira é que várias médias podem produzir novas formas, conforme demonstrado por muitas competições vencidas por imagens geradas por IA<sup>18</sup> (o que também nos permite valorizar a parte da aleatoriedade que acompanha todas as gerações de imagens); a segunda é que, embora a máquina possa extrair e imitar vários estilos, a “mão” da máquina sempre permanece visível. Assim, podemos estudar a singularidade estilística

<sup>18</sup> Algumas imagens produzidas por máquinas chegaram até mesmo a ganhar prêmios em competições de imagens produzidas por humanos. Esse é o caso da “Feira Estadual do Colorado”, onde Jason Allen venceu o concurso de arte graças ao seu trabalho intitulado *Théâtre d’Opéra Spatial*, produzido com o Midjourney (Geoffre-Rouland, 2022). Outro exemplo de uma obra de arte produzida por inteligência artificial é *Unsupervised*, 2022, de Refik Anadol Studio. Esse projeto usa redes neurais treinadas em um banco de dados de 10 mil obras de arte da coleção do MoMA – Museum of Modern Art. Essa coleção inclui arte de 1870 a 1970, bem como obras de décadas posteriores. Sobre esse tema, indicamos o trabalho de Manovich & Arielli (2021-2024) e o paradoxo que ele destaca haver entre o movimento do modernismo – ao qual as obras do banco de dados pertencem, que visa ao novo e à destruição do antigo – e os algoritmos que as retrabalham.

# D

– o que em semiótica chamamos *opacidade enunciativa* (Marin, 1993) – da mão da máquina devido ao fato de conhecermos os estilos de referência com base nos quais a máquina trabalha<sup>19</sup>.

<sup>19</sup>Sobre a diferença entre Midjourney e DALL-E com base em seus respectivos resultados, consulte D'Armenio, Dondero, Deliège e Sarti (no prelo). Esse artigo compara vários parâmetros: a maneira como os dois modelos respondem a solicitações sobre categorias plásticas (forma, cor, topologia), sobre a relação generalidade/especificidade, sobre a temporalidade na imagem estática e assim por diante. Para uma comparação dos bancos de dados de Midjourney e DALL-E por meio de testes em iconografias pictóricas, como "Suzana e os anciãos", consulte D'Armenio et al. (2024).

<sup>20</sup>Essa dimensão é aparentemente muito importante para a máquina, mas foi relativamente ignorada na semiótica até os desenvolvimentos teórico-metodológicos relativo aos suportes.

O experimentador, se for um programador, pode decidir refinar (ajustar) uma rede neural por meio de anotações, construindo correspondências mais precisas entre as listas de números que identificam as descrições em linguagem natural e as listas de números que identificam as imagens. De nossa parte, para tornar a produção de imagens mais próxima de nossos objetivos e, assim, minimizar o viés ou o ruído gerado por bancos de dados excessivamente genéricos, podemos, no máximo, refinar nosso *prompt* fornecendo-lhe mais indicações. Outro modo de criar restrições que limitam a generalidade dos resultados é indicar explicitamente a técnica a ser usada, como /desenho a giz/, /pintura a óleo/, /afresco/<sup>20</sup> etc., além, é claro, de precisar um ou mais estilos pictóricos.

Também pedimos ao Midjourney que gerasse imagens típicas de Van Gogh, por meio do *prompt*: /uma paisagem no estilo de Van Gogh/ (Figura 10). Rapidamente percebemos que seria difícil nos livrar de determinados objetos, sobretudo o sol.

**Figura 10**

*Prompt: /uma paisagem no estilo de Van Gogh/*



*Nota.* Experimento realizado por Enzo D'Armenio, Adrien Deliège e M. G. Dondero (2024), via Midjourney.

Isso porque, provavelmente, essa figura é considerada um recurso predominante na obra de Van Gogh (a depender das correspondências entre as incorporações das imagens e das descrições das imagens que foram codificadas). Uma primeira tentativa, talvez “ingênua”, de fazer o sol desaparecer foi adicionar */without sun/* (sem sol) ao *prompt*:

**Figura 11**

*Prompt: /uma paisagem no estilo de Van Gogh without sun without moon/*



*Nota.* Experimento realizado por Enzo D'Armenio, Adrien Delière e M. G. Dondero (2024), via Midjourney.

Podemos ver que as imagens mantêm o sol (ou uma lua?, é difícil dizer), pois o Midjourney não foi projetado para distinguir entre os significados positivo e negativo das nossas solicitações. Conforme indicado na documentação do Midjourney, de fato, uma palavra que aparece no *prompt* tem mais probabilidade de ser representada na imagem. Descobrimos que para se livrar de um elemento, o usuário precisa usar o *comando especial minus minus* (--), em outras palavras: “*/--no sun --no moon/*” (Figura 12) sem passar por mudança do *prompt*.

Figura 12

Prompt: /Landscape in Van Gogh Style --no sun, moon/, 2023



Nota. Experimento realizado por Enzo D'Armenio, Adrien Delière e M. G. Dondero (2024), via Midjourney.

<sup>21</sup>O Midjourney também introduziu recentemente uma ferramenta para modificar apenas uma parte ou região da imagem produzida, previamente selecionada pelo experimentador (*vary region*): basta circular a parte a ser modificada e inserir um *prompt* que atenda às necessidades do experimentador. Trata-se de um avanço, pois as modificações por esse comando são muito mais eficientes do que modificar diretamente um *prompt*, é claro, se o que se busca é realizar modificações localizadas. Por exemplo, se já tivermos gerado um homem segurando uma raquete de pingue-pongue na mão esquerda e quisermos que ele segure uma raquete de tênis, será (na nossa opinião, mas é passível de teste) mais eficiente usar a nova funcionalidade selecionando a raquete e inserindo o *prompt* /raquete de tênis/, do que refazer um *prompt* inteiro que especifique tudo isso. Além do quê, refazer um *prompt* completo poderia modificar a imagem mais do que o desejado.

Consideramos esse exemplo muito significativo porque entendemos que a negação em imagens é produzida exclusivamente por ir além do *prompt* e do nível de tradução que a máquina pode fornecer atualmente entre o *prompt* e a forma visual. Portanto, precisamos usar comandos que nos permitam agir diretamente na imagem sem passar pelo processo de tradução<sup>21</sup>.

Do ponto de vista da enunciação enunciada, ou seja, da maneira como o ato de produção se reflete no enunciado produzido, o Midjourney é capaz de usar um estilo para cada pintor e para cada pintura que se quer produzir. No caso de Van Gogh, por exemplo, o Midjourney usa a textura típica do pintor e imita uma motricidade sensorial que é bastante semelhante ao ritmo de seu toque. No entanto, a máquina tem *seu próprio estilo* que se aproxima, a nosso ver, do expressionismo pictórico americano dos anos 1970.

### Misturar estilos para testar história da arte

No nosso caso, o que é particularmente importante é testar a mistura de diferentes estilos de pintores de acordo com suas características e refletir sobre várias situações relevantes que surgem com relação à composição. As imagens

geradas por computador nos permitem entender como grandes obras de artistas do passado podem ser misturadas e, em alguns casos, apontar os estereótipos mais comuns de cada artista ou movimento artístico. Mas podemos perguntar: por que misturar estilos? Qual é o objetivo dessa mistura? Assim, podemos testar quais são os estereótipos de pintores famosos que o banco de dados aprendeu e testar combinações de estilos que revelam, pelo menos em parte, como os algoritmos trabalham na tradução entre as linguagens verbal e visual. Mas como lidamos com o fato de que a máquina pode produzir estilos ou montá-los juntos?

Como afirmou Wilf (2013) em um artigo inspirado na semiótica peirciana, escrito dez anos antes da difusão do ChatGPT e do Midjourney, intitulado “From Media Technologies That Reproduce Seconds to Media Technologies That Reproduce Thirds: A Peircean Perspective on Stylistic Fidelity and Style-Reproducing Computerized Algorithms”:

Ao contrário de um CD ou um arquivo MP3, que são tecnologias de reprodução, esses sistemas generativos não reproduzem textos específicos, ou Segundos, mas estilos, ou Terços (GENERALIDADE). Seu objeto de reprodução é o princípio da generatividade, responsável pela produção de textos específicos que são objeto de reprodução do tipo de tecnologias de mídia que tradicionalmente têm estado no centro da pesquisa antropológica linguística e semiótica. *A reprodução de estilo desses sistemas consiste tanto em sua capacidade de abstrair um estilo de um corpus de Segundos quanto de gerar Segundos ou textos novos e diferentes nesse estilo, indefinidamente* [ênfase adicionada]. (p. 186)<sup>22</sup>

Sem dúvida, é apenas por meio das formas já conhecidas e estabelecidas em nossa percepção cultural que é possível entender o trabalho da máquina – não apenas o grau de sua tão questionada “criatividade”, mas também a maneira pela qual ela transforma as formas que conhecemos em médias. Os experimentos de Lev Manovich (publicados no Facebook em 2023) e de Manovich e Emanuele Arielli (2021-2024) são bastante convenientes nesse sentido: neles, as figuras de Bosch mudam de acordo com as posições ocupadas na paisagem, cujas coordenadas são dadas por padrões geométricos inspirados em Malevich, conforme Figura 13.

Se observarmos outra produção de Manovich e Arielli (2021-2024), que mistura Brueghel e Kandinsky (Figura 14), parece-nos ser possível argumentar que artistas abstracionistas como Malevich e Kandinsky são usados pela máquina como paisagistas. Como se vê a seguir, eles acabam determinando a topologia geral da imagem, que acomoda as figuras de pintores como Bosch e Brueghel, tradicionalmente considerados paisagistas. Em outras palavras, se observarmos

<sup>22</sup>No original: “Thus, although these systems, much like a CD or an MP3 file, are technologies of reproduction, they do not reproduce specific texts, or Seconds, but styles, or Thirds. Their object of reproduction is the principle of generativity that is responsible for producing the specific texts that are the object of reproduction of the kind of media technologies that have traditionally stood at the center of linguistic and semiotic anthropological research. These systems’ reproduction of style consists both in their ability to abstract a style from a corpus of Seconds and to generate new and different Seconds or texts in this style, indefinitely so”. Esta tradução, dos autores.

a história da arte, há uma inversão de papéis: tradicionalmente, os pintores abstratos não são considerados artistas de paisagem, porque esse conceito não é mais relevante nesse contexto. No entanto, o trabalho da máquina usa esses pintores abstratos como estruturas que abrangem figuras inspiradas em pintores de paisagens reais, como Brueghel e Bosch.

**Figura 13**

*Experimento com o prompt: /pintado por Malevich e Bosch/*



Nota. Manovich e Arielli (2021-2024) via Midjourney.

**Figura 14**

*Experimento com o prompt: /pintado por Brueghel e Kandinsky/*



Nota. Manovich & Arielli (2021-2024) via Midjourney.

Também buscamos misturar alguns estilos pictóricos. Os resultados são frustrantes e, em alguns casos, divertidos. Um exemplo é a mistura entre Da Vinci e Rothko. Esses dois pintores, separados por alguns séculos, foram reconhecidos

como especialistas em perspectiva atmosférica e em contornos imprecisos e camadas de cor, respectivamente. Alguns dos resultados foram decepcionantes, por exemplo: a máquina nos forneceu uma Mona Lisa sobreposta banalmente por um triângulo vermelho-Rothko. Todavia, obtemos resultados mais interessantes quando os estratos de cor de Rothko, por vezes beirando a transparência, apareceram sobrepostos à perspectiva atmosférica de Da Vinci (Figura 15).

**Figura 15**

*Mona Lisa de L. Da Vinci + prompt: /Mona Lisa no estilo Rothko/*



*Nota.* Experimento realizado por D'Armenio, Deliège e Dondero (2024), via Midjourney 4.

Nessas quatro imagens, podemos notar que a adição de desfoque e de transparência transforma a paisagem de Da Vinci: de desfocada (em função da distância imposta pela perspectiva) em nítida, lembrando, neste último caso, as pinturas americanas hiper-realistas da década de 1970. Considerando todos esses experimentos, resta-nos o seguinte questionamento: o Midjourney é programado para atingir, sempre, um equilíbrio entre o desfocado e o nítido, o impreciso e o detalhado? Em última instância, vemos que é somente por meio da produção de uma infinidade de imagens, da mistura de estilos e de técnicas de produção – ou seja, somente reiterando nossas solicitações – que seremos capazes de compreender o espaço de linguagem/virtualização que está por trás dessas produções. É a partir de uma infinidade de imagens geradas automaticamente

que estaremos aptos a construir hipóteses sobre o banco de dados no qual Midjourney foi treinado e, portanto, sobre seu modelo (mantido sob segredo).

Do ponto de vista da práxis enunciativa, do mecanismo formal de renovação e alimentação das culturas, esse processo é operacionalizado por meio de seus modos de existência. O banco de dados desempenha o processo de virtualidade/virtualização das formas, pois as imagens dos pintores que ele contém, no caso do Midjourney, podem ser vistas como formas sedimentadas de nossa cultura visual ocidental. Já os procedimentos que desencadeamos via *prompts* podem ser vistos como uma etapa de atualização realizada nas imagens geradas. No que diz respeito à potencialização, as palavras que produzimos, ou seja, os enunciados gerados por meio de nossos *prompts*, não serão – talvez nunca – imediatamente sedimentados e aceitos no banco de dados, que é estabilizado, fixo. Afinal, teríamos de nos tornar artistas reconhecidos para podermos realizar esse feito e, assim, participar da transformação daquilo que está sedimentado nos bancos de dados e, por extensão, na própria cultura.

## CONCLUSÕES E ABERTURAS

Terminamos nossa pesquisa principalmente com perguntas. A primeira diz respeito à tradução palavra-imagem: como podemos explicar que uma inteligência generativa pode produzir uma imagem coerente em termos de composição a partir de uma solicitação verbal? A segunda, que está estreitamente relacionada à primeira, diz respeito à percepção da máquina: que tipo de percepção caracteriza a máquina geradora de imagens? Que tipo de percepção permite que ela construa uma composição bidimensional não absurda e até mesmo coerente? É uma percepção que depende dos conjuntos de dados de imagens usados no estágio de treinamento e, portanto, das imagens que relacionam a “visão” de outros, uma “visão” que é distribuída dentro do conjunto de dados? Obviamente, essa é uma percepção que calcula a média de todos os “estímulos recebidos” pelos diferentes conjuntos de dados. Como qualquer percepção, esta da máquina certamente deve ser acompanhada por uma orientação e um horizonte que, nesse contexto, é dado pelo *prompt*, que tem a tarefa de acionar os bancos de dados. Além disso, esse tipo de percepção que monta o banco de dados é manipulado por algoritmos que o direcionam. Mas que tipo de percepção é essa, já que a máquina não tem corpo nem sensações?

Embora não possamos dar uma resposta definitiva a essas perguntas muito gerais<sup>23</sup>, que talvez possamos responder daqui a alguns anos, quando as inteligências artificiais generativas forem mais amplamente usadas e mais bem estudadas, podemos afirmar algumas coisas que nos parecem certas: os resultados

<sup>23</sup> Algumas respostas provisórias sobre a percepção podem ser encontradas em D'Armenio et al. (2024) e D'Armenio, Deliège e Dondero (no prelo).

não podem ser entendidos exclusivamente com base no funcionamento estatístico-computacional estrito, mas também em outros fatores mais socialmente pertinente. Mencionarei apenas dois deles aqui, no início e no final da cadeia de transformação/tradução. Esses dois fatores dizem respeito a:

- (i) habilidades dos programadores em percepção humana e a ideologias envolvidas, com os programadores determinando as correspondências entre as representações numéricas aprendidas pelos modelos, na forma de listas de números chamadas de *embeddings*, e as modalidades verbais e visuais;
- (ii) objetivos dos usuários desses modelos, que podem ser estéticos, artísticos, comerciais ou científicos.

Em outras palavras, e para resumir: precisa-se estudar quais operações culturais estão em ação na transição entre as correspondências palavra-imagem produzidas pelos programadores (a fase de incorporação) e a circulação de imagens geradas automaticamente (a fase de implementação diante de um público). ■

## REFERÊNCIAS

- Beyaert-Geslin, A. (2017). *Sémiotique du portrait: De dibutade au selfie*. De Boeck Supérieur.
- Colas-Blaise, M. (2019). Comment penser la narrativité dans l'image fixe? La "composition cinétique" chez Paul Klee. *Pratiques*, 181-182. <https://doi.org/10.4000/pratiques.6097>
- D'Armenio, E., Deliège, A., & Dondero, M. G. (2024). Semiotics of Machinic Co-Enunciation About Generative Models (Midjourney and DALL·E), *Signata*, 15. <https://doi.org/10.4000/127x4>
- D'Armenio, E., Deliège, A., & Dondero, M. G. (no prelo). A semiotic methodology for assessing the compositional effectiveness of generative text-to-image models (Midjourney and DALL·E). In *Proceedings of the 1st workshop on critical evaluation of generative models and their impact on society, ECCV 2024*. Springer. <https://orbi.uliege.be/handle/2268/321378>
- D'Armenio, E., Dondero, M. G., Deliège, A., & Sarti, A. (no prelo). Criteria for image generation. For a semiotic approach to Midjourney and DALL·E. *Semiotic Review*.
- Deliège, A. (2024). Advances on the F.R.S.-FNRS research project "Towards a Genealogy of Visual Forms": On character poses in paintings. *Centre de Sémiotique et Rhétorique*. <https://ceserh.hypotheses.org/3929>

- Deliège, A., & Dondero, M. G. (no prelo). The Semiotic and Computational Analysis of Represented Poses in Painting and Photography. In P. Conte, A.C. Dalmaso, M.G. Dondero & A. Pinotti (Orgs.), *Algomedia. The Image at the Time of Artificial Intelligence*. Cham; Springer.
- Dondero, M. G. (2017a). Barthes entre sémiologie et sémiotique: le cas de la photographie. In J.-P. Bertrand (Org.), *Roland Barthes: Continuités* (pp. 365-393). Christian Bourgois.
- Dondero, M. G. (2017b). The Semiotics of Design in Media Visualization: Mereology and Observation Strategies. *Information Design Journal*, 23(2), 208-218. <https://doi.org/10.1075/idj.23.2.09don>
- Dondero, M. G. (2019a). *Le travail des algorithmes. Quelques réflexions sur l'actantialité et l'énonciation* [Apresentação de trabalho]. Conferência da Associação Francesa de Semiótica. <https://core.ac.uk/outputs/220155468/>
- Dondero, M. G. (2019b). Visual semiotics and automatic analysis of images from the Cultural Analytics Lab: how can quantitative and qualitative analysis be combined? *Semiotica*, 230, 121-142. <https://doi.org/10.1515/sem-2018-0104>
- Dondero, M. G. (2020). *The Language of Images. The Forms and the Forces*. Springer.
- Dondero, M. G. (2022). P.D.R. F.N.R.S. Towards a genealogy of visual forms. *Centre de Sémiotique et Rhétorique*. <https://ceserh.hypotheses.org/p-d-r-towards-a-genealogy-of-visual-forms>
- Dondero, M. G. (2023). Emerging Faces: The Figure-Ground Relation from Renaissance Painting to Deepfakes. In M. Leone (Org.), *The hybrid face: Paradoxes of the visage in the digital era* (pp. 74-86). Routledge.
- Dondero, M. G. (2024). The Face: Between Background, Enunciative Temporality and Status. *Reti, Saperi, Linguaggi: The Italian Journal of Cognitive Sciences*. <https://www.rivisteweb.it/doi/10.12832/113797>
- Dondero, M. G. (no prelo). Enunciación temporal en imágenes fijas. *Tópicos del seminario*.
- Dondero, M. G., Rodrigues de Castro, G. H., & Schwartzmann, M. N. (2024). Inteligência artificial e enunciação: Análise de grandes coleções de imagens e geração automática via Midjourney. *Todas as Letras*, 26(2), 1-24. <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/17164>
- Eco, U. (1984). *Semiotica e filosofia del linguaggio*. Einaudi.
- Focillon, H. (1934). *Vie de formes*. Presses Universitaires de France.
- Fontanille, J. (1989). *Les espaces subjectifs. Introduction à la sémiotique de l'observateur*. Hachette.
- Fontanille, J. (1998). *Sémiotique et littérature. Essais de méthode*. Presses Universitaires de France.

- Fontanille, J. (1999). *Sémiotique du discours*. Presses Universitaires de Limoges.
- Fontanille, J., & Zilberberg, C. (1998). *Tension et signification*. Mardaga.
- Geoffre-Rouland, A. (2022, 2 de setembro). Midjourney: une œuvre d'art générée par l'IA remporte un concours et suscite l'indignation. *Tom's Guide*. <https://www.tomsguide.fr/polemique-une-oeuvre-dart-generee-par-lia-remporte-un-concours-les-artistes-sindignent/>
- Goodman, N. (1976). *Languages of art: An approach to a theory of symbols*. Hackett Publishing Company.
- Greimas, A. J. (1984). Sémiotique figurative et sémiotique plastique. *Actes Sémiotiques Documents*, (60). <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/3848>
- Groupe µ. (1998). L'effet de temporalité dans les images fixes. *Texte*, (21-22), 41-69.
- Impett, L. (2020). Analyzing Gesture in Digital Art History. In K. Brown (Org.), *Routledge Companion to Digital Humanities and Art History* (pp. 386-406). Routledge.
- Impett, L., & Moretti, F. (2017). Totentanz. Operationalizing Aby Warburg's Pathosformeln. *Literary Lab Pamphlet*, (16). <https://litlab.stanford.edu/LiteraryLabPamphlet16.pdf>
- Lassègue, J. (2017). *Turing* (G. J. F. Teixeira, Trad.). Estação Liberdade.
- Manovich, L. (2011, 4-6 de agosto). Style space: How to compare image sets and follow their evolution. *Manovich*. <https://manovich.net/index.php/projects/style-space>
- Manovich, L. (2015). Data Science and Digital Art History. *International Journal for Digital Art History*, 1(1), 3-35.
- Manovich, L. (2017). The Science of Culture? Social Computing, Digital Humanities and Cultural Analytics. In M. K. Schäfer, K. Vanes (Orgs.), *The Datafied Society. Studying Culture through Data*. AUP.
- Manovich, L. (2020a, 22 de novembro). Computer Vision, Human Senses, and Language of Art. *AI & Society*. [http://manovich.net/content/04-projects/109-computer-vision-human-senses-and-language-of-art/manovich\\_computer\\_vision.pdf](http://manovich.net/content/04-projects/109-computer-vision-human-senses-and-language-of-art/manovich_computer_vision.pdf)
- Manovich, L. (2020b). *Cultural Analytics*. MIT Press.
- Manovich, L., & Arielli, M. (2021-2024). *Artificial Aesthetics: Generative AI, Art and Visual Media*. <http://manovich.net/index.php/projects/artificial-aesthetics>
- Manovich, L., & Douglass, J. (2009). Timeline. 4535 Time Magazine Covers, 1923-2009. *Cultural Analytics Lab*. <http://lab.culturalanalytics.info/2016/04/timeline-4535-time-magazine-covers-1923.html>
- Manovich, L., Douglass, J., & Zepel, T. (2011). How to Compare One Million Images? In D. Berry (Org.), *Understanding Digital Humanities* (pp. 249-278). Palgrave Macmillan.

- Marin, L. (1993). *De la représentation*. Seuil.
- Meyer, R. (2023). The New Value of the Archive: AI Image Generation and the Visual Economy of 'Style'. *IMAGE. Zeitschrift für interdisziplinäre Bildwissenschaft*, 19(1), 100-111. <http://dx.doi.org/10.25969/mediarep/22314>
- Pinotti, A. (2001). *Il corpo dello stile: Storia dell'arte come storia dell'estetica a partire da Semper, Riegl, Wölfflin*. Mimesis.
- Petitot, J. (2004). *Morphologie et esthétique*. Maisonneuve et Larose.
- Santaella, L., & Kaufman, D. (2024). A Inteligência artificial generativa como quarta ferida narcísica do humano. *MATRIZES*, 18(1), 37-53. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i1p37-53>
- Thom, R. (1983). Local et global dans l'œuvre d'art. *Le Débat*, 2(24), 73-89.
- Warburg, A. (2012). *L'Atlas Mnémosyne*. Éditions Atelier de l'écarquillé.
- Wilf, E. Y. From Media Technologies That Reproduce Seconds to Media Technologies That Reproduce Thirds: A Peircean Perspective on Stylistic Fidelity and Style-Reproducing Computerized Algorithms. *Signs and Society*, 1(2), 185-211. <https://doi.org/10.1086/671751>

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.

# O futuro no rosto: da fisionomia à inteligência artificial<sup>a</sup>

## *The future in the face: of physiognomy to artificial intelligence*

MASSIMO LEONE<sup>b</sup>

Universidade de Turim. Turim, Itália

### RESUMO

Este artigo analisa a semiótica cultural da matemática como linguagem baseada na cognição humana, mas frequentemente usada como retórica tendenciosa. Ao invés de apenas estruturar a realidade, confere comensurabilidade e precisão a domínios ideológicos. Foca-se na medição matemática do corpo, especialmente cabeça e rosto, práticas que, desde o Iluminismo, tentaram objetivar preconceitos racistas. A mensuração facial buscava definir beleza, inteligência e moralidade, mas serviu como ferramenta de controle biopolítico. A análise revela que o preconceito não está nas medições, mas na decisão de medir.

**Palavra-chave:** Matemática, semiótica, rosto, medição, racismo

### ABSTRACT

This article analyzes the cultural semiotics of mathematics as a language based on human cognition, but often used as a biased rhetoric. Instead of merely structuring reality, it attributes commensurability and precision to ideological domains. It focuses on the mathematical measurement of the body, especially the head and face, practices which, since the Enlightenment, sought to objectify racist prejudices. Facial measurement aimed to define beauty, intelligence, and morality but served as a tool for biopolitical control. The analysis reveals that prejudice lies not in the measurements themselves, but in the decision to measure.

**Keywords:** Mathematics, semiotics, face, measurement, racism

<sup>a</sup>Este ensaio é o resultado de um projeto financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do programa de investigação e inovação Horizonte 2020 da União Europeia (acordo de subvenção nº 819649-Facets). Uma versão anterior deste texto, em inglês, foi publicada como Leone (2022). Esta versão foi apresentada pela primeira vez em 5 de julho de 2024 no Congresso da FELS "Semiótica do futuro, futuro da semiótica", na Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo. Muito obrigado a Clotilde Perez pela oportunidade. O último rascunho deste artigo foi produzido durante uma estadia como Senior Fellow no HIAS, Instituto de Estudos Avançados de Hamburgo.

<sup>b</sup>Professor de Filosofia da Comunicação na Universidade de Turim e Diretor do Centro de Ciências Religiosas da Fundação Bruno Kessler em Trento. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8144-4337>. E-mail: [massimo.leone@unito.it](mailto:massimo.leone@unito.it).

# D

## O futuro no rosto: da fisionomia à inteligência artificial

<sup>1</sup>No original: “Alle sind gleichmäßig zur Freiheit bestimmt”. Esta e demais traduções, do autor.

*“Todos estão igualmente destinados a ser livres”<sup>1</sup>*  
(Humboldt, 1845, tradução nossa).

NESTE ARTIGO, EXAMINA-SE a evolução das práticas de medição e cálculo do rosto humano desde a fisionomia e craniometria do Iluminismo até as tecnologias contemporâneas de inteligência artificial, oferecendo uma análise crítica sobre como essas práticas refletem e reforçam ideologias de poder e controle. Por meio de uma abordagem semiótica cultural, o texto expõe como a “matematização do rosto” – iniciada como uma tentativa de traduzir características humanas em dados objetivos e quantificáveis – serviu historicamente como uma ferramenta para justificar hierarquias sociais e raciais, atribuindo uma falsa aura de precisão científica a critérios intrinsecamente arbitrários e culturalmente condicionados.

A conexão com a “semiótica do futuro” (Pérez & Pompeu, 2024) emerge quando se considera o impacto das tecnologias digitais e algoritmos de inteligência artificial na redefinição do que significa ser humano. No mundo atual, onde rostos são mapeados, analisados e categorizados por sistemas de reconhecimento facial, a matemática e os modelos algorítmicos continuam a desempenhar um papel central na construção de significados sociais. Esses sistemas, ao traduzirem a complexidade das expressões faciais em padrões matemáticos, perpetuam a ilusão de neutralidade científica enquanto, na realidade, podem reforçar preconceitos preexistentes, automatizando exclusões e discriminando indivíduos com base em métricas que historicamente foram usadas para marginalizar.

O “futuro semiótico” que o artigo propõe implica uma crítica robusta a essa tendência: ao invés de ver a inteligência artificial e a análise de dados como meras ferramentas de precisão, é crucial entendê-las como campos semióticos, nos quais os significados são constantemente produzidos, negociados e, muitas vezes, contestados. A matemática, que deveria ser um instrumento de compreensão e avanço, é frequentemente transformada em uma retórica que oculta decisões ideológicas, naturalizando-as sob a aparência de inevitabilidade tecnológica. Nesse sentido, a semiótica do futuro deve se empenhar em desvelar as camadas ideológicas e culturais que estruturam o uso da matemática e dos algoritmos na interpretação e manipulação do rosto humano, questionando como essas práticas moldam novas formas de identidade, cidadania e controle social no século XXI.

A matemática é a linguagem por meio da qual os seres humanos se comunicam com as máquinas. As máquinas podem ser equipadas com sensores, mas

os estímulos que recebem do ambiente têm de ser traduzidos em números. O cérebro humano também processa principalmente números. Não recebe o ambiente tal como ele é, mas por um processo de codificação que transforma a realidade em modelos. Também a realidade é estruturada. A física procura descobrir a matemática do universo; a biologia, a matemática da vida. O âmbito das ciências naturais está a alargar-se, mas muitas coisas não estão estruturadas. Ainda não sabemos se isso se deve ao fato de os modelos não existirem, se ainda não foram descobertos ou se a cognição humana é incapaz de os compreender. A investigação prossegue, alargando o domínio das ciências naturais. Os estudos sociais e mesmo as ciências humanas procuram descobrir padrões no comportamento humano, embora eles pareçam muitas vezes demasiado complexos para serem traduzidos em matemática. É muito mais simples matematizar os movimentos de um planeta do que os de um recém-nascido. Em alguns casos, o comportamento humano é tão complicado que a matemática disponível não consegue descrever os seus padrões. É necessária uma matemática nova e mais complexa. Os padrões do universo evoluem, tal como as estratégias humanas para captar essas regularidades. Na maior parte das ciências sociais e humanas, a complexidade excede o âmbito da matemática atual. Além disso, o cálculo atual é tão sofisticado que só as máquinas podem manipular as suas fórmulas.

Certas ciências humanas e sociais baseiam-se na possibilidade de estruturar os seus objetos de estudo, outras não. O diálogo entre estas últimas e a matemática é, por conseguinte, impossível. Por outro lado, é possível uma colaboração difícil entre a matemática e as primeiras. A linguística moderna é uma tentativa de encontrar modelos numa esfera fundamental da existência e da atividade humana, a saber, a linguagem. A semiótica estende a mesma atitude a uma esfera mais alargada, que diz respeito não só à linguagem verbal, mas também a outros sistemas de significação e de comunicação. De acordo com a definição de Margaret Mead<sup>2</sup> (2015, p. 275), a semiótica é precisamente o estudo da “comunicação estruturada”:

Goffman desafiou-nos a dizer o que estamos a fazer, e penso que estamos a trabalhar num campo que acabará por incluir o estudo de todas as formas de comunicação em todas as modalidades, das quais a linguística é a mais avançada tecnicamente. Se tivéssemos uma palavra para designar a comunicação estruturada em todas as modalidades, seria útil. Não sou suficientemente especialista nesta área para saber que palavra usar, mas muitas pessoas aqui, que pareciam estar em lados opostos, usaram a palavra “semiótica”. Parece-me que esta é a única palavra que, de uma forma ou de outra, foi utilizada por pessoas que defendem posições muito diferentes.<sup>3</sup>

<sup>2</sup>Filadélfia, PA, 16 de dezembro de 1901–Nova Iorque, NY, 15 de novembro de 1978.

<sup>3</sup>No original: “We have been challenged by Dr. Goffman to say what we are doing and we are, I think, conceivably working in a field which in time will include the study of all patterned communication in all modalities, of which linguistics is the most technically advanced. If we had a word for patterned communications in all modalities, it would be useful. I am not enough of a specialist in this field to know what word to use, but many people here, who have looked as if they were on opposite sides of the fence, have used the word ‘semiotics’. It seems to me the one word, in some form or other, that has been used by people who are arguing from quite different positions.”  
Todas as traduções no texto são do autor, exceto quando especificamente indicado.

Quanto mais os estudos sociais e as humanidades adotarem uma metalinguagem estruturada, mais poderão dialogar com a matemática e as ciências naturais. A biossemiótica é, afinal, uma tentativa de usar a metalinguagem da semiótica para compreender os padrões da vida. Desse ponto de vista, a biossemiótica apresenta-se como uma nova matemática da vida, adotando uma metalinguagem capaz de captar padrões que a matemática tradicional, ou mesmo as novas linguagens matemáticas, não conseguiriam.

A matemática é uma tentativa de descrever modelos abstratos da cognição humana. Por conseguinte, não surpreende que exista uma continuidade entre a matemática, o ambiente, os seres humanos e as máquinas. Os seres humanos são o resultado de uma evolução natural. A matemática é o resultado da sua cognição. As máquinas são o resultado da estruturação do ambiente pelo homem, por meio da cognição e da matemática. Existe, portanto, uma continuidade entre a matemática, a natureza, o ser humano e a máquina.

No entanto, tal continuidade é ela própria descontínua, ou assim parece. As regularidades que os humanos veem no universo são apenas aquelas que a cognição humana é capaz de apreender, uma cognição que deriva do universo, mas não pode ser assimilada a ele. As máquinas modelam tanto a natureza como a cultura, mas o seu campo de ação é também limitado pela matemática humana. A inteligência artificial é mais rápida e mais ampla do que a inteligência humana, mas a sua cognição parece ser limitada pela matemática com que os humanos modelam a sua própria cognição e pela medida em que a conseguem integrar nas máquinas. Por vezes, a redução da complexidade gera novas formas de inteligência. Pode presumir-se que a maior parte das ciências humanas – da religião à literatura, da filosofia às artes – são o resultado não intencional dos limites da matemática humana. Se tais limites são intrínsecos e intransponíveis, como as ciências humanas frequentemente afirmam, ou extrínsecos e contingentes, como as ciências naturais tendem a defender, tem sido objeto de debate durante séculos. No entanto, é importante sublinhar que, assim como a ignorância humana dos modelos da natureza deu origem tanto aos poetas quanto aos “terraplanistas” (indivíduos que ainda hoje acreditam que a Terra é plana), os limites das máquinas se traduzem não só em serendipidade algorítmica, mas também, e sobretudo, em preconceito.

### **MODELOS, CÁLCULOS E MEDIÇÕES DO CORPO HUMANO**

Há muito que os seres humanos procuram descobrir padrões nos seus corpos. A medicina surgiu de uma tentativa de tratar as suas irregularidades e disfunções; desenvolveu-se como uma procura de regularidades nas irregularidades

corporais. Muitas doenças ainda estão fora do alcance da medicina, porém, ela procura compreendê-las por meio de novas matemáticas e novas máquinas. Quando a medicina começou a contar, deu um passo essencial. O objetivo era compreender as regularidades do comportamento do corpo humano, ou seja, os seus ritmos médios, mas também as irregularidades que o perturbavam, provocando dor, doença e, por vezes, a morte. Mas, também nesse domínio, surgiram reduções restritivas e preconceitos. Alguns deles ainda estão muito presentes, por exemplo, na psiquiatria. Foram causados muitos danos ao tentar normalizar alegadas irregularidades no comportamento psicológico humano. Noutras circunstâncias, ainda não foram encontrados padrões regulares: no desenvolvimento do cancro, por exemplo.

Em todo caso, a medicina moderna sem a contagem não existiria. Se a doença continuasse a ser interpretada como o resultado de um organismo misterioso e incontrolável, pouco haveria a fazer, exceto tentar apaziguá-lo com o uso de meios igualmente irracionais, como as orações ou a magia. Em contrapartida, a contagem permitiu que os sintomas aparecessem como sinais típicos da medicina moderna. Os sintomas não são mais do que fenômenos que indicam que uma regularidade do corpo foi perturbada por um organismo interno ou externo. Os sintomas aparecem como a expressão sensível de uma diferença, de algo que quebra uma regularidade do corpo. Ao interpretar corretamente um sintoma, a medicina pode diagnosticar uma doença, o que dá origem a outros estudos de padrões, como os da doença, da terapia, da convalescença, da cura ou, nos piores casos, os padrões anormais de deterioração do corpo, as regularidades dolorosas da doença crônica ou degenerativa, até à morte, o fim da vida sem padrões.

A medicina antiga começou a observar as regularidades do corpo humano de acordo com as duas dimensões fundamentais do conhecimento humano: o espaço e o tempo. Determinar as regularidades no espaço significava medir; fazê-lo no tempo significava contar. Os dois são frequentemente combinados: um dermatologista avalia o estado da pele de um doente contando e medindo os padrões de pigmentação no tempo e no espaço. No entanto, contar e medir não são a mesma coisa. O sistema cognitivo humano tem a capacidade de abstrair os pontos comuns das singularidades. A contagem não é mais do que um dispositivo mental e linguístico para essa operação; consiste em ver duas maçãs não como uma coleção aleatória de singularidades, mas como os elementos de uma série ordenada. Mas a contagem também pode abstrair-se das suas aplicações e efetuar as suas operações sem referência concreta; os matemáticos exploram as possibilidades potenciais do cálculo, embora elas possam depois ser aplicadas para extrair pontos comuns do ambiente de novas

# D

formas. A cognição humana média pode efetuar tais operações até um certo ponto. Para além dele, mesmo os indivíduos com grande estabilidade mental perdem o controle do cálculo. A contagem requer memória, e a memória humana é limitada. Extrair um ponto comum de uma singularidade, tê-lo em mente enquanto o compara com outro ponto comum extraído de outra singularidade, imaginar a sua adição, subtração, multiplicação ou divisão: tudo isso requer memória. É muito provável que a escrita tenha sido inventada como um dispositivo mnemônico para o cálculo.

O cálculo pode envolver a medição, mas não depende dela. A medição, por outro lado, envolve a contagem. A medição é a operação mental de comparação de espaços entendidos como extensões espaciais. Pode ser feita e tem sido feita de forma impressionista: os seres humanos são dotados da capacidade cognitiva de comparar extensões espaciais. Além disso, todas as línguas contêm palavras para dizer que algo é maior ou menor do que outra coisa. No entanto, a medição moderna começou a ser efetuada sob a forma de aritmética, ou seja, verificando quantas vezes uma determinada unidade de comparação estava contida na extensão espacial a medir. Se a aritmética resulta da comparação sistemática de pontos comuns na dimensão do tempo, a geometria resulta do estudo metódico de pontos comuns na dimensão do espaço. E enquanto a escrita foi inventada como uma mnemônica para a aritmética, os diagramas foram criados como uma mnemônica para a geometria. Assim, ambas as invenções encontraram aplicações muito para além do cálculo e da medição.

Seria impossível começar uma história, ou mesmo uma pré-história, de ambos sem fazer referência ao corpo. Foi no corpo que a cognição humana pôde descobrir o significado da regularidade temporal e espacial: o ritmo da respiração, o ritmo do batimento cardíaco, a relação espacial entre as partes do corpo. O côvado real egípcio (“*meh niswt*”) é a primeira medida padrão atestada. Durante séculos, o côvado continuou a ser a unidade de medida mais comum no Mediterrâneo antigo; o seu comprimento variava consoante a zona geográfica, mas referia-se sempre à mesma parte do corpo, ou seja, o braço, do cotovelo à extremidade do dedo médio estendido. Outras civilizações seguiram o mesmo caminho. Tanto o *Xiao Erya*<sup>4</sup> como o *Kongzi Jiayu*<sup>5</sup> afirmam que as unidades de comprimento derivam do corpo humano. De acordo com os *Registos do Grande Historiador*<sup>6</sup>, essas unidades de comprimento derivadas do corpo humano eram uma fonte de inconsistência, pelo que Yu o Grande<sup>7</sup>, outra figura lendária, unificou os padrões de medição do comprimento. Afinal de contas, os sistemas de contagem decimal e hexadecimal também podiam ser derivados da comparabilidade dos dedos da mão.

<sup>4</sup> Chinês tradicional: 小爾雅; chinês simplificado: 小尔雅; dicionário chinês antigo, supostamente compilado no início da dinastia Han por Kong Fu (chinês: 孔鮒; 264?-208 a.C.), um descendente de Confúcio.

<sup>5</sup> Chinês tradicional: 孔子家語; chinês simplificado: 孔子家; traduzido como *Os ditos da escola de Confúcio* ou *Os ditos da família de Confúcio*, uma coleção dos ditos de Confúcio (*Kongzi*), escrita como um suplemento aos *Analectos*.

<sup>6</sup> Também conhecida pelo nome chinês de *Shiji*, esta história monumental da China antiga e do mundo foi concluída por volta de 94 a.C. por Sima Qian, um oficial da dinastia Han ocidental, depois de ter sido iniciada pelo seu pai, Sima Tan, um grande astrólogo da corte imperial.

<sup>7</sup> 大禹, um rei lendário da China antiga.

O cálculo e a medição foram modelados no corpo, mas também foram aplicados a ele, e não apenas na medicina. O médico grego Praxágoras<sup>8</sup>, da escola de Cós, foi o primeiro a chamar atenção para a importância do pulso arterial no diagnóstico (Wills, 1999); Herófilo<sup>9</sup>, seu discípulo, inventou o *klepsydra*, um relógio de água portátil para medir o pulso dos doentes (Stefanou, 2020); Erasítrato<sup>10</sup> foi o primeiro a contar o pulso como método de detecção de estados mentais<sup>11</sup>. A medição do pulso era uma aplicação do cálculo a uma regularidade do corpo, a um dos seus ritmos. Captar o batimento normal do coração por meio do pulso significava ser capaz de identificar diferenças irregulares nesse ritmo e transformá-las em potenciais sintomas de doença. Erasítrato descobriu que essas mesmas irregularidades podiam ser transformadas em pistas sobre o que alguém estaria escondendo, uma vez que um estado emocional oculto acelerava frequentemente o pulso. Tal observação foi explorada nos séculos seguintes, até à invenção do primeiro polígrafo em 1881 e o seu aperfeiçoamento ao longo do século XX. O corpo tornou-se rapidamente um objeto de cálculo e de medida. Medir o corpo, submeter as suas características ao cálculo significava também, neste caso, extrair os pontos comuns das singularidades e subsumir esses pontos comuns em tipos. Essa tipificação do corpo por meio do cálculo e da medição pode servir diferentes objetivos. Todas elas implicam controle.

<sup>8</sup> Nascido por volta de 340 a.C.

<sup>9</sup> Calcedônia, na Ásia Menor (atual Kadiköy, Turquia), cerca de 335 a.C. –cerca de 280 a.C (Wiltse & Pait, 1998).

<sup>10</sup> Ioullis, na ilha de Céos, cerca de 304–cerca de 250 a.C.

<sup>11</sup> Como Plutarco conta nas suas *Vidas paralelas* (IX), Erasítrato descobriu que a doença de Antíoco se devia ao seu amor impossível pela sogra Estratonice, medindo-lhe o pulso quando estavam na mesma sala; ver Boylan (2007) e Harris (2012).

## MOTIVAÇÃO, CÁLCULO E MEDIÇÃO DO ROSTO HUMANO

Na civilização ocidental em geral, a fisionomia antiga foi talvez a primeira aplicação do cálculo e da medida ao rosto. Nos textos fisionômicos gregos e latinos, essa aplicação é ainda mais impressionista do que precisa, mais subjetiva do que objetiva, mais qualitativa do que quantitativa. No entanto, a ideia de que o rosto podia ser objeto de uma comparação morfológica já estava presente. Os rostos são todos diferentes, mas a sua forma não é totalmente única, porque se diz que certos elementos formais na constituição dos rostos são recorrentes. A fisionomia antiga ainda não produzia uma medida quantitativa do rosto, mas já se preocupava em articular e nomear as suas partes, geralmente utilizando a grelha semântica da linguagem natural; procurava avaliar as proporções; determinar a morfologia de cada parte; extrair pontos comuns espaciais das aparentes singularidades dos rostos; e agrupar esses pontos comuns em clusters. Isso permitiu, por um lado, agrupar as faces singulares em tipos e, por outro, reconhecer as formas dos focinhos dos animais subjacentes a esses tipos. Parecer um leão significa partilhar a sua coragem, mas também partilhá-la com todos os seres humanos que têm o rosto de um leão.

# D

## O futuro no rosto: da fisionomia à inteligência artificial

Mais uma vez, não se tratava ainda de uma verdadeira medida, mas já da ideia de que as faces não são totalmente singulares, e que a sua singularidade é antes o produto da composição singular de elementos que de outra forma seriam comuns. Nasceu o conceito da singularidade do rosto como sendo combinatória, e com ele a ideia de que o estudo da composição formal interna de um rosto seria a chave para os seus segredos. A evolução da fisiognomonía envolveu também a introdução de um grau crescente de medição na avaliação de um rosto. No entanto, tal avaliação era morfológica, geométrica e combinatória, baseada na impressão visual de um rosto, e não na sua transformação num objeto de cálculo. Mesmo quando Charles Le Brun<sup>12</sup> (1702) transformou a sabedoria da antiga fisionomia grega numa fonte de conselhos para os pintores, nomeadamente no que diz respeito à representação das emoções, fê-lo no quadro da morfologia facial, e não da matemática facial.

<sup>12</sup>Paris, 24 de fevereiro de 1619–  
22 de fevereiro de 1690.

Além disso, a outra ciência moderna que se ocupa do corpo, a anatomia, centra-se mais no crânio do que no rosto, na morfologia e na descrição do que está por baixo da pele do que daquilo que aparece à superfície. A obra *De Humani Corporis Fabrica*, de Andreas Vesalius (1543)<sup>13</sup>, geralmente considerada a primeira obra de anatomia moderna, contém numerosas ilustrações de crânios, músculos e tendões, mas presta pouca atenção ao rosto. Na altura, o rosto era ainda o domínio da fisionomia tradicional, como demonstra a obra *De Humana Physiognomonía*, de Giovanni Battista Della Porta (1586)<sup>14</sup>. Nesse texto, a face não é matematizada, mas submetida à mesma lógica que presidia à fisiognomonía antiga: análise morfológica, agrupamento e comparação com o mundo animal das faces. O rosto tem permanecido um campo exclusivo de investigação pictórica, principalmente por meio dos gêneros do retrato e do autorretrato. As imagens do corpo humano que aparecem nos primeiros tratados modernos de anatomia ou fisionomia foram geralmente executadas por pintores e gravadores; ao representar o corpo, curvaram-se às necessidades diagramáticas das disciplinas modernas, mas mantiveram a representação do rosto como um bastião de singularidade, bem como um testemunho visual da semelhança entre o homem e Deus. Os primeiros manuais de pintura, incluindo *Della pittura* (1435-1436), de Alberti<sup>15</sup>, não recomendavam a medição correta como técnica de retrato.

<sup>13</sup>Bruxelas, 31 de dezembro de 1514–  
Zante, 15 de outubro de 1564.

<sup>14</sup>Vico Equense (Nápoles) 1535–  
Nápoles, 4 de fevereiro de 1615.

<sup>15</sup>Gênova, 4 de fevereiro de 1404–  
Roma, 25 de abril de 1472.

Pádua, o centro da anatomia moderna e uma universidade progressista com forte tradição de dissecação anatômica – onde Andreas Vesalius estudou a maior parte do material para o seu *De Humani Corporis Fabrica* –, foi provavelmente também o local em que foram efetuadas as primeiras medições do crânio. Essa é a opinião do antropólogo suíço Eugène Pittard<sup>16</sup> (1924), que incluiu um resumo conciso da história da craniometria em *Les Races et l'histoire: Introduction Ethnologique à l'histoire*. Segundo Pittard, foi o anatomista flamengo Adriaan van den Spiegel<sup>17</sup> que, durante uma estadia em Pádua, lançou a prática da comparação e da medição dos crânios.

<sup>16</sup>Plainpalais, Genebra,  
5 de junho de 1867–  
Morigny-Champigny, Suíça,  
11 de maio de 1962.

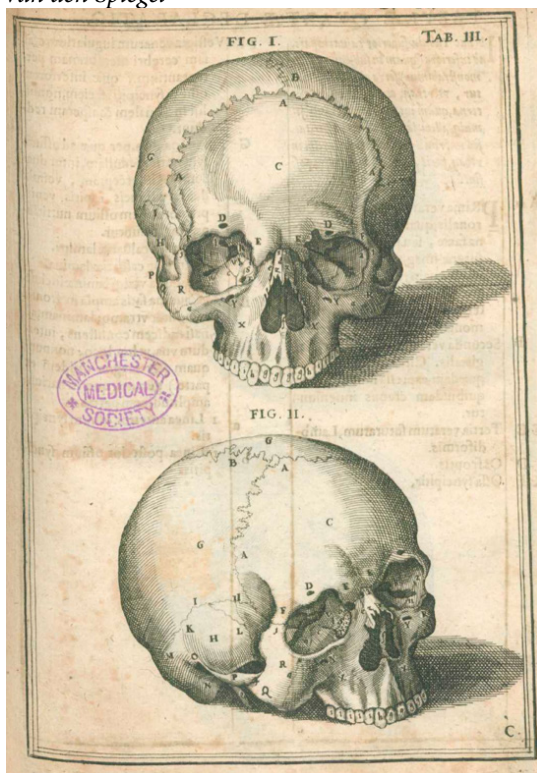
<sup>17</sup>Bruxelas, 1578–  
Pádua, 7 de abril de 1625.

No seu *De Humani Corporis Fabrica* (Spiegel, 1627), publicado postumamente, cujo título era uma homenagem à obra homônima de Vesalius, foram dedicadas grandes seções à composição do crânio e da face (Figura 1), já considerada do ponto de vista de uma epistemologia comparativa e combinatória<sup>18</sup>:

<sup>18</sup> Spiegel (1627, livro 1, pp. 42-44): “Agit de Cranio in univrsam, suturasque Capitis proponit”; “De ossibus Capitis, sine Calvariae propriis agit” (pp. 45-47); depois, a propósito dos ossos da face, “Ossium Faciei, sine Maxillae superioris, inferioris, descriptionem tradit” (pp. 51-54).

**Figura 1**

*Ilustrações do crânio e da face na obra de Adriaan Van den Spiegel*



Nota. Spiegel (1627, p. 17, pl. 3)<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> As 97 placas desta obra foram anteriormente publicadas nas *Tabulae Anatomicae LXXIIX* (1627), de Julius Casserius (Giulio Cesare Casseri), em Veneza.

**MEDIÇÃO DAS FACES, CLASSIFICAÇÃO DAS RAÇAS**

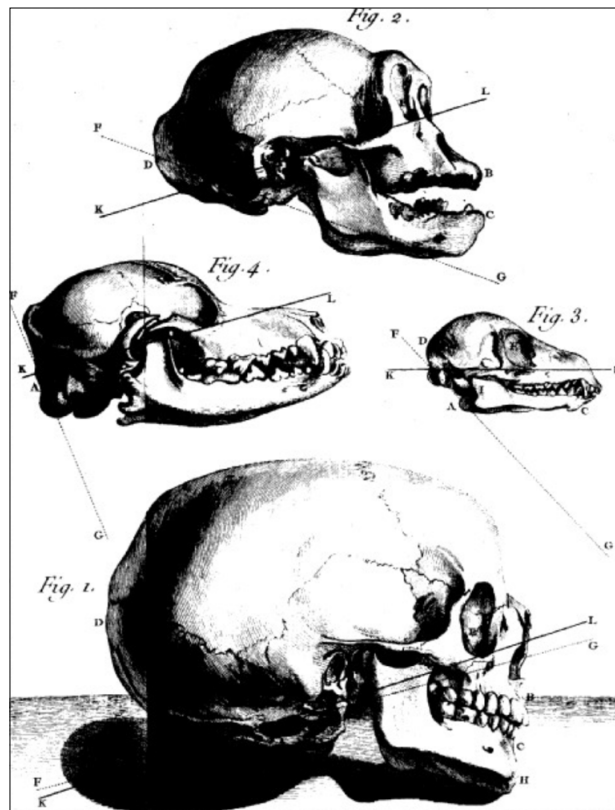
A cabeça começou a ser medida corretamente no século XVIII, no contexto epistemológico do Iluminismo francês. A espécie humana deixou de ser considerada como uma imagem pura de Deus. A sua singularidade, pelo contrário, tinha de ser encontrada na comparação com outras espécies animais, o que normalmente passava pela medição do corpo e, em particular, da cabeça. Para dar uma resposta empírica à antiga questão do contraste entre a postura bípede do homem e a postura quadrúpede dos outros mamíferos, Louis-Jean-Marie

<sup>20</sup>Montbard, 29 de maio de 1716–Paris, 1 de janeiro de 1800.

Daubenton<sup>20</sup> (1764), colaborador de Buffon, introduziu a medida do ângulo craniano como critério para explicar essa diferença postural e a forma como ela se manifesta na posição da cabeça. Seu artigo “Mémoire sur les Différences de la Situation du Grand Trou Occipital Dans l’Homme et les Animaux” contém uma gravura que, pela primeira vez, esquematiza o crânio humano e propõe a sua comparação geométrica com os crânios de outros mamíferos. A primeira matematização da cabeça humana na história ocidental foi geométrica, ou, mais exatamente, goniométrica: o ângulo occipital é de 3 graus no homem, de 340 graus no macaco angolano e de 90 graus no cavalo (Figura 2).

### Figura 2

*Comparação geométrica do crânio humano com crânios de outros mamíferos*



Nota. Daubenton (1764, p. 575, pl. 16).

Como Lanteri-Laura (1970, p. 26) assinala na sua *Histoire de la Phrénologie*:

A espécie humana e a espécie animal foram colocadas no mesmo plano, tornando-se passíveis de serem caracterizadas pelos vários resultados da medição do mesmo ângulo. A anatomia passou então da captação estética das formas para a medição dos ângulos e, se no seu conjunto se tratava de uma avaliação da “inteligência” da espécie, o ângulo occipital media não o locus da inteligência, mas um “sinal”, ou seja, um dado referente a outra coisa que não ela própria.<sup>21</sup>

A medição da cabeça humana, e precisamente o seu ângulo com o corpo em relação aos outros mamíferos, fez dessa medição quantitativa o elemento de uma nova semiótica, que surgiu precisamente da matematização do esqueleto. A aplicação da medida e do cálculo permitiu a comparação quantitativa entre espécies, introduzindo uma discretização matemática na continuidade da natureza. Como salienta Claude Blanckaert (1987, p. 419), reformulando um ponto de vista já expresso por Paul Broca<sup>22</sup> no final do século XIX: “A semiologia anatômica de Daubenton permitiu evidenciar elementos de apreciação descontínuos, matematicamente ‘discretos’, implicando limiares qualitativos nas diferentes posturas da animalidade”<sup>23</sup>.

A intuição de Daubenton abriu caminho a outras matematizações da cabeça, a começar pelo seu elemento mais estrutural, permanente e tangível, o crânio. A transição da matematização da subestrutura óssea – e normalmente invisível – da cabeça para a matematização do rosto – a superfície visível da cabeça – coincidiu com a publicação do ensaio de Petrus Camper<sup>24</sup>, *Dissertation Physique sur les Différences Réelles que Présentent les Traits du Visage chez les Hommes de Différents Pays et de Différents Âges*, iniciado em 1768 e publicado postumamente por seu filho em 1790, depois traduzido do neerlandês para o francês em 1791. Artista e anatomista, Camper situava-se na encruzilhada das duas formas de representar o rosto (a artística e a anatômica), que tinham competido pelo primata ao longo do século anterior. No prefácio, Camper afirma que a simples geometrização do rosto recomendada pelos manuais de retrato da época já não era suficiente; era necessário passar da simples esquematização à medição correta, aplicando a matemática à representação do rosto:

De acordo com todos aqueles que ensinaram os princípios do Design, comecei por utilizar Ovais e Triângulos como os meus primeiros elementos, mas . . . reconheci que era não só difícil, mas inteiramente impossível adaptar uma cabeça a eles com alguma vantagem.<sup>25</sup> (Camper, 1791, p. 2)

Mas Camper foi também o iniciador de uma outra intersecção, trágica, entre a esquematização matemática do rosto humano (e, em particular, a medição goniométrica das “linhas faciais” da sua representação de perfil) e a discriminação

<sup>21</sup>No original: “L'espèce humaine et les espèces animales étaient mises sur le même plan, en devenant susceptibles de se caractériser par les divers résultats de la mesure d'un même angle, l'anatomie passait alors de la saisie esthétique des formes à la mensuration des angles, et si, globalement, il s'agissait d'une appréciation de « l'intelligence » de l'espèce, l'angle occipital mesurait non pas le lieu de l'intelligence, mais un « signe », c'est-à-dire une donnée renvoyant à toute autre chose qu'elle-même”.

<sup>22</sup>Sainte-Foy-la-Grande, Gironde, França, 28 de junho de 1824–Paris, 9 de julho de 1880.

<sup>23</sup>No original: “La sémiologie anatomique de Daubenton permettait de mettre en valeur des éléments d'appréciation discontinus, mathématiquement « discrets », impliquant des seuils qualitatifs dans les diverses postures de l'animalité”.

<sup>24</sup>Leiden, 11 de maio de 1722–Haia, 7 de abril de 1789.

<sup>25</sup>No original: “D'après tous ceux qui ont enseigné les principes du Dessain j'ai d'abord employé des Ovaies et des Triangles pour premiers éléments mais . . . j'ai reconnu qu'il n'était pas seulement difficile, mais entièrement impossible d'y adapter une tête avec quelqu'avantage”.

# D

## O futuro no rosto: da fisionomia à inteligência artificial

racial; se no prefácio do referido livro revela que se interessou pelas medições faciais por estar insatisfeito com a representação de rostos negros em pinturas, nos capítulos seguintes Camper expõe a conclusão a que suas novas medições lhe permitiram chegar: existe um gradiente na “perfeição” e conseqüente beleza das medidas faciais; o ângulo facial (formado pelo desenho de duas linhas: uma, horizontal, da narina à orelha, e outra, perpendicular, da parte mais avançada do maxilar superior à parte mais proeminente da testa) atinge o seu valor máximo de 100 graus na beleza ideal da estatuária grega antiga, depois diminui nas cabeças europeias reais, e atinge o seu mínimo nos africanos, abaixo dos quais encontramos primatas não humanos, como o orangotango:

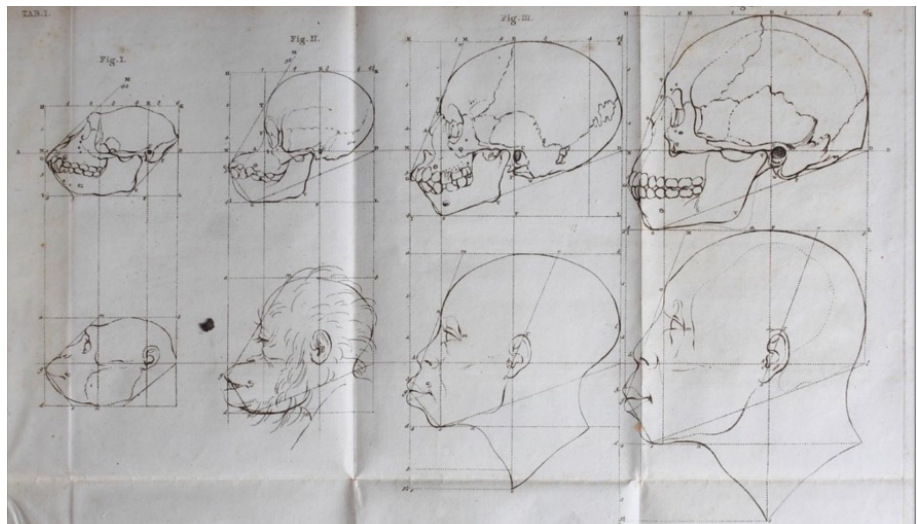
Aqui estão os dois extremos para a obliquidade da linha facial, ou seja, de 70 a 100 graus. Eles constituem toda a gradação desde a cabeça do negro até a beleza sublime do grego antigo. Se descermos abaixo dos 70 graus, temos um Orang Outang, um Macaco; se descermos ainda mais, temos um Cão e, finalmente, um Pássaro, uma Galinhola cuja Linha Facial é quase paralela à linha horizontal . . .<sup>26</sup> (Camper, 1791, p. 42)

<sup>26</sup>No original: “Voilà donc bien établis les deux extrêmes pour l’obliquité de la Ligne Faciale, c’est à dire, depuis 70 jusqu’à 100 degrés. Ils constituent toute la gradation depuis la tête du Negre jusqu’à la beauté sublime de l’Antique Grec. Si vous descendez au-dessous de 70 degrés vous avez un Orang Outang, un Singe ; si vous descendez plus bas encore vous aurez un Chien, enfin un Oiseau, une Bécasse dont la Ligne Faciale se trouve presque parallèle à la ligne horizontale . . .”

As ilustrações do livro inauguram também uma tradição trágica no estudo e representação do rosto, adotando a geometria e a matemática, a medida e o cálculo para atribuir pseudo-objetividade a preconceitos não científicos, lançando assim as bases para o futuro desenvolvimento do racismo (pseudo)científico (Figura 3).

### Figura 3

*Esquematisações de Camper sobre o rosto humano*



Nota. Camper (1791, pl. 1).

Essa intersecção que Camper explorou pela primeira vez recebeu força retórica da modalidade da sua apresentação visual, adotando o desenho técnico para transmitir o preconceito racista. O rosto, despojado da sua singularidade, capturado de perfil, geometrizado por linhas e ângulos retos, um rosto que podia ser medido e a que se podia atribuir um valor numérico, levando a uma comparação simultaneamente geométrica e aritmética, emprestava a força da prova visual a teorias científicas infundadas, misturando a questão da representação artística do rosto com a do seu estudo científico em torno de alguns velhos preconceitos.

Nos anos que se seguiram, o método de Camper foi gradualmente reconsiderado, aperfeiçoado e reformulado, mantendo o princípio de que o rosto humano podia ser medido, que a sua medida podia ser condensada em algumas linhas faciais e respectivos ângulos, e que esses valores davam origem a uma classificação das raças humanas e das espécies animais de acordo com a distância que as separava da beleza ideal. Johann-Friedrich Blumenbach<sup>27</sup>, em *De Generis Humani Varietate Nativa* (1795, pp. 202-203) criticou a imprecisão metodológica de Camper:

O próprio Camper, nos desenhos anexos à sua obra, utiliza estas duas linhas reguladoras de uma forma tão arbitrária e inconstante, mudando tantas vezes os pontos de contacto que as orientam e dos quais depende a sua certeza, que aceita tacitamente ficar em dúvida sobre a sua utilização.<sup>28</sup>

Mas Blumenbach rejeitou o método de Camper, não a sua abordagem. Blumenbach propôs um novo método de medição de faces (“a regra vertical”) e manteve a ideia de que as faces podiam ser medidas, caracterizadas por valores numéricos e classificadas de acordo com um gradiente natural de desenvolvimento<sup>29</sup>. Autores posteriores também criticaram as técnicas de medição anteriores, mas mantiveram o princípio. Georges Cuvier<sup>30</sup> e Étienne Geoffroy Saint-Hilaire<sup>31</sup> (1795, p. 459) redefiniram a linha de Camper, mas defenderam um novo método de medição: “Consideramos também o ângulo *palatino*, que é formado pelo encontro da linha *horizontal* com uma outra linha que se supõe dividir o plano do arco alveolar em duas metades, e que chamamos linha *palatina*”<sup>32</sup>. A crescente complexidade das medidas geométricas e dos valores goniométricos permitiu aos autores abstraírem-se não só da face, mas também do próprio crânio, substituindo-o por uma combinação de formas geométricas puras (Figura 4).

<sup>27</sup> Gotha, Saxe-Gotha-Altenburg, Alemanha, 11 de maio de 1752–Göttingen, Eleitorado de Hanover, Alemanha, 22 de janeiro de 1840.

<sup>28</sup> No original: “Denique vero Camperus ipse, in iconibus operis suo subjunctis, linis suis binis normalibus adeo arbitraret et inconstanter usus est, toties punctus contacte variat, secundum quae lineas istas dirigit, et a quibus omnis earum vis et fides pendet, ut se ipsum in earum usum incertum et ambigue haesitantem tacite profiteatur”.

<sup>29</sup> No original: “Norma verticalis ad characteres gentilitios craniorum definiendos”.

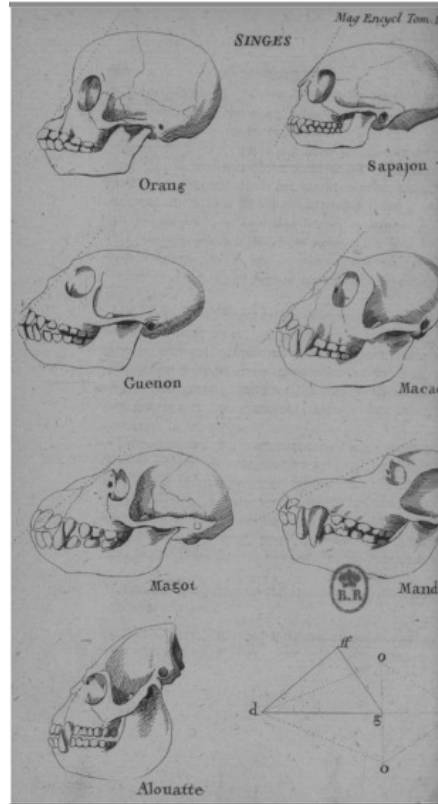
<sup>30</sup> Montbéliard, França, 23 de agosto de 1769–Paris, 13 de maio de 1832.

<sup>31</sup> Étampes, 5 de abril de 1772–Paris, 19 de junho de 1844.

<sup>32</sup> No original: “Nous considérons aussi l’angle *palatin*, qui est formé par la rencontre de la ligne *horizontale* avec une autre ligne qui est censée diviser le plan de l’arc alvéolaire en deux moitiés, et que nous appelons la ligne *palatine*”.

**Figura 4**

*Contribuições de Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire aos estudos da cabeça humana*



Nota. Cuvier e Saint-Hilaire (1795).

A adoção dessa nova abstração técnica não conduziu, no entanto, a qualquer alteração da atitude subjacente, que se manteve inalterada, expressa sem rodeios na seguinte frase: “Não vemos que nenhum dos povos de fronte deprimida e maxilar proeminente tenha alguma vez fornecido sujeitos iguais aos europeus em geral nas faculdades da alma”<sup>33</sup> (Cuvier & Saint-Hilaire, 1795, p. 457).

Em comparação com Camper, Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire interessavam-se mais pelos crânios do que pelos rostos e interpretavam os seus gradientes goniométricos como uma função da inteligência, e não da beleza. Além disso, justificam esse novo gradiente por uma dialética entre o rosto e o crânio, que acaba por ser uma dialética entre o focinho e o rosto: quanto mais desenvolvido é o crânio como mandíbula, argumentam, menos desenvolvido é como receptáculo do cérebro; o ângulo facial torna-se assim uma medida dessa proporção,

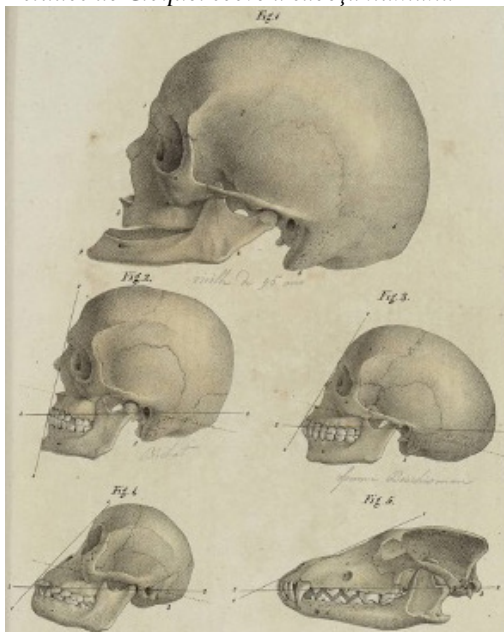
<sup>33</sup>No original: “Nous ne voyons pas moins qu’aucun des peuples au front déprimé et à la mâchoire proéminente, ait jamais fourni des sujets égaux aux Européens en général par les facultés de l’âme”.

em nome da qual o rosto ideal em termos de beleza acaba por coincidir com o rosto ideal em termos de inteligência, confirmando indiretamente as teorias fisionômicas de Lavater. Como resumiu o farmacêutico e naturalista Julien-Joseph Virey<sup>34</sup> (1800, p. 36) na sua *Histoire Naturelle du Genre Humain*<sup>35</sup>:

Reconhecemos uma verdadeira gradação de vida e de faculdades em todos os corpos da natureza; pois podemos descer por graus do homem branco ao negro, e do negro ao hotentote; a degradação é muito pronunciada do hotentote ao orangotango, pois o primeiro dos macacos é já muito inferior ao último dos homens.<sup>36</sup>

Depois de Camper, Blumenbach, Cuvier, Geoffroy Saint-Hilaire e Virey (que propôs um compromisso entre Daubenton e Camper), autores posteriores propuseram variações técnicas na medição do ângulo facial. Em 1808, o químico holandês Gerardus Johannes Mulder<sup>37</sup> publicou uma *Oratio de Meritis Petri Camperi in Anatomiam Comparatam*, propondo uma melhoria do método de Camper pela medição do *angulus sincipitalis*<sup>38</sup>; e Jules Germain Cloquet<sup>39</sup> no seu *Manuel d'Anatomie Descriptive du Corps Humain*<sup>39</sup>, sugeriu o cruzamento das duas linhas faciais de Camper (1821, p. 57) na margem alveolar dos incisivos superiores (Figura 5).

**Figura 5**  
Estudos de Cloquet sobre a cabeça humana



Nota. Cloquet (1825, pl. 18).

<sup>34</sup>Zurique, 15 de novembro de 1741–2 de janeiro de 1801.

<sup>35</sup>Langres, 21 de dezembro de 1775–Paris, 9 de março de 1846.

<sup>36</sup>No original: “Nous reconnaissons une véritable gradation de vie et de facultés dans tous les corps de la nature ; car nous pouvons descendre par nuances de l’homme blanc au nègre, et du nègre au Hottentot; la dégradation est très-prononcée du Hottentot à l’orang-outang, puisque le premier des singes est déjà bien inférieur au dernier des hommes”.

<sup>37</sup>Utrecht, 27 de dezembro de 1802–Bennekom, 18 de abril de 1880.

<sup>38</sup>“Uius coniunctionis ratio, ni fallor, determinari potest angulo, qui efficitur ex linea faciali Camperi et linea coniunctionis, quae a processu bifidari osfis occipitis per radicem nafi ducitur, quod dictis lectionibus indicavi, atque exemplis hominum et animalium illustravi, quodque, fi ulteriori comparatione confirmatum inveniam, aliquando fufius demonstraturus” (Mulder, 1808, p. 89).

<sup>39</sup>Paris, 18 de dezembro de 1790 – 23 de fevereiro de 1883.

# D

## O futuro no rosto: da fisionomia à inteligência artificial

<sup>40</sup> Filadélfia, PA, 26 de janeiro de 1799–  
15 de maio de 1851.

Samuel George Morton<sup>40</sup> (1839, p. 250), na sua obra *Crania Americana*, introduziu a “espinha nasal” como ponto de referência; Michel-Hyacinthe Deschamps, em *Études des Races Humaines* (1857), sugeriu o prolongamento da linha facial à sínfise do queixo. Cada novo autor recomendava a projeção no crânio de uma grelha melhorada de linhas geométricas, destinada a permitir medições mais precisas e uma comparação mais exata dos rostos, das belezas e das inteligências. Cada autor estava firmemente convencido de que podia garantir uma medição mais exata do rosto e uma tipologia mais fiel da “variedade das raças humanas”. Deschamps (1857, pp. 96-97), na sua obra já citada, escreve:

A verdade foi um pouco mais longe: avancemos a linha facial ou vertical até o nível da sínfise do queixo, prolongando a linha auricular horizontal do outro lado, e o ângulo formado dará uma medida mais exata da extensão do rosto. Não será a paragem no caminho uma forma de enganar a animalidade a favor da humanidade?<sup>41</sup>

<sup>41</sup>No original: “La vérité a fait un pas de plus : avançons encore la ligne faciale ou vertical jusqu’au niveau de la symphyse du menton, en y prolongeant d’un autre côté la ligne auriculaire, horizontale, et l’angle formé donnera une mesure plus exacte de l’étendue de la face. S’arrêter en chemin, n’est-ce pas tromper un peu l’animalité en faveur de l’humanité?”

Num ensaio publicado em 1861, intitulado “On the Mensuration of the Human Skull”, o investigador americano James Aitken Meigs<sup>42</sup> resume a longa e intensa evolução das medições cranianas no século XIX e defende, juntamente com outros investigadores, a melhoria e a harmonização internacional desse domínio de investigação.

<sup>42</sup> Filadélfia, PA, 31 de julho de 1829–  
9 de novembro de 1879.

### EQUIPAMENTO DE MEDIÇÃO

Embora a projeção de uma articulação geométrica sobre a cabeça, o crânio e o rosto humanos seja inteiramente arbitrária, adquiriu um estatuto de motivação e objetividade graças à retórica que a acompanhou, uma retórica que incluía tanto representações visuais técnicas (diagramas) como um aparelho tecnológico cada vez mais preciso para a goniometria craniana. Samuel George Morton já havia indicado que tinha desenhado as numerosas placas do seu livro profusamente ilustrado, *Crania Americana* (1839, p. 294), utilizando um aparelho especial que tinha fabricado especialmente para o efeito:

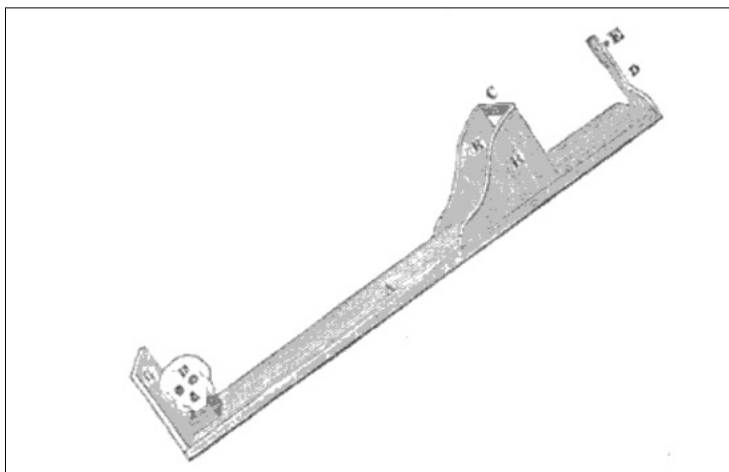
<sup>43</sup>No original: “The wood-cuts of this work were taken from reduced drawings made with my own hands by means of an instrument adapted to the purpose by my friend Mr. Phillips. I have applied to several artists to furnish these drawings, and the camera lucida and graphic mirror were both tried in vain. On being furnished with the annexed drawing apparatus (which might be called a Craniograph), I was soon able by practice to make my own drawings with great celerity and correctness”

As xilogravuras desta obra foram realizadas a partir de desenhos reduzidos feitos pelas minhas próprias mãos, utilizando um instrumento adaptado para o efeito pelo meu amigo Phillips. Pedi estes desenhos a vários artistas, e tanto a câmara lúcida como o espelho gráfico foram tentados em vão. Quando me foi fornecido o aparelho de desenho anexo (que pode ser chamado de *craniógrafo*), rapidamente pude, com a prática, fazer os meus próprios desenhos com grande rapidez e precisão.<sup>43</sup>

O aparelho utilizado para desenhar e medir os crânios está representado na obra *Crania Americana*, de Morton (Figura 6):

**Figura 6**

*Representação do aparelho utilizado para desenhar e medir os crânios*



Nota. Morton (1839, p. 294).

Em 1856, Henri Jacquart fabricou um novo goniômetro para medições cranianas, reproduzindo visualmente o de Morton (Figura 6). Entretanto, o ângulo facial tinha sido aceito pela comunidade científica francesa e internacional como um sinal de filiação racial e, conseqüentemente, como uma medida de classificação na evolução da espécie humana. No seu relatório sobre a dissertação de Jacquart, Quatrefages<sup>44</sup> (1856, p. 522) escreve: “Entre os caracteres que servem para distinguir as raças humanas, os mais fáceis de notar são, com exceção da coloração geral e da natureza dos cabelos, os caracteres tirados das diversas regiões da cabeça”<sup>45</sup>. Nas páginas seguintes, o autor elogia o novo goniômetro craniano inventado por Jacquart, enaltecendo as suas vantagens sobre o aparelho de Morton. Alguns anos mais tarde, em 1864, Paul Broca propõe uma nova versão do instrumento (Figura 7), simplificando a sua utilização e tornando-o menos dispendioso (Broca, 1872). Nos anos seguintes, o mesmo Broca recomenda a substituição do goniômetro craniano por um esquadro em T, mais leve e mais adaptado ao movimento. Como o próprio Broca assinalou, a introdução desses instrumentos visava eliminar qualquer subjetividade nas medições faciais. A transição do olho artístico para o olho anatômico devia completar-se com a criação de um “olho automático”, capaz de medir sem ser influenciado por qualquer preconceito. No entanto, como vimos, os preconceitos

<sup>44</sup>Valleraugue, 10 de fevereiro de 1810 – Paris, 12 de janeiro de 1892.

<sup>45</sup>No original: “Parmi les caractères qui servent à distinguer les races humaines, les plus faciles à noter sont, à l’exception de la coloration générale et de la nature des cheveux, les caractères tirés des diverses régions de la tête”.

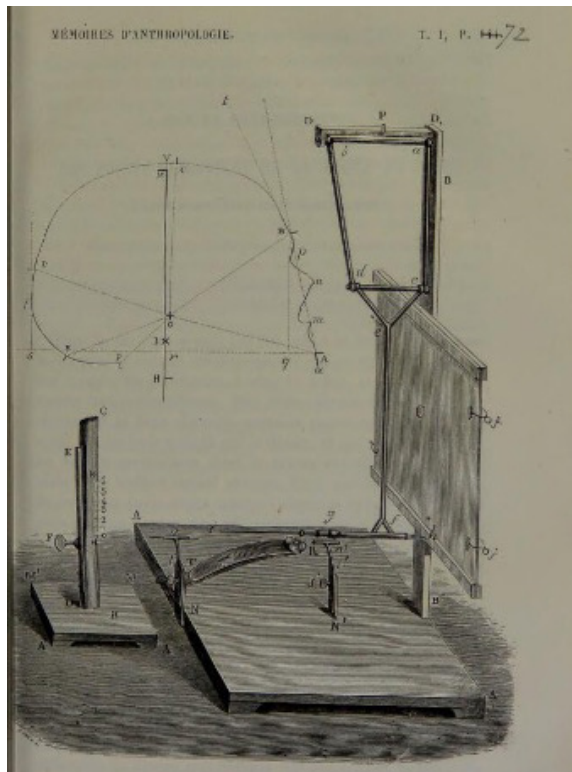
# D

residem na própria ideia de “medir o rosto”; a introdução de dispositivos técnicos para medir o rosto ocultaria esses preconceitos, dando a impressão de que uma agência mecânica presidia agora à geometrização do rosto e ao seu cálculo. Broca ilustra perfeitamente a ideologia semiótica subjacente à criação de tais instrumentos. Em artigo escrito em 1862, afirma:

O objetivo destes instrumentos é substituir as avaliações algo artísticas, que dependem da sagacidade do observador, da precisão do seu olhar – e por vezes também das suas ideias preconcebidas – por procedimentos mecânicos e uniformes, que permitem exprimir os resultados de cada observação em números, estabelecer comparações rigorosas, reduzir ao máximo as possibilidades de erro; por último, mas não menos importante, agrupar as observações em séries, submetê-las a cálculos, obter medidas médias e escapar assim à influência enganadora das variedades individuais<sup>46</sup> (Broca, 1871b, pp. 42-43).

<sup>46</sup>No original: “Le but de ces instruments est de substituer à des évaluations en quelque sorte artistiques, qui dépendent de la sagacité de l’observateur, de la justesse de son coup d’œil — et quelquefois aussi de ses idées préconçues —, des procédés mécaniques et uniformes, qui permettent d’exprimer en chiffres les résultats de chaque observation, d’établir des comparaisons rigoureuses, de réduire autant que possible les chances d’erreur; enfin et surtout de grouper les observations en séries, de les soumettre au calcul, d’obtenir des mesures moyennes, et d’échapper ainsi à l’influence trompeuse des variétés individuelle”.

**Figura 7**  
*Descrição de Broca*



Nota. Broca (1871a).

## NOVOS ÂNGULOS FACIAIS

Como salienta o historiador antropológico francês Claude Blanckaert (1987, pp. 445, 451) no seu exaustivo artigo sobre o assunto, o “ângulo facial” foi sendo cada vez mais criticado a partir do último quartel do século XIX. Vozes cada vez mais antagônicas acusavam os seus defensores de articular arbitrariamente o crânio e a face, de os medir de forma imprecisa, de escolher os seus espécimes sem justificar a sua representatividade e, finalmente, de impor os seus preconceitos raciais à medição. Revisitar toda a história da angulação facial do ponto de vista de uma semiótica cultural do rosto sugere, no entanto, que, embora essas medições, sua definição, seu significado e seus correspondentes dispositivos técnicos e estatísticos tenham caído em descrédito, a ideologia semiótica que esteve na base de todas essas práticas pseudocientíficas – que pretendiam ser a melhor versão das ciências do seu tempo – pode ainda estar presente e ativa, embora sob outras formas. Por outras palavras, essa ideologia semiótica devia a sua eficácia a uma retórica específica, que poderia ressurgir em outros contextos pseudocientíficos, embora a antropologia posterior tenha há muito rejeitado a validade heurística do ângulo facial.

A matemática é certamente a chave dessa retórica, mas não é a única responsável pela sua eficácia. Pelo contrário, ela resulta do encontro entre individualidade e abstração, multiplicidade e medida. Com efeito, se a etnografia positivista da medição do crânio tivesse sido aplicada a outras partes do corpo, por exemplo aos antebraços que, desde o Egito antigo, constituem o padrão corporal da medição humana do espaço, o resultado retórico em termos de credibilidade do novo “pensamento científico” não teria sido o mesmo. Essa credibilidade surgiu precisamente do encontro entre uma constelação semiótica mítica de individualidade, nomeadamente o rosto, e uma constelação mítica de comensurabilidade, nomeadamente a matemática, entendida como o domínio do cálculo e da medida, como a dimensão conceitual em que o comum é extraído do singular. O encontro entre a singularidade mítica do rosto e a standardização mítica da matemática deu-se por meio de uma série de mediações semióticas, cujo efeito final, no entanto, consistiu precisamente em ocultar os passos que foram necessários para produzir esse encontro. Como mostramos, as tentativas de submeter a singularidade dos rostos a tipos são muito antigas. Com efeito, toda a tradição fisionômica visava provar que, apesar da aparente variedade dos rostos humanos, todos eles podiam ser classificados em grupos, com base na sua morfologia e, conseqüentemente, no seu grau de semelhança com os tipos ideais. A operação semiótica da fisionomia antiga consistia, portanto, em abstrair certos traços dos rostos e utilizá-los como elementos para construir tipos dos primeiros; esses traços e seus tipos eram então interpretados como significantes

de um significado preciso, relativo à psicologia subjacente a cada tipo de rosto, incluindo atitudes emocionais e até predisposições para um determinado curso futuro de ações e de vida.

Os trabalhos sobre fisionomia chamavam a atenção do leitor para a operação morfológica de extrair características comuns de rostos singulares e distraíam-no da arbitrariedade de associar esses significantes aos seus significados. A goniometria positivista usou a mesma retórica de distração, mas com meios diferentes que se adequavam melhor ao novo Iluminismo. Num mundo cada vez mais dominado pelo cálculo, pela medição e pela tecnologia, a velha fisionomia estava destinada a cair em descrédito, porque as suas extrações e abstrações se baseavam na morfologia, ou seja, numa apreciação qualitativa do rosto humano e dos seus traços. Na nova episteme matemática inaugurada na viragem do século XVIII, essa morfologia qualitativa já não podia exercer o seu encanto. O tipo de conhecimento morfológico demonstrado pela fisionomia desde as suas origens antigas até sua exploração moderna no século XVII baseava-se, de fato, numa observação impressionista dos pontos comuns entre os rostos, e não nas suas medidas.

No entanto, a partir do século XVII, a fisionomia começou a coexistir com a anatomia moderna, que propunha uma epistemologia diferente do rosto. Ao esvaziar o corpo humano da sua exterioridade e ao concentrar-se no estudo do que se encontra sob a pele, ou seja, os ossos, os nervos, os vasos sanguíneos e os órgãos, a anatomia moderna corroeu progressivamente o mito da individualidade do rosto, cultivado pelas belas artes, e pela pintura, em particular, ao longo dos séculos anteriores. Desde o Renascimento, a anatomia era essencial para os pintores que queriam representar o corpo e o rosto humanos, mas sempre com o objetivo último de cobrir essa estrutura invisível com um véu de singularidade artística, tornado mais credível pelo conhecimento e reprodução visual da estrutura invisível de carne, osso e sangue que lhe está subjacente. No século XVII, a hierarquia entre anatomistas e artistas começou a inverter-se: enquanto no Renascimento os segundos utilizavam os conhecimentos dos primeiros para dar maior credibilidade visual às suas representações da singularidade do rosto – nomeadamente no relativamente novo e moderno gênero do retrato –, a partir do início da modernidade os anatomistas passaram a utilizar os conhecimentos dos artistas para melhor representar os traços comuns do corpo humano, que gradualmente passaram a incluir também os traços comuns do rosto. A gravura e os gravadores, mais do que a pintura e os pintores, passaram a desempenhar um papel central nessa operação de subversão epistêmica e visual, porque tal arte continha intrinsecamente a ideia de reprodução e reprodutibilidade das imagens, à semelhança do novo conceito segundo o qual o corpo humano,

incluindo o rosto, também tinha algo de reprodutível, uma dimensão de serialidade e comensurabilidade.

Os anatomistas, no entanto, continuaram a adotar uma abordagem qualitativa e morfológica. As suas dissecações – cujos resultados os artistas e os gravadores, sob sua direção, transpunham para imagens – mostravam que, por baixo do rosto, subsistia uma assustadora base comum, feita de osso e de carne; mas essa base comum era apresentada como uma abstração visual e como produto de uma exploração material do corpo que, apesar de tudo, permanecia essencialmente qualitativa. Além disso, os tipos anatômicos eram apresentados como significantes de uma normalidade média do corpo humano; não eram associados a conteúdos estranhos ao campo da anatomia e da medicina (ao contrário da fisiognomonia que, pelo contrário, associava os tipos faciais a atitudes psicológicas, ou mesmo à adivinhação). Quando o gênio quantitativo da matemática, da medida e, mais tarde, do cálculo (sobretudo com a adoção da estatística moderna), foi aplicado ao rosto, ocorreu uma grande mudança na sua compreensão. A singularidade do rosto já não é desafiada apenas pelo olhar morfológico da fisionomia, ou pela avaliação qualitativa da anatomia moderna, mas pela retórica espantosa e silenciosa dos números. Dessa vez, a atenção do leitor não foi dirigida para tipos fisionômicos, nem para gravuras anatômicas sem significado particular, mas para números.

### A POTÊNCIA DOS NÚMEROS FACIAIS

O poder dos números foi libertado. A partir do convite de Daubenton para medir o ângulo facial, e mais ainda a partir da canonização de Camper do número ideal que engloba a proporção correta de linhas faciais numa única figura, estudiosos e cientistas na Europa e na América do Norte envolveram-se num intenso debate sobre a melhor forma de medir crânios e rostos, escolhendo que pontos cruciais, que linhas, que intersecções e quais dispositivos deveriam ser adotados para a medição mais precisa e, mais tarde, quais formas de cálculo estatístico deveriam ser usadas para extrair significado de uma vasta gama de dados cranianos e faciais. Ao longo desse debate, que se estendeu por quase um século, nunca ninguém questionou o ponto de partida totalmente arbitrário do raciocínio de Camper: quem diz que a estatuária grega apresenta rostos ideais? Como justificar a afirmação de que as cabeças de mármore das esculturas gregas antigas encarnam o ângulo facial mais elegante, aquele que exala beleza, inteligência e até divindade? Esse postulado foi o fator determinante para gerar – como que numa gigantesca cascata cuja origem estava demasiado distante e enevoada pelo espesso nevoeiro da história

# D

para ser percebida – toda a operação de recuperar, selecionar, articular, medir, desenhar e, sobretudo, classificar os crânios. De fato, foi com base na tese inquestionável de que as estátuas gregas eram os rostos mais belos de todos os tempos que todos os outros rostos foram medidos e classificados, tendo sido os rostos dos humanos que desenharam, representaram e veneraram essas cabeças de mármore gregas (Camper era admirador de Johann Joachim Winckelmann) colocados no topo da hierarquia, logo a seguir às dos seus ídolos esculpidos, enquanto as cabeças dos humanos que eles, os neoclássicos caucasianos, tinham colonizado seriam classificadas como inferiores e, numa interpretação distorcida da evolução natural, colocadas numa progressão de perfeição facial que degradava das cabeças esculpidas ideais da Grécia antiga para as cabeças de pássaros. Ninguém suspeitava do que hoje é óbvio, ou seja, que a “beleza ideal” das cabeças gregas antigas e o próprio fato de serem vistas como idealmente belas eram o resultado de um cânone estético cultural que tinha sido imposto ao longo dos séculos, passando por uma longa história de hegemonia sociocultural, começando com a apropriação imperial romana da cabeça e do rosto gregos como expressão da ideia de poder divino concedido aos humanos. Se os rostos ideais de Camper tivessem sido o resultado de uma história diferente, por exemplo, a de um domínio de uma certa estética africana ou asiática numa vasta e influente região do mundo ao longo dos séculos, a classificação dos rostos e das cabeças também teria sido distorcida de forma diferente.

No entanto, a discussão sobre medidas, números e técnicas desviou a atenção geral da origem ideológica de toda a operação e deu a impressão, pelo contrário, de que era tudo uma questão de precisão, exatidão e meticulosidade; que a colocação da cúspide do ângulo facial debaixo do nariz – em vez de na sua ponta – teria revelado a medida perfeita; que um craniômetro colocado de forma diferente teria conduzido a uma medida objetiva, sem a influência de qualquer subjetividade. A subjetividade, no entanto, não estava na medição ou no cálculo, mas no próprio projeto de transformar crânios e rostos em objetos mensuráveis e calculáveis; provinha sobretudo da própria ideia de que haveria um “rostos ideal” e que todos os outros rostos poderiam ser classificados em conformidade e objetivamente. Do ponto de vista de uma semiótica cultural a longo prazo, a razão de ser dessa busca absurda da beleza ideal – que sequer era precisamente uma busca porque os seus resultados estavam predeterminados pelo seu ponto de partida arbitrariamente escolhido – residia no processo cultural centenário que tinha progressivamente despojado o rosto da sua singularidade e o tinha transformado num objeto anatômico. A pseudociência da medição facial prolongaria essa tendência

para objetivar e padronizar o rosto por meio da medição e do cálculo, mas ao mesmo tempo recuperaria a primazia e a singularidade do rosto humano não nos indivíduos, mas nos grupos raciais, conferindo a luz da beleza e da inteligência à “raça” a que os cientistas e os seus rostos supostamente pertenceriam. Afinal, a construção craniana de um “nós” e de um “eles” contribuiu para a recuperação da dignidade do rosto humano como contrapartida do rosto de Deus, após o seu desaparecimento pela anatomia moderna e pela teoria da evolução natural. Comparando os rostos hegemônicos dos humanos com os das estátuas gregas dos deuses que eles próprios tinham imaginado e esculpido, os primeiros podiam ser hipostasiados numa variedade dos segundos, como parte de uma evolução imaginária que ia, mais uma vez, de Deus para o humano, por meio de uma escala feita de números e medidas.

### CONCLUSÃO: AVALIAÇÃO DEFICIENTE DAS AÇÕES

Stephen Jay Gould verificou as medições efetuadas por George Morton para o seu livro *Crania Americana* em 1839. As novas medições deram origem, primeiro, a um artigo publicado por Gould em 1978, “Morton’s Ranking of Races by Cranial Capacity: Unconscious Manipulation of Data May be a Scientific Norm”, e depois a um capítulo do best-seller *The Mismeasure of Man* (Gould, 1996), originalmente publicado em 1981. Segundo Gould, os preconceitos racistas de Morton distorceram inconscientemente as suas medições, em particular as da capacidade craniana, cujos resultados Morton classificou, determinando que “a raça branca” era, em média, dotada dos maiores crânios e era, portanto, a mais inteligente (Gould, 1996, pp. 111-137):

Tudo o que consigo discernir é uma crença a priori na classificação racial tão poderosa que orientava as suas tabulações segundo linhas pré-estabelecidas. No entanto, Morton foi amplamente aclamado como o objetivista do seu tempo, o homem que iria salvar a ciência americana do pântano da especulação sem fundamento.<sup>47</sup> (Gould, 1996, p. 137)

Gould concluiu então, depois de analisar casos semelhantes de erros de medição em outros capítulos do seu livro, que a maioria dos métodos científicos eram tendenciosos e fortemente influenciados pela ideologia.

Em 2011, porém, um grupo de jovens doutorandos em Antropologia, liderados por Jason E. Lewis, da Universidade de Stanford, reexaminou e mediu novamente os crânios medidos por Morton e descobriu que a maioria das suas conclusões estavam de fato corretas:

<sup>47</sup>No original: “All I can discern is an a priori conviction about racial ranking so powerful that it directed his tabulations along preestablished lines. Yet Morton was widely hailed as the objectivist of his age, the man who would rescue American science from the mire of unsupported speculation”.

<sup>48</sup>No original: “. . . our results falsify Gould’s hypothesis that Morton manipulated his data to conform with his a priori views. The data on cranial capacity gathered by Morton are generally reliable, and he reported them fully. Overall, we find that Morton’s initial reputation as the objectivist of his era was well-deserved”.

[...] os nossos resultados falsificam a hipótese de Gould de que Morton manipulou os seus dados para os adequar aos seus pontos de vista a priori. Os dados de Morton sobre a capacidade craniana são geralmente fiáveis e ele relatou-os de forma exaustiva. Em geral, consideramos que a reputação inicial de Morton como um objetivista do seu tempo foi bem merecida.<sup>48</sup> (Lewis et al., 2011, p. 6)

Lewis et al. (2011) também generalizaram as suas conclusões, afirmando que, tal como Gould, medições corretas e uma metodologia precisa protegem os investigadores de preconceitos.

Uma reformulação semiótica do argumento pode levar a uma reavaliação de toda a questão, bem como dos méritos e deméritos de ambos os lados da diatribe. Numa palavra, ambos ignoram o ponto mais importante da questão, nomeadamente, que a matemática, a medição, o cálculo e a exibição de precisão e exatidão são usados por Morton, pela maioria dos seus antecessores e por muitos dos seus discípulos não como um instrumento, mas como retórica. Quando Camper decidiu abordar a questão da caracterização dos rostos humanos, já se baseava naquilo que considerava serem axiomas inabaláveis: em primeiro lugar, a conformação ideal da cabeça e do rosto na estatuária grega clássica; em segundo lugar, a superioridade da “raça branca”, cujos traços parecem descender diretamente das efígies dos deuses gregos, embora o contrário seja verdadeiro; em terceiro lugar, a inferioridade estética, intelectual e moral de todas as “outras raças humanas”; em quarto lugar, a possibilidade de classificar todas essas raças de acordo com as suas características; em quinto lugar, a possibilidade de classificar todas essas raças, e todos os seus rostos, de acordo com a sua aproximação ou afastamento dos modelos ideais em termos de semelhança formal e morfológica; por último, a existência de um limiar evolutivo abaixo do qual a raça humana cederia o lugar a outras espécies não humanas, cada vez menos dotadas por natureza e revelando cada vez mais essa inferioridade nas medidas das suas próprias cabeças, em cuja parte frontal deixaria de aparecer um rosto para aparecer, cada vez mais, um focinho ou mesmo um bico.

Essa teoria foi “provada” por medições que, no entanto, pelo menos para Camper, não se aplicavam a cabeças e rostos tridimensionais reais, mas aos seus desenhos idealizados. Camper podia, portanto, decidir arbitrariamente que a medição do ângulo facial era proporcional à posição do indivíduo que estava a ser medido no ranking da perfeição natural; podia escolher arbitrariamente certos pontos cruciais na estrutura da cabeça e, em particular, na do rosto, para que as suas medições pudessem fornecer provas das hipóteses racistas de que partia. Quando os investigadores contemporâneos e posteriores

leram Camper, concentraram-se no maravilhoso aparelho matemático que ele utilizou para provar as suas teorias; por vezes, criticaram-no, procurando melhorá-lo, escolhendo outros pontos-chave ou efetuando medições mais precisas; no entanto, ninguém questionou verdadeiramente os pressupostos que estavam na base de toda a operação. Ninguém se apercebeu de que a mensuração não servia para provar que os objetos medidos tinham qualquer relação causal com o *demonstrandum* (a teoria racista); pelo contrário, os objetos medidos foram escolhidos porque a sua mensuração podia ser usada para construir a ilusão de uma relação causal entre as suas proporções e a suposta hierarquia de beleza facial e correspondente estatuto moral e intelectual. Nos termos da semiótica de Peirce, Camper e os outros proponentes do ângulo facial procuravam fabricar uma relação pseudorreal por meio de uma retórica matemática que, com uma exibição fria de medidas e diagramas, apresentava as medidas faciais, e em particular o ângulo facial, como um sinal indexical de inteligência.

Ao mudar o enfoque de cabeças e rostos para crânios e ossos, Morton limitou-se a reforçar a retórica matemática do método de Camper, sem nunca pôr verdadeiramente em causa os seus pressupostos. Mediu crânios reais em vez de cabeças de estátuas desenhadas, aperfeiçoou as medições, alargou o *corpus* e até inventou uma máquina para a tarefa. No final, as suas medições eram exatas. Foram os pressupostos que continuaram errados e o quadro epistemológico de toda a metodologia. Gould pensou que, ao reavaliar os resultados matemáticos de Morton, poderia dar um golpe fatal no seu argumento, e até provar que as medições empíricas nas ciências naturais são sempre distorcidas pelos preconceitos ideológicos dos cientistas. Na realidade, Gould passou completamente ao largo da questão. Até reforçou involuntariamente a posição de Morton, uma vez que a subsequente reavaliação empírica da refutação de Gould, por sua vez, a refutou, confirmando assim indiretamente os dados de Morton. O que tinha de ser questionado, de fato, não eram os dados de Morton, mas a própria decisão ideológica de recolher medidas de crânios com o fim de provar a classificação das *raças humanas*. A atitude semiótica em ação na investigação de Morton não era diferente da que prevalece atualmente nas “teorias da conspiração”. Nas teorias da conspiração, geralmente o problema não é a matemática que mede os sinais, mas a própria decisão de transformar certos elementos da realidade em sinais. As medidas do rosto não são um sinal de inteligência humana; a decisão de as tratar como elementos susceptíveis de revelar as capacidades cognitivas de um ser humano foi errada desde o início. Era exatamente o mesmo que afirmar que as medidas do cotovelo são um sinal de inteligência humana. No entanto, se um tal absurdo for tomado

# D

como uma hipótese viável – como muitos “cientistas” fizeram desde o final do século XVIII até meados do século XIX –, então a matemática e a sua aura de objetividade e precisão podem ser adotadas como retórica para dar uma conotação de solidez às medições e aos dados que são selecionados e criados para provar a hipótese estranha à partida.

Os adversários de Gould, porém, também não compreenderam isto: ele estava errado ao afirmar que os cientistas poluem sempre as suas medições por causa da ideologia, mas os adversários de Gould eram igualmente ingênuos ao argumentar que as medições corretas protegem sempre contra a ideologia. Não é a medição que é ideológica, mas o seu objeto. E mesmo a própria medição pode, em alguns casos, ser ideológica, quando afirma que entidades que anteriormente eram consideradas incomensuráveis e incalculáveis estão agora sujeitas a medição e cálculo. A inteligência, a beleza e a moralidade são ideias abstratas a que foram dadas inúmeras definições diferentes ao longo da história, das culturas e das línguas, dependendo de condições contextuais muito complexas. Sempre que alguém argumenta que tais características podem ser medidas, calculadas e, conseqüentemente, classificadas, devemos suspeitar que a medição e o cálculo não são instrumentais, mas retóricos, evocados e adotados para rodear hipóteses ideológicas com uma aura grotesca de objetividade.

Mas isso também não deve levar à conclusão de que nada na natureza pode ser calculado e medido, e que nem tudo é modelado. Pelo contrário, a trágica tradição de acadêmicos – todos famosos e renomados no seu próprio tempo – que afirmavam que, medindo rostos e crânios, a beleza humana, a inteligência e até a dignidade podiam ser estimadas e classificadas deveria encorajar a semiótica cultural da matemática, aplicada de modo a aprofundar a questão de saber o que é que, em última análise, torna um determinado domínio da vida e da experiência humanas mensurável e contável, enquanto outras áreas, pelo contrário, nunca são bons temas para a avaliação matemática e a construção de modelos, porque a sua natureza não estruturada é tal que regularizá-la, ou ver nela regularidades arbitrarias, se transformaria provavelmente numa desculpa para vestir novos números com velhas roupas ideológicas. A esse respeito, o ceticismo de Gould acerca do “erro de medição do homem” era justificado: as ideologias da injustiça e da desigualdade são tão antigas como o mundo, e o truque de as embelezar com uma camada de geometria, aritmética ou estatística é igualmente antigo; a retórica matemática utiliza agora novas teorias e dispositivos, estatísticas complexas em vez de aritmética simples, e reconhecimento facial em vez de craniômetros, mas ainda de acordo com o “mesmo texto mau de discriminação” (Gould, 1996, p. 35). ■

## REFERÊNCIAS

- Blanckaert, C. (1987). «Les vicissitudes de l'angle facial» et les débuts de la craniométrie (1765-1875). *Revue de Synthèse*, 108(3-4), 417-453. <https://doi.org/10.1007/BF03189070>
- Blumenbach, J. F. (1795). *De generis humani varietate nativa*. Apud Vandenhoeck et Ruprecht.
- Boylan, M. (2007). Galen: On blood, the pulse, and the arteries. *Journal of the History of Biology*, 40(2), 207-230. <https://doi.org/10.1007/s10739-006-9116-2>
- Broca, P. (1871a). Description d'un nouveau goniomètre (1864). In *Mémoires d'Anthropologie* (Vol. 1, pp. 106-109). Reinwald.
- Broca, P. (1871b). Mémoire sur le crâniographe et sur quelques-unes de ses applications (communiqué à la Société d'Anthropologie dans les séances du 19 décembre 1861 et 6 novembre 1862). In *Mémoires d'anthropologie* (Vol. 1, pp. 41-42). Reinwald.
- Broca, P. (1872). Sur la direction du trou occipital: Description du niveau occipital et du goniomètre occipital. *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris, 2e série*, 7, 649-668. [https://www.persee.fr/doc/bmsap\\_0301-8644\\_1872\\_num\\_7\\_1\\_4535](https://www.persee.fr/doc/bmsap_0301-8644_1872_num_7_1_4535)
- Camper, P. (1791). *Dissertation physique de Mr. Pierre Camper, sur les différences réelles que présentent les traits du visage chez les hommes de différents pays et de différents âges; sur le beau qui caractérise les statues antiques et les pierres gravées*. B. Wild & J. Altheer.
- Cloquet, J. (1825). *Manuel d'anatomie descriptive du corps humain* (Vols. 1-4). Béchet Jeune.
- Cuvier, G., & Geoffroy Saint-Hilaire, É. (1795). Histoire naturelle des Orangs-Outangs. *Magasin encyclopédique*, 3, 451-463.
- Daubenton, L.-J.-M. (1764). Mémoire sur les différences de la situation du grand trou occipital dans l'homme et dans les animaux. In *Histoire de l'Académie royale des sciences, 1764: Avec les Mémoires de mathématique et de physique, pour la même année, tirés des registres de cette Académie* (pp. 568-575). Imprimerie Royale.
- Deschamps, M.-H. (1857). *Études des races humaines*. Leiber et Comelin.
- Gould, S. J. (1978). Morton's ranking of races by cranial capacity: Unconscious manipulation of data may be a scientific norm. *Science*, 200(4341), 503-509. <https://www.science.org/doi/10.1126/science.347573>
- Gould, S. J. (1996). *The Mismeasure of Man*. W.W. Norton and Company.
- Harris, J. C. (2012). Lovesickness: Erasistratus Discovering the Cause of Antiochus' Disease. *Archives of General Psychiatry*, 69(6), 549. <https://doi.org/10.1001/archgenpsychiatry.2012.105>

- Humboldt, A. V. (1845). *Kosmos* (Vol. 1). H. Baillière.
- Lanteri-Laura, G. (1970). *Histoire de la phrénologie: L'homme et son cerveau selon F.J. Gall*. P.U.F.
- Le Brun, C. (1702). *Méthode pour apprendre à dessiner les passions: Proposée dans une conférence sur l'expression générale et particulière*. Van der Plaats.
- Leone, M. (2022). Visage mathematics: Semiotic ideologies of facial measurement and calculus. In M. Danesi (Ed.), *Handbook of Cognitive Mathematics* (pp. 1-26). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-44982-7\\_48-1](https://doi.org/10.1007/978-3-030-44982-7_48-1)
- Lewis, J. E., DeGusta, D., Meyer, M. R. Monge, J. M., Mann, A. E., & Holloway, R. L. (2011). The mismeasure of science: Stephen Jay Gould versus Samuel George Morton on skulls and bias. *PLoS Biology*, 9(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pbio.1001071>
- Mead, M. (2015). Vicissitudes of the study of the total communication process. In T. A. Sebeok (Ed.), *Approaches to semiotics: Cultural anthropology, education, linguistics, psychiatry, psychology – Transactions of the Indiana University Conference on Paralinguistics and Kinesics (1962)* (pp. 277-288). De Gruyter Mouton.
- Meigs, J. A. (1861). On the mensuration of the human skull. *The North American Medico-Chirurgical Review*, 5, 837-861. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10344226/>
- Morton, S. G. (1839). *Crania Americana; or, A comparative view of the skulls of various aboriginal nations of North and South America: To which it is prefixed an essay on the varieties of the human species*. J. Dobson; Simpkin, Marshall & co.
- Mulder, G. J. (1808). *Oratio de Meritis Petri Camperi in Anatomiam Comparatam*. Apud Theodorum Spoomaker.
- Pérez, C., & Pompeu, B. (2024). Semiótica do futuro, futuro da semiótica. *El Signo Invisible*, 8, 7-8. <https://elsignoinvisible.com/x-congreso-latinoamericano-de-semiotica/>
- Pittard, E. (1924). *Les races et l'histoire: Introduction ethnologique à l'histoire* (2nd ed.). Albin Michel.
- Porta, G. (1586). *De humana physiognomonia libri IIII*. Apud Iosephum Cacchium.
- Quatrefages, A. (1856). Rapport sur un mémoire de M. Jacquart. *Comptes rendus des séances de l'Académie des sciences*, (43), 522-529. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3000k/f525.item>
- Spiegel, A. V. (1627). *De humani corporis fabrica* (Libri 1-2). Apud Euangelistam Deuchinum.
- Stefanou, M. I. (2020). The footprints of neuroscience in Alexandria during the 3rd century: Herophilus and Erasistratus. *Journal of Medical Biography*, 28(4), 186-194. <https://doi.org/10.1177/0967772018789349>

- Vesalius, A. (1543). *De humani corporis fabrica*. Ex officina Ioannis Oporini.
- Virey, J.-J. (1800). *Histoire naturelle du genre humain, ou Recherches sur ses principaux fondements physiques et moraux* (Vol. 2). Dufart.
- Wills, A. (1999). Herophilus, Erasistratus, and the birth of neuroscience. *The Lancet*, 354(9191), 1719-1720. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(99\)02081-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(99)02081-4)
- Wiltse, L. L., & Pait, T. G. (1998). Herophilus of Alexandria (325-255 BC): The father of anatomy. *Spine*, 23(17), 1904-1914. <https://doi.org/10.1097/00007632-199809010-00022>

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.



# I Art-à-porter: a moda na era da inteligência artificial

## *I Art-à-porter: fashion in the age of artificial intelligence*

■ JOSÉ MARÍA PAZ GAGO<sup>a</sup>

Universidade de Corunha. Corunha, Espanha

### RESUMO

O sistema da moda foi imediatamente colonizado pela inteligência artificial (IA) generativa multimodal: desde o design criativo de croquis e estampas até campanhas de marketing e publicidade audiovisual, tudo já pode ser gerado e funcionar a partir da lógica do algoritmo usado pelas ferramentas de IA. Esse estágio intermediário entre a realidade virtual e a inteligência artificial é conhecido como metaverso, que atualmente constitui o precedente imediato usado por marcas de moda como a Gucci. Assim, recriam-se espaços e modelos virtuais, cada vez mais difíceis de distinguir dos modelos reais, apresentados na IAFashion Week. Tentaremos definir a modalidade semiótica desse fenômeno tecnocomunicativo radicalmente disruptivo que, em comparação com a representação típica da mídia analógica e a simulação característica da mídia digital, será definida com base no conceito de maquinação.

**Palavras-chave:** Moda, semiótica, inteligência artificial, representação, simulação, maquinação

### ABSTRACT

The fashion system has been immediately colonized by generative multimodal artificial intelligence (AI): from the creative design of figurines and patterns to audiovisual marketing and advertising campaigns, everything can now be generated and run from the logic of the algorithm used by AI tools. This early invasion of these applications lies in an intermediate stage between virtual reality and artificial intelligence known as the metaverse. These immersive hybrid virtual spaces constitute the immediate precedent of the AI used by fashion brands such as Gucci. Thus, AI recreate virtual spaces and models, increasingly difficult to distinguish from real models, presented at IAFashion Week. We will try to define the semiotic modality of this radically disruptive techno-communicational phenomenon that, in contrast to the Representation typical

<sup>a</sup> Professor catedrático de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade de Corunha (Espanha). Especializado nas relações da literatura com as artes do espetáculo, o cinema e a moda, foi professor visitante na Paris3-Nouvelle Sorbonne, na Universidade da Califórnia-Santa Bárbara e na Universidade Autônoma da Colômbia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0526-377X>. E-mail: [jmpaz@udc.es](mailto:jmpaz@udc.es)

of analog media and the simulation characteristic of digital media, will be defined from the concept of machination.

**Keywords:** Fashion, semiotics, artificial intelligence, representation, simulation, machination

O SISTEMA DE MODA foi o primeiro a ser inteiramente colonizado pela inteligência artificial (IA) cognitiva, generativa e multimodal: desde o design criativo de croquis, estampas e modelos até campanhas publicitárias de marketing e audiovisuais, passando pela modelagem, fabricação, distribuição e logística, juntamente com o design de lojas, com suas vitrines, mostradores e provadores virtuais, tudo já pode ser gerado e funcionar a partir da lógica do algoritmo utilizado pelas ferramentas e aplicações de IA.

Sem dúvida, o motivo dessa invasão precoce dos *softwares* e aplicativos mais inovadores do momento está em um estágio intermediário entre a realidade virtual e a inteligência artificial conhecida como metaverso. Esses espaços virtuais híbridos imersivos baseados em tecnologias de realidade virtual (VR), realidade aumentada (AR) e realidade mista (MR), combinados na chamada realidade estendida (XR), constituem o precedente imediato da IA intensamente usada por marcas de alta moda nos últimos anos como uma experiência interativa de compras on-line.

Uma vez terminada esta fase, as inteligências artificiais recriam espaços visuais e usam modelos virtuais, difíceis de distinguir dos modelos reais, apresentados na IA Fashion Week, seguidos por inúmeros seguidores de moda em todo o mundo.

Nosso objetivo neste trabalho é tentar definir a modalidade semiótica desse novo fenômeno tecnocomunicativo, o mais recente desenvolvimento da tecnologia computacional de natureza radicalmente disruptiva e inovadora, que, comparada ao modo de representação dos meios analógicos e ao modo de simulação característico dos meios digitais e do metaverso, será definida como um modo de maquinação, com o duplo sentido literal e etimológico contido nesse lexema: artimanha com a intenção de engano e produção a partir de uma máquina.

## MODO DE REPRESENTAÇÃO: MODA EM MÍDIAS ANALÓGICAS E DIGITAIS

Sendo um fenômeno cronotópico muito particular, as diferentes propostas de moda para se tornarem tendência necessitam de uma difusão espacial máxima num lapso de tempo mínimo, razão pela qual a moda sempre recorreu e utilizou os diferentes meios de comunicação para expandir as suas propostas e, em última

análise, para existir. De fato, a moda como fenômeno contemporâneo nasceu no final do século XVIII, com a Revolução Francesa, ao mesmo tempo em que nasceram os primeiros periódicos e, com eles, as primeiras revistas de moda.

O ecossistema *da moda* é essencialmente semiótico e comunicacional porque se baseia em um mecanismo mimético e, portanto, precisa das mídias para existir, uma vez que apenas o que é conhecido é imitado. Como apontam Pérez e Pompeu (2020, p. 56), “a dimensão signica, semiótica e simbólica da moda reside em seus processos de consumo, disseminação e significação”. As diferentes propostas de vestuário utilizam as diferentes tecnologias de informação que evoluíram ao longo dos últimos três séculos - imagem fixa ou em movimento, revistas ilustradas e telas, em grandes salas, em casa ou interconectadas – para se espalhar e, assim, se tornar um fenômeno de moda e consumo, um fenômeno necessariamente global.

É também por isso que a moda sempre esteve ligada às mais recentes tecnologias de comunicação de cada momento histórico. De acordo com essa dinâmica comunicativa a ela inerente, propus uma nova periodização histórica da moda a partir das modalidades e mídias utilizadas (Paz Gago, 2016): gravura e ilustração, de cunho artístico, no século XIX (*Art-à-porter*); mídias audiovisuais de massa como fotografia, cinema e televisão no século XX (*Prêt-à-porter*), tecnologias digitais ligadas à Internet e redes sociais na transição do século XX para o século XXI (*Net-à-porter*). Assim, o mais recente desenvolvimento tecnológico de inteligências artificiais cognitivas e geradoras se adaptou imediatamente e prevaleceu naturalmente no ecossistema da moda (*IArt-à-porter*).

Seja mais elitista ou mais democrático, mais sofisticado ou mais acessível; use papel ou palco, pano ou tela de vidro; gravura, fotografia, filme celuloide ou o programa na televisão, os meios analógicos usados pela moda respondem à modalidade semiótica de representação. Com uma longa tradição teórica que remonta às concepções miméticas de Aristóteles e encontra seu fundamento contemporâneo na obra semiótica de Peirce, este é o conceito que deu conta das chamadas artes representativas durante os últimos vinte e cinco séculos.

Como se sabe, para o lógico americano o signo é aquilo que está no lugar de algo, aquilo que representa algo ausente, a saber, a referência ou representam em sua terminologia. Embora seja a categoria de secundidade, também outro dos componentes do signo, o interpretante, constituiria uma representação mediadora que representa que o que se refere é uma representação do mesmo objeto que representa (Peirce, 1866), em uma definição um tanto tautológica do interpretante como uma meta-representação. Dois anos depois, aprofundando sua lista de categorias universais, uma das quais é precisamente a representação, Peirce expande o significado desse conceito central, fornecendo alguns exemplos muito esclarecedores:

# D

O termo representação deve ser entendido aqui em um sentido muito amplo, que alguns exemplos explicarão melhor do que uma definição. De acordo com esse significado, uma palavra representa uma coisa para a concepção que está na mente do ouvinte, um retrato representa a pessoa que é expressamente o objeto para a concepção de reconhecimento, um cata-vento representa a direção do vento para a concepção de quem o entende, um advogado representa seu cliente perante o juiz e júri que ele influencia. (Peirce, 1868, tradução própria)

Quando vejo um anúncio de uma marca de moda na revista *Vogue* ou vejo um desfile da Dolce & Gabbana no canal Fashion TV ou em um *story* no Instagram da marca, estou vendo as propostas de roupas para a próxima temporada; são roupas reais usadas por modelos reais, que posso comprar em uma boutique da minha cidade ou em uma loja on-line da marca. Essas mídias nos oferecem uma representação com referências reais, porque essas roupas e acessórios existem na realidade e eu posso realmente adquiri-los.

Embora a moda estivesse perfeitamente adaptada às redes sociais como Instagram ou TikTok para sua divulgação, esse meio digital não significou uma mudança semiótica substancial no status da moda, que permanece referencial. Embora seus gêneros usuais, como posts, *stories* ou *reels*, tenham influenciado seu discurso, *o profundo senso social da moda* permanece o mesmo (Terracciano, 2017, 2020) e continua respondendo à representação.

### **MODO DE SIMULAÇÃO: O METAVERSO, UM PRECEDENTE DO IART-À-PORTER**

De fato, não há mudança na modalidade semiótica quando posso acessar a moda representada nas mídias audiovisuais por meio das mídias digitais, principalmente nas redes sociais fashionistas como Instagram ou TikTok. A dúvida surge quando percebemos e experimentamos a moda através dos mais recentes desenvolvimentos tecnológicos das inteligências artificiais e seu precedente mais imediato, o metaverso. Eles respondem ao modo semiótico de representação ou dão origem a um novo modo semiótico?

O metaverso configura espaços artificiais híbridos tendo conseguido reunir diferentes desenvolvimentos e aplicações de realidade virtual (VR), realidade aumentada (AR) e realidade mista (MR), juntos na chamada realidade estendida (XR) (Patel & Gajjar, 2024). Ao combinar e sobrepor a experiência imersiva em ambientes espaciais virtuais típicos dos videogames (VR) com ambientes reais nos quais personagens e objetos virtuais (AR) são integrados com os quais podem interagir (MR), são alcançados os efeitos sensoriais da

chamada realidade estendida, que relaciona todos os outros para capturar aquele universo alternativo que constitui o metaverso. Em particular, a AR já foi muito explorada pela prática artística atual na medida em que assume o que Avram (2016, pp. 56-69) chama de *convergência real-virtual*, ou seja, fornece sistemas de visualização e interação que permitem a sobreposição perceptual de informações virtuais sobre a imagem da realidade factual em tempo real, de forma interativa.

Nesses ambientes mistos, os seres artificiais podem interagir, projetando nossas personalidades empíricas, nossos avatares, para estabelecer relações sociais e comerciais, proporcionando experiências muito gratificantes tanto de natureza lúdica e artística quanto de consumo *online* aos seus receptores-usuários. É essa experiência sensorial e comercial que tem levado as marcas de alta costura a desenvolverem suas boutiques imersivas no metaverso, como é o caso da Gucci, uma das casas de moda que mais investiu nessa antecâmara virtual da moda IArt.

A Metaverso Gucci constitui todo um universo virtual desenvolvido pela marca italiana usando a tecnologia Web 3.0<sup>1</sup>, recriando seus signos muito particulares de identidade estética de vestuário. Enunciados pelo ex-diretor criativo até 2022, Alessandro Michele, substituído por Sabato de Sarno desde 2023, os clasmemas que se repetem nas passarelas reais e virtuais dialogam incansavelmente com o discurso artístico digital, subjugados por seu barroco floral e estilo de luxo decadente, complementados pela extravagância de acessórios inéditos que seduzem uma clientela fiel e satisfeita. Esse isótopo da identidade estética da marca é sobreposto pela estética tecnológica dos videogames e pela textura visual do metaverso, em que se combinam nessas novas propostas com uma comunicação e eficácia comercial de muito sucesso.

Esta autêntica galáxia virtual inclui Gucci Cosmos, uma galeria que mostra a história da empresa ao longo de um século através de nove instalações; Gucci Art Space, uma exposição de artistas digitais de vanguarda como Amy Goodchild, Stiles ou Harvey Rayner que mostram criações de arte digital originais que podem ser navegadas, sob a rubrica Paralel Universes; Supergucci oferece uma série de *non-fungible tokens* (NFT) ultra-limitados criados pelos artistas Janky e Guggimon; Gucci Vault, a loja-conceito virtual da casa italiana; Good Game, videogames que transformam as chaves estéticas acima mencionadas da marca em uma experiência lúdica. Para garantir o sucesso da imersão interativa, a Gucci fez uma parceria com o Zepeto, um aplicativo que permite personalizar os avatares de cada usuário que não apenas se movem livremente por esses mundos virtuais imaginários, mas podem se tornar obras de arte únicas com um valor no mercado financeiro, ou seja, tornam-se NFTs.

<sup>1</sup> <https://www.gucci.com/es/es/st/capsule/vault-metaverse>

Como a moda é uma arte, mas não devemos esquecer que também é uma indústria, é uma estratégia essencialmente comercial, cujos objetivos vão desde vender moda para nossos avatares até nos oferecer esses investimentos financeiros em NFT, desde recriar lojas digitais com seus provedores virtuais *ad hoc*, que nos permitem escolher e experimentar a roupa mais apropriada sem sair de casa, até reduzir custos em modelos, locais e passarelas.

O Gucci Garden ofereceu uma experiência multimídia imersiva através do universo estético da marca do Grupo Kering, hospedado temporariamente na plataforma de jogos do metaverso preferida pelas marcas de moda, Roblox<sup>2</sup>. É nesse caso que os usuários de avatar se tornam os manequins de uma exposição ao mesmo tempo em que acessam essa mesma exposição virtual interativa que recria as campanhas publicitárias muito particulares da Gucci, transformando-se em obras de arte digitais ou NFTs, valores únicos nos quais podem investir.

Mas a Gucci foi além nessa experiência e já criou o Gucci Town, um espaço virtual na mesma plataforma, o Roblox, mas permanente e aberto. Configurada como uma cidade com sua praça central e espaços adjacentes, oferece uma experiência lúdica e comercial imersiva repleta de surpresas, performances e atividades para nós e para nossos avatares, um novo ritual de consumo no ciberespaço do metaverso.

Diante do conceito semiótico de representação simbólica e referencial de algo real ou imaginário, o metaverso poderia inaugurar uma nova modalidade semiótica, a simulação. É um novo modo de enunciação e recepção baseado em processos eletrônicos que criam ambientes espaciais híbridos por meio de imagens sintéticas nas quais podemos nos integrar e interagir. Foi Poster (1990) quem previu, há mais de três décadas, a crise do modo de representação provocada pelo surgimento do modo de informação ligado às tecnologias audiovisuais e digitais, responsável por uma mudança radical no paradigma da comunicação.

O conceito de simulação advém da ciência da computação para designar processos numéricos e teóricos de representação de modelos existentes – ou não – no mundo real. Tal simulação de modelos conceituais, portanto abstratos, requer uma representação estilizada do sistema real no modelo de simulação (Robinson, 2011, 2014) para ser utilizada na recriação tridimensional hiperrealista de determinados artefatos e processos (simuladores de voo, por exemplo).

Esse novo paradigma tecnológico na representação e apresentação da moda, tanto em sua faceta artística quanto comercial, pode significar uma mudança no status semiótico do sistema da moda em que a representação referencial é substituída pela simulação de roupas reais, modelos e das lojas em que são vendidas. Não estamos mais diante da realidade empírica, mas da realidade virtual em suas diferentes versões tecnológicas que permitem que os efeitos imersivos

<sup>2</sup><https://www.gucci.com/es/es/st/stories/article/gucci-gaming-roblox>

em virtude dos quais o receptor-cliente também perde sua corporalidade real e se torna um avatar de si mesmo.

A troca comunicativa mediada pelo complexo tecnológico virtual substitui a representação simbólica e referencial pela simulação obtida por meio de processos e dispositivos imersivos, autorreferenciais e sintéticos de realidade aumentada e expandida (Paz Gago, 2020). A representação é aqui um mero efeito de sentido, percebido pelos destinatários tanto visual quanto sensorialmente, um simulacro semiótico que nega referência e o próprio sentido, representação pura despojada de seu objeto e de seu interpretante.

### MODO DE MAQUINAÇÃO: AIFASHION

Mas o metaverso e sua modalidade semiótica, a simulação, nada mais era do que uma miragem tecnológica de duração muito curta. A onda de um conjunto de tecnologias que fervilhava desde meados do século XX, a inteligência artificial, nos despertou de um sonho de infância, com o surgimento de um videogame, para revelar a revolução mais disruptiva e fascinante que poucos haviam imaginado.

As ferramentas da IA cognitivo-neuronal e generativa foram aplicadas ao sistema da moda desde o início, com uma força e velocidade verdadeiramente surpreendentes. Hoje podemos usá-los sem dificuldade para a concepção, criação e representação visual de desenhos de croquis ou estampas usando *chatbots* ou aplicativos como DALL-E ou Midjourney.

Embora a empresa espanhola Stradivarius tenha sido a primeira a criar uma coleção e uma campanha publicitária recriadas pela inteligência artificial, a marca holandesa G-Star Raw criou, em 2023, a primeira peça inteiramente desenhada com o *software* da Midjourney, tornando-o mais tarde nas suas verdadeiras oficinas. É uma peça de tecido jeans que recria o motivo de um guerreiro futurista, o AI Denim Cap.

Todos os tipos de fotos e vídeos podem ser gerados através de *softwares*, assistentes, *chatbots* e todos os tipos de aplicativos de inteligência artificial de última geração (VideoChatGPT 4.0, Filmora, Artlist...), que transformam texto oral ou escrito em vídeo ou vice-versa, criam as imagens e as editam, com uma eficiência e perfeição que merecem a qualificação de *mágica*, usada por algumas dessas plataformas como uma reivindicação publicitária.

Desta forma, campanhas completas de marketing e publicidade podem ser lançadas sem qualquer esforço criativo e técnico humano, porque a máquina nos dá tudo resolvido e realizado, premiando também capacidades criativas, aquelas que até agora pensávamos desenhar a fronteira intransponível entre

o humano e o não humano, a máquina. A Neural Fashion IA, por exemplo, é uma plataforma de criação de vídeo (*shootings*) para campanhas de moda que oferece seus serviços eficientes a marcas e diferentes agentes do setor de moda para gerar seus conteúdos audiovisuais tanto em seus processos de criação quanto em suas estratégias de publicidade e marketing.

No campo industrial, desde os processos de fabricação e manufatura até a logística de distribuição e gestão de lojas físicas e on-line, implementadas com sistemas de pagamento automático ou com testadores virtuais que buscam proporcionar uma experiência de extremo conforto e satisfação aos clientes, são realizadas e controladas com ferramentas e aplicações de AR e IA. Em particular, esses provadores virtuais que nos permitem verificar como uma peça se sente sem ter que testá-la fisicamente através de grandes telas de espelho em lojas físicas ou nas menores telas de smartphones são cada vez mais sofisticados.

Mas o setor de moda onde o surgimento da IA tem sido mais surpreendente é na contratação de manequins de IA, com agências de modelos disponíveis sob demanda, e mesmo nos desfiles de moda, com uma proliferação de passarelas e IA Fashion Weeks que migraram naturalmente do metaverso para ambientes criados com inteligência artificial geradora, cada vez mais abrangentes e cada vez mais surpreendentemente criativos.

No que é hoje a rede social onde reinam os influenciadores da moda, os onipresentes *fashiongrammers*, os e-mails de transmissão das principais tendências e marcas da galáxia da moda, o Instagram, já existem inúmeros modelos de IA, que os usuários parecem tomar por seres reais de carne e osso. Cada vez mais, os seres artificiais e os seres reais são mais difíceis de distinguir, com tudo o que isso acarreta de riscos e problemas.

O curioso é que esses *bots* fashionistas têm um tráfego incrível de reações e comentários: Sofia Artif (@sofia.artif), por exemplo, chegou a quase duzentos mil seguidores em um ano. Em seus *posts* ela pode aparecer na capa da *Vogue* ou em uma passarela, apresentando as novas tendências de primavera-verão em Cannes ou Santorini, acumulando milhares de *curtidas* em cada uma delas e muitos comentários com corações vermelhos e chamadas de fogo, expressando amor e paixão por ela e pelos modelos que veste, quando nada mais é do que a criação de um programa generativo de inteligência artificial, como fica claro em seu perfil.

Com uma estética fisionômica muito semelhante e difusão semelhante na rede, Feli (@feli.airt) se apresenta como um criador digital no campo da fotografia e da IA. O mais interessante é a informação contínua que ele dá sobre suas interações com os mais importantes *influenciadores* reais do cenário internacional e com a imprensa de moda no papel, como se quisesse nos convencer de seu

contato com o mundo e a moda real. Assim, ele insiste em seus *reels* que Kim Kardashian, uma das celebridades mais influentes do momento, deu um *like* em um de seus *posts* ou destaca a inserção de suas fotos em revistas *couché* como a *Vogue Korea* ou a *Harper's Bazaar Korea*, juntamente com – ele se preocupa em citar – a própria Kendall Jenner.

Um caso semelhante é o de Seraphinne Vallora (@seraphinnevallora), cujos *posts* e *reels* mais recentes podem chegar a oitenta mil *curtidas* quando, por exemplo, ela apresenta uma coleção vintage dos anos 1990 das marcas Tom Ford ou Versace. Mas nesse caso fica claro que é o perfil de uma agência de marketing que oferece seus serviços às empresas para criar campanhas publicitárias movidas por inteligência artificial. Seraphinne Vallora nada mais é do que uma afirmação atraente para qualquer marca de moda, à qual é prometida a possibilidade de obter imagens como ela - embora muito mais fotorrealistas, dizem eles - para mostrar seus produtos, isso sim, com muito pouca empatia por modelos reais, porque eles são incentivados a substituí-los: *Chega de modelos, contrate uma equipe de marketing com inteligência artificial.*

Além dessas mensagens pouco lisonjeiras para os manequins humanos, oferece infinita economia e possibilidades de criar uma campanha dos sonhos sem o estresse de organizar uma verdadeira sessão de fotos, em qualquer local e no estilo – apontam, com alguma engenhosidade – das campanhas da *Vogue*. Mas os serviços prometidos por esta agência vão além, muito além, pois oferecem de tudo, desde modelos de diferentes raças para ajudar a criar sua própria linha de roupas e em qualquer estilo, similar a uma sessão de fotos de uma modelo real na vida real (é como fotografar uma modelo na vida real).

Com aquela arrogância que se assemelha ao próprio Deus, os novos magos da inteligência artificial sustentam que são capazes de tudo: “O céu é o limite! Podemos fazer tudo por você!” (*The sky is the limit! We can do it all for you*). Pelo menos, eles podem tentar de tudo, como já é feito nas inúmeras passarelas e Fashion Weeks com modelos virtuais e artificiais que inundam a web, mas sem um resultado muito realista no momento. O efeito de realidade que leva a confundir modelos reais de carne e osso com os modelos de passarela gerados pela inteligência artificial ainda está longe – o que no campo da inteligência artificial pode ser de algumas centenas de metros –, mas esse momento chegará mais cedo ou mais tarde, como já é o caso dos modelos de bot do Instagram.

Se todos os processos que compõem o sistema da moda na era *IArt-à-porter* são gerados por superinteligências artificiais, estamos diante de um novo paradigma, mas um paradigma criativo, comercial e até existencial absolutamente novo, consequência de uma revolução tecnológica disruptiva como a humanidade nunca conheceu antes.

O absolutamente novo, que significa uma revolução radicalmente disruptiva também do ponto de vista semiótico, nas inteligências artificiais multimodais geradoras é que o sujeito enunciador não é humano, mas uma máquina. Também semioticamente, na moda, nas artes e em todas as áreas da vida, a IA supera o que chamamos de modo de simulação e inaugura o que chamaremos de modo de maquinação, no duplo sentido deste termo: engano artificial, truques maliciosos e o etimológico produzido por uma máquina.

Os modelos cognitivos, que imitam com precisão as redes neurais do cérebro humano em um supercomputador, fazem essa utopia de criar inteligências artificiais que podem acumular todo o conhecimento humano conhecido até agora, por meio de *big data*, selecionando-o e controlando-o por meio de algoritmos. Nenhum humano poderia acumular tanto conhecimento ou relacioná-lo, cloná-lo, combiná-lo, usá-lo, acumulá-lo . . . o que tem suas vantagens, mas também seus riscos e desvantagens. Por isso mesmo, a maquinação inclui também os significados denotativos e conotativos contidos naquele lexema, a saber: confabulação, enredo, conspiração, intriga.

Como toda revolução tecnológica, e tão radical quanto esta, ela apresenta seus perigos e seus desafios. Não só os mais apocalípticos anunciam que o desenvolvimento dessas supercapacidades intelectuais geradoras inovadoras pode levar à extinção da própria espécie humana. Um de seus fundadores, Geoffrey Hinton, criador das primeiras redes neurais artificiais, enfatiza os riscos envolvidos em sua própria criação. Assinado pelo Google Bard, o generativo *bot* multimodal de inteligência artificial criado pelo Google Labs (agora conhecido como Gemini), que já abandonou, e o novo Prêmio Nobel de Física 2024, Hinton declarou, diante da vertiginosa evolução dos *chatbots* do tipo ChatGPT: “estamos criando um monstro que constitui uma ameaça iminente à humanidade” (Metz, 2023, tradução nossa).

O artista visual Daniel Canogar (2024, p. 50) alertou “que a implementação de uma nova tecnologia às vezes é radicalmente ameaçadora”, referindo-se ao caso extremo da aliança entre a inteligência artificial e a indústria militar, que pode levar a espécie humana a uma extinção segura. Certamente não é o caso da aliança entre inteligência artificial e moda, que pode oferecer novas experiências, oportunidades e desenvolvimentos criativos inovadores. Sem ser uma panacéia ou um substituto, em qualquer caso, para a moda real, desde as criações de roupas únicas da Alta Costura até a produção em série do *pret-à-porter*, usado por modelos reais, a era do *IArt-à-porter* está apenas começando.

Autoridades políticas e judiciais, artistas, pensadores e cientistas alertam para a necessidade de controlar e regular a inteligência artificial, cuja capacidade de aprendizagem e clonagem causa vertigem. Até muito recentemente,

nos perguntávamos se a inteligência artificial superaria a inteligência natural humana ou se poderia se tornar criativa. Dado o rápido desenvolvimento dessas tecnologias, hoje me atrevo a dar uma resposta afirmativa a essas perguntas. ■

## REFERÊNCIAS

- Avram, H. (2016). *The visual regime of augmented reality art: Space, body, technology, and the real-virtual convergence*. McGill University.
- Canogar, D. (2024). La automatización del conocimiento: Inteligencia artificial, creatividad y resistencia. In V. R. Lozano, D. Innerarity, D. Canogar, A. Patiño, J. & G. Vicén, *Ojo al dato: Inteligencia artificial y artes visuales* (pp. 43-55). Vegap.
- Innerarity, D. (2024). El sueño de la máquina creativa. In V. R. Lozano, D. Innerarity, D. Canogar, A. Patiño, J. & G. Vicén, *Ojo al dato: Inteligencia artificial y artes visuales* (pp. 33-42). Vegap.
- Metz, C. (2023, 1 de mayo). 'The Godfather of A.I.' leaves Google and warns of danger ahead. *New York Times*. <https://www.nytimes.com/2023/05/01/technology/ai-google-chatbot-engineer-quits-hinton.html>
- Patel, P., & Gajjar, S. (2024). From augmented to extended: a study of AR, VR, MR and XR – The realities. *International Journal of Progressive Research in Engineering Management and Science*, 4(1), 607-614. [https://www.ijprems.com/uploadedfiles/paper//issue\\_1\\_january\\_2024/32614/final/fin\\_ijprems1706967071.pdf](https://www.ijprems.com/uploadedfiles/paper//issue_1_january_2024/32614/final/fin_ijprems1706967071.pdf)
- Paz Gago, J. M. (2016). *Moda & Sedução*. Estação das Letras e Cores.
- Paz Gago, J. M. (2020). Simulacros. Nuevos modos de Representación en el espectáculo postcontemporáneo. *Tropelias*, (7), 641-652. [https://doi.org/10.26754/ojs\\_tropelias/tropelias.202074775](https://doi.org/10.26754/ojs_tropelias/tropelias.202074775)
- Peirce, C. S. (1982). On a method of searching for the categories: Ms 133, november-december 1866. In M. H. Fisch, C. J. W. Kloesel, E. C. Moore, D. D. Roberts, L. A. Ziegler & N. P. Atkinson (Eds.), *Writings of Charles S. Peirce: A chronological edition, Volume 1: 1857-1866* (pp. 515-528). Indiana University Press.
- Peirce, C. S. (1868). On a new list of categories. *Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences*, (7), 287-298. <https://www.peirce.org/writings/p32.html>
- Pérez, C., & Pompeu, B. (2020). Moda mimética, desviante e criativa: em busca da secundidade perdida. *deSignis*, (32), 49-61. <https://doi.org/10.35659/designis.i32p49-61>
- Poster, M. (1990). *The mode of information: Poststructuralism and social context*. University of Chicago Press.

# D

## IArt-à-porter: a moda na era da inteligência artificial

- Robinson, S. (2011). Conceptual modeling for simulation. In J. J. Cochran (Ed.), *Encyclopedia of Operations Research and Management Science*. Wiley.
- Robinson, S. (2014). *Simulation: The practice of model development and use*. Palgrave.
- Terracciano, B. (2017). *Social moda: Nel segno di influenze, pratiche, discorsi*. Farnco Angeli.
- Terracciano, B. (2020). Moda en Instagram: historias y discursos. *deSignis*, (32), 91-101. <http://dx.doi.org/10.35659/designis.i32p91-101>

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.

# Práticas de vida no futuro, prospecção semiótica: como o passado se reinscreve no hoje e no amanhã?

*Life practices in the future, semiotic prospecting: how does the past reinscribe itself in the world of today and tomorrow?*

ANA CLAUDIA DE OLIVEIRA <sup>a</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo – SP, Brasil

## RESUMO

O artigo visa mostrar a disciplina semiótica na construção que lhe deu Algirdas Julien Greimas com os desdobramentos dos regimes de interação e sentido como correlações entre princípios de narratividades desenvolvidos por Eric Landowski e como essa complexificação do modelo interacional oferece arcabouço teórico e metodológico para elaborar prospecções dos objetos de estudo com descrição, análise e interpretação. Com esse aporte da teoria geral do sentido, o artigo prospecta as práticas de vida instaladas do início do século XX a partir do ponto de vista do movimento artístico do Futurismo e mostra a radical distância do otimismo no mundo regido pela inovação tecnológica que domina o hoje resultando em uma visão desencantada e disfórica da vida social na atualidade que se projeta em um futuro de incertezas nas narrativas de vida.

**Palavras-chave:** Semiótica; Regimes de interação e sentido; Futurismo, Desencantamento tecnológico, Práticas de vida.

<sup>a</sup> Professora Titular da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Faficla/PUC-SP). Dirige pesquisas e ministra disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, no eixo teórico da Semiótica Discursiva e na Graduação de Letras: Língua Portuguesa e Tradução Inglês e Português. Codirige o Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS). Diretora da revista Acta Semiotica. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6528-8143>. E-mail: [anaclaudiamei@hotmail.com](mailto:anaclaudiamei@hotmail.com)

## ABSTRACT

This article aims to show the semiotic discipline as constructed by Algirdas Julien Greimas, focusing on the developments in regimes of interaction and meaning as correlations between principles of narrativity developed by Eric Landowski. Moreover, it explores how this complexification of the interactional model provides a theoretical and methodological framework for elaborating prospects for objects of study through description, analysis, and interpretation. Based on this foundation of the general theory of meaning, the article seeks out ways of life established at the beginning of the 20th century from the perspective of the Futurism artistic movement and it underscores the radical departure from optimism in a world dominated by technological innovation

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p97-113>

V.18 - Nº 3 set./dez. 2024 São Paulo - Brasil ANA CLAUDIA DE OLIVEIRA p. 97-113

MATRIZES

97



# D

today, which has resulted in a bleak and dysphoric view of contemporary social life, projecting itself into a future marked by uncertainty in life narratives.

**Keywords:** Semiotics; Regimes of interaction and meaning; Futurism; Technological disenchantment; Life practices.

**R**ECONHECER QUE O mundo está sempre em um estado de mudança revela que o valor que a humanidade mais se impôs em construir – a inovação – figura como um contínuo que é movido por tipos de descontínuo. Promotor de rupturas no contínuo, o descontínuo tem como motor as mudanças. No mais das vezes, essas são mudanças tecnológicas, talvez o que explique esse setor não cessar de receber vultosos investimentos para se manter em movimento.

Ao intitular minha fala plenária de “Prospecção semiótica”, a primeira pergunta que aparece na cena temática é como a disciplina semiótica pode construir prospecção e como o faz. Prospecção é a primeira etapa de uma análise, que depende de observação dos fatos, de seu registro e descrição. A teoria semiótica de Algirdas Julien Greimas e seu grupo de colaboradores, no fim da década de 1960, nasceu de uma prospecção no campo linguístico do lugar da semântica. Foi investindo nesse terreno e tendo a estruturação dos contos maravilhosos russos como manifestação da cultura já sistematizados por Wladimir Propp que o mestre lituano deu visibilidade à narratividade como um universal na medida em que a narratividade está presente nas manifestações de todos os campos. Pode-se assim dizer que foi em torno da hipótese da narrativa como uma forma universal de organização que a teoria semiótica enquanto teoria da interação social foi edificada. A iteração das três provas: “qualificante, decisiva e glorificante” deram a base do esquema narrativo canônico. A regência do princípio da “intencionalidade” foi o que possibilitou o desenvolvimento da semiótica estrutural, narrativa ou discursiva e como essa tem sido qualificada para distinguir essa vertente disciplinar de outras. Como a sistematização de Greimas e Courtés (1979) no *Dicionário de Semiótica I* atesta:

A atividade discursiva repousa em um saber fazer discursivo, que pressupõe uma competência narrativa se se quiser dar conta da apreensão e construção de sentido dos discursos ocorrências, competência que pode ser considerada como uma espécie de inteligência sintagmática.

O problema da competência e da performance discursivas depende da competência narrativa também chamada de competência semiótica, que são competências descritas nos discursos em vista a uma semiótica da ação. (Verbete Competência, p. 75)

E, concluindo: “no projeto semiótico, a narratividade é o princípio organizador de todo e qualquer discurso. As estruturas narrativas podem ser definidas como constitutivas do nível profundo” (Verbete Narratividade, p. 330).

Trabalhando sobre essas bases, Eric Landowski, a partir de 1994, foi retracando o âmbito da narratividade para além do princípio da intencionalidade que havia sido desenvolvido por Greimas e seu grupo de pesquisadores em vários campos do conhecimento, o que permitiu a generalização do procedimento da “manipulação”. No período de uma década, em 2004, Landowski propôs um novo procedimento, o do “ajustamento”, em oposição à manipulação (Landowski, 2004). E, em 2005, publicou *Interações arriscadas*, com os demais princípios que se centraram nos tipos de interação estabelecidos entre os sujeitos, sejam esses quais forem: homens, animais, coisas, objetos, em distintos tipos de interações (Landowski, 2014a). Actantes distintos com suas ações que se estabelecem em termos de regimes. Regimes de interação que balizam os regimes de sentido e levam em consideração as variáveis de riscos que os sujeitos empreendem com os tipos de suas ações no social.

Entender, então, os regimes de interação e sentido como correlações entre princípios de narratividades que formam sistema permitiu um avanço significativo na abrangência da observação, descrição e análise dos processos, ou seja, dos usos do sistema. Foi isso o que possibilitou dar conta da complexidade discursiva e, inclusive, prever passagens entre as distintas narratividades, assim como no interior de cada regime (Figura 1) estarem contidas as passagens da própria elipse.

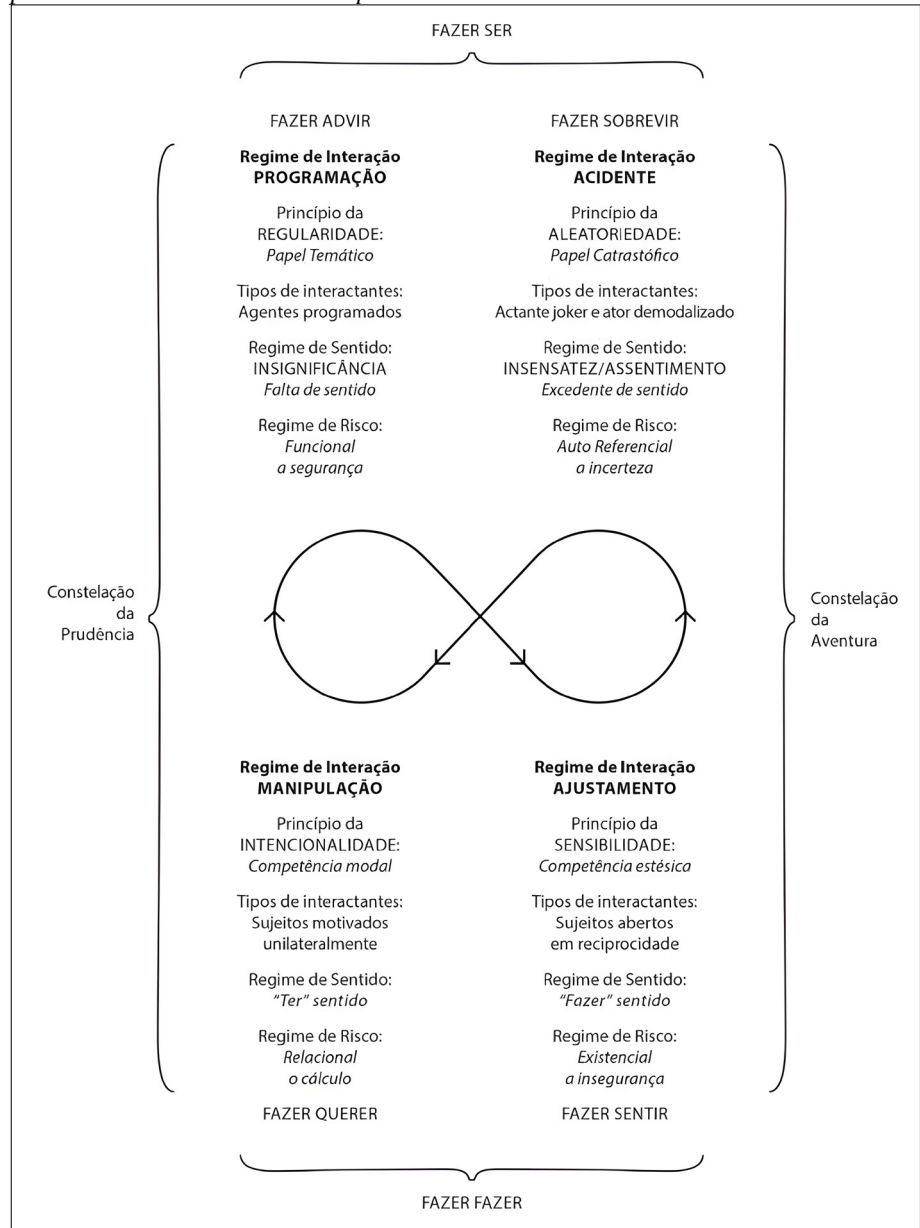
Por meio de uma tipologia de ações que integram as narratividades é de igual relevo como essas se constroem concretizadas pelos tipos de articulação sincrética das linguagens que constituem o plano da expressão para materializar o plano do conteúdo; e, assim, tratar como se processa, na plasticidade rítmica e estética, a tradução em linguagens da figuratividade.

A teoria semiótica, com o seu método – percurso gerativo do sentido nos níveis axiológico, narrativo e discursivo –, possibilita dar conta dos regimes de interação e sentido nesse tipo de imbricamento, em que o enunciado e a enunciação configuram totalidades de sentido.

Ao visar um panorama do alcance da teoria semiótica, o objetivo é apresentar as passagens entre as diferentes sintaxes em suas lógicas, regentes tanto da constelação da prudência quanto da aventura, que permitem caracterizar a presença ao mundo do sujeito, de grupos e da sociedade. Com esse aporte metodológico, a semiótica contribui para o estudo analítico-interpretativo da apreensão e da produção de sentido do mundo em que vivemos.

**Figura 1**

Síntese diagramática dos regimes de interação e sentido com as correlações entre os tipos de narratividade com as passagens na elipse semiótica que Eric Landowski operacionaliza para dar conta da análise da complexidade discursiva



Nota. A partir da elaboração em Landowski (2024).

É com essas bases teóricas-metodológicas que a teoria semiótica se lançou em larga prospecção do social em distintas manifestações sempre atentando que o fazer semiótica é assumir um ponto de vista, um posicionamento que define a angulação da perspectiva. O posicionar-se para descrever o objeto de estudo carrega então as marcas desse posicionar-se na interação, e eis o mais trabalhoso da tarefa que é o encontro no discurso de como o objeto se mostra ao observador em toda a sua estruturação. Esse encontro resulta de um ajustamento com o objeto estudado que favorece no encontro chegar à construção das categorias de análise. Daí os semioticistas repetirem que não há uma aplicação da teoria semiótica, mas que essa é um arcabouço teórico que visa iluminar a manifestação que se estuda e não uma grade conceitual que a aprisiona e a categoriza.

Dando segmento a essa exposição, passo ao estudo semiótico das práticas de vida. Por práticas de vida, entendem-se as manifestações de práticas que são assumidas no social. São atos, ações que se repetem e nessa repetição elas ganham sentido. O conceito de reiteração isotópica é o que permite que um ato, uma ação se transforme em uma prática de vida. Essa pode tornar-se uma “regra” quando reiterada pelo princípio da regularidade; um “hábito” quando os atos são praticados regidos por uma intencionalidade; ou quando essa prática se constitui em um meio de descoberta de si mesmo, de um grupo, de uma comunidade, de um bairro, de um ponto comercial, de uma cidade, enfim, quando o encontro entre iguais possibilita a liberdade de criar em coparticipação recíproca.

No *Dicionário de Semiótica I*, Greimas e Courtés (1979, p. 380) definem “prática semiótica”: “. . . como sequências significantes de comportamentos somáticos organizados, cujas realizações vão dos simples estereótipos sociais até as programações de forma algorítmicas (que permitem, eventualmente, recorrer a um autômato)”.

E, no final do verbete “prática”, os autores precisam que “o estudo das práticas semióticas não constitui senão, provavelmente, apenas os prolegômenos de uma semiótica da ação” (p. 380).

Assumido como prolegômenos do conceito de práticas de vida, entende-se por prática um fazer cotidiano que caracteriza ações que se repetem, mas não de um modo redundante que esvazia o sentido delas. Ao contrário, essas podem ser práticas de um indivíduo, de grupo social, ou, em maior escala, da população da cidade. A repetição de uma ação, de uma sequência delas, dá-se no eixo sintagmático em intervalos temporais e manifesta um modo de presença que é definido pela constância acional na cotidianidade. Os traços recorrentes mostram o que permanece na dinâmica transformacional e estes promovem a identificação da prática. Como uma rede relacional de traços, a prática é decomponível e passível de ser reconstruída na análise de um lugar da cidade, de práticas de moradores de

# D

imóveis, por exemplo. O conjunto de enunciados que estruturam uma prática é resultante de uma estratégia única de enunciação assumida pelo enunciador. No âmbito de uma cidade, a enunciação dos enunciados se dá por um enunciador coletivo. Trata-se de várias instâncias de realização performática de atividades subjetivas, que mostram como se estabelecem as interações que levam a analisar dada prática como uma série encadeada de programas narrativos entre sujeitos, entre sujeitos e objetos de valor. Essa sintaxe é tão complexificada, quanto mais a prática enreda expansivamente em sua estruturação programas narrativos de uso que pressupõem programas de base dos sujeitos em ação. Nesse viés, da análise dos componentes sintáticos e semânticos das práticas de vida de uma cidade, podem-se depreender os níveis axiológico e narrativo a partir da discursivização que indica nas interações diversas dos sujeitos como as ações distintas reiteradas como práticas de vida fazem ser uma cidade, ao mesmo tempo que esses tipos de interações são constitutivas do fazer ser de seus habitantes. Esse método semiótico do percurso gerativo do sentido tem um trânsito de mão dupla, do ir e vir, da superfície do discurso às profundidades das axiologias com os valores em circulação.

### **DO ESCOPO SEMIÓTICO PARA A PROSPECÇÃO DO PRESENTE, O FUTURISMO E A PROMESSA DE UM MUNDO NOVO**

Um dos movimentos da arte mais marcantes que presentifica um mundo em transformação, sem dúvida, é o Futurismo, que foi muito propositivo das mudanças do século XIX para o século XX. Foi refletindo sobre algumas obras futuristas que nos concentramos na prospecção de nosso mundo em mudança na segunda década do século XXI.

Em 20 de fevereiro de 1909, o poeta italiano Filippo Marinetti publica o *Manifesto Futurista* no jornal francês *Le Figaro*. A mídia impressa foi a escolhida por ele para anunciar ao mundo os 11 itens do projeto de realização da arte a partir de um radical rompimento com o passado e uma associação do homem com as máquinas do novo século marcadas pelo dinamismo. O rompimento dessa vanguarda europeia das artes com a tradição se movia por uma busca de criação de futuro centrado nas invenções da Segunda Revolução Industrial, que se centrava na tecnologia que transformava os modos de produção e tornava a cidade o modo de vida da era moderna.

1. Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e do destemor.
3. A literatura exaltou até hoje a imobilidade pensativa, o êxtase, o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco.

4. Nós afirmamos que a magnificência do mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que correr sobre a metralha, é mais bonito que a *Vitória de Samotrácia*. (Marinetti, 1909)

Essas postulações depositavam no futuro um otimismo sem igual e convocava os artistas a se lançarem à liberdade de criação que resultou em marcantes renovações das formas com o uso de verso livre e mudança da ordem sintática na poesia, e na pintura a exaltação do movimento, da ação e da energia. A quebra com a arte do passado era movida pela criação do novo. Mas não seria o novo uma armadilha para si mesmo, uma vez que em todas as manifestações que são elaboradas cria-se um reconfigurar do que já existe só que de outro ponto de vista, sob angulações que são experimentadas a partir de outros posicionamentos que são testados?

Ao escolher a propaganda como o seu principal veículo de comunicação, o futurismo se comprometeu em vários momentos com o movimento fascista que vigorava na Itália e considerava a guerra como o caminho para promover a higienização do mundo. Nesse curso, o futurismo na arte declinou após a Segunda Guerra mundial. Mesmo com todas essas ressalvas, o que nos interessa destacar é como essa produção artística nos possibilita entender a visão de transformação do mundo de então que se propagou.

Mais adiante no *Manifesto Futurista*, Marinetti (1909), nos itens 8 e 11 proclama:

8. Nós estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveríamos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós já estamos vivendo no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipresente.

11. Nós cantaremos as grandes multidões agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela sublevação; cantaremos as marés multicores e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; cantaremos o vibrante fervor noturno dos arsenais e dos estaleiros incendiados por violentas luas elétricas; as estações esganadas, devoradoras de serpentes que fumam; as oficinas penduradas às nuvens pelos fios contorcidos de suas fumaças; as pontes, semelhantes a ginastas gigantes que cavalgam os rios, faiscantes ao sol com um luzir de facas; os piróscafos aventureiros que farejam o horizonte, as locomotivas de largo peito, que pateiam sobre os trilhos, como enormes cavalos de aço enleados de carros; e o voo rasante dos aviões, cuja hélice freme ao vento, como uma bandeira, e parece aplaudir como uma multidão entusiasta.

Passemos então a algumas obras que concretizaram em suas manifestações as proclamações do manifesto futurista pelo mesmo modo de criação das telas. Na busca de liberdade criativa, Boccioni exaltava a tecnologia e a energia mostrando-as em figuratividades da constante mutação do mundo. O artista não pintou um momento, mas a própria ação que podemos seguir em *O despertar da cidade* (*La città che sale*), de 1910 (Figura 2).

**Figura 2**

*O despertar da cidade* (*La città che sale*), 1910, Umberto Boccioni.

Óleo sobre tela, 199,3x301cm



Nota. Museum of Modern Art (MoMA), Nova York.

*O despertar da cidade* é considerada uma das obras mais significativas do Futurismo. Criada entre 1910 e 1911, essa pintura monumental retrata a frenética dinâmica de uma cidade em expansão na agitação do progresso industrial. Podemos observar que o automóvel, apesar de já existir, ainda não dominava o dia a dia das cidades, e a tela mostra o desenvolvimento urbano desde um flamejante cavalo investido de uma colossal força que move os materiais de construção da nova cidade. A diagonal imprime movimento à cena, mas ao posicioná-la ascendentemente ela nos transporta para fora dos limites superiores do quadro. Os contornos do cavalo são indefinidos numa criação formal de sua captação a partir do instante em que são flagrados a sua força de ação e a aceleração do movimento.

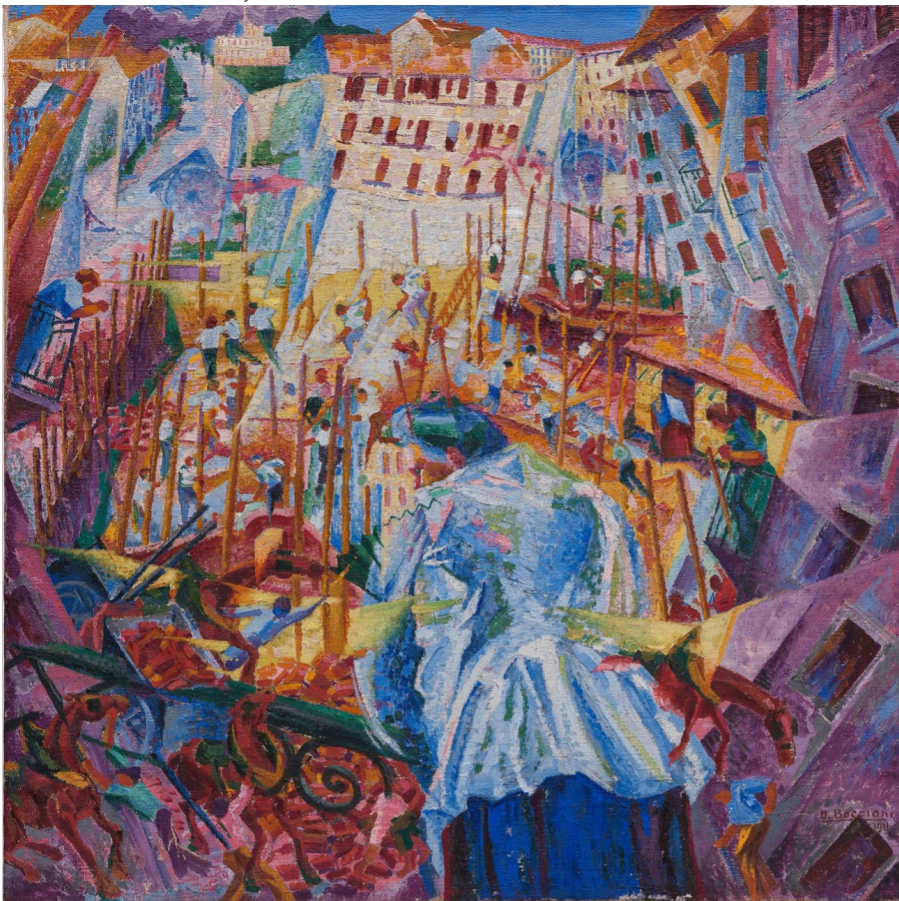
Na parte superior tem-se como fundo altos edifícios, e outros equinos estão em atividade executando freneticamente as suas ações. O equino tem um cromatismo avermelhado e, na altura do pescoço, uma mancha azul indica o arreio de forma muito difusa, que ambigualmente o associa a asas que conferem ao animal poderes sobrenaturais. O cavalo alado da mitologia grega, Pégaso, atua metaforicamente fazendo a cidade em obras se edificar e ter o seu despertar.

Na próxima tela, o despertar da cidade como um intenso canteiro de obras que a edifica e apronta a urbe para ser mais e mais habitada. Do mesmo Boccioni, *A rua entra na casa* (1911) nos coloca face a uma nova vista panorâmica da modernidade (Figura 3).

### Figura 3

*A rua entra na casa* (*La strada entra nella casa*), 1911, Umberto Boccioni.

Óleo sobre tela 100x100,6cm



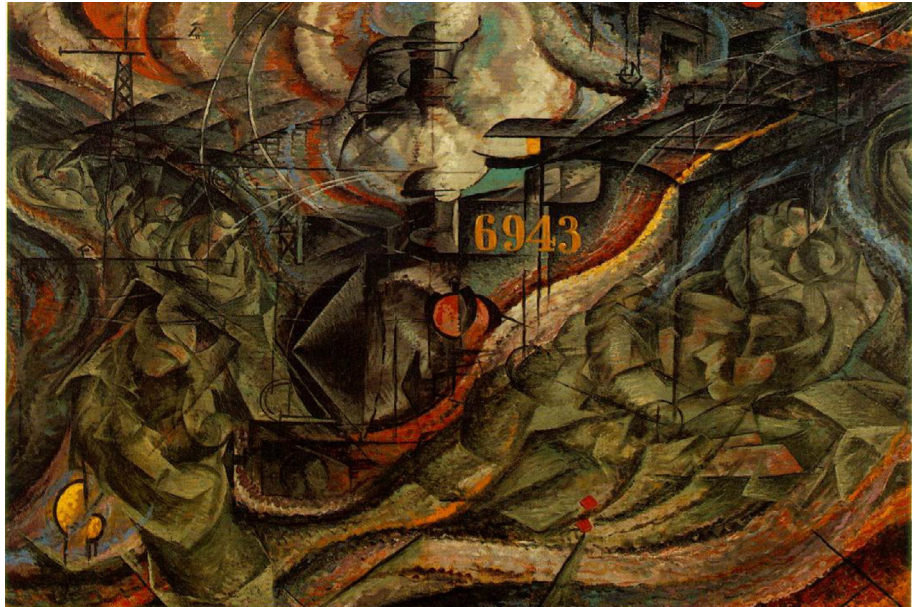
Nota. Sprengel Museum, Hanôver.

# D

No balcão com os arabescos florais de traçado em curvas característico do *art nouveau*, uma mulher está com o seu corpo debruçado sobre o balcão de ferro, no qual apoia seus braços e inclina o seu tronco, tomada de curiosidade e interesse pela agitação das construções na rua e, mais especificamente, sua cabeça está voltada para à esquerda, onde olha atentamente algo que se passa abaixo. Vemos uma parte de sua face esquerda e uma cabeça coberta de cabelos presos na cor azul. O cromatismo de espessas pinceladas brancas, em grande movimentação sobre azulados, verdes, róseos de direções várias e um tracejar amarelo que, vindo da lateral esquerda, transpassa na horizontal o tronco da mulher e segue um pouco mais à direita. A movimentação das pinceladas ascendente e descendente veste o tronco indicando intenso dinamismo que, a faz, pelos olhos e pelo corpo inclinado, entrar nas tantas edificações da construção civil em processamento. Assim é a vista geral do canteiro de obra que está diante dela, e que a mulher contempla no balcão. Ressalta-se a efervescência do circundante e o trabalho de muitos operários nessa transformação que, quando for encerrada, mudará por completo o horizonte que se contempla do balcão. Na lateral direita, a sucessão de andares já nos indica o tipo de transformação que está se sedimentando.

### Figura 4

*Estados de alma I: Despedidas (States of Mind I: The Farewells)*, 1911, Umberto Boccioni.  
Óleo sobre tela, 70,5x96,2cm



Nota. Museum of Modern Art (MoMA), Nova York.

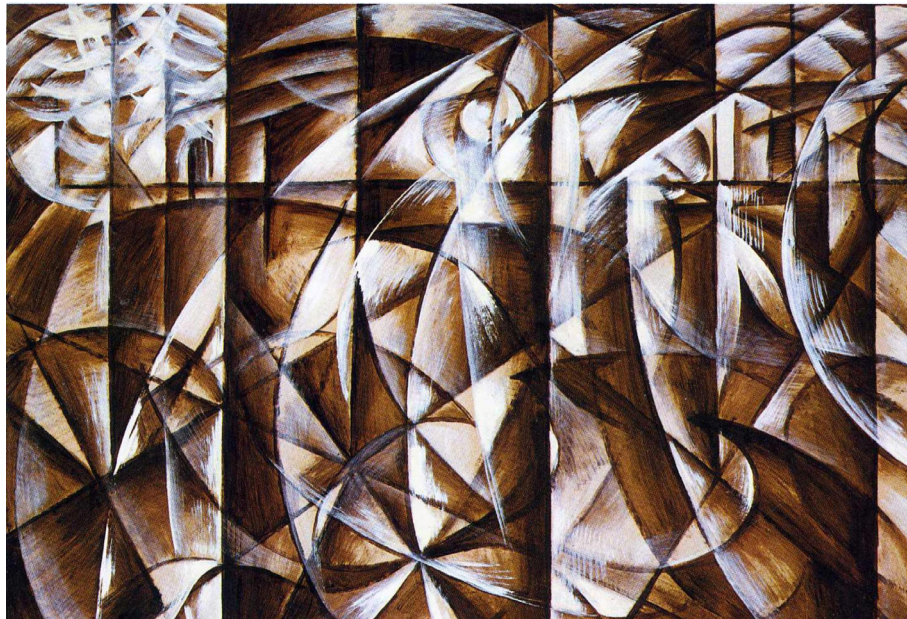
*Despedidas* é a primeira da série de três obras que integra *Estados de alma* (Figura 4), seguida de *Aqueles que vão* e *Aqueles que ficam*. O trem é a presença da modernização e da maquinização. Por uma reiteração de formas geométricas em uma gama de tons de verde tem-se a figuratividade da vegetação padronizando a sociedade. Na estação ferroviária, o estado de alma que vigora é o da dor da separação dos que se querem bem e precisam se separar.

Na tela, as ondulações marcam zonas em tons vermelhos no meio de um domínio de uma paisagem verdejante de grande movimentação que duas espirais a cortam e desenham a letra “V”, acima da qual a locomotiva avança frontalmente carregando a numeração 6943, que identifica o trem que enfumaça onde passa. Mãe e filho trocam um abraço de despedida na parte esquerda inferior, um gesto que é repetido várias vezes, como se o abraço ecoasse na lembrança dos que se abraçam. No alto, à esquerda, uma torre de eletricidade se ergue levando na fiação a iluminação que mudou a vida humana.

A velocidade do automóvel é exaltada por um modo formal de construção a partir de uma sequência de várias fotografias justapostas e por formas geométricas que criam deformação, mas passam o sentir do veloz (Figura 5).

#### Figura 5

*Velocidade de automóvel, luz e ruído (Velocità d'automobile)*, 1913, Giacomo Balla.  
Óleo sobre tela 109x84cm



Nota. Museum of Modern and Contemporary Art of Trento and Rovereto.

Figura 6

*Canhão em ação (Cannoni in azione)*, 1915, Gino Severini. Óleo na tela 115,8x88,5cm



Nota. Museum Ludwig, Colônia.

A representação da guerra, na presença central do canhão com toda a tecnologia desse armamento que mudou os modos de guerrear, tem os soldados e um leque de raios de frases verbais escritas em francês que tratam da ação de destruição do canhão em seus ataques sobre a terra. Entre esses, têm-se: “o canhão se afunda obstinadamente na terra”, “a terra sobe em ondas em direção ao canhão”, “curva gradual em direção a terra”, “precisão”, e olfativamente observando “a emanação de gás fedorentos”, “fedor ácido que cheira mal”, “penetração desagradável”. E ainda explora a sonoridade onomatopaica dos estrondos em “BBOUUM” e seu “barulho-luz”, assim como os comandos “Vamos lá pessoal, FOGO!”, ou “AVANÇAR – AVANÇAR – AVANÇAR”, com a adjetivação admirativa “perfeição aritmética”, “ritmo geométrico”, “poder”, “leveza”, “força”, “conquista”, e no centro da ação: “França” (Figura 6).

O tanque é assim um louvor à tecnologia do século XX. Com uma visão otimista, os futuristas partilham valores que carregam no seu conjunto a sintaxe de um enunciado de mudança. Enredamentos de enunciados de fazer que não têm fim, uma vez que jamais instauram um enunciado de estado final. Tudo

se inscreve no transformar para a criação de um “Admirável mundo novo” que jamais se concretiza e permanece em processamento.

## **DO FUTURISMO DO ONTEM À ATUALIDADE DO MOMENTO E À PROSPECÇÃO DO FUTURO E DE QUEM SOMOS**

Se futurismo significa “reconhecer que a vida irá mudar, deve mudar e tem mudado”, então, agora, na segunda década do século XXI, somos nós ainda futuristas?

Na atualidade nos defrontamos com o *crísico* em todos os âmbitos. Ao contrário do século XX, nosso estado de alma é de pessimismo e não paramos de nos indagar em que direção nos levam essas tantas crises que nos afrontam. Nunca se viu tanta saúde mental abalada e a indústria farmacêutica investe em novas drogas que têm uma franca testagem na população, cada vez mais dependente de drogas. O sincronismo da vida em tantas dimensões torna tudo um fluxo contínuo que parece roubar o que é o próprio da vida: a interação imediata e a experiência corpo a corpo com os acontecimentos do mundo.

Afora, as guerras que se transformam com os novos recursos armamentistas, que são guiados por satélites, frutos dos avanços ininterruptos da tecnologia que garantem precisão na obtenção dos alvos teleguiados com drones e mísseis de longo alcance, cruciais nos conflitos atuais, ainda há outras guerras igualmente danosas, como a do tráfico de drogas, agora com poderosas drogas destrutivas desenvolvidas pelos laboratórios dos barões mafiosos, com multiplicados efeitos viciadores que dopam os usuários sem possibilidade de retorno a um estado anterior ao vício.

Ainda de nosso tempo presente, a extrema desigualdade social em todo o globo e o combate à fome é uma batalha sem vencedor. Sem mencionar as mudanças climáticas e o aquecimento global e o que já temos decorridos dele, como extremas secas com impactos nas atividades de produções dos alimentos e dilúvios, como o que em julho de 2024 acabou de devastar o Rio Grande do Sul.

Em todos esses poucos exemplos de nosso presente, a narratividade que domina é aquela regida pela estratégia, sob o princípio da intencionalidade, com passagens ao regime de programação sob o princípio da regularidade operatórias.

Há muitos destinadores opressivos, incluídos aí a multiplicidade de populistas com os seus cantos de sereia, que seduzem e encantam os eleitores, que são levados à adesão. Isso gera um clima patêmico muito tenso no centrar-se em dualidades que afetam os estados de alma e de ânimo e reconfiguram a sociedade em muitos subgrupos.

Com esses poucos pontos destacados é possível analisar, no contexto socioeconômico cultural, a falta de um direcionamento rumo ao futuro. A falta de algo

novo que poderia se projetar sobre a atualidade do presente e retrair a sua rota de colisão. Essa falta é justamente a de um sujeito competencializado para esse tempo novo. Um sujeito que carregue em sua atuação uma inventividade, que esteja apto, com a sua competencialização cognitiva e performática a se deixar guiar por sua sensibilidade a fim de assumir-se sujeito criador (Landowski, 2017).

Se são as invenções de poucos que se impõem sobre o todo da população, como se pode ter um tempo reformador de nosso século e de seus valores que feicionam o futuro já agora rompendo com o presente e o passado? Como se libertar das amarras das práticas intencionais, com seus cálculos manipulatórios que se tornam práticas reguladoras?

É preciso que o tempo futuro entenda as regras e as intencionalidades de suas narratividades e os sentidos que produzem para daí poder ultrapassá-las e desenvolver, explorando essas, para delas tirar proveito e as usar para chegar às novas formas.

A prospecção semiótica indica que temos de nos constituir como sujeitos livres e criativos para, a partir do social existente e aproveitando-nos dele, reinventar a interação em uma outra, aquela que faz advir sentidos novos.

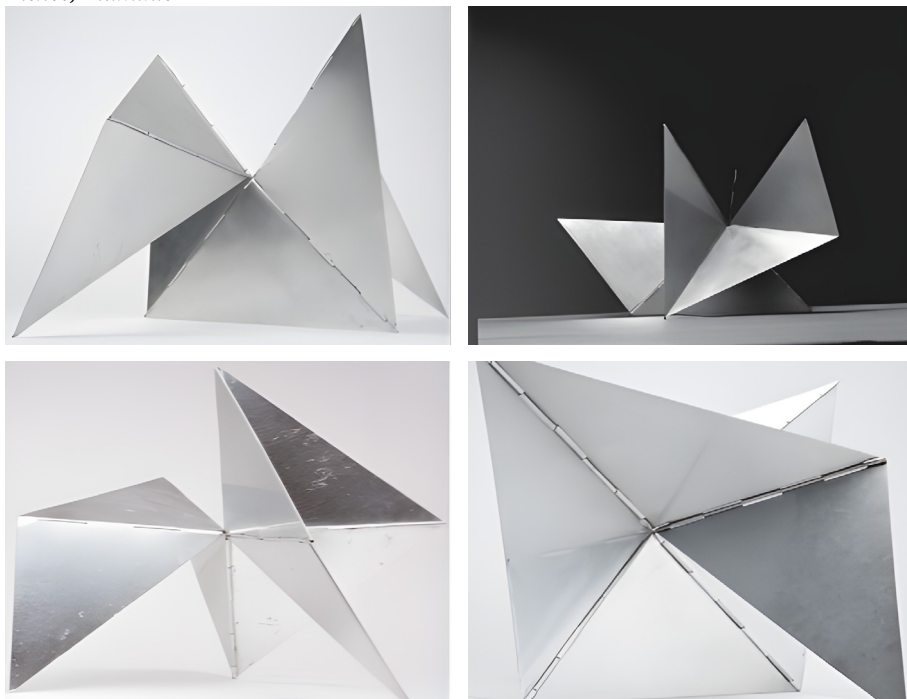
Um modo de concretizar essa defesa de um novo posicionamento do sujeito na e por sua experiência pode ser vivido numa visita que os convido a fazer nesses dias de julho de 2024 à Pinacoteca de São Paulo, no bairro do Bom Retiro. Convido-os a sentar-se diante das obras *Os bichos*, de Lygia Clark (Figura 7), que podem ser tocadas nas topologias de suas formas, no frio do material metálico das formas geométricas, nas possibilidades de arranjo combinatórios das peças pelo sujeito em interação recíproca com as trocas de suas respectivas competências na experimentação. A série *Os bichos* pode, uma a uma, ao nos levar a jogar com elas, assumir que o ato de remontar a montagem advém do entendimento das regras e do articular e rearticular as peças em um todo em que atuem juntas, possibilitando apreender o sentido que elas têm e como rearticulá-las em novos arranjos. Só essa apreensão desenvolve formas novas e, ao mesmo tempo, redefine a interação do sujeito com a obra, predispondo-o a expor-se ao criar em compartilhamento.

A peça é composta por sete triângulos agudos em chapa de alumínio que são unidos por dobradiças. As peças são frias e é quase impossível sentar-se ao seu lado e defrontá-las sem levar o jogo de montagem e remontagem adiante. As mãos fazem os olhos focarem na peça, que reluz a iluminação maior ou menor do entorno e nos faz, assim, sentir as suas partes que buscam a mutação. A dela ou a nossa? Acontece que vamos mudando juntos com e a partir das mudanças das partes. As peças brilham e vamos dando mais e mais espaço para elas se colocarem em interação num mexer e remexer dos triângulos que é sem

fim. Pois logo a escultura montada, nós, ao observá-la, somos levados por ela a continuar dobrando-a e redobrando-a, parando-a em pé para observar o todo da escultura. O que é essa mola que impulsiona esse nosso interagir? Como em relação às sete partes fazemos um número de articulações e não queremos parar de manuseá-la? Somos invadidos por um sentir que nos conduz a descobrir nesse ato contínuo que tudo é mudança que nos reinventa. Vislumbra-se que o que se cria, faz criar, do mesmo modo que o criador que está na peça também está no manuseio de si mesmo. Esse construir-se passa pela ressignificação das normalidades que promove o reinventar-se e a reinvenção do sentido.

**Figura 7**

*Articulado/Monumento a Descartes/Caranguejo, 1959, Lygia Clark. Esculturas Neoconcretas Bichos, Alumínio*



*Nota. Colección Patricia Phelps de Cisneros.*

Por mais que possa parecer difícil, é urgente e necessário reinventar o sujeito e seu papel de atuação no mundo atual. Para o futuro existir, a necessidade é redefinir a competencialização do sujeito, incentivar a sua abertura e disponibilidade para absorver tanto das regras com que se opera, das intencionalidades que o orientam no social e o atingem o tempo todo e, também, das

imprevisibilidades que podem advir e inesperadamente irromper no curso de sua vida, como dos vários encontros que aguçam a sua liberdade de criação e o fazem descobrir-se e encontrar caminhos nas e pelas interações sensíveis do regime de ajustamento (Landowski, 2014a, 2022).

Foi por essas vias que esse artigo argumentou que a teoria semiótica desenvolvida por A. J. Greimas – e continuada na vertente dos regimes de interação e sentido formulados por E. Landowski –, como uma teoria geral do sentido (Landowski, 2014b), é um aparato de prospecção que pode descrever, analisar e interpretar a vida social com suas práticas. Mostrou também as resultantes da sucessão de descontínuos que incidiram no contínuo, tendo como recorte, no início do século XX, o Futurismo cultuado com exacerbado otimismo pela modernização da vida e pela ruptura com a tradição, fascínio pela inovação tecnológica e pelas mudanças de práticas sociais que acarretaram o social as máquinas, a velocidade, a guerra. Foi justamente todo esse conjunto de medidas o que banuiu os próprios proclames de um mundo novo. Salientamos o domínio desestimulante que o mundo sistematizado impôs à vida sob regras e direcionamentos que inviabilizaram as possibilidades de escolhas. Sob pessimismo e ansiedade dominantes, a vida humana passou a ser recoberta mais e mais por mediações que só conduziram os viventes ao isolamento. Advogamos ser o retorno ao contato imediato e à experiência corpo a corpo o que poderá devolver o homem a uma vida significativa e a esse poder voltar a dispor de sua liberdade como criador. Assim, indicamos que é urgente a reinserção de um sujeito liberto das amarras do controle, da regularidade advindas das tecnologias e das interações mediadas a fim desse voltar a reencontrar-se com a sua liberdade de invenção e jogando com o social, aproveitar-se dele para poder inventar sentidos novos originários de seu reencontro com a força de sua experiência direta no mundo (Oliveira, 2024; Oliveira & Landowski, 2022). ▣

## REFERÊNCIAS

- Greimas, A. J., & Courtés, J. (1979). *Dicionário de Semiótica I* (A. D. Lima, D. L. P. Barros, E. P. Cañizal, E. Lopes, I. A. Silva, M. J. C. Sembra & T. Y. Miyazaki, Trans.). Cultrix.
- Landowski, E. (2004). *Passions sans nom*. PUF.
- Landowski, E. (2014a). *Interações arriscadas* (L. H. Oliveira, Trad.). Estação das Letras e Cores.
- Landowski, E. (2014b). Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. *Galáxia*, 14(27), 10-20. <https://doi.org/10.1590/1982-25542014119609>

- Landowski, E. (2017). *Com Greimas: Interações sociossemióticas* (A. C. Oliveira, Trad.). Estação das Letras e Cores.
- Landowski, E. (2022). Em defesa do espírito de criação. (A.C. Oliveira & E. Landowski, Trads.). *Acta Semiotica*, 2(4). <https://doi.org/10.23925/2763-700X.2022n4.60281>
- Landowski, E. (2024). Le modèle interactionnel, version 2024. *Acta Semiotica*, 4(7), 105-134. <https://doi.org/10.23925/2763-700X.2024n7.67360>
- Marinetti, F. T. (1909). *Manifesto futurista*. <https://comaarte.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/06/manifesto-do-futurismo.pdf>
- Oliveira, A. C. (2024). Por uma pedagogia da invenção: do controle e estratégias do inteligível à cocriação do sensível e liberdade inventiva. *Gearte*, 11, 1-44. <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/140497/92676>
- Oliveira, A. C., & Landowski, E. (2022). Reinventar-se. Anexo a um dossiê acabado. *Acta Semiotica*, 2(4). <https://doi.org/10.23925/2763-700X.2022n4.60287>

---

Artigo recebido em 11 de novembro de 2024 e aprovado em 13 de novembro de 2024.



# Semiótica e historiografia linguística: disciplinas contra-hegemônicas

## *Semiotics and linguistic historiography: counter-hegemonic disciplines*

JEAN CRISTTUS PORTELA <sup>a</sup>

Universidade Estadual Paulista. Araraquara – SP, Brasil

### RESUMO

Com base nas concepções da historiografia linguística e da história das ideias linguísticas, disciplinas como a semiótica geral podem ser consideradas contra-hegemônicas na medida em que desafiam o *status quo* de um determinado estado de ciência. Em vista disso, este trabalho propõe uma leitura crítica do modo como os semioticistas ocuparam-se da história da semiótica do discurso. Partindo de evidências que demonstram a força da abordagem historiográfica nos estudos semióticos, analisamos algumas abordagens historiográficas em semiótica, para propor as linhas gerais de uma meta-historiografia de inspiração semiótica.

**Palavras-chave:** Semiótica, historiografia linguística, história das ideias semióticas, epistemologia.

### ABSTRACT

Based on the concepts of linguistic historiography and the history of linguistic ideas, disciplines such as general semiotics can be considered counter-hegemonic insofar as they challenge the status quo of a determined state of science. This study critically reads how semioticians have addressed the history of semiotics of discourse. Starting from evidence that highlights the strength of the historiographical approach in semiotic studies, we analyze some historiographical perspectives in semiotics to outline the general framework of a semiotic-inspired meta-historiography.

**Keywords:** Semiotics, linguistic historiography, history of linguistic ideas, epistemology.

<sup>a</sup> Professor Associado do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Pesquisador do CNPq. Orcid: 0000-0002-4070-1149. E-mail: jean.portela@unesp.br.

## A HISTÓRIA DA SEMIÓTICA COMO OBJETO DE ESTUDO

*A reação dos gerativistas à minha decisão de contar e analisar a história da área foi mais complexa. . . . Eles temiam que eu ficasse marcado por ser um “historiador da linguística”, que, para muitos deles, ocupa uma posição até mesmo mais baixa do que aquela de “semiotista”. (Newmeyer, 1996, p. 2)<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>No original: “The reaction of generative grammarians to my decision to chronicle and analyse the history of the field was more complex [...] They feared that I would become tarred with the brush of being an ‘historian of linguistics’, who, to many generativists, occupy a status level even lower than that of ‘semiotician’”. Esta e demais traduções, do autor.

A SEMIÓTICA DO DISCURSO, conhecida como semiótica discursiva, semiótica francesa ou greimasiana, outrora também chamada de semiótica da narrativa, semiótica do texto ou da Escola de Paris, celebrará, em 2026, sessenta anos da publicação de sua obra fundadora, a *Sémantique structurale*, de A. J. Greimas (1966). A essa efeméride, soma-se o consumado centenário, comemorado em 2016, do *Cours de linguistique générale*, de Ferdinand de Saussure, obra que projetou a empreitada estrutural e introduziu a então chamada *sémiologie* no panorama científico do século XX, décadas depois de Charles Sanders Peirce ter definido sua “doctrine of signs”, a *semiotics*, segundo a inspiração de John Locke (Nöth, 1990, p. 24).

Que se considere como mais de 100 ou quase 60 anos o marco-zero da fundação da semiótica do discurso, o fato é que essas são medidas temporais importantes, pois abarcam o surgimento e o ocaso de ideias diversas que se traduziram na intensa atividade intelectual de muitas gerações de estudiosos da língua e da linguagem. A simples concepção de datação e de marco-zero, ainda que mencionada segundo o senso comum, no modo como os pesquisadores e os estudantes frequentemente pensam a história da teoria, seleciona e oculta a quantidade de ideias e de escolas que subjazem ou perpassam a semiótica do discurso como episteme.

Em geral, a história da semiótica do discurso, assim como parece se dar em relação à história de muitas disciplinas científicas, tem sido evocada ou em seu ensino ou para justificar, relativizar ou suprimir seus pretensos defeitos e suas qualidades, de modo mais anedótico do que propriamente epistemológico e metodológico. Assim como a linguagem, decalcando a fórmula clássica de Hjelmslev (2003, p. 3), podemos supor que a história das ciências da linguagem quer ser ignorada.

Segundo essa atitude científica, a semiótica seria, para muitos, um caso singular no seio das ciências da linguagem. A novidade, a singularidade e a consequente fragilidade do seu estatuto perante as demais especialidades da linguística se confundem nas relações por vezes conflituosas que a semiótica mantém com a linguística geral, com as demais teorias do discurso e com as ciências humanas, em suma, com disciplinas que, de modos diferentes, abordam a significação do que é humano.

A julgar pela bibliografia sobre a epistemologia e a história da semiótica discursiva, o semioticista parece mais interessado em explicar novos objetos e em formular novas teorias do que em explicar o funcionamento da própria semiótica e elaborar teorias sobre as condições de haver teorias da linguagem, de acordo com os parâmetros da historiografia linguística<sup>2</sup> formalizada (cf. Koerner, 1989, 1995a, 1995b; Swiggers, 1990, 2012). Ainda que os trabalhos produzidos em semiótica tenham muitos capítulos de exposição e de definição da teoria, como supostamente exige o método monográfico tradicional de construção da fundamentação teórica, um tratamento histórico e epistemológico de colocação em perspectiva dos fatos teóricos segundo diferentes vertentes, problemas e soluções é pouco frequente.

No Brasil, as bem-vindas exceções à situação de indiferença à história e à epistemologia da semiótica do discurso devem-se às contribuições dos pioneiros D. L. P. de Barros (1999, 2007, 2012) e J. L. Fiorin (1995a, 1995b, 1996, 1999, 2002, 2003, 2004, 2006, 2007a, 2007b, 2016): a primeira exercitando, continuamente, um olhar histórico sobre a dimensão institucional e teórica da semiótica, visada que foi com frequência aquela de E. Lopes (1997) e I. C. Lopes (2010, 2011, 2012, 2014); e o segundo historiando e redefinindo conceitos, e fazendo aproximações decisivas para o desenvolvimento da semiótica em sua relação com a linguística, com a retórica e com a comunicação. Essa última atitude, de revisão exigente da teoria, adquire uma coloração particularmente viva nas reflexões de W. Beividas (2013, 2015a, 2015b, 2015c, 2016) sobre as exigências de uma epistemologia discursiva, de base hjelmsleviana e tensiva, que atualiza o debate sobre as origens e o devir da semiótica.

De modo geral, na semiótica do discurso, os estudos mais frequentes são aqueles que tratam dos princípios imanentes ao próprio programa científico do grupo, que se afirma, mais comumente, singular e potencialmente “revolucionário” (Murray, 1994) perante as demais ciências da linguagem. É esse modo fechado em si mesmo, de distinção de seus pesquisadores protagonistas e de concepção da sua história, que F. Rastier caricaturiza quando afirma que, na semiótica greimasiana:

Durante muito tempo, o modelo genealógico, bíblico por excelência, tomou o lugar da história. Cada fundador dava origem a uma linhagem. Assim, até sua extinção, a École de Paris foi: Saussure *gerou* Hjelmslev, que *gerou* Greimas, *que gerou* Courtés e Fontanille. (Rastier, 1997, grifos nossos)<sup>3</sup>

Esse modo de narrar a própria história, chamado por Rastier de “genealógico”, é um dos nossos objetos mais constantes de estudo, que tem como principal

<sup>2</sup>Neste trabalho, utilizamos “historiografia linguística” (também repertoriada como “historiografia da linguística”) ora para designar especificamente a corrente teórica proposta por Koerner (1989, 1995a, 1995b) e Koerner e Asher (1995), difundida no Brasil por Cristina Altman e seus colaboradores, ora para denominar o campo historiográfico dos estudos da linguagem de modo mais geral, como fazemos no título do artigo, que englobaria a historiografia linguística em sentido restrito e a história das ideias linguísticas, de S. Aurox.

<sup>3</sup>No original: “Le modèle généalogique, biblique par excellence, a longtemps tenu lieu d’histoire. Chaque fondateur donnait naissance à une lignée. Ainsi, l’école de Paris s’est tenue jusqu’à sa disparition à: Saussure *genuit* Hjelmslev, *qui genuit* Greimas, *qui genuit* Courtés et Fontanille”.

objetivo lançar as bases de uma reflexão historiográfica sobre a semiótica, fundamentando-se na historiografia linguística de E. F. K. Koerner e de pesquisadores como P. Swiggers, S. O. Murray e C. Altman, de modo a ler criticamente os aspectos epistemológicos e metodológicos envolvidos na elaboração da semiótica do discurso. Esta, por sua vez, é tratada como uma disciplina social e historicamente situada, uma disciplina entre tantas, que discutiu os problemas e as soluções que seu tempo, seu programa científico, sua retórica, seus grupos, seus líderes e seus pesquisadores puderam produzir.

A pesquisa sobre a historiografia da semiótica se desenvolveu, como veremos mais adiante, de modo intuitivo, dando lugar, na Europa, tanto a crônicas históricas de caráter enciclopédico, como as de Hénault (1997) e Hénault e Beyaert (2004) e de Coquet (1982), em que se narra a genealogia histórica anteriormente evocada por Rastier, com algumas variações, e em que se apresentam ponderações e aplicações sobre objetos de análise concretos, como a trabalhos de inovação, a exemplo dos de Badir (2013), Zilberberg (2004) e Landowski (1997), que propõem um resgate histórico em que prevalece a ordem epistemológica da teoria avaliada segundo as propostas originais dos próprios estudiosos.

Tanto as crônicas quanto os trabalhos de inovação, embora explorem diferentemente a epistemologia e a história da semiótica, não apresentam uma visada historiográfica explicitada e estruturada. O que se observa nesses trabalhos é, sobretudo, um exercício de especialistas, de eruditos, que nos revelam o produto das originais conexões que estabelecem, mas não nos levam, muitas vezes, a refletir sobre a natureza das fontes e, sobretudo, dos objetivos que fundamentam sua reflexão.

Outro ponto comum entre esses estudos é o fato de adotarem uma perspectiva quase que exclusivamente internalista, voltada ao programa científico, não estabelecendo relações com outras disciplinas e com aspectos ditos externos, de ordem social e histórica.

Entre os raros estudos sobre a história da semiótica que têm uma metodologia historiográfica explicitada, podemos citar os trabalhos de Broden (2013) e de Almeida (2010), que tratam, respectivamente, da biografia intelectual de A. J. Greimas em relação ao desenvolvimento da semiótica e da corrente tensiva da semiótica na Universidade de São Paulo (USP), de 1994 a 2008. A seu modo todo particular, o já mencionado Lopes (1997) também deve ser lembrado como o primeiro trabalho de fôlego de um semiótico brasileiro sobre a epistemologia e a história da semiótica.

A perspectiva meramente internalista, que se debruça tão somente sobre a dimensão epistemológica de uma disciplina, entra em conflito com os princípios essenciais da historiografia linguística, que considera, de modo dinâmico e complexo, a escrita da história de uma disciplina:

. . . o trabalho do historiógrafo das ciências da linguagem deve focalizar não só a dimensão cognitiva do desenvolvimento da disciplina, a chamada dimensão interna, mas também a sua dimensão social, externa, se quisermos. A atividade de escrever a história da linguística presume, pois, a tarefa de reconstrução dos “fatos” a partir dos quais o historiógrafo constrói seu sistema de referências, mas pressupõe também a tarefa de selecionar e interpretar como os problemas linguísticos se constituíram, se formularam e se reformularam através do tempo. (Altman, 2012, p. 29)

Entre interno e externo, ou seja, em termos historiográficos, entre o teórico e histórico, a semiótica tem um modo próprio de sincretizar essas duas dimensões no registro do texto, como procuraremos explicitar.

### SEMIÓTICA: A CONTRA-HEGEMONIA DA LINGUAGEM

Semiótica e historiografia linguística, como projetos científicos e sociais, considerando suas origens e seus propósitos, só podem se estabelecer como disciplinas de resistência contra o lugar-comum, contra o já-dito, contra ideias cristalizadas, preconceitos, privilégios e visões comodistas e orientadas a garantir o *status quo* epistêmico. Somos – semioticistas e historiógrafos – ou deveríamos ser *outsiders*, pois nosso ofício exige um deslocamento, um descompasso, em relação ao presente e muitas dúvidas sobre o passado e o futuro.

Semioticistas, linguistas e historiógrafos não são polícia, não são detetives nem juízes, como nos lembram Fiorin – “[análise] não é investigação policial” (Fiorin, 2007c, p. 49) – e Landowski (2002, p. 20): “. . . nem a indignação nem a revolta contra (as) discriminações substituem a análise”.

No entanto, o que sabemos, o que descobrimos, não podemos ignorar. O que a linguagem e a história nos mostram, não podemos esquecer.

A semiótica americana, calcada na filosofia, na lógica, nas ciências naturais e até mesmo na psicologia da época, propunha uma ruptura na consideração dos fenômenos de linguagem. A semiótica eslavo-germânica, seja em seu ramo cultural, seja naquele dito cognitivista, faz um contraponto ao saber meramente literário e social de uma época, propondo uma reflexão sobre os códigos da cultura em diferentes dimensões.

Já a semiótica do discurso, como resultado de suas origens estruturais, é recebida nos estudos literários da época como uma teoria anti-histórica, que busca autonomização em relação à ordem social. Essa situação é bem diferente no presente, mas a fratura ou, pelo menos, a separação entre o semiótico e o social persiste e, se pensarmos de modo bem geral, não é completamente alheia às concepções das diferentes semióticas.

A semiótica geral, por seu compromisso irreduzível com a linguagem, com a semiose, só poderia se situar como disciplina contra-hegemônica e de objeto próprio e bem delimitado, sob diferentes aspectos, independentemente da corrente teórica de que se trata.

### **HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: A CONTRA-HEGEMONIA DA HISTÓRIA**

O aspecto “meta-” exige a adoção de um “olhar distanciado”. Se não gostarmos da metáfora conceitual espacial “distância”, “boa distância”, podemos utilizar o termo “olhar situado”, guardando a metáfora espacial, na medida em que se trata de um olhar circunstanciado e esclarecido sobre as implicações do ato de olhar, de examinar, no ir e vir entre objeto e ponto de vista.

A historiografia linguística, independentemente da corrente teórica, é uma disciplina revolucionária ou de potencial revolucionário, uma vez que, por meio de documentos (textos e discursos) faz emergir, de modo dinâmico, histórias(s), em complemento ou em contraponto.

### **REESCREVER A HISTÓRIA**

A partir dessa base duplamente contra-hegemônica, da semiótica e da historiografia, fomos escavando, comparando, duvidando e compondo, ao longo da última década, um cenário mais amplo de explicação sobre o modo como a semiótica do discurso se desenvolveu e se situou entre as teorias da linguagem a partir dos anos 1960.

Sumariamente, compreendemos que:

- (a) a teoria franco-belga da História em Quadrinhos desenvolveu-se nos anos 1970, 1980 e 1990 quase que inteiramente à parte da semiótica do discurso, com grande desconfiança, em alguns casos, em relação aos pressupostos ditos semióticos, conforme Portela (2016);
- (b) a semiótica narrativa de Greimas se enriquece quando lida à luz da narratologia dos anos 1960 e 1970, a partir de contribuições de Bremond e de Todorov, e até mesmo de Dundes (Santos, 2014);
- (c) a hoje subestimada semiologia é amiga das cidades, da cultura de massa e das novas artes; e, que para além de Saussure, Mounin e Barthes, há semiólogos dos anos 1970 que pensaram as mais diversas linguagens sem as ferramentas talvez apropriadas, mas com lucidez invejável, a exemplo de Pierre Fresnault-Deruelle, como esclarece Granado (2021);

- (d) Paul Ricoeur, grande amigo e crítico cuidadoso da semiótica de Greimas, não somente fez objeções à semiótica narrativa da época, como, em seu encontro improvável com a semiótica (o termo é de Louis Panier) aumentou potencialmente a consciência da teoria sobre o ato interpretativo (Santos, 2014);
- (e) o termo ideologia, segundo Portela (2019), pouco ou nada utilizado pelos semioticistas greimasianos europeus, embora dicionarizado com um sentido bem definido, não causava problemas aos semioticistas brasileiros dos anos 1970 e 1980, em sua leitura marxista e de análise do discurso;
- (f) na teoria da enunciação greimasiana, deve-se o termo embreagem não só às reflexões de R. Jakobson sobre os *shifters*, mas também a Burks (1949), fonte de Jakobson, que estudando a classificação de Peirce para os signos, principalmente em relação à natureza dos símbolos e dos índices, concluiu que os embreadores não possuem uma significação única (Prado, 2018);
- (g) a emergência do sensível ocorre já nos primeiros escritos de Greimas, em 1956, em *L'actualité du Saussurisme*, e a partir desse texto, de 1966 a 1991 (em coautoria com Fontanille), surge o sensível tanto na retórica quanto na imanência da teoria, de acordo com Moreira (2019);
- (h) a noção de figuratividade é originária das artes plásticas e da retórica e é um dos poucos conceitos da teoria semiótica que atravessou décadas de experimentação teórica e chega, ainda hoje, atual e central nas preocupações da semiótica, como elucida Santos (2020); e
- (i) analisando citações, pode-se quantificar e qualificar textualmente a influência, a partir de operações tensivas (Moreira et al., 2021).

Essas demarcações, ou achados de pesquisa, permitem-nos entender por que semiótica e historiografia têm um potencial para reescrever a história e o aparato teórico-metodológico das teorias.

## **CRONISTAS E INOVADORES DA HISTÓRIA DA SEMIÓTICA DO DISCURSO**

Entre as delimitações, ou os achados, que evocamos anteriormente, falta um, relacionado a como fazer a semiótica e a historiografia linguística dialogarem na própria redação e análise da escrita da história. Nosso ponto de partida será o modo como a história da linguística não se ocupou da semiótica e sobre como os semioticistas europeus se ocuparam de sua história (Portela, 2018).

<sup>4</sup>Segundo Marie-Paule Caire-Jabinet (2013, p. 13), “... a historiografia abre amplos horizontes aos historiadores: analisar conceitos e debates, estudar práticas e os discursos”. No original: “... l’historiographie ouvre de vastes horizons aux historiens: analyser concepts et débats, étudier les pratiques et les discours”.

<sup>5</sup>Pensamos aqui nos dois tomos monumentais organizados por C. Delacroix et al. (2010a, 2010b), *Historiographies I e II: concepts et débats*.

<sup>6</sup>No original: “Cet ouvrage n’est pas une histoire encyclopédique de la linguistique, et ne prétend pas remplacer les travaux qui brossent un panorama historique de la linguistique. L’optique de celui-ci est *différente*: il ne s’agit pas de faire un relevé des acquis des sciences du langage, dans leur évolution de l’Antiquité au XIXe siècle. Il ne s’agit pas non plus de faire défiler ‘les grandes figures’ de l’histoire de la linguistique et de mettre à l’avant-plan des ‘acteurs’ particuliers. L’histoire proposée ici est une *histoire conceptuelle* de la linguistique, qui prend comme objet la ‘pensée linguistique’”.

Há várias maneiras de se considerar o problema da construção e compreensão da história. No domínio da historiografia (a história da história ou, mais precisamente, a história da pesquisa histórica)<sup>4</sup>, a história de uma disciplina pode ser construída por meio do que podemos chamar de “história intelectual” e “história conceitual”, diferentes derivações da história das mentalidades e da história cultural. Para a historiografia contemporânea<sup>5</sup>, a *história intelectual* trabalha com problemáticas científicas e culturais gerais e transversais ou, ainda, com pesquisas de fundo biográfico ou disciplinar, enquanto a *história conceitual* se interessa pelos conceitos e termos propriamente ditos, pelo léxico mobilizado em um dado campo disciplinar ou em uma dada época.

Essa diferença de abordagem – intelectual *versus* conceitual – não marcou verdadeiramente os debates sobre a história intelectual das ciências da linguagem no domínio francês, que empregaram o termo corrente “história das ideias” para designar seu projeto historiográfico. Os termos “história das ideias”, “história do pensamento” ou “história conceitual” são, muitas vezes, utilizados indiferentemente no domínio da historiografia linguística. P. Swiggers, por exemplo, nos apresenta suas ideias sobre a história do pensamento linguístico como uma pesquisa de caráter conceitual:

Esta obra não é uma história enciclopédica da linguística, e não pretende substituir os trabalhos que fazem um panorama histórico da linguística. Sua ótica é diferente: não se trata de fazer um inventário das aquisições das ciências da linguagem, em sua evolução da Antiguidade ao século XIX; não se trata também de fazer desfilar “as grandes figuras” da história da linguística e de colocar em primeiro plano determinados “atores”. A história aqui proposta é uma *história conceitual* da linguística que toma como objeto o “pensamento linguístico”. (Swiggers, 1997, pp. 1-2, grifos do autor)<sup>6</sup>

O projeto “História das ideias linguísticas”, dirigido por Sylvain Auroux, que aqui nos interessa especialmente, foi iniciado em 1982, segundo o próprio Auroux, por sugestão de Michel Meyer. Esse projeto deu origem a três volumes importantes sobre o tema: o primeiro, que se inicia na Antiguidade, foi publicado em 1989; o segundo, em 1992; e o terceiro, em 2000. Do ponto de vista do período abarcado, o terceiro e último volume vai até o final dos anos 1930.

Embora o projeto dirigido por Auroux não seja o único a contribuir para a história das ideias linguísticas – importante aqui registrar as décadas de contribuições de Koerner (1989, 1995a, 1995b), Koerner e Asher (1995), Altman (1998, 2021), Batista (2023), Batista e Bastos (2020), Coelho (2018, 2021), entre outros, sobretudo do ponto de vista metodológico de uma meta-historiografia –,

ele resta como uma importante referência para aqueles que se interessam pela historiografia da linguística, pois apresenta propostas metodológicas muito atuais:

- (1) *Apesar do título do projeto ser “História das ideias linguísticas”, Auroux, muitas vezes, prefere fazer referência às “ciências da linguagem” e não à “linguística”, pois, segundo ele, o termo “linguística” é muito recente – nasceu como um neologismo na Alemanha, em 1777, e depois foi utilizado em francês pela primeira vez em 1812 – para reunir, de maneira satisfatória, as correntes teóricas das ciências da linguagem, antes e depois dos séculos XVIII e XIX.*
- (2) *É preciso ter cuidado com a conciliação entre o passado e o futuro: como diz Auroux (1989, p. 14): “O saber (as instâncias que o colocam em prática) não destrói seu passado como acreditamos frequentemente de modo equivocado, ele o organiza, escolhe, esquece, idealiza, do mesmo modo que ele antecipa seu futuro o sonhando enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber”.*
- (3) *Uma concepção de método não pode se contentar com definições prévias e que se prestam à apreensão interna e externa dos saberes construídos. Seu método tem por objetivo: (a) “determinar em cada caso o núcleo duro do conhecimento da linguagem natural e seguir a sua evolução”; (b) “compreender a constituição das disciplinas nas suas relações umas com as outras, sem adotar fronteiras ou limitações pré-concebidas; e (c) “finalmente, levar em conta o aspecto sociológico ou institucional desse saber, do contexto social e dos interesses e práticas que estão na origem dessa produção” (Auroux, 1989, pp. 15-16).*

A historiografia das ciências da linguagem se erigiu, desse modo, como um projeto de revisão da tradição (da hegemonia), na medida em que pode nos ajudar a desconstruir alguns mitos solidamente implantados nas mais diversas correntes metodológicas do campo científico.

### A OMITISSÃO “NATURAL”

Os esforços de Auroux na construção e na compreensão das ciências da linguagem ignoraram as bases das teorias contemporâneas do discurso, da semiologia e da semiótica discursiva. No domínio da historiografia linguística, em sentido restrito, o interesse dos pesquisadores recai exclusivamente sobre as unidades que se situam abaixo do nível da frase: é a fonética, a fonologia, a morfologia e a sintaxe, especialmente esta última, que interessam a esses

historiadores e historiógrafos da linguística, que têm por objeto privilegiado as teorias gramaticais, em seus aspectos de formalização e descrição. No máximo, recorre-se à filosofia da linguagem.

Essa exclusão do pensamento discursivo ou semiótico do campo da historiografia linguística pode ser considerada como uma omissão “natural”, pois os pioneiros da historiografia linguística não teriam por que ampliar seu campo de interesse para assuntos que não tratam ou não reconhecem a cientificidade.

Entretanto, essa omissão “natural”, sempre entre aspas, nos revela uma concepção de linguística estreitamente disciplinar ou, ainda, sectária, devido à recusa a integrar, a seus interesses, os problemas semânticos (M. Bréal já acusava a linguística da época de fazer exatamente isso) e, em sentido amplo, as questões relacionadas ao discurso e à significação das demais linguagens. Se levarmos em conta a questão desse ponto de vista, a omissão ou exclusão de que falamos se apresenta como uma escolha que, no limite, apaga uma das contribuições capitais da linguística do século XX: os estudos do texto e do discurso.

O terceiro tomo de *História das ideias linguísticas*, organizado por S. Auroux (2000), é exemplar nesse quesito. A semântica e a pragmática, nele, recebem uma atenção bastante modesta. No caso da semiótica, a situação não é diferente: o capítulo intitulado “A ordem dos signos” tem uma primeira seção nomeada “A semiótica”, escrita pelo alemão Achim Eschbach, especialista em Charles Morris, que cita abundantemente Peirce e dedica uma meia página a F. de Saussure. Ora, mesmo considerando que os anos 1930 foram escolhidos como limite temporal, parece-nos que a escolha do autor da seção sobre os signos e a pouca atenção às ideias de Saussure não sejam gratuitas. Se o critério determinante é o temporal, M. Bakhtin e V. Volóchinov, por exemplo, que dialogam com a linguística europeia do século XIX e do começo do século XX, deveriam figurar nessa obra, se não na seção sobre os signos, em um capítulo inteiramente dedicado a seu pensamento linguístico.

Ainda que apreciemos as ideias de Auroux e seus colaboradores, isso não nos impede de lamentar suas omissões e, sobretudo, problematizá-las. É bastante claro que se os semioticistas não fizerem a história de sua disciplina, é inútil esperar que outros façam. A esse respeito, é inevitável evocar o que diz Auroux (2014, p. 7) em uma das epígrafes escolhidas para este trabalho: “. . . para definir seu próprio estatuto histórico nunca se está tão bem servido quanto por si mesmo!”

Por último, a título de contraponto, é preciso atentar-se para uma questão pertinente na construção da história e, portanto, da historiografia das disciplinas científicas: a diferença temporal em relação ao objeto analisado desempenha um papel decisivo na observação dos fenômenos. Quando Auroux começou a

trabalhar em seu projeto de história das ideias linguísticas, entre 40 (no começo do projeto) e 60 anos (ao seu final) o separavam de seu objeto. Em 1982, talvez fosse mais difícil avaliar a relação entre a linguística geral e as disciplinas do texto e do discurso. Havia muita novidade, agitação e confronto. Em 2017, entretanto, vemos como estamos na posição de observadores privilegiados dos nossos pioneiros dos anos 1970 e 1980.

### **SOMOS TODOS HISTORIÓGRAFOS?**

De certo modo, quando trabalhamos em um campo como o da semiótica, não estamos equivocados em pensar que somos todos, de algum modo, historiógrafos, devido ao nosso interesse por triar nossas fontes, organizar e explicitar as definições que balizam nosso pensamento e, principalmente, de nos posicionar em relação à tradição. Em geral, a importância de nos justificar e de nos explicar nos faz cientes do método e nos leva a assumir, não raramente, posições bem delimitadas. Nossa necessidade de explicitar o caráter e a pertinência da semiótica é, diríamos, “instintiva”.

Isso nos leva a nos apropriar da história da teoria, retocando-a com nossas próprias cores. Por vezes, não temos interesse algum em explicitar e justificar nossas escolhas teóricas. Alojamo-nos confortavelmente no seio da semiótica para criarmos modelos e reflexões, sem nos darmos conta de que o silêncio é tão ou mais significativo do que declarações.

Desse modo, vemos que a atividade dos historiógrafos um pouco distraídos que nós somos não compreende apenas “projetos intencionais”, projetos explícitos e conscientemente historiográficos. Isso nos autoriza a supor que o pensamento historiográfico é próprio ao pensamento científico, especialmente nas ciências humanas, em que a noção de progresso resta sempre por construir e por defender.

### **CRONISTAS E INOVADORES**

É difícil lançar um olhar de conjunto sobre a produção historiográfica que trata sobre a semiótica do discurso. A disciplina é jovem e movente, e tem suas próprias exigências. Ademais, a historiografia entre os greimasianos, como já vimos, salvo pelos trabalhos de Thomas F. Broden (2013), não produziu um programa metodologicamente explícito. Temos nos centrado, em geral, na análise dos sistemas conceituais (o que Koerner (1989), por exemplo, chama de imanência da teoria) e dado pouca ou nenhuma atenção (1) à retórica da teoria, (2) às ideias que permeiam e circundam os sistemas conceituais e (3) aos aspectos sociais e institucionais. Nosso trabalho, muito frequentemente,

não distingue livros, periódicos ou anais como textos de acesso à teoria e nem se desdobra na construção de um corpus de depoimentos e entrevistas. Não é à toa que os historiógrafos *tout court* das ciências da linguagem têm dificuldade de reconhecer nossas iniciativas no quadro teórico da historiografia.

De uma maneira geral, conhecemos, até o momento, duas abordagens historiográficas em semiótica:

- (1) As abordagens baseadas na memória, isto é, sobre as crônicas em seus aspectos científicos, associativos e institucionais, de que obras como *Sémiotique: l'École de Paris*, de J.-C. Coquet (1982), e *História concisa da semiótica*, de A. Hénault (1992, 2009), são os exemplos mais conhecidos; e
- (2) Abordagens baseadas em problemas teóricos, em geral, transversais e que reclamam uma síntese ou solução, como é o caso das duas primeiras partes de *Razão e poética do sentido*, de Claude Zilberberg (2004), e do preâmbulo de A. Hénault à obra *Atelier de sémiotique visuelle*, organizada por A. Hénault e A. Beyaert (2004).

A primeira abordagem, que poderíamos chamar *memorialista* ou *cronista*, orienta-se essencialmente pela diacronia dos fatos teóricos (aqui, chamo “fatos teóricos” um conceito-ocorrência pertencente a um sistema, assim como definimos também os “fatos de língua”), procurando mostrar suas correspondências, continuidades e descontinuidades em relação à grande cena científica de uma época, sob a forma de um romance de ideias, de uma “dramaturgia epistemológica”, para utilizar a bela expressão de J.-C. Chevalier e P. Encrevé (2006).

Essa abordagem é frequentemente linear e causal em sua maneira de compreender os fatos teóricos, pois se apoia, para coerência à narrativa que se conta, sobre os atores e actantes da ciência, e sobre os programas, percursos e esquemas dos quais tomaram parte. Os “cronistas”, em geral, vão dizer, por exemplo, que Saussure engendra Hjelmslev, que engendra Greimas, e assim por diante.

A segunda abordagem, que poderíamos chamar *crítica* ou *inovadora*, não rejeita a diacronia – estamos no terreno da história –, mas dela se serve de modo diferente. A diacronia apreendida nessa abordagem não é aquela dos fatos teóricos que, segundo as datas das publicações e dos acontecimentos julgados relevantes, se sucederam no tempo, mas aquela que se converte em sincronia para produzir seus resultados: o historiógrafo ultrapassa, suspende as coerções temporais e “faz sistema” com os fatos teóricos, não raramente reconstruindo

o próprio sistema e inovando. Segundo os *inovadores*, Hjelmslev pode revelar Saussure e Greimas pode iluminar Hjelmslev. É isso que observou H. Parret sobre o pensamento de Zilberberg no prefácio a *Razão e poética do sentido*: “A semiótica . . . é uma entidade dinâmica, e seu devir identifica-se com um regresso a seus fundamentos, a suas origens, dialetizando a contribuição dos fundadores e dos continuadores (Hjelmslev “fundador” do fundador Saussure, Greimas “fundador” de Hjelmslev)” (citado por Zilberberg, 2004, p. 12).

Essa caracterização polarizada entre cronistas e inovadores nos serve somente para esboçar as grandes linhas da atividade historiográfica em semiótica e não consiste em uma apreciação valorativa ou “moral”, pois estamos convencidos de que as duas abordagens não se prestam aos mesmos usos e têm, cada uma a sua maneira, um lugar na transmissão e na construção da semiótica como disciplina.

### CRONISTA OU INOVADOR?

É preciso ter em mente, é claro, que há outras maneiras de conceber a visada historiográfica em semiótica, maneiras estas que exploram diferentemente as duas abordagens anteriormente descritas.

Pegemos, por exemplo, o texto do prefácio de É. Landowski (2007) para a tradução lituana de *Semântica estrutural*. Nesse texto, o semioticista apresenta ao leitor experiente o projeto semiótico de *Semântica estrutural* à medida que ele mesmo procura se situar no interior desse projeto e estabelecer grandes linhas de evolução teórica. Para tanto, Landowski (2007) vai dispersar actancialmente a figura de Greimas, dividindo-a em três ou, ainda, em cinco Greimas diferentes: o Greimas semanticista, o Greimas semioticista e o Greimas fenomenólogo, aos quais se juntam o Greimas lexicólogo e o Greimas escritor, mencionados em nota de rodapé. Cada Greimas equivale, segundo o provocador autor de *Passions sans nom* (2004), a “. . . famílias de espírito bem diferentes e mesmo, em grande medida, rivais” (Landowski, 2007):

*A primeira* reúne uma geração de pesquisadores que, fiéis ao espírito de *Semântica Estrutural*, se consagraram ao desenvolvimento de uma linguística textual e de uma semântica das culturas. *A segunda* continua até os dias de hoje a fazer do *Dicionário* sua principal obra de referência, seja tomando tais quais os modelos da sintaxe narrativa e modal que constituem seu cerne e os aplicando escrupulosamente – são os defensores da semiótica dita *standard* –, seja buscando enriquecê-los e sistematizá-los, principalmente no âmbito da semiótica dita “tensiva”. *A terceira*, encontrando, por sua vez, inspiração sobretudo em *Da imperfeição*, tenta atualmente

<sup>7</sup>No original: “La première regroupe une génération de chercheurs qui, restés fidèles à l’esprit de Sémantique structurale, se sont consacrés au développement d’une linguistique textuelle et d’une sémantique des cultures. La deuxième continue jusqu’à maintenant de faire du Dictionnaire son principal ouvrage de référence, soit en prenant tels quels les modèles de la syntaxe narrative et modale qui en constituent le noyau et en les appliquant scrupuleusement — ce sont les tenants de la sémiotique dite standard —, soit en cherchant à les enrichir et à les systématiser, principalement dans le cadre de la sémiotique dite « tensive ». La troisième, trouvant pour sa part son inspiration surtout dans De l’Imperfection, tente actuellement de promouvoir une sémiotique en prise sur l’expérience, capable d’intégrer la dimension sensible et aussi celle de l’aléa dans l’analyse des conditions de la production et de la saisie du sens”.

promover uma semiótica que trate da experiência, capaz de integrar a dimensão sensível, e também aquela do aleatório, na análise da produção e da apreensão do sentido.<sup>7</sup> (Landowski, 2007, grifos nossos)

Landowski (2007) não se limita a destacar as três grandes “famílias” da semiótica. Em nota de rodapé, ele as identifica: a primeira família é aquela de F. Rastier, a segunda, de J. Fontanille e Zilberberg, e a terceira, finalmente, é a de J.-M. Floch, J. Geninasca e do próprio Landowski.

Essa maneira de encarnar figurativamente as problemáticas teóricas em diferentes atores da teoria mostra como uma estratégia de *cronista* pode ser utilizada com vistas à inovação no espaço teórico. Landowski (2007) não conta simplesmente a história da semiótica – até porque não há história única e nem simples –, ele a reconstrói segundo sua compreensão teórica. O passado da semiótica contém em germe seu futuro: aquilo que é ideia difusa na origem torna-se escola ou família no devir.

## PRINCÍPIOS SEMIÓTICOS DE META-HISTORIOGRAFIA

A semiótica pode desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento de uma historiografia de base discursiva, ou seja, uma historiografia que não se contente em estabelecer princípios metodológicos gerais, de ordem puramente histórica, mas que reconheça o estatuto discursivo dos textos que analisa.

A coexistência da dimensão metodológica da historiografia clássica com o aparato de análise da semiótica nos parece perfeitamente possível e desejável, especialmente no que diz respeito aos seguintes problemas historiográficos, que constituem princípios semióticos de meta-historiografia ou, segundo Santos (2020), uma semio-historiografia:

- (1) *A própria natureza do fazer historiográfico.* O semioticista não poderia se limitar a abordar a história de sua disciplina por meio do olhar do historiador (a precisão das fontes, a primazia da materialidade dos documentos, a delimitação dos objetivos, o respeito às condições de produção e circulação dos saberes, a ambição da narrativa) e deveria procurar tratar a narrativa histórica e seus textos como uma semiótica-objeto, analisável discursivamente, narrativamente, tensivamente etc. Isso equivaleria a afirmar que a natureza do fazer historiográfico é necessariamente dupla: histórica e semiótica;
- (2) *A superação da análise “interna” e “externa” em historiografia.* A semiótica, ao estabelecer as relações de dependência entre os textos

e os discursos que proliferam no campo científico, possibilitaria ao historiógrafo integrar os elementos próprios à construção da teoria e ao universo socioletal em que ela é gestada a um só projeto analítico. Por exemplo: a escolha do primeiro Greimas pela análise do conteúdo é um pressuposto teórico interno a sua teoria e ao mesmo tempo é um ponto de contato com as mais diversas teorias do discurso de sua época. Se discursos teóricos diferentes, como a semiótica discursiva e a análise do discurso (AD) francesa, por exemplo, deram, nos anos 1970, guardadas as devidas proporções, a mesma primazia à análise do conteúdo, isso significa que essas duas teorias, enquanto processos, exploraram propriedades de um só sistema de ideias. Não é preciso delimitar “interior” e “exterior” do texto – texto e “contexto” – para chegar a essa conclusão, é preciso recorrer ao discurso que configura cada “clima de opinião”, segundo o termo caro a K. Koerner, e tecer a sua rede intertextual e interdiscursiva;

- (3) *A definição de fato teórico e sua dinâmica no interior de um sistema científico.* Os fatos teóricos, assim como os fatos de língua, são ocorrências particulares que remetem a continuidades e descontinuidades mais gerais que se encontram no âmbito do sistema científico. Eles são produzidos e podem ser analisados segundo os modos de existência semiótica (virtual, atual, potencial, realizado), segundo uma perspectiva diacrônica ou sincrônica, ou segundo sua identidade e sua alteridade no sistema (variação e mudança). Desse modo, podemos estudar semioticamente o surgimento e o desaparecimento de fatos teóricos, em suma, sua evolução no interior de um mesmo sistema e entre sistemas derivados. Por exemplo, quando J. Fontanille (2008) concebe um *percurso gerativo da expressão*, homologando a *expressão* à experiência semiótica, fica claro que expressão adquire outra espessura de fato teórico, torna-se uma variante própria ao idioleto fontanilliano;
- (4) *A análise da dimensão enunciativa e retórica dos textos científicos.* É de suma importância compreender os modos de enunciação e de narração (delegação) na produção de textos científicos. Isso implica analisar a forma como o enunciador configura *éthos* e *páthos* e como delega a diferentes atores do enunciado competências epistêmicas distintas para afirmar, reforçar ou refutar ideias do campo científico, constituindo um verdadeiro campo de presença ou campo posicional, com fonte, alvo e obstáculo. Do ponto de vista da heterogeneidade constitutiva dos discursos, são as citações, diretas ou indiretas, as responsáveis por revelar grande parte desses fenômenos enunciativos;

- (5) *A programação e a persuasão dos discursos teóricos analisados*, ou seja, o que a teoria faz (o enunciado teórico) e o que diz que faz (a sua enunciação enunciada). O discurso teórico, expositivo e explicativo, opera pela extensidade da programação (a quantidade) e pela intensidade das asserções (a qualidade). Desse modo, cria seu objeto e garante, ao mesmo tempo, sua permanência e relevância, mediante estratégias enunciativas que valorizam ou desvalorizam certos aspectos do programa científico. Um bom exemplo disso é o estatuto da noção de plano da expressão na prática de análise, que se modificou ao longo do desenvolvimento da teoria (Castro, 2022);
- (6) *Os empréstimos e as redefinições da metalinguagem*. Categoria clássica de análise da historiografia linguística (cf. os trabalhos de P. Swiggers e O. Coelho), a metalinguagem, que frequentemente se faz por empréstimos e redefinições, permite conhecer o modo de formalização das teorias e as influências que nele se cristalizam, de modo assumido, implícito, esquecido ou apagado, por sucessivas misturas e triagens. O mapeamento metalinguístico é essencial para situar uma disciplina entre suas iguais e entre suas radicalmente diferentes, tanto do ponto de vista dos termos (condensados e estabilizados lexicalmente) quanto daquele dos conceitos ou das noções (expandidos discursivamente em definições);
- (7) *A figuratividade dos discursos teóricos*. A figuratividade nos discursos filosóficos e científicos é, em geral, rarefeita, embora muitos textos de G. Bachelard e G. Deleuze nos provem o contrário. Nos discursos científicos em especial, a figuratividade se manifesta explicitamente na forma de diagramas (gráficos, tabelas, representações visuais), de natureza verbovisual em geral, e implicitamente em metáforas especialmente espaciais (o *profundo* e o *superficial*, o *inferior* e o *superior*, as *camadas* ou os *níveis*, o *transversal*, o *interno* e o *externo*, o *central* e o *marginal* ou *periférico*, os *limites* e *limiars* etc.), a maior parte amplamente assentada no uso das diversas línguas naturais. Descrever, quando é o caso, a figuratividade de uma teoria, é conhecer seu potencial cosmogônico;
- (8) *Uma perspectiva modular sobre as teorias da linguagem*. Módulo é o conjunto de hipóteses, objetivos, limites, leis e princípios e métodos de análise que dado constructo teórico apresenta e mobiliza, organizando-se como uma teoria mais geral e ampla, de natureza englobante, ou como uma zona de interesse de adensamento teórico, de caráter englobado, que se inicia, em geral, a partir da abordagem de um novo objeto de análise ou de uma nova problemática teórica. Segundo essa concepção, na semiótica do discurso, podemos falar em vários módulos: semiótica

narrativa, semiótica discursiva, semiótica das paixões, semiótica tensiva, semiótica das práticas, semiótica das formas de vida, entre outros. Esses módulos têm limiares e pontos de encaixe, e se não podemos afirmar simplesmente que são complementares, sabemos, no entanto, que permitem utilização e combinação variada, sem risco de produzir, no conjunto das investigações, resultados díspares ou contraditórios. Os resultados de diferentes módulos de uma teoria são homologáveis.

Esses princípios, concebidos de modo colaborativo, na fricção de ideias entre semiótica e historiografia linguística, foram desenvolvidos e aprimorados com base em três grandes eixos norteadores:

- (1) A história, a historiografia e a própria semiótica são textos, discursos e práticas que necessitam de um tratamento linguístico, semiótico e histórico;
- (2) A semiótica do discurso não resume toda a diversidade nem é a única a produzir hipóteses semióticas no contexto das teorias da linguagem, do discurso e do texto. Como existem ideias linguísticas antes, durante e depois do advento da linguística como disciplinas que não foram formuladas propriamente por linguistas, existem ideias semióticas que se deixam apreender no conhecimento popular e em técnicas, procedimentos e concepções de disciplinas próximas ou distantes;
- (3) A semiótica, assim como nenhuma outra disciplina ou teoria, não carece de defesa, de justificativa, de retórica de blindagem de seu projeto científico. Ela é suscetível a dúvidas, a críticas e, especialmente, a mudanças, que se fazem mais por aspectos socioeconômicos (cultura nacional, cultura letrada, política, arte, demandas educacionais, domínios linguísticos, relações de colaboração ou dependência intelectual) e institucionais (formação, filiação, conformação da carreira, característica dos grupos, das revistas e das associações) do que propriamente pelas descobertas e formulações de um ator científico isolado.

Os problemas, princípios e eixos que acabamos de evocar, sugerindo-lhes um tratamento semiótico, têm o objetivo de esboçar as linhas gerais de uma historiografia que aborde a (historiografia da) semiótica por meios igualmente semióticos.

A semiótica deve escrever mais um capítulo de sua vocação contra-hegemonica e se interessar radicalmente pelos textos e discursos científicos, dando sua contribuição a uma meta-historiografia de inspiração semiótica. Nada mais

bem-vindo e urgente nesses tempos em que a ciência e a história não mais se configuram como grandes musas (pobre Clío!) e em que a delicada e complexa empreitada do fazer-parecer verdadeiro foi subvertida por fervores e bravatas sem apreço pela evidência, pela lógica, pela argumentação e pela história. ■

### REFERÊNCIAS

- Almeida, D. C. (2010). A vertente tensiva da semiótica greimasiana no Brasil: Breve estudo historiográfico. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, 7(2), 1-23. <https://tinyurl.com/rfw862jx>
- Altman, C. (1998). *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. Humanitas.
- Altman, C. (2012). História, estórias e historiografia da linguística brasileira. *Todas as Letras*, 14(1), 14-37. <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4526/3488>
- Altman, C. A. (2021). *A guerra fria estruturalista: Estudos em historiografia linguística brasileira*. Parábola.
- Auroux, S. (1989). *Histoire des idées linguistiques (tome 1)*. Mardaga.
- Auroux, S. (1992). *Histoire des idées linguistiques (tome 2)*. Mardaga.
- Auroux, S. (2000). *Histoire des idées linguistiques (tome 3)*. Mardaga.
- Auroux, S. (2014). *A revolução tecnológica da gramatização* (3a ed). Pontes.
- Badir, S. (2013). Sémiotique et langage: Une présentation historico-épistémologique. In C. Normand & E. Sofia (Eds.), *Espaces théoriques du langage: Des parallèles flous*. Academia.
- Barros, D. L. P. (1999). Estudos do texto e do discurso no Brasil. *DELTA*, 15(especial), 183-199. <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300008>
- Barros, D. L. P. (2007). Rumos da semiótica. *Todas as Letras*, 9(1), 12-23. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/648>
- Barros, D. L. P. (2012). A semiótica no Brasil e na América do Sul: Rumos, papéis e desvios. *Revista de Estudos da Linguagem*, 20, 149-186. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.20.1.149-186>
- Batista, R. (2023). *A linguística brasileira: Percursos históricos*. Mackenzie.
- Batista, R., & Bastos, N. B. (Orgs.). (2020). *Questões em historiografia da linguística: Homenagem a Cristina Altman*. Pá de Palavra.
- Bevidas, W. (2013). Sur l'épistémologie du Résumé: Pas de philosophie sans linguistique. *Janus – Quaderni del circolo glossematico*, 1, 163-175.
- Bevidas, W. (2015a). A teoria da linguagem de Hjelmslev: Uma epistemologia imanente do conhecimento. *Estudos Semióticos*, 11(1), 1-10. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2015.103769>

- Beividas, W. (2015b). A semiótica tensiva: Uma teoria imanente do afeto. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, 13(1), 43-86. <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/7607/5436>
- Beividas, W. (2015c). L'immanence sémiotique: perception ou sémioception? *Metodo. International Researches in Phenomenology and Philosophy*, 3, 165-184. <https://doi.org/10.19079/metodo.3.1.165>
- Beividas, W. (2016). A semiologia de Saussure como epistemologia do conhecimento. *Revista de Estudos da Linguagem*, 24(1), 35-64. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.24.1.35-64>
- Broden, T. (2013). Diachronies et régimes discursifs de la biographie intellectuelle. In D. Bertrand, I. Darrault-Harris, M. G. Dondero & V. Estay (Orgs.), *Actes du Congrès de l'Association Française de Sémiotique "Sémiotique et diachronie"* (pp. 1-10). Liège. [https://afsemio.fr/publications/actes\\_congres/semiotique-et-diachronie-actes-du-congres-de-lafs-2013/](https://afsemio.fr/publications/actes_congres/semiotique-et-diachronie-actes-du-congres-de-lafs-2013/)
- Burks, A. W. (1949). Icon, index, and symbol. *Philosophy and Phenomenological Research*, 9(4), 673-689. <https://doi.org/10.2307/2103298>
- Caire-Jabinet, M.-P. (2013). *Introduction à l'historiographie* (3a ed). Armand Colin.
- Castro, C. M. (2022) *A noção de planos da linguagem na semiótica discursiva* [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/4mpcd6ry>
- Chevalier, J.-C., & Encrevé, P. (2006). *Combats pour la linguistique, de Martinet à Kristeva: Essai de dramaturgie épistémologique*. ENS Édition.
- Coelho, O. (Org.). (2018). *A historiografia linguística no Brasil (1993-2018): Memórias, estudos*. Pontes.
- Coelho, O. (Org.). (2021). *Fontes para a historiografia linguística: Caminhos para a pesquisa documental*. Pontes.
- Coquet, J.-C. (Org.). (1982). *Sémiotique: L'École de Paris*. Hachette.
- Delacroix, C., Dosse, F., Garcia, P., & Offenstadt, N. (Orgs.). (2010a). *Historiographies I: Concepts et débats*. Gallimard.
- Delacroix, C., Dosse, F., Garcia, P., & Offenstadt, N. (Orgs.). (2010b). *Historiographies II: Concepts et débats*. Gallimard.
- Fiorin, J. L. (1995a). Semântica estrutural: O discurso fundador. In É. Landowski, A. C. Oliveira (Orgs.), *Do inteligível ao sensível: Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. Educ.
- Fiorin, J. L. (1995b). Noção de texto na semiótica. *Organon*, 9(23), 163-174. <https://doi.org/10.22456/2238-8915.29370>
- Fiorin, J. L. (1996). O corpo nos estudos da semiótica francesa. In I. A. Silva (Org.), *Corpo e sentido: A escuta do sensível* (pp. 85-96). Unesp.

- Fiorin, J. L. (1999). Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *DELTA*, 15(1). <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501999000100009>
- Fiorin, J. L. (2002). Esboço da história do desenvolvimento da semiótica francesa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 42, 131-146. <https://doi.org/10.20396/cel.v42i0.8637144>
- Fiorin, J. L. (2003). O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia*, (5), 19-52. <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1314/810>
- Fiorin, J. L. (2004). Semiótica e comunicação. *Galáxia*, (8), 13-30. <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1390/869>
- Fiorin, J. L. (2006). Enunciação e semiótica. *Letras*, (33), 69-97. <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11924>
- Fiorin, J. L. (2007a). O sujeito na semiótica narrativa e discursiva. *Todas as Letras*, 9(1), 24-31. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/649>
- Fiorin, J. L. (2007b). Semiótica e retórica. *Gragoatá*, 12(23), 9-26.
- Fiorin, J. L. (2007c). *Linguagem e ideologia*. Ática.
- Fiorin, J. L. (2016). À propos des concepts de débrayage et d'embrayage: Les rapports entre la sémiotique et la linguistique. *Actes Sémiotiques*, (119).
- Fontanille, J. (2008). *Pratiques sémiotiques*. PUF.
- Granado, A. H. (2021). *Semiótica e cultura de massa: Um estudo historiográfico* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/9pr7kk2z>
- Greimas, A. J. (1966). *Sémantique Structurale*. Larousse.
- Hénault, A. (1992). *Histoire de la sémiotique*. PUF.
- Hénault, A. (2009). *História concisa da semiótica*. (M. Marcionilo, Trad.). Parábola.
- Hénault, A., & Beyaert, A. (2004). *Ateliers de sémiotique visuelle*. PUF.
- Hjelmslev, L. (2003). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. (T. Coelho Neto, Trad.). Perspectiva.
- Koerner, E. F. K. (1989). *Practicing linguistic historiography: Selected essays*. John Benjamins.
- Koerner, E. F. K. (1995a). Persistent issues in linguistic historiography. In K. R. Jankowsky (Org.), *History of linguistics 1993: Papers from the Sixth International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS VI)* (pp. 3-25). John Benjamins.
- Koerner, E. F. K. (1995b). *Professing linguistic historiography*. John Benjamins.
- Koerner, E. F. K., & Asher, R. E. (Orgs.). (1995). *Concise history of the language sciences: From the Sumerians to the cognitivists*. Pergamon Press.
- Landowski, É. (Org.). (1997). *Lire Greimas*. Pulim.
- Landowski, É. (2002). *Presenças do outro*. (M. A. L. Barros, Trad.). Perspectiva.

- Landowski, É. (2004). *Passions sans nom: Essais de socio-sémiotique III*. PUF.
- Landowski, É. (2007). Le papillon tête-de-Janus: à propos de *Sémantique structurale*, quarante ans après. *Actes Sémiotiques*, (110). <https://doi.org/10.25965/as.1540>
- Lopes, E. (1997). *A identidade e a diferença: Raízes históricas das teorias estruturais da narrativa*. Edusp.
- Lopes, I. C. (2010). Les activités sémiotiques au Brésil en 2010: Survol à grande altitude. *Signata – Annales des Sémiotiques*, 1, 1-2.
- Lopes, I. C. (2011). Coup d'œil sur la sémiotique au Brésil en 2011. *Signata – Annales des Sémiotiques / Annals of Semiotics*, 2, p. 1-3.
- Lopes, I. C. (2012). La sémiotique au Brésil en 2012: Un aperçu. *Signata – Annales des Sémiotiques*, 3, 1-4.
- Lopes, I. C. (2014). L'année 2014 dans la sémiotique brésilienne: Quelques repères. *Signata – Annales des Sémiotiques*, 5, 1-8. [http://web.philo.ulg.ac.be/signata/wp-content/uploads/sites/23/2015/05/Bresil\\_2014.pdf](http://web.philo.ulg.ac.be/signata/wp-content/uploads/sites/23/2015/05/Bresil_2014.pdf)
- Moreira, P. V. (2019). *A emergência do sensível na semiótica discursiva: Uma abordagem historiográfica* [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/3t7f3xss>
- Moreira, P. V., Santos, F. K. R., & Portela, J. C. (2021). A citação em textos científicos: Uma análise semio-historiográfica do argumento de influência. *Estudos Linguísticos*, 50(1), 262-280. <https://doi.org/10.21165/el.v50i1.2945>
- Murray, S. O. (1994). *Theory groups and the study of language in North America: A social history*. John Benjamins.
- Newmeyer, F. J. (1996). *Generative Linguistics: A historical perspective*. Routledge.
- Nöth, W. (1990). *Handbook of semiotics*. Indiana University Press.
- Portela, J. C. (2016). Sémiotique de la bande dessinée: Regards sur la théorie franco-belge. *Signata – Annales des Sémiotiques*, 7, 391-407. <https://doi.org/10.4000/signata.1247>
- Portela, J. C. (2018). História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. *Estudos Semióticos*, 14(1), 138-143. <https://tinyurl.com/ytkje6fh>
- Portela, J. C. (2019). Semiótica e ideologia. *Revista do GEL*, 16(1), 132-142. <https://doi.org/10.21165/gel.v16i1.2778>
- Prado, M. G. S. (2018). *A enunciação na semiótica discursiva: Um estudo historiográfico* [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/ycx3srt7>
- Rastier, F. (1997). Les fondations de la sémiotique et le problème du texte: Questions sur les «Prolégomènes à une théorie du langage» de Louis Hjelmslev. *Texto! Textes et cultures*. [http://www.revue-texto.net/Inedit/Rastier/Rastier\\_Fondations.html](http://www.revue-texto.net/Inedit/Rastier/Rastier_Fondations.html)

- Santos, A. A. (2014). *De Propp a Ricoeur: Origens e impasses da semiótica narrativa* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/37zhmj2x>
- Santos, F. K. R. (2020). *O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França* [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/4m6b7ap6>
- Swiggers, P. (1990). Reflections on (models for) linguistic historiography. In W. Hüllen (Ed.), *Understanding the historiography of linguistics: Problems and projects* (pp. 21-34). Nodus.
- Swiggers, P. (1997). *Histoire de la pensée linguistique: Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIXe siècle*. PUF.
- Swiggers, P. (2012). Historiografia da linguística: objeto, metodologia, modelização. *Todas as Letras*, 14(1), 38-53. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4527>
- Zilberberg, C. (2004). *Razão e poética do sentido*. Edusp.

---

Artigo recebido em 22 de novembro de 2024 e aprovado em 18 de dezembro de 2024.

# Semiótica e interdisciplina no ecossistema midiático atual

## *Semiotics and interdisciplinarity in the current media ecosystem*

■ JOSÉ LUIS FERNÁNDEZ<sup>a</sup>

Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires, Argentina

### RESUMO

Pesquisar a *vida das plataformas* no período *postbroadcasting* exige mais do que um conhecimento sociosemiótico de suas trocas discursivas, embora essa perspectiva seja indispensável. Neste artigo, propomos uma revisão do trabalho de pesquisa da sociosemiótica das mediações e suas relações contínuas com outras abordagens, dentro e fora da disciplina, sobre esse fenômeno central da época. Primeiramente, será descrito o ecossistema midiático atual e, dentro dele, a abordagem sociosemiótica. Em seguida, serão definidos os caminhos metodológicos que complementam outras disciplinas. Por fim, serão propostos caminhos para um futuro melhor integrado, tanto dentro da própria semiótica quanto em relação a outras disciplinas que estudam a midiáticação. **Palavras-chave:** Sociosemiótica, mediações, interdisciplina, captura, dataficação

### ABSTRACT

The investigation of platform lives in postbroadcasting requires more than socio-semiotic knowledge about their discursive exchanges, although their perspective is essential. This article proposes a review of the research work from the socio-semiotics of mediatizations and its ongoing relationships with other approaches, inside and outside the discipline on this central phenomenon of our time. First, the current media ecosystem and within it the socio-semiotic approach will be described. Methodological paths that complement other disciplines will then be explained. Finally, paths will be proposed for a better integrated future, both within semiotics itself and with respect to other disciplines that study mediatization.

**Keywords:** Socio-semiotics, mediatizations, Interdiscipline, ecology, datafication

<sup>a</sup>Doutor em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires (UBA) e professor consultor na mesma universidade. Pesquisador categoria 1. Vencedor do Premio UBA a la producción científico y técnica em 1994. Orcid: 0000-0002-4196-6528. E-mail: unjlfmas@gmail.com

O futuro chegou há muito tempo  
 Um grande bastão, você vê!  
 Vamos ver um pouco com seus olhos...  
 O futuro está aqui!  
 (Patricio Rey y sus Redonditos  
 de Ricota, 1988, tradução livre).

É UM GRANDE DESAFIO pensar sobre o futuro de uma disciplina em um momento em que os fundamentos de suas práticas de pesquisa estão sendo testados por profundas transformações em seus objetos. Esse é o caso da sociosemiótica, que se concentra nas mediações e, dentro delas, nas trocas discursivas em plataformas e suas redes sociais. Estamos inundados de incertezas, ao mesmo tempo em que enfrentamos a complexidade. É um momento desafiador.

Somos obrigados, por um lado, a revisar nossas próprias ferramentas metodológicas e, por outro, a aceitar e nos adaptar à *convivência* e à *interação* com outras abordagens disciplinares. A convivência e a interação são práticas muito diferentes: na primeira, a diversidade é aceita, enquanto a interação exige testar e questionar as próprias abordagens e as ferramentas derivadas delas.

De acordo com a maneira como estamos pesquisando e publicando, para sustentar, em termos um tanto hereticamente greimasianos, a *isotopia* que permite que um sistema de troca se sustente como social, devemos recorrer a relações que não vêm exclusivamente da semiótica.

Nesse ponto, como disse Eliseo Verón certa vez em uma palestra, a semiótica é um rio largo no qual navegam diversas abordagens e preocupações temáticas e até mesmo políticas. Portanto, se quisermos expor as relações da semiótica com outras disciplinas, é inevitável traçar um panorama da extensão de nossa visão sempre limitada da disciplina.

Duas advertências para nos introduzir em um campo e uma posição delicados.

A primeira é que estamos nos aproximando de um campo que é, em princípio, insondável do ponto de vista de um pesquisador individual ou mesmo de uma equipe de pesquisa. Portanto, o que se segue é apenas uma aproximação a ser discutida e esclarecida polifonicamente. Por outro lado, mencionaremos pesquisadores e tendências de pesquisa sem espaço para citá-los longamente; o risco de sermos injustos ou suspeitos de superficialidade é inevitável.

Primeiro, analisaremos aspectos do estudo das mediações dentro da semiótica regional. Em segundo lugar, descreveremos o *estado atual* da sociosemiótica

das mediações, que se originou em torno das propostas de Eliseo Verón (1987, 2013) e outros. Em seguida, apresentaremos sinteticamente uma proposta metodológica para articular, por um lado, com outras abordagens semióticas das mediações e, por outro lado, abordaremos as relações com outras disciplinas, mas com um foco especial na *datificação e, mais precisamente*, nos processos de *captura* de dados. Por fim, serão propostas conclusões abertas para um futuro de pesquisa interdisciplinar e globalizado.

### SEMIÓTICA/S E MEDIAÇÃO/ÕES NA AMÉRICA LATINA

Não há dúvida de que na América Latina podemos falar de um *ambiente* veroniano ligado ao estudo das mediações do ponto de vista semiótico.

Quais são as contribuições de Eliseo Verón que são genericamente aceitas em nosso meio? Simplificando: um Peirce muito produtivamente metabolizado como uma lógica geral do signo; a semiose social como uma rede como alternativa à semiosfera (Lotman, 1996); o sistema de troca como um fenômeno macro; a distância intransponível entre produção/reconhecimento discursivo, estruturando a compreensão de toda troca; as diferenças entre o ideológico e o poder do discursivo; a necessidade de partir de *marcas* na materialidade discursiva (e na materialidade da mídia) para sustentar que são *traços* a partir dos quais os processos de produção de sentido podem ser reconstruídos; o princípio da observação externa à participação em trocas (o triângulo duplo) e sua incorporação à observação geral do científico.

Há focos veronianos em vários países da América Latina (Parra Ortiz, 2014), mas não há dúvida de que sua influência é sentida centralmente na Argentina e no Brasil. Pontos focais importantes nesses países são o CISECO (Centro de Estudios en Semiótica y Comunicación), fundado pelo próprio Verón e por José Antonio Fausto Neto, e o CIM (Centro de Investigaciones en Mediatizaciones), na Universidad Nacional de Rosario, dirigido desde sua fundação por Sandra Valdettaro. Ambos têm pesquisadores permanentes ou convidados que, por outro lado, em muitos casos se cruzaram e compartilharam experiências.

Não conheço os detalhes da situação atual no Brasil, mas presumo que existam vários cursos de pós-graduação e cátedras funcionando em diferentes partes do Brasil em torno de figuras como Lucía Santaella, Antonio Fausto Neto e Clotilde Pérez. Na Argentina, toda a área de Crítica Artística da Universidad de las Artes tem uma forte influência veroniana, a começar pelos fundadores da área, Oscar Traversa e Oscar Steimberg, e, por outro lado, há as várias cátedras

lideradas, entre outros, por Marita Soto (que dirigiu a área), Sergio Ramos (substituto de Soto), Gastón Cingolani (ex-diretor do Instituto de Pesquisa) e Mónica Kirchheimer (atual diretora).

O doutorado em Semiótica da Universidade Nacional de Córdoba tem uma marca tanto veroniana quanto lotmaniana, por meio da atividade de Pampa Arán, recentemente falecido, e também de Beatriz Amman e María Teresa Dalmasso, entre outros pesquisadores.

Por fim, vale a pena mencionar os cursos de Semiótica dedicados à mediação, todos com um forte viés veroniano, no Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires. Os atuais professores titulares são Daniela Koldobsky, Gustavo Aprea, Mario Carlón, Amparo Rocha Alonso, Claudio Centocchi e Damián Fraticelli. Todos eles estão cercados por equipes de pesquisa que trabalham com essas questões há duas ou três décadas.

Embora dentro desse universo veroniano as relações transversais sejam uma continuidade, há inevitáveis *divergências* parciais nos temas e objetos de pesquisa, na medida em que não há acordos sobre estratégias de pesquisa convergentes, embora mantenham a inevitável diversidade. O trabalho está em andamento.

Uma revisão incompleta e com uma classificação talvez ainda demasiadamente fraca das tensões temáticas dos pesquisadores no campo veroniano deve discriminar os movimentos:

- *Centrífuga*, quando se passa da semiótica para uma disciplina estrangeira, como a antropologia ou as ciências de dados, em busca de ferramentas para explorar as fronteiras. Nesses casos, a busca multi ou transdisciplinar é explícita.
- *Centrípetas*, que, partindo de um objeto não explicitamente incluído nas preocupações semióticas, retornam às semiotizações da mídia, como as da vida política, da publicidade, das artes plásticas ou musicais. Correndo o risco de esquematizar, o objetivo aqui seria introduzir um olhar que traria à semiótica fenômenos de transcendência sociocultural que vão além dela.

### **CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS PARA A CONVERGÊNCIA: A ANÁLISE DOS SISTEMAS DE INTERCÂMBIO DISCURSIVO**

Como base própria no momento, ousou propor uma unidade comum de análise para essas abordagens que nos permitiria compartilhar nossos campos de

trabalho e facilitar a interação multidisciplinar: o sistema de troca discursiva da mídia, ou seja, passar da análise discursiva textual para a reconstrução do sistema que permite que qualquer texto contribua para a produção de significado social.

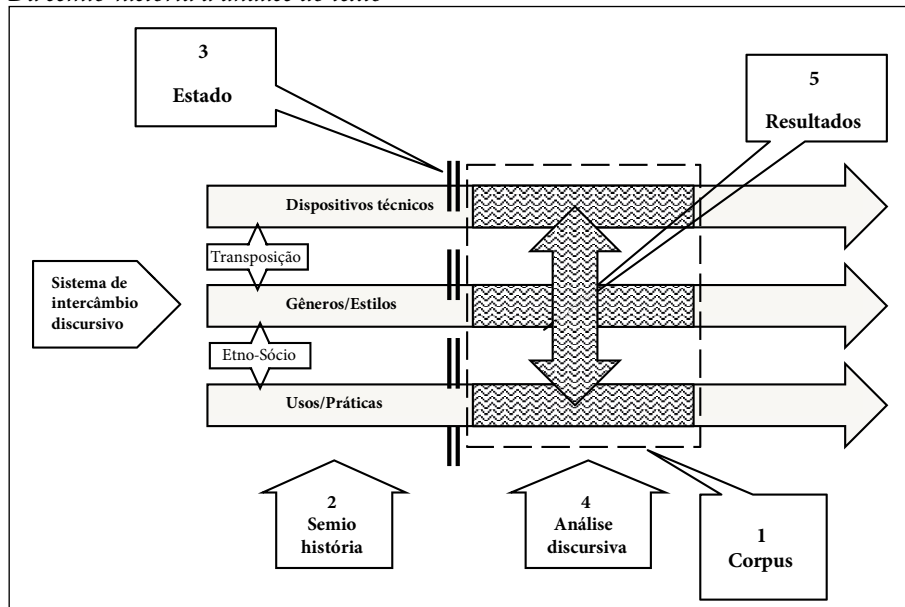
Do nosso ponto de vista, as barreiras para essa mudança não serão nem teóricas nem metodológicas, mas as vemos, por assim dizer, como barreiras epistêmico-políticas.

Vejam agora como o sistema de troca discursiva pode ser operacionalizado para estudo.

A Figura 1 mostra, muito esquematicamente, os momentos de trabalho dentro de nossa metodologia de pesquisa, e como é o caminho indireto que nos leva ao estudo do corpus como uma representação do sistema de intercâmbio em estudo. Lembremos que a definição do sistema de troca discursiva pressupõe que o significado da troca é apresentado como um efeito de passagem nos textos trocados. Vejam as diferentes fases do trabalho, conforme as aplicamos em nossa prática.

**Figura 1**

*Da semio-história à análise do texto*



Nota. Elaboração própria.

A fase 1 é a seleção do corpus a ser estudado, que, como vimos, deve representar o sistema de troca discursiva a ser estudado (um estudo semiótico

pressupõe o conhecimento da vida sociocultural associada a esse sistema de troca). É claro que, para que uma pesquisa avance de forma produtiva, é muito importante que o corpus, que será o material de estudo, represente muito bem a materialidade do sistema.

O corpus é constituído, pelo menos, pelas três séries constitutivas básicas: a dos dispositivos técnicos, a das tensões genérico-estilísticas e a das propostas de uso ou práticas comunicacionais associadas; é claro que essas séries podem ser decompostas internamente.

Na *fase 2* da análise, que chamamos de semio-histórica, o trabalho consiste em reconstruir o caminho anterior das séries que percorrem o corpus. Em alguns casos, serão séries longas, das quais as seguintes são exemplos: o caso dos dispositivos técnicos, tipográficos, genérico-estilísticos, construções de heróis e vilões da epopeia greco-latina, tragédia e comédia e, no caso dos usos, uma pressuposição sobre a posição espectral proposta e a busca de informações no sentido moderno do termo.

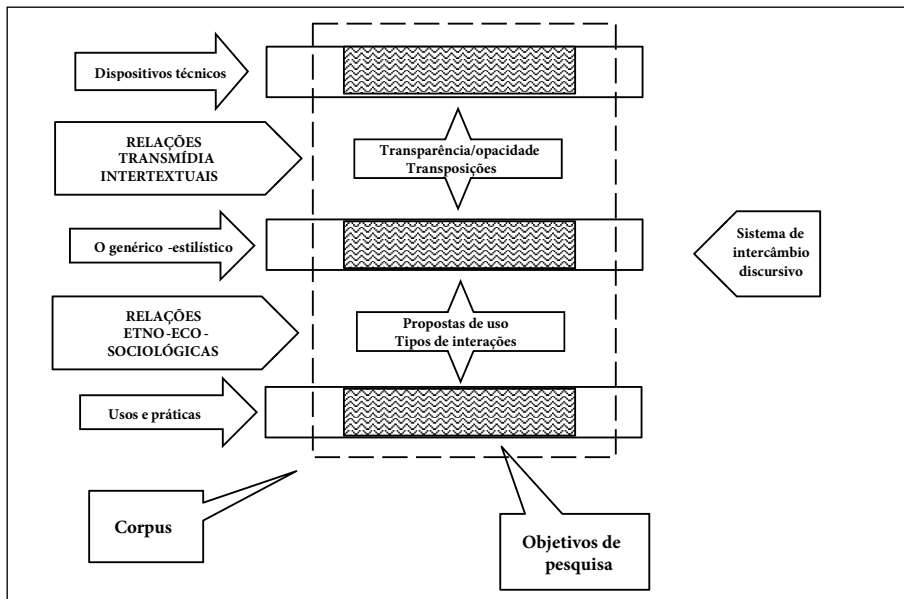
O resultado desse trabalho, que nos concentra progressivamente em nosso corpus, é apresentado na *fase 3*, que chamamos de *estado sociossemiótico*, que pode ser entendido como o ecossistema de mídia discursiva no qual nosso objeto de análise está situado. Uma esquematização do estado sociossemiótico pode ser vista na Figura 2, construída como uma seção transversal da jornada semio-histórica. Nela, vemos que o processo de pesquisa sobre as três séries que, em princípio, têm um número infinito de características, é limitado apenas pela adequação aos objetivos da pesquisa.

Entre os costumes discursivos em que se desenrola a vida sociossemiótica de nosso corpus, notaremos a presença ou não de transposições, ou seja, de características de textos que vêm de outros sistemas de troca, ou a presença de características que evidenciam a materialidade de seus dispositivos técnicos, como *texturas*, posições de câmera transparentes ou que evidenciam seu uso, como planos zenitais ou *travellings* agitados, projetos gráficos provocativos ou classicistas. Além disso, entre o genérico-estilístico e suas propostas de uso, observaremos propostas de passividade receptiva ou participativa, apelos à expectativa de descanso ou mobilidade. Em outras palavras, a análise das trajetórias que enfocamos no corpus, embora semiótica, é analisada de um ponto de vista que pressupõe a multidisciplinaridade.

Uma vez estabelecido o estado sociossemiótico de nosso corpus e conhecidas as trajetórias das várias séries e suas relações em seus costumes socio-discursivos, iniciamos a análise discursiva da *fase 4* da Figura 2.

**Figura 2**

*Análise discursiva do corpus textual*



Nota. Elaboração própria.

O que significa níveis interagindo uns com os outros? Quando qualquer falante nativo de uma cultura intervém em sistemas de trocas discursivas, ele avalia, de forma mais ou menos crítica, sua participação, bem como a de outros que interagem em cada intercâmbio. Ele também avalia o intercâmbio como um todo ou em alguns de seus aspectos e pode compará-lo com outros que conhece, quer participe deles ou não.

A partir desse ponto de vista, o observador partilha a cultura que está analisando no devido momento, e o metodológico cria uma observação distanciada de seus concidadãos e concidadãs. É daí que vem parte das incertezas que persistem sobre a adequação, ou não, do acadêmico ao socialmente plausível: são dois aspectos diferentes.

## TEXTURAS NAS CONVERGÊNCIAS NA SEMIÓTICA E DA ANÁLISE DO DISCURSO

Em que consiste a própria *análise discursiva* nesse modelo? Já o dissemos antes: no registro das *marcas* no *corpus* que se tornam *traços* do tratamento das diversas séries presentes no material. Vamos relembrar os termos:

- *Texto(s)*: a(s) unidade(s) material(is) portadora(s) de sentido que inter-vém(êm) nos sistemas de intercâmbio discursivo da mídia.
- *Característica*: chamaremos isso de qualquer característica registrável dos textos a serem estudados. Trata-se da materialidade em seu sentido mais amplo.
- *Marca*: as características selecionadas dentre a materialidade como um todo porque se considera que sua presença está relacionada aos objetivos do estudo. Trata-se da materialidade escolhida com base em princípios técnicos e institucionais.
- *Pegada*: o resultado da atribuição a uma marca selecionada de alguma condição de produção de significado que justifique a presença da marca. É a operação básica de (re)construção de um sistema de troca discursiva da mídia fora da plausibilidade que sustenta o senso comum de repetição.

Das várias tradições de análise de tópicos discursivos, proponho prestar atenção, como um campo de exemplificação, às *texturas*, que considero fundamentais para a compreensão do processo semiótico de midiatização. Elas são aspectos diferentes uma da outra, mas podem ser aplicadas em áreas diferentes: são a da *textura* e a dos *formatos*. Nesses dois níveis, manifestam-se os principais aspectos das materialidades que estamos estudando e sua organização, sem os quais, como geralmente acontece, os efeitos de significado da midiatização se dissolvem. Na sua ausência, as palavras dos personagens (dissolvidos como atores da mídia) e suas opiniões e narrativas ganham o palco analítico.

As materialidades que estudamos têm uma presença *magmática e escamosa*: não encontramos nenhum conteúdo sem materialidade, nem nenhuma característica de qualquer tipo se não fizermos primeiro, consciente ou inconscientemente, um exercício de *abstração*.

Um conteúdo de fúria ou ódio (*haters*) é o uso de letras maiúsculas nas plataformas; um tema filosófico é uma tentativa de incluir ou excluir destinatários; uma metáfora incomum constrói um enunciador sofisticado e talvez até pretensioso; uma longa história força, ou finge forçar, a aceitação de ser um público cativo.

Ficará evidente, em cada nível em que pretendemos descrever as operações, que a complexidade não é o produto de uma posição intelectual, mas do envolvimento em uma atividade descritiva que, por princípio, é infinita quando aplicada a objetos complexos.

**Texturas**

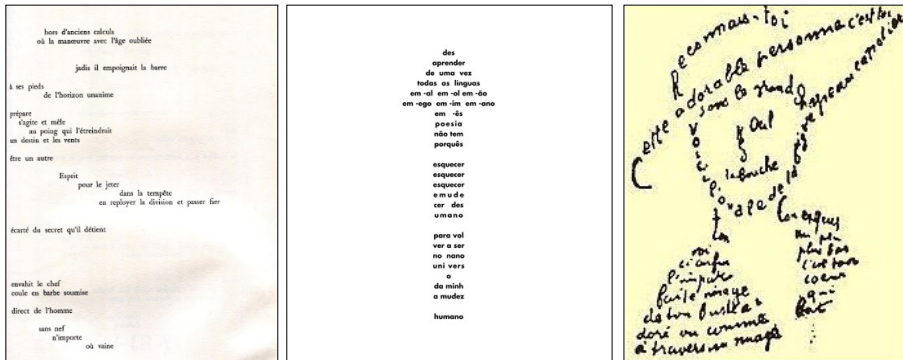
As *texturas* são as marcas deixadas pelos dispositivos técnicos na superfície dos textos trocados, que muitas vezes são inevitáveis de acordo com as características dos dispositivos técnicos, mas essas características também podem ser usadas, acentuando-as ou tornando-as transparentes, para usos expressivos e estilísticos.

Na descrição da textura nas mediações, retornamos em parte às noções gráficas e têxteis e aos termos derivados dos efeitos estilísticos. Partimos do pressuposto, então, de que não há contato de mediação, tela ou interface que não proponha um primeiro efeito de textura.

Vamos apresentar alguns tipos desses recursos, incluindo alguns em uma abordagem trans ou multimídia na Figura 3:

**Figura 3**

*Texturas em mediações literárias: Mallarmé, Apollinaire, Augusto de Campos.*



- O *ritmo*, que se apresenta por meio de vários recursos ou operações, entre outros: mudanças na sequência de sons ou imagens, por montagem ou pela representação de movimentos, respiração mais ou menos agitada, a câmera na mão diante de um sereno *travelling*, a ordem ou a desordem no design gráfico de uma interface.
- A superfície de textos gráficos ou interfaces, hierárquicos ou ordenados ou não, que propõem em suas diferenças caminhos de leitura muito diferentes, bem como as nuances entre a casa e o mural do Facebook ou as telas das plataformas de *streaming*, e até mesmo as tipografias, seus estilos ou seus diferentes tamanhos e pesos.
- O número de gêneros incluídos e sua brevidade: a música + a notícia + o boletim meteorológico geram mais ritmo do que a entrevista + a coluna de opinião + o editorial.

- A polifonia entendida como o número de vozes colocadas em discurso (pelo menos a oposição monotonia/polifonia); ou a diversidade de tipos de imagens, fotográficas ou pictóricas; das sexualidades representadas, suas ressonâncias etárias (imagens ou vozes de crianças, jovens, adultos, idosos), ou seja, o que é típico dos formatos de *mosaico*.

Se a textura for perdida na análise, a evidência da midiaticização será perdida. Não há conteúdo, conceito, troca que não seja confrontado, em primeiro lugar, e em um gesto reprimido pela cultura, como um efeito técnico que apoia e constrói aquilo que é trocado e seus modos de circulação.

### Formatos

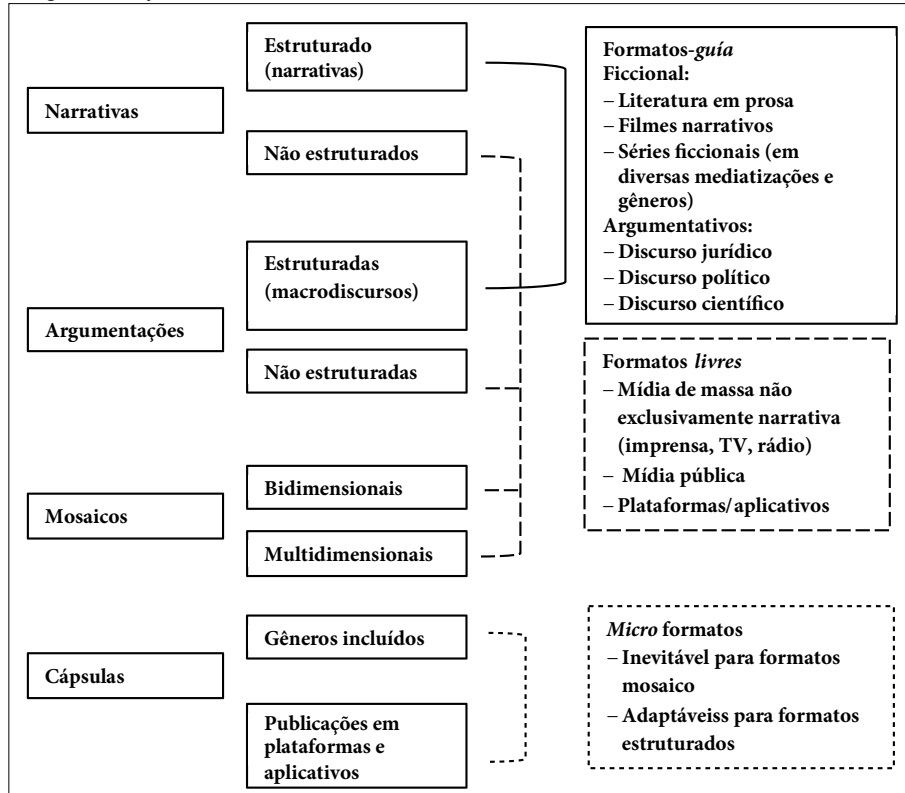
Os *formatos* são organizações gerais de textos, estruturados ou não, que permitem, ou pelo menos propõem, organizar as trocas discursivas de diferentes maneiras. Eles são um momento de articulação entre as materialidades de texturas e figurações diversas, entendidas como operações básicas para a produção de sentido. Narrativas e argumentos, estruturados ou não, grandes macro ou microgêneros e sua coexistência ou não nos grandes formatos de mosaico que, sem chamar muita atenção, são figurações da vida midiática, dos meios de comunicação de massa, e que são aparentemente inevitáveis em plataformas e aplicativos.

O termo *formato*, para simplificar, foi e é aplicado em duas direções que pertencem a séries *semi-históricas* muito diferentes:

- em direção a *dispositivos técnicos* ou, mais amplamente, em direção a materialidades e suportes (formatos de rádio, TV, gráficos, internet ou suas várias plataformas e aplicativos, entendidos como *espaços de comunicação*);
- em direção aos tipos genérico-estilísticos ou até mesmo discursivos (formatos jornalísticos, publicitários, informativos, políticos, vídeos em plataformas como Instagram ou TikTok).

O termo formato é usado aqui como um espaço de tensão entre possibilidades e uma primeira organização dos formatos é apresentada na Figura 4.

**Figura 4**  
Diagrama de formatos



Nota. Fernández (2023).

Como pode ser visto na Figura 4, três tipos diferentes de fenômenos são colocados no mesmo cenário sob o termo *formato*:

- Aqueles que respondem a *organizações estruturantes*, na medida em que propõem formas de construção de significado com propostas de recepção, bem-sucedidas ou não como tal; suas partes *não são vistas*; narrativas e argumentos *são inferidos*.
- Uma *organização superficial*, a do mosaico, que mostra a relação entre suas partes à primeira vista, não pode escapar à observação, mesmo que pouca atenção tenha sido dada a ela.
- As *cápsulas*, por outro lado, pertencem a outra escala, elas têm uma vida antropológica, por assim dizer: anedotas, contos populares, fofocas, piadas, têm vida na vida sociocultural, tanto na mídia quanto fora dela; pouca atenção é dada a elas por causa de sua suposta falta

de importância, mas elas são fundamentais no nível intersticial, tanto em argumentações quanto em narrativas e, é claro, em mosaicos.

Na descrição das mediações, é muito importante registrar e destacar o formato de mosaico e a presença de cápsulas. Deve-se entender que, por exemplo, o formato *tema musical* ou *canção* é central na constituição das grandes tendências culturais em torno da *música popular* (Fernández, 2024).

### CONVERGÊNCIAS DENTRO DA SEMIÓTICA REGIONAL

É claro que é impossível ser exaustivo com tudo o que está acontecendo em uma disciplina tão diversa como a semiótica em uma área tão vasta como esta da América Latina. Em cada um de nossos países, ou pelo menos entre aqueles que conheço, há uma geração de pesquisadores entre trinta e cinquenta anos, intervindo em todas as áreas. Até mesmo focar em um único país seria inevitavelmente injusto.

Já existe uma longa tradição de publicações periódicas ou compilações em livros, centrípetas ou centrífugas, nas quais os pesquisadores em semiótica da região têm coexistido, às vezes convergindo com outras correntes, às vezes não. Por sua vez, essas publicações reúnem enfoques centrípetos ou centrífugos, divulgam estudos qualitativos e quantitativos sobre convergências e divergências, bem como temas incluídos ou excluídos e autores inevitáveis.

Um aspecto importante é que, pelo menos do meu ponto de vista, estamos lendo uns aos outros regionalmente. Cada vez mais, nossas intervenções incluem a presença de obras de autores que não pertencem nem ao universo inevitável a ser citado nem diretamente às nossas equipes e instituições de pesquisa. Estamos acompanhando uns aos outros em nossos desenvolvimentos e a mistura de autores está se tornando mais rica (Carlón, 2024; Fernández, 2021, 2023; Leone, 2023; Pardo Abril, 2023). No entanto, ainda é evidente que, mesmo em temas comuns e entre autores próximos uns dos outros, há uma falta de citações cruzadas (Caro, 2023; Flores, 2022; Pérez, 2024).

Embora qualquer pessoa possa certamente pensar em outras áreas para explorar em profundidade, ainda há um longo caminho a percorrer para articular, como exemplos, os modelos de semiose social com os da semiosfera (redes ou esferas globais e parciais?); as teorias da midiaticização com as da multimodalidade (começamos com a materialidade ou a acrescentamos depois de entender as trocas verbais?) e uma área que talvez seja a menos percorrida, a que deve estabelecer relações entre as teorias da *enunciação*, o interacionismo simbólico, o *tensional* e o *agente*.

É impossível entrar nessas diversidades sem se perder, se isso não for feito em um trabalho de grupo extenso. Em todos eles, aparece explícita ou implicitamente a necessidade de levar em conta as materialidades, os intertextos e os sistemas de troca que organizam as observações e as abordagens. Por essa razão, a fim de mostrar as possibilidades e necessidades de convergência entre diferentes abordagens, farei referência a casos que, embora muito próximos, não deixam de mostrar as inevitáveis divergências nos caminhos da pesquisa.

Na semiótica das mediações veronianas, temos estudado o problema da circulação no ecossistema da nova mídia.

A questão da circulação é ambígua. De um certo ponto de vista, dentro da semiótica das mediações, ela tem sido considerada um fenômeno-chave para a compreensão das trocas nas plataformas em relação à mídia de massa (Fausto Neto, 2010). Mas todas as outras teorias da comunicação sempre a privilegiaram como tema. As teorias de efeitos sempre tentaram entender o que acontece entre emissores e receptores.

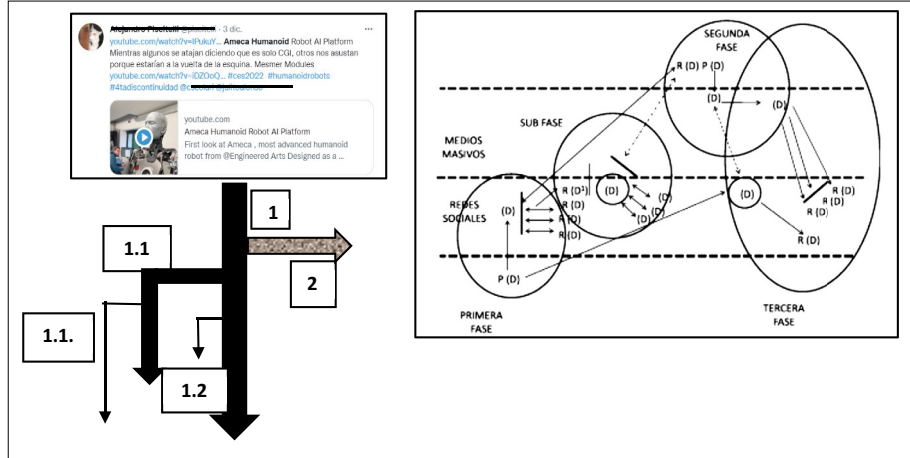
Por outro lado, discutimos se a circulação é um tema das novas mediações ou se é uma questão de diferentes temas que coexistem em um determinado momento do processo de mediatização (Fernández, 2021, pp. 101-121). Ali tornamos relativo o fenômeno comum, mas, do ponto de vista metodológico, como veremos, vale a pena analisar comparativamente. Vamos resumir os tipos de circulações que registramos por enquanto:

- *Intraplataformas*: cada post ou publicação em qualquer plataforma costuma gerar comentários, às vezes muito variados, mas dentro da própria plataforma ou aplicativo.
- *Interplataformas*: quando as circulações não chegam à mídia de massa (embora os casos que alcançam repercussão pública, mais cedo ou mais tarde, passem pela mídia de massa), há diferentes tipos de trocas, como as trocas turísticas, que chegam muito pouco à mídia de massa, mas geram posts e comentários em várias plataformas.
- *Transmídia*: envolvendo várias mediações e com rotas muito diferentes, o que poderíamos chamar de paradigma do *postbroadcasting*.
- *Transterritoriais*: uma vez que consideramos as plataformas como contextos, podemos entender outros contextos performativos, sejam eles teatros, centros culturais, meios de transporte ou espaços públicos, como uma parte *trans* de diversos circuitos, como os musicais ou políticos.

Para o que queremos analisar neste momento, escolhemos dois dos tipos extremos, mas comparáveis: intraplataformas e transmídia.

Figura 5

Dois tipos diferentes de circulação que são complementados por sistemas de intercâmbio



Nota. Circulação intraplataformas (Fernandez, 2023).

Em ambos os casos, a necessidade de estudar os sistemas de intercâmbio discursivo é aceita. Na circulação intraplataforma, e ainda mais na transmídia, surge uma série de perguntas importantes: Até onde se estende o *guarda-chuva* de um sistema de intercâmbio discursivo? Como estabelecer a importância de cada sequência de trocas quando elas não estão centradas no mesmo eixo da postagem original? Como estabelecer o limite, talvez de forma mais dramática, se essas circulações vão e voltam entre a mídia de massa e as plataformas? Suas metodologias de análise deverão ser diferentes ou terão de ser relacionadas?

Na circulação intraplataforma, observamos fenômenos de ramificação que, devido à sua complexidade, geralmente chamamos de arborescência. Esse é um caso muito comum em estudos sobre o tratamento de questões de importância social em plataformas, e muitas vezes nem é possível estabelecer qual é a rota principal ou mais importante diante de várias derivações (Figura 5).

Dentro da circulação transmídia, Mario Carlón (2020) chamou a atenção para a circulação transversal, um tema que ocupa um lugar importante em seu trabalho. A circulação transmídia transversal, entre diferentes tipos de mediações, inclui a mídia de massa, ou seja, é um fenômeno importante no ecossistema *postbroadcasting*, que está relacionado ao que o autor ainda prefere chamar de *redes*.

É claro que há circulações inter/transplataformas que não são registradas na mídia de massa, e não apenas os circuitos musicais incluem fases territoriais (Braga, 2012; Rocha Alonso, 2016; Videla, 2019). Mas é importante registrar as complexidades temporais e espaciais que enfrentamos.

Uma conclusão necessária a partir deste ponto é que tudo o que estamos investigando nos mostra que, se não incluirmos os intercâmbios discursivos nas análises de plataforma, não poderemos progredir ou entender o que é central para elas. Porém, elas não se bastam por si mesmas.

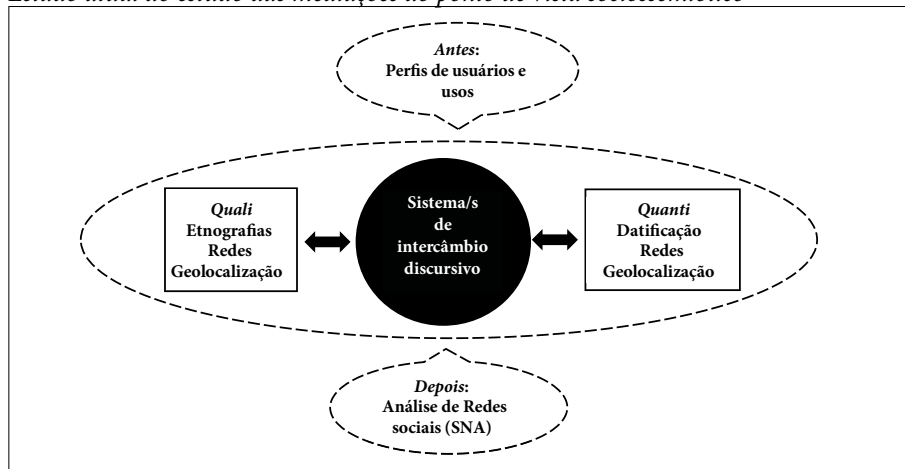
**CONVERGÊNCIAS FORA DA DISCIPLINA SOCIOSSEMIÓTICA**

A convergência do trabalho da semiótica para fora da disciplina está em pleno desenvolvimento. Vários pesquisadores no campo da semiótica, às vezes com suas equipes de pesquisa permanentes, mas às vezes convidando especialistas para tópicos específicos, vêm trabalhando há algum tempo com abordagens interdisciplinares sem abandonar as especificidades da semiótica, desde Armando Silva (2006) e o urbano, até Massimo Leone (2024) com o rosto, ou Clotilde Pérez (2024) com o consumo, até José María Paz-Gago (2016) sobre moda ou Neyla Pardo Abril (2017) com seus estudos sobre violência e exclusão. Há algum tempo, a semiótica latino-americana está *olhando para fora*.

A Figura 6 simplifica e tenta ordenar o estado atual de nosso trabalho, às vezes institucionalizado dessa forma, mas frequentemente implantado de maneira espontânea e desordenada. Seja qual for o nome que lhes dermos, estudamos as trocas discursivas em plataformas, e esse trabalho coexiste com abordagens qualitativas e quantitativas e com diversas tradições epistemo-metodológicas.

**Figura 6**

*Estado atual do estudo das mediações do ponto de vista sociossemiótico*



Nota. Elaboração própria.

Essa ordenação deve servir ao propósito de que, antes, faltam perfis de usuários e não usuários, e os motivos para isso, para cada plataforma. Esse desconhecimento deve ser levado em conta. Por outro lado, argumenta-se que as *análises de rede*, estritamente falando, devem ser posteriores ao conhecimento sobre a vida nas plataformas. Sem esse conhecimento, o conhecimento sobre os nós e suas relações reticulares é pouco mais do que exploratório.

De todo esse universo complexo, apenas a captura e o processamento de dados, e especialmente a captura, serão o foco de atenção aqui.

Os aplicativos de captura, processamento e representação vêm de diferentes tradições *tecno-teóricas*. Mas isso não impede que eles sejam articulados com uma *naturalidade* que oculta limitações e dificulta melhorias na análise. A descrição das tarefas e sua organização sequencial podem servir para organizar o olhar.

Na pesquisa do que é conhecido como *Ciências de Dados*, uma denominação fundamental baseada nos dados fornecidos, a prática mais comum é a experimentação com diferentes aplicativos, gerando diferentes resultados, que são então sujeitos a interpretação. Esse processo continuará, em grande parte de forma saudável, devido à inércia do próprio campo das ciências sociais e de seus parceiros, e em outra parte porque não atinge as profundezas da plausibilidade histórica. Os engenheiros de sistemas são seus principais atores.

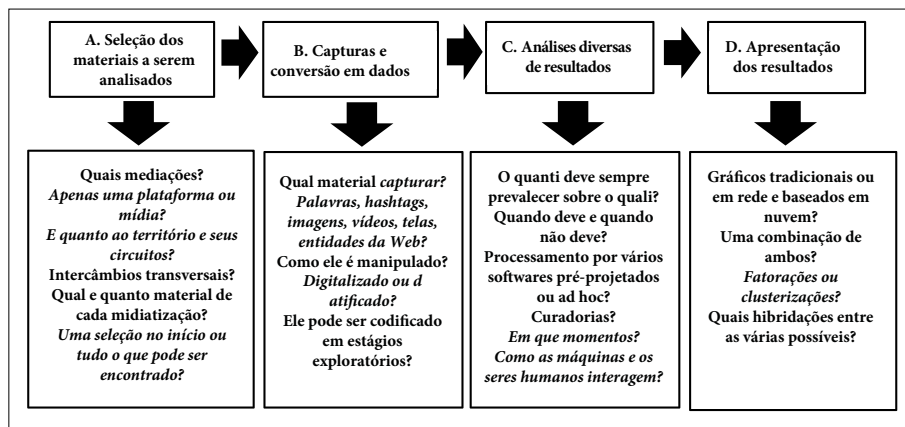
Em um momento em que o trans é apresentado como uma alternativa a várias polarizações ou fronteiras rígidas, grande parte da pesquisa sobre plataformas e redes está, no entanto, seguindo caminhos paralelos. É possível distinguir quatro *fases* diferentes de trabalho da ciência de dados para a compreensão das trocas discursivas em plataformas e suas redes (Figura 7). Embora os estudos sobre dados de plataforma tenham sido organizados em *etapas* (*steps*), em geral, faz-se referência a *momentos* de trabalho *dentro* dos processos de pesquisa (Omena, 2021, p. 125). Aqui, tenta-se observar seu desdobramento como se fosse *de fora*.

Pode-se observar uma sequência de procedimentos complexos, cada um em si mesmo, e que podem ser desenvolvidos em disciplinas que não têm o social como foco central. Como defender o amplo conhecimento prévio da análise do discurso contra aplicativos que *capturam* materialidades, como *palavras* ou *imagens*, que há décadas se sabe não serem unidades mínimas de significado?

É necessário refletir sobre esses diferentes momentos do processo de pesquisa de forma que ele possa ser articulado com qualquer mesa interdisciplinar. É possível distinguir quatro fases, que muitas vezes não são discriminadas:

- a. Dado um determinado tópico, seja ele comunicação sociocultural, política ou governamental, qual mediação ou conjunto de mediações deve ser escolhido por sua relevância?
- b. Que tipo de dados é processado e como eles são *capturados*? Cliques, números, textos escritos ou audiovisuais: como eles são escolhidos? Como são transformados quando processados? O microproblema da captura é apenas um aspecto irrelevante na maré do processamento de dados?
- c. O que há de novo no *tratamento* estatístico desses dados e na interpretação de seus resultados? Os *cientistas de dados* estão cientes da longa jornada anterior ou estão simplesmente começando do zero, acreditando que o mundo social nas plataformas é essencialmente diferente do anterior?
- d. A *representação* desses resultados estatísticos, sua representação gráfica, deve ser compreendida por si só ou requer um novo aprendizado? Esse é um capítulo muito específico na sequência do trabalho e que tem vida própria (Tufté 1990). Em princípio, a *representação* dos resultados é um estágio da análise.

**Figura 7**  
*Fases da pesquisa de dados. Foco na captura e na construção*



Nota. Fernández (2023, p. 93).

O microproblema da captura é apenas um aspecto irrelevante na maré do processamento de dados? Como defender o amplo conhecimento prévio da análise discursiva contra aplicativos que capturam materialidades, como palavras ou imagens, que há décadas se sabe não serem unidades mínimas de significado?

O primeiro passo para ordenar essas fronteiras difusas e cruzá-las para chegar ao que nos interessa sobre os dados é lembrar a necessidade registrada por Verón (1987) de partir das *marcas* materiais para reconstruir os *traços* dos processos de produção de sentido. É uma jornada que vai da observação *direta* à constituição dos *resultados* da observação. Somente no nível do *traço* é possível relacionar esse resultado a outros *dados* ou incluí-lo em um processo de *triangulação* ou relacionamento com outras abordagens disciplinares.

A *ferramenta* que usamos para registrar a transição das marcas para os traços é o *gradeamento*, ou seja, um processo de processamento de informações e registros codificados (Figura 8).

**Figura 8**

*Esquema de gradeamento*

Casos Níveis/Traços	Caso 1	Caso 2	Caso 3	Caso n
Nível 1				
Traço 1	X		X	
Traço 2	X	X		X
Traço n			X	X
Nível 2				
Traço 1		X		X
Traço 2	X	X	X	X
Traço n		X		X
Nível n				
Traço n	X		X	

Nota. Elaboração própria.

Em um espaço analítico interdisciplinar, a grade discursiva será a contribuição que o sociossemióticista trará à mesa interdisciplinar para que ecologistas, sociólogos e/ou etnógrafos verifiquem se os tópicos de interesse estão cobertos, e para que engenheiros e programadores projetem e programem softwares que capturem esses traços da produção de significado. Quando esses rastros são articulados em cada captura, o caminho inverso e desmultiplicador para a materialidade analisada pode então ser seguido.

Que tipos de características devem ser seguidas nas linhas da grade? Do ponto de vista discursivo, recomenda-se considerar, no mínimo:

- As *texturas*, que indicam o modo de construção dos dispositivos técnicos;
- Os *formatos*, que possibilitam relacionar o corpus em suas semelhanças e diferenças com outros intercâmbios relevantes;
- As *figurações e tematizações* que propõem reciprocidades, simetrias, complementaridades ou figurações enunciativas que constroem possíveis interlocutores por meio de implicaturas ou pressuposições;
- Os *sinais de propostas* de persuasão ou dissuasão, ou diferentes níveis de interação, entretenimento ou fervor militante.

Os registros estão dispostos em uma grade, na qual, nas colunas, estão os materiais do corpus (*casos*) e, nas linhas, os traços selecionados como marcas que são registradas na célula que cruza traço e caso com um tique ou uma cruz.

Esse trabalho de registro de semelhanças e diferenças entre os casos produz uma série de espaços diferenciados que podem ser descritos (o caso 2 é caracterizado por certos traços, alguns dos quais compartilha com o caso 1 e outros com o caso n).

Nenhuma dessas decisões precisa ser definitiva, mas qualquer necessidade de alterá-las em face de descobertas deve ser registrada como progresso da pesquisa (como não fazem parte do processo de trabalho, essas descobertas são frequentemente aplicadas para orientar possíveis pesquisas ou análises futuras).

Pode-se argumentar que, até que isso seja discutido e as formas de registrar informações relevantes *antes* da captura e do processamento algorítmico sejam incorporadas à programação de aplicativos, grande parte dos mistérios das vidas nas plataformas e seus públicos permanecerá invisível (Fernandez, 2024).

## CONCLUSÕES. UM FUTURO INQUIETANTE, MAS ATRAENTE

No final, é importante insistir que tudo o que foi dito acima foi escrito a partir de uma perspectiva horizontal: devemos estar abertos para discutir todas as definições conceituais e ferramentas de trabalho, com o único objetivo de acumular forças diante de um futuro que parece ser inquietante, mas cheio de desafios atraentes.

O futuro do trabalho de pesquisa sobre mediações só pode ser formulado, seguindo Oscar Traversa (1994), de forma mista: com tensões entre projetos que tentam capturar a complexidade da interdisciplinaridade e os ajustes inevitáveis em sua aplicação em uma territorialidade que, previsivelmente, também é complexa e diversa.

Serão necessárias muitas equipes com muitos pesquisadores, de diferentes disciplinas e universidades e centros de pesquisa, trabalhando online, distribuídos em diferentes territórios, para cobrir todos os espaços e horários, em uma plataforma ainda a ser projetada, mas da qual já há avanços. A sociossemiótica poderia ajudar no projeto dessa plataforma e, sem dúvida, as consolidações de dados serão realizadas com a Iagen.

Uma vez aceito que a abordagem sociossemiótica dos intercâmbios discursivos mediados é indispensável, mas que não é suficiente para entender as complexidades da mediação, pelo menos do meu ponto de vista, o caminho da articulação é mais *interdisciplinar* do que *trans* ou *pós-disciplinar*. Concordo com a necessidade de uma formação de polímatas, tanto como um momento de formação básica quanto como uma meta para o futuro (Piscitelli, 2023), mas será difícil escapar da especialização em determinadas áreas de trabalho. Talvez os espaços que até agora preferimos chamar de mesas interdisciplinares possam ser chamados de pós-disciplinares ou transdisciplinares, mas a discussão terminológica parece secundária.

Em conexão com os diferentes nomes e abordagens e suas sutis diferenças, vale a pena nos perguntarmos se não valeria a pena realizar sessões terminológicas e metodológicas em cada um dos encontros que reúnem centralmente os pesquisadores semióticos. A convivência de disciplinas, pelo menos parcialmente, deveria ser uma proposta institucional.

Para concluir, e como um olhar esperançoso em direção a um futuro inevitavelmente inquietante, reafirmemos uma certeza: dentro da semiótica latino-americana existe uma grande massa crítica de conhecimento que vai além de qualquer síntese e é capaz de contribuir para qualquer trajetória interdisciplinar que se imponha para enfrentar os desafios que temos pela frente. ■

## REFERÊNCIAS

- Braga, J. L. (2012). La política de los internautas es producir circuitos. In M. Carlón & A. Fausto Neto. (Comps.), *La política de los internautas: Nuevas formas de participación* (pp. 43-59). La Crujía.
- Carlón, M. (2020). *Circulación del sentido y construcción de colectivos: En una sociedad hipermediatizada*. Nueva Editorial Universitaria – UNSL.
- Carlón, M. (2024). Mediatización. In D. Charras, L. Kejval & S. Hernández. (Coords.), *Vocabulario crítico de las Ciencias de la Comunicación* (pp. 264-268). Penguin Random House.
- Caro, A. (2023). *Semiocapitalismo: Del producto a la marca, de la mercancía al signo/mercancía*. SB Editores.

- Chauvel, L., Soto, M., & Traversa, O. (Coords.). (2018). La semiosis social: Homenaje a Eliseo Verón. *deSignis*, (29). <http://dx.doi.org/10.35659/designis.i29>
- Cingolani, G. (2019). El efecto verón. *La Trama de la Comunicación*, 23(2). <https://doi.org/10.35305/lt.v23i2.697>
- Fausto Neto, A. (2010). A circulação além das bordas. In A. Fausto Neto & S. Valdetaro. *Mediatización, sociedad y sentido: Diálogos entre Brasil y Argentina* (pp. 2-17). UNR Editora.
- Fernández, J. L. (2021). *Vidas mediáticas: Entre lo masivo y lo individual*. La Crujía.
- Fernández, J. L. (2023). *Una mecánica metodológica para el análisis de las mediatizaciones*. La Crujía.
- Fernández, J. L. (2024). *Las cuatro revoluciones invisibles: Audiencias, desde antes de la radio hasta después del podcast*. SB Ediciones.
- Flores, R. (2022). *Magia publicitaria: Semiótica de la eficacia simbólica*. Aracne.
- Jansson, A. (2006). Textural analysis: Materializing media space. In A. Jansson & J. Falkheimer (Eds.), *Geographies of communication: The spatial turn in media studies* (pp. 85-104). Nordicom.
- Leone, M. (2023). Entrevista a Massimo Leone: La comunicación del futuro – Desafíos teóricos y educativos. *Inmediaciones de la Comunicación*, 18(2), 301-304. <https://doi.org/10.18861/ic.2023.18.2.3499>
- Leone, M. (Ed.). (2024). *The hybrid face: Paradoxes of the visage in the digital era*. Routledge.
- Lotman, I. (1996). Acerca de la semiosfera. In S. Sevilla & J. Talens. (Eds.). *La semiosfera I: Semiótica de la cultura y el texto* (pp. 21-42). Cátedra.
- Mangieri, R. (2017). Kinésica y proxémica en entornos urbanos: Ritmos, entrainments y sincronizaciones. *LIS*, (17), 145-170. <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/lis/article/view/3857>
- Omena, J. J. (2021). *Digital Methods and technicity-of-the-mediums. From regimes of functioning to digital research* [Tese de doutorado, Universidade Nova]. Repositório Universidade Nova. <http://hdl.handle.net/10362/127961>
- Pardo Abril, N. (2017). *Aproximaciones al despojo en Colombia: Representaciones mediáticas*. EUNC.
- Pardo Abril, N. (2023). Entrevista a Neyla Pardo: Mediatización y análisis crítico del discurso. *Inmediaciones de la Comunicación*, 18(2), 305-310. <https://doi.org/10.18861/ic.2023.18.2.3508>
- Pardo Abril, N., & Ospina, L. E. (Comps.). (2017). *Miradas, lenguajes y perspectivas semióticas: Aportes desde América Latina*. Instituto Caro y Cuervo; Universidad Nacional de Colombia; Federación Latinoamericana de Semiótica.

- Parra Ortiz, E. (2014). Eliseo Verón y el desarrollo de la semiótica en Chile. *Comunicación y Medios*, (29), 129-133. <https://comunicacionymedios.uchile.cl/index.php/RCM/article/view/32373/34147>
- Patricio Rey y sus Redonditos de Ricota. (1988). Todo un palo [Canción]. En *Un baión para el ojo idiota*. Del Cielito.
- Paz-Gago, J. M. (2016). *El octavo arte: La moda en la sociedad contemporánea*. Hércules.
- Pérez, C. (2024). *¿Existen límites al consumo? De las transacciones comerciales a la circulación de significado*. SB Ediciones.
- Piscitelli, A. (2023). *Polímatas: El perfil antidisciplinario del trabajador del futuro*. Fundación Santillana.
- Rocha Alonso, A. (2016). Proyecto burbujas: Circuitos de música en Buenos Aires. *LIS*, (15), pp. 35-48. <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/lis/article/view/3819>
- Santaella, L. (2021). Inteligencia artificial y cultura: Oportunidades y desafíos para el sur global. Unesco. [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/8/20210429155702/policy\\_paper\\_inteligencia\\_artificial\\_y\\_cultura\\_ES.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/8/20210429155702/policy_paper_inteligencia_artificial_y_cultura_ES.pdf)
- Silva, A. (2006). *Imaginario urbano* (5a. ed.). Arango.
- Traversa, O. (1994). Mixtopías: Las utopías de las sociedades mediáticas. In V. Fortunati, O. Steimberg & L. Volta (Comps.), *Utopías* (pp. 65-75). Corregidor.
- Valdettaro, S. (Ed.). (2021). *Mediatization(s) studies*. UNR Editora.
- Verón, E. (1987). *La semiosis social*. Gedisa.
- Verón, E. (2013). *La semiosis social 2*. Paidós.
- Videla, S. (2019). Vidas on/off line de lo musical: Relación entre plataformas mediáticas y espectáculos en vivo en centros culturales. *Revista Sociedad*, (39), 227-240. <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/revistasociedad/article/view/5099>
- Voto, C., Finol, J. E., & Leone, M. (Coords.). (2021). El rostro en el horizonte digital latinoamericano. *deSignis Hors Serie*, (1). <https://www.designisfels.net/wp-content/uploads/2021/10/HORS-SERIE-01.pdf>

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.

# Semiótica, (hiper)mediatização, circulação e atores/enunciadores: a caminho de um enfoque macro-relacional não antropocêntrico para pensar o futuro?

*Semiotics, (hyper)mediatization, circulation and actors/enunciators: towards a macro-relational and non-anthropocentric approach to thinking about the future?*

MARIO CARLÓN\*

Universidad de Buenos Aires, Facultad de Ciencias Sociales, Instituto Gino Germani. Buenos Aires, Argentina

## RESUMO

Este artigo analisa como uma determinada semiótica (sociosemiótica) de inspiração peirciana foi articulada com uma teoria de mediações nos escritos de Eliseo Verón nas décadas de 1980 e 1990, no âmbito de uma articulação com as noções clássicas da sociologia (atores individuais, coletivos de atores individuais, mídia, instituições) na era da mídia de massa (modernidade e pós-modernidade). Ele sintetiza essas dimensões em uma estrutura relacional ou sistêmica e também argumenta que essa articulação definiu um paradigma antropocêntrico dominante da época que não estava presente apenas no trabalho de Verón. Em seguida, com base nesse quadro, questiona o futuro dessa semiótica à medida que os usuários da Internet se apropriam da inteligência artificial (IA) para produzir discursos e colocá-los em circulação, fazendo algumas observações sobre o que muda e o que permanece em nossa contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Mediatização, contemporaneidade, semiótica, inteligência artificial

## ABSTRACT

This article is a review of how a given Peirce-inspired semiotics (social semiotics) was intertwined with a theory of mediatizations in the writings of Eliseo Verón from the 1980s and 1990s, which mark the combination with classical sociological concepts (individual actors, collectives of individual actors, media, institutions) in the age of mass media (modernity and postmodernity). These dimensions are synthesized into a relational or systemic framework, we then argue that such intertwinement defined a dominant anthropocentric paradigm of the time that was present not only in Verón's work. From

\* Licenciado em História da Arte pela Universidad Nacional de la Plata (UNLP) e Doutor em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires (UBA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5303-1308>. E-mail: [mariocarlon895@gmail.com](mailto:mariocarlon895@gmail.com)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p159-183>

V.18 - Nº 3 set./dez. 2024 São Paulo - Brasil MARIO CARLÓN p. 159-183

MATRIZES

159



this context, the future of this semiotics is questioned, as internet users adopt artificial intelligence (AI) to produce and share discourses; we also raise considerations on what change and what remains in our contemporaneity.

**Keywords:** Mediatization, semiotics, contemporaneity, artificial intelligence

**A**S PERGUNTAS SOBRE a semiótica do futuro ou o futuro da semiótica, ou seja, de um campo de conhecimento que teve pelo menos duas fundações, nos forçam imediatamente a nos fazermos outra pergunta: de qual semiótica? Da americana, de Charles Sanders Peirce, ou da europeia, de Ferdinand de Saussure<sup>1</sup>? Não só isso, pois deveríamos nos fazer a mesma pergunta se nos afastarmos do momento fundador e nos concentrarmos em sua consolidação como disciplina na década de 1960, quando, de acordo com Paolo Fabbri (2000), dois desenvolvimentos se desenrolaram: o que ele chama de semiologia e a tradição humanista baseada na linguagem como um hipersistema de signos, que ele associa à figura de Roland Barthes; e o que ele chama de paradigma semiótico, que ele resume com o nome de Umberto Eco.<sup>2</sup> Podemos vincular a de Saussure a Roland Barthes e a de Peirce a Umberto Eco, é claro, mas nesse caso nos depararíamos com outras questões. . . será que estamos entendendo direito? Uma é realmente continuação da outra? O “ideologismo” de Barthes e o textualismo de Eco identificados por Fabbri são traços menores?

O que estamos tentando enfatizar é que toda perspectiva científica depende de seus fundamentos, mas também de seu desenvolvimento. E até mesmo do desenvolvimento de seus objetos de pesquisa. Suas estruturas conceituais foram concebidas em relação a determinados objetos, em determinadas circunstâncias históricas, e tendem a se transformar à medida que as teorizações e as pesquisas se desenvolvem, os paradigmas mudam e os objetos, por sua vez, se transformam.

Esse é geralmente o caso no campo das “ciências sociais”. Porém, essas questões aumentam em complexidade em áreas do conhecimento que são forçadas a ser mais dinâmicas; por exemplo, os estudos de mídia, cujos objetos passaram por uma transformação real nos últimos anos, semelhante à que ocorreu na Revolução Industrial (que é mãe dos meios de comunicação de massa). Isso se deve à vertigem do desenvolvimento da midiatização atual, que tem amplos efeitos, pois, por um lado, é um dos grandes processos que estão moldando nossa sociedade a cada momento<sup>3</sup> e, por outro lado, seu desenvolvimento é um dos que aceleram a passagem da modernidade e da pós-modernidade para a contemporaneidade.

<sup>1</sup> Como estamos seguindo inicialmente o argumento de Paolo Fabbri (2000), deixamos de lado por enquanto o fato de que uma terceira origem, na Rússia, também pode ser sustentada.

<sup>2</sup> A situação é ainda mais complexa se levarmos em conta que Paolo Fabbri (2000, p. 36), com sua ideia da *virada semiótica*, faz sua própria postulação da semiótica, com base na glossemática.

<sup>3</sup> No nosso entendimento, pode-se argumentar que tanto a perspectiva nórdica, quanto a latino-americana, consideram atualmente a midiatização como um processo ou conjunto de processos (Carlón, 2024a, no prelo). A partir de suas proposições fundamentais, Verón (2001, 1995) considerou que esses processos resultam em sociedades diferentes: uma sociedade mediática (moderna) e uma sociedade mediatizada (pós-moderna). Para Friedrich Krotz (2017), um autor amplamente citado nesse tópico, a midiatização é um metaproceto de longo alcance semelhante ao urbanismo, ao individualismo ou à globalização.

Nesse contexto, este texto se propõe a refletir sobre o futuro de uma semiótica específica, que é a que vem se desenvolvendo desde o início dos anos 1980 com o surgimento da perspectiva latino-americana das mediações. Como essa última perspectiva foi fundada por Eliseo Verón (2001, 1995), é lógico que comecemos examinando sua semiótica, que também foi desenvolvida naqueles anos. Depois veremos que provavelmente não deveríamos falar de uma semiótica, mas de duas. Primeiro, uma antropocêntrica, conhecida como sociossemiótica; e depois uma não antropocêntrica, que ele chamou de semioantropológica, que é a que ele implantou na última parte de sua vida.

Nessa estrutura apresentaremos, ainda que esquematicamente, uma tese para pensar sobre o passado, o presente e o futuro dessa semiótica. Dito isso, há duas questões a serem esclarecidas. A primeira é por que dizemos “esquematicamente”? Isso porque o faremos por meio de uma tabela e, também, porque consideramos impossível, dada a complexidade do tema e por razões de espaço, fazer de outra forma. A segunda é por que, se quisermos vislumbrar o futuro, devemos olhar para o passado? Para dar uma resposta, precisamos apresentar nossa tese. Faremos isso quando apresentarmos a tabela, na próxima seção.

### UMA TESE PARA PENSAR SOBRE O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DE UMA DETERMINADA SEMIÓTICA: UM ENFOQUE RELACIONAL

Agora compartilhamos, como fizemos antes, um gráfico inédito, no qual estamos trabalhando há anos<sup>4</sup>. Trata-se de uma tabela de dupla entrada que distingue verticalmente quatro eixos conceituais e, horizontalmente, diferentes momentos históricos: modernidade, pós-modernidade e contemporaneidade (Figura 1). Acreditamos que seu interesse não está apenas no fato de apresentar uma estrutura conceitual, mas também no fato de ser uma *ferramenta de trabalho útil* que nos permite pensar de forma produtiva, com base na experiência adquirida em nosso campo, sobre desenvolvimentos futuros.

Considerando que a semiótica do futuro foi o tema do 10º Congresso Latino-Americano de Semiótica e que o mesmo tema é o foco deste artigo, vamos nos concentrar mais na primeira coluna. Ao mesmo tempo, porém, é muito importante que expressemos que nossa tese sustenta que a maneira mais produtiva de pensar a semiótica do futuro não é por meio de suas relações consigo mesma, mas na medida em que ela é capaz de estabelecer uma articulação consistente com as outras dimensões. É com base nessa postulação, portanto, em nível macro-epocal, mas com base em mais de oitenta investigações empíricas que vincularam os diferentes níveis de análise (micro, médio e macro), que especularemos sobre seu futuro<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Ele foi apresentado pela primeira vez no I Simpósio Internacional de Pesquisas sobre Mídiações e Processos Sociais, em 2016.

<sup>5</sup> Essas pesquisas foram realizadas em diferentes espaços institucionais, e não apenas na Argentina. Porém, o epicentro delas é a Cátedra Semiótica de Redes da UBA. Nesta página, você pode acessar uma seleção de pesquisas realizadas desde 2016: <https://semioticaredes-carlon.com/#>

**Figura 1**  
Quadro futuro da semiótica

	SEMIOSE	MEDIATIZAÇÃO	CIRCULAÇÃO	ATORES/ ENUNCIADORES
MODERNIDADE	Semiose antropocêntrica (Sociossemiótica)	Sociedade mediática	Descendente	De instituições a coletivos de atores individuais
PÓS-MODERNIDADE		Sociedade mediatizada		
CONTEMPORANEIDADE	Semiose não antropocêntrica (Teoria semio-antropológica)	Sociedade hipermediatizada	Descendente, horizontal e ascendente	Humanos e não humanos, são atores/enunciadores

Nota. Elaboração própria.

Cabe ressaltar que a tabela foi elaborada para pensar o cenário contemporâneo. Para sua concepção, foi realizada uma análise sistemática do pensamento de Verón em sua passagem da modernidade/pós-modernidade para a contemporaneidade, atentando para quatro eixos que consideramos fundamentais em sua obra, pois persistem nela ao longo das décadas<sup>6</sup>. Na apresentação a seguir, tentaremos fazer um relato da evolução de seu pensamento, mas, ao mesmo tempo, nos distanciaremos de algumas decisões teóricas (por exemplo, seu antropocentrismo da década de 1980, do qual ele também se distanciou com o tempo). Além disso, especialmente à medida que nos aproximamos da contemporaneidade, apresentaremos nossas teses (nos referiremos a sociedades hipermediatizadas, circulação de hipermídia, hipermediatização etc.).

Vamos nos concentrar na imagem. Os conteúdos localizados nas interseções tentam situar a característica mais relevante e dominante que caracteriza cada momento histórico. Como já dissemos, essas características devem ser pensadas em sua dimensão relacional. Portanto, quando há diferenças entre uma célula e outra em relação às demais, como acontece, por exemplo, na interseção entre a linha modernidade/pós-modernidade e a coluna midiatização com as outras interseções (a célula midiatização é dividida em duas), é preciso estabelecer explicações e argumentos que nos permitam resolvê-las de forma consistente. Retornaremos a essa célula, que já foi objeto de reflexão em um artigo específico (Carlón, 2020a), e apresentaremos nossos argumentos sobre *porque, embora tenha havido uma mudança na midiatização na pós-modernidade, não localizamos o*

<sup>6</sup>Embora Verón nunca tenha declarado isso explicitamente, acreditamos que ele tenha realizado essa operação ao longo dos anos.

*surgimento da contemporaneidade aqui, mas sim na primeira década de nosso século, quando a sociedade se torna hipermidiatizada como resultado do surgimento de novos sistemas de midiatização baseados na Internet.*

## MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

### Uma semiótica antropocêntrica e a contribuição da abordagem de circulação

Agora nos voltamos para a teoria da análise social do discurso (TADS) de Eliseo Verón, também conhecida como sociossemiótica, com o objetivo de determinar quais aspectos podem ser produtivos ou permanecer válidos em uma semiótica do futuro. Escrito sob a influência do trabalho de Charles Sanders Peirce na época da expansão da análise interdiscursiva, *La semiosis social. Fragmentos de una teoría de la discursividad* (Verón, 1987) talvez seja sua obra teórica mais influente e constitui, na atualidade, um exemplo paradigmático de teoria semiótica antropocêntrica. Essa característica é claramente expressa na dupla hipótese que Verón afirma em um texto-chave do livro, “*El sentido como producción discursiva*”, no qual ele expressa sobre a rede semiótica na qual todos nós estamos imersos que: a) toda produção de significado é necessariamente social, b) todo fenômeno social é, em uma de suas dimensões constitutivas, um processo de produção de significado (mais ou menos micro ou macrossociológico). Essa dupla hipótese deu um perfil específico à proposta veroniana (diferenciou-a de outras semióticas menos sociológicas, mais humanistas – Barthes – e mais textualistas – Eco –, se voltarmos às distinções de Fabbri); e constituiu, ao mesmo tempo, uma grande contribuição diante das objeções que as perspectivas da análise do discurso recebiam na época, de que lhes faltava uma abordagem que desse conta do social<sup>7</sup>.

Entretanto, seu antropocentrismo é inquestionável. Isso não é observado apenas teoricamente em nível macro<sup>8</sup>, mas também em nível micro, no nível de aplicação de seu dispositivo analítico. Uma das chaves para a sociossemiótica de Verón é sua explicação de *como, na análise dos discursos, o social é levado em conta*: é porque as operações sociais produtoras de significado investem as questões significantes com significado (Verón, 1974). Essa argumentação sofisticada não é isenta de limitações, pois não apenas as operações sociais produzem significado ou dão significado às materialidades, mas também os dispositivos e as linguagens o fazem de forma autônoma e, da mesma forma, influenciam os fenômenos naturais estabelecendo possibilidades e restrições. Portanto, seu antropocentrismo não considerava todo um conjunto de fenômenos enunciativos próprios dos meios de comunicação de massa, que é do que estamos falando, na era dos meios de

<sup>7</sup> Verón (1987, p. 127) disse: “Essa perspectiva permite superar a antiga disputa entre análise ‘externa’ e ‘interna’. . . Ela se opôs de várias maneiras àqueles que sustentam o ‘imanentismo’ da análise e àqueles que propuseram relacionar os objetos analisados à sociedade, à história, etc. (por exemplo, uma coisa seria fazer semiótica literária e outra bem diferente seria fazer sociologia da literatura...)”.

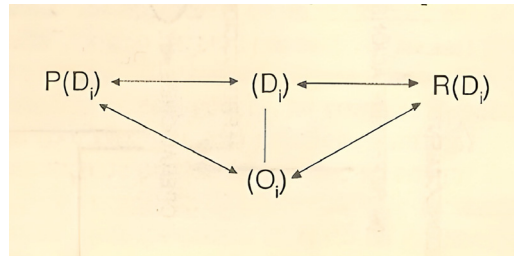
<sup>8</sup> Lembremos o que disse Verón (1987, p. 130): “A rede infinita de semiose social se desdobra no espaço-tempo de significar assuntos, sociedade e história”.

comunicação de massa, cujos dispositivos são de registro automático. Em outras palavras: não há espaço nessa teorização para o estudo das relações entre humanos e não-humanos. Nem para aquelas estabelecidas pelos dispositivos de registro automático e linguagens da época em profunda interação com a natureza (fotografia, cinema e televisão); nem, muito menos, para aquelas estabelecidas pelos atuais programas generativos (baseados em algoritmos, IA, *machine learning*). Faremos referência a ambas as questões mais adiante.

Entretanto, essa abordagem não o impediu de fazer contribuições importantes. Uma delas foi o modelo de “unidade mínima” (Figura 2) da rede semiótica, que contém duas vezes o signo triádico de Peirce, cuja importância não foi apenas teórica, mas também metodológica, uma vez que foi usado por décadas como um “modelo de análise” da circulação do significado, considerando-o útil para o estudo de situações mediatizadas e não mediatizadas.

**Figura 2**

*Modelo de unidade mínima de Eliseo Verón*



*Nota.* Verón (1974).

A chave do modelo, que justifica o fato de conter duas vezes o gráfico de Peirce, é a dimensão temporal, em razão da qual o discurso (D) em análise é apresentado como uma configuração espaço-temporal de sentido cujas condições de produção (CP) podem ser analisadas, que são principalmente discursos anteriores (a teoria da interdiscursividade está presente aqui); mas essa análise, por definição, tem limites, pois não autoriza o conhecimento do reconhecimento (CR), que é implantado em outra temporalidade, posterior. Assim, ele considera, portanto, que há um hiato entre a produção e o reconhecimento, que são dois momentos e instâncias da produção de sentido diferentes entre si, que devem ser analisados separadamente e em uma ordem lógica inevitável: primeiro a análise deve ser feita *na produção*, depois *no reconhecimento*, para poder postular, finalmente, a diferença, ou seja, a *circulação*.

Essa concepção de circulação foi epistemologicamente central para essa semiótica. E se considerarmos a atual explosão da circulação contemporânea

em várias direções entre diferentes sistemas de mídia (da mídia de massa às redes de mídia social: TikTok, Instagram, Facebook, etc., e vice-versa); e de cada uma delas para o *underground* (chats, WhatsApp, etc.), no qual essas instâncias tendem a se confundir, isso é ainda mais verdadeiro<sup>9</sup>. Em outras palavras: era indispensável antes, continua sendo agora e será no futuro.

### Midiatização

A fundação da perspectiva da midiatização por Eliseo Verón no início da década de 1980 foi notável, principalmente por causa da autoconsciência que caracterizou seu gesto fundador. Verón não apenas forneceu conceitualizações precisas da midiatização como um processo em “*Arquitecturas de la pantalla chica. El living y sus dobles*”, seu texto de 1984, mas, para evitar dúvidas, ele também intitulou o seminário que ministrou na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires dois anos depois, *La Mediatización* (Verón, 2001).

Como estamos interessados em nos deter aqui na imagem que apresentamos e em sua dimensão relacional, abordaremos diretamente essa questão e nos concentraremos nos vínculos entre sua semiótica, à qual acabamos de nos referir, e sua teoria da midiatização.

Podemos fazer duas perguntas que estão articuladas entre si. A primeira é: *como é possível que duas sociedades diferentes tenham o mesmo sistema de mídia, o da mídia de massa, se a midiatização é tão relevante na configuração de uma ideia de sociedade?* Já dissemos que Verón distinguiu duas sociedades em meio à pós-modernidade, uma sociedade midiática (moderna) e uma sociedade midiatizada (pós-moderna). Uma resposta que podemos dar, com base nos comentários de Verón e de outros autores (Hjarvard, 2014), é que houve uma mudança no papel da mídia de massa na vida social, o que levou a uma modificação no funcionamento das instituições sociais, que adaptaram suas lógicas às da mídia de massa. Essa mudança foi tão grande que provocou o surgimento da perspectiva da midiatização tanto no trabalho de Verón quanto nos países nórdicos (Carlón, 2020a). Mas, dito isso, que não é pouca coisa, podemos tentar ir além, aproveitando a produtividade da lógica relacional presente na imagem e nos fazer outra pergunta: *por que essa mudança não produziu, como pode ser visto no gráfico, o surgimento da contemporaneidade?* Nossa tese é que isso se deve ao fato de o surgimento da contemporaneidade ser o produto de uma mudança muito maior que só é desencadeada quando surge um novo sistema de mídia e que é acompanhada, como veremos, por uma mudança na conceituação de semiose, atores/enunciadores e circulação.

<sup>9</sup>A enunciação de uma perspectiva sobre a circulação como uma diferença entre produção e reconhecimento foi muito importante, por um lado, porque foi enunciada nos anos de dominância hegemônica dos meios de comunicação de massa e, por outro, porque estabeleceu limites para as análises de produção, que tendiam a levantar hipóteses de efeitos lineares desses discursos no reconhecimento.

A segunda pergunta que podemos nos fazer é *por que temos a mesma rede de produção de significado no período, com base no modelo de semiose estabelecido por Verón (1987) que acabamos de mencionar, se, de acordo com sua teoria de mediatização, há duas sociedades diferentes?* Nossa resposta é porque essa foi a concepção dominante em ambos os períodos, já que ainda estamos no desenvolvimento do longo estágio antropocêntrico. Depois de um estágio teocêntrico (da Antiguidade até o final da Idade Média), um estágio antropocêntrico surgiu na modernidade (com sua separação entre Igreja e Estado; sua adoção do sistema democrático e o abandono da origem divina como legitimadora do poder; e assim por diante). Esse antropocentrismo, que era hegemônico naqueles anos, foi e ainda é muito importante no campo das “ciências sociais” e na semiótica.

Voltamos a uma questão sobre a qual já comentamos: não havia fenômenos produtores de significado no período que merecessem o desenvolvimento de outra semiótica não antropocêntrica? Sim, mas eles foram considerados marginais e uma semiótica antropocêntrica geral foi considerada suficiente. Os discursos semióticos não antropocêntricos, que eram tratados principalmente por semióticas particulares, não eram marginais, mas silenciados, invisibilizados ou lateralizados pelas onipotentes teorias antropocêntricas (sociosemióticas, humanistas etc.). E, embora essa situação em grande parte não seja diferente em nosso tempo, está se tornando cada vez mais evidente que, para conceituar a mudança que está sendo provocada atualmente pela revolução tecnológica do *machine learning*, da IA e até mesmo das transformações que estão ocorrendo nas redes semióticas normativas e específicas, como as jurídicas, que, por terem começado a ser penetradas pelo paradigma não antropocêntrico, estão mudando as formas de pensar sobre as cidadanias (voltaremos a isso mais tarde), são necessárias outras estruturas teóricas.

Na parte final, “Os desafios da contemporaneidade”, tentaremos apresentar alguns argumentos sobre como esses quatro eixos são articulados em nosso tempo.

### **Circulação**

Continuemos com a abordagem relacional. A pergunta a ser respondida aqui é como era a circulação do significado na era da mídia de massa; em particular, como ela estava ligada à mediatização.

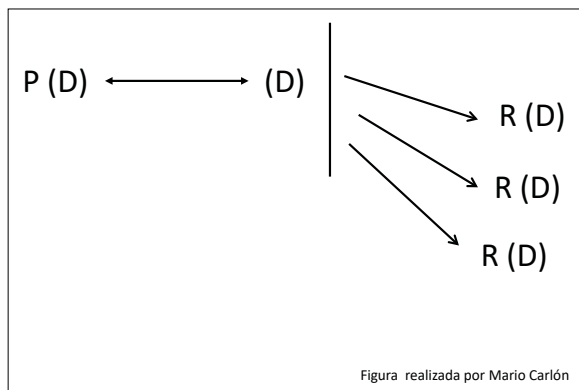
Nas eras moderna e pós-moderna, havia dois circuitos principais de circulação mediatizada de significado: o que vinha da mídia de massa para os “públicos” ou “audiências”, de natureza totalmente pública; e o predecessor do sistema que hoje chamamos de *underground*, que consistia principalmente em correspondência postal e telefone. Pouco sabemos da circulação de significado

nesse sistema, tanto porque era difícil de estudar (já que esses discursos tinham um status íntimo e privado) quanto porque o interesse dominante da teoria da mediatização estava concentrado no público. Esses fatos não nos impedem de levantar a hipótese de que, enquanto no “*underground*” a circulação do significado era mais “horizontal” (na medida em que, por meio dessas mídias, os atores/enunciadores tinham possibilidades semelhantes de se comunicar uns com os outros)<sup>10</sup>, no outro, a direção da comunicação era de descendente (“*top down*”) e *assimétrica*, uma vez que os fluxos comunicacionais vinham das instituições ou da mídia (geralmente consideradas instituições) em direção aos públicos; e que os atores/enunciadores que compunham esses públicos não podiam, por outro lado, tornar suas mensagens públicas.

Para ilustrar o que estamos dizendo de acordo com o modelo de “unidade mínima” de Verón (1987), elaboramos a Figura 3, que mostra como era a circulação moderna e pós-moderna de significado.

<sup>10</sup>Como sempre, havia exceções. Por exemplo: um indivíduo recebia uma multa ou uma carta de uma instituição educacional e podia responder a ela. Mas se compararmos esse cenário com o atual, no qual, graças às redes de mídia social (IG, TikTok, X etc.), qualquer pessoa pode tornar públicas suas apropriações, conteúdos e opiniões, não há dúvida de que o cenário é muito diferente.

**Figura 3**  
*Modelo de unidade mínima (de acordo com as direções comunicacionais)*



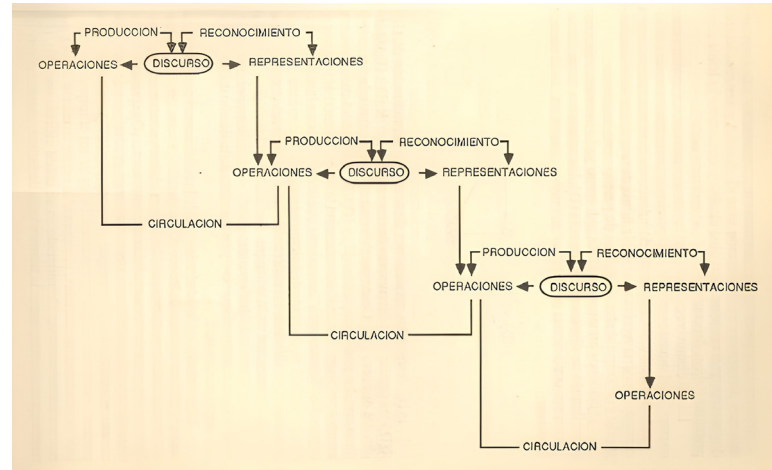
Nota. Elaboração própria.

Para concluir esta seção, também podemos compartilhar um dos gráficos mais interessantes de Verón (1987), o gráfico da circulação do discurso científico, que revela como ele pensava a circulação dos processos de construção do conhecimento na época do surgimento das disciplinas científicas. O gráfico ilustra uma circulação “descendente” e pode, em nossa opinião, ser usado para pensar sobre a circulação moderna e pós-moderna de significado, que foi dominada, como vimos, por várias instituições (entre elas, a universidade e a mídia de massa). A tabela mostra que, em termos de produção/circulação de significado, embora tenha havido uma mudança na pós-modernidade no nível da produção

de significado e da mediatização, a transformação não foi tão grande no nível da circulação, razão pela qual ainda não falamos de contemporaneidade.

**Figura 4**

*Circulação e rede semiótica segundo Verón*



Nota. Verón (1987).

### Atores/enunciadores

Verón desenvolveu sua TADS na década de 1980, mas foi na década de 1990 que ele “fechou” seu sistema teórico na dimensão relacional, acentuando ainda mais seu perfil sociológico. Ele fez isso em dois textos (Verón, 1994, 1999), nos quais articulou sua teoria de signos e a rede semiótica com a teoria da mediatização e o papel dos atores/enunciadores. Um de seus principais escritos sobre esse assunto é “*Esquema para el análisis de la mediatización*” (Verón, 1999), no qual ele realiza três operações importantes. A primeira é explicar que *os atores podem ser considerados signos na rede semiótica, de onde se conclui que eles podem ser localizados em lugares específicos na produção e no reconhecimento*. A segunda é identificar esses atores, que são os da *sociologia clássica: mídia, instituições, coletivos de atores individuais e indivíduos*. A Figura 5 resume essa formulação.

A terceira operação é a que levanta uma questão central: como os coletivos são construídos<sup>11</sup>? A resposta que Verón deu naquele texto, e ao longo dos anos, foi que eles são construídos pela mídia e pelas instituições, ou seja, que eles não são construídos, podemos concluir, por atores/enunciadores orgânicos (indivíduos e coletivos). Tudo isso, é claro, também explica por que considere especialmente a circulação descendente, a partir da mídia e das instituições, por meio de discursos que são públicos. A outra circulação, a do *underground*, mais

<sup>11</sup>Do nosso ponto de vista, essa questão é central porque leva a outra, que é como se constrói a sociedade contemporânea, produto do processo de hipermediatização, em que há muitas formas de circulação de sentido e em que outros atores/enunciadores são capazes de construir coletivos? É isso que tentamos estudar (Carlón, 2020b) e tentamos nos aprofundar em textos recentes (Carlón, 2024a). Novamente, é importante observar que, por sua vez, esses textos não foram produzidos sozinhos, mas em relação a vários pesquisadores e pesquisas (um exemplo: Fraticelli, 2023).

horizontal, dominada por trocas entre atores/enunciadores orgânicos, não foi privilegiada por essa perspectiva<sup>12</sup>, porque não foi considerada capaz de construir coletivos. No próximo item, veremos como a dimensão relacional se desenvolve para aqueles de nós que praticam essa abordagem em nossa contemporaneidade, de acordo com a reflexão que acabamos de realizar.

<sup>12</sup>Embora sua dimensão não antropocêntrica nem sempre tenha sido privilegiada, esses atores/enunciadores, por outro lado, foram atendidos por diferentes campos de estudos, como aqueles que se concentraram no espaço biográfico – textos de referência nesse campo são *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea* (Arfuch, 2002) e *La intimidad como espectáculo* (Sibilia, 2008) – ou a memória.

**Figura 5**  
*Unidade mínima de Verón com atores/enunciadores*

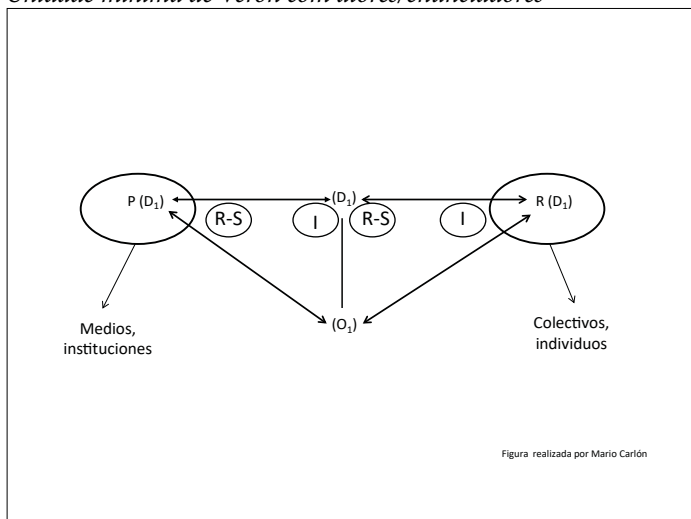


Figura realizada por Mario Carlón

Nota. Elaboração própria.

## OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

### Um Verón contemporâneo?

Neste item, propomos apresentar algumas hipóteses sobre nossa contemporaneidade de acordo com as precisões apresentadas na tabela com a qual começamos nossa apresentação.

Vamos começar com a primeira coluna, a da semiose. A tabela apresenta a mudança para uma semiose não antropocêntrica<sup>13</sup>. Essa mudança é lenta, porque o antropocentrismo está profundamente enraizado nas ciências sociais. Entretanto, não temos dúvidas de que essa seja a direção que os estudos semióticos ligados à midiatização e à circulação devem tomar com cada vez mais convicção.

Antes de expor nosso pensamento, vejamos o que Verón propôs em seus escritos posteriores, que justificam o argumento de que, além da modernidade/pós-modernidade, ele teve um momento contemporâneo. Verón se moveu em várias direções não antropocêntricas nos textos que produziu nos últimos

<sup>13</sup>Em vários trabalhos ao longo dos anos, apresentamos nossas teses sobre esse tópico: Carlón (2004b, 2008). Muitas delas estão resumidas em nosso livro *Después del fin. Una perspectiva no antropocêntrica sobre la post-tv, el post-cine y YouTube* (2016). Em textos posteriores, retomamos, ampliamos e também discutimos as teses apresentadas nesse livro.

# D

<sup>14</sup>Disse em *La semiosis social. Fragmentos de una teoría de la discursividad*: “Durante muito tempo, e apesar da grande diversidade de fontes filosóficas das quais pôde se valer, a epistemologia persistiu em acreditar que o conhecimento é algo a ser predicado de um sujeito individual; que o conhecimento é um processo que ocorre dentro da estrutura de uma consciência ou de uma certa estrutura de consciência.... Por ocasião do surgimento das disciplinas científicas, sugeri, em uma marca d’água, outro esquema, segundo o qual o conhecimento é um efeito de sentido cuja natureza só pode ser esclarecida ao ser recolocado na rede infinita de discursos entrelaçados, interminavelmente, com certas práticas sociais e, em particular, com aquelas que se tornaram “as ciências”. Nessa rede, o conhecimento é, de certa forma, *intersticial*. O sujeito não é o suporte desse conhecimento, porque só há conhecimento quando o discurso do sujeito (o único do qual o sujeito é o suporte) está ‘amarrado’ entre suas condições discursivas de produção (que ele efetua) e suas condições discursivas de reconhecimento (que ele *abre* e que, como Peirce havia entendido, dependem ‘do que será mais tarde’)” (Verón, 1987, p. 130).

<sup>15</sup>Vale lembrar que Verón estudou com Lévi-Strauss quando este chegou à França e que foi o responsável pela tradução de *Antropología estructural*.

<sup>16</sup>Segundo Verón (2013a, p. 79): “A cultura é um nível qualitativamente diferente da natureza na medida em que pressupõe um intenso aumento da complexidade, mas cada novo nível tem necessariamente sua origem no anterior, de modo que também se pode afirmar, e sem contradição, que a natureza produz a cultura, ou seja, que a cultura é um fenômeno natural”.

anos de sua vida. Para explicar isso, podemos começar citando Jean-Marie Schaeffer, um autor que ele lia muito e que respeitava particularmente. Em *El fin de la excepción humana*, Schaeffer (2009) distinguiu três transcendentalismos antropocêntricos em relação à dimensão biológica do *homo sapiens*, que são basicamente antievolutivos: um baseado na concepção do “sujeito” em relação ao conhecimento, outro na do “social” e o terceiro, que se baseia no “cultural”. Não nos deteremos na primeira, da qual Verón já havia se distanciado em seu clássico de 1987, devido à sua convicção sociológica<sup>14</sup>. Em relação ao cultural, sua posição evolucionista radical já está clara em pelo menos dois textos: na homenagem a Lévi-Strauss<sup>15</sup> intitulada “Claude Lévi-Strauss y el fin del humanismo” (Verón, 2009a) e em “Binarismo y triadismo” (Verón, 2013a)<sup>16</sup>, o capítulo dedicado ao antropólogo francês em *La semiosis social 2. Ideas, momentos, interpretantes*.

Além desses desenvolvimentos, consideramos que as proposições não antropocêntricas mais relevantes para sua própria teoria, de acordo com a abordagem relacional que escolhemos, talvez tenham sido formuladas em “Ciclos de vida” (Verón, 2013b), o texto com o qual ele conclui *La semiosis social 2. Ideas, momentos, interpretantes*, no qual, embora continue a argumentar que os coletivos são criados por instituições e fenômenos midiáticos (não há exemplos de indivíduos), ele destaca o status heterogêneo dos atores sociais e enunciadores, diferenciando, por exemplo, entre socioinstitucional, por um lado, e sócioindividual, por outro.

Duas questões são importantes aqui. Por um lado, que a introdução da categoria sócioindividuais é relevante, dado o lugar que os indivíduos tiveram ao longo da obra de Verón, que sempre rejeitou abordagens que davam lugar à subjetivação<sup>17</sup>. Por outro lado, os coletivos e os indivíduos são agora reconhecidos em seu status *orgânico* e, portanto, são conceituados de uma maneira muito diferente da mídia e das instituições (“A temporalidade dos sistemas sociais sócioindividuais é necessariamente a de um ciclo de vida orgânico” (Verón, 2013b, p. 431). Embora não seja explicitamente declarada, está claro para nós que essa distinção, que coloca no nível dos atores um status diferente na relação natureza/cultura do que aquele possuído pelas instituições, que não têm limites biológicos, também introduz uma hipótese diferente sobre a semiose. Por quê? Porque essa rede contemporânea não pode mais ser analisada com base na “hipótese dupla” antropocêntrica de *La semiosis social* de 1987. Veremos agora as consequências dessa operação relevante do nosso ponto de vista<sup>17</sup>.

Antes de concluir, mais um comentário sobre esse Verón. É interessante notar que o autor não avançou no reconhecimento da autonomia do automatismo

e das máquinas, o outro lado que, de nossa perspectiva, deve ser adotado em uma abordagem contemporânea não antropocêntrica<sup>19</sup>.

### Um enfoque relacional para pensar a contemporaneidade

Vamos agora expor brevemente nosso ponto de vista sobre a contemporaneidade. Tentaremos desenvolvê-lo respeitando a lógica da abordagem relacional que estamos defendendo ao longo desta apresentação. Começaremos com uma reflexão geral. Em seguida, explicaremos, com mais detalhes, por que essa abordagem deveria ter tido um lugar mais proeminente na era da mídia de massa (modernidade/pós-modernidade). Por fim, tentaremos apresentar alguns pontos sobre o que está acontecendo hoje em dia em termos do macroprocesso de hipermediatização.

O não antropocentrismo contemporâneo deve ter dois desenvolvimentos simultâneos: por um lado, reconhecer nossa condição biológica e que somos parte da evolução, fato que, no nível do significado, implica o reconhecimento de nossa dimensão viva, finita e orgânica, e todas as consequências que dela derivam (por exemplo, o surgimento de uma nova realidade midiaticizada)<sup>20</sup> e, por outro, reconhecer, via automatismo, a autonomia da tecnologia e das máquinas, que se desdobra desde a Revolução Industrial, continua com processos como a digitalização e a convergência e, atualmente, com o *machine learning* e a inteligência artificial<sup>21</sup>.

O que é essencial na proposição que acabamos de formular é que os dois lados dessa abordagem devem trabalhar na análise em permanente interação. Dois exemplos rápidos, válidos para pensar os discursos que contêm imagens em dois níveis clássicos da análise semiótica: o da representação e o da sintagmática. Desde a antiguidade no Ocidente, quando o projeto de fazer a *vida penetrar na imagem* – por meio do que Ernst Gombrich (2002) chamou de “princípio da testemunha ocular” – se impôs em relação à representação, a atenção ao funcionamento de nossa dimensão biológica (de nosso dispositivo óptico binocular como espécie, diferente de outras, mas também semelhante a outras que veem de forma tridimensional – como muitos predadores<sup>22</sup>), influenciou o design de pinturas e esculturas que se adaptaram a ela (Carlón, 2016a); depois nos dispositivos e máquinas da Revolução Industrial (fotografia, cinema e televisão); e, atualmente, continua a fazê-lo em programas de inteligência artificial generativa, como o *Midjourney* (como veremos no exemplo que focalizaremos no próximo item, o Projeto IAbuelas, que oferece imagens que parecem fotografias); nos desenvolvimentos da realidade aumentada e das tecnologias 360, e assim por diante. Consequentemente, se quisermos explicar como e por que os

<sup>17</sup>Também é interessante notar aqui que essa semiótica ou semioantropologia está agora mais “atrasada” no tempo do que a sociosemiótica, que começou na modernidade, quando a mídia de massa surgiu, graças ao conceito de “fenômeno da mídia”, e que remonta à origem do *homo sapiens*. É muito interessante relacionar essa reflexão com as recentes propostas de Göran Bolin (2024), um referente sueco da perspectiva da midiatização, que, no âmbito de uma proposta sobre a necessidade de desenvolver uma “tecnos-semiótica”, uma abordagem com poucos precedentes na perspectiva nórdica, dominada por perspectivas institucionalistas e socioconstrutivistas, defende uma “longa” história de midiatização e expressa sua concordância, também nesse ponto, com a perspectiva fundada por Verón.

<sup>18</sup>Um comentário rápido: é somente a partir do momento em que esses atores/enunciadores individuais e coletivos (orgânicos) começaram a gerenciar sua própria “mídia” na primeira década deste século que surge o momento que podemos conceituar como o início da contemporaneidade, no qual a hipermediatização irrompe como um metaprocessos. Essa tese pode ser lida na entrevista: Bañuelos Capistrán, e Rigat (2024).

<sup>19</sup>Apresentamos só um exemplo. Verón (2012, p. 15) afirma: “Os dispositivos técnicos são, em si mesmos, inertes: tudo depende do que as sociedades acabam fazendo com eles”.

<sup>20</sup>É porque, desde que os atores/enunciadores orgânicos começaram a gerenciar sua própria “mídia”, a circulação global do significado público foi transformada pela comunicação de suas experiências cotidianas (geralmente íntimas e às vezes privadas).

# D

<sup>21</sup>Como conceituar essa última proposição às vezes não é tão fácil, pois parece que estamos falando de assuntos excessivamente abstratos, vamos rapidamente dar um exemplo: em *Blow up* (1966), o grande filme de Antonioni, quem enuncia o evento central do filme não é um humano, mas o automatismo do dispositivo fotográfico, com todas as suas restrições para interagir com nosso dispositivo óptico em interação com a luz do dia, um fenômeno natural.

<sup>22</sup>Uma revisão interessante nessa área é feita no livro de Jacques Aumont (1992), que trata da perspectiva natural.

dispositivos de representação visual e audiovisual do Ocidente se tornaram, por exemplo, globalizados e perduraram ao longo do tempo, não basta considerar razões econômicas, militares, socioculturais ou linguísticas (aqui nos referimos à linguagem como um hipersistema de signos) etc.: devemos considerar que é porque eles deram lugar à nossa dimensão biológica, característica da espécie *homo sapiens*; ou seja, à maneira como vemos e acessamos a representação. Uma observação clara feita por Noël Carroll em sua crítica a McLuhan argumenta o seguinte:

Em vez de afirmar que a mídia estrutura nosso aparato sensorial, uma hipótese melhor, incompatível com McLuhan, é que nossa capacidade sensorial influencia nossa concepção de mídia, e não o contrário; nossa capacidade sensorial restringe nossa concepção de mídia na medida em que o sucesso (o auge) de qualquer mídia depende de sua abordagem eficaz de nossa capacidade sensorial preexistente. (Carroll, 2002, p. 143)

Outro exemplo: a abordagem não antropocêntrica também é fundamental para a compreensão da *sintagmática* dos discursos audiovisuais (Carlón, 2006; Metz, 1974), porque é um fenômeno *natural*, *o tempo em que estamos inscritos*, que, de acordo com a teoria do big bang e a “seta do tempo”, vai do passado para o futuro, que condiciona as possibilidades enunciativas das linguagens audiovisuais e, portanto, suas possibilidades de produção de sentido: enquanto a linguagem cinematográfica (e a televisão e o vídeo gravados) pode enunciar *flashforwards* (e *flashbacks*), porque *não enuncia no tempo presente, o direto não pode fazê-lo*. Dessa condição, que em nível sintagmático funciona como uma restrição, deriva uma singularidade: é um discurso que contém *vida* (finalmente, o Ocidente conseguiu o que buscava desde a Antiguidade: que a vida penetrasse na imagem). E a vida, como sabemos, depende da Natureza (a menos que se tenha uma crença criacionista, o que não é o nosso caso), e é por isso que esse discurso não só está sempre no tempo presente, mas também, em parte, é imprevisível.

Concluindo, ambos os níveis de análise, sintagmático e representacional, independentemente da tecnologia usada para produzir imagens e discursos audiovisuais, devem permanecer válidos na semiótica do futuro.

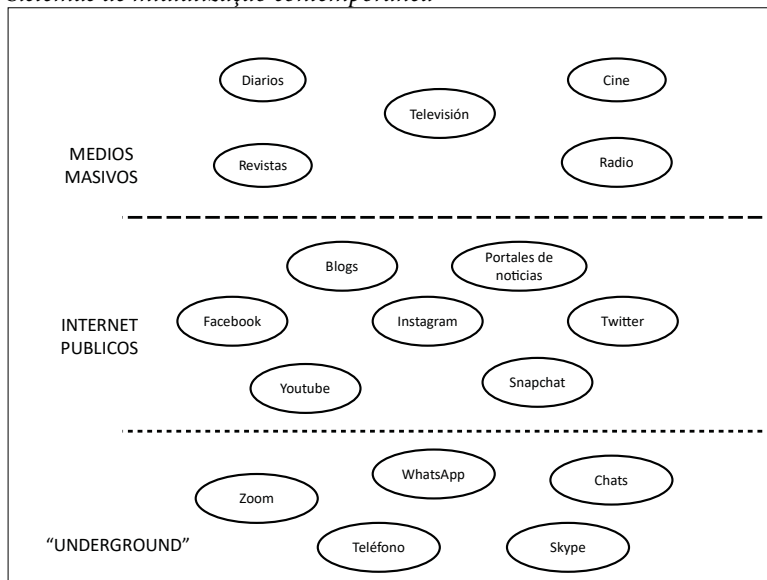
Entretanto, essas questões, como pode ser visto, já mereciam uma abordagem não antropocêntrica na era da mídia de massa, porque a maioria dos discursos que continham imagens era feita por meio de fotografias, filmes e televisão. No entanto, elas raramente tinham um lugar na teoria semiótica, não apenas na teoria semiótica veroniana. É um fato que destaca tanto o poder histórico do

antropocentrismo quanto a necessidade de uma abordagem não antropocêntrica para pensar nossa contemporaneidade, na qual novos dispositivos de mídia, baseados em IA, e novas formas de circulação de significado estão colocando em discussão as possibilidades e os limites espaço-temporais nos quais nossa cultura e nossa sociedade se desenvolvem. No final desta apresentação, daremos um exemplo do que estamos expressando por meio de uma breve análise do Projeto IAbuelas do Instagram, ao qual já nos referimos, que nos permitirá mostrar em dois níveis, o do funcionamento de um programa de inteligência artificial e o da hipermidiatização, aspectos cruciais da midiatização contemporânea, com os quais esperamos poder ilustrar um conjunto de formulações feitas ao longo desta apresentação.

Agora, vejamos o momento atual. Fazemos alguns comentários sobre as mudanças desencadeadas pela (hiper)mediatização e pela circulação contemporânea, seguindo a lógica da abordagem relacional. Começamos mostrando um gráfico sobre hipermidiatização que contém os três sistemas de mídia a partir dos quais estamos conduzindo nossas análises atualmente<sup>23</sup>.

<sup>23</sup>Para uma melhor leitura dessa figura e da seguinte, nos remetemos a Carlón (2022).

**Figura 6**  
*Sistemas de midiatização contemporânea*



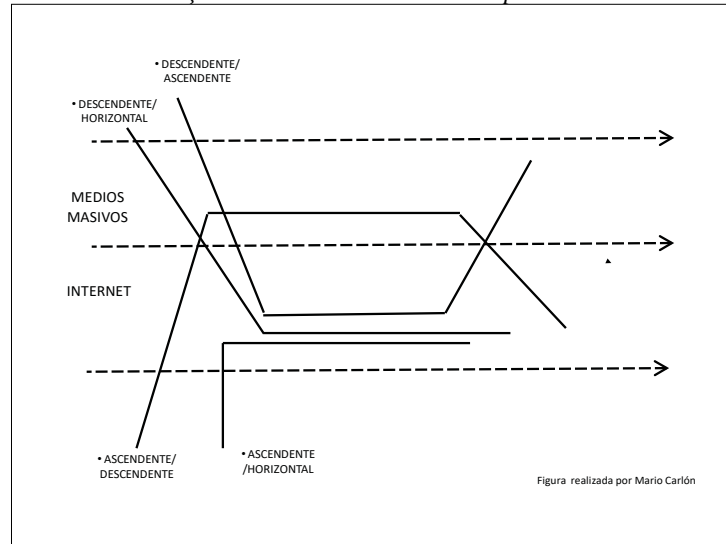
Nota. Elaboração própria.

Agora compartilhamos, seguindo a abordagem relacional, um gráfico sobre a circulação contemporânea que mostra as novas maneiras pelas quais o significado é materializado e implantado, além de ilustrar que, como não há

mais apenas um sistema de mídia, a circulação não é mais apenas “descendente”, mas também ascendente e horizontal.

**Figura 7**

*Modos de circulação vertical/horizontal contemporâneos*



Nota. Elaboração própria.

É importante observar que, embora as linhas que ilustram como os fluxos de circulação se materializam sejam contínuas para ilustrar melhor como o significado passa de um sistema para outro, *cada vez que isso acontece há um “salto” de hipermídia*, e não há linearidade, porque a análise se baseia na circulação como diferença. Esses saltos desencadeiam transformações, que consideramos características dos *processos de hipermediatização* (Carlón, 2024d). Essa abordagem, ao *incluir a dimensão diacrônica*, pode estudar fenômenos que vão além da circulação moderna/pós-moderna: por exemplo, a transformação de atores/enunciadores, tanto clássicos (coletivos, indivíduos, instituições, mídia) quanto novos (*fakes*, *bots*, novos influenciadores etc.), que passam, nesses processos, de desconhecidos a famosos; de famosos a cancelados ou implodidos; de organizadores de uma marcha que consegue a aprovação de uma lei a candidatos ou vítimas de uma denúncia de gênero, e assim por diante. O mesmo acontece com os coletivos: estudamos como eles surgem nas redes e passam a ocupar espaços mediatizados nas ruas; como são construídos, consolidados, fragmentados, etc. Ao incorporar o estudo da dimensão diacrônica, é possível abordar, a partir de uma concepção que considera as dimensões micro, média e macro, a *vida hipermediatizada e hipersemiotizada*

dos atores/enunciadores humanos e não humanos na hipermidiatização progressiva que caracteriza nossa sociedade.

### IAbuelas

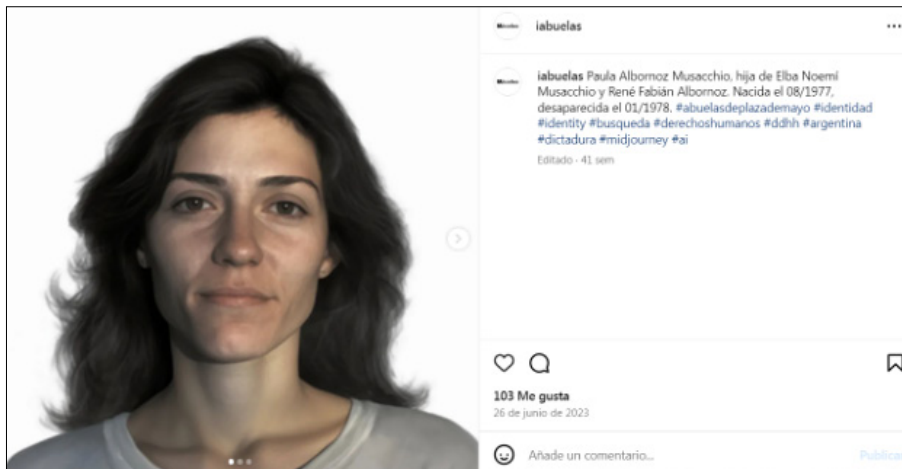
Para encerrar esta parte da apresentação, apresentamos um exemplo, que nunca deve faltar, após uma teorização. Ele nos permitirá, acreditamos, ilustrar o que temos apontado, já que traz à tona muitas das questões que analisamos até agora, que são as que estamos enfrentando atualmente quando tentamos implementar uma abordagem relacional em diferentes níveis.

O projeto IAbuelas foi criado por Santiago Barros, que aborda uma questão com uma longa tradição: a figuração de pessoas ausentes, nesse caso, os desaparecidos. IAbuelas trabalha com fotografias de pessoas que desapareceram durante a ditadura civil-militar argentina, que estabeleceu um plano sistemático de terrorismo de Estado entre 1976 e 1983, que incluía não apenas o desaparecimento forçado de pessoas, mas também sequestros, torturas e roubo de bebês<sup>24</sup>. Ele usa o programa Midjourney, que instrui a gerar imagens de como os bebês desaparecidos seriam hoje. Ele carrega o programa com fotografias do pai e da mãe e, entre as quatro que o Midjourney gera, escolhe duas, uma masculina e uma feminina, já que o sexo do bebê desaparecido é desconhecido. O projeto é desenvolvido no Instagram. Esta foi a primeira publicação, feita em 26 de junho de 2023.

<sup>24</sup>Com algumas exceções, as fotografias nas quais se baseia IA@buelas são publicadas na página de Abuelas de Plaza de Mayo com o objetivo de continuar a busca pelos netos dos desaparecidos para que eles possam recuperar sua identidade (<https://www.abuelas.org.ar/>).

### Figura 8

*Primeira publicação de IAbuelas no Instagram*



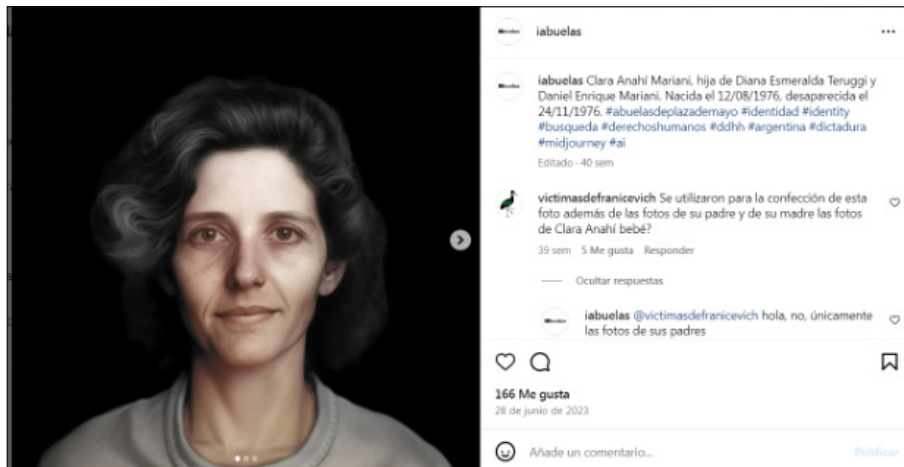
Nota. Instagram.

Do ponto de vista da semiose, isso só pode ser pensado a partir de um paradigma não antropocêntrico: as imagens geradas pelo Midjourney com seu alegado poder *preditivo* (diferentemente daquelas geradas pelos dispositivos e linguagens da era da mídia de massa - fotografia, cinema e televisão) *intervêm na dimensão do futuro* e só podem ser interpretadas por intérpretes que assumem e discutem as novas promessas de autonomia e automação que caracterizam o programa. Ou seja, se for considerada a intervenção de um ator/enunciador não-humano. Por sua vez, o resultado, uma imagem que se assemelha a uma fotografia, só pode ser explicado por sua tentativa de interface com o dispositivo óptico humano e seu modo de ver como espécie, ou seja, de acordo com o projeto ocidental de representação acima referido, que remonta à Antiguidade.

A análise que acabamos de apresentar já implica atenção ao nível de midiatização como um processo, mas vamos agora examinar outra dimensão, a hiper-midiatização. A primeira publicação que recebeu *comentários* de usuários da Internet foi publicada em 28 de junho (trata-se de uma imagem que pretende retratar Clara Anahí Mariani, cuja foto é conhecida como um bebê). Uma circulação “horizontal” de significado começa a se tornar visível.

### Figura 9

Primeira publicação comentada de IAbuelas no Instagram



Nota. Instagram.

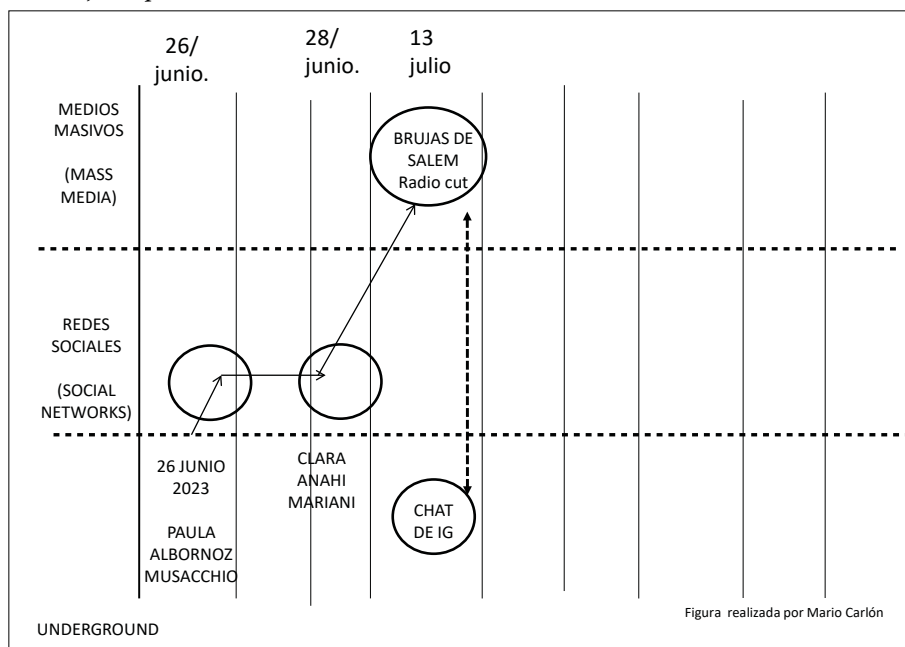
Barros foi então o tema de uma entrevista conduzida por jornalistas profissionais, o programa *Brujas de Salem* (em 13 de julho)<sup>25</sup>. Ocorre aqui um “salto” hipermediático: o fluxo de sentido gerado pelas IAbuelas publicadas em uma rede de mídia social, comentadas principalmente por amadores, “ascende” a outro nível de midiatização, que atua com outras lógicas. É por isso que, na entrevista,

<sup>25</sup> Pelas jornalistas Gaby Chamorro e Juli Cavenaghi.

há precisões e diferenças. Uma delas é importante: Barros revela que tem sido contatado por meio do *chat IAbuelas*, que pertence ao sistema *underground*, pois não é público, por familiares que continuam a busca pelos desaparecidos. O importante, para o argumento que estamos desenvolvendo aqui, é notar que, em pouco tempo, *o significado começou a circular entre sistemas de mídia que têm lógicas diferentes, acessos públicos diferentes, poderes singulares, “para cima” e “para baixo” e horizontalmente, etc*<sup>26</sup>.

<sup>26</sup>Não é um fato menor: Barros deu depois outras entrevistas, entre elas para agências de notícias internacionais, e o Projeto se tornou “global”: foi destaque em *O Globo*, *The Seattle Times*, etc.

**Figura 10**  
*Circulação hipermediática de IAbuelas*



Nota. Elaboração própria.

Mais um comentário: no processo de hipermediatização, Barros, como ator/enunciador, muda seu status. De desconhecido, ele se tornou conhecido (entrevistado por diferentes mídias, conhecido internacionalmente). Foi isso que quisemos dizer quando afirmamos que, *quando analisamos a hipermediatização como um processo* (Carlón, 2024a, no prelo), *não estamos apenas observando a circulação do significado, mas também as transformações na vida dos atores/enunciadores midiaticizados (que também afetam suas vidas offline)*.

Fim: semiose não antropocêntrica, atores humanos e não humanos (IA), circulação hipermídia (para *cima* e para *baixo*), hipermediatização (processos como a mudança de status do ator/enunciador). Essa é uma maneira de conduzir

análises de acordo com as transformações da dimensão relacional que caracterizam nossa contemporaneidade.

### FLASHFORWARD?

Não sabemos como será a semiótica do futuro, mas arriscamos algumas palavras sobre o presente e o futuro dessa semiótica a que nos referimos, como a conhecemos e imaginamos. Essa semiótica, se quiser dar conta dos novos objetos de estudo, terá de continuar a questionar essas quatro dimensões e sua articulação. É nesse sentido que gostaríamos, nesta seção final, de fazer alguns comentários sobre essa questão.

Primeiro ponto: como expressamos ao longo deste texto, acreditamos que um desenvolvimento consistente diante dos desafios atuais da contemporaneidade terá de implantar uma abordagem não antropocêntrica. Essa abordagem deve abordar em todas as suas dimensões a interação reticular de fenômenos humanos e não humanos. O reconhecimento de atores/enunciadores não humanos implica igualdade política com os humanos, sobretudo os da Natureza, e ainda mais no contexto dos debates sobre o Antropoceno, mas não reivindica a abolição das diferenças: enquanto a Natureza é orgânica e os humanos também são, em certa dimensão, parte dela, os algoritmos e os robôs performativos não o são. Essa distinção é especialmente importante quando se realizam análises específicas, como a de IAbuelas. Assim, uma das tarefas que a semiótica pode propor em um momento em que estamos nos concentrando em apontar as semelhanças, por exemplo, entre as operações sociais e as da IA é desenvolver ferramentas para distinguir as marcas do vivo nas discursividades, na circulação e em suas relações com o maquinismo, assumindo que essas marcas são apenas uma entre outras. Embora todos nós saibamos das dificuldades que esse empreendimento de conhecimento pode enfrentar, esse fato não implica que ele não possa ser tentado.

Já nos referimos ao fato de que a rede semiótica deve ser conceituada integralmente e em todos os níveis, não de forma antropocêntrica. Portanto, aproveitamos esse último ponto para fazer um comentário que também se refere à semiose, mas em relação a um objeto particular, um recorte dessa rede infinita, que é a rede normativa jurídica (uma de suas muitas “redes”, neste caso crucial para várias de nossas investigações, devido a seus efeitos em nível micro e macro em toda a “sociedade”). Todos os países, por meio de suas leis, desde a Constituição até as normas de trânsito, distinguem e regulam as relações entre diferentes atores. Alguns são cidadãos e outros não. Um dos fatos mais marcantes dos últimos anos é que o tecido semiótico jurídico na Argentina começou a ser penetrado

por uma concepção não antropocêntrica. Por exemplo: em 12 de dezembro de 2016, como resultado de uma disputa legal entre a Associação de Funcionários e Advogados pelos Direitos dos Animais (AFADA), representada pelo advogado constitucional Andrés Gil Domínguez, contra o Governo da Cidade de Buenos Aires, ao qual pertence o Zoológico de Buenos Aires, foi reconhecido o status de “pessoa não humana” para a orangotango Sandra. Até então, Sandra havia sido considerada, conforme estabelecido pelo Código Civil e Comercial Argentino, uma “coisa” ou “objeto”. Sandra tornou-se, então, a primeira “pessoa não humana” global. Esse fato e outros, como o avanço do reconhecimento na jurisprudência das “famílias multiespécies”, estão modificando o status dos atores/titulares de direito para além das bibliotecas acadêmicas, colocando em discussão não apenas o que é humano e o que não é, mas também a validade dos paradigmas antropocêntricos<sup>27</sup>.

Último comentário: sobre circulação e midiatização. Gostaríamos de expressar que a semiótica do futuro não será capaz de evitar uma distinção histórica crucial em sua tentativa de estudar os novos circuitos de produção e circulação de significado: a produção, o reconhecimento e a circulação. O cenário pós-crise da mídia de massa e a generalização de dispositivos de produção e publicação discursiva baseados em algoritmos e programas generativos que instalam novos circuitos de circulação de sentido estabelecem um distanciamento das “cenas comunicacionais” modernas e pós-modernas, e seus efeitos podem ser vistos no fato de que é comum ver análises que constroem cenas de troca nas quais essas diferenças são anuladas ou as instâncias são confundidas. O resultado está longe de ser positivo: analisa-se como se estivesse em reconhecimento quando se está em produção (e vice-versa); e não se analisa a circulação (que, como expressamos, é a diferença que o analista deve então postular entre ambas as instâncias, fenômeno que requer cada vez mais atenção se quisermos atender à circulação que caracteriza nossa contemporaneidade, cada vez mais hipermediática). É por isso que, mais do que nunca, nessa complexidade crescente, é importante lembrar que algo não mudou: a análise deve ser feita respeitando provavelmente a única característica da noção de discurso excessivamente antropocêntrica de Eliseo Verón (1987) que permanece válida: o fato de ser uma configuração espaço-temporal de significado<sup>28</sup>. Ou seja, tem limites espaço-temporais. Com a apresentação de uma análise mínima das IAbuelas, tentamos mostrar a importância de distinguir rigorosamente, mesmo diante de discursos gerados com IA, análises na produção, no reconhecimento e na circulação; além das transformações dos atores/enunciadores<sup>29</sup>.

A análise não termina aqui, de forma alguma: na medida em que se assume uma abordagem relacional, é possível fazer contribuições para questões como a

<sup>27</sup> Essa abordagem permite atender a atores/enunciadores não humanos, que são cada vez mais importantes em uma era em que prevalece a conectividade de todas as coisas (Di Felice, 2021). Em nosso atual Projeto Ubacyt “Midiatização digital, circulação e cidadania em uma contemporaneidade não antropocêntrica”, estamos investigando como redes semióticas específicas, como a jurídica, estão mudando a partir da penetração de concepções não antropocêntricas. Um exemplo: Mais informações sobre esse Projeto de Pesquisa: <https://semioticadere-des-carlon.com/2016/03/13/investigacionyposgrado/>

<sup>28</sup> O restante de suas características, como a de que somente as operações sociais investem uma materialidade de significado, são antropocêntricas porque se baseiam em uma das principais formas desse modo de pensamento, a crença na transcendência do social. Já foi apontado acima que, em nossa contemporaneidade, precisamos de uma abordagem do significado que inclua a consideração de operações naturais e maquínicas.

<sup>29</sup> É por isso que aqui também é fundamental lembrar a importância de não negligenciar a maneira pela qual os sistemas de mídia são permanentemente atualizados, porque somente uma perspectiva que os atenda e reconstrua constantemente pode explicar a hipermediatização contemporânea como um metaprocessos e apoio da circulação.

mudança de época e seus efeitos em diferentes níveis micro e macrosociais, o que nos leva a outras questões, como a “crise do tempo” (Hartog, 2007). Esperamos poder continuar essa discussão, que está apenas começando, em outra ocasião<sup>30</sup>. ■

<sup>30</sup>Uma reflexão atual sobre essa questão pode ser encontrada na entrevista com Bañuelos Capistrán e Rigat (2024).

## REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2009). What is the Contemporary? In “*What is an Apparatus and Other Essays*” (pp. 39-54). Stanford University Press.
- Andacht, F. (2023). La relevancia de lo irrelevante. El pensamiento intempestivo de Peirce, Goffman y Borges. In M. Carlón, A. Silva, F. Garramuño, J. La Ferla, A. Lemos, G. Alzamora. . . (Eds.), *Lo contemporáneo: indagaciones sobre el cambio de época en América Latina*. (pp. 215-240). UBA.
- Arfuch, L. (2002). *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*. FCE.
- Aumont, J. (1992). *La imagen*. Paidós.
- Bañuelos Capistrán, J., & Rigat, L. (2024). Entrevista a Mario Carlón: ¿Ante una Segunda fase de la contemporaneidad?. In *Mediaciones De La Comunicación*, 19(2), 1-10. <https://doi.org/10.18861/ic.2024.19.2.3923>
- Barthes, R. (1992). *La cámara lúcida. Nota sobre la fotografía*. Paidós.
- Bolin, G. (2024). Communicative AI and Techno-Semiotic Mediatization: understanding the Comunicative Rol of the Machine. *Human-Machine Communication*, 7. <https://doi.org/10.30658/hmc.7>
- Bolin, G., & Ståhlberg, P. (2023). *Managing Meaning in Ukraine: Information, Communication and Narration since the Euromaidan Revolution*. MIT Press.
- Braga, J. L. (2017). Circuitos de comunicação. In J. L. Braga & R. Calazans (Coords.), *Matrizes interacionais: A comunicação constrói a sociedade* (pp. 43-64). EDUEPB.
- Carlón, M. (2004a), El lugar del dispositivo en los estudios sobre televisión. In *Sobre lo televisivo (dispositivos, discursos y sujetos)*. La Crujía.
- Carlón, M. (2004b). El Muerto, el Fantasma y el Vivo en los lenguajes contemporáneos. In *Sobre lo televisivo (dispositivos, discursos y sujetos)*. La Crujía.
- Carlón, M. (2006). *De lo cinematográfico a lo televisivo. Metatelevision, lenguaje y temporalidad*. La Crujía.
- Carlón, M. (2008). Maquinismo, naturaleza y sociedad en el discursos de las cámaras de informes climáticos y de control de transito por televisión. *Cuadernos de información y Comunicación*, 13, 131-141. <https://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/CIYC0808110131A>
- Carlón, M. (2014). ¿Del arte contemporáneo a una era contemporánea? Efecto arte y el nuevo valor del presente en la era de Internet. In F. L. Rovetto &

- M. C. Reviglio (Comps.), *Estado actual de las mediatizaciones* (pp. 24-41).. UNR. <http://www.cim.unr.edu.ar/archivos/cuadernodelcim2.pdf>
- Carlón, M. (2016a). *Después del fin. Una perspectiva no antropocéntrica sobre la post-tv, el post-cine y Youtube*. La Crujía.
- Carlón, M. (2016b). Registrar, subir, comentar, compartir: prácticas fotográficas en la era contemporánea. In P. Corro & C. Robles (Eds.), *Estética, medios y subjetividades* (pp. 31-54). Pontificia Universidad Católica.
- Carlón, M. (2020a). Bajo el signo del presentismo: mediatización, cultura y sociedad contemporánea. In *Circulación del sentido y construcción de colectivos en una sociedad hipermediatizada* (pp. 187-210). NEU.
- Carlón, M. (2020b). Del poder de los enunciadores al poder de la circulación del sentido. Enunciadores hipermediáticos, análisis espacial y procesos de circulación del sentido. In *Circulación del sentido y construcción de colectivos en una sociedad hipermediatizada*. (pp. 97-158). NEU.
- Carlón, M. (2022). A modo de glosario. *deSignis*, (37). <https://www.designisfels.net/capitulo/i37-19-a-modo-de-glosario/>
- Carlón, M. (2024a). La mediatización. In D. Charras, L. Keival, & S. Hernández (Coords.), *Vocabulario crítico de las ciencias de la comunicación* (pp. 264-267). Taurus.
- Carlón, M. (2024b). No antropocentrismo y contemporaneidad. Una nueva relación en el campo de la memoria entre lo social, las máquinas y la naturaleza [Seminario]. VI Seminário Internacional Mediatizacao e Processos sociais.
- Carlón, M. (en prensa-a), Sobre la hipermediatización como proceso y las sociedades hipermeditizadas como resultado. *Actas del V Seminário Internacional Mediatizazacao e Processos sociais*.
- Carlón, M. (en prensa-b). Imaginarios hipermediáticos, memoria e inteligencia artificial. *Flacso*.
- Carlón, M., & Proyecto Ubacyt. (2023). (Hiper)mediatizacion y circulacion del sentido en la construcción de los acontecimientos contemporáneos. In M. Carlón & Proyecto Ubacyt. *Lo contemporáneo: indagaciones sobre el cambio de época en América Latina*. IIGG. <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/250240/1/Lo-contemporaneo.pdf>
- Carlón, M., & Scolari, C. A. (2009). *El fin de los medios masivos. El comienzo de un debate*. La Crujía.
- Carroll, N. (2002). *Una filosofía del arte de masas*. Machado.
- Castells, M. (2009). *Comunicación y poder*. Siglo XXI.
- Crawford, K. (2021). *Atlas of A.I. Power, Politics, and the Planetary Costs of Artificial Intelligence*. Yale University Press.

# D

- Di Felice, M. (2021). *A cidadania digital. A crise da idea occidental de democracia e a participação nas redes digitais*. Paulus.
- Fabbri, P. (2000). La caja de las eslabones que faltan. In *El giro semiótico. Las concepciones del signo a lo largo de la historia* (pp. 23-54). Gedisa.
- Fausto Neto, A. (2010). A circulação além das bordas. In A. Fausto Neto, S. Valdetaro (Dir.), *Mediatización, sociedad y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos* (pp. 2-17). UNR.
- Fernández, J. L. (2012). La semiótica de los medios y lo radiofónico. In *La captura de la audiencia radiofónica* (pp. 29-123). Liber.
- Fraticelli, D. (2023). *El humor hipermediático*. Teseo.
- Gombrich, E. (2002). Reflexiones sobre la revolución griega. In *Arte e ilusión. Estudio sobre la representación pictórica* (pp. 99-125). Phaidon.
- Hartog, F. (2007). *Regímenes de historicidad. Presentismo y experiencias del tiempo*. Universidad Iberoamericana.
- Hjarvard, S. (2014). Introdução. Da mediação a mediatização / Mediatização: uma nova perspectiva teórica. In *A mediatização da cultura e da sociedade* (pp. 13-72). Editora Unisinos.
- Krotz, F. (2017). The meta-processes of “mediatization” as a conceptual frame. *Global, Media and Communication*, 3(3), 256-260. <https://doi.org/10.1177/17427665070030030103>
- Latour, B. (2008). *Reensamblar lo social. Una introducción a la teoría del actor-red*. Manantial.
- Lemos, A. (2020). Plataformas, dataficação e performatividade algorítmica (PDPA): Desafios atuais da cibercultura. In N. Prata, S. C Pessoa (Orgs.), *Fluxos comunicacionais e crise da democracia* (pp. 117-126). Intercom.
- Metz, C. (1974). El estudio semiológico del lenguaje cinematográfico. *Revista Lenguajes*, (2).
- Perez, C., Trindade, E., Hellín, P., Lencastre, P. (2012). Target y tendencias de consumo en la contemporaneidad: Perspectivas teóricas para entender nuevos sentidos [Sesión de Congreso]. Proceedings of the 10th World Congress of the International Association for Semiotic Studies (IASS/AIS), Coruña, España.
- Santaella, L. (2024). Diagnostico do contemporâneo. *Estudos Avançados*, 38(110).
- Schaeffer, J.-M. (1990). *La imagen precaria (del dispositivo fotográfico)*. Cátedra.
- Schaeffer, J.-M. (2009). *El fin de la excepción humana*. FCE.
- Scolari, C. A. (2024). *Sobre la evolución de los medios. Emergencia, adaptación y supervivencia*. Ampersand.
- Sibilia, P. (2008). *La intimidad como espectáculo*. FCE.

- Silva, A. (2023). Imaginarios y arte: dos entradas a lo contemporáneo. In M. Carlón, & Proyecto Ubacyt. *Lo contemporáneo: indagaciones sobre el cambio de época en América Latina* (pp. 15-34). UBA.
- Verón, E. (1974). Para una semiología de las operaciones translingüísticas. *Revista Lenguajes*, 1(2).
- Verón, E. (1987). *La semiosis social. Fragmentos de una teoría de la discursividad*. Gedisa.
- Verón, E. (1994). Mediatización, comunicación política y mutaciones de la democracia. *Semiosfera*, 2, 5-36.
- Verón, E. (1995). La mediatización. In *Semiosis de ideología y poder: mediatización* (pp. 39-132). UBA.
- Verón, E. (1999). Esquema para el análisis de la mediatización. *Diálogos de la Comunicación*, (48), 9-17.
- Verón, E. (2001). El living y sus dobles. Arquitecturas de la pantalla chica. In *El cuerpo de las imágenes* (pp. 13-40). Norma.
- Verón, E. (2009a). Claude Lévi-Strauss y el fin del humanismo. In A. Bilbao, S. -E. Gras, & P. Vermeren (Comps.), *Claude Lévi-Strauss en el pensamiento contemporáneo* (pp. 311-317). Colihue.
- Verón, E. (2009b). El fin de la historia de un mueble. In M. Carlón & C. A. Scolari (Orgs.), *El fin de los medios masivos. El comienzo de un debate* (pp. 229-248). La Crujía.
- Verón, E. (2012). Prólogo. In M. Carlón & A. Fausto Neto (Comps.), *Las políticas de los internautas. Nuevas formas de participación* (pp. 9-15). La Crujía.
- Verón, E. (2013a). Binarismo y triadismo. In *La semiosis social, 2. Ideas, momentos, interpretantes*. (pp. 77-93). Paidós.
- Verón, E. (2013b). Ciclos de vida. In *La semiosis social, 2. Ideas, momentos, interpretantes* (pp. 421-432). Paidós.
- Verón, E. (2014). Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *MATRIZES*, 8(1), 13-19. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19>

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.



# Novas disquisições sobre a Corposfera Sitofilia: corpo e sexo, erotismo e alimentação

## *New disquisitions on Bodysphere Sitophilia: body and sex, eroticism and food*

■ JOSÉ ENRIQUE FINOL<sup>a</sup>

Universidade de Zulia. Maracaibo – Zulia, Venezuela

### RESUMO

Este artigo aborda as relações entre corporeidade, comensalidade e erotismo. Para isso, são analisadas as organizações semióticas de expressões e práticas rituais e alimentares que se baseiam no corpo, na alimentação e em algumas de suas manifestações eróticas. Referências particulares são feitas ao erotismo gastrorrítual, ao chamado *food porn*, ao erotismo místico corporal e à antropofagia erótica. Propomos um modelo de relações semióticas entre corpo, sexo e alimentação que evidencia suas semelhanças e suas expressões particulares. Conclui-se que a erotização do corpo encontra nos alimentos, em sua apresentação e consumo, uma fonte de criação de sentidos eróticos e imaginários coletivos.

**Palavras-chave:** Corpo, erotismo, alimentação, semiótica

<sup>a</sup> Doutor em Ciências de la Información y de la Comunicación. Publicou mais de 130 artigos, 8 livros e ministrou mais de 130 palestras e cursos. Foi pesquisador na Universidad del Zulia, na Venezuela, e na Universidad de Lima, no Peru. Orcid: 0000-0001-9473-9751. E-mail: joseenriquefinol@gmail.com

### ABSTRACT

This article addresses relationships between corporeality, commensality and eroticism. To do so, the semiotic organizations of ritual and food expressions and practices that are based on the body, food and their erotic manifestations are analyzed. Specific references are made to gastro-ritual eroticism, to the so-called food porn, to corpo-mystical eroticism and to erotic anthropophagy. A model of semiotic relationships that highlights similarities and expressions between body, sex and food is proposed. It is concluded that the eroticization of the body finds in food, in its presentation and consumption, a source of creation of erotic meanings and collective imaginations.

**Keywords:** Body, erotism, food, semiotics



*“Não posso separar o erotismo da comida e não vejo razão para fazê-lo, pelo contrário, pretendo continuar desfrutando de ambos enquanto força e bom humor me alcançarem”.*

Allende (1997, p. 11).

**N**ESTA PESQUISA PROPOMOS relacionar os conceitos de corporeidade, comensalidade e erotismo a partir de algumas práticas socioculturais onde esses três conceitos estão vinculados. Essas práticas devem ser vistas no conjunto de relações semióticas que denominamos Corposfera, parte da Semiosfera (Lotman, 1996), que compreende os inúmeros e diversos processos de significação que se originam no/do/pelo corpo, em suas representações e ações, em suas diversas linguagens intra- e extracorpóreas.

As relações entre sexo, alimentação e erotismo ocupam lugar fundamental na semiótica corporal, na realização de corporeidades e corporalidades. Trata-se de um domínio extenso dos processos de construção de sentidos corpóreos, dentre os quais o erotismo em suas diversas formas de expressão, que adquire papel central nas culturas contemporâneas. A sabedoria mitológica expressou magistralmente as relações entre sexo e erotismo, entre desejo e sedução, graças a elaboradas estruturas atoriais e narrativas de enorme densidade semiótica. Nesse panteão mitológico, destacam-se Afrodite e Eros.

Eros, chamado Cupido entre os romanos, filho de Afrodite e Ares, era o “deus grego responsável pela atração sexual, amor e sexo” (Miranda, 2019, p. 33). Afrodite, a Vênus romana,

era a antiga deusa grega do amor, da beleza, do desejo e de todos os aspectos da sexualidade. Com sua beleza, ela provocava tanto deuses quanto homens mortais a agir ilicitamente, enquanto sussurrava coisas doces em seus ouvidos . . . Afrodite nasceu perto de Chipre, a partir dos órgãos genitais mutilados do deus do céu, Urano. (Cartwright, 2018)

Como se vê, as duas figuras míticas, mãe e filho, constituem um microuniverso sexual-erótico na cultura grega e romana, em que suas representações e relações sêmicas se estendem e se complementam; representações essas que permeiam todas as culturas ocidentais. Afinal, como diz Hunt (1991, p. 2), “o erotismo é uma noção virtualmente transhistórica, pois o erótico existiu em todos os tempos e lugares que conhecemos”.

A esse conjunto de relações entre corporeidade e erotismo é pertinente acrescentar alimento, pois, como diz Volli (2018, pp. 13-14), “A comida tem significado e, de fato, é um dos aspectos mais característicos do trabalho de significado que é essencial para a vida social e, de certa forma, a constitui”.

As relações entre corporeidade, comensalidade e erotismo têm uma longa história. Uma das referências mais antigas é encontrada nos famosos poemas bíblicos do rei Salomão em *O Cântico dos Cânticos*:

Sob a sombra do desejado eu me sentei,  
E seu fruto era doce ao meu paladar.  
Ele me levou para a casa de banquetes,  
E sua bandeira sobre mim era o amor.  
Me sustente com passas, me conforte com maçãs;  
Pois estou doente de amor (Cânticos 2:5).

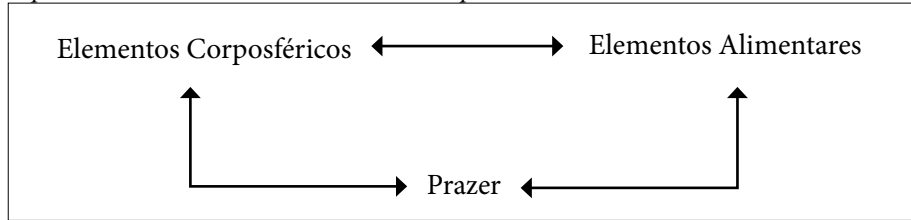
Em Cânticos 4:11, Salomão continua:

Como favo de mel, destilam  
seus lábios, ó esposa;  
Mel e leite há  
debaixo de tua língua  
(Cânticos 4:11).

E em Cânticos 4:16 continua:

Levante-se, Aquilon,  
e venha, Austro;  
Sobre no meu jardim,  
liberam seus aromas.  
Deixe meu amado entrar em seu jardim,  
E comer sua fruta doce  
(Cânticos 4:16).

Como se vê, essa relação entre os elementos corpóreos (a língua, os lábios, etc.) e os elementos alimentares (a fruta, o jardim, os aromas) não são apenas de enorme capacidade poética, mas também expressam uma concepção do corpo e do alimento, elementos entre os quais o prazer aparece como um conector.

**Figura 1***O prazer como articulador de elementos corporais e alimentares**Nota.* Elaboração própria.

As relações entre corpo, erotismo e alimentação também se expressam em diversas formas discursivas, com metáforas em que os genitais são comparados com os alimentos e, inversamente, certos alimentos com os genitais. Essas relações também são expressas em inúmeras práticas rituais antigas e contemporâneas. Elas fazem parte de muitas parafilias e, em especial, estão inseridas na chamada sitofilia, um fetichismo em que se desenvolvem rituais de sedução ou prazer sexual em situações que envolvem o uso de alimentos. A arte também tem sido uma das expressões mais abundantes e ricas na manifestação das relações entre corpo, alimentação e erotismo. A pintura *O Filho Pródigo* (ou *Antes do Dilúvio*, 1615) de Cornelisz van Haarlem (Haarlem, 1562-1638), pintor maneirista holandês, expressa com enorme força significativa as relações que fazem parte da vida social e cultural desde o seu início.

**Figura 2***O Filho Pródigo (1615), de Cornelis Corneliszoon van Haarlem**Nota.* Museu Nacional de Varsóvia. Wikimedia Commons.

É interessante notar que neste trabalho o pintor inclui a música como parte do erotismo, que também está ligado a uma de suas expressões rituais contemporâneas mais conhecidas, conhecida como *striptease*, onde o corpo e a roupa, a música e o movimento são articulados e, simultaneamente, cria-se uma tensão semiótica entre o corpo vestido e o corpo nu, entre o invisível e o visível, extremos entre os quais se realiza um processo de despojamento lento e rítmico da roupa. Como dissemos alhures, o *striptease* “é caracterizado por uma organização narrativa que vai do coberto ao descoberto ou, melhor, do oculto ao visível: é um desvelamento progressivo do corpo que segue uma sintaxe clássica, e que se estrutura em torno do tempo e do espaço físico” (Finol, 2023, p. 304).

Em outras práticas rituais contemporâneas como as “despedidas de solteira” (Finol, 1993, 1994), o erotismo e a comida estão fortemente associados. Em tais rituais, um *stripper* é frequentemente convidado, cujo corpo nu é coberto de frutas que a anfitriã deve comer diretamente com a boca, uma ação que é imitada pelos participantes da festa. No Japão, é praticado um rito semelhante à despedida de solteira. Chama-se *Nyotaimori* e consiste em comer sushi no corpo de uma mulher nua. A mesma prática, mas realizada no corpo de um homem, é chamada de *Nantaimori*.

**Figura 3**

*Peça de comida: mulher comendo Maki-zushi no corpo de uma mulher de topless no Burning Flipside 2007*



Nota. Autor: Kerry Smith. Atribuição Creative Commons 2.0.

Se analisarmos a distribuição dos corpos nesta fotografia, poderíamos dizer que a horizontalidade e a verticalidade parecem confirmar uma figura de corpo geométrico onde o alimento é exibido horizontalmente e o erótico adquire uma dimensão vertical. Nele, a perpendicularidade da relação corporal assemelha-se às poses tradicionais de oração, recolhimento e erotismo místico, típicas de algumas religiões.

No VIII Congresso Latino-Americano de Semiótica, realizado em San Luis Potosí, México, em 2014, foi realizado um ritual *Nyotaimori* sob a direção do semiótico venezuelano Rocco Mangieri, que me explicou que

O nome era Antropofágica 2. Aqui a arte como escultura viva e vegetal é vista como uma lista erótico-gastronômica de uma interação efêmera entre três corpos ou dimensões semióticas: (1) o corpo do oficiante, da escolha de ingredientes e frutas; (2) o corpo da escultura vegetal em uma postura adormecida e estática; (3) o corpo hospedado do público, o corpo do convívio. (Mangieri, 2014, em entrevista pessoal)

**Figura 4**

*Ritual Nyotaimori realizado sob a direção de Rocco Mangieri em San Luis Potosí, México, em 2014*



Nota. Foto: Leti Rigat.

Nesse ritual, o consumo de alimentos também é consumo do corpo, uma espécie de fusão erótica, gastro-corporal, que seduz e adia o sexo enquanto o simboliza.

A palavra “comer”, como é conhecida, convoca sentidos que vão além do consumo alimentar e se projetam em um “consumo erótico”, onde, por exemplo, fruta e sexo se fecundam mutuamente, como vimos no *Cântico dos Cânticos*. *A Comilança* (1973), o filme franco-italiano do diretor Marco Ferreri, é um excelente exemplo da combinação inseparável entre corpo, erotismo e comida. Outro exemplo de filme é *Como água para chocolate* (1992), filme de Alfonso Arau baseado no romance de Laura Esquivel. Os dois filmes, como muitos outros, são uma expressão do que Stano chama de “*cibosfera afrodisíaca*” (Stano, 2018, p. 50), que poderíamos traduzir como “*gastrosfera afrodisíaca*”, entendida como o conjunto de componentes alimentares capazes de despertar e aumentar as potencialidades amorosas.

Nessa gastrosfera afrodisíaca, existem muitas listas de alimentos que nos são propostos como capazes de despertar e melhorar nossas habilidades amorosas. Alguns deles são: chocolate, abacate, açafrão, ostras, melancia, frutos do mar, morangos. Mesmo sites de saúde como *Healthline* apontam para alimentos afrodisíacos como salmão, ostras, nozes e sementes, maçãs, até beterraba e vinho. No Brasil, a gastrosfera afrodisíaca inclui açaí, chocolate, mel, maracujá, guaraná, gengibre e pimenta, entre outros. A farofa de barú é uma castanha afrodisíaca nativa do Brasil, também chamada de “Viagra do Cerrado”.

Mas a gastrosfera afrodisíaca não se limita ao alimento em si, mas inclui as técnicas e rituais de preparação, apresentação e consumo de alimentos. Também inclui um consumo sintagmático (de lanches, entradas, pratos principais, sobremesas, digestivos, etc.), o que torna a ingestão não uma simples aquisição de nutrientes para a formação de tecidos corporais, mas também uma performance simbólica. A semiotização dos alimentos como signos de natureza erótica implica uma operação semiótica de transformação dos sentidos, cujos principais gatilhos têm a ver com os diversos contextos históricos e culturais que os explicam.

### SITOFILIA: FOOD PORN

Nas últimas décadas, uma das abordagens das relações sitofílicas entre comida e erotismo é o chamado *food porn*<sup>1</sup>, expressão que une dois termos em uma conjunção inesperada e que está ligada a pelo menos duas semiotizações principais, de conteúdos totalmente diferentes. O primeiro tem uma predominância pornográfica, propriamente dita, e sua expressão mais frequente é

<sup>1</sup> “Embora não haja certeza sobre a época em que o termo *food porn* começou a ser usado, uma das primeiras publicações conhecidas é a Nutrition Action Healthletter, na qual uma seção chamada *Right Stuff Vs. Food Porn* começou a aparecer na década de 1980. Nela, dois produtos eram comparados do ponto de vista nutricional” (Cuadros Restrepo, 2015, p. 18).

<sup>2</sup> Para um diagnóstico e análise de imagens relacionadas ao *food porn*, ver Cuadros Restrepo (2015).

encontrada em sites de vídeos pornográficos, como é o caso do site Pornhub, que possui uma seção chamada *Food Porn*<sup>2</sup> com 1.375 vídeos.

A segunda abordagem tem a ver com a apresentação fotográfica ou em vídeo da refeição. Para McBride, por exemplo, *food porn* é “comida que é tão sensacionalmente fora dos limites do que deveria ser um alimento que merece ser considerado pornográfico”. Para Kohn (2017, p. 123), *food porn* tem a ver com “As imagens deliciosas e altamente estilizadas de alimentos que são mostradas em revistas, programas de culinária e redes sociais e que se destinam a induzir o desejo de comer”. Para Tooming (2021, p. 127), “o food porn nos permite participar de projetos de imaginação gustativa intermodal”. Para Stano (2018, p. 130), “Outra possibilidade interessante parece surgir para a definição de food porn como um mecanismo voyeurista de ‘despir’ a substância alimentar, uma espécie de revelação levada ao extremo . . . que parece querer alcançar o ‘tocar’ a comida.” Para Ibrahim (2015, p. 2), o *food porn* “alude à fetichização da comida e sua coalescência com o desejo ao estilizar ofertas culinárias através do ponto de vista da lente da câmera para serem consumidas por públicos famintos”.

Apesar de suas diferenças, essas abordagens compartilham o caráter visual das representações gastronômicas, por um lado, e, por outro, identificam o propósito de estimular e excitar os sentidos. Um terceiro elemento que pode ser acrescentado é o predomínio das mídias digitais na construção de imaginários gastronômicos que giram em torno do *food porn*.

Para nós, o *food porn* articula dois componentes semanticamente distantes, constituindo, assim, uma figura retórica semelhante à antítese, uma vez que o que normalmente se entende por pornografia não teria sementes comuns com a comida. O termo *food porn* resolve a contradição graças a um mecanismo semiótico que, entre outras coisas, implica uma semiotização gastronômica em que a comida, graças a estratégias atraentes, se torna um fetiche, em que, de certa forma, os pratos não são para comer, mas para ver, uma espécie de estetização baseada em imaginários antecipatórios, mais visuais do que gustativos<sup>3</sup>. Como diz Acosta (2011, p. 7), a fotografia gastronômica, criadora do *food porn*, utiliza o recurso dos “*close-ups*, visão popularizada pela indústria do cinema pornô e que, aplicada à gastronomia, é chamada de ‘*porn food*’”. O olhar, um dos componentes fundamentais da semiose da Rostrosfera, é um dispositivo semiótico complexo graças ao qual os objetos visuais adquirem sentidos. Como diz o fotógrafo Gormaechea, “Os fotógrafos gastronômicos são a encruzilhada entre o olhar do chef e o olhar do comensal” (Acosta, 2011, p. 8).

<sup>3</sup> Para uma excelente representação fotográfica e artística do que é considerado *food porn* ver Acosta (2011).

## MISTICISMO ERÓTICO

A relação corpo/alimento pode ter um valor místico e erótico, como observamos neste depoimento de Santa Verônica Giuliani, jovem nascida em 1660, perto de Urbino, Itália, que em sua biografia afirmou pegar um quadro da Virgem Maria amamentando o Menino Jesus e abraçá-lo:

Comecei a me despir. Desvelei meu pequeno seio e disse: ‘Jesus, largue esse peito. Venha tomar seu leite aqui comigo’. E lhe ofereci meu peito. Ele se afastou da virgem e agarrou-se ao meu. Oh! Meu Deus! Não consigo narrar o que vivi nesse momento . . . Ele não era mais um garotinho pintado, mas sim de carne e osso . . . Então aconteceu que durante vários dias naquele peito senti um calor tão grande que parecia um incêndio. (R. M. Bell, 1987 como citado em Rossi, 2013, p. 52)

Um caso semelhante é encontrado na relação entre Santa Clara e São Francisco. A primeira conta que em 1230 teve um sonho, que aparece em seu processo de santificação do Vaticano, em que ela afirma que:

Quando alcançou São Francisco, ele tirou um seio da camisa e disse: “Venha, receba e chupe.” Ela o fez, então São Francisco implorou para que ela chupasse uma segunda vez. E o que ela provou destarte lhe pareceu tão doce e delicioso que de forma alguma ela poderia expressá-lo, e depois de ter chupado, aquela extremidade ou parte superior do peito de onde veio o leite permaneceu entre os lábios da abençoada Clara; ela pegou com as mãos o que restava em sua boca, e isso lhe pareceu um ouro tão claro e tão brilhante que nele ela podia ver-se como em um espelho. (Cardaillac, 2012, p. 8)

O erotismo e o misticismo têm uma relação semelhante com a corporeidade e a espiritualidade, com o humano e o divino. Isso é expresso por Miaja de la Peña (2000, p. 192), ao analisar o erotismo e o misticismo em *O Livro do Bom Amor*, do Arcipreste de Hita: “o Livro está dando a diretriz para passar do humano para o divino, do corpóreo para o espiritual, do erótico para o místico, do ‘amor louco’ para o ‘bom amor’”.

Bataille (2023 [1957], p. 11) refere-se ao erotismo místico como erotismo sagrado: “o erotismo sagrado se confunde com a busca ou, mais precisamente, com o amor de Deus”; “corresponde à fusão dos seres com algo além da realidade imediata” (p. 13), em que místico e sagrado se confundem como se fossem conceitos equivalentes; embora sejam conceitos relacionados, são diferentes.

Enquanto a experiência mística é uma relação do humano com o sagrado, esta última é uma condição do divino.

O componente alimentar nessas experiências místicas é quase sempre o leite, como visto nos dois casos citados. Existem inúmeras representações pictóricas em que a virgem Maria alimenta os santos e profetas com leite materno, como o vitral de *A Virgem do Apocalipse* (século XII), localizado na catedral de San Esteban de Bourges, na França, em que a mãe de Jesus amamenta Moisés e Elias. Um vitral semelhante, no qual a virgem amamenta um homem velho, está na catedral de Reims, França; enquanto, no Mosteiro de La Merced, em Cuzco, Peru, há uma pintura de Ignacio Chacón, intitulada *A Lactação de São Pedro Nolasco*, 1663 (Figura 5), (Cardaillac, 2012), na qual a virgem amamenta ao mesmo tempo o Menino Jesus e o santo. Na pintura *São Bernardo e a Virgem*, de Alonso Cano (Figura 6), a mãe de Jesus envia um fluxo de leite do ventre para a boca do santo.

**Figura 5**

*Lactação de San Pedro Nolasco, por Ignacio Chacón (1745-1775), Cuzco, Peru*



Nota. Polos Vieiros da Arte (2016).

**Figura 6**

*San Bernardo y la Virgen (1645),  
de Alonso Cano*



*Nota.* Museo del Prado, Madrid, Espanha.

O simbolismo do leite é duplo, uma vez que, por um lado, é alimento e, por outro, em virtude de sua localização em uma zona erógena do corpo, também é um sinal erótico, como vimos em Cânticos 4:11.

### ANTROPOFAGIA, COMENSALIDADE E EROTISMO

Uma prática final sobre as relações entre corporeidade, comensalidade e erotismo tem a ver com a antropofagia, uma parafilia conhecida como Vorarefilia. Para o escritor brasileiro Oswald de Andrade (1928, p. 1), “Somente a Antropofagia nos une . . . Só estou interessado no que não é meu. Lei do Homem. Lei do antropófago”.

A antropofagia pode ser expressa como um processo alimentar, religioso ou erótico. O exemplo mais conhecido de antropofagia alimentar é o dos integrantes da equipe uruguaia de rugby que ficaram por 72 dias nos Andes, após o acidente do avião em que viajavam. Seis livros foram escritos e seis filmes foram feitos sobre essa história de antropofagia alimentar. Sobre a antropofagia religiosa, expressa em rituais de consumo, simbólico ou real, dos corpos humanos, há exemplos em diversas culturas. O livro do século XVI *História da Terceira Parte da América, especialmente da Província do Brasil*, livro que alguns atribuem a Hans Staden e outros a Theodor de Bry, mostra práticas antropofágicas com conteúdos religiosos entre os indígenas brasileiros.

# D

## Novas disquisições sobre a *Corposfera*

Sobre a antropofagia erótica, há inúmeros casos conhecidos, como o do escritor japonês Issei Sagawa, que assassinou uma estudante holandesa em Paris em 1981, e depois a comeu por partes. Em sua confissão à polícia francesa, Sagawa dirá:

Espeiei tanto tempo por este dia e aqui está. Eu toco seu rabo. É muito macio. Eu me pergunto onde devo morder primeiro. Eu decido que tem que ser o topo de suas nádegas . . . Ela derrete na minha boca como um pedaço de atum. Olho nos olhos dela e digo: você é deliciosa. (Balbiani, 2023)

Em uma análise semiótica, quais são os significados de consumir o corpo do outro? O erotismo antropofágico encontra seu sentido na comunhão, entendida como tornar-se comum a um e ao outro e, além disso, no sentido de ser um com/no outro. É um processo de anular a própria identidade para recriá-la e a anulação da alteridade do outro, da revogação do “eu” e do “outro” para se tornar uma espécie de “eutro”, em uma unidade conjuntiva, que Sagawa expressou assim: “Finalmente, ela está no meu estômago. Ela é minha . . . Depois de engolir, a sinto no meu corpo” (Balbiani, 2023).

Essa unidade conjuntiva é profundamente erótica e, portanto, é expressa através dos cinco sentidos: é olfativa, tátil, visual, sonora e gustativa, pelo menos é o caso de Sagawa, que, em seu depoimento, diz:

- “Eu conseguia sentir o cheiro do corpo dela.”
- “Eu toco seu rabo. É muito macio”.
- “Ela era a mulher mais bonita que eu já vi”, “Eu não conseguia tirar os olhos de cima dela”. “Eu a olho nos olhos e digo: você é deliciosa”.
- “Ela começa a ler. Ele fala alemão perfeitamente”.
- “Derrete na minha boca como um pedaço de atum”. (Balbiani, 2023)

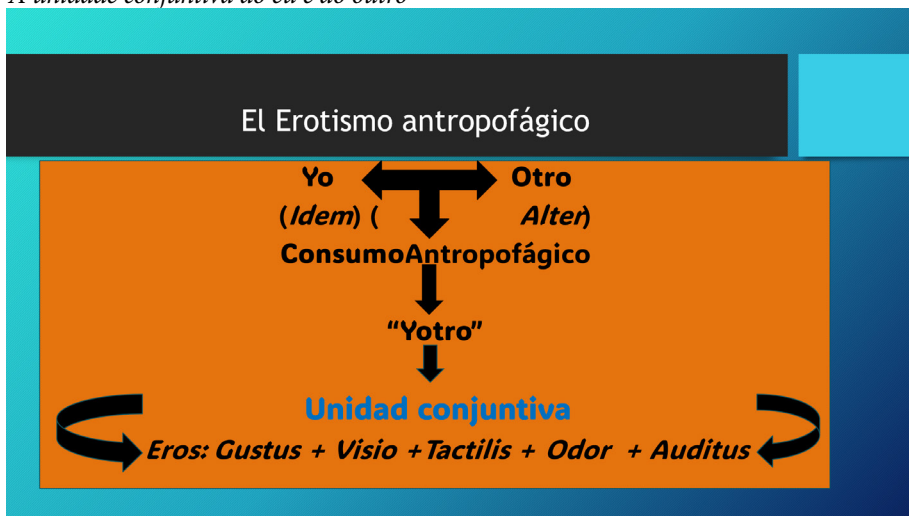
De certa forma, Sagawa descreve uma experiência de êxtase, que o DRAE define como “Estado da alma caracterizado por uma certa união mística com Deus através da contemplação e do amor, e pela suspensão dos sentidos”, mas que Cardaillac (2012, p. 13), mais apropriadamente, define etimologicamente como “uma saída do eu, uma perda da continuidade do ser, de certa forma uma desintegração provisória da identidade”.

É nessa conjunção unitária entre mim e outro que se articula uma nova unidade, o que podemos muito bem chamar de *eutro*. Em meu livro, *La Corposfera*,

propus algumas definições de limites e fronteiras do corpo que explicam a unidade conjuntiva que chamo de Eutro *e* que poderia ser representada assim:

**Figura 7**

*A unidade conjuntiva do eu e do outro*



Nota. Elaboração própria.

No *eutro*, encontramos

fronteiras rompidas, mas também fronteiras significativas que não se esgotam nas extremidades do interior e do exterior, mas se regozijam com a incerteza do trânsito, de passar para dentro enquanto está fora. É justamente no trânsito que a tensão semiótica, a dúvida dos significados, se torna mais *intensa*, a atração para o interior e a atração para o exterior. (Finol, 2021, p. 56)

Nesse sentido, a comunhão erótica com o corpo do outro é uma transgressão dos limiares corporais, “atração para dentro” e “atração para fora”, limiares que se localizam entre os limites e fronteiras do corpo.

### UM MODELO SEMIÓTICO CORPO-ALIMENTAR

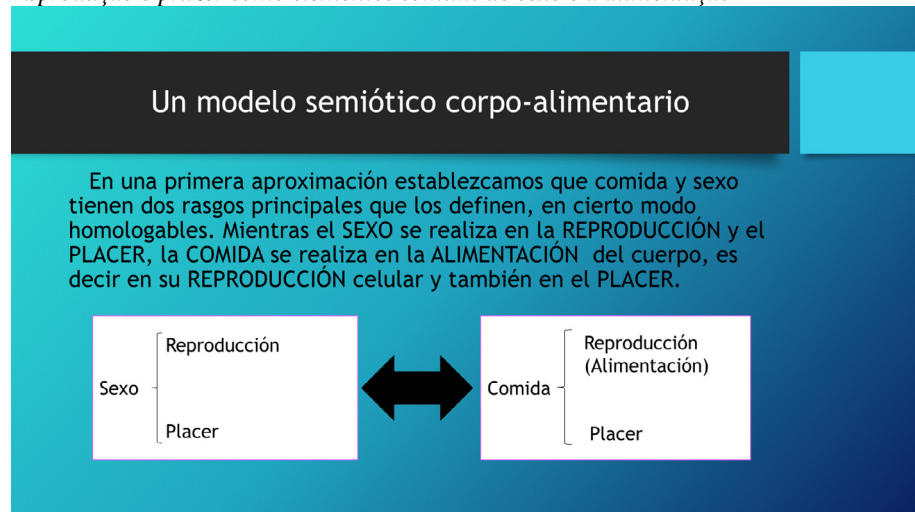
Para uma Semiótica Corporal, as expressões sexuais e eróticas relacionadas à alimentação não apenas lançam luz sobre os processos de construção de sentidos relacionados à corporeidade, mas também sobre uma Semiótica Gastronômica.

Estes são dois poderosos regimes de importância que sustentam os sistemas culturais de numerosas, se não todas, as sociedades conhecidas.

Diante do exposto, vamos propor um modelo de relações básicas entre sexo, erotismo e alimentação, para então nos referirmos ao conceito de erotismo em ambas as áreas.

### Figura 8

*Reprodução e prazer como elementos comuns ao sexo e à alimentação*



*Nota.* Elaboração própria.

Certamente, sexo e comida não se limitam a esses dois componentes. A comida também é um relator social, um ponto de encontro, pois tem uma função gregária. Além disso, em algumas culturas, a comida serve funções rituais de natureza funerária. Cada sistema culinário também é um componente dominante dos sistemas culturais. O mesmo pode ser dito para o sexo. Ambos têm uma dimensão individual e social. Enquanto a prática diária da alimentação é realizada de forma individual e privada ou, no máximo, em família, ela também adquire uma dimensão social e pública quando se transforma em banquete, entretenimento ou tributo.

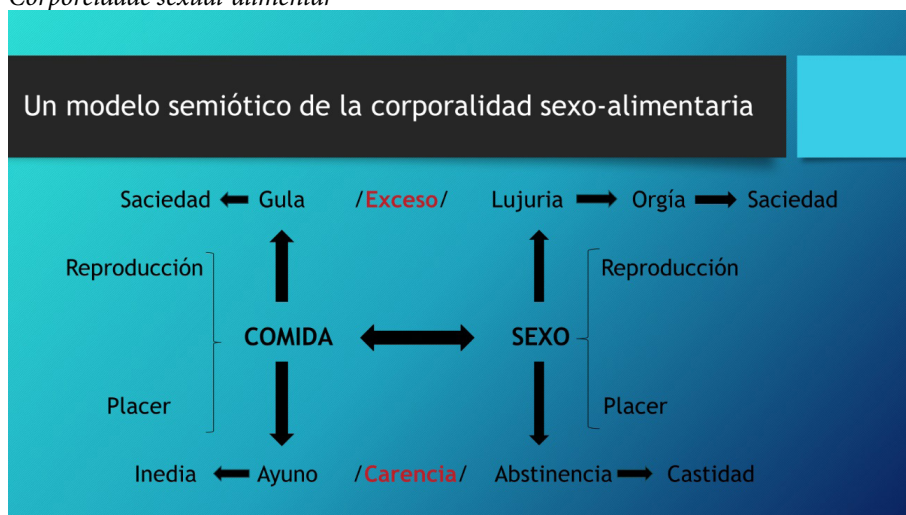
Da mesma forma, embora o sexo tenha uma dimensão individual e privada, ele adquire uma dimensão social e pública no caso, por exemplo, das orgias, que em Roma caracterizavam as partes em homenagem ao deus Baco, os chamados bacanais. Além disso, hoje algumas práticas sexuais privadas são compartilhadas, como em *swinging* ou *swapping*, onde casais, chamados *swingers*, trocam com outros casais para fazer sexo. Algo semelhante acontece com aqueles casais

que concordam em ter uma vida sexual não monogâmica e aberta, na qual a privacidade e a exclusividade desaparecem.

Ora, se projetarmos a noção semiótica de /excesso/ sobre os dois termos considerados – comida e sexo – obteremos /gula/, de um lado, e /luxúria/, de outro. Da mesma forma, se projetarmos a noção de /falta/ nos mesmos termos, obteremos /jejum/, por um lado, e /abstinência/, por outro. Tais operações nos permitiriam desenvolver um modelo como o seguinte:

Figura 9

Corporeidade sexual-alimentar



Nota. Elaboração própria.

Aqui a gula poderia ser definida como “apetite exagerado”, cuja representação literária encontramos em *Gargântua e Pantagruel*, enquanto a anorexia seria seu oposto, “inapetência exagerada”, cuja representação mais conhecida aparece nas famosas fotos de Isabelle Caro tiradas por Olivieri Toscani em 2007 (Figura 10) e utilizadas na campanha publicitária da empresa de roupas femininas Nolita.

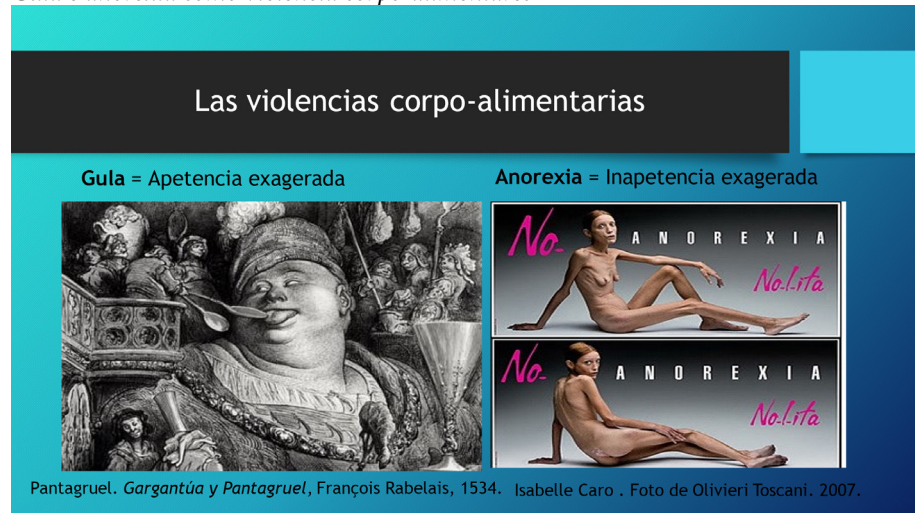
O jejum é uma prática gastro-corpórea, um “excesso de carência”, muitas vezes associado a algumas religiões tradicionais, como o budismo, o hinduísmo e o islamismo. Embora o jejum religioso seja uma prática penitencial, Jesus viu isso como uma alegria: “Quando você jejuar, unja a cabeça e lave o rosto, para que seu jejum não seja visto pelos homens, mas por seu Pai que está lá em segredo; e seu Pai que vê em segredo o recompensará” (Mateus 6:17-19).

No mês do Ramadã, os muçulmanos não apenas se abstêm de comida, mas também de relações sexuais, o que mostra uma ligação entre duas práticas cujo

eixo temático fundamental é a abstinência corporal do prazer. Abstinência de alimentos e abstinência de sexo.

**Figura 10**

*Gula e anorexia como violência corpo-alimentares*



Nota. Elaboração própria.

Fisiologicamente, a Organização Mundial da Saúde define fome como “sensação desconfortável ou dolorosa causada pelo consumo insuficiente de energia dietética. Privação de alimentos; não são ingeridas calorias suficientes.” (<https://www.who.int/>). Da mesma forma, “A fome induz a ingestão de alimentos; a satisfação é um estado de plenitude que o obriga a parar de comer e a saciedade é a sensação de plenitude existente até o início do próximo sinal de fome, geralmente determinado pela hipoglicemia (diminuição dos níveis de açúcar no sangue)” (Carranza Quispe, 2016, p. 117).

*Gargântua e Pantagruel* (1532-1564), de Rabelais, é o romance do excesso, da gula voraz, da ingestão excessiva que ignora sua relação com o sexo, exceto no parágrafo seguinte, onde Gargântua exhibe seus apetites carnis:

Pois saiba que este libidinoso prejudicava suas empregadas pela frente e por trás, e eia potranca, porque sinais de vida já podiam ser vistos em sua bragui-lha. Um dia elas a adornaram com belos buquês, lindas fitas, lindas flores e lindos fios, e se alegraram passando as mãos sobre ela como se fosse um rolo para fazer pomadas. Então elas se contorceram de riso quando ele levantou a orelha, porque gostaram do jogo. Uma a chamava minha torneira, outra meu

talo de coral, outra minha salsicha de sangue, outra meu tampão, outra minha broca, meu agitador, minha flauta, meu pingente, meu tormento, minha cauda. (Rabelais, 1532-1564, p. 29)

Como fenômeno da corporeidade, a fome aparece fisiológica e semanticamente distanciada do erotismo e do sexo. Como diz Pantagruel:

- “Estamos aqui para comer ou para lutar?
- Para a batalha, certamente; mas do ventre vem a dança, e onde reina a fome, foge a força”. (Rabelais, 1532-1564, p. 80)

Esse distanciamento, no entanto, desaparece em regimes alimentares extremos, em que a fome aparece como inimiga das buscas ortoréxicas e das buscas estético-corporais.

## CONCLUSÕES

Como já disse uma vez, “as práticas eróticas são usualmente caracterizadas pela implicitude, imaginação e promessa” (Finol, 2023, p. 309), o que as torna semioticamente variadas e maleáveis, como vimos nos casos apresentados, em que as relações semióticas entre corporeidade, comensalidade e erotismo são extensas e se desenvolvem em vários níveis de significação.

O corpo, a alimentação e o erotismo se articulam como processos de comunicação, socialização e simbolismo. Além disso, como apontam alguns autores, elas se articulam como um espetáculo, como uma espécie de alegria da visualidade, como vimos no caso do *food porn*.

O corpo como ator e palco de expressões de comensalidade e erotismo é parte ativa, fundamental de muitos rituais de alimentação e sedução. Corpo, comida e erotismo também aparecem em algumas formas de misticismo religioso.

As experiências sociais e individuais das complexas, ricas e variadas relações entre corporeidade, comensalidade e erotismo nos convocam, como estudantes dos processos de produção de sentido, de semiogênese, nos convocam, repito, a elucidar os mecanismos pelos quais esses sentidos são produzidos, e como eles nos ajudam a compreender os processos sociais e culturais que ocorrem em sociedades particulares, em contextos e experiências.

Somente na medida em que contribuímos para elucidar esses processos complexos, a Semiótica será útil e relevante em um mundo que diariamente, infinitamente, se pergunta sobre os sentidos. ■

## REFERÊNCIAS

- Acosta, Y. (2011). *Fotografía gastronómica: Del bodegón al porn food* [Catálogo de Exposición]. Casa de los Capitanes, La Laguna, Tenerife, España.
- Allende, I. (1997). *Afrodita*. Sudamericana; Plaza Janés.
- Andrade, O. (1928). Manifiesto Antropófago. *Revista de Antropología*, 1(1). [https://buenosaires.gob.ar/areas/educacion/cepa/manifiesto\\_antropofago.pdf](https://buenosaires.gob.ar/areas/educacion/cepa/manifiesto_antropofago.pdf)
- Balbani, C. (2023, 17 de noviembre). El caníbal millonario que violó y devoró a su compañera de la universidad: “La veía como un sabroso bowl de carne”. *Infobae*. <https://www.infobae.com/historias/2023/11/17/el-canibal-millonario-que-violo-y-devoro-a-su-companera-de-la-universidad-la-veia-como-un-sabroso-bowl-de-carne/>
- Bataille, G. (2023). *El Erotismo*. Tusquets Editores.
- Cardaillac, L. (2012). Erotismo y santidad. *Intersticios Sociales*, (3): 1-31. <https://doi.org/10.55555/IS.3.25>
- Carranza Quispe, L. (2016). Fisiología del apetito y el hambre. *Enfermería Investiga, Investigación, Vinculación, Docencia y Gestión*, 1(3), 117-124. <https://revistas.uta.edu.ec/erevista/index.php/enfi/article/view/754>
- Cartwright, M. (2018, 24 de octubre). Afrodita. *World History Encyclopedia*. <https://www.worldhistory.org/trans/es/1-494/afrodita/>
- Cuadros Restrepo, J. (2015). *Food porn: Imagen y apetitos insatisfechos* [Tesis de doctorado, Pontificia Universidad Javeriana]. Repositorio Institucional – Pontificia Universidad Javeriana. <https://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/18391>
- Finol, J. E. (1993). Semiótica del rito en una sociedad contemporánea: La despedida de soltera. *Relaciones*, (111).
- Finol, J. E. (1994). Socio-semiótica del Rito en la Sociedad Contemporánea: la Despedida de Soltera en Venezuela. *Espacio Abierto*, 3(5), 95-113. <https://produccioncientificaluz.org/index.php/espacio/article/view/2337>
- Finol, J. E. (2021). *On the corposphere: Anthroposemiotics of the body*. De Gruyter Mouton.
- Finol, J. E. (2023). On the corposphere: Body, eroticism and pornography. In A. Olteanu & P. Cobley (Eds.), *Semiotics and its Masters* (Vol. 2, pp. 299-310). De Gruyter Mouton.
- Hunt, L. (Ed.). (1991). *Introduction to eroticism and the body politic*. Johns Hopkins University Press.
- Ibrahim, Y. (2015). Food porn and the invitation to gaze: Ephemeral consumption and the digital spectacle. *International Journal of E-Politics*, 6(3), 1-12. <https://doi.org/10.4018/IJEP.20150701>

- Kohn, G. (2017). Food porn as visual narrative: Food blogging and identity construction. *Southeast Asian Review of English*, 52(1), 122-142. <https://doi.org/10.22452/sare.vol52no1.10>
- Polos Vieiros da Arte. (2016, 4 de diciembre). *Lactatio y Caritas*. <https://vieirosdaarte.blogspot.com/2016/12/lactatio-y-caritas.html>
- Lotman, I. (1996). *La semiosfera: La semiótica de la cultura*. Cátedra.
- Miaja de la Peña, M. T. (2000). Erotismo y misticismo en las figuras femeninas del *Libro de buen amor*. In F. Sevilla & C. Alvar (Eds.), *Actas del XIII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas: Madrid, 6-11 de julio de 1998* (Tomo 1, pp. 188-193). Asociación Internacional de Hispanistas; Editorial Castalia; Fundación Duques de Soria.
- Miranda, L. R. (2019). Arqueología del amor: la representación de Afrodita y de Eros en el pensamiento antiguo. *Nuevo Itinerario*, 14(1), 29-57. <https://revistas.unne.edu.ar/index.php/nit/article/view/3706>
- Rabelais, F. (1532-1564). *Gargantúa y Pantagruel*. Fundación Carlos Slim. <https://cdn.pruebat.org/recursos/recursos/libros/pdf/gargantua.pdf>
- Rossi, P. (2013). *Comer*. Fondo de Cultura Económica.
- Stano, S. (2018). *I sensi del cibo: Elementi di semiotica dell'alimentazione*. Aracne Editrice.
- Tooming, U. (2021). Aesthetics of food porn. *CRÍTICA, Revista Hispanoamericana de Filosofía*, 53(157), 127-150.
- Volli, U. (2018). Prefazione. In S. Stano. *I sensi del cibo: Elementi di semiotica dell'alimentazione* (pp. 11-18). Ariadna Editrice.

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.



# DA receita-modelo para UMA receita com ar familiar: hedonismo estético e utilitarismo poético na abordagem semiótica do social

*From THE paragon recipe to A recipe with family resemblances: aesthetic hedonism and poetic utilitarianism in the semiotic approach to the social*

ÓSCAR QUEZADA MACCHIAVELLO<sup>a</sup>

Universidade de Lima, Instituto de Pesquisa Científica, Grupo de Pesquisa Semiótica. Lima, Peru

EDUARDO YALÁN DONGO<sup>b</sup>

Universidade de Lima, Instituto de Pesquisa Científica, Grupo de Pesquisa Semiótica. Lima, Peru

ELDER CUEVAS-CALDERÓN<sup>c</sup>

Universidade de Lima, Instituto de Pesquisa Científica, Grupo de Pesquisa Semiótica. Lima, Peru

## RESUMO

Este artigo aborda as tensões entre o caráter estético e utilitário das representações culinárias, comparando o paradigma da receita da alta gastronomia com receitas populares divulgadas em plataformas digitais e programas como *20 lucas*. Para tanto, foi observado como a linguagem molda objetos de valor nesses diferentes contextos. Por meio de uma análise semiótica estrutural baseada nas contribuições de Algirdas Julien Greimas, Émile Benveniste e nas reflexões contemporâneas de Baptiste Morizot, foram analisadas narrativas culinárias a partir de suas dimensões linguísticas, sociais e econômicas. Este estudo revela que as receitas clássicas, como sopa de pistou, priorizam o hedonismo estético e a estabilidade cultural, enquanto as receitas populares contemporâneas, como aquelas difundidas em *20 lucas*, adotam uma abordagem de utilitarismo poético. Essas últimas não apenas se adaptam às restrições econômicas, mas também enfatizam processos criativos e de participação, refletindo a dinâmica social atual. O artigo complementa a semiótica de Greimas ao incluir condições econômicas e da mídia contemporânea, destacando que os objetos de valor não são entidades estáticas, mas processos dinâmicos que emergem de negociações entre

<sup>a</sup> Ex-reitor e membro do Grupo de Investigación Semiótica na Universidad de Lima. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7419-1749>. E-mail: [oquezada@ulima.edu.pe](mailto:oquezada@ulima.edu.pe)

<sup>b</sup> Docente de Semiótica na Universidad de Lima e na Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas (UPC), no Peru. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0143-4973>. E-mail: [eyalan@ulima.edu.pe](mailto:eyalan@ulima.edu.pe)

<sup>c</sup> Docente de Semiótica e pesquisador. Coordenador do Grupo de Investigación Semiótica do Instituto de Investigación Científica (IDIC) da Universidad de Lima. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6655-5688>. E-mail: [ecuevas@ulima.edu.pe](mailto:ecuevas@ulima.edu.pe)

cultura, prática e sociedade. Isso redefine a semiótica da culinária ao considerar tanto os valores ideais quanto as interações materiais das práticas contemporâneas.

**Palavras-chave:** Gastronomia, Semiótica, cultura popular, valores sociais, cultura alimentar.

#### ABSTRACT

This article examines the tensions between aesthetic and utilitarian dimensions in culinary representations by comparing the paragon recipe of haute cuisine with popular recipes disseminated through digital platforms and programs such as “20 Lucas.” It investigates how language constructs objects of value in these contrasting contexts. Using a structural semiotic analysis grounded in the works of Algirdas Julien Greimas, Émile Benveniste, and the contemporary reflections of Baptiste Morizot, this study explored culinary narratives through their linguistic, social, and economic dimensions. This study reveals that classical recipes, such as pistou soup, emphasize aesthetic hedonism and cultural stability. In contrast, contemporary popular recipes, such as those featured in “20 Lucas,” have adopted poetic utilitarianism. These recipes not only adapt to economic constraints, but also highlight creative and participatory processes, reflecting current social dynamics. This article expands Greimas’ semiotics by integrating contemporary economic and media conditions, underscoring that objects of value are not static entities, but dynamic processes shaped by negotiations between cultural, practical, and social dimensions. It redefines culinary semiotics by addressing the idealized values and material interactions inherent in contemporary practices.

**Keywords:** Gastronomy, Semiotics, popular culture, social values, food culture.

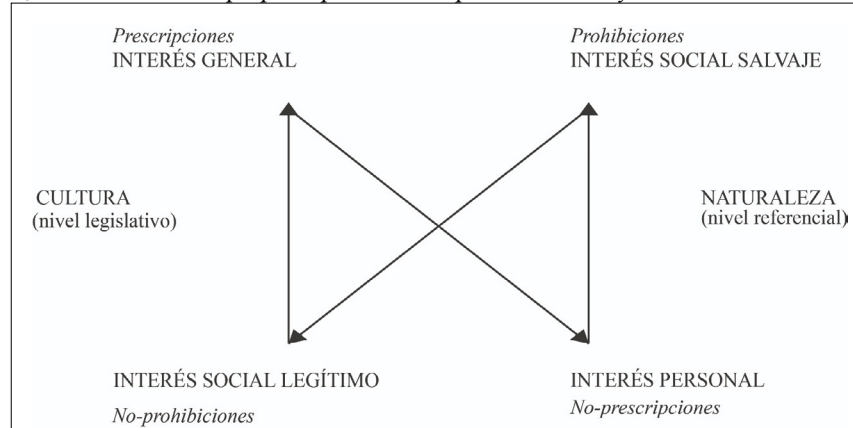
**T**ANTO EM DU SENS (Greimas, 1970) e *Analyse sémiotique d’un discours juridique* (Greimas, 2014) como em *Sémiotique des passions. Des états de choses aux états d’âme*, escrito em parceria com Jacques Fontanille (Greimas & Fontanille, 1991), existem trechos onde o professor lituano Algirdas Julien Greimas ousa formalizar a inteligibilidade do social a partir da semiótica estrutural. Em sua proposta, a linguagem é a dimensão que permite ao homem integrar-se na sua sociedade através de uma série de processos que apresenta através de várias oposições formais como ser e parecer (Greimas, 1983), proibição e prescrição (Greimas, 2014), divisão e integração (Greimas & Fontanille, 1991). Nestes trabalhos fundamentais, Greimas define a sociedade como uma dimensão que é personificada através de sucessivas predicções (uma ancoragem histórica específica) e actantes coletivos (humanos ou não humanos) cristalizados em textos de diferentes tipos (jurídicos, passionais, culturais). Assim,

espera-se que esta sociedade tenha vários papéis temáticos e que seu comportamento seja determinado por uma normatividade específica.

Para aprofundar esse assunto, precisamos rever a obra de Émile Benveniste. Em nossa perspectiva, a afinidade entre Greimas e Benveniste não só é fundamental para entender o social a partir da ótica do primeiro, mas também para o próprio compromisso epistemológico e metodológico sobre o social feito pela semiótica estrutural.

Em *Problèmes de linguistique générale*, Benveniste (1976) afirma que a relação semiótica é compreendida entre um sistema interpretante e um sistema interpretado, como o que existe entre os símbolos da língua (L) e os símbolos da sociedade (S). Assim, os sistemas de símbolos da sociedade (S) são interpretados pelos da língua, que é entendida como interpretante de toda a sociedade (L). Nesta interação, a língua é quem distribui os sistemas: de um lado, aquele que é articulado de acordo com sua própria semiótica e emerge conforme sua própria forma de expressão; do outro, aqueles que são articulados pela língua, razão pela qual sua semiótica só aparece através de outra forma de expressão. Por exemplo, o sistema do paladar se manifesta através da língua, ou o sistema pictórico de uma pintura se expressa na língua que “fala” da pintura. Isto possibilita a Benveniste sustentar, em uma pertinência semiológica, que só a língua permite a sociedade, que só ela une os seres humanos na sociedade. Aliás, Benveniste inverte esta perspectiva e explica que, em uma pertinência sociológica, o critério não é mais a interpretabilidade, mas a dimensionalidade e, nesse sentido, a língua está contida de fato na vida social. Estas ideias são fundamentais para analisar a pertinência semiótica de Greimas e seus comentários sobre o social.

Levando em consideração que toda receita é uma prescrição, é importante estudar as grandes categorias que operam na análise do discurso jurídico elaborado por Greimas. Nesta pesquisa são identificados tipos de sujeitos segundo a sua estrutura de querer social e são formalizados no eixo semântico proibição e permissão. Ou seja, a partir da sua vontade de adquirir novos bens na sociedade comercial, participa não só de uma atividade coletiva, mas também contribui com uma vontade de apropriação ou interesse pessoal. Dessa forma, o compartilhamento de interesses pessoais confere ao actante coletivo as atribuições do sujeito e faz dele a expressão de um interesse social que ainda permanece em estado selvagem (Natureza, nível de referência). O legislador reconhece e regulamenta este interesse social, e também o transforma em um interesse social legítimo através de um sistema de prescrições e proibições. Os interesses sociais legítimos são então equiparados aos interesses legítimos de terceiros, definidos por um mesmo interesse geral. O esquema de todos esses processos de conversão de significado social está expresso no quadrado semiótico a seguir:

**Figura 1***Quadrado semiótico proposto por Greimas para o discurso jurídico*

Nota. Elaboração com base em Greimas (2014, p. 54).

Esta distribuição reticulada do geral, do social e do pessoal segundo o querer-fazer, ou seja, segundo os interesses dos actantes que socializam e são socializados, permite que Greimas desvende o significado do discurso normativo utilizado pelo legislador para solucionar conflitos próprios da jurisprudência, mas também, devido ao seu grau de abstração, pode ser válido para abordar as dinâmicas de instrução-construção de objetos de valor. No entanto, Greimas entende que a cultura tende a regular e identificar os interesses sociais selvagens como proibições ou negações referentes a poderes de natureza. Assim, ou não estão regulados ou estão proibidos pelos regulamentos legais. Por sua vez os interesses sociais legítimos, embora permitidos na sociedade, são limitados por proibições explícitas. A cultura, neste contexto, é entendida como uma estrutura de normas e proibições que define o que é aceitável na sociedade humana.

Podemos observar que o trabalho de Greimas se sustenta na divisão metodológica elaborada por Benveniste entre sistemas de símbolos da sociedade a ser interpretada (“estado de natureza”: S) e da língua interpretante (“estado de cultura”: L). Assim, em *Analyse sémiotique d'un discours juridique* identifica-se mais claramente a relação entre o real ou referente, como âmbito do selvagem e do pessoal, e o sistema que o interpreta, ou seja, a “linguagem jurídica” como prescrição de um interesse social geral.

Sobre esta relação, Eric Landowski escreve em *Semiótica 2* que: “... a seu modo, a semiótica geral não parou, desde o início, de lidar com o real e, *a fortiori*, com o social, concebidos como efeitos de sentido” (Greimas & Courtés, 1986, p. 250). Pouco depois de emitir esta avaliação, Landowski (1989) afirma que “a ‘vida social’ nunca foi estranha à semiótica: a seu modo, e desde o início, trata-se do “real” – considerado

como uma linguagem –, e até mesmo do que é “vivido”, considerado como efeito de sentido, com o qual a semiótica tem lidado constantemente” (p. 11). Em ambas as citações, Landowski recai sobre o real e o social, concebidos como efeitos de sentido vitais. Esta última categoria seria, então, a ponte que ligaria o real e o social tornando-os idênticos ou, pelo menos, equivalentes. Sabemos que esta expressão (efeitos de sentido), tirada de G. Guillaume, havia sido definida como “a impressão da realidade” produzida por nossos sentidos ao entrar em contato com o sentido, isto é, com uma semiótica subjacente. Pode-se dizer, por exemplo, que “o mundo do sentido comum é o efeito de sentido produzido pelo encontro do sujeito humano com o objeto-mundo” (Greimas & Courtés, 1979, p. 116). Assim, o sentido, como substantivo ou como o substancial de um mundo, se confunde com o significado. E, como verbo, remete à ação de sentir algo. Nesse último caso, o efeito de sentido seria, *ipso facto*, afeto de sentido. Na perspectiva de uma dualidade quase sagrada, esse substantivo seria efeito de um trabalho da “mente”, da “alma” ou da “inteligência”; enquanto este verbo seria um afeto na “carne”, no “corpo” ou na sensibilidade. Dizer “sentido” é deslizar (ou melhor, passar) do mundo das sensações para o mundo do entendimento e diste para aquele. Nesse vaivém, duas formas de se relacionar com o mundo coexistem: uma, *através dos sentidos, mas sem sentido*; e a outra, *com sentido, mas além dos sentidos* (Landowski, 1999).

A semiótica, de acordo com Eco, não pode deixar de refletir sobre *essa coisa* que decidimos, há séculos, chamar de *ser*. Essa *coisa* ou esse *ser* estaria na origem do sentido social-real, é a “causa” ontológica de todos os efeitos de sentido que articulam a sociedade-realidade; que, não por acaso, são chamados de “efeitos de realidade”. Para Eco (1999), a semiótica estrutural, com exceção de Hjelmslev, não abordou o problema da origem da linguagem. Por esse motivo a semiótica enfrenta tanto o *terminus ad quem* que se refere à pergunta sobre *a que nos referimos quando falamos* e com que credibilidade, quanto o *terminus ab quo*, que se refere à pergunta sobre *o que nos faz falar*. É verdade que a linguagem, como um todo, faz a mediação entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, e entre o si mesmo e o eu mesmo. Mas a semiótica, finalmente, também deve perguntar-se: como é essa relação interpretante da língua sobre o real e o social interpretados? Deve ser concebida de forma totalitária: ou como sensibilidade ou como pensamento? Não é possível unificar ambos os termos em sua interdependência?

## UM (DES)ENCONTRO GASTRONÔMICO: ENTRE A RECEITA BURGUESA SOFISTICADA E A CULINÁRIA PROLETÁRIA GROSSEIRA

Neste momento somos levados a refletir sobre como a metalinguagem semiótica desenvolvida por Greimas (1983) aborda o social quando analisa,

em *Du sens II*, o preparo de *soup au pistou* (ou sopa ao molho pesto, em português). Não trataremos da análise impecável das hierarquias e paralelismos de programas narrativos, nosso objetivo é destacar as mecânicas da semiótica estrutural como metodologia para examinar como o objeto de estudo é colocado diante do social-real. Nesse sentido, para construir nosso corpus de estudo, comparemos este tipo de análise vertebrada, na receita mencionada, para o par desejo-prazer com outro tipo de análise vertebrada, no receitar em ação, para o par necessidade-satisfação. Vejamos.

Em “A sopa ao ‘Pistou’ ou a construção de um objeto de valor” (Greimas, 1983, p. 157-169) Greimas analisa um objeto da língua, ou seja, a receita de Henri Philippon no livro *La Cuisine Provençale*. O enquadramento analítico foca nos efeitos de realidade suscitados pelas formas linguísticas próprias do gênero discursivo “receita”. Destaca que a receita não é um mero imperativo, mas a busca para estabelecer um contrato entre dois sujeitos: um emissor modalizado pelo saber-fazer e um destinatário cuja habilidade será transformada, passando de não saber-fazer para saber-fazer. A receita culinária convencional, como objeto de conhecimento, tem o caráter cognitivo de um contrato estável. O destinatário é imaginado como um sujeito capaz de ler e entender a receita, isto é, de reconhecer em cada frase a proposta de subcontratos paralelos e sucessivos que devem ser aceitos e executados para a construção do objeto de valor como um todo. Greimas reconhece três programas narrativos: o PN do dom (realizado pelo emissor), um PN de troca (dentro de um estabelecimento alimentar) e um PN de produção (preparo da receita na prática). Este último envolve a construção do prato como objeto de valor cujo destino é satisfazer um desejo ou uma necessidade. No geral, é um grande programa narrativo de produção graças ao qual o objeto de saber é convertido em objeto de sabor, traçando uma trajetória dos sujeitos desde a dimensão cognitiva até a estética.

Tudo aponta para que o sujeito cognitivo *coloque em prática* suas competências *teóricas* em uma execução não discursiva em sentido estrito: um almoço em família, um jantar a dois, uma refeição para o deleite de alguém. A consideração do fazer persuasivo, na perspectiva de Greimas, relega a um papel secundário a escolha da receita e a intenção comercial do vendedor do livro de receitas. Contudo, a receita, construída neste mesmo programa de produção, pode ter o objetivo de resolver uma necessidade de fome, bem como resolver também um prazer mais contingente do destinatário. Porém, o professor enfatiza: “Como as receitas culinárias, no geral, não são escritas para as pessoas que morrem de fome, podemos reconhecer que o valor transmitido consistirá em uma sensação de sabor eufórica” (Greimas, 1983, p. 153). A pertinência é hedonista, não utilitária. Esta abstração é sintomática. Greimas

(1983) apela a uma ampla dimensão cultural gastronômica para finalmente fixá-la em uma isotopia estética consagrada pelo sujeito DA receita ideal, herdada dos grandes chefs de cozinha e preparada como um prato sofisticado “digno dos deuses”. Neste ponto, o texto da receita, hermético e limitado, é projetado além do PN de troca, ampliando-se em direção a um “código gustativo cultural implícito” (p. 153). Não acreditamos que este aviso tenha sido criado arbitrariamente; pelo contrário, o professor lê atentamente a descrição da receita feita por Henri Philippon:

Soup au Pistou é o mais belo florão da culinária provençal. É a meta vencedora que deixa as pessoas dominadas por uma gulosa admiração. É um prato digno dos deuses . . . Durante muito tempo acreditei que a soup au pistou era de origem genovesa, mas meu amigo Fernand Pouilloin me explicou que era um prato nacional iraniano! Não importa, já que o mundo inteiro a aprecia em Provença, vamos naturalizá-la provençal. (Greimas, 1983, p. 157)

A análise propõe a atualização de um valor abstrato no complexo objeto figurativo denominado “sopa ao pistou”, amostra superlativa de um famoso código cultural gustativo (a culinária francesa). O destaque ou a ênfase na posição estética coloca o objeto de valor, “já conhecido”, na dimensão econômica dos consumos e das suas sanções positivas, não na dimensão da mera produção, caso em que teria sido um destaque ou uma ênfase no poético. Como podemos ver, a análise de Greimas se limita propositadamente ao eixo da comunicação do modelo actancial. A *mise en place*, como dispositivo à mão do executor da receita, indica que a conjunção com os ingredientes *sempre* ocorreu. É um sintoma tradicional do gênero receita: a única coisa relevante é o já consagrado saber-sabor, sem nenhuma problematização do poder; os ingredientes meio que “caem do céu”. É assim que estamos estritamente diante de um contrato de comunicação. Não há nenhuma complicação pragmática que venha de um eixo de poder que afete o sujeito operador em termos de ajuda ou oposição. Nenhuma variável modal de poder é introduzida no programa narrativo do dom. Quais seriam as competências econômicas, entendidas a partir do poder-fazer dos sujeitos que participam do contrato-receita? Que dispositivo pragmático deve ser considerado, do lado “poético”, produtor, quando tanto o consumo quanto a troca, motivados pela receita, são somatizados? O social-real pode continuar sendo metodologicamente suspenso quando determina o que pode ser feito ou não?

Para responder estas perguntas, propomos um objeto de estudo complementar ao da “receita” da sopa ao pistou em que os sujeitos são abstratos, não

atores figurativos, abordados pela prática de leitura que abre o texto. Este novo caminho gastronômico oferece outro tipo de receita, um espetáculo transmitido pela televisão desta vez. Neste âmbito encontramos uma casuística enriquecida diariamente. No Peru, em um contexto de construção da nação através dos produtos culturais como a comida (Cuevas-Calderón, 2016, 2019; Cuevas-Calderón & Demuru 2019), programas de televisão se esforçaram para construir os objetos de valor atualizando não só o código gustativo cultural, mas também o código pragmático monetário em um contexto de condições de trabalho precárias mais próximas do eixo da submissão (obediência: não poder não fazer; impotência: poder fazer) do que do eixo da soberania (liberdade: poder fazer; independência: poder não fazer).

Assim, surgem os formatos televisivos como *20 lucas*, programa apresentado por Mauricio Fernandini, que foi transmitido no Peru entre os anos de 2008 e 2017. O conceito do programa consistia em que Mauricio, com apenas 20 soles (moeda peruana), que equivalia a aproximadamente 6 dólares, devia preparar três pratos populares peruanos que alimentassem quatro pessoas. Enquanto ia ao mercado, ele interagía com personagens urbanos e descobria histórias que orbitavam na atmosfera do espaço popular. O objetivo principal era mostrar que era possível cozinhar com um orçamento limitado e criar pratos populares peruanos. Assim, os ingredientes deixavam de ser atores secundários (“sopa ao pistou”) e se tornavam protagonistas em um processo de barateamento, de redução do seu valor monetário, visando cumprir a tarefa principal do programa.

O apresentador captava a sensibilidade do espectador, fisgava-o com as façanhas de um actante emissor, apresentador, executor, fazendo-o assumir com alegria um papel de destinatário identificado com o herói, esse “guerreiro da casa” manifestado na imagem televisiva como um corpo sensível. Acentuava seus gestos e entonações eufóricas, seus sorrisos em um coro de sorrisos, a música de fundo que iconizava o devir emocional, os cenários urbanos e domésticos. Central, centrípeto, Mauricio, o apresentador, rodeado por colaboradores ou ajudantes, figurativos ou não, imaginava alguém que poderia criar a receita a partir de uma posição economicamente precária. Ia até ele e dizia: “Para você espectador, receptor, proponho um contrato”: conhecendo a ‘sua’ possibilidade limitada, apertada e proletária para preparar o prato, contagio-o com um sentimento de competência, faço-o acreditar que pode fazê-lo. Eu o induzo e o conduzo à ação, obrigo-o a cozinhar, a unir fé, força e esforço, a ‘administrá-los’ seja lá como for para comer bem, ou só comer, com seu mísero salário”. Até aqui a paráfrase.

Não estaríamos mais diante da *construção programada*, planejada de forma impecável como *dom*, do objeto de valor superlativo que desafia o *sujeito* por

autonomasia DA receita, mas diante da *invenção do objeto de valor através de sucessivos ajustes, desajustes e reajustes*, em um espetáculo que abre caminho a um “ritual” de participação, em uma circunstância que põe à *prova* possíveis ajudantes, antiajudantes, adversários e antiadversários, e que desafiam não tanto o sujeito abstrato de uma leitura narrativa, mas os *corpos sensíveis* de uma captura sensível. Assim, na tela, vemos personagens “reais” que precisam improvisar UMA receita que tenha um ar familiar com alguma forma gastronômica fornecida pela respectiva semiosfera. Poderia até ter admitido, em um caso raro, uma invenção total. Neste contexto, o termo “ar familiar” se refere tanto ao jogo de semelhanças das diversas ocorrências que um determinado tipo gastronômico pretende criar como também compreende o tema espacial cotidiano do receptor modelo do prato final: a família, o núcleo ou com parentes e amigos, que podiam participar ou não do programa de TV.

**Figura 2**

Captura de Tela do programa 20 lucas. “PROGRAMA 1 BLOCO 1 parte 1”



Nota. FilmadoraProduction (2008).

Este formato de programa foi muito relevante no Peru e experimentou outras manifestações que, sob a mesma temática, viralizaram no formato digital. No TikTok, pequenos influenciadores como @irchpuchoc criam pratos destacando: “Dia 3/100 cozinhando com 1 sol a mais todos os dias” [sic], “Dia 5/100 cozinhando com 1 sol a mais todos os dias. Hoje, 5 soles” [sic]. Ou seja, quanto mais limitada for a quantidade de dinheiro para preparar o prato, maior é o nível de viralização alcançado. As receitas são listadas nos vídeos curtos do TikTok, como no *post* que acompanha o conteúdo audiovisual. Identificamos algumas dessas pessoas que gravam receitas (consultar Tabela 1):

**Tabela 1***Receitas culinárias feitas por pequenos influenciadores no TikTok*

Perfil do pequeno influenciador no TikTok	@richpuchoc	@vicente.visla	@la.sazn.dmora
Verbatim (mensagem linguística no post)	<p>“Dia 7/100 cozinhando com um sol a mais todos os dias Hoje, Chaufa (um prato de arroz frito do Peru) com 7 soles, ingredientes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Arroz 1/4 (1.00 sol)</li> <li>-Molho de soja pequeno (1.00 sol)</li> <li>-Cebolinha (0.30 sol)</li> <li>-Gengibre (0.30 sol)</li> <li>-Hot dog (1.50 sol)</li> <li>-Frango (2.30 soles)</li> <li>-Ovo (0.60 sol)</li> </ul> <p>#chaufa #richpuchoc”</p>	<p>Ep. 2, Macarrão ao molho rosé, uma delícia!!</p> <p>#cocinacon5soles #vegan #pasta #recetafacil (#cozinhandomcom5soles #vegano #macarrao #receitafacil)</p>	<p>Olha o que você consegue preparar com S/10.00 soles, fácil e econômico, se inscreva para mais vídeos</p> <p>#cocina #recetas #fyp #parati #foryoupage #facil #comidaperuana (#cozinha #receitas #fyp #paravoce #foryoupage #facil #comidaperuana)</p>

Nota. Elaboração própria.

O programa *20 lucas* não é apenas sobre a receita de um prato, mas de “um menu fácil e econômico” por exemplo, ou seja, de um almoço ou uma janta. Assim, o objeto de valor cresce em extensão, mesmo que os meios para esse crescimento tenham diminuído. Cada um desses vídeos mostra o “pequeno influenciador” como um herói intercessor que simula um destinatário desfavorecido e assume a posição actancial de um sujeito ajudante que enfrenta e combate um adversário econômico-social que limita sua capacidade econômica. No fim do programa, na solução, o ajudante consegue o que quer e nós vemos o triunfo do herói. Em *20 lucas*, Mauricio é o apresentador do programa narrativo de base, desenvolve as performances que compartilha com os espectadores do vídeo. Nos programas deste gênero, o cozinheiro se esforça para encenar algo que destaque tanto as limitações econômicas quanto a inventividade e a criatividade necessárias para superar esses constrangimentos, primeiro, no mercado e, depois, na cozinha. A simplicidade da receita é alimentada por uma valorização prática, essencial, utilitária e vantajosa que enquadra o discurso do pequeno influenciador em um contrato que adiciona um componente essencial ao eixo de poder que define este discurso: o caráter comunitário do contrato de participação. Assim, são celebradas a autenticidade popular e a reciprocidade do ajudante que, em seu papel claramente definido, revela o segredo por trás do que não parece possível com a quantidade de dinheiro mencionada no começo do vídeo. *20 lucas* se junta aos programas culinários desse tipo.

Nesta família de programas audiovisuais, o contrato cognitivo é determinado pelo contrato pragmático, enquanto na *Sopa ao Pistou* acontece o contrário. Portanto, a receita não é algo *a priori* já feita, colocada à disposição de uma instrução-construção limpa, mas algo que é feito aos poucos, que cai e suja, que pode ser interrompida a qualquer momento durante um processo de obtenção-invenção que só será conhecido *a posteriori*. Quem está fazendo a receita deve obedecer às difíceis circunstâncias, sob o risco de cair na incapacidade. Neste contexto, o objeto monetário, mediador modal, não está na atmosfera narrativa de um sujeito soberano como a que Greimas analisou, mas na de um sujeito sensível submetido a complexas condições de produção.

A modalização do poder e a interação por ajuste determinam a competência pragmática que, finalmente, é acoplada a uma competência cognitiva em um percurso sensível captado na ação e não em uma leitura narrativa enciclopédica distante. Em outras palavras, é porque existe uma textualidade social, uma força produtiva limitada a certas condições econômicas e a certas relações sociais de trabalho pressupostas, que são colocadas em cena interações sociais “emocionantes” que culminam em uma “façanha” cotidiana. Parafraseando: “graças aos meus ajudantes da TV, posso continuar comendo com o pouco dinheiro que ganho”. Nos bastidores, a valorização da força de trabalho, a celebração de um contrato enunciativo e a preparação do prato estão escondidas através de um “ajuste” já programado no roteiro. Justamente em termos de trabalho, Mauricio, o *influenciador*, como apresentador de um tipo de *reality show*, é um *Jano bifrons*. Um dos seus rostos está virado para o interesse concreto de uma população que demanda ideias para cozinhar de forma barata e fácil, e o outro rosto está virado para o interesse dos diretores do canal de televisão que demandam programas com uma boa audiência. É, então, um típico intercessor que atua na lógica do “entre”.

Sua arte consiste em defender a interdependência harmoniosa do canal e seus espectadores. É um radical a favor do ponto de vista dessa relação, os interesses dessa interdependência para ele vêm em primeiro lugar; antes mesmo dos próprios interesses de cada um dos termos (canal e espectador). Assim, com a sua unidade móvel, vai aos mercados para colocar em cena alguns vantajosos contratos de venda que, graças a eles, “diverte” os espectadores colocando-se no lugar de um comprador virtual que insinua não concordar com o preço dos ingredientes, visando negociar e baratear as reivindicações do vendedor. Que, resumindo, pratica esse esporte, tão crioulo, de negociar antes da estipulação e da troca comercial. No antigo conceito de comércio, todos os seres vivos eram atores: o comércio era *comer se* a ocasião se apresentasse.

Então, a análise das receitas gastronômicas modelo e das receitas com um ar familiar revela profundidades e complexidades diferentes. A receita-modelo

é feita como a transmissão tranquila de um dom, isto é, como uma atribuição cognitiva. Enquanto isso, o prato resultante das receitas comandadas pelos “pequenos influenciadores” é mais um em uma família de pratos que se assemelham e que apontam, por exemplo, para o formato de talharim ao pesto. Mas não aparece como um dom tranquilo, e sim como uma prova (ou luta) com as condições sociais reais convertidas em *reality show*, uma prova (ou luta) configurada a partir de uma tensão entre carências (desapropriações) e conquistas (apropriações). É moldado, assim, um objeto de valor modalizado por uma gradação monetária direta: mais dinheiro → mais facilidade; menos dinheiro → menos facilidade. No entanto, estas implicações podem ser rompidas por uma concessão contrária que abriria o campo do que seriam as façanhas do herói: mesmo com menos dinheiro, mais facilidade.

Neste ponto, os sistemas de símbolos da sociedade são interpretados por uma língua que deve omitir a complexidade do social. Além de afirmar que o social é um oposto da língua, destacamos o risco de reduzir sua multidimensionalidade para uma bidimensionalidade plana, quando se trata de “realidades” mais e mais complexas, e muitas vezes intangíveis.

#### **PARA CONCLUIR: DESVIO ANIMISTA EM DIREÇÃO AO SOCIAL-REAL**

Vivemos atualmente no meio de uma crise de sensibilidade, uma crise de relações com os vivos, uma “extinção da experiência da natureza” (Morizot, 2023). Por isso, o mito do selvagem que não tem consciência semiótica, imaginação teórica ou competência para a pesquisa é desmascarado “de baixo”. O social-real aparenta ser o pressuposto necessário de algumas realidades sociais e históricas severamente estereotipadas pelos aparelhos de poder. Estas realidades ideológicas, com a sua multiplicidade de práxis enunciativas e efeitos de sentido metralhando por toda parte, escondem o “real”, confinando-o como a causa social oculta dos efeitos de sentido. Nessa cartografia, embora não tenhamos acesso ao social-real, podemos representá-lo e assim abordar, fenomenologicamente, os seus efeitos de sentido, mas não a causa do seu sentido. As representações resultantes aparecem como formação discursiva potencial do social (Althusser, 1974). Entretanto, “o vivo não é descrito nem representado, é coreografado. Exige, tempestuosamente, a sua sintaxe” (Morizot, 2020, p. 336).

Em uma perspectiva metodológica, a práxis enunciativa instala o dito em um discurso e descarta o não dito. Tanto um quanto o outro têm sentido e significado: o dito abre caminho para a atualização e para a realização; o não dito, ainda que permanece na memória, conecta com a potencialização; o não dito, ainda que caia no esquecimento, conecta com a virtualização.

Em *De l'imperfection* (Greimas, 1987), o advento e rejeição da *realität* (em si) são contrastados com a *Wirklichkeit* alemã, entendida como uma realidade para si, ou seja, validada ou interpretada pelo sujeito. Neste sentido, o social não ocorre nas causas, apenas atravessa e é atravessado pelos efeitos de sentido; mas permanece no horizonte, virtual, fora do enquadramento teórico da práxis enunciativa, que afeta como afetaria qualquer construção ou invenção da realidade.

Do social-real, virtual ou anterior a qualquer práxis, especialmente a enunciativa, a vitalidade abunda, brota energia, a gênese de todas as práxis possíveis permanece em ação. A social-realidade, potencializada pelas formações discursivas e regida pelas práxis axiológicas e ideológicas na sua atualização, permanece tensa entre o dito (singular) e o não dito (sem lugar). O não dito sempre excede o dito; o real e o social, referências ilimitadas na sua extensão, *dão origem* à formação discursiva que enuncia (e legisla) a realidade social.

Além de tudo isso, produzir A história é reivindicar interesses particulares como se fossem universais. Desta forma, esses narradores não só garantem o seu domínio social, ou o daqueles que representam, mas também o fazem de forma que este domínio não seja manifestado. O mito é civilizado com a história narrada *na sociedade*, quando a legislação manda registrar, imprimir, divulgar, domina e amplia uma versão *sem versus* (e muitas vezes sem vergonha). Assim, como se vê na Figura 3,

**Figura 3**

*Oposições substanciais*

<b>Nuda vida</b>	←→	<b>Forma de vida</b>
<b>Zoé</b>	←→	<b>Bíos</b>
<b>Social-Real</b>	←→	<b>Social-Realidad</b>
<i>Physis, emergencia generativa</i>		<i>Logos, convierte lo social en prácticas</i>

Nota. Elaboração própria.

Morizot (2023) nos convida a ser cautelosos e lembra nossa cosmologia herdada da modernidade naturalista que inventou o conceito de “Natureza” inaugurando as primeiras relações desconsideradas com o mundo<sup>1</sup> pelo lado da vida nua, e com os humanos, pelo lado da forma de vida. A antropogênese, devir humano dos vivos, é o produto da operação ontológica por excelência, a que transforma a metafísica em estratégia para ir além (*meta*) e superar a *physis* (física) animal, identificada com o simples fato de viver (relegado ao *oikos* privado) na direção da história humana, identificada com a vida politicamente

<sup>1</sup>“A humanidade, na minha opinião, nunca tinha inventado antes uma ideia tão maluca” (Morizot, 2023, p. 309).

qualificada (tornada pública na *polis*). Mas esse grande gesto ontológico humanizador é, agora, questionado pelas formas de vida animistas das etnias indígenas. “A essência da relação animista – ou seja, não moderna – com outras formas de vida é a consideração. A essência da relação moderna, tal como foi inventada por aqueles que inventaram a ideia tardia de ‘Natureza’ é, pelo contrário, a *inutilidade* das considerações em direção aos vivos e aos não humanos: sua irracionalidade . . . matéria desprovida de sensibilidade e significados próprios, como reserva de recursos a que recorrer, a natureza é aquilo diante do que resulta irracional e infantil ter considerações” (Morizot, 2023, p. 308).

A partir dessa ressalva, não equiparamos *Physis* com essa “natureza” mecanizada, desanimada, desencantada, dominada, organizada e submetida sem considerações, mas com o tecido de interdependências dos vivos, que nos inclui. Além disso, é preciso dar um novo significado ao *Logos* na perspectiva de considerações ajustadas com a revelação do vivo. Desta forma, compreende-se melhor como, através da ideologia, a legislação da social-realidade superestabiliza os seus estatutos jurídicos emanados dos aparelhos de poder e ignora o potencial conflito de pontos de vista latentes no social-real vivo. Posicionar-se é o próprio gesto de passar do social-real, descartado como “externo”, para o tempo histórico, para a realidade social historicamente temporalizada. Esta construção de realidade, desconsiderada com o vivo, é a única coisa “real” das instâncias do poder político. Limite e interface, respectivamente. O afeto semiótico ajustado, captado, cativado pelo real, desde outra posição, percebe e lê outros efeitos de sentido no mundo. Portanto, torna o sentido uma realidade considerada e que respeita o tecido da vida. Se a linguagem é um evento que constitui a vida e não apenas um instrumento contingente, se admitimos que, como vivos, somos *de linguagem*, então como não considerar o real como linguagem? Como não fazer/dizer *alguma coisa* outra vez aos animais, à terra? A semiótica padrão coloca o “real” entre aspas como aquilo que *nos toca* mas que *não se toca*. Zilberberg, por sua vez, entende que em todo valor existe uma interseção “mística” entre uma valência intensiva e uma valência extensiva<sup>2</sup>. Ele volta às aspas para aludir ao contato formidável que ocorre, na própria essência do valor, entre afeto e cognição, entre o eu profundamente escuro e sua fulguração superficial. Fica pendente, para uma reflexão posterior, continuar levantando estas questões, seja para resolvê-las, seja para dissolvê-las. ■

<sup>2</sup> “A *interseção*, como regra que constitui o objeto [semiótico], proporciona à análise e à definição que o resume uma complexidade que deve ser desvendada. A interseção “mística” da intensidade e da extensão na [S] possibilita que a análise proponha [s1] e [s2] como quem define a [S]” (Zilberberg, 2015, p. 27). Nos termos deste trabalho, o objeto de valor equivale ao objeto [S], que é resolvido em [s1 + s2].

## REFERÊNCIAS

- Althusser, L. (1974). *Ideología y aparatos ideológicos del Estado*. Siglo XXI.  
Benveniste, E. (1976). *Problèmes de linguistiques générale*. Gallimard.

- Cuevas-Calderón, E. (2016). Marca Perú: ¿una nación en construcción? *Contratexto*, 25(1), 95-120. <https://doi.org/10.26439/contratexto2016.n025.653>
- Cuevas-Calderón, E. (2019). En búsqueda de la peruanidad perdida. In Cánepa Koch, G. & Chávez Lossio, F. (eds.), *La nación celebrada. Marca país y ciudadanías en disputa* (pp. 141-159). Universidad del Pacífico, Pontificia Universidad Católica del Perú y CRIC.
- Cuevas-Calderón, E., & Demuru, P. (2019). Imágenes de la nación y nuevo populismo entre Brasil y Perú: Una mirada sociosemiótica-discursiva. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* 16(1), 169-179. <https://doi.org/10.55738/alaic.v16i30.524>
- Eco, U. (1999). *Kant y el ornitorrinco*. Lumen.
- FilmadoraProduction. (2008, 19 mayo). *20 LUCAS PROGRAMA 1 BLQ 1 parte 1* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=0K3-Z162DHM>
- Greimas, A. J. (1970). *Du sens. Essais sémiotiques*. Éditions du Seuil.
- Greimas, A. J. (1983). *Du sens II. Essais sémiotiques*. Éditions du Seuil.
- Greimas, A. J. (1987). *De l'imperfection*. Pierre Fanlac.
- Greimas, A. J. (2014). *Analyse sémiotique d'un discours juridique. La loi commerciale sur le sociétés et les groupes de sociétés*. Guaraldi.
- Greimas, A. J., & Courtés, J. (1979). *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Hachette.
- Greimas, A. J., & Courtés, J. (1986). *Semiótica. Diccionario razonado de la teoría del lenguaje. Tomo II*. Gredos.
- Greimas, A. J., & Fontanille, J. (1991). *Sémiotiques des passions. Des états de choses aux états d'âme*. Éditions du Seuil.
- Landowski, E. (1989). *La société réfléchie. Essais de socio-sémiotique*. Éditions du Seuil.
- Morizot, B. (2023). *Maneras de ser viviente*. Isla Desierta.
- Zilberberg, C. (2015). *La estructura tensiva*. Universidad de Lima.

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.



# Urgência e emergência no capitalismo comunicacional ou repensando a importância do reconhecimento

## *Urgency and emergency in communicational capitalism or rethinking the importance of recognition*

JOSÉ LUIZ AIDAR PRADO<sup>a</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo – SP, Brasil

### RESUMO

No mundo da hiperatividade neoliberal do capitalismo comunicacional, a mediação em rede traz o imperativo semiótico de produtividade que pede impacto social e atenção a capitalizar. Em relação à modernidade há déficits e excessos. Habermas tentou tratar essa crise a partir do dualismo sistema/mundo da vida e da pragmática universal. Honneth fez a crítica de Habermas a partir da teoria do reconhecimento. Os movimentos de reconhecimento sucederam as lutas capital/trabalho, centrando-se na luta política a partir da construção de identidades. Fraser propõe tensão entre reconhecimento e distribuição. Safatle mostra o déficit de negatividade na crítica de Honneth. A questão hoje é repensar o reconhecimento em cruzamento com o acontecimento, de modo a não naturalizar a cooperação, mas pensando a negatividade para criação de novos mundos, como em Safatle e Badiou.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo, capitalismo comunicacional, circuito dos afetos, reconhecimento, acontecimento

### ABSTRACT

In the world of neoliberal hyperactivity of communicational capitalism, network mediatization brings the semiotizing imperative of productivity that demands that social impact and attention be capitalized. Modernity has deficits and excesses. Habermas tried to address this crisis based on system/lifeworld dualism and universal pragmatics. Honneth criticized Habermas based on the theory of recognition. Recognition movements followed the capital/labor struggles, focusing on a political struggle based on constructing identities. Fraser proposes the tension between recognition and distribution. Safatle shows the deficit of negativity in Honneth's

<sup>a</sup> É psicanalista e professor no Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É doutor pela PUC-SP, mestre pela Universidade de São Paulo (USP) e bacharel em filosofia pela USP. Foi vice-presidente da Compós e membro do comitê de avaliação do CNPq. É autor de *Habermas com Lacan e Convocações biopolíticas nos dispositivos comunicacionais*. É coautor de *Comunicação em rede na década do ódio e de Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional*, além de organizador de duas hiper mídias: *A invenção do Mesmo e do Outro na mídia semanal* e *Regimes de visibilidade em revistas*. É editor consultivo da revista *Galáxia*. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9540-7115>. E-mail: [aidarprado@gmail.com](mailto:aidarprado@gmail.com).

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p221-235>

V.18 - Nº 3 set./dez. 2024 São Paulo - Brasil JOSÉ LUIZ AIDAR PRADO p. 221-235

MATRIZES

221



# D

## Urgência e emergência no capitalismo comunicacional ou repensando a importância do reconhecimento

criticism. The task nowadays involves rethinking recognition in conjunction with the event, so as not to naturalize cooperation, but thinking negativity to create new worlds, as in Safatle and Badiou.

**Keywords:** Neoliberalism, communicational capitalism, circuit of affections, recognition, event

### INTRODUÇÃO

**O** MODO DE PRODUÇÃO atual se apoia na superprodução semiótica imaterial, que investe os textos em movimento, articulando várias matrizes de linguagem: a sonora, a visual e a escrita. Trata-se da criação de um ambiente artificial em que a cultura é a nova natureza e em que a vivência corporal é convocada pelos dispositivos a partir de todos os sentidos. Em termos do consumidor, trata-se de convocá-lo ao gozo (*jouissance*). Se o gozo escorregar de uma ponta a outra da superfície gozante, produzindo dor, o sistema oferece substâncias e tratamentos específicos a partir dos diagnósticos de transtornos localizáveis pelos tecnólogos da saúde.

As figuras empreendedoras são inúmeras nas redes: influenciadoras explicitam como funciona um aparelho ou como fazer e como saber fazer um procedimento, outras vezes a celebridade se constrói pelo humor, pela união no sofrimento, num desafio específico, em torno de uma crença, de uma jornada, do humor ou do ódio. Os enunciadores nos convocam o tempo todo para ouvirmos as suas novas, as boas receitas, aquilo que falta para nos tornarmos pessoas “a mais”.

A ação da modernidade era verticalizada (de um para todos) e buscava agendar seus públicos, tendo dado lugar, com a internet, a uma midiáticação de alta circulação<sup>1</sup> de textos, com movimentos multidirecionais, fazendo com que os enunciadores se multiplicassem. Podemos hoje falar em dispositivos multidirecionais hipermediáticos em rede. Diz Letícia Cesarino (2022, p. 105): “visões lineares de progresso modernista são assim deslocadas por horizontes temporais não lineares: messiânicos, milenaristas, apocalípticos, regressivos”. Para isso ocorrer, contribuíram o desenvolvimento midiático, a criação do público de consumidores pelo sistema de publicidade e marketing (Fontenelle, 2017), o desenvolvimento dos transportes, a financeirização e a transformação do dinheiro em algo imaterial etc. Com isso, “o espaço-tempo das novas mídias vai no sentido contrário ao da infraestrutura sociotécnica que sustentava a democracia liberal e o sistema de peritos moderno” (Fontenelle, 2017).

As transformações no contexto do capitalismo, em suas fases ou espíritos (Boltanski & Chiapello, 2009), também afetaram a constituição dos sujeitos,

<sup>1</sup> Sobre a midiáticação capitalizadora na era das redes, ver Prado (2020, 2022).

que, se permanecerem os mesmos, se tornam invisíveis e desprestigiados (lixo). Para não deixar de gerar atenção, para continuar se capitalizando como agente aparente do sistema, o sujeito deve inovar, continuar gerando atenção, produzindo mais-valor-de-signo. Segundo Cesarino, quando “a temporalidade de crise faz hábito degenerar em adicção, instala-se uma dinâmica involutiva similar à do sistema econômico mais amplo: o sujeito deve estar sempre se atualizando *apenas para conseguir continuar no mesmo lugar*” (Cesarino, 2022, p. 106). Se o sujeito não se aperfeiçoa, ele retroage, seu perfil mingua, pois ele precisa sempre criar novidade, atenção, informação. Além disso, ele nunca emerge sozinho, mas sempre dentro de grupos, os públicos-em-rede. Cada um é chamado a hiperindividualizar-se, mas sempre dentro de um hiperrelacionalismo, da hiperconexão, da hiperatividade: “o que parece paradoxal do ponto de vista do modelo pré-digital de sujeito é funcional nos termos do cronotopo fractal da atual infraestrutura cibernética” (Cesarino, 2022, p. 107).

As redes são hoje o império do dispositivo da hiperconectividade. O dispositivo é uma formação foucaultiana que inclui rituais, práticas que apelam às ações dos indivíduos dentro de um mundo imaginário. Atualizando Althusser: as ideias se inserem nesses imaginários, por meio de práticas regidas por rituais materiais definidos pelos dispositivos que fazem circular discursos concorrentes. No mundo mediatizado do consumo sutura-se o vazio da linguagem e o discurso aponta para a possibilidade de um gozo pleno, metaforizado em realização dos agentes no consumo total. Os consumidores são instados a buscar objetos de satisfação sem cessar. O agente narcísico, para existir, precisa de uma série de objetos e tratamentos variados, euforizados numa relação social de consumo, em que os valores são discursivizados pelos engenheiros de signos e de discursos nos vários mundos (da saúde, do esporte, do trabalho, incluindo jornalistas, psicólogos de autoajuda, cientistas de fármacos, fisioterapeutas de corpo-total bombado, médicos etc.).

Para Althusser, o discurso invoca os falantes concretos, recrutando-os e interpelando-os no meio do mundo, para que se tornem seus apóstolos: seja meu seguidor para se tornar o sujeito de sucesso no topo do *reality show* da vida. Esse funcionamento ideológico *recruta* agentes, entre os indivíduos, pela *interpelação*. O exemplo que ele dá para explicar a interpelação é: o policial grita “Ei, você aí!”. Quando o interpelado se volta para responder ao policial, quando gira o corpo 180 graus, se torna *sujeito* desse discurso. Laclau fala em posições de sujeito, criadas pelos discursos. O sujeito é quem reconhece que o chamado se dirige a ele. Diz Althusser (1974, p. 100): “A existência da ideologia e o chamamento ou interpelação dos indivíduos como sujeitos são uma única e mesma coisa”.

# D

## Urgência e emergência no capitalismo comunicacional ou repensando a importância do reconhecimento

A comunicação nesse capitalismo neoliberal está para além da linguagem ordinária, surgindo tecnicamente formatada nos meios sistêmicos, visando a autorregulação dos subsistemas capitalistas, atuando principalmente pela tecnicidade dos códigos: o código marca a realidade contingente e caótica dos sistemas, criando diferenças que organizam os elementos. A *diferença* é fundamental nesse sistema. Como diz Gabriel Cohn (2001, p. 42),

a forma econômica da sociedade da informação é capitalista. Mas o modo pelo qual ela se produz e se reproduz está *sobredeterminado* pelo exercício cada vez mais pleno da capacidade mais peculiar e mais intrínseca à informação, que, como o termo já anuncia, é precisamente a de *imprimir forma*.

Isso ultrapassa “de longe a capacidade de moldar percepções e representações individuais” (Cohn, 2001, p. 42) e foi introduzido com as tecnologias de informatização/digitalização. O algoritmo potencializou esse imprimir forma.

O capitalismo transnacional, informacional ou comunicacional lida com a complexidade, transformando as demandas do mundo da vida em questionamentos parciais, lidos como carregando pretensões de reformas localizadas, sob a ação de reengenharia digital, pretensões passíveis de atendimento segundo ordens racionalizadas de prioridade e segundo os riscos e/ou perigos que tragam para a ordem sistêmica. Para o sistema, o mundo da vida transformou-se em ambiente das sociedades modernas. A mediação atua, nesse sentido, como um conjunto de subsistemas interligados que expõe esses riscos e atua como organizadora e debatedora de agendas, convocando para certas posições de sujeito diante de discursos em disputa, em busca de hegemonia em tribos específicas e eventualmente construindo cadeias equivalenciais que operam sobre as diferenças. Hoje, o que se chamava de *agenda setting* não é mais construído somente dentro das redações dos veículos de comunicação, mas dentro do escritório de celebridades, grupos de interesse, ONGs, agências e outros conjuntos que produzam atenção nas redes. As antigas mídias jornalísticas ainda existem, mas são apenas alguns entre os muitos lugares de produção e circulação de discursos, e precisam ficar atentas aos fluxos de comunicação multidirecionais que produzem diferença, adesão e atenção.

Os subsistemas especuladores, produtores, criadores (em publicidade, arte, cinema, televisão), políticos e financeiros não sobrevivem, nessa sociedade capitalista de alta complexidade, sem os aportes dos “analistas simbólicos” (que poderíamos dizer analistas sistêmicos) no mundo tornado “comunicacional”. Analistas simbólicos, no sentido de Robert Reich (1994), são técnicos em redes de circulação (mercados, bolsas de valores etc.). São tecnólogos do discurso, no sentido de Fairclough, que operam nos mercados de saberes, como diz Lacan (2008).

## A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA E A PRAGMÁTICA UNIVERSAL

A tradição hermenêutica buscou enfrentar aquilo que Habermas tratou como o poder dos sistemas autogeridos em sua colonização da linguagem do mundo da vida. Ele tentou nos anos 1980, talvez num último esforço de sustentar a racionalidade moderna, operar com a tensão estrutura × ação dos falantes a partir da discussão sistema/mundo da vida (*Lebenswelt*), ao postular a *Teoria do agir comunicativo* (2012). Habermas reorientou o paradigma marxista para o da ação comunicativa, em que a condição para o progresso social não está estabelecida pelo trabalho, mas pela interação social. Habermas desenvolve uma pragmática da linguagem que tem de esclarecer quais são as condições normativas que constituem o potencial da racionalidade da ação comunicativa. O poder dos sistemas autogeridos se converteu em ameaça para as potências comunicativas do mundo da vida. A linguagem sistêmica coloniza a cultura e reduz a potência da comunicação cotidiana. A força desagregadora dos meios dinheiro, influência e poder burocrático entram na cultura cotidiana, desintegrando o potencial para o entendimento comunicativo.

A sociedade como sistema visa o controle não normativo das decisões, ou seja, a integração sistêmica da sociedade. Sob esse aspecto são enfrentados problemas de preservação dos subsistemas econômico e político. A sociedade enquanto mundo da vida enfrenta os problemas de integração social, ou seja, das estruturas simbólicas ou normativas da sociedade, que se reproduzem também nos dois níveis: de sistema e de mundo da vida. Ao reproduzir-se como sistema, predominam as ações racionais com relação a fins (busca de alvos estratégicos, comparação de alternativas, construção de sistemas automáticos e capazes de resposta etc.); como mundo da vida a sociedade reproduz-se enquanto cultura/instituições normativas/personalidade dos agentes, ou seja, do ponto de vista simbólico, participante. Aqui, o modo racional é o da ação comunicativa, em que os agentes não buscam fins estratégicos, mas o entendimento, mesmo que parcial, de situações problemáticas no cotidiano dos actantes.

Esse livro de Habermas permanece, entretanto, sem explicar como se conectam essas duas “partes” da sociedade, sistema e mundo da vida. Em um livro posterior, *Facticidade e validade* (2021), ele altera o modelo de relação entre sistema e mundo da vida, propondo a metáfora das eclusas. Os processos de comunicação e de tomada de decisão em sistemas constitucionais se estabelecem ao longo de um eixo centro-periferia, sendo estruturados por uma espécie de sistema de eclusas e envolvem dois modos de solução de problemas.

Na modernidade havia a expectativa de que decisões coligadas, para serem legitimadas, deveriam ser conduzidas pelos fluxos de comunicação que começam na periferia e passam pelas eclusas dos procedimentos constitucionais e

# D

## Urgência e emergência no capitalismo comunicacional ou repensando a importância do reconhecimento

democráticos situados na entrada do complexo parlamentar ou dos tribunais. Mas, a julgar por nossa realidade dos últimos anos, não se pode desconsiderar que muitas decisões se devem ao poder do complexo administrativo, que se tornou independente, ou mesmo ao poder parlamentar, impulsionado pelos *lobbies* do mercado, das elites financeiras e dos grupos reacionários e mafiosos, tudo circulando nas redes.

Esse modelo idealizado europeu binário coloca de um lado os agentes socializados, pertencentes às organizações e instituições da sociedade civil, e de outro os subsistemas socioeconômicos e políticos, havendo entre os dois um fluxo. Os conflitos surgidos no mundo da vida nem sempre são absorvidos e devidamente contemplados pelo sistema. Com o aparecimento da internet, as eclusas foram tornadas minimalizadas a partir dos dispositivos da rede, fazendo com que demandas do mundo da vida cruzem o tempo todo com as operações sistêmicas. Os algoritmos, por exemplo, sensoriam o tempo todo as demandas vindas do mundo da vida para processá-las em tempo real e responder a elas como demandas de consumo.

### A SOCIEDADE DO DESPREZO

Honneth (2011) fez a crítica de Habermas a partir de sua teoria do reconhecimento. Os movimentos de reconhecimento sucederam as lutas capital/trabalho, as quais passaram a conviver com os primeiros, centrando-se na luta política a partir da construção de identidades. Sua crítica da teoria da ação comunicativa de Habermas é feita a partir de uma retomada dos déficits da teoria crítica dos autores da primeira e segunda gerações da dita “Escola de Frankfurt”. A teoria deve refletir tanto sobre seu surgimento em uma experiência pré-científica, dentro dos mundos da vida concretos, quanto sobre seu uso em uma prática futura. Deve aparecer aí o interesse emancipatório enraizado na própria realidade social, ligado às populações.

A segunda geração da Escola de Frankfurt, cuja figura mestra é Habermas, representa um movimento de abertura diante do negativismo anterior, trazendo novo acesso a uma esfera emancipatória da ação. Habermas falava numa colonização do mundo da vida pelo sistema, o que trouxe de volta para a teoria crítica o negativismo, mas indicando onde estava o potencial humano em perigo. O problema de Honneth é: que experiências assumem, na teoria de Habermas, o papel de testemunhar cotidianamente a crítica, antes de toda teoria científica? Para Honneth, nesse ponto se abre um abismo na teoria da ação comunicativa. Habermas deduz, mediante a pragmática universal, quais são as justificações normativas que contêm o processo da interação social. Segundo essa pragmática,

as regras linguísticas que servem de base para a ação comunicativa estabelecem um entendimento livre de poder.

A questão que se coloca é: a que experiências morais concretas corresponde essa crítica na realidade social? Para Honneth, os sujeitos implicados percebem seu ponto de vista moral não como restrição das regras linguísticas, mas como uma lesão de pretensões de identidade adquiridas na socialização. A motivação pelo comportamento de protesto social não se baseia em princípios de moral formulados positivamente, mas na experiência de violação de ideias de justiça dadas intuitivamente nos vários grupos sociais, justamente aqueles cujas demandas só chegam aos governantes quando ganham visibilidade nas redes ou chegam por alguma via aos congressistas, pois os lobbies só atendem a quem dispõe dos meios sistêmicos de comunicação, ou seja, poder, influência ou dinheiro. A proposta de Honneth é considerar a aquisição de reconhecimento social como condição normativa de toda ação comunicativa: os sujeitos se encontram no horizonte de expectativas mútuas, como pessoas morais buscando reconhecimento. Com isso, acontecimentos da vida cotidiana podem ser considerados injustiça moral, sempre que faltar reconhecimento para as pessoas afetadas. Para Honneth, as experiências morais desse tipo são da ordem do desprezo social. Assim, o paradigma da comunicação da teoria crítica passa não mais a concentrar-se na teoria linguística, mas na teoria do reconhecimento. Os sentimentos de injustiça acompanham formas estruturais de desprezo.

Para construir esse deslocamento, Honneth considera três formas de reconhecimento que são condições comunicativas de uma formação exitosa da identidade: o afeto emocional em relações sociais íntimas como amor e amizade (que gera a autoconfiança), o reconhecimento jurídico como membro responsável por seus atos (que gera o autorrespeito) e a solidariedade, ou apreciação social das capacidades individuais (que gera a autoestima).

### **REDISTRIBUIÇÃO OU RECONHECIMENTO?**

Mas será viável reduzir todo déficit social como sendo de reconhecimento? Nancy Fraser (Fraser & Honneth, 2006) se contrapôs a isso, propondo a tensão entre reconhecimento e distribuição. Para ela, as reivindicações de justiça social se dividem nas de redistribuição, que defendem uma distribuição mais justa dos recursos e da riqueza e nas de reconhecimento, que defendem maior aceitação das diferenças, melhor integração das minorias. Aí fica a disjunção: redistribuição ou reconhecimento? Social-democracia ou multiculturalismo? Redistribuição provém da tradição liberal, com John Rawls e Ronald Dworkin. Reconhecimento provém da filosofia hegeliana, designando uma relação recíproca ideal entre

# D

## Urgência e emergência no capitalismo comunicacional ou repensando a importância do reconhecimento

sujeitos. O reconhecimento implica uma tese crítica ao individualismo liberal: as relações sociais são anteriores aos indivíduos e a intersubjetividade é anterior à subjetividade. Os neohegelianos consideram a redistribuição individualista e consumista, enquanto os distributivistas consideram o reconhecimento portador de uma carga comunitária inaceitável. Os pós-estruturalistas criticam o reconhecimento como portador de assunções normalizadoras centradas na subjetividade, que impedem uma crítica radical (veremos mais adiante nesse ponto a crítica de Safatle).

Fraser parte da ideia de redistribuição e reconhecimento como paradigmas populares encabeçados por movimentos sociais concretos, ao buscar soluções para injustiças. Em geral, a política de redistribuição se associa a uma política de classe, enquanto a de reconhecimento se associa a uma política da identidade (lutas de gênero, sexualidade, etnia). Fraser não vai embarcar nisso. Vários autores progressistas têm feito críticas às políticas baseadas na identidade, entre os quais Butler, Haider e Safatle. Fraser considera as duas vias como perspectivas sobre a justiça social.

A tese de Fraser é que todos os eixos de subordinação devem ser considerados híbridos, ou seja, suportam problemas de distribuição e reconhecimento. *A reparação das injustiças nesses casos exige tanto redistribuição como reconhecimento*. Fraser desenvolve uma concepção bidimensional de justiça, integrando redistribuição e reconhecimento a partir da noção de *paridade de participação*. Para que a paridade seja possível, a distribuição dos recursos materiais deve garantir a independência e a voz de todos os participantes (condição objetiva da paridade). Por outro lado, é preciso que os padrões institucionalizados de valor cultural garantam igualdade de oportunidades a todos os participantes de modo a se conseguir estima social (condição intersubjetiva).

Fraser propõe um *dualismo perspectivista*. Aí redistribuição e reconhecimento não correspondem à economia e à cultura, mas constituem duas perspectivas analíticas que podem assumir-se em relação a qualquer domínio. Com isso se pode avaliar a justiça de qualquer prática social, perguntando: a prática em questão serve para garantir tanto as condições objetivas como as subjetivas da paridade participativa? Ou as debilita? Que normas e reformas podem melhorar as injustiças de status e de classe ao mesmo tempo? (Fraser & Honneth, 2006, p. 71) Que estratégia política pode integrar de modo satisfatório a redistribuição e o reconhecimento, atenuando também as interferências mútuas que possam surgir quando se busca alcançar ambos os objetivos conjuntamente? Como eliminar o que impede a paridade participativa?

Fraser propõe distinguir duas estratégias gerais para remediar a injustiça: *afirmação e transformação*. Ambas transcendem a divisão entre redistribuição

e reconhecimento. As estratégias afirmativas para reparar injustiças tentam corrigir os resultados desiguais dos acordos sociais sem tocar nas estruturas sociais subjacentes que os geram. As estratégias transformadoras buscam corrigir os resultados injustos reestruturando o marco gerador subjacente. Enquanto a afirmação se foca nos *resultados*, a transformação aborda as *causas últimas*.

### AS CRÍTICAS DE SAFATLE

Até aqui abordamos a tradição hermenêutica e crítica. Mas há outra forma, a pós-estruturalista, de abordar tais questões, com incidência no modo pelo qual a comunicação é examinada. Safatle faz críticas tanto a Fraser como a Honneth. Ele opera ainda com a teoria do reconhecimento, mas para além da dicotomia entre redistribuição e reconhecimento. Primeiro vejamos as críticas a Fraser. Para ele, essa discussão sobre as relações entre redistribuição e reconhecimento reduz a reflexão

sobre a natureza das relações sociais a dois campos: a cultura e a economia. No entanto há de se acrescentar a política como campo autônomo, porque talvez nunca sejamos capazes de separar cultura e produção de identidades defensivas (como esperam, cada uma à sua maneira, Nancy Fraser e Judith Butler), mas devemos avaliar a possibilidade de afirmar que a política nasce através da atualização de algo que poderíamos chamar de “potência de despersonalização” que sobe à cena da vida em comum, levando os sujeitos a não falarem mais como se fossem portadores de identidades e interesses particulares. (Safatle, 2015, p. 353)

Como então lidar com a noção de identidade? Safatle (2015, p. 355) fala de um uso estratégico dela, na medida em que

a consciência da vulnerabilidade (de grupos historicamente despossuídos) é um estágio necessário para reposicionar a sociedade em uma situação na qual a indiferença às diferenças culturais não seja impossibilitada pelo peso da violência que se perpetua contra grupos específicos. Nesses casos podemos falar de um uso ‘estrategicamente provisório’ da noção de identidade.

A entrada da política na discussão é importante e lembra o conceito de povo em Laclau (2013), quando ele fala da constituição do povo a partir de cadeias de equivalências que diminuem a carga diferencial das posições no campo discursivo, construindo uma oposição ao bloco do poder. Diz Safatle (2015, p. 357):

# D

## Urgência e emergência no capitalismo comunicacional ou repensando a importância do reconhecimento

há política quando o “povo” não é raça ou a população, os “pobres” não são a parte desfavorecida da população, os “proletários” não são o grupo de trabalhadores da indústria, mas sujeitos que não se deixam inscrever como parte da sociedade, que não se deixam comensurar por uma lógica gestonária da vida social.

Em relação a Honneth, Safatle (2015, p. 285) mostra o déficit de negatividade da teoria do reconhecimento, partindo do “vínculo indissociável entre política e produção de identidades coletivas”. Ele localiza os problemas das teorias hegemônicas do reconhecimento com “seus pressupostos naturalizados de cooperação”. O objetivo é reformatar o conceito de reconhecimento que, tendo sido recuperado no contexto filosófico dos anos 1930 na França, por Kojève, e posteriormente recebido desdobramentos em Lacan, Hyppolite, Bataille, Merleau-Ponty e Sartre, só foi desenvolvido sistematicamente nos anos 1990 por Honneth (terceira geração da Escola de Frankfurt) e Charles Taylor. Entretanto, diz Safatle, há uma desconsideração da leitura francesa anterior por parte desses autores dos anos 1990. Isso tem consequência problemática na naturalização da cooperação na teoria do reconhecimento. Daí Safatle propor-se a recuperar a leitura francesa do reconhecimento, pensando em conjunto Honneth e Lacan.

Em geral, processos de reconhecimento são pensados como “movimentos em direção à afirmação de uma autonomia e de uma individualidade conquistadas”, o que se mostra nos “empréstimos massivos à antropologia psicanalítica de Donald Winnicott, de Hans Loewald e de outros teóricos da teoria das relações de objeto” (Safatle, 2015, p. 288). Trazer Lacan para essa discussão significa repensar o processo de reconhecimento “fora dos processos culturais de produção de identidades” (p. 289). Assim, “uma das contribuições clínicas mais inovadoras da psicanálise consiste em defender que a experiência do patológico é instauradora da condição humana e a via privilegiada para conhecermos nossos processos de formação assim como os traços de nossas estruturas de comportamento” (Safatle, 2015, p. 291). Não se trata de se fincar na personalidade normal e em seus mecanismos de enfrentar o sintoma, mas de considerar que os próprios sintomas sejam “expressões fundamentais da condição humana” (Safatle, 2015, p. 292).

Isso aparece na obra de Lacan em vários momentos e vai sendo modificado a fim de aprofundar a forma pela qual ele concebe a relação entre os registros imaginário, simbólico e real. Na passagem de sua fase estruturalista para aquela em que desenvolve o registro do real, cada vez mais se coloca a crítica do Eu e do cogito para se pensar o fim de análise. Mais adiante em sua obra, o sintoma não é apagado no fim de análise, havendo os restos sintomáticos, passando a primeiro plano a temática dos modos de gozo do analisando. Trata-se na análise não de dissolver sintomas, mas de “dissolver o vínculo do sujeito à identidade

produzida pela doença” (Safatle, 2015, p. 294). Não tratar as patologias como desvios de um padrão, mas como “processos instauradores de individualidades” abre a perspectiva de considerar que os humanos não são naturalmente cooperativos e precisam “colocar-se fora da normalidade que define um campo distendido de cooperação para produzirem algo de fundamental em relação às suas experiências do desejo, da ação e do uso da linguagem” (Safatle, 2015, p. 294). A análise não é uma operação adaptativa ou de normalização do Eu, mas de criação de saídas singulares a partir do sintoma de cada um. Isso não é possível dentro de um desenvolvimento pela via da consciência por uma terapia *coach*, centrando-se numa visão de um humano cooperativo e comunicativo.

É preciso atravessar o “penso logo sou”, do cogito cartesiano, para ser afetado pelo “não sou” do inconsciente (Lacan, 2023), o que significa que é preciso abrir-se à indeterminação e à despossessão. É a mesma direção do pensamento de Butler (Butler & Athanasiou, 2013). Para pensar a política na atualidade é importante não considerar o reconhecimento como ligado aos atributos do indivíduo, conforme receita do neoliberalismo (Dardot & Laval, 2016). Ou seja, é possível pensar num reconhecimento “para além da forma institucionalizada da pessoa” (Safatle, 2015, p. 296), em que se busca resgatar a negatividade como potência para a transformação política: “trata-se de saber reconhecer o mal-estar relacionado à pessoa como modo de organização da subjetividade” (Safatle, 2015, p. 313)<sup>2</sup>. A partir daí Safatle propõe um reconhecimento antipredicativo, que não dependa dos predicados individuais do sujeito empreendedor, afirmando a necessidade de algo do sujeito não passar em seus predicados, mas continuar como potência indeterminada.

<sup>2</sup>Para Safatle, outro problema de Honneth é sua incapacidade de pensar a teoria das pulsões.

## URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

A questão hoje é repensar o reconhecimento em cruzamento com a distribuição, mas a partir da teoria política do acontecimento, pela via de Badiou e Deleuze<sup>3</sup>. Badiou (2018) considera que vivemos sob dominação de uma doutrina da finitude no ocidente, ligada a um relativismo cultural, ao individualismo e ao neoliberalismo. Daí o recurso aos infinitos, para além dessa cultura limitada do materialismo democrático, que é outro nome do capitalismo globalizado. É preciso reabsorver o finito no infinito. Para Badiou (2008), o materialismo democrático investe no corpo e na linguagem; o filósofo propõe que para além daí, em que a empresa é o modelo da subjetividade, há que se investir nos processos acontecimentais de produção de verdades, para sair da dimensão da finitude, rompendo com o *status quo* cristalizado dos espaços institucionalizados sufocantes nas dimensões da política, da arte, da ciência e do amor. Também

<sup>3</sup>Sobre a teoria do acontecimento, ver Badiou (2008, 2018) e Prado (2017a, 2017c, 2023).

# D

## Urgência e emergência no capitalismo comunicacional ou repensando a importância do reconhecimento

Deleuze vai detonar o conceito de sujeito como garantidor de universalidade, como diz Pelbart (2019, p. 150), e como suporte de individuação. O sujeito se torna

não mais função de universalização, mas de singularização; não mais função de individuação apoiada no eu, mas ancorada no acontecimento. E por fim, ambos indexados a um agenciamento. De golpe, tudo muda, e adentramos outra paisagem, feita não mais de sujeitos, porém de singularidades, de acontecimentos, de agenciamentos.

Safatle (2019) também aborda a dialética finito-infinito ao examinar a leitura que Deleuze faz da dialética hegeliana. Deleuze lê a dialética hegeliana como organizando os conflitos sob a forma da contradição, resultando em um falso movimento. As mediações entre contraditórios realizadas por Hegel conduziriam a um pensamento da identidade; haveria uma unidade que se cindiria em dois contrários e a negatividade operaria para restaurar essa unidade em níveis sucessivos. Segundo Deleuze, no pensamento hegeliano só seria possível pensar a diferença como diferença opositiva, não sendo possível pensar “a produtividade da diferença” (Safatle, 2019, p. 226). Aquilo que não é pensável sob a forma de representação só poderia aí ser considerado contradição. Trata-se tanto em Deleuze quanto em Hegel, diz Safatle, de pensar a atualidade do infinito. Em Hegel, identidade do conceito não é identidade da representação. A operação dialética começa com uma crítica da finitude “que se consolidou na situação atual. A negatividade na dialética não é falta, mas “forma da indeterminação produtiva” (Safatle, 2019, p. 226). É isso que a emergência promove, ao fazer com que se desperte, em um dado mundo, um *real*, no sentido lacaniano – ou seja, o *impossível* dessa situação –, e faça emergir, com alta intensidade, o acontecimento que opera uma indeterminação que produz novos mundos.

Para Safatle (2019, p. 241), o movimento dialético não é mera mudança, mas “destruição da identidade inicialmente posta”. Falar em dialética é considerar a possibilidade de mudança da situação atual, por meio da emergência de algo nela imprevisível. Ora, essa é a própria definição de acontecimento em Badiou. Safatle, em sua via, entende a dialética negativa de Adorno como emergente, em que de uma situação dada emerge um impossível, não como impotência, mas como ato capaz de criar novos sujeitos desse acontecimento, vivido como evento de forte intensidade de afeto<sup>4</sup>.

<sup>4</sup>É possível aproximar acontecimento e ato. Lacan desenvolve o conceito de ato em Lacan (2024).

### AGÊNCIA

A oposição estrutura/acontecimento deve ser repensada a fim de dar conta da transformação e da criação de novos mundos. Nessa direção, hoje se faz

importante repensar em que termos ainda faz sentido falarmos em *acontecimento* como mudança, já que acontecimento é o que mais se produz na rede midiaticizada. A questão é: qual acontecimento? Algo ainda persiste da jaula de ferro de que falava Weber: as instituições ainda são blocos repletos de funcionamentos travados e formalizados que dificultam as ações transformadoras. Veja-se também os processos do judiciário, a dificuldade de ser aluno pobre residente nas universidades, o produtivismo que sufocou as universidades, a quase impossibilidade de se fazer reforma agrária ou de instalar a agroecologia e outros processos a fim de enfrentar o lado destrutivo do antropoceno. Por outro lado, a busca de ação transformadora não é projeto de grande parte das pessoas; há os extremistas de direita, os gananciosos, os canalhas, os milicianos etc.

O mal-estar do capitalismo comunicacional (Prado, 2013, 2017b) se mostra nos sofrimentos de determinação e de indeterminação em termos de modos de interação: que sofrimentos as atuais interações, presenciais e em rede, engendram? Pelbart aponta dois tipos de dessubjetivação: a capitalística e a nômicada. A primeira desfaz identidades e territórios e a segunda permite escapar dos modelos impostos. Mas tudo “pode se inverter conforme a configuração: na França, a guerra obrigou os internos a trabalharem e, assim, deu a eles uma movência e liberdade antes inexistentes” (Pelbart, 2019, p. 158). Há dois tipos de subjetivação: a assujeitada e a herética. A primeira é produzida pelo capitalismo, pelo farmacopornobiopoder, a segunda vinda de uma criação singular e plural. A questão que coloca Pelbart (2019, p. 159) é: como forjar situações em que a dessubjetivação nômicada “dispara um processo de dessubjetivação herética?”. Nos termos de Butler (2021), como se faz surgir agência que rompa com a subordinação de um sujeito a determinado discurso?

Mais do que falar de processos de subjetivação, poderíamos falar sobretudo de novos tipos de acontecimento. É como se os processos de subjetivação fossem secundários em relação aos novos tipos de acontecimento aos quais eles dão passagem. (Pelbart, 2019, p. 159)

A urgência verdadeira está hoje em promover a ruptura com as consequências funestas do funcionamento midiático das redes e as decorrentes formas de identificação dos usuários, bem como com a política no âmbito da identidade neoliberal, de modo a ser possível a emergência de acontecimentos, entendidos nesse sentido deleuziano/badiouano, que Safatle aproxima de um Hegel lacaniano. Um dos nomes dessa urgência é a luta para proteção do planeta Terra, entendido como um sistema integrado, que envolve ciclos físicos, químicos, biológicos e fluxos energéticos que propiciam a vida, e inclui as populações que nele vivem

# D

## Urgência e emergência no capitalismo comunicacional ou repensando a importância do reconhecimento

(Angus, 2023; Prates, 2020), para além das identidades de grupos específicos de gênero, etnias e outros. Diz Pelbart (2019, p. 149):

Quando a destruição política, social, ambiental, subjetiva . . . toma proporções tão alarmantes como nos últimos anos, e a urgência em freá-la cresce na mesma proporção que o perigo, talvez caiba retomar a questão a partir desse ponto mínimo, o sujeito e a rede conceitual que ele carrega, a fim de rastrear os deslocamentos ocorridos, e a partir deles, sondar a margem de manobra nesse embate entre biopolítica e tanatopolítica, cosmopolítica e necropolítica. ■

### REFERÊNCIAS

- Althusser, L. (1974). *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Editorial Presença.
- Angus, I. (2023). *Enfrentando o antropoceno: Capitalismo fóssil e a crise do sistema terrestre*. Boitempo.
- Badiou, A. (2008). *Lógicas de los mundos: El ser y el acontecimiento 2*. Manantial.
- Badiou, A. (2018). *L'immanence des vérités: L'être et l'événement 3*. Fayard.
- Boltanski, L., & Chiapello, È. (2009). *O novo espírito do capitalismo*. Martins Fontes.
- Butler, J. (2021). *Discurso de ódio: Uma política do performativo*. Unesp.
- Butler, J., & Athanasiou, A. (2017). *Desposesión: Lo performativo en lo político*. Eterna Cadencia.
- Cesarino, L. (2022). *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital*. Ubu.
- Cohn, G. (2001). O campo da comunicação. In A. Fausto Neto, S. Porto & J. L. A. Prado (Orgs.), *Campo da comunicação – Caracterização, problematizações e perspectivas* (pp. 41-49). Editora Universitária.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. UnB.
- Fisher, M. (2020). *Realismo capitalista*. Autonomia Literária.
- Fontenelle, I. (2017). *Cultura do consumo: Fundamentos e formas contemporâneas*. FGV.
- Fraser, N., & Honneth, A. (2006). *Redistribución o reconocimiento?* Morata.
- Habermas, J. (2012). *Teoria do agir comunicativo* (2 vol.). Martins Fontes.
- Habermas, J. (2021). *Facticidade e validade*. Unesp.
- Honneth, A. (2011). *La sociedad del desprecio*. Trotta.
- Lacan, J. (2008). *De um outro ao outro: O Seminário, livro 16*. Zahar.
- Lacan, J. (2023). *La logique du fantasme: Le Séminaire, livre XIV*. Seuil.
- Lacan, J. (2024). *Lacte psychanalytique: Le Séminaire, livre XV*. Seuil.

- Laclau, E. (2013). *A razão populista*. Três Estrelas.
- Pelbart, P. P. (2019). *Ensaio do assombro*. n-1.
- Prado, J. L. A. (2013). *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. Educ.
- Prado, J. L. A. (2017a). Da antipolítica ao acontecimento: o anarquismo dos corpos acontecimentos. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, 14(39), 10-30. <https://doi.org/10.18568/cmc.v14i39.1318>
- Prado, J. L. A. (2017b). Decifrando os pontos sintomáticos do capitalismo comunicacional. In J. L. A. Prado & V. Prates. *Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional* (pp. 13-34). Estação das Letras e Cores.
- Prado, J. L. A. (2017c). Reconhecimento tenso, acontecimento inaugural: Na direção de outra comunicação. *Revista e-Compós*, 20(1). <https://doi.org/10.30962/ec.1345>
- Prado, J. L. A. (2020). Da captura pulsional ao acontecimento de corpo. In L. Mendes de Barros, J. C. Marques, & A. S. Médola (Orgs.), *Produção de sentido na cultura midiaticizada* (pp. 50-70). Ed. UFMG.
- Prado, J. L. A. (2022). Circulação e midiaticização capitalizadora nas sociedades hipermediaticizadas. In J. Ferreira, Jairo, A. P. Rosa, P. G. Gomes, A. Fausto Neto & J. L. Braga (Orgs.), *Sapiens midiaticizado: Conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie*. UFSM.
- Prado, J. L. A. (2023). Das multidões acontecimentosais à política pós-acontecimento. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP*, (86), 46-64. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i86p46-64>
- Prates, V. (2020). *Um mapa da ideologia no antropoceno*. Estação das Letras e Cores.
- Reich, R. (1994). *O trabalho das nações*. Educator.
- Safatle, V. (2015). *O circuito dos afetos*. Cosac Naify.
- Safatle, V. (2019). *Dar corpo ao impossível: O sentido da dialética a partir de Theodor Adorno*. Autêntica.

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.



# Espaço-temporalidade e territorialidade: deslocamento interno forçado na Colômbia<sup>a</sup>

## *Space-temporality and territoriality: Colombian internal forced displacement*

■ NEYLA GRACIELA PARDO ABRIL<sup>b</sup>

Universidad Nacional de Colombia. Bogotá, Colombia

CAMILO ALEJANDRO RODRÍGUEZ FLECHAS<sup>c</sup>

Universidad Nacional de Colombia. Bogotá, Colombia

### RESUMO

Desenvolve-se uma proposta analítica a partir dos Estudos Críticos do Discurso Multimodal e Multimídia (ECDMM) para abordar a relação espaço-temporal, territorial e de memória no âmbito da representação do deslocamento interno forçado no conflito armado colombiano. Objetivamos compreender e interpretar os fatores que determinam as causas e as consequências do deslocamento interno forçado, explicitando a necessidade de socializar o conhecimento sobre a situação social. O universo a ser analisado é a macronarrativa digital visual na plataforma da Comissão da Verdade; a amostra discursiva constitui a narrativa gráfico-visual interativa, o mapa, criada pelo *Center for Spatial Research* da Universidade de Columbia, por meio do qual se pretende mostrar como a representação do deslocamento interno forçado é construída entre 1985 e 2021.

**Palavras-chave:** Espaço-temporalidade, território, deslocamento forçado, conflito armado interno, Estudos Críticos do Discurso Multimodal e Multimídia (ECDMM).

### ABSTRACT

An analytical proposal is developed from the Multimodal and Multimedia Critical Discourse Studies (MMCDs) to address the spatial-temporal, territorial and memory relationship in the framework of representation of forced internal mobility in the Colombian armed conflict. The aim is to understand and interpret factors that determine the causes and consequences of forced internal mobility, making explicit the need to socialize knowledge about the social situation. The universe to be

<sup>a</sup>Este estudo foi realizado pelo Grupo Colombiano de Análise do Discurso da Mídia (Minciencias-A, Universidad Nacional de Colombia) no âmbito do projeto “Peace and mobilities”, financiado pela União Europeia, Grant Agreement -101182968 - HORIZON-MSCA-2023-SE-01.

<sup>b</sup>Doutora em Linguística Hispânica. Professora titular e pesquisadora do Instituto de Estudios en Comunicación y Cultura (IECO) e do Departamento de Linguística da Universidad Nacional de Colombia. Pesquisadora emérita (Minciencias-UNAL) e líder do Grupo Colombiano de Análisis del Discurso Mediático e do Observatorio Nacional de Procesos de Memoria (ONALME). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4206-9690>. Email: [ngpardo@unal.edu.co](mailto:ngpardo@unal.edu.co)

<sup>c</sup>Professor da Universidad Nacional de Colombia. Mestre em Linguística. Membro do Grupo Colombiano de Análisis del Discurso Mediático e do Observatorio Nacional de Procesos de Memoria (ONALME). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3872-283X>. Email: [caarodriguezfl@unal.edu.co](mailto:caarodriguezfl@unal.edu.co)

DOI:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p237-265>

V.18 - Nº 3 set./dez. 2024 São Paulo - Brasil ABRIL | FLECHAS p. 237-265

MATRIZES

237



analyzed is the visual digital macro-narrative on the Truth Commission's platform; the discursive sample is the interactive visual-graphic narrative, map, created by the Center for Spatial Research at Columbia University, through which the aim is to show how the representation of internal forced displacement is constructed between 1985 and 2021.

**Keywords:** Spatio-temporality, territory, forced displacement, internal armed conflict, Multimodal and Multimedia Critical Discourse Studies (MMCDS)

**A** ESPAÇO-TEMPORALIDADE É UMA realidade social construída com âncoras sócio-historicamente definidas, em cujo processo de produção e reprodução, seres e grupos humanos modificam permanentemente as formas de habitar territórios e estabelecer suas configurações no exercício do poder, assumindo os recursos simbólicos e materiais disponíveis; é uma construção contínua das atividades e das práticas humanas com suas determinações sobre as formas de mobilidade humana. De acordo com Lefebvre (2013), é na representação do espaço que concebemos e analisamos os eventos sociais e o ambiente físico, evidenciando sua integridade. O espaço não é objetivo, pois é sempre concebido por e para as pessoas; os espaços são, portanto, domínios políticos e de poder, que são representados na comunicação humana para organizar de forma significativa como as pessoas e as sociedades experimentam a espacialidade (De Certeau, 1996).

Na perspectiva de Massey (2005), o espaço é concebido como uma simultaneidade organizada de múltiplas trajetórias que são especificadas e complexificadas quando provêm de uma história conjuntural internalizada, e são construídas a partir de relações sociais múltiplas e particulares, que coexistem e se inter-relacionam em um determinado lugar. A espacialidade pode ser interpretada em termos de ação humana, articulada à capacidade do ser de materializar simbolicamente sua compreensão do território e das relações sociais que estão implícitas nele (Scollon, 2013). A produção semiótico-discursiva em torno do espaço e, por extensão, da espaço-temporalidade e da territorialidade, permite a recuperação das transformações sociais, expressas narrativamente, dando conta do papel dos atores sociais que reproduzem ou resistem a fenômenos como o deslocamento interno forçado. Quando afeta negativamente a vida de muitas pessoas na sociedade, estabiliza expressões que desconstróem a identidade e a linguagem.

Indivíduos ou grupos forçados a deixar seu território estão sujeitos a condições decorrentes de um contexto de violência e conflito que, como no

caso colombiano, incluem perseguição governamental; violência de natureza política, relacionada à ação ou omissão do Estado; vitimização derivada de crimes de atores armados legais e ilegais; condições socioeconômicas precárias, entre outros (Santos, 2020). Nessas circunstâncias, há urgência de sair; formas de fuga inevitável; e não retorno. O deslocamento interno forçado tem múltiplas causas associadas a outros crimes dentro do conflito, que afetam a integridade física, emocional e material das vítimas. “Quando há deslocamento forçado da população, isso não só gera medo e ansiedade nas comunidades, mas também afeta os direitos à alimentação, à moradia digna, ao trabalho e à educação, gerando vulnerabilidade para as comunidades que o sofrem” (“Entre janeiro e maio”, 2023, para. 7). Os danos não afetam apenas o bem-estar físico, socioeconômico e cultural das vítimas, mas também causa a elas sentimentos de desesperança, identidade desarraigada e perda de autoestima e a impossibilidade de lidar com a violência coloca os deslocados internos em uma situação de fraqueza sociopolítica e cultural. Em outras palavras, o deslocamento interno forçado na Colômbia exacerbou a vulnerabilidade de indivíduos e comunidades.

O Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (*Internal Displacement Monitoring Centre*, 2024), em colaboração com a *Unidad para las Víctimas* do governo colombiano, apresenta seu relatório anual sobre deslocamento interno forçado em todo o mundo, incluindo números atualizados para a Colômbia sobre o número total de pessoas deslocadas registradas: 293.000 vítimas em 2023. O Relatório Final da Comissão da Verdade (*Comisión de la Verdad*, 2022a) identifica os seguintes fatores que afetam as pessoas sujeitas ao deslocamento interno forçado: a persistência de atores armados legais e ilegais que disputam o controle regional no país; a disputa entre atores armados ilegais pelo controle das rotas de narcotráfico e tráfico de armas, entre outras ações; a ausência ou inação do Estado nas regiões que sofrem esse tipo de vitimização; o reforço e a proteção de megaprojetos produtivos por meio de processos de militarização, que incluíram exercícios de força para a desapropriação de territórios. Os crimes associados ao deslocamento interno forçado incluem: ameaças; perdas socioeconômicas, culturais e educacionais; assassinatos seletivos; desaparecimento forçado; massacres; recrutamento forçado; crimes contra a integridade sexual; e desapropriação de territórios, entre outros (“Registro Único de Víctimas”, 2024).

O deslocamento interno forçado na Colômbia, vinculado ao conflito armado, que já dura mais de sete décadas, impôs o deslocamento interno forçado determinada pela necessidade de defender a vida em meio a ações de conflito e operações de limpeza territorial. Esse fenômeno está ligado,

no país, a ações que levam à apropriação ilegal de territórios, atos nos quais se entrelaçam grupos armados ilegais, empresários e, às vezes, consórcios internacionais, estes últimos interessados na exploração de recursos naturais. Somam-se a isso os crimes cometidos por organizações a serviço do Estado, como cartórios utilizados para conferir títulos em benefício de autores legais e ilegais, e a falta de recursos legais sob a responsabilidade do Estado para garantir a posse da terra para comunidades indígenas, afrodescendentes e camponesas, o que levou a um longo processo de expropriação violenta de territórios no país.

De acordo com Hernández et al. (2017), as modalidades de expropriação de territórios no país incluem a apropriação direta da terra sob ameaça, assassinatos e massacres; a usurpação por meio de recursos legais; e formas de desapropriação mista, em que ambas as modalidades estão envolvidas. Essas formas de procedimento, na ausência ou com a cumplicidade do Estado, levaram a uma profunda insegurança para a defesa e a posse dos territórios; à informalidade legal; e criaram um ciclo desumanizador com a expulsão e o reassentamento precário de comunidades historicamente marginalizadas no país.

Também tem sido comum no país o incentivo ao conflito entre grupos afetados pelo deslocamento interno forçado, fomentando desarticulações para a construção de ações de resistência coletiva. Segundo Téllez e Balcells (2022), o entrelaçamento crítico de afetos para os grupos submetidos a esse tipo de vitimização deve ir além da ordem jurídica estabelecida nos mandatos dos Acordos de Paz (Colômbia, 2016), para se materializar em ações ligadas à restituição e ao retorno legal dos territórios das vítimas do conflito; até o momento, essa ação do Estado é lenta, incompleta e limitada. Após a promulgação da Lei das Vítimas (Ley 1448, 2011), até o momento apenas 665.000 hectares foram restituídos, o que representa 10,5% da meta inicial: 6,5 milhões de hectares (“La restitución de tierras”, 2024), uma cifra que mostra a precariedade da aplicação da norma e das ações do Estado para atender com eficiência ao processo de solicitação, aceitação e devolução de territórios às vítimas.

### **ESPAÇO-TEMPORALIDADE E TERRITORIALIDADE: NARRATIVAS DE DESLOCAMENTOS FORÇADOS E SUA ANCORAGEM COM AS MEMÓRIAS**

A representação do deslocamento interno forçado está ancorada nas formas pelas quais o conhecimento, as experiências e as emoções sobre os fatos da

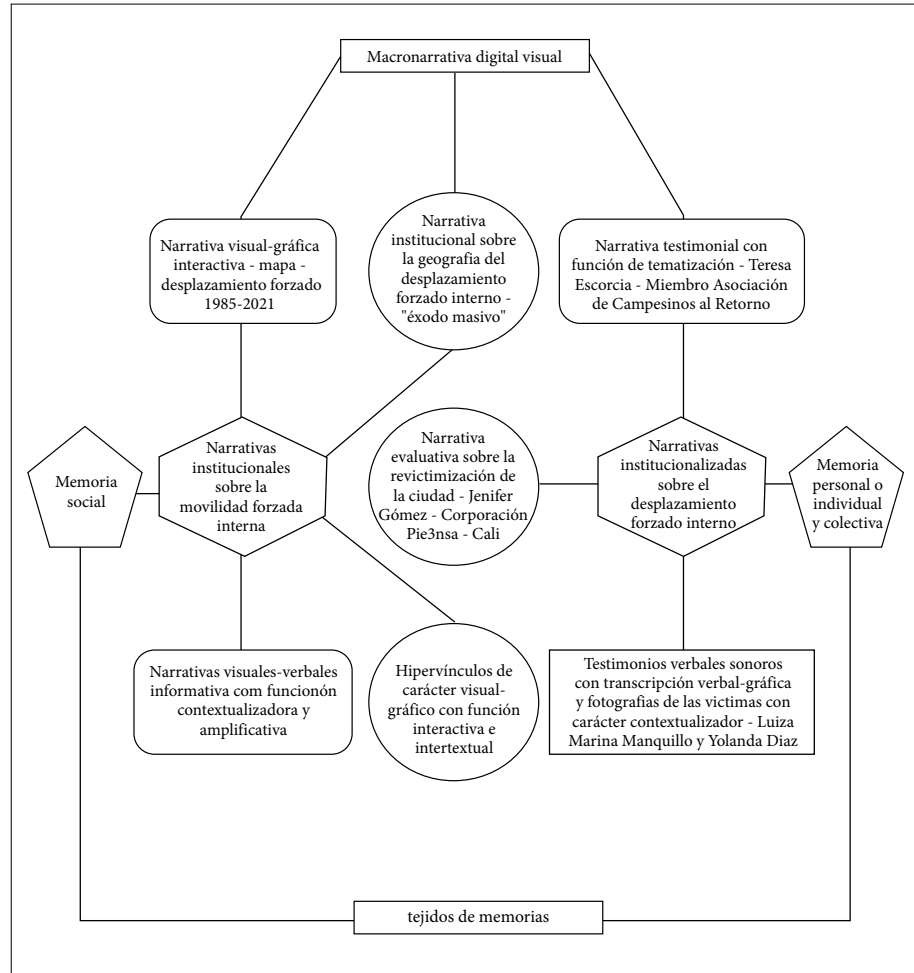
vitimização são socializados, expressos em narrativas que circulam, no caso do objeto de estudo, pela mídia na plataforma da Comissão da Verdade, tecendo memórias que se espera que sejam compartilhadas e estabilizadas na sociedade. As narrativas multimodais e multimídia sobre o deslocamento interno forçado têm seu cerne nas espaço-temporalidades e sua conexão com a territorialidade, deixando rastros da relação entre o ato de violência vivenciado e como isso leva a formas de vitimização, em que o sujeito é forçado a deixar seu local de origem, seus pertences, seus vínculos culturais, suas afiliações afetivas sociais e familiares, entre outros. A conexão entre os múltiplos pontos de vista expressos nos testemunhos, as formas de convencionalização ancoradas na institucionalização e o registro do deslocamento forçado criam uma narrativa compartilhada que faz parte dos processos de memorialização.

A conexão entre as narrativas das mobilidades internas forçadas e a tecelagem de memórias é possível por meio das trajetórias de significado que enquadram o fenômeno, buscando no processo de interlocução criar uma compreensão mais direta e próxima. Espaço-temporalidade e territorialidade adquirem novos significados por meio das percepções, emocionalidades e apropriações que indivíduos e coletivos materializam semioticamente-discursivamente (Battistini & Mondino, 2017; Pezzini, 2024). A representação do deslocamento interno forçado vem da articulação e do reconhecimento da representação de atores individuais, atores coletivos, práticas, recursos materiais e simbólicos em redes e vínculos específicos relativos ao deslocamento interno forçado. Como Pierce (2022) aponta, o espaço é dinâmico e estriado, o que exige a apropriação de categorias como extensão, dimensionalidade e contexto relacional para explicar como os atores propõem a mobilidade forçada de pessoas que foram deslocadas. O uso dessas categorias, dentro da estrutura de um exercício interdisciplinar, tem como objetivo destacar a narrativa verbal-visual das vítimas e as maneiras pelas quais elas são capturadas na narrativa visual interativa – o mapa –, onde o deslocamento interno forçado é reconstruído.

A macronarrativa visual digital (Figura 1), nessa reflexão, é entendida como um conjunto de unidades semiótico-discursivas em uma relação semântico-pragmática de amplificação e integralidade, por meio da qual um processo persuasivo é gerado, no qual são elaboradas recontextualizações e ressemantizações do deslocamento interno forçado. As construções narrativas ampliam as rotas de significado produzidas e materializadas na plataforma da Comissão da Verdade (Comisión de la Verdad, 2022b), em relação ao deslocamento forçado e seus recursos de interação.

**Figura 1**

*Macronarrativa digital sobre mobilidade interna forçada na plataforma da Comissão da Verdade*



Nota. Elaboração própria.

As memórias em uma sociedade articulam os conceitos de memória individual ou pessoal, memórias coletivas e memória social como um tecido, que se inter-relacionam no espaço-tempo; em um determinado momento do processo, há uma necessidade social de retransmitir o conhecimento acumulado e complexo de eventos passados, que começam a encontrar espaços de rememoração na mediação e midiaticização. A macronarrativa digital é concebida, produzida e socializada com a expectativa de distribuir conhecimentos, crenças e atitudes, dando lugar à midiaticização que abre possibilidades para a formulação de

memórias, esquecimentos e silêncios; dessa forma, é gerada a conexão entre as narrativas e a tecelagem de memórias.

Partimos da hipótese de que a memória pessoal funciona e se expressa ao corresponder, a partir da subjetividade, a uma espaço-temporalidade que se atualiza no aqui e agora, com sua projeção, ancorada no ser que experimenta ou vive um evento em seu território, enquanto a memória coletiva é uma atividade sociocomunicativa, expressão e força vinculante da identidade grupal. Desse ponto de vista, a memória coletiva permite atender às necessidades que são articuladas a comunidades específicas, afetadas de diferentes maneiras e em graus variados pela violência e pelo trauma na sociedade, a fim de construir e interpretar o passado (Lewicka, 2008). Atualizando Halbwachs (2004), a memória coletiva é o conjunto de arcabouços que potencializam a memória individual, na medida em que reproduz e renova a memória do grupo ao qual a pessoa está vinculada; essa memória se caracteriza porque os membros de um grupo interagem em diferentes formas de organização para elaborar suas narrativas, atualizando-as em contextos sociais diversos, atravessados pela vida cotidiana. Isso reforça a ideia de que a articulação entre a memória individual e a coletiva se situa em diferentes níveis dos sistemas de comunicação, gerenciando formas de consciência social situada que se unem quando indivíduos ou pessoas se percebem como membros de um coletivo.

A complexidade da distribuição da memória em uma sociedade atinge um nível diferente de interação quando o grupo ancora suas formas de conhecimento em processos de comunicação apoiados por tecnologias de comunicação e informação, dando lugar à memória social. A memória social, por seu caráter mediatizado e institucionalizado, cria as condições para valorizar e explicar os eventos traumáticos, objeto de reflexão sobre o passado e fonte de aprendizado para a compreensão da realidade social, a partir de uma visão analítica e crítica (Orianne & Eustache, 2023). Segundo Verberg e Davis (2011), as memórias atualizam e mobilizam ações sociais, buscando resolver, até certo ponto, injustiças históricas, projetando futuros de paz e humanizando modos de vida, ao mesmo tempo em que articulam conhecimentos, experiências e axiologias organizadas e estruturadas com o propósito de dar sentido aos fatos de violência ocorridos. Essa conjunção confere às memórias um caráter dinâmico, orientando as metas e os objetivos compartilhados pelos grupos sociais.

As memórias são estruturas de conhecimento organizadas e hierarquizadas por seres e coletivos que assumem a forma de arcabouços cognitivos, determinando as maneiras pelas quais os indivíduos percebem e dão sentido ao mundo, desenvolvendo a capacidade de tomada de decisão do agente social, que é explicitada na psicologia. O caráter cognitivo das estruturas vem de seu

potencial de organizar atitudes, conhecimentos, crenças e comportamentos, determinando a forma de processar, articular, dar coerência, analisar e interpretar o conhecimento que circula coletivamente. Nesse processo, a capacidade criativa é gerenciada, derivando em processos integrativos que organizam o conhecimento socializado para conectá-lo a outros, articulando um tecido de experiências e testemunhos e constituindo redes conceituais dentro de estruturas cognitivas. As estruturas deixam traços de caráter individual, habilidades práticas, valores e princípios éticos e estéticos que marcam os processos de interação humana; outros fatores sociais que são articulados são a educação, as diferenças culturais, as formas de apropriação de normas e as formas de socialização, construção e criação de linhas de interpretação por meio da mídia de massa, em sua função de instituição socializadora e, em geral, as instituições que distribuem conhecimento na sociedade. Todos esses elementos sociopolíticos e culturais determinam modos de conhecimento e formas de organização de estruturas cognitivas, sem esquecer a influência na ação social dos agentes envolvidos.

Um ponto central nessa reflexão inclui a ideia de que os quadros cognitivos organizam as representações no espaço-tempo e na territorialidade, dando origem à possibilidade de gerar relações topológicas nas quais se conectam trajetórias que dão conta de desconexões-conexões, presenças-ausências, continuidades-descontinuidades, organizações lineares e não lineares, relações entre seres, eventos, objetos, entre outras categorias. Parte-se do pressuposto de que as formações topológicas, situadas espaço-temporalmente, permitem reconhecer os movimentos e trânsitos dos agentes sociais, com suas formas de agir e se inter-relacionar; e identificar um conjunto típico de percursos de vida das vítimas, materializados em múltiplas narrativas. Trata-se, portanto, de explicitar e verificar como, em situações de conflito interno, ocorrem transformações ou se formulam alternativas de vida e convivência como expressão de projetos desejados, formulados ou incipientemente apropriados para desenvolver outros modos de vida centrados na paz e no diálogo que isso impõe, para os lugares estruturalmente ou parcialmente afetados pela violência.

### EXPLORANDO ROTAS

O *corpus* foi selecionado com base nos critérios temáticos: mobilidade interna forçada em interação com a espaço-temporalidade, a territorialidade e as memórias, que assumem a forma de uma expressão semiótico-discursiva, comunicativa e interativa. A exposição é composta pela narrativa visual-gráfica

interativa, o mapa, produzido pelo Center for Spatial Research da Universidade de Columbia (Comisión de la Verdad, 2022b). As topologias de mobilidade interna forçada no mapa são analisadas e interpretadas e articuladas contextualmente com as narrativas visual-verbal, visual-gráfica, verbal-oral e audiovisual que compõem a plataforma de deslocamento forçado da Comissão da Verdade (Comisión de la Verdad, 2022b), para desvendar os significados e sentidos capazes de promover múltiplas perspectivas em relação ao deslocamento interno forçado no país.

O método envolve: (i) Contextualizar e estabelecer as relações semântico-pragmáticas que dão unidade e coerência às narrativas que compõem a macro-narrativa visual digital; (ii) Observar o uso de recursos semiótico-discursivos, pontuando as relações topológicas e sua função mnemônica, articuladas às memórias específicas do conflito interno na Colômbia; (iii) Analisar a dimensão simbólico-comunicativa das narrativas institucionais e institucionalizadas para inferir a construção de identidades, que envolve o conjunto de crenças e axiologias sobre si mesmo e sobre os “outros”; e (iv) Reconhecer a situação comunicativa e as formas socio-discursivas de proceder que na plataforma dão lugar à interação, garantindo a tomada de decisões impostas em relação à mobilidade interna forçada.

Para analisar as representações do deslocamento interno forçado, são recuperados locais-chave dentro dos dados de deslocamento forçado e suas implicações; os espaços são caracterizados por atributos que determinam o movimento forçado e as expectativas que criam a mobilidade representada; são descobertas relações entre deslocamentos, suas características e movimentos; e são agregadas trajetórias e intervalos de tempo. A reconstrução do panorama da mobilidade humana forçada na Colômbia nos permite verificar que a mobilidade nem sempre é voluntária e que a mobilidade humana voltada para o investimento de capital é um privilégio de determinados setores sociais. O fluxo pelos espaços globais é, portanto, seletivo e, quando não o é, incorpora violações dos direitos humanos. A narrativa visual-gráfica interativa, o mapa, nos permite reconhecer trajetórias de mobilidade involuntária e forçada entre 1985 e 2021, indicando que na Colômbia há mais de 200 municípios que foram seriamente afetados por esse fenômeno sociopolítico. A observação da geografia do deslocamento interno forçado permite verificar que as violações que constituem o deslocamento interno forçado no território nacional concentram-se na zona andina e em alguns setores da Costa Atlântica como territórios de recepção onde predominam formas de localização periférica das populações e, conseqüentemente, sujeitas a novas formas de vitimização: racismo, discriminação, exclusão socioeconômica e política, entre outras.

**CONSTRUÇÃO DA MACRONARRATIVA DIGITAL-VISUAL**

A abordagem conceitual e midiática da plataforma da Comissão da Verdade (Comisión de la Verdad, 2022b) integra a centralidade da midiática na explicação das trajetórias digitais, permitindo reconhecer que o complexo processo de construção da paz advém da exploração do lugar midiático na tela e dos recursos tecnológicos e simbólicos das mobilidades forçadas internas, ancorados nos processos de memorialização em duas perspectivas: na primeira, explora, por meio de trajetórias, como as mobilidades são organizadas, projetadas e classificadas em estruturas cognitivas, espaço-temporais e mnemônicas; na segunda, apropria-se da relação entre a representação espaço-temporal e as narrativas multimodais e multimídia, como um conjunto de recursos tecnológicos que são incorporados simbolicamente. Isso confere um caráter simbólico ao que é expresso e interpretado em dinâmicas midiáticas, contextualizadas sócio-historicamente e geradoras de memórias em inter-relação. O sentido de resistência é inserido, dinamizando as interconexões simbólico-materiais e as axiologias ético-morais que dão lugar a uma macronarrativa, articulada à verdade como princípio básico para a reparação integral na construção da paz. Supõe-se que a macronarrativa seja expressa na inter-relação de gêneros que incluem:

- (i) Um vídeo gif articulado a uma narrativa visual-gráfica e visual-verbal institucional e a uma narrativa visual-gráfica, visual-verbal e verbal-oral com função contextualizadora e probatória, que enfoca o deslocamento interno forçado por meio de um testemunho que destaca a causa estrutural ligada ao conflito, e a tematização em resposta à representação midiática do fenômeno: “*Foi por isso que saímos, não porque fomos vendidos à força, mas porque, para nós, não queríamos sair de lá. Mas eles nos tiraram de lá. . .*” (Teresa Escorcía Guevara, membro da *Asociación de Campesinos al Retorno*).
- (ii) Uma narrativa visual-verbal informativa com função contextualizadora.
- (iii) Mapa ou narrativa visual-gráfica e interativa, por meio da qual é possível recuperar as temporalidades espaciais dos eventos traumáticos e articulá-los com sua localização territorial, além de georreferenciar o deslocamento interno forçado. O mapa é visualizado de várias maneiras para reconhecer as rotas das pessoas em deslocamento interno forçado: primeiro, recuperando as trajetórias e as rotas das pessoas em duas dimensões, referenciando pontos de origem e pontos de destino, articulados com recursos de interação por meio de cliques que abrem um painel com informações visuais e verbais complementares; essa primeira visualização é o objeto desta reflexão. Em segundo lu-

gar, por meio de uma animação em vídeo que explica como são produzidos e representados os fluxos espaço-temporais e suas convenções, registrando alguns dos eventos de vitimização mais importantes dentro do conflito; com uma função complementar; e em terceiro lugar, a visualização interativa de uma amostra de 200.000 eventos codificados, que podem ser classificados por meio de critérios como: os atores envolvidos, a data, o gênero e a etnia das pessoas vitimadas. O mapa, portanto, permite recuperar a relevância das narrativas para explicitar as relações que vão dos eventos traumáticos às memórias individuais e coletivas e à construção de uma memória social que dá origem à consolidação de uma memória histórica transversal sobre todas as formas de socialização do conhecimento sobre as ações e as consequências do conflito interno.

- (iv) Dois testemunhos visuais-gráficos, visuais-verbais e verbais-sonoros que incluem: a ameaça, o uso da força por meio de armas e a revitimização e uma narrativa visual-gráfica e um testemunho visual-gráfico, visual-verbal e verbal-sonoro que propõe um ponto de vista sobre as consequências do deslocamento do campo para a cidade.
- (v) Uma narrativa visual-verbal explicativa que amplia o sentido do mapa, apontando os diferentes tipos de mobilidades, localizando no centro as cidades que são o eixo do processo de recepção de pessoas, enquanto aponta como as regiões mais periféricas do país desempenham papéis semelhantes em meio à crise humanitária imposta pelo deslocamento interno forçado.
- (vi) Um vídeo audiovisual curto, que representa a linha do tempo que inclui os crimes de desapropriação de terras associados ao recrutamento forçado, o êxodo com assentamento em condições precárias, o que implica a luta pela sobrevivência e, finalmente, uma petição ao Estado em defesa dos direitos das vítimas. O vídeo tem uma função de contextualização, evidência e petição.
- (vii) Hiperlinks visuais gráficos com função interativa para o portal Conflict Urbanism: Colombia (Center for Spatial Research & Universidad de Los Andes, 2019) e ao volume “Hasta la guerra tiene límites” do relatório final da Comissão da Verdade (Comisión de la Verdad, 2022a) com função intertextual e orientadora do conhecimento relevante, articulado a um processo interpretativo não sequencial.

A exposição, centrada na narrativa visual interativa, mapa, é caracterizada por uma organização para sua navegação no espaço digital, permitindo que seus

interlocutores realizem diferentes ações dentro da própria narrativa. O caráter interativo advém das formas como a agencialidade dos usuários dá origem à construção de diversas narrativas e enredos, destacando o interesse do interlocutor; é também um recurso que abre a possibilidade de realizar diversos percursos iterativos, que convidam à conexão permanente com o contexto. O conjunto de operações potenciais realizadas com a narrativa visual interativa, ou mapa, cria cenários para recuperar as narrativas testemunhais, passando pela construção coletiva do conhecimento sobre o deslocamento interno forçado construída a partir de localidades, cidades, municípios e regiões.

A macronarrativa que entrelaça a memória individual, coletiva e social é expressa nas formas de narração que envolvem a nação em sua diversidade étnica e cultural, regulada pelos princípios organizacionais, ético-políticos e legais que dão lugar à construção da memória social. A sociedade se torna o destinatário que infere uma narrativa institucionalizada e narrativizada, por meio da qual se estruturam os eixos que determinam a formação de estruturas de conhecimento, conteúdos e formas de inter-relacionar a narrativa que contém memórias pessoais e coletivas. Isso cria uma forma de conhecimento articulada a processos normativos, nos quais se instalam marcos cognitivos que atendem interesses sociopolíticos, culturais e econômicos, entre outros, cuja finalidade orientadora determina formas de transitar, em uma perspectiva relativamente homogênea, o conhecimento e a ação social.

Como apontam Caquard e Dimitrovas (2017), a representação das trajetórias de deslocamento interno forçado envolve a recuperação não apenas das rotas e mobilidades incorporadas à agência humana, mas também das emoções e percepções envolvidas nessas trajetórias, associadas às narrativas que acompanham o mapa e compõem a macronarrativa visual digital. A narrativa visual-interativa articula fatores inferíveis em um caráter fixo, hierárquico e quantificador na elaboração do mapa em suas diferentes dimensões. O mapa, além de geolocalizar pontos associados que recuperam mobilidades entre territórios, gerencia com seu contexto a espaço-temporalidade com seus processos de memória, a forma como a macronarrativa visual digital é estruturada e a representação dos seres envolvidos. O estabelecimento das relações que gerenciam a macronarrativa digital visual na plataforma digital da Comissão da Verdade permite recuperar a conexão com as emoções, lógicas e práticas espaço-temporais estabilizadas na organização estrutural da interface, cuja função é normatizar e gerenciar funcionalmente o conhecimento socializado.

No geral, é possível verificar práticas que dão relevância às relações emocionais, às causas, às consequências e às ações passadas e presentes em territórios específicos; as emoções permitem aprimorar a interação humana, são criadoras

de experiências positivas, evidenciadoras de experiências negativas, processos avaliativos ou que promovem gratificação, criatividade, comprometimento e satisfação (Winkler et al., 2022), potencializando transformações pessoais e coletivas. São, portanto, estados subjetivos e intersubjetivos, que criam ambientes e condições que envolvem sentimentos expressos em manifestações, experiências e eventos significativos. Na contextualização das narrativas de deslocamento interno forçado, as memórias que são atualizadas nas narrativas nos permitem compreender os processos e os campos da vida individual e social que articulam a inter-relação entre o outro e seu ambiente social com as memórias, capazes de atualizar as emocionalidades. As emocionalidades criam formas de narrar moldando o passado, lembrando e projetando o futuro, para o qual as memórias e os silêncios são amplificados, suspensos ou suprimidos para facilitar a ordenação, a canalização, a retenção e a evocação de emoções capazes de gerenciar o conhecimento, as afiliações, as solidariedades e a ação coletiva.

### **CONSTRUÇÃO DAS TOPOLOGIAS: LENDO ESPAÇO-TEMPORALIDADE**

O mapa como narrativa visual-gráfica e interativa projeta relações de diferentes tipos que articulam a ação situada dos seres e suas decisões em torno do deslocamento interno forçado. Isso é representado com base em modelos, visualizados como topologias, que representam redes e conexões que materializam graficamente as múltiplas trajetórias do deslocamento interno forçado. As topologias têm uma dupla função: por um lado, uma função semântico-pragmática de expansão, a fim de tornar explícita a ação social localizada, ou seja, para ampliar as informações, com relação a: (i) extensão: distâncias percorridas pelos seres que sofreram esse tipo de vexame; (ii) dimensionalidade: escala em que ocorre, seja em nível local, regional ou nacional; e (iii) contexto relacional: processos e eventos a partir dos quais essas mobilidades ocorreram. Por outro lado, a relação lógica cria sentidos e significados entre as trajetórias em termos de proximidade ou afastamento, e sua densidade, o que permite estabelecer a proporção de relações e a concentração de redes nos pontos de chegada e partida. Esse conjunto de relações permite estabelecer a representação do deslocamento interno forçado, de modo a demonstrar percepções e conhecimentos que buscam se estabilizar na memória social, contribuindo para a construção de significados ligados à paz.

Na exposição focada na narrativa visual-gráfica e interativa, mapa, as relações topológicas expressas em termos de unidades gráficas visuais semiótico-discursivas, as trajetórias, constroem quatro tipos de formações: malha, triângulo, ponto a ponto e estrela. Essas representações de mobilidades não

regulares, cuja organização hierárquica é derivada da construção da plataforma, nos permitem inferir a compreensão de interseções, cruzamentos e sobreposições espaço-temporais, para derivar possíveis interpretações sobre a complexidade dos deslocamentos e a experiência vivida das pessoas que sofreram vitimização. A topologia fornece uma maneira de conectar os territórios, com seus atores, ações e objetos, às narrativas que determinam contextualmente os significados e sentidos do mapa, contribuindo para a construção de uma perspectiva intersubjetiva, que relativiza a posicionalidade para relacioná-la à conjunção de memórias.

O marcador semiótico-discursivo da cor é um recurso para conectar emoções, conceitos, formas de interação e processos de persuasão. Embora a articulação cor-símbolo seja subjetiva, contextual e, em geral, articulada a crenças coletivas, ela constrói na narrativa visual interativa, no mapa e na plataforma, sentidos articulados a associações culturais e pessoais que contribuem para evocar reações psicobiológicas (Schloss, 2024). O fundo preto do mapa é associado na Colômbia a uma sensação de dor, morte, ocultação e marca um nível de formalidade social. O mapa se apropria sistematicamente das cores branca e laranja para representar as trajetórias de partida e chegada, o que implica os processos imaginários e criativos daqueles que são forçados a criar uma expectativa de futuro em um território estrangeiro.

No mapa, as trajetórias são materializadas em modelos topológicos, expressando de forma semiótico-discursiva os graus de contiguidade e disjunção entre as populações/municípios de origem e de acolhimento. Na Colômbia, o deslocamento intrarregional e interurbano envolveu cerca de 50% da população vitimada, com pequenos centros urbanos ou cidades intermediárias como centros de chegada. Quando o deslocamento interno forçado envolveu um deslocamento considerável entre o centro de partida e o centro de chegada, ele é considerado uma trajetória espaço-territorial na qual o deslocamento envolveu grandes rupturas socioculturais. A abordagem das topologias, em conjunto com as demais narrativas presentes na plataforma da Comissão da Verdade sobre o deslocamento forçado, emolduradas nas teias de memórias, enseja a construção de um percurso metodológico que possibilita a realização do processo analítico-interpretativo para desvendar os significados e sentidos capazes de promover perspectivas múltiplas e críticas em relação aos processos de mobilidade interna forçada.

O mapa estabelece uma relação direta com a narrativa verbal-gráfica institucional do título que orienta sobre as formas como se deu o “êxodo” forçado massivo de pessoas vítimas do conflito e produz uma avaliação.

### Traçar as linhas de uma geografia do deslocamento forçado

O deslocamento forçado tem dilacerado povos e comunidades em toda a Colômbia desde o início do conflito armado e, particularmente, nos últimos trinta anos. O êxodo em massa de pessoas que buscavam escapar dos horrores da guerra resultou em cerca de oito milhões de vítimas e se tornou uma dinâmica que não se limitou às áreas rurais do país. (Comisión de la Verdad, 2022b)

A topologia associada à narrativa institucional é a de uma malha, na qual ocorrem cruzamentos, confluências e fluxos de rede que atravessam todo o mapa e permitem demonstrar que o conflito territorial foi multivetorial e multidirecional. Isso implica a necessidade de recuperar no mapa outros tipos de topologias mais específicas que representem eventos específicos ocorridos no âmbito do conflito. Como pode ser visto nessa topologia, o objetivo, ancorado na narrativa institucional, é demonstrar que o deslocamento interno forçado na Colômbia teve múltiplas rotas e que a mobilidade forçada no país atravessa diversas territorialidades urbanas e rurais (Figura 2).

**Figura 2**

*Topologia de malha, com base no mapa de deslocamento formado.*



Nota. Comisión de la Verdad (2022b).

A narrativa institucional no cabeçalho da plataforma é ampliada com uma narrativa verbal-oral gráfica do testemunho de uma vítima de deslocamento interno forçado, que é atravessada por vários marcadores emocionais, como “à força saímos/não queríamos ter saído”, cujo significado está ancorado em conceitos como “impotência” ou “dor” em torno da perda e do desenraizamento do território. Quando a vítima expressa “mas eles nos tiraram”, isso constitui um marcador emocional que implica medo e temor ligados à violência, e aponta imediatamente para as consequências de não cumprir as diretrizes do ator violento “...ou se eles não tivessem nos matado, estaríamos mortos hoje...”, apontando novamente para “impotência” e “dor”, que relacionam o conhecimento prévio com o conhecimento que a vítima atualiza quando realiza a ação de testemunhar (Figura 3).

**Figura 3**

*Narrativa testemunhal de Teresa Escorcía G, na tematização da plataforma sobre deslocamento interno forçado*



“Foi por isso que saímos, não porque fomos vendidos à força, mas porque, para nós, não queríamos sair de lá. Mas nos tiraram de lá... ou se não tivessem nos matado, estaríamos mortos hoje . . .”

Teresa Escorcía Guevara  
Vítima de deslocamento. Membro da Asociación de  
Campesinos al Retorno

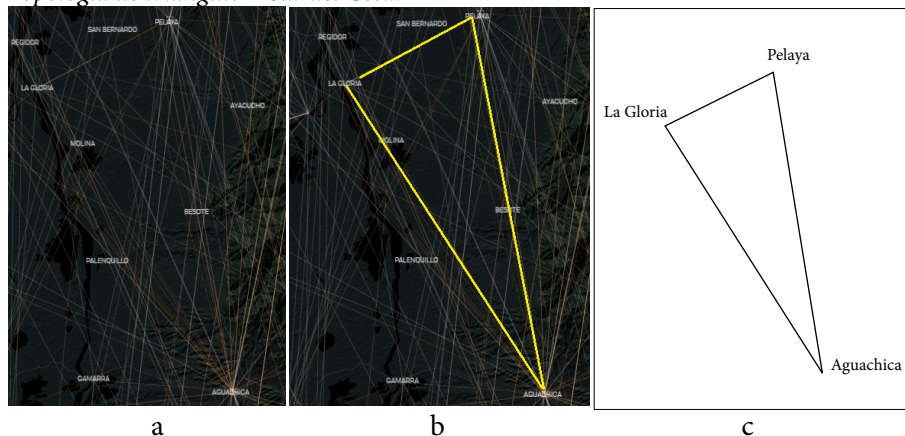
*Nota.* Comisión de la Verdad (2022b).

A narrativa emocionalmente transversal, em conexão com os gestos da vítima, tem o propósito de desafiar o caráter representacional da mídia de massa que tem sido socializado sobre o deslocamento interno forçado de forma imprecisa ou falsa, ocultando a ação criminosa de múltiplos atores, incluindo o Estado a serviço da desapropriação de terras, como nesse caso, dos camponeses.

O testemunho de Teresa Escorcia, membro da Asociación de Campesinos al Retorno, pode ser contextualmente relacionado aos eventos que ocorreram em Sur del Cesar, particularmente na Hacienda Bellacruz (agora chamada Hacienda La Gloria), da qual cento e setenta e cinco (175) famílias foram deslocadas pelos paramilitares da Frente Héctor Julio Peinado das Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC); Após sua desmobilização, a terra foi adquirida por empresas africanas de óleo de palma, cujo atual proprietário é Germán Efromovich, ex-proprietário da Avianca (“Reclamantes de la Hacienda”, 2024).

A agressão paramilitar contra os camponeses levou, entre outras ações, à saída de um grupo importante de famílias do país, via Bogotá, e à transferência de outras para fazendas em outros departamentos, como Tolima e Norte de Santander. Após a incursão paramilitar, os camponeses da Hacienda se refugiaram em municípios próximos, como Pelaya e Aguachica (Comisión de la Verdad, 2022a). A mobilidade interna na região de Sur del Cesar, entre 1996 e o presente, gerou trajetórias que configuram vetorialmente formações triangulares: as vítimas se mobilizaram até chegar às capitais municipais, de onde se rearticularam para realizar ações reivindicatórias, com o objetivo de ter suas terras restituídas, por meio de sua organização, em coletivos como a *Asociación de Campesinos al Retorno* (ASOCADAR). A topologia triangular é evidência de um deslocamento de caráter local e de extensão relativamente curta (Figura 4).

**Figura 4**  
*Topologia de triângulo – Sur del Cesar*



Nota. Comisión de la Verdad (2022b); Elaboração própria.

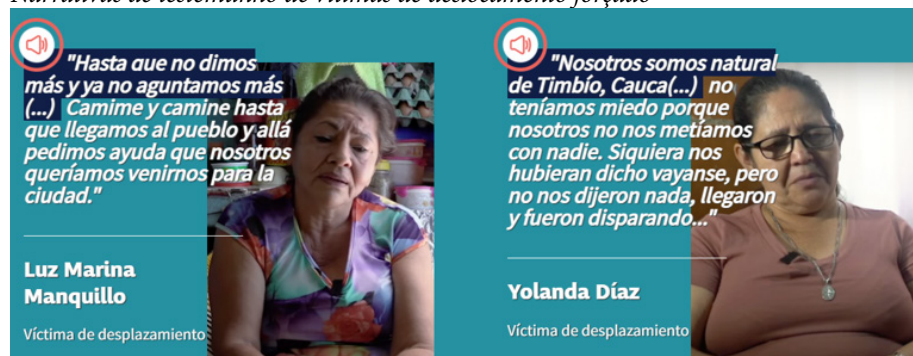
A narrativa verbal e gráfica que acompanha o mapa mostra, por um lado, a diversidade e a heterogeneidade das mobilidades para indicar que Bogotá,

Medellín e Santa Marta se tornaram as cidades com maior capacidade de receber vítimas de deslocamento interno forçado; por outro lado, mostra como lugares periféricos distantes do centro do país também se tornaram locais de recepção. A narrativa revela uma geografia de deslocamento forçado que é dinâmica, não apenas por meio de suas trajetórias e topologias, mas também pelas formas como as narrativas testemunhais começam a se articular. Por exemplo, de acordo com o painel de informações que acompanha o mapa de Santa Marta, entre 1985 e 2015, 142.341 pessoas deslocadas chegaram e 59.036 pessoas sofreram deslocamento intraurbano.

Após a narrativa visual-interativa, são formuladas duas narrativas, depoimentos emocionalmente articulados das vítimas, que nos permitem recuperar dos rostos femininos e de sua corporeidade expressões de nostalgia, que conectam o território e a experiência de vida com a expressão do gesto das mãos unidas para frente, no colo ou na virilha, que pode ser lido como uma atitude reprimida, ansiosa ou negativa, constituindo também uma atitude de defesa (Pease & Pease, 2008). Os rostos nos permitem recuperar marcadores semiótico-discursivos, tais como: a testa franzida, as linhas verticais na glabella, os olhos estreitados, a configuração do sulco nasolabial, o alongamento horizontal dos lábios e a marcação das rugas ao redor da boca. A dor articulada à perda do território e suas condições socioafetivas e culturais são formuladas como uma experiência individual e coletiva (Figura 5).

**Figura 5**

*Narrativas de testemunho de vítimas de deslocamento forçado*

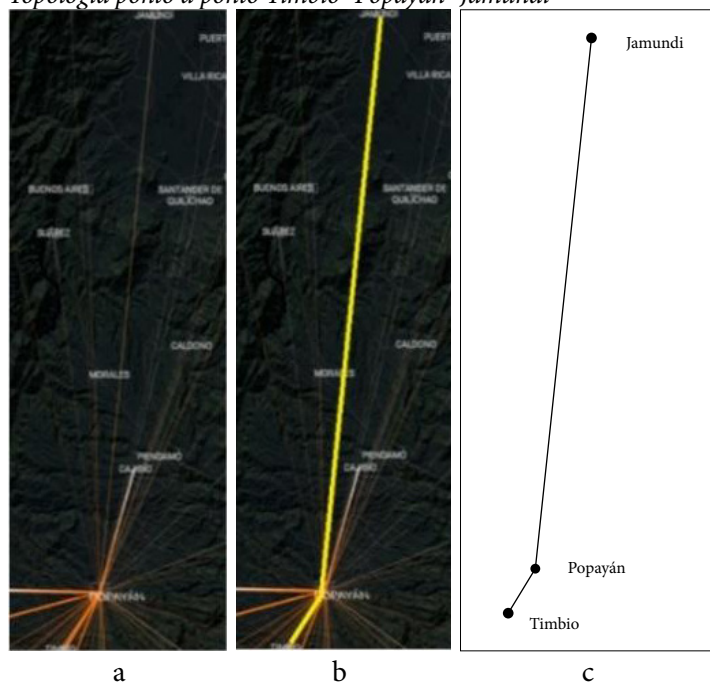


Nota. Comisión de la Verdad (2022b).

A narrativa de Luz Marina Manquillo evidencia sua saída do território, localizado em uma área rural, para a cidade; contextualmente, essa trajetória pode ser representada como ponto a ponto, embora não seja possível identificar no depoimento o ponto de partida e o ponto de chegada. A narrativa de Yolanda

Diaz está localizada em Timbío, departamento de Cauca; esse município tem recebido vítimas, mas, ao mesmo tempo, a população do município tem sido vítima de deslocamento interno forçado, o que estabelece uma relação vetorial bidimensional com outros municípios da região. No município de Timbío, ocorreram mais de dez mil eventos de vitimização, dos quais mais de 70% estão ligados ao deslocamento interno forçado, articulado com outros crimes, como desaparecimento forçado, homicídio e sequestro (“Registro Único de Víctimas”, 2024). No caso de Yolanda Diaz, contextualmente, sua trajetória incluiu sua partida em 2002 de seu local de nascimento para o município de Jamundí (Valle del Cauca), após a venda forçada de sua propriedade devido à presença e à ação de guerrilheiros e paramilitares na área. A partir da conexão com a narrativa visual interativa, pode-se inferir que a trajetória entre o ponto de partida e o ponto de chegada é expressa em uma relação topológica ponto a ponto, que inclui um trânsito intermediário pela cidade de Popayán. Essa relação topológica é descontínua e inter-regional por natureza, o que implica uma extensão e uma escala maiores (Figura 6).

**Figura 6**  
*Topologia ponto a ponto Timbío- Popayán- Jamundí*



Nota. Comisión de la Verdad (2022b); Elaboração própria.

Popayán, juntamente com outros municípios relevantes do departamento, são centros de recepção de populações deslocadas pelo conflito por diferentes razões: a presença histórica e permanente de grupos armados legais e ilegais; ações violentas para controlar o território; e a construção de megaprojetos de mineração e agricultura envolvendo empresas nacionais e transnacionais, devido à posição geoestratégica do departamento de Cauca e do Valle del Cauca, devido à sua proximidade com o oceano Pacífico. Entre as consequências do deslocamento interno forçado para as comunidades camponesas, indígenas e afrodescendentes estão a precariedade de seus meios de subsistência, a exclusão socioeconômica produzida pela acumulação de terras pelas elites, a localização em novos territórios onde não são geradas raízes e a impossibilidade de retorno devido à complexa situação de guerra interna na região. As mulheres constituem o núcleo das vítimas, tornando-se chefes de família devido à morte ou ao recrutamento de seus parceiros e filhos (Luque, 2016). Como se vê na Figura 7:

**Figura 7**

*Narrativa visual avaliativa*



*Nota.* Comisión de la Verdad (2022b).

Na narrativa visual avaliativa de Jenifer Gómez, Corporación Pi3nsa Cali, a jovem líder contribui para dar uma dimensão sociocultural e política à

vítima, para consolidar o senso de revitimização. A avaliação é um núcleo para explicar a complexidade do fenômeno representado na narrativa visual. “Eles saíram da guerra e do conflito no campo, mas não sabiam que talvez fossem encontrar um leão maior aqui na cidade, então isso fez com que eles ainda estivessem sobrevivendo ao conflito que encontraram na cidade”. (Comisión de la Verdad, 2022b)

O design lógico da narrativa avaliativa inclui o ponto de vista de um *insider* ou especialista, de modo que a metáfora “eles iam encontrar um leão maior aqui na cidade” cria uma correlação semântica com a guerra: eles saem da guerra no campo - chegam à *guerra* “maior” na cidade. Embora as informações sobre os tipos de guerra não sejam desenvolvidas, revelam categoricamente que o conflito no campo é atroz, e que na cidade o grau de complexidade é ampliado para dar à vítima a inevitável condição de sobrevivente no campo e na cidade: dupla vitimização. A coesão da narrativa de Jenifer Gómez é estabelecida a partir do papel sustentado e dimensionado por sua corporeidade. Sua posição como conhecedora permite que ela explique, a partir de significados muito específicos, a verdadeira condição das pessoas que sofrem deslocamento interno forçado e escolhem a cidade como refúgio: a outra guerra, dimensionalmente distinta. A posição das mãos é um gesto que faz parte do vínculo com o outro, a relacionalidade, criando um senso de interação. A elevação dos pulsos e o cruzamento dos dedos indicam uma posição de domínio cognitivo, que, como ativista e especialista, ela expressa com a maneira como cruza as mãos e os dedos, e que se concretiza verbalmente em: “mas eles não sabiam que talvez fossem encontrar um leão maior aqui na cidade”.

A narrativa verbal-gráfica subsequente, que contextualiza e amplia, conecta a geografia do deslocamento interno forçado com o testemunho do especialista, propondo uma visão retrospectiva do conflito.

Para entender por que o deslocamento forçado piorou durante a década de 1990, é necessário explicar os fluxos de vítimas em meio a esse clima de ansiedade. Há também casos de pessoas que foram deslocadas à força em várias ocasiões e que viajaram por diferentes partes do país para proteger suas vidas e as de suas famílias. Todas essas nuances são uma parte essencial da história das vítimas e dos esforços futuros para ajudar a reconstruir o tecido social que foi rompido pela violência em toda a Colômbia. (Comisión de la Verdad, 2022b)

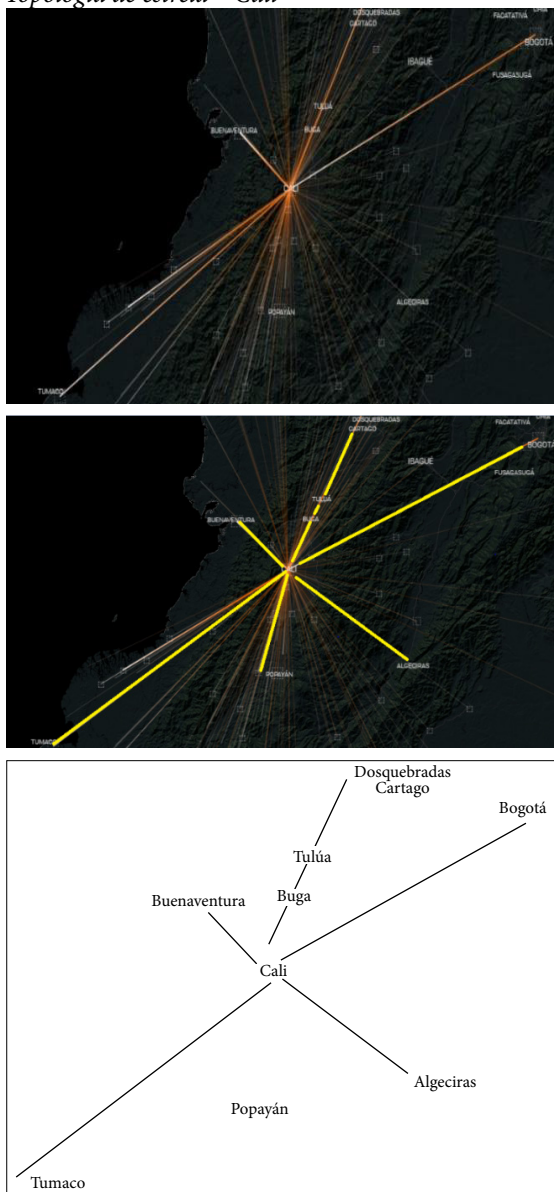
Em termos visuais, a mobilidade forçada para Cali é representada como uma topologia em estrela. Cali é a capital do departamento de Valle del Cauca

e a terceira maior cidade da Colômbia em termos de densidade populacional e número de habitantes, o que determinou que ela se tornasse um núcleo de recepção de vítimas do conflito. A topologia em estrela é caracterizada por uma distribuição radial na qual o eixo central funciona como um núcleo onde se concentra o fluxo de trajetórias. Essa topologia disruptiva e nacional, cujos pontos de chegada têm alta densidade, responde mais ao estabelecimento de relações socioeconômicas assimétricas do que a um tipo de organização que leva em conta a racionalidade no planejamento territorial.

No Valle del Cauca, o deslocamento forçado foi o resultado da disputa pelo controle territorial entre vários atores: os paramilitares, principalmente as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC); as guerrilhas; as gangues criminosas organizadas, como os Rastrojos; e as redes criminosas de microtráfico e tráfico de drogas, que se intensificaram desde a década de 1990 com o enfraquecimento da governança local. De acordo com o Consejo Nacional Indígena del Cauca ([CICR], 2023), durante o primeiro semestre de 2023, o Valle del Cauca foi o departamento com o segundo maior número de pessoas deslocadas, atrás apenas de Nariño, com 17%. O principal município onde ocorre o fenômeno do deslocamento interno forçado é Buenaventura, seguido por Cali, durante os primeiros meses de 2024; esses são considerados locais de refúgio de acordo com o Registro Único de Víctimas (2024).

De acordo com o DANE (2022), quase dez por cento (10%) da população de Cali sofreu deslocamento forçado no contexto do conflito, o que levou à necessidade de estabelecer grupos de trabalho interinstitucionais entre a prefeitura de Cali e o Governo Nacional para atender às vítimas desse evento vitimador. De acordo com o Modelo Integrado de Intervenção Territorial (MITI), produzido pela Unidade de Víctimas (2024), os problemas de acesso para pelo menos metade das vítimas incluem: falta de acesso à alimentação adequada, especialmente para crianças e adolescentes; acesso à moradia adequada; e acesso ao trabalho para satisfazer as necessidades básicas. A situação em Cali, e no Valle del Cauca em geral, é caracterizada pela urgência de atenção e reparação para as pessoas em condições de deslocamento forçado. A falta de recursos para prover a subsistência digna das pessoas torna a cidade um local de trânsito para outras grandes cidades, como Bogotá (Figura 8).

**Figura 8**  
*Topologia de estrela – Cali*



Nota. Comisión de la Verdad (2022b); Elaboração própria.

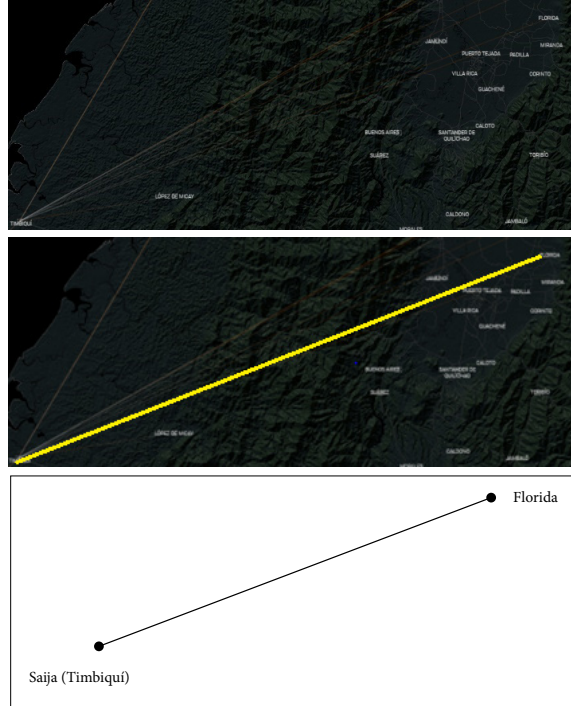
O vídeo curto de testemunho, focado no caso de Mercedes Hurtado, tem uma função contextualizadora, probatória e de petição ao Estado. É uma peça audiovisual curta de 2 minutos e 20 segundos que representa a linha do tempo que inclui os crimes e os crimes associados: desapropriação de terras e deslocamento interno forçado com assentamento em condições precárias, o que implica a luta pela sobrevivência. É o ato de parar e observar algo que não existe mais, de conectar o que resta: objetos, bens, pessoas no ambiente, projetos de vida frustrados, ideais, a fim de defender a própria vida da incerteza. O que se segue é o balanço do que foi alcançado e a inevitável busca por caminhos reparadores e transformadores. A narrativa audiovisual faz parte da plataforma midiática da Comissão da Verdade com a capacidade de comunicar, criar memória, evidenciar e criticar as lutas das vítimas do deslocamento interno forçado nas perspectivas socioculturais e na construção de memórias. No processo de memorialização, o curta-metragem testemunhal implica a interação entre o passado e o presente, onde diferentes formas de lembrar têm espaço, moldando a imaginação de grupos sociais que criam a memória social, com o potencial de propor transformações nos processos de construção de memórias pessoais e coletivas. Lembrar é, nesse vídeo testemunhal, uma sequência emocional que tem seu início e origem em uma retrospectiva da perda. O intertexto sonoro musical do vídeo, produzido pela Comissão da Verdade (Comisión de la Verdad, 2020), que está circulando no YouTube, reúne de forma testemunhal na peça musical e na letra a relação identidade-memória, ampliando a construção da memória coletiva: “eu sou a voz que se cala em meio ao medo, eu sou um grito corajoso, eu sou um povo inteiro”.

A primeira parte da narrativa audiovisual de Mercedes Hurtado representa os casos de vítimas de deslocamento forçado, que encontraram formas parciais de superar o trauma sofrido. Sua jornada começou em Saija (Cauca) e terminou no município de Florida (Valle del Cauca), onde, como mãe e chefe de família, ela foi deslocada com seus dois filhos. Seu testemunho narrativo é gerado no contexto de uma reação emocional de “medo” diante do recrutamento forçado de um de seus filhos e da apropriação do território por um grupo armado ilegal. A narrativa audiovisual inclui as condições de reassentamento, que se enquadra nas necessidades de dignificação da

vítima, em termos do direito ao trabalho, à moradia e à satisfação de suas necessidades básicas: “. . Eu tive que sair por causa do conflito armado, eles tomaram nossas terras. . Fiquei com medo. Aqui tive que lutar por ela, trabalhar para conseguir o que quer que fosse e, com a ajuda de Deus, hoje tenho uma casa. . .”. A narrativa audiovisual reforça o sentido do cotidiano, que se expressa na corporeidade da vítima orientada para o movimento a fim de realizar as tarefas domésticas, o trabalho e a busca pela transformação de sua precária condição socioeconômica.

A segunda parte do vídeo é orientada para o pedido-petição da vítima, que inclui: a necessidade de se chegar à verdade; a possibilidade de retorno, representada visualmente pelo recurso de tornar visível o ambiente da população de origem; e a obrigação do Estado de garantir a defesa da vida e do território, eliminando as diversas formas de vitimização. Emoções e atitudes de luta e conquistas pessoais são reforçadas, e valores como “paz” e “tranquilidade”, atualmente ausentes, são apropriados, o que é amplificado pela narrativa de Mercedes Hurtado; a presença sem rosto evidencia a necessidade de anonimato para evitar a revitimização; a tomada média de seu corpo e os movimentos de sua mão esquerda reforçam e tornam visível na narrativa uma forma de presença, por meio do recurso de visibilização-invisibilização. A narrativa audiovisual é a contextualização da situação atual, que ainda é caracterizada pelo controle ilegal do território por atores armados ilegais em confronto, o que aponta para o tipo de conflito e suas consequências para as populações rurais isoladas sem proteção do Estado. Contextualmente, pode-se inferir que, nesse caso, o conflito envolve dissidentes das Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – Ejército del Pueblo (FARC-EP) e do Ejército de Liberación Nacional (ELN), uma disputa que é enquadrada por interesses sociopolíticos e econômicos derivados do tráfico de drogas, da mineração ilegal e da negligência do Estado (Cañón, 2021).

A topologia do deslocamento de Mercedes Hurtado, assim como a de Yolanda Diaz, é ponto a ponto, com a diferença de que, no caso de Mercedes Hurtado, o significado e a busca pelo retorno são inferidos. Contextualmente, infere-se que, nesse caso, o conflito envolveu dissidentes das FARC e do ELN, uma disputa que é enquadrada por interesses sociopolíticos e econômicos derivados do tráfico de drogas, da mineração ilegal e da negligência do Estado.

**Figura 9***Topologia ponto a ponto – Saija (Timbiquí) para a Flórida*

Nota: Comisión de la Verdad (2022b); Elaboração própria.

## CONCLUSÕES

Esta proposta analítica se concentrou em compreender o processo de produção e interpretação semiótico-discursiva em torno da relação entre espaço-temporalidade, território e memórias, com o objetivo de elucidar como a violência é formulada, reproduzida e resistida no contexto do conflito armado, particularmente no contexto do deslocamento interno forçado. O deslocamento interno forçado é abordada como um conjunto de ações realizadas por atores armados legais e ilegais no âmbito do conflito armado interno, para o qual foi abordada a macronarrativa visual digital, constituída por múltiplas narrativas, cujo núcleo foi a narrativa visual gráfica interativa, o mapa, por meio do qual se conecta o tecido de narrativas visuais de ordem visual-verbal, visual-gráfica, verbal-oral e audiovisual, que constituem o contexto do mapa, a partir do qual foi formulado o processo analítico-interpretativo. A plataforma da Comissão da Verdade foi analisada, e as trajetórias e topologias foram explicadas e articuladas, conectando os recursos tecnológicos e simbólicos que possibilitam, no tecido macrossigno,

compreender as relações, as emocionalidades e as axiologias que determinam as perspectivas a partir das quais o deslocamento interno forçado é assumida.

A narrativa visual-gráfica interativa, o mapa, permitiu caracterizar e dar relevância à representação do deslocamento interno forçado, que mostrou que o fenômeno é determinado por fatores de violência por parte de atores legais e ilegais; e a precariedade de políticas públicas para preservar a vida dos cidadãos mais marginalizados do país, devido à falta de presença do Estado e de ações de proteção. Constatou-se que, em geral, as cidades e os municípios do país não dispõem de infraestrutura física e social para receber as vítimas, e há uma clara falta de assistência prática e oportuna e de espaços adequados para o diálogo social e o desenvolvimento de condições emocionais. A marginalização espaço-territorial, educacional e cultural é muito visível, principalmente quando se trata de órgãos estatais, que deveriam constituir o principal suporte físico, econômico e psicológico para o atendimento às vítimas.

A macronarrativa sobre o deslocamento interno forçado que circula digitalmente na plataforma da Comissão da Verdade constitui um recurso semiótico-discursivo para a construção da reparação integral e para a criação coletiva da paz, colocando em relação os princípios da verdade e da evidencialidade. A circulação multimodal e multimídia da macronarrativa conectou as narrativas institucionais e institucionalizadas, expressando um sentido de resistência às formas de socialização midiática do conflito e estabelecendo parâmetros de comunicação ética, dando centralidade à vítima e às conexões estruturais que determinaram o deslocamento interno forçado. ■

## REFERÊNCIAS

- Battistini, E., & Mondino, M. (2017). For a semiotic multisensorial analysis of urban space. The case of Ballaro and Vucciria markets in Palermo. *Punctum*, 3(1), 12-26. <https://doi.org/10.18680/hss.2017.0003>
- Cañón, M. C. R. (2021, 28 de agosto). En el Pacífico caucano se reconfigura el conflicto armado tras la promesa de paz. *El Espectador*. <https://www.elespectador.com/colombia/mas-regiones/en-el-pacifico-caucano-se-reconfigura-el-conflicto-armado-tras-la-promesa-de-paz/>
- Caquard, S., & Dimitrovas, S. (2017). Story Maps & Co. The state of the art of online narrative cartography. *Mappemonde. Revue trimestrielle sur l'image géographique et les formes du territoire*, (121). <https://doi.org/10.4000/mappemonde.3304>
- Center for Spatial Research & Universidad de Los Andes. (2019). Conflict Urbanism: Colombia. <https://conflicturbanismcolombia.com/>
- Colombia. (2016). Acuerdo Final para la Terminación del Conflicto y la Construcción de una Paz Estable y Duradera. *Comisión de la Verdad*. <https://www.comisiondelaverdad.co/acuerdo-final-para-la-terminacion-del-conflicto-y-la-construccion-de-una-paz-estable-y-duradera>

- Comisión de la Verdad. (2020, 9 de diciembre). *Yo soy la verdad* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=N4F2HaHEBTQ>
- Comisión de la Verdad. (2022a). *Hay futuro si hay verdad: Informe final de la Comisión para el Esclarecimiento de la Verdad, la Convivencia y la no repetición*. <https://repositorio.iidh.ed.cr/items/80c1293f-d3f8-41ac-a9ad-02b95be6a3f1>
- Comisión de la Verdad (2022b). *Desplazamiento forzado*. <https://www.comisiondelaverdad.co/violacion-derechos-humanos-y-derecho-internacional-humanitario/desplazamiento-forzado>
- Dane. (2022). *La información del DANE en la toma de decisiones regionales*. <https://www.dane.gov.co/files/investigaciones/planes-departamentos-ciudades/220422-InfoDane-Cali-Valle-del-Cauca.pdf>
- De Certeau, M. (1996). *La invención de lo cotidiano*. Universidad Iberoamericana.
- Entre enero y mayo de este año fueron víctimas de desplazamiento forzado cerca de 15.400 personas en Colombia. (2023, 31 de mayo). *Defensoría del Pueblo*. <https://www.defensoria.gov.co/-/entre-enero-y-mayo-de-este-a%C3%B1o-fueron-v%C3%ADctimas-de-desplazamiento-forzado-cerca-de-15.400-personas-en-colombia>
- Halbwachs, M. (2004). *La memoria colectiva*. Universidad de Zaragoza.
- Hernández, S. C., Rebolledo, J. E. R., & León, N. C. S. (2017). *La restitución de tierras y territorios: Justificaciones, dilemas y estrategias*. Dejusticia.
- Internal Displacement Monitoring Centre. (2024). *Global Report on Internal Displacement*. <https://api.internal-displacement.org/sites/default/files/publications/documents/IDMC-GRID-2024-Global-Report-on-Internal-Displacement.pdf>
- La restitución de tierras sigue estancada. (2024, 24 de abril). *Fundación Forjando Futuros*. <https://www.forjandofuturos.org/la-restitucion-de-tierras-sigue-estancada/>
- Lefebvre, H. (2013). *La producción del espacio*. Capitán Swing.
- Lewicka, M. (2008). Place attachment, place identity, and place memory: Restoring the forgotten city past. *Journal of environmental psychology*, 28(3), 209-231. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2008.02.001>
- Ley 1448 de 2011. (2011, 10 de junio). Por la cual se dictan medidas de atención, asistencia y reparación integral a las víctimas del conflicto armado interno y se dictan otras disposiciones. *D.O. 48096*. <https://www.unidadvictimas.gov.co/sites/default/files/documentosbiblioteca/ley-1448-de-2011.pdf>
- Luque, R. (2016). Los desplazamientos humanos forzados recientes en el Cauca (Colombia): características e impactos sociales y espaciales. *Investigaciones Geográficas*, 65, 181-200.
- Massey, D. (2005). *For space*. Sage.

- Orianne, J. F., & Eustache, F. (2023). Collective memory: Between individual systems of consciousness and social systems. *Frontiers in Psychology, 14*, 1-14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1238272>
- Pease, B., & Pease, A. (2008). *The definitive book of body language: The hidden meaning behind people's gestures and expressions*. Bantam.
- Pezzini, I. (2024). Devices for the representation and the spectacularisation of urban space: views, landscapes and logo-monuments. In F. Bellentani, M. Panico, & L. Yoka (Eds.), *Semiotic Approaches to Urban Space* (pp. 66-80). Edward Elgar Publishing.
- Pierce, J. (2022). How can we share space? Ontologies of spatial pluralism in Lefebvre, Butler, and Massey. *Space and Culture, 25*(1), 20-32. <https://doi.org/10.1177/1206331219863314>
- Reclamantes de la Hacienda Bellacruz logran tierras, pero no por restitución. (2024, 14 de febrero). *Verdad Abierta*. <https://verdadabierta.com/reclamantes-de-la-hacienda-bellacruz-logran-tierras-pero-no-por-restitucion/>
- Registro Único de Víctimas. (2024). *Unidad para las Víctimas*. <https://www.unidadvictimas.gov.co/es/registro-unico-de-victimas-ruv/37394>
- Santos, E. C. de los. (2020). ¿De qué hablamos cuando nos referimos a las movilidades forzadas? Una reflexión desde la realidad latinoamericana. *Estudios Políticos, 57*, 128-148. <https://doi.org/10.17533/udea.espo.n57a07>
- Schloss, K. (2024). Color semantics in human cognition. *Current Directions in Psychological Science, 33*(1), 58-67. <https://doi.org/10.1177/0963721423120818>
- Scollon, R. (2013). Geographies of discourse: Action across layered spaces. In I. De Saint-Georges & J.-J. Weber (Eds.), *Multilingualism and multimodality: Current Challenges for Educational Studies* (pp. 183-198). Brill.
- Téllez, J. F., & Balcells, L. (2022). Social Cohesion, Economic Security, and Forced Displacement in the Long-Run: Evidence from Rural Colombia. *World Bank Group*. <https://documents1.worldbank.org/curated/en/099539304262234248/pdf/IDU015a9be2b0af470434608d7404a72dfd1d88a.pdf>
- Verberg, N., & Davis, C. (2011). Counter-Memory Activism in the Aftermath of Tragedy: A Case Study of the Westray Families Group. *Canadian Review of Sociology/Revue canadienne de sociologie, 48*(1), 23-45. <https://doi.org/10.1111/j.1755-618X.2011.01248.x>
- Winkler, J. R., Mengelkamp, C., & Appel, M. (2022). Real-time responses to stories: Linking valence shifts to post-exposure emotional flow and transportation. *Communication Research Reports, 39*(5), 237-247. <https://doi.org/10.1080/08824096.2022.2119380>

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.



# Utopias, fantasmas e ficções do fim

## *Utopias, phantoms and fictions of the end*

CARMEN FERNÁNDEZ GALÁN MONTEMAYOR<sup>a</sup>

Universidade Autônoma de Zacatecas. Zacatecas, México

### RESUMO

Entre a literatura e a ciência, suas conexões na modernidade deram origem ao surgimento de novos tipos textuais, utopias e viagens, que antecedem a ficção científica como um ensaio de possíveis futuros. Em 1979, Suvin escreveu a história da ficção científica a partir de viagens maravilhosas, de ilhas alternativas e do conceito de estranhamento histórico. A ficção latino-americana, que não teve um desenvolvimento tecnológico, percorreu um caminho diferente, beirando o fantástico e o sobrenatural. Neste trabalho, as fronteiras e as possibilidades cognitivas da utopia, da ficção científica, do fantástico e das ficções apocalípticas e fantasmagóricas foram exploradas.

**Palavras-chave:** Utopia, experimento mental, cognição, futuro

<sup>a</sup>Doutora em Humanidades e Artes, docente e pesquisadora da Universidad Autónoma de Zacatecas, no México. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6926-6080>. E-mail: [carmenfgalan@uaz.edu.mx](mailto:carmenfgalan@uaz.edu.mx)

### ABSTRACT

Connections between literature and science in modernity gave rise to new textual types, utopias and travels. These types are the precursor of science fiction as a trial on possible futures. In 1979, Suvin wrote the history of science fiction based on wonderful journeys, alternative islands, and the concept of historical estrangement. Latin American fiction, in which there was no technological development, followed a different path, bordering on the fantastic and supernatural. This paper explores the frontiers and cognitive possibilities of utopia, science fiction, apocalyptic, and phantasmal fictions.

**Keywords:** Utopia, mental experiment, cognition, future



A HISTÓRIA DA FICÇÃO científica como gênero literário está ligada a histórias utópicas, à literatura de viagens e à sátira. Da utopia como lugar que não existe, chegou-se ao futuro ideal, como na ucronia *L'An 2440, rêve s'il en fut jamais*, escrita em 1771 por Louis-Sébastien Mercier, onde ocorre a mudança do *topos* para o *chronos*, ou seja, a projeção do espaço no tempo. Por outro lado, as explorações geográficas e a observação astronômica levaram as viagens para o espaço sideral, como *L'autre monde* (1662) de Cyrano de Bergerac, e o conto filosófico *Micromégas* (1752) de Voltaire, em que os personagens vão à Lua ou vêm da estrela Sirius. As histórias curtas e epistolares, junto com a sátira, foram as estratégias de comunicação científica usadas no século XVIII, uma forma de transmitir os conhecimentos proibidos e debater os sistemas do universo, como *An enquiry into the nature and place of hell* (1727) de Tobías Swiden, *Viaje del Mundo de Des-Cartes* (1742) de Grabiél Daniel, *Viaje estático al mundo planetario: en que se observan el mecanismo y los principales fenómenos del cielo* (1793) de Lorenzo Hervás y Panduro, entre outras obras, em que as teorias copernicanas e *les tourbillons* de Descartes foram exploradas. No século XIX, a ucronia reaparece como um experimento histórico com Charles Renouvier, *Uchronie: L'utopie dans l'Histoire* (1857), o que origina uma tradição literária de reconstruir acontecimentos históricos como bifurcação de possibilidades, um ensaio do que teria acontecido se . . .

No *boom* da literatura de viagens interestelares, as estratégias de plausibilidade das histórias foram integrando os novos paradigmas científicos. Em 1979, Darko Suvin escreve a história do gênero em *Metamorphoses of Science Fiction*; cuja produção foi feita na América do Norte e na URSS durante a década de sessenta, época em que proliferaram as ficções sobre o triunfo do comunismo. Suvin propõe os conceitos de estranhamento e *novum* para explicar o mecanismo que provoca uma quebra epistêmica e um distanciamento histórico, redefinindo o conceito de utopia como experimento cognitivo. A partir da poética da ficção científica de Suvin, Frederic Jameson faz a distinção entre utopia científica e utopia ideológica (Jameson, 2005, p. 49), integrando a noção de desejo de Lacan e a interpretação dos sonhos de Freud, junto com a *Ecotopía* (1968) de Ernest Callenbach. Na hermenêutica utópica de Jameson, o estranhamento é um espelho que causa distorção, *outlines of a better world*, com a esperança de *become others*, ou seja, a utopia é uma janela para o outro na dialética entre identidade e diferença.

A utopia se diversificou nas ucronias, nas distopias e nas heterotopias, que são lugares que se distinguem e se opõem a outros (Foucault, 2010), ou seja, as utopias localizadas, as contralocalizações e as regiões inventadas onde as margens que possibilitam a passagem para outros lugares são estabelecidas:

o espelho, o livro, o jardim, os cemitérios ou as virtualidades. Nesse sentido, bibliotecas e museus são heterocronias ou limiaries para outras regiões. Por outro lado, as distopias, ao contrário das utopias, mostram lugares não ideais e funcionam como um prognóstico das consequências do controle ideológico na sociedade de massa. As distopias levam a um mundo de dominação invertido, onde a tecnologia e a informática monitoram todas as esferas da vida, como em *1984* de Orwell e no cyberpunk, em que os cenários distópicos e labirínticos da era neobarroca são apresentados. Foi precisamente na década de oitenta do século XX que histórias labirínticas e incertas proliferaram, o que Berardi e Fisher definiram como *The slow cancellation of the future*, uma ficção científica sem naves espaciais nem adversários, “apenas a estrutura do túnel do tempo se despedaçando, ao longo do qual surgiram entidades malévolas, explorando e expandindo as fendas e fissuras da continuidade temporal” (Fisher, 2018, p. 25). Os horizontes da possibilidade inscritos no presente, a impotência diante do futuro, em um contexto de narcotráfico, necropolítica e automação, transformam a futurabilidade em um conceito gnosiológico para revelar os possíveis futuros (Berardi, 2019, p. 38). A visão do futuro em *liquid times* requer pensar na utopia ao contrário, ou seja, *Retrotopia* (2017), para recuperar as melhores ideias do passado, como Zygmunt Bauman propõe (2007) em uma arqueologia da memória e dos mundos possíveis.

A especulação do futuro se torna um experimento vital e uma dúvida compulsiva, uma depressão deliberada sem esperanças, uma melancolia pós-colonial decorrente da redução de expectativas após a queda do Muro de Berlim: o que vai acontecer agora que o socialismo desmoronou? O fim da história. De certa forma, na ficção científica é possível ler nas entrelinhas a divisão do mundo nos blocos socialista e capitalista, cuja luta é materializada na conquista espacial através da colonização da Lua e das viagens para Marte, que somente os países desenvolvidos tecnologicamente podem realizar, chegando na idade de ouro da exploração interestelar: as minas no céu, os robôs no espaço (Kaku, 2018, p. 140), os túneis habitáveis na Lua para alcançar a imortalidade transumana. A história da ciência e a história da ficção especulativa são escritas juntas.

## EXPERIMENTO MENTAL

Os experimentos de pensamento (experimentos mentais) são uma parte fundamental na filosofia, na física mecanicista e na mecânica quântica. Diferente do experimento real feito em laboratório, que possibilita a verificação e a reprodução do fato científico, a reprodução mental do procedimento experimental (Shapin, 2000, p. 110) dispensa o testemunho direto ou a repetição, além do fato de que

a publicação dos experimentos transforma os leitores em testemunhas virtuais. A experiência como demonstração científica utilizada na máquina pneumática é diferente dos experimentos de queda livre de Galileu, ou dos experimentos de Descartes e Pascal, que pensaram o que acontece se . . . , versus eu realizei e demonstrei que. . . O *Somnium, seu opus posthumum De astronomia lunari*, de Kepler e *Viaje estático al mundo planetario* de Hervás y Panduro são exemplos paradigmáticos de que o sonho, as viagens e as visões integram o conhecimento.

Uma viagem para a Lua que é possível realizar sonhando é o início da ficção especulativa no México, *Syzigias y cuadraturas lunares* . . . é uma história epistolar satírica com um almanaque do ano de 1775 que foi processado pela Inquisição devido ao seu conteúdo de ciência experimental e alquimia. A ficção científica no México (Fernández, 2015) é escrita em gêneros híbridos e beirando o fantástico: os contos e as cavalarias mutantes (Cantallops & Yoss, 2023), as fantasias em terras moribundas, a sobrevivência em um mundo que está acabando. A ficção científica latino-americana é construída fora dos conceitos hegemônicos, a partir de uma abordagem crítica e alternativa ao cânone (Bastidas Pérez, 2021) com os xamãs, os magos, os cientistas, os zumbis e os heróis apocalípticos.

O experimento mental de Alberto Chimal intitulado *La noche en la zona M* (2019) se passa na Cidade do México, em um cenário apocalíptico onde os sobreviventes de um colapso climático enfrentam o fim da ordem social em um Estado balcanizado, abandonado pelo Norte Global. No Dia zero, a comunicação pela internet cai, o projeto de sobrevivência se torna insustentável e não há alternativas para o futuro. Os acontecimentos históricos para este experimento mental foram o saque de Roma, o terremoto em Lisboa no século XVIII e as lutas em Tenochtitlán, como se as estruturas de poder do Império Asteca competissem atualmente com os poderes de fato (os extrativistas, os hackers, o crime organizado). Nesse cenário hipotético de catástrofe, o fim do mundo no Sul Global (Chimal, 2022), as formas de sobrevivência de um herói pós-apocalíptico revelam o cansaço existencial decorrente da exploração, da migração em massa e da precarização do trabalho. As compilações de narrativas especulativas do chamado “Terceiro Mundo” formam o seu próprio cânone a partir do qual a ficção especulativa está sendo redefinida.

A visão do futuro na ficção científica é sustentada pelo desenvolvimento tecnológico, separando o genuíno e “real” do maravilhoso (Shapin, 2000, p. 118); além disso, Todorov (2016) definiu a ficção científica como o “maravilhoso instrumental” ou “maravilhoso científico” sendo a viagem a fórmula para a exploração total da realidade. Na América Latina, a ficção científica ou o uso da ciência como explicação é uma amálgama de “percepções populares

sobre os desenvolvimentos científicos e a alternativa oferecida pelo ocultismo” (Cano, 2006, p. 87). Nos países latino-americanos, onde esse desenvolvimento tecnológico não aconteceu, as ficções especulativas circularam nos territórios do fantástico delimitados por Louis Vax (1965, p. 22): o feérico, as superstições populares, o espectral, o macabro, o policial, o trágico, o humor, a utopia, a alegoria, o ocultismo, a psicologia, a psicanálise e a metapsicologia são os domínios da narração fantástica. A passagem do visível ao invisível, as alterações da causalidade, o folclore misturado com a história e o humor ácido, em resumo, a indeterminação do real, são as estratégias da literatura de imaginação no Sul Global. A utopia é uma descentralização que “possibilita que a gente se distancie do nosso próprio mundo e se coloque na frente dele” (Vax, 1965, p. 17) para olhá-lo de fora com ironia e transformá-lo em outro. Esta metamorfose com estranhamento é uma forma de transcender o real, como nas *Ucronías* (1990) de Óscar de la Borbolla, histórias hipotéticas e fantásticas que circularam no jornal *Excélsior* da Cidade do México em 1985, junto de notícias diárias com acontecimentos extraordinários, o que confundia os leitores sobre os níveis de realidade a partir de um jornalismo ficcional sobre o que poderia acontecer se...

## A HISTÓRIA DO FIM DO MUNDO

O que vai acontecer quando tudo acabar? O fim do mundo pode ser dividido em duas grandes categorias: a profecia religiosa e a previsão científica; nos dois casos, trata-se de estabelecer um ponto de partida e de chegada no calendário. O ano zero ou o dia zero como começo ou fim dos tempos são a base das histórias teleológicas, a partir da gênese até o apocalipse ou do fim da história de Fukuyama anunciado em 1992. Nos primórdios do novo milênio e nos tempos de crise, as profecias e previsões proliferam: “sob várias influências existenciais imaginamos diversos fins do mundo” (Kermode, 2000, p. 16). As visões de mundo retilíneas, próprias do Ocidente, se tornaram finais abertos, ou seja, carregam transições constantes em utopias adiadas. A ideia do fim pode ser iminente ou imanente em uma escatologia de incerteza e desesperança.

As ficções do fim estão relacionadas com o conceito de tempo ou origem do universo, e são construídas na concordância “do passado imaginativamente registrado e do futuro imaginativamente previsto” (Kermode, 2000, p. 19). Os apocalipses costumam ser apresentados como uma tragédia, e quando a data não é cumprida, o calendário é reajustado. Os matemáticos, os astrônomos e os físicos, junto com os oráculos sibilinos, os profetas, os cabalistas, os teólogos, os sacerdotes, as freiras, os hereges, os videntes e os poetas estabeleceram datas para o fim em escritos automáticos, data às vezes relacionada a um número

específico, como o da besta em 1666 ou a festa do fim do mundo em Uganda em 1999, e, principalmente, em momentos de crise: terremotos, incêndios, cometas, nuvens venenosas, holocaustos nucleares, alinhamentos de planetas, abduções de óvnis, cataclismos, erros cibernéticos, colapso climático, inversão do polo magnético, explosão do Sol.

Os historiadores do presente partem de 1989 como o início de uma nova era que exige metodologias de estudo para escrever a história do Antropoceno. De certa forma, esta abordagem historiográfica envolve a construção de perspectivas como em *Une brève histoire de l'avenir* de Jacques Attali (2007), sobre o fim da nona forma da ordem comercial entre 2025 e 2030 para entrar em uma sociedade de hipervigilância e hiperconflito. As histórias do futuro estão sendo construídas nos laboratórios sociais e artísticos, bem como nas agências espaciais e centros de pesquisa de várias universidades, no entanto, ainda falta uma história sistematizada do fim do mundo que dê conta das perspectivas, concordâncias e âmbitos em que surgiram as profecias e as previsões do fim. A partir da teoria da ficção, Kermode (2000, p. 35) explica os mecanismos de tempo e da distorção das expectativas em um breve resumo dos apocalipses durante o cisma Ocidental e das profecias históricas durante períodos de transição e de caos.

No início de 2000, proliferaram histórias sobre óvnis, abduções alienígenas, eclipses, tempestades solares, cometas e asteroides, terremotos, mudança climática e outras versões do Armagedom. Los Angeles foi a cidade escolhida para o cenário distópico de várias teorias do fim do mundo por volta de 1994, década em que vários suicídios coletivos aconteceram, como o do grupo religioso “Porta do céu” em 1997, entre outras abduções alienígenas e parusias. O ano 2000 é marcado como ponto de referência do erro informático Y2K (também conhecido como Bug Y2K, Bug do Milênio ou Bug dos anos 2000) e do derretimento dos polos terrestres. Com o desenvolvimento do acelerador de partículas em 2009, ano da conjunção da Lua e Vênus, acreditou-se que ele seria capaz de causar um buraco negro. O fim do calendário maia em 2012 foi conjuntural no México, também por causa das eleições presidenciais, quando uma mãe arrancou os olhos do próprio filho com uma colher para que ele não visse o fim do mundo. A queda de Jerusalém estava prevista para acontecer entre 2017 e 2021, e no corrente ano, 2024, o genocídio no Oriente Médio continua e os que acreditam nas teorias apocalípticas matam seus filhos zumbis na América do Norte.

A denominação ano zero e dia zero têm um impacto na memória histórica, porque a estrutura do tempo é a estrutura do mundo. O Dia zero da Cidade do México, em relação ao abastecimento de água, aproxima-se em 2028, e, de acordo com a revista *Science Advances*, extinções em massa estão previstas para esse ano, o Papa João XXIII marca esse fim em 2033, os centros de estudo de mudança

climática alertam que, em 2030, medidas extremas para descarbonizar a atmosfera devem ser tomadas, e os economistas vislumbram um colapso social nesse ano devido às consequências da automação do trabalho e da inteligência artificial (Bratton, 2021, p. 37). Até 2038, estima-se o controle das ogivas nucleares e o fim da telefonia móvel, e estima-se que, em 2045, o colisor de hádrons poderá recriar as condições do *Big Bang*, e, assim, conhecer a origem do universo e, portanto, o fim. São estimados 5 mil anos para a grande explosão do Sol, e, de acordo com *Nature Geoscience*, dentro de 250 milhões de anos haverá extinção total; enquanto isso, as estimativas de Newton, as previsões de Nostradamus e de Baba Vanga, marcam os anos de 2060, 3797 e 5079, respectivamente. Em todos estes casos é necessário considerar os ajustes dos sistemas de calendário, a consonância dos horizontes de expectativas e o ponto de referência que marca o deslocamento temporal. Por exemplo, em *Warhammer 40,000* ou *W40k*, criado em 1987 por Games Workshop, o futuro distópico se passa temporariamente no 41º Milênio, com personagens fantásticos como fuzileiros navais e mineiros espaciais, demônios e dragões, necrons e tiranos em jogos de RPG de códices e edições diferentes. Transferindo os cronotopos do maravilhoso medieval para o cenário intergaláctico e para as teorias atuais do universo, os finais se multiplicam, já que em média uma galáxia e cerca de 275 milhões de estrelas morrem por ano. A morte de uma estrela pode ser lenta ou rápida, uma estrela anã preta ou branca desaparece na escuridão até se tornar carvão na escuridão do espaço (Durham & Purrington, 1996, p. 270). O fim do mundo pode ser a qualquer dia . . .

São inúmeras as histórias e previsões sobre o fim dos tempos, em uma revisão geral podem ser observadas, como constantes, as lutas religiosas e/ou políticas, as crises sociais e os discursos do conhecimento ou os cientistas que procuram validar as profecias e explicar o movimento dos planetas e os fenômenos climáticos. Há elementos de continuidade nos argumentos, às vezes as denominações para o fim do mundo mudam, assim como os personagens, de magos para cientistas, de daimones para alienígenas, de feras para Leviatãs invisíveis, de cataclismos para partículas fantasmagóricas, de lugares físicos para simbólicos. Entre as ficções que imaginaram a mudança de milênio, a de Emilio Salgari se destaca, publicada em 1907, chamada *Le meraviglie del Duemila*, que marca o ano de 2003 como o fim do experimento de ressurreição de cem anos atrás. O século XXI, que Salgari imaginou no século XX, descreve as ferrovias, os túneis polares, as cidades submarinas, os aviões, a comunicação extraterrestre, o elevado crescimento populacional, a exploração dos solos com máquinas que erguem montanhas, resumindo: “um lugar onde a ciência venceu todo mundo” e onde o tempo foi acelerado: “Há cem anos se perdia muito tempo; caminhavam e se mexiam na velocidade de tartarugas. Hoje, por outro lado,

competimos com a eletricidade” (Salgari, 2017, p. 86). Os avanços tecnológicos e as missões espaciais também são o tema de *2001: Uma Odisseia no Espaço* de Stanley Kubrick, lançada um ano antes de Armstrong pousar na Lua, em um contexto em que viajar para a Lua e para Júpiter, a comunicação interestelar, e os portais no tempo são controlados por máquinas e pela inteligência artificial, da mesma forma que Attali (2007) descreve e que foi anunciado por diversas teorias do colapso cibernético em 2000 e do apagão elétrico em 2023.

Calculadores, semióticos e trevas discutem o controle da informação e dos segredos científicos em *El fin del mundo y un despiadado país de las maravillas* de Murakami, escrito em 1985; a trama é a construção de um mapa mental para poder lembrar a cidade cercada por muralhas onde as sombras não podem entrar nem sair. O herói é um leitor de sonhos que aprende a decifrar sinais nos ossos, conectando a “fisiologia cerebral, a acústica, a filologia e a teologia” (Murakami, 2023, p. 40). Uma espécie de limbo da consciência em um labirinto de enigmas. Em 1985, *Eon* de Greg Bear é publicado, situado em uma terraformação em 2005 com asteroides viajando através do tempo, seguido pelo romance de universos paralelos chamado *Eternity* (1988). Bear apresenta diferentes mundos com rotas intertextuais em matemática, astrofísica, paleontologia e filosofia neoplatônica. Em 2019, Benjamin Bratton escreve o manifesto que origina o projeto de urbanismo planetário *The Terraforming* do Instituto Strelka de Moscou, onde o passado e o futuro das cidades como rede e as implicações da mudança climática antropogênica na geopolítica são estudados; *Planetarnost* é proposto como uma tecnosfera alternativa (Bratton, 2021, p. 109), uma modelagem artificial que se baseia na perspectiva cartográfica que contempla a visão telescópica do espaço sideral.

Em 1988, são publicadas póstumas *Seis propuestas para el próximo milenio* de Ítalo Calvino (1999, p. 119): a leveza, a rapidez, a precisão, a visibilidade, a multiplicidade e a consistência (não escrita), em que o mundo é representado como um sistema de sistemas onde as catástrofes não são consequência de uma única razão, mas um vórtice com diferentes convergências em romances com finais inconclusivos. Em 1989, é marcado o fim das utopias devido à queda do muro de Berlim, o experimento mental fica na abstração e o futuro projetado está fora de qualquer espaço delimitado, por isso as distopias e as antiutopias são necessárias (Facuse, 2010), para devolver às utopias o seu caráter visionário.

A literatura futurista está recorrendo à viagem mental, à pesquisa, ao testemunho e à entrevista (Chimal, 2012, p. 199), à extrapolação e aos experimentos conceituais para construir cenários hipotéticos no debate dos *Tecnofuturos* (2019). Recursos são investidos cada vez mais em projetos aeronáuticos, missões espaciais e laboratórios do futuro buscando mundos habitáveis ou a expansão da

ficção científica em grandes projetos de engenharia futurística e utópica, como *Hieroglyph* (2011) de Neal Stephenson, que combina a ciência e a imaginação no Arizona. Através de sondas espaciais, o lado escuro da Lua é explorado, encontrando, em 2024, túneis, cavernas e poços onde os taikonautas podem estabelecer bases. Enquanto as grandes potências gastam seu orçamento em guerras e projetos espaciais, o Sul Global está dividido entre o real e o possível, entre a nota vermelha, a história e a distopia, como no romance *2666* de Roberto Bolaño, uma história do presente na fronteira do México, onde o princípio da complementaridade se torna o princípio da incerteza: “deveriam existir ficções criadas a partir da concordância entre as explicações tradicionais e as novas, e as mudanças consequentes deveriam ser registradas nas representações fictícias do mundo” (Kermode, 2000, p. 73). O paradoxo de escrever a partir da fronteira e viver à margem é a busca por justiça e transfiguração em cemitérios esquecidos.

O passado e o futuro, uma ideia do final, encontram-se em *La Compañía* (2019) de Verónica Gerber Bicecci, a história do desastre ambiental em Zacatecas, México. Neobarroca, labiríntica e abismal, é uma reescrita de narrativas fantásticas, de pinturas abstratas e de relatórios científicos, de planos topográficos, de mapas de asteroides e de poços de minas que mostram uma visão de raios X através de páginas pretas e imagens de alto contraste. O antigo Novo Mercúrio e o novo Novo Mercúrio, hoje San Felipe, Mazapil está no *Environmental Justice Atlas* de desastres ambientais: nos túneis radioativos só vivem colônias de vampiros como testemunhas distópicas de uma realidade que se projeta do passado para o futuro. O estranhamento, como previsão, provoca um arrepio no leitor que consegue ler a morte invisível na radiografia do passado que se converte em um diagnóstico preciso do futuro do Antropoceno. Os feitiços de Verónica Gerber também são intertextuais e cibernéticos, máquinas distópicas ou tradução intersemiótica da arte e da poesia em um oráculo digital com indicadores temporais de 2018 a 2699: aleatoriedade combinatória com percentuais de contaminação das minas. Esta distopia lembra a de Mercier e contempla aquele *2440* em contraste com os ideais urbanos do Iluminismo francês.

A ficção científica (FC), como gênero, nasce em 1895 em *Time machine* de Wells e agora compete com o fantástico, a transmídia e os oráculos da internet. O gênero próximo e a diferença específica da FC se perdem entre os cronotopos misturados, a justaposição de acontecimentos reais e ficcionais, os percursos intertextuais e autorreferenciais. A função do herói pós/trans/humano talvez seja derrotar a máquina e a prótese, o desejo utópico, a libertação do gênero, da raça, da clonagem virtual etc., espelhos que refletem a distorção da relação com os outros. Depois da física quântica e da teoria das cordas, da astronomia óptica com a espectroscopia e do radiotelescópio, a cosmologia atual ensaia o

futuro do cosmos levando em consideração várias hipóteses sobre o fim de tudo. Michio Kaku (2022, p. 327) retoma a lenda viking dos três invernos que vão afundar a Terra na escuridão enquanto as estrelas caem do céu para explicar com as leis da termodinâmica e com as imagens do satélite WMAP, os fenômenos antigravitacionais e de entropia que vão provocar o distanciamento das galáxias, o congelamento até o zero absoluto e a escuridão eterna.

Se o mundo todo é um palco, como Shakespeare disse, eventualmente o terceiro ato vai acontecer. No primeiro ato, teríamos o *big bang* e o surgimento da vida e da consciência na Terra. No segundo ato, talvez vivamos para explorar o céu e as galáxias. Por fim, no terceiro ato, vamos enfrentar a morte definitiva do universo durante o grande congelamento (ou grande frio). (Kaku, 2022, p. 329)

Estudos escatológicos postulam a grande implosão para daqui a 50 bilhões de anos, quando as galáxias colidirão e se fundirão, deixando apenas nuvens quentes espalhadas no *Big Crunch*. A idade do Universo é dividida em cinco fases no tempo astronômico: a era primordial, a era estelífera, a era degenerada, a era dos buracos negros e a era das trevas. Na era estelífera, a era da vida inteligente, espera-se o provável impacto do asteroide 1950DA em 2880, o que causaria inundações devastadoras. Diante do horizonte do fim, os cientistas se perguntam sobre a possibilidade de escapar para outro mundo, em direção às estrelas.

## FANTASMAGORIAS

Além do fim dos tempos, além do espaço, a ciência dos fantasmas surge durante o Renascimento e o Barroco com a magia catóptica e os dispositivos ópticos; mais tarde virão os espectros do comunismo no *Manifesto* de Marx, os poderes fantasmagóricos do capitalismo para Walter Benjamin, a Hauntologia ou espectrografia de Jacques Derrida, os fantasmas e o duelo fracassado de Mark Fisher. O primeiro tratado ou poética da invisibilidade foi o *Ente elucidado*, a teoria barroca dos fantasmas e duendes de Antonio Fuentelapeña publicada em 1667 (Rodríguez de la Flor, 2009, p. 160). As propriedades secretas e a desmaterialização são um teatro da natureza, do mundo ou do universo paralelo, o primeiro elo da literatura do invisível, dos fantasmas depois do sonho da razão.

Tal como as sombras de Hades, o mundo subatômico escuro e impreciso é um turbilhão de “imagens fantasmagóricas” que na teoria das cordas sugerem um segundo universo (Harpur, 2020, p. 105), como em *Ente elucidado*, em que o feérico, os duendes e os habitantes do ar são intuídos a partir dos seus efeitos. As descrições do mundo subatômico são metáforas indeterminadas: o neutrino

fantasmagórico pode criar buracos negros, as partículas oscilantes são como éons, os seres feéricos e astrais em planos supraterrrestres. As máquinas e artefatos que os tornam inteligíveis exigem uma interpretação de sinais em sondas magnéticas e fotografias subatômicas<sup>1</sup>. A tecnologia do invisível começa com a magia catóptrica: cenários, caixas catóptricas, teatros polidípticos e lanternas mágicas, que originaram a *Phantasmagorie*. Os experimentos de Hooke em 1668 com a câmara escura, a *lanterne de peur*, a projeção de fantasmas de fumaça em 1770, as sessões espíritas em Berlim em 1790 e as encenações do mágico Phylidor em Paris e Londres, juntamente com as representações com o fantascópio de Robertson em 1799 na França pós-revolucionária, são considerados os antecedentes da fantasmagoria e da espectrologia (Hecht, 1983, p. 5). Baseados nos sistemas estenográficos e na catóptrica de Athanasius Kircher, as técnicas de Robertson serão aperfeiçoadas com o *blue room* e com o efeito fantasma de Henry Pepper em 1862. A partir da antiga catoptromancia, a ciência dos espelhos projeta os fantasmas do futuro:

A imagem refletida no espelho era capaz de provocar um certo estado de hipnose ou de transe no espectador, pois o brilho e a imaterialidade dessa superfície conseguiam concentrar tanto a sua atenção que anulavam a sua percepção de todos os objetos externos, possibilitando assim o aparecimento de “fantasmas” ou de qualquer outra intuição sobrenatural. (López Villalba, 2019, p. 15)

A ciência dos fantasmas e das aparições, próxima do espiritismo e da parapsicologia, oferece a oportunidade de falar com os mortos, as famosas sessões espíritas foram substituídas pela inteligência artificial, ampliando o seu campo de atuação. A série sueca *Real Humans* (2012) mostra um futuro alternativo com robôs humanoides ou *hubots* que ganham consciência e podem substituir os familiares falecidos em uma comunicação além da morte, assim como os fantasmas das redes sociais onde você pode continuar conversando com os perfis de usuário de quem já não existe. No diálogo filosófico *Sobre la cara visible de la Luna...* de Plutarco é dito que “quando um homem morre, sua alma vai para a Lua, onde passa por diferentes etapas até se tornar um *daimon* que participa de assuntos terrestres” (Fernández Galán, 2021, p. 64). Neste caso, as almas dos mortos são os habitantes da Lua, no entanto, as cidades no espaço serão habitadas por máquinas (Kaku, 2018, p. 155). Em relação aos marcianos, a comunicação com os habitantes de Marte, segundo Salgari, foi possível depois do lançamento de uma onda hertziana na esperança de encontrar um elemento receptor e com o experimento, em 1940, de colocar duzentas mil tochas acesas no *Far West* que eram visíveis do espaço.

<sup>1</sup> Elétrons, partículas tau e mu foram detectados no SNOLAB do Canadá em 2017.

Com a FC, o tema da comunicação extraterrestre com alienígenas, andróides e replicadores passou a ser amplamente explorado, através de linguagens artificiais e interlínguas, telepatia ou linguagens atemporais como *Story of your Life* (1998) de Ted Chiang “que especula com a linguagem de alguns visitantes alienígenas, os heptápodes, o que elimina a direcionalidade temporal do pensamento e permite lembrar o futuro” (Jariego, 2020, p. 13). As possibilidades de comunicação extraterrestre foram exploradas a partir da Semiologia, tanto no campo da ciência quanto na literatura, para resolver a questão de como comunicar (Mounin, 1972, p. 144), com soluções *deus ex-machina* ou artefatos tradutores, exemplos de luzes no deserto formando o teorema de Pitágoras, entre outras tentativas. A conclusão de Mounin é que é necessário um mesmo universo físico-químico, as ondas hertzianas, e uma situação em comum para poder diferenciar sinais e sons naturais dos sinais com intenção comunicativa.

No final de 1967, radioastrônomos da Universidade de Cambridge descobriram uma fonte de sinais de rádio que pulsava em um ritmo exato de 0,7477747 vezes por segundo. Sabendo que nenhuma fonte natural poderia emitir pulsações de rádio tão precisas, esse ritmo foi chamado, em tom de brincadeira, mas com alguma esperança, de LGM, acrônimo para “Little Green Men” (Homenzinhos Verdes). Logo ficou óbvio que as pulsações não eram produto de vida inteligente. . . Assim, os LGMs foram descartados e o “pulsar” tomou o seu lugar. (Durham & Purrington, 1996, p. 260)

A equação de Drake (1961) permite calcular as probabilidades de comunicação extraterrestre com base na taxa de formação de estrelas, na fração de estrelas com planetas e na duração das civilizações. A sonda espacial Voyager, em 1977, com dois discos fonográficos de ouro, levará quarenta mil anos para chegar à estrela mais próxima. Os radioastrônomos de SETI usam suas antenas constantemente para procurar sinais, a telemetria espera conseguir uma comunicação em 2029, por enquanto, em 2024, a NASA conseguiu transmitir dados via laser a 226 milhões de quilômetros. No entanto, a comunicação com esse outro mundo, e as conquistas com robôs e máquinas que enviam informações do espaço sideral, os fósseis cibernéticos (Parikka, 2021, p. 206), os 2.250 satélites obsoletos e o lixo espacial são espalhados na antigravidade e há riscos de colisão.

Os organismos cibernéticos podem provocar admiração e horror: os *trozeados* (ou troceados), personagens criados por Alberto Chimal (2022), são “criaturas formadas por cadáveres com um mecanismo de baixo custo que os move como bonecos e assusta os familiares do sobrevivente”. Entre os zumbis e os transumanistas, as viagens xamânicas e os amuletos eletrônicos (Bartra, 2019), o efeito

placebo e cognitivo das redes exocerebrais e das máquinas sentimentais substituem a consciência histórica, o cancelamento do passado, lembrando a famosa frase de Orwell: “aquele que controla o passado, controla o futuro”, e mais do que uma expansão, é uma redução da consciência: “os meios audiovisuais estão ganhando terreno e não podemos garantir que a escrita seja o único caminho possível para estender a nossa memória, nem descartar novos desenvolvimentos tecnológicos que, eventualmente, acabem substituindo-a” (Jariego, 2020, p. 15). As projeções do passado no futuro, as fusões ontológicas quando “todos os futuros correspondentes a probabilidades quânticas diferentes de zero realmente coexistem em universos múltiplos e coexistentes” (Durham & Purrington, 1996, p. 274), apresentam um universo que se divide repetidamente em cópias de si mesmo.

### CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS

Ao escrever, ensaiar e pensar sobre o futuro, os horizontes da possibilidade e da imaginação devem ser ampliados como em *New Atlantis. A work unfinished* (1626) de Bacon. Os campos de Sol que Campanella vislumbrou em *Civitas Solis* (1602), hoje são reais com as placas solares e os moinhos de vento, os gigantes quixotescos e os espelhos que olham para as estrelas. *Ut supra, sic infra...* entre mitos e mapas psicomânticos, nas teorias do universo, dançam como as esferas celestes nas previsões do fim. ■

### REFERÊNCIAS

- Attali, J. (2007). *Breve historia del futuro*. Planeta.
- Bartra, R. (2019). *Chamanes y robots: Reflexiones sobre el efecto placebo y la conciencia artificial*. Anagrama.
- Bastidas Pérez, R. (Comp.). (2021). *El tercer mundo después del Sol*. Minotauro.
- Bauman, Z. (2007). *Tiempos líquidos: Vivir en una época de incertidumbre*. TusQuets.
- Berardi, F. (2019). *Futurabilidad: La era de la impotencia y el horizonte de la posibilidad*. Caja Negra.
- Bratton, B. (2021). *La terraformación: Programa para el diseño de una planetariedad viable*. Caja Negra.
- Calvino, I. (1999). *Seis propuestas para el próximo milenio*. Siruela.
- Cano, L. C. (2006). *Intermitente recurrencia: La ciencia ficción y el canon literario latinoamericano*. Corregidor.
- Cantalops y Yoss, J. A. (Ed.). (2023). *Caballería mutante: Literatura fantástica cubana*. Elefanta.

# D

## Utopias, fantasmas e ficções do fim

- Chimal, C. (2012). *Futurama: Literatura y ciencia a través del tiempo*. Fondo de Cultura Económica.
- Chimal, A. (2019). *La noche en la zona M*. Fondo de Cultura Económica.
- Chimal, A. (2022). *Supervivencia de bajo presupuesto imaginar el futuro desde el Sur global*. UCLA.
- Durham, F., & Purrington R. D. (1996). *La trama del universo: Historia de la cosmología física*. Fondo de Cultura Económica.
- Facuse, M. (2010). La utopía y sus figuras en el imaginario social. *Sociológica*, 25(72), 201-213. [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0187-01732010000100009&lng=es&tlng=](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-01732010000100009&lng=es&tlng=)
- Fernández, B. (2015). *Los viajeros: 25 años de ciencia ficción mexicana*. Ediciones SM.
- Fernández Galán, C. (2021). Los habitantes de la Luna: Entre la ciencia, el mito y la literatura. *Connotas: Revista de crítica y teoría literarias*, (22). <https://doi.org/10.36798/critlit.vi22.348>
- Fisher, M. (2018). *Los fantasmas de mi vida: Escritos sobre depresión, hauntología y futuros perdidos*. Caja Negra.
- Foucault, M. (2010). *El cuerpo utópico*. Nueva Visión.
- Gerber Bicecci, V. (2019). *La Compañía*. Almadía.
- Harpur, P. (2020). *El fuego secreto de los filósofos*. Atalanta.
- Hecht, H. (1983). *The history of projecting phantoms, ghosts and aparitions*. The Magic Lantern Society.
- Jameson, F. (2005). *Archaeologies of the future: The desire called Utopia and other science fictions*. Verso.
- Jariego, F. (2020). ¿Qué puede hacer la ciencia ficción con el futuro?: Reflexiones sobre la ciencia ficción, la innovación y el futuro en España. *Hélice*, 6(1), 8-23. [https://www.revistahelice.com/revista\\_textos/n\\_28/Helice%2028%202020%20Primavera-Verano%20JARIEGO.%20Que%20puede%20hacer%20la%20sf%20con%20el%20futuro.pdf](https://www.revistahelice.com/revista_textos/n_28/Helice%2028%202020%20Primavera-Verano%20JARIEGO.%20Que%20puede%20hacer%20la%20sf%20con%20el%20futuro.pdf)
- Kaku, M. (2018). *El futuro de la humanidad: La colonización de Marte, los viajes interestelares, la inmortalidad y nuestro destino más allá de la tierra*. Penguin-Random House.
- Kaku, M. (2022). *Universos paralelos: Los universos alternativos de la ciencia y el futuro del cosmos*. Atalanta.
- Kermode, F. (2000). *El sentido de un final: Estudios sobre la teoría de la ficción*. Gedisa.
- López Villalba, A. (2019). Dentro del espejo: La máquina catóptrica o espejo teatral. *Acotaciones*, 42, 15-36. <https://doi.org/10.32621/acotaciones.2019.42.01>
- Mounin, G. (1972). *Introducción a la semiología*. Anagrama.

- Murakami, H. (2023). *El fin del mundo y un despiadado país de las maravillas*. TusQuets.
- Parikka, J. (2021). *Una geología de los medios*. Caja Negra.
- Rodríguez de la Flor, F. (2009). *Imago: La cultura visual y figurativa del barroco*. Abada.
- Salgari, E. (2017). *Las maravillas del 2000*. Tercera Fundación.
- Shapin, S. (2000). *La revolución científica: Una interpretación alternativa*. Paidós.
- Suvin, D. (1979). *Metamorphoses of science fiction: On the poetics and history of a literary genre*. Yale University Press.
- Todorov, T. (2016). *Introducción a la literatura fantástica*. Coyoacán.
- Vax, L. (1965). *Arte y literatura fantásticas*. Eudeba.

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.



# A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit'i. É possível um compromisso ético-semiótico com o meio ambiente?

*The land, the rocks, the snowy peaks, and the sun in the annual pilgrimage to the Lord of Qoyllurit'i. Is it possible to create an ethical-semiotic commitment to the environment?*

CELIA RUBINA VARGAS<sup>a</sup>

Pontificia Universidad Católica do Peru. Lima, Peru

## RESUMO

Perguntar sobre o futuro da semiótica exige, agora mais do que nunca, olhar para as urgências das nossas sociedades contemporâneas. A partir de um interesse pelo estudo de práticas sociais religiosas de grande magnitude, complexidade e relevância no Peru, como a peregrinação ao Santuário do Senhor de Qoyllurit'i, nos perguntamos até que ponto a semiótica nos oferece ferramentas para um compromisso ético com o meio ambiente. Para isso, destacaremos quatro figuras da Natureza: a terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol que são parte essencial dos rituais de peregrinação. A ética ecológica da cultura andina quíchua nos oferece uma maneira de propor um compromisso ético com a nossa disciplina.

**Palavras-chave:** Peregrinação, rituais religiosos, ambiente, ética, Qoyllurit'i

<sup>a</sup> Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade de Toulouse e professora do Departamento de Comunicações da Pontificia Universidad Católica do Peru (PUCP). Suas pesquisas são do campo da semiótica do discurso, da cultura e das artes visuais. Seu interesse mais recente é nas práticas religiosas andinas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3860-5374>. E-mail: [cirubina@pucp.edu.pe](mailto:cirubina@pucp.edu.pe)

## ABSTRACT

Questioning about the future of semiotics requires us, now more than ever, to look at the urgencies of our contemporary societies. From an interest in the study of religious social practices of great magnitude, complexity and relevance in Peru, such as the pilgrimage to the Shrine of the Lord of Qoyllurit'i, we ask ourselves to what extent semiotics offers us tools for an ethical commitment to the environment. To this end, we will highlight four aspects of nature: earth, stones, snow-capped mountains and the sun, which are essential parts of the pilgrimage rituals. The ecological ethics of Andean Quechua culture offer us a way of proposing an ethical commitment to our discipline.

**Keywords:** Pilgrimage, religious rituals, environment, ethics, Qoyllurit'i

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p283-302>

V.18 - Nº 3 set./dez. 2024 São Paulo - Brasil CELIA RUBINA VARGAS p. 283-302

MATRIZES

283



# D

## A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit'i

**N**O PRIMEIRO CAPÍTULO de *Structural Semantics* de A.J. Greimas, encontramos a base para propor uma semântica científica sobre a importância do estudo dos processos de significação no âmbito das ciências humanas. Greimas (1986, p. 5), ao dizer que para “transformer l’inventaire des comportements humains en anthropologie et les series des événements en histoire, nous ne pouvons que nous interroger sur le sens des activités humaines et le sens de l’histoire”, reconhece que o denominador comum entre as ciências humanas é o estudo do sentido. Embora saibamos que a antropologia e a história desenvolveram seus próprios métodos, perspectivas e conceitos particulares, elas compartilham a dificuldade de criar coerentemente uma descrição adequada da realidade observada, das ações, dos documentos, da linguagem-objeto que decidem estudar. Ao abordar a descrição de uma prática religiosa complexa, é importante destacar aspectos semânticos apontados pelo pai da semiótica estruturalista. Nesse sentido, o papel da percepção diante das práticas sociais nos torna etnógrafos do que é apresentado aos nossos sentidos, sejam eles visuais, auditivos, gustativos, olfativos ou táteis. Greimas propõe que consideremos a percepção como o lugar não linguístico onde se situa a apreensão do significado. Portanto, a semântica se declara abertamente como uma disciplina que busca descrever o mundo sensível.

Para descrever a estrutura elementar da significação, Greimas (1986, p. 18) retorna à dicotomia essencial do contínuo versus o descontínuo: “La seule façon d’aborder, à l’heure actuelle, le problème de la signification, consiste à affirmer l’existence de discontinuités, sur le plan de la perception”. Graças à percepção de discontinuidades e diferenças, o mundo faz sentido para o ser humano. Como sabemos bem, os termos-objeto de estudo precisam de algo em comum, mas também de algo que os distinga para estabelecer relações de conjunção e disjunção. Na mesma linha, Joseph Courtés (1991) propõe estudar “conjuntos significativos”, sublinhando a importância de se trabalhar discursos particulares, qualquer que seja a sua natureza. Para ilustrar a necessidade do semiólogo iniciar seu trabalho no nível da percepção e estabelecer a transição do contínuo para o descontínuo, Courtés (1991, pp. 29-37) descreve a passagem de um grupo de pessoas que compõem a procissão fúnebre que acompanhava o falecido ao cemitério, como se fazia na França rural no século passado. A distinção das unidades no plano de expressão do cortejo (por exemplo, sua distribuição espacial) permitiu ao semiólogo levantar oposições e correlações com as unidades do plano de conteúdo. Essa poderosa descrição didática para a distinção dos conceitos básicos de nossa disciplina destaca a percepção visual e sonora dos gestos dos participantes do ritual fúnebre.

Graças à sociosemiótica de Eric Landowski, começamos a trabalhar as relações de presença do que faz sentido para nós. O foco agora está nas interações sociais significativas e nas práticas humanas que nos determinam social, ética, cultural e politicamente. A geração de sentido não se constrói apenas por meio de signos verbais, mas sobretudo por meio dos gestos e signos trocados em um ato comunicativo, em nossos atos de presença diante dos outros (Landowski, 2010, p. 10). Aqui, a presença dos participantes de um ritual coletivo e seus gestos, desde uma saudação, uma reverência, até mesmo um olhar, até a sintaxe dos gestos e os passos de uma dança ritual, e o cumprimento dos turnos de entrada no santuário, na complexa experiência de uma peregrinação multitudinária, torna-se especialmente importante. Daí a importância dos regimes de identidade e alteridade, essenciais para o desenvolvimento de uma sociosemiótica que busque na experiência imediata do sensível, do figurativo e do passional nossa presença, nosso aqui e agora no mundo.

### **RITUAIS RELIGIOSOS COMO OBJETO DE ESTUDO**

Nesta reflexão sobre a análise semiótica das práticas sociais e rituais, é importante abordar outras disciplinas como a antropologia e a filosofia para avaliar a relação entre o analista e seu objeto de estudo. A antropóloga peruana Zoila Mendoza estudou extensivamente a peregrinação ao santuário do Senhor de Qoyllurit'i, especialmente a partir dos aspectos sensoriais da experiência de caminhada que leva os participantes da comunidade de Pomacanchi, na província de Acomayo, ao santuário localizado nas alturas da província de Quispicanchis, em Cuzco. O objetivo foi estudar os processos cognitivos que se desenvolvem ao longo de uma caminhada de mais de 137 quilômetros vivenciada pelos peregrinos, enfatizando as sensações sonoro-musicais e os estímulos visuais da paisagem durante o passeio. Por se tratar de uma caminhada, o autor inclui a experiência do movimento e aponta que “a unidade do visual, do som e do movimento é o que torna a participação na festa em homenagem ao Senhor de Qoyllurit'i uma experiência única e indelével” (Mendoza, 2010, p. 18). Mendoza descreve a experiência multissensorial da caminhada e coleta os depoimentos dos participantes em quíchua. Dessa forma, ela busca romper a distância entre os peregrinos e ela mesma como pesquisadora, desde que sua própria identidade e experiência pessoal o permitam. Assim, ela defende ouvir verdadeiramente os protagonistas dos ritos coletivos, trabalhar com eles e publicar em quíchua e espanhol, a fim de estabelecer um diálogo mais amplo e oferecer um retorno de conhecimento às populações com quem trabalha.

# D

## A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit'i

Do ponto de vista filosófico, Víctor Casallo reúne as contribuições da fenomenologia husserliana para destacar o potencial de renovação ético-cultural das práticas religiosas tradicionais andinas. A ideia de renovação é focalizada do ponto de vista ético e é proposta como alternativa da racionalidade contemporânea aos dilemas do sentido da vida humana (Casallo Mesías, 2024, p. 325). O filósofo peruano adapta as reflexões que Husserl fez no contexto da Europa entre guerras, e as transfere para a América Latina, em particular para as comunidades andinas onde a fé cristã se desdobra em torno da devoção e celebração de uma imagem religiosa. Se a contemplação de qualquer imagem (pictórica ou fotográfica) pode transmitir a presença do ausente que é vivida como “presença ativa”, no caso da imagem religiosa trata-se de uma experiência mais complexa que se relaciona com a experiência da estética<sup>1</sup>. Embora o pesquisador não mencione diretamente a celebração no santuário do Senhor de Qoyllurit'i, sabemos que os gestos que ele descreve se referem a diferentes momentos de sua adoração: “Portanto, ao entrar na atmosfera do mundo exibida em uma imagem religiosa, há uma maneira de falar, cantar ou ficar em silêncio. Caminhar, ajoelhar-se, dançar ou ser chicoteado assumem um significado específico na presença na imagem. Ensinar a criancinha a aquecer a base de uma vela para enfiá-la em uma pedra na parede do santuário funda nessa criança o sentido profundo do mundo que ela está descobrindo, que ela habita com os outros” (Casallo Mesías, 2024, p. 333). Do ponto de vista do crente, a imagem religiosa convoca uma dimensão do sagrado, constrói um sentido pleno que é vivido e compartilhado em comunidade. O caminho argumentativo dessa reflexão filosófica conclui com a ética do amor de Husserl e desenvolve a ideia de que a experiência da comunidade religiosa encontra seu significado no bem buscado em favor do outro. A imagem do sacrifício de Cristo – que oferece a sua vida pela salvação dos homens – é coerente com a citada ética do amor.

<sup>1</sup>“Na imagem como objeto estético, outro mundo se nos abre com seu tempo-espaco próprio. Mesmo quando é bidimensional, apreciamos outro lugar análogo ao nosso mundo tridimensional e, no obstante a natureza estática das suas figuras, reconhecemos e sentimos os movimentos, o drama, a quietude” (Casallo Mesías, 2024, pág. 333).

A partir da abordagem semiótica, Desiderio Blanco estudou o rito da Missa como prática significativa. A Missa é apresentada como um rito de recordação e atualização do sacrifício de Jesus, é uma “encenação” feita de gestos, palavras e ações que nos remetem ao relato da Última Ceia. Desta forma, um evento do passado se torna presente. Além dos testemunhos escritos sobre o momento inaugural da Eucaristia, o rito da Missa tem sido mantido ao longo dos séculos graças ao “corpo cristão”: o corpo carnal de cristãos participantes do rito da “fração do pão”, e no “corpo místico” da Igreja, que sustenta a prática através dos corpos particulares de cristãos “praticantes” que participam ininterruptamente do rito da Missa” (Blanco, 2012, p. 152). A importância da delimitação do espaço sagrado no ato ritual da Missa é trabalhada por Blanco a partir das relações tensionantes do modelo de Zilberberg. Momentos de alta intensidade

se distinguem de momentos de baixa intensidade na prática ritual coletiva. O momento da consagração do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo é o momento de suprema intensidade no rito da Missa. A figura do sacrifício assume todo o seu significado, pois não apenas nos remete à história mítica de onde vem, mas é universal e sem derramamento de sangue – *urbi et orbi* – para todos os praticantes católicos em cada nova liturgia.

Como podemos ver com os autores citados, quando estudamos práticas rituais que correspondem a uma experiência religiosa, não buscamos estabelecer um distanciamento que garanta a neutralidade do pesquisador. Pelo contrário, os semiólogos sabem que a objetividade com relação ao que foi estudado não existe, uma vez que diferentes graus de subjetividade intervêm em nossas descrições e interpretações.

### A PEREGRINAÇÃO AO SENHOR DE QOYLLURIT’I: DO MITO AO RITO

A festa do Senhor de Qoyllurit’i é celebrada na terça-feira do quinquagésimo oitavo dia após o domingo de Páscoa. É a maior peregrinação do sul andino peruano que reúne mais de 100 mil habitantes (Salas Carreño, 2021, p. 49) que se deslocam de suas aldeias, comunidades e cidades de origem para a cidade de Mahuayani, no distrito de Ocongate. De lá começa a subida ao santuário que está localizado no vale do Sinak’ara, a mais de 4.800 metros acima do nível do mar, localizado na província de Quispicanchi, departamento de Cuzco. Embora a festa religiosa esteja ligada à celebração do *Corpus Christi* católico, o autêntico repositório das danças e homenagens dos comparsas e peregrinos é Taytacha Qoyllurit’i, uma imagem do Cristo encontrada dentro do santuário, pintada sobre uma enorme rocha negra. Este culto está intimamente ligado aos ritos em homenagem ao Apu Qolqepunku, a bela montanha coberta de neve que coroa a cordilheira do lugar. Deve-se notar que o nome “Qoyllurit’i”<sup>2</sup> é composto de duas palavras em quíchua: “*quyllur*”, que significa “estrela”, e “*rit’i*”, que significa “gelo” ou “neve”. Quanto ao nome da montanha nevada Qolqepunku, também é composto por duas palavras em quíchua: “*qulqi*”, que significa “prata”, e “*punku*”, que significa “porta”. Ambos os nomes evocam claramente a brancura, o brilho e a luz da neve perpétua.

A origem do culto ao Senhor de Qoyllurit’i remonta ao final do século XVIII, quando ainda existia o Vice-Reino do Peru. Atualmente, existem várias fontes orais e escritas sobre a história do menino pastor que teria tido uma revelação divina nas alturas de Ocongate.

Em 1780, na aldeia de Mahuayani, um pastor indígena chamado Mayta enviou seus dois filhos para pastar seu gado de lhamas, ovelhas e alpacas em

<sup>2</sup> Há modos distintos de traduzir o nome e de escrevê-lo, cf. Salas Carreño (2021, nota 2, p. 68).

# D

## A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit'i

um lugar muito alto, frio e solitário, já que sua “morada se localizava nas cavernas do monte gelado de Sinakara, no sopé da majestosa montanha nevada de Qolqepunku” (Ramírez, 1969, p. 61). Sem a ajuda do irmão mais velho, o mais novo, Marianito Mayta, fica encarregado do pastoreio. Incapaz de suportar o peso do trabalho, Marianito toma a decisão de se afastar de suas terras, quando inesperadamente lhe apareceu uma criança “da mesma idade, loira e muito bonita” (Ramírez, 1969, p. 62). As crianças se tornam amigas, se alimentam do pão que o menino loiro trazia, e ambos cuidam do pastoreio e gostam de brincar e dançar juntos. Quando seu pai lhe fez uma visita, ele notou que em pouco tempo seu gado havia aumentado. Um pedaço de pano da roupa da criança desconhecida levantou as suspeitas das autoridades eclesiásticas, que organizaram uma procissão liderada pelo tenente pároco de Ocongata, Pedro de Landa, para ir até Sinak'ara com a intenção de apanhá-lo (Ramírez, 1969, p. 66). Eles pretendiam cercá-lo, mas uma luz brilhante os cegou. O pequeno pastor, temendo que seu amigo fosse ferido, correu de um lado para o outro para distrair os perseguidores. No meio da perseguição, o sacerdote estendeu a mão e foi presenteado com a imagem do Crucificado no galho de uma árvore *tayanka*. Por fim, a criança perseguida desapareceu e Marianito caiu morto aos pés da rocha onde estavam (Gow, 1974, p. 89). Embora algumas das versões não indiquem a identidade da criança desconhecida<sup>3</sup>, outras não hesitam em identificá-la como Niño Manuelito<sup>4</sup>, nome que damos no planalto peruano ao Menino Jesus (Mendoza, 2010, p. 20). A imagem pintada do Cristo que hoje se venera na capela do Senhor de Qoyllurit'i foi uma obra posterior do artista cusquenho Fabián Palomino (Ramírez, 1969, p. 68).

De uma perspectiva semiótica, é importante apontar alguns aspectos da história. Por que a imagem de Cristo é venerada se os protagonistas da história são duas crianças: o pastor Marianito Mayta e o menino Manuelito? Não é fácil explicar essa mudança semântica em um nível figurativo que faz com que a figura de Cristo prevaleça sobre a figura do Menino Jesus. Por um lado, há a visão do Cristo na árvore *tayanka* que pode explicar a importância da veneração da cruz do Senhor de Tayankani. Por outro lado, é preciso notar que a rocha que presenciava os encontros das crianças era desde tempos muito remotos objeto de rituais por parte dos habitantes, segundo Ramírez (1969, p. 67), “os indígenas iam sempre acender velas ao pé da rocha”. Aqui cabe lembrar a importância dos motivos etnoliterários no estudo da tradição oral andina, objeto primordial da vasta obra do semiólogo peruano Enrique Ballón (2006, pp. 297-392) que determinou a função dos motivos em relatos míticos. De nossa parte, seguindo essa linha de trabalho, estudamos o motivo da petrificação que tem presença recorrente nos mitos andinos. Definimos petrificação como um

<sup>3</sup> Na versão de Kay Pacha, em vez de um único filho, aparecem um menino e uma menina: “Ali estão o menino e a menina. Eles me ajudaram a cuidar dos nossos animais”, disse o menino (Gow & Condori, 1982, p. 87).

<sup>4</sup> Quando o pai de Marianito lhe ordena que pergunte sobre a origem do amigo, ele responde “que seu nome era Manuel e que era de *Tayankani*” (Ramírez, 1969, p. 63).

motivo narrativo através do qual ocorre a transformação de um personagem em pedra. Essa metamorfose é permanente e dá origem a uma pedra que é cultuada pela população local (Rubina & Kanashiro, 2015). O culto às pedras, as grandes rochas que têm função tutelar, é evidenciado nas histórias do *Manuscrito Huarochirí*: Chuquisuso foi transformado em pedra no Canal de Cocochalla que fornecia água para o Cupara, assim como Pariacaca entrou na área nevada que até hoje leva seu nome. Se a grande rocha negra de Sinak'ara era venerada pelos habitantes indígenas antes que a figura de Cristo fosse pintada, pode ser que essa rocha tenha sido o produto de uma história muito antiga de petrificação da qual não temos notícias hoje. A importância da petrificação em relação ao Senhor de Qoyllurit'i já foi apontada por David Gow (1974, p. 60)<sup>5</sup>: “Manuel se petrifica ou desaparece dentro da pedra para escapar de seus perseguidores e demonstrar sua divindade”. Consideramos também que a fé ancestral na petrificação – uma forma de sacralizar o espaço – é o que tem garantido a veneração profundamente enraizada do Senhor de Qoyllurit'i. Provavelmente os temas de /morte/ e /sacrifício/ sofridos pelas crianças perseguidas são aqueles que prevaleceram para que a figura de adoração se refira ao Crucificado. Atualmente, há uma entrada lateral no santuário que permite apreciar a enorme rocha negra; os peregrinos fazem uma longa fila para entrar apenas alguns minutos, ajoelhar-se e persignar-se, sob o olhar atento dos irmãos que guardam a entrada.

Há oposições semânticas em relação aos atores da história que podem ser transferidas da história oral para o plano experiencial da fé dos peregrinos. No nível figurativo, encontramos uma clara oposição entre as crianças. Nas diversas variantes da história, não há descrição física de Marianito, enquanto diz-se que Manuelito é “loiro”, “muito bonito”, “criança branca ou mestiça” (Ramírez, 1969, pp. 62-63). Esses aspectos que marcam a singularidade da criança que apareceu e sua estranheza em um ambiente pobre e indígena visam sobretudo prefigurar o /sagrado/, uma vez que coincidem com as feições que as imagens do menino Jesus apresentam em muitos altares e capelas das igrejas de Cuzco. Quanto às ações que as crianças realizam juntas, há aquelas que determinam seu bom entendimento e amizade: elas “brincam”, “conversam” e “dançam”; e aquelas ações que estão relacionadas ao trabalho e ao trabalho pastoral, juntas elas “pastoreiam os animais” e “fiam a lã”. As crianças estabelecem um relacionamento próximo, pois se tornaram como irmãos. Todos os dias Manuelito oferece a Marianito um pedaço de pão, e este promete conseguir roupas para ele. A estrutura da troca, tão útil nos relatos orais, também está presente nessa história. O tema que liga os filhos das alturas é então /fraternidade/, /reciprocidade/ e /solidariedade/, e, conseqüentemente, ocorre o /bem-estar/ de sua mútua /companhia/ e a /prosperidade/ de seus animais.

<sup>5</sup> Gow (1974, p. 55) ressalta ainda que “A diferença mais importante entre as versões camponesas da lenda e a versão “oficial” reside no fato de que na primeira tudo está centrado na rocha e na segunda, na rocha cruz.”

# D

## A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit'i

A incursão do mundo dos adultos, através das figuras do “pai”, do “padre”, do “pároco”, com interesses alheios aos estabelecidos pelas crianças, causará medo, perplexidade e o desaparecimento final de um e a morte do outro. Na visão que o pároco que tenta alcançar o menino Manuelito tem em uma árvore de *tayanca* aparecem as figuras que caracterizam o Cristo crucificado, “sangrando”, “sofrendo” e “agonizando”. Muito depois da origem da história, a imagem do Cristo que atualmente preside o templo do Senhor de Qoyllurit'i foi pintada na grande rocha negra de Sinak'ara. Os devotos adoram, se ajoelham, dançam, cantam e oram diante da imagem da Taytacha. Todos nós que viemos ao altar oramos por nossas famílias, por nossa saúde, por melhorar nossas condições de vida. Diante de figuras que representam o /sofrimento/, /dor/ e /sacrifício/ de Cristo na cruz, os devotos imploram pelo /bem-estar/, /prosperidade/ e /vida/ de alguém.

### O BLOCO DOS QHAPAQ QOYLLA DE CCATCCA

Graças ao generoso convite dos membros do grupo Qhapaq Qolla da cidade<sup>6</sup> de Ccatcca, pertencente à província de Quispicanchis, pudemos participar este ano da peregrinação ao santuário do Senhor de Qoyllurit'i<sup>7</sup>. Todos os membros do bloco se comprometem ao longo do ano na organização de um programa de atividades que começa no sábado, 25 de maio e termina na sexta-feira, 31 de maio. É importante considerar que muitos dos membros do bloco moram em locais diferentes de Cuzco e que viajam para a celebração até o centro povoado de Ccatcca, dessa forma, há um reencontro e uma vivência de sua fé em comunidade. Não quero deixar de citar os nomes de alguns dos membros do Bloco: o presidente Isaías Puertas, o cabo Wilber Zapata, o atual mordomo Ismael Soto, os mordomos do próximo ano: Walter e Favio Muñoz. Quero fazer uma menção especial ao Sr. Wenceslao Huamán Conza, que orgulhosamente nos diz que celebrou 45 anos participando da peregrinação, e aos nossos amigos César Sutta e Cristófer Bellido. Para todos eles, nosso sincero reconhecimento e gratidão (Fotos 1 e 2).

O programa das comemorações é muito rico e inclui atividades ininterruptas desde o início da manhã até a meia-noite. As madrugadas também fazem parte da programação, especialmente na subida ao santuário que é feita caminhando de Mahuayani para Sinak'ara, depois da meia-noite, ao luar. Há rituais típicos das celebrações católicas como a peregrinação ao cemitério, a saudação da imagem do Senhor em seu santuário, as orações e cantos nas igrejas de Ccatcca, Ocongate e Tayancani, as missas e as procissões das imagens da Virgem e da Cruz de Tayancani. Mas é preciso sublinhar o lugar privilegiado ocupado nas

<sup>6</sup> Os Qhapaq Qolla são peregrinos dançarinos associados aos pastores das altas regiões andinas. Eles cobrem o rosto com máscaras tecidas e a cabeça com bonés elaboradamente bordados à mão. Nos cintos carregam animais de pelúcia de alpaca e vicunha, nas mãos carregam uma huaraca que usam na dança Yawar Mayu.

<sup>7</sup> Milagros Vargas – amiga pessoal e guia turística profissional – viajou comigo para participarmos juntas da peregrinação em maio de 2024.

celebrações pela música, danças e cantos em língua quíchua. Testifico a emoção dos membros da trupe em cantar a canção em homenagem ao Senhor de Qoyllurit'i. Durante o desfile no centro de Ccatcca no sábado, 25 de maio, os Qhapaq Qollas vestidos com seus belos trajes entraram na praça em duas fileiras acompanhados pelos músicos que tocavam harpa, violino e flauta. Os sinos dos trajes e os assobios de alguns bailarinos complementam harmoniosamente este festival sonoro. Mais tarde, outros músicos se juntarão, tocando uma bateria com pratos, *tarola* e tambor, além de um acordeonista. Na dança ritual do Yawar Mayu, o estalo dos chicotes no chão ou nas canelas do parceiro de dança tem um som breve e agudo, intenso e inconfundível (Fotos 3 e 4).

**Foto 1**

Don Wenceslao Huamán Conza, Qhapaq Qolla de Ccatcca, 26 mayo 2024.



**Foto 2**

Cena de los Qhapaq Qolla de Ccatcca, 26 de mayo 2024.



**Foto 3**

Pasacalle de los Qhapaq Qolla de Ccatcca, 26 de mayo 2024.



**Foto 4**

Danza de los Qhapaq Qolla en la plaza de Ccatcca, 26 de mayo 2024.



**Foto 5**

Don Ismael Soto con la Demanda de los Qhapaq Qolla de Ccatcca, 26 de mayo 2024.

# D

## A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit'i

Na semana de comemorações há momentos de reunião de seus membros para os ajustes da organização interna do bloco, como a cobrança de atrasos, faltas e compromissos pelos quais cada um é responsável. Também é realizada a designação do *cargouyoq*, encarregado de organizar e resolver as despesas que serão geradas pela festa do próximo ano e a quem é feita a entrega da Reclamação. Esta é uma das características mais importantes de um bloco; é uma pequena caixa de madeira que contém uma réplica da imagem do Senhor de Qoyllurit'i, usada orgulhosamente pelo *Cargouyoq* e que passará a noite no santuário (Foto 5). Há espaços de troca mais descontraídos ao redor da mesa e comida, como café da manhã, almoços e jantares, além de pausas para uma bebida quente para combater o frio em grandes altitudes. Há outros aspectos da celebração que estão mais ligados à natureza, como a caminhada até o santuário, a caminhada de 24 horas, o *el Inti alabado* e o *Simpay*. Mas é muito importante entender que essas distinções não são estanques, pelo contrário, tudo está ligado: devoção católica com respeito às forças da natureza; dança com o convívio que é gerado dentro dos blocos e encontros e saudações com outros blocos; todos esses momentos são parte integrante de um todo celebrativo.

### NATUREZA ANDINA: DO UNIVERSO TERRESTRE AO UNIVERSO CELESTE

Uma vez que esta celebração é enquadrada de acordo com o calendário católico, várias semanas após a Páscoa e alguns dias antes de *Corpus Christi*, poderíamos pensar na predominância dos ritos católicos. No entanto, queremos destacar o lugar essencial que a natureza ocupa durante toda a celebração do Senhor de Qoyllurit'i, por isso estamos interessados em destacar as figuras da terra, das pedras, da neve e do sol.

A experiência da caminhada na peregrinação ao Santuário de Qoyllurit'i nos coloca em contato direto com a natureza e os espaços que estamos explorando. No passado, muitos peregrinos viajavam a pé de suas comunidades de origem durante vários dias de caminhada e viviam a experiência coletiva de reconhecer lugares sagrados e fazer invocações à terra e às montanhas como parte enriquecedora dos rituais (Mendoza, 2010, p. 23). Atualmente, muitos grupos não fazem mais a caminhada de suas aldeias, optaram por alugar caminhões que, sem dúvida, reduzem os tempos de chegada em Mahuayani, o lugar de onde começa a subida a pé até o Santuário, em uma encosta que percorre 8 km e vai de 3.700 a 4.800 metros acima do nível do mar. Devo dizer que viajar à meia-noite de Ccatcca para Ocongate e de Ocongate para Mahuayani em uma carroça de caminhão também é uma valiosa experiência coletiva. O espaço é feito para

todos, somos mais de 50 pessoas com bagagem, instrumentos musicais e sacos de comida. Sentados um contra o outro, nos protegendo do frio com cobertores e com espetáculo de um céu estrelado acima de nossas cabeças, balançamos ao ritmo do vai-e-vem de um caminhão que cruza caminhos que não vemos.

A *terra* no mundo andino é chamada de *Pachamama*, uma palavra quíchua que combina ao mesmo tempo as ideias de espaço, tempo, vida e maternidade. É altamente significativo para os colonos andinos, especialmente se forem comunidades camponesas e pastoris. Assim, para os habitantes da comunidade de Pinchimuro, no distrito de Ocongate, a terra é um ser vivo: “As batatas dão à luz. Entregamos a ela as sementes e ela dá à luz. Ao pedir a Deus, damos a ele a semente. Aquilo que entregamos, ela germina. Também fazemos esses fornos de barro para oferendas. Aquela casa que estamos construindo nasceu dela.” (Gow & Condori, 1982, p. 11). A *Pachamama* está acostumada a receber oferendas “Vinho e bebida para sua cerimônia de derramamento, é isso que a Pachamama quer. Pacha Tierra, como nós, sabe mastigar coca, sabe beber. Assim é a nossa terra” (Gow & Condori, 1982, p. 11). Iniciando o caminho de subida ao santuário de Qollurit’i, a *Pachamama* é invocada, com folhas de coca, é-lhe mostrado carinho e respeito.

Ao longo do caminho da subida ao Santuário, os peregrinos encontram cruzeiros de vez em quando. Esses lugares se tornaram altares construídos com *pedras*. São espaços para parar por alguns instantes, acender uma vela, per-signar-se, deixar pequenas folhas de coca e pedir ao Senhor que nos permita chegar ao seu santuário (Foto 6). São 14 cruzeiros que se encontram ao longo do percurso íngreme, são espaços de encontro e reunião. As pedras são figuras muito importantes nesses altares que aparecem na forma de *Apachetas*, montes feitos com pedras de diferentes tamanhos. É um costume profundamente enraizado nos Andes peruanos, a presença dos *Apachetas* nas bordas de estradas de alta altitude. Esses montes são formados com as pedras carregadas pelos peregrinos, muitas delas como sinal de penitência pelos pecados cometidos (Gow, 1974, p. 66; Mendoza, 2010, p. 26) (Fotos 7 e 8).

As mais altas *montanhas nevadas* dos Andes são veneradas pelos colonos andinos que nelas reconhecem os *Apus*, ou seja, entidades sagradas da paisagem montanhosa a que vão com respeito e devoção, e são objeto de orações e oferendas. Como a *Pachamama*, eles recebem respeitosamente comida, bebida e carinho. No caminho para o santuário da aldeia de Mahuayani, ao nos aproximarmos do Sinak’ara, podemos ver o Apu Ausangate atrás de nós. Este é o Apu tutelar da região devido ao seu tamanho, extensão e importância. Chegando ao santuário do Senhor de Qoyllurit’i, seguindo o caminho das cruzeiros, olhamos para cima e descobrimos a cadeia de montanhas onde se destaca o Apu Qolqepunku (Foto 9). Esta é a queda de neve para a qual os *ukukus*<sup>8</sup> das 8 nações sobem, cada nação

<sup>8</sup> Los *ukukus* ou *pawluchas* são peregrinos dançarinos associados a animais como os ursos (pela sua força e agilidade) e às lhamas (pelas fibras dos seus trajes). Além dos rituais no cume do Apu Qolqepunku, os *ukukus* têm a função de manter a ordem e a disciplina dos peregrinos durante a celebração.

# D

## A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit'i

carregando sua cruz, no início da manhã do dia central. Do buraco, pude ver o Qolqepunku e fotografá-lo, mas apenas à distância. No *Dicionário Unificado do Quíchua Meridional*, Rodolfo Cerrón-Palomino (1994) registra dois valores para o verbete *apu*: “Divindade terrestre, representada por uma montanha. Arc” e “Senhor, poderoso” (p. 33). Lembremo-nos de que, nas orações e rezas durante a missa em quíchua, os peregrinos também oram ao Apu Jesus Cristo. Desta forma, a montanha sagrada e Jesus Cristo são geminados em tratamento honorífico.

**Foto 6**

Cruz y altar de piedras en el ascenso al santuario del Señor de Qoyllurit'i, 27 de mayo 2024.



**Foto 7**

Músicos en el ascenso al santuario del Señor de Qoyllurit'i, 27 de mayo 2024.



**Foto 8**

Peregrinos en la hoyada de Sinakara, 27 de mayo 2024.



**Foto 9**

Apu Qolqepunku, 28 de mayo 2024.

O Apu Ausangate e o Senhor de Qoyllurit'i estão associados ao trabalho da terra, à pecuária e às forças naturais, “ambos são defensores e patronos dos camponeses; ambos controlam a fertilidade dos animais” (Gow & Condori, 1982,

p. 38). A água dos campos de neve é algo precioso para os peregrinos; até o início deste século, os *ukukus* escalavam o campo de neve de Qolqepunku para trazer grandes blocos de neve nas costas, mas também os camponeses costumavam tirar água do campo de neve em garrafas para irrigar suas fazendas. A água do Senhor era considerada sagrada e benéfica à terra, aos animais e até servia para curar doenças das pessoas (Gow & Condori, 1982, pp. 83, 90).

Como sabemos, o *Inti* – nome quíchua para o sol – era a divindade mais importante dos Incas e até hoje é uma entidade do universo celestial que os colonos andinos reverenciam com grande respeito. Um dos momentos mais emocionantes da celebração do Senhor de Qoyllurit'i é o amanhecer do dia central. Depois que os *ukuku* realizam suas cerimônias na neve de Qolqepunku, eles começam o caminho de descida que os levará aos portões do santuário. Enquanto isso, os membros dos blocos sobem até o sopé da montanha e se distribuem em diferentes lugares esperando o sol nascer. São momentos de grande expectativa, e o som dos pututos prepara a atmosfera para o momento em que os raios do sol aparecem atrás do Apu Qolqepunku.

A cerimônia mais inclusiva em homenagem ao sol é a que acontece no dia seguinte, quando termina a caminhada de 24 horas, na colina com vista para Tayancani. É chamada de cerimônia *Inti Alabado*. Os peregrinos vêm da realização de uma proeza, caminhando por longas horas em colinas e estradas de paralelepípedos, com temperaturas típicas da estação de geada, dormindo em espaços restritos ao ar livre. Eles chegam às colinas e descansam antes do amanhecer. Há fogueiras que os iluminam, aquecem reúnem. Eles acordam, reorganizam seus trajes e começam a se organizar porque o Sol não é recebido de qualquer jeito. Na parte mais alta da encosta, eles estão em fileiras, cada bloco, cada nação tem seu lugar. Está amanhecendo, o céu já está clareando, há uma grande expectativa. Os pututos anunciam a chegada do sol nascente. Mulheres e homens, todos na bela elegância de seus ternos de dança, esperam de joelhos. Quando os raios do sol aparecem acima da montanha, a experiência sensorial é única: o sol atinge o rosto com força, seus raios agudos cegam os olhos, aquecem as testas e as bochechas. Os peregrinos fazem o sinal da cruz e abrem as mãos para o sol como se fossem abençoados por sua luz e calor. É um momento comovente, a união de homens e mulheres com o Inti que os banha completamente. A emoção é muito grande e nos sentimos gratos pelo dom da vida que se manifesta de forma concreta. Após o frio intenso da noite, com o corpo entorpecido e cansado, receber os raios do sol é uma verdadeira bênção (Fotos 10, 11 e 12).

A cerimônia do *Inti Alabado* tem dois belos gestos rituais: a saudação dos blocos e o *Simpay*. Os membros dos blocos avançam na fila para cumprimentar os membros de outro bloco. Passam de forma ordenada, apertando as mãos ou dando um abraço

# D

## A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit'i

respeitoso e amigável, sorrindo. Então outro deslocamento mais enérgico começa: a tecelagem de blocos é como uma festa de irmandade, novamente eles estão desfilando na linha indiana, mas desta vez eles fazem isso correndo. Os pututos ressoam novamente, cada nação arvorando suas bandeiras, é um momento de grande exibição e alegria, os blocos descem em corridas e voam pelas encostas cobertas de ichu. De forma ímpar, formam tranças humanas, e se cruzam sem colidir, como se fosse uma coreografia dedicada ao sol, o único que de sua altura consegue enxergar as figuras que nós, que estamos próximos, conseguimos enxergar apenas parcialmente (Fotos 13 e 14).

**Foto 10**

Jóvenes ukukus descansan tras la caminata de las 24 horas, 29 de mayo 2024.



**Foto 11**

Comparsas se preparan para el Inti Alabado, 29 de mayo 2024.



**Foto 12**

Peregrinos de rodillas en la ceremonia del Inti Alabado, 29 de mayo 2024.



**Foto 13**

Cumprimento entre grupos na cerimônia do Inti Alabado, 29 de maio de 2024.



**Foto 14**

Inicio del Simpay o tejido de comparsas, 29 de mayo 2024.

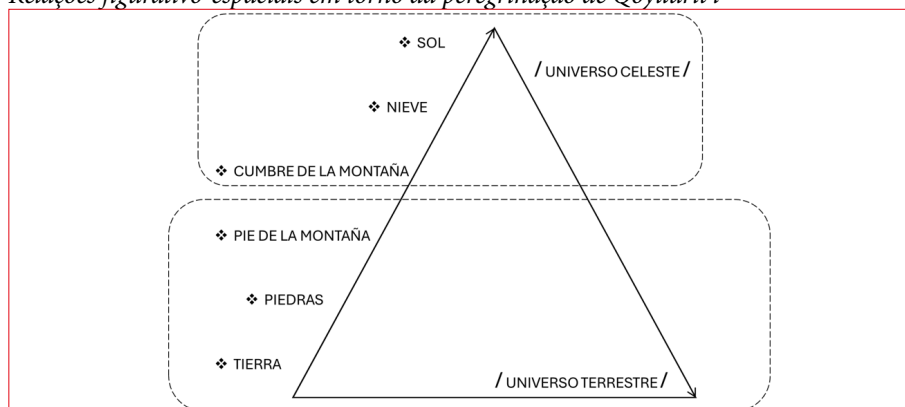
Na celebração do Senhor de Qoyllurit'i, pudemos verificar que tanto a *Pachamama*, quanto as *Apachetas*, os *Apus* e os *Inti* são aos olhos dos peregrinos as forças da natureza que esbanjam vida: o sustento dos produtos da terra, a abundância de gado, a água que bebemos homens e animais, e o calor e a energia de que precisamos todos os dias para continuar vivendo.

Essa jornada nos levou progressivamente do universo terrestre ao universo celestial. Das fazendas e terras agrícolas das comunidades, das cidades onde a peregrinação começa para os caminhos de ascensão através das montanhas. Apenas os *ukukus* que realizam rituais específicos alcançam os picos nevados, mas todos os peregrinos participam da homenagem ao sol. Desta forma, um movimento ascendente de /baixo/ para /cima/ foi traçado espacialmente, no eixo vertical, que não é apenas físico e sensível devido ao esforço envolvido na caminhada em altura. Também tem caráter simbólico, nos momentos culminantes das cerimônias, os peregrinos recebem a bênção da água benta, no final da missa principal e a bênção dos raios do sol, no início do *Inti Alabado*.

As figuras da natureza – objeto de veneração dos peregrinos – conseguem articular-se graças à dimensão mítica e sagrada. Seguindo a direção da rota exigida pela peregrinação, propomos um esquema na Figura 1 que pode representar espacialmente as oposições básicas no eixo vertical, /abaixo/ vs /acima/, e as duas direções da rota /ascendente/ e da rota /descendente/, a primeira determina o início a partir da partida do local de origem dos peregrinos e a segunda marca o retorno para casa após as celebrações. O /universo terrestre/ se manifesta através das figuras da terra (*Pachamama*), da estrada, das pedras (*Apachetas*) e do sopé das montanhas, enquanto o /universo celeste/ seria representado através do cume do nevado (*Apu*), da neve (*rit'i*) que o recobre e do sol (*Inti*).

**Figura 1**

*Relações figurativo-espaciais em torno da peregrinação de Qoyllurit'i*



**MUDANÇAS CLIMÁTICAS E SEU IMPACTO NAS PRÁTICAS RITUAIS**

Uma publicação recente *Understanding climate change under religious life-worlds*, dirigida por David L. Haberman (2021), reúne uma série de artigos sobre práticas religiosas e sua relação com as mudanças climáticas em diferentes partes do planeta. A ideia era conhecer as práticas religiosas a partir de seus próprios marcos de referência, mergulhando em seus conceitos e conhecimentos, em seus atores, organizações e lideranças para tentar responder como as mudanças no ambiente precipitam mudanças nos modos de viver a religião. Nesta publicação, os estudos de mudanças climáticas foram privilegiados no que é chamado de “*Sul Global*”, em particular a cordilheira dos Andes, as ilhas da Oceania no Mar do Pacífico e a cordilheira Pamir e o Himalaia na Ásia Central.

De acordo com Haberman, para uma melhor compreensão das mudanças climáticas, precisamos nos aprofundar na forma como a religião está envolvida nas experiências humanas. O campo de estudos denominado “religião e ecologia” busca determinar a maneira pela qual as visões de mundo de uma religião estabelecem atitudes e comportamentos humanos em relação às entidades não humanas e seu ambiente (Haberman, 2021, p. 2). De acordo com essa perspectiva, para muitas comunidades religiosas, as crises ambientais são uma manifestação nefasta do rompimento das relações entre homens e divindades. Portanto, o estudo da cultura que inclui as religiões de diferentes comunidades é fundamental na abordagem das mudanças climáticas. O compromisso dos povos com o meio ambiente pode ser muito maior quando este é considerado valioso ou sagrado (Haberman, 2021, p. 4). Portanto, o conhecimento de práticas religiosas, ontologias e visões de mundo específicas pode contribuir para melhores decisões locais em relação ao meio ambiente, com maiores chances de serem assumidas pelas comunidades afetadas.

No volume citado, o antropólogo peruano Guillermo Salas analisa a relação entre o derretimento progressivo da geleira Qolqepunku e seu impacto nas práticas rituais em homenagem ao Senhor de Qoyllurit'i. Segundo Salas, a redução das geleiras nos Andes é preocupante porque coloca em risco os ecossistemas e os meios de subsistência daqueles que dependem da água coberta de neve para sua subsistência. Atualmente, geleiras abaixo de 5.400 msnm estão em perigo de extinção (Salas Carreño, 2021, p. 45). Se o recuo do gelo na nevasca de Qolqepunku já podia ser visto ao longo do século XX, nas últimas duas décadas seu declínio acelerou.

A subida ao topo da nevasca na madrugada de segunda-feira é realizada pelos *ukukus* de diferentes nações, que chegam a 5.200 metros acima do nível do mar. Cada nação carrega uma cruz de vários metros de comprimento, a planta na neve e realiza uma vigília com vários rituais e danças no topo da neve:

batizam os novos *ukukus*, fazem oferendas, rezam e dançam, punem quem cometeu faltas e escolhem o novo caporal ou chefe dos *ukukus* (Mejía Castro, 2021, pp. 37, 57; Salas Carreño, 2021, p. 53). Até duas décadas atrás, na época da queda da neve, alguns *ukukus* estavam encarregados de tirar blocos de gelo que desciam carregando-os nas costas. A partir de 2004, diante do evidente recuo do gelo na nevasca de Qolqepunku, foi proibida a prática de extrair e transportar gelo (Salas Carreño, 2021, p. 55). O impacto das mudanças climáticas não afetou apenas a natureza, mas também aniquilou uma das práticas rituais mais emblemáticas desta celebração.

Há mais de 10 anos, o jornalista e fotógrafo profissional Miguel Mejía Castro faz a peregrinação ao santuário Quyllurit'i, participando como *ukuku* da nação Paucartambo. Ele publicou um livro de grande qualidade fotográfica sobre os diferentes atores e etapas da peregrinação: *Qoyllurit'i. Os filhos da montanha sagrada* (Mejía Castro, 2021). Mejía conseguiu mapear de forma eloquente a ameaça das mudanças climáticas na área. Há um contraste gritante entre fotografias que mostram um belo manto de neve perpétua antes de 2016 e fotografias que refletem o encolhimento alarmante da geleira. Não será possível fotografar centenas de *ukukus* marchando de acordo com as bandeiras multicoloridas ondulantes da nação Tawantinsuyo que se destacam no branco da neve devido à mudança drástica que ocorreu. Aqui está o testemunho comovente do fotógrafo peregrino:

Os topos das montanhas que compõem o Sinak'ara estão cobertos de gelo há milhares de anos, mas nos últimos cinquenta anos, a massa glacial foi substituída por grandes e óbvias superfícies pedregosas . . . No início da manhã de 24 de maio de 2016, um grupo de Ukukus se aproximou do topo do Qolqepunku coberto de neve, onde ficava um extenso planalto de neve. Naquele dia só encontraram um terreno cheio de buracos e rachaduras, como se a área tivesse sido bombardeada. O gelo desapareceu para sempre. (Mejía Castro, 2021, p. 139)

De acordo com os dados de Mejía, entre 1962 e 2016, o Peru perdeu 54% de sua massa de geleira. A serra de Vilcanota, onde está localizado o santuário do Senhor de Quyllurit'i, perdeu cerca de 40% de gelo, passando de 418,2 km quadrados para 255,4 km<sup>2</sup> (Mejía Castro, 2021, p. 139). O impacto nas práticas rituais é evidente, os *ukukus* não podem mais extrair blocos de gelo e carregá-los nas costas, nem podem se mover confortavelmente ao longo do cume do nevado Qolqepunku para fazer a vigília como faziam antes. Para cumprir seus ritos, agora é necessário que busquem espaços que não apresentem tantos riscos para eles, que não tenham tantas fissuras perigosas.

**É POSSÍVEL UM COMPROMISSO ÉTICO COM O MEIO AMBIENTE?**

O antropólogo peruano Luis Mujica Bermúdez (2017) publicou um longo estudo sobre o meio ambiente e a vida dos colonos andinos na região de Apurímac, também localizada no sul andino peruano: *Pachamama Kawsan. Rumo a uma ecologia andina*. É um trabalho preciso que tem o mérito de oferecer definições e categorias na língua quíchua que nos permitem entender o ambiente natural como um sistema complexo, um ecossistema onde bacias e sub-bacias, terras agrícolas, fazendas e animais de pasto são interdependentes. Mujica Bermúdez propõe uma epistemologia andina (*riqsiy*) baseada em conhecimentos práticos (*ruwaykuna*), conhecimentos vivenciados (*yachaykuna*), conhecimentos interpretados (*musyay*) da vida do camponês diante de múltiplas ameaças atuais como escassez, vulnerabilidade, isolamento e pobreza, entre outras (Mujica Bermúdez, 2017, pp. 123-175).

Após uma longa jornada nas múltiplas dimensões da terra, *Pachamama* e formas andinas de conhecimento, Mujica Bermúdez propõe uma ética ecológica baseada em conceitos enraizados nas tradições e culturas andinas que se manifestam através das seguintes palavras na língua quíchua: *uyway* ou a ética do cuidado, *allin ruway* ou a ética de fazer bem as coisas, *pukllay* ou a ética do diverso e do múltiplo, *harkay* ou a ética da defesa e proteção, *faspunakuy* ou a ética da distribuição, *yupaychay*, a ética da gratidão e do respeito (Mujica Bermúdez, 2017, pp. 329-350). A partir dessa proposta, percebe-se que “morar na Pachamama exige ética” (p. 332), ou seja, uma soma de princípios para o cuidado da terra e da água, para a realização do trabalho coletivo, para conhecer e respeitar os processos que garantem o bom cultivo. É importante saber defender a natureza que se tornou vulnerável, saber distribuir e doar os frutos da terra. Sob a lógica da reciprocidade típica do mundo andino, é preciso saber dar graças demonstrando respeito e estima à terra e também aos membros da comunidade. Mas também é possível oferecer amostras gratuitas de afeto sem esperar retribuição em troca (fls. 349-350). A terra é respeitada fazendo suas oferendas antes de trabalhá-la, honrando-a sinceramente. Nunca desperdiçando seus frutos, nem mesmo alguns grãos de milho.

A partir da nossa disciplina, podemos nos perguntar como nos comprometemos com as grandes causas que nos chamam hoje, como a defesa do meio ambiente. Recordemos que as modalidades éticas apresentadas no verbete para *modalité* do segundo volume da *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (Greimas & Courtes, 1986) determinam quatro posições no quadrado semiótico, a saber: compromisso (l'engagement) e desapego (le détachement) como termos opostos, interesse (l'intérêt) e indiferença (l'indifférence) como termos subcontrários (p. 143). Como sabemos, uma modalidade é “aquilo que

modifica o predicado de um enunciado” (p. 141), de modo que toda análise discursiva exige a construção do enunciado que pode ser modulado: “*le modalités éthiques* apparaissent quand un énoncé déontique est pris en charge (un credo) par le sujet” (p. 143). Se tomarmos os valores propostos por Luis Mujica Bermúdez para a ecologia andina, poderíamos trabalhar com princípios éticos ecológicos como o *uyway* e incluí-lo como predicado do compromisso com o meio ambiente por meio do qual o sujeito /acredita-dever-cuidar/ da terra como cuida de si e como cuida das pessoas que ama. Na medida em que conseguirmos articular a abordagem e as ferramentas semióticas com várias dimensões do conhecimento antropológico, filosófico e etnográfico, seremos mais capazes de integrar a sabedoria ancestral que sobrevive em nossas comunidades andinas em nossos exercícios de conhecimento e práticas de vida. ■

## REFERÊNCIAS

- Ballón, E. (2006). *Tradición oral peruana: Literaturas ancestrales y populares* (Vol. 1). Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.
- Blanco, D. (2012). *Vigencia de la semiótica y otros ensayos*. Fondo Editorial de la Universidad de Lima.
- Casallo Mesías, V. F. (2024). Una exploración fenomenológica del potencial de renovación ético-cultural en prácticas religiosas tradicionales. In F. C. Merrifield (Coord.), *Fronteras del pensamiento y actualidad en Latinoamérica* (pp. 324-349). AUSJAL; Universidad Iberoamericana.
- Cerrón-Palomino, R. (1994). *Quechua Sureño. Diccionario Unificado*. Biblioteca Básica Peruana; Biblioteca Nacional del Perú.
- Courtés, J. (1991). *Analyse sémiotique du discours: De l'énoncé à l'énonciation*. Hachette.
- Gow, D. D. (1974). Taytacha Qoyllur Rit'i: Rocas y bailarines, creencias y continuidad. *Allpanchis*, 6(7), 49-100. <https://doi.org/10.36901/allpanchis.v6i7.932>
- Gow, R., & Condori, B. (1982). *Kay Pacha*. Centro de estudios Andinos Bartolomé de las Casas.
- Greimas, A. J. (1986). *Sémantique structurale*. Presses Universitaires Françaises.
- Greimas, A. J., & Courtés, J. (1986). *Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (Tome 2). Hachette.
- Haberman, D. L. (Ed.). (2021). *Understanding climate change through religious lifeworlds*. Indiana University Press.
- Landowski, E. (2010). *Presencias del otro* (Desiderio Blanco, Trad.). Fondo Editorial de la Universidad de Lima.

# D

## A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit'i

- Mejía Castro, M. (2021). *Qoyllurit'i: Los hijos de la montaña sagrada*. Apu.
- Mendoza, Z. (2010). La fuerza de los caminos sonoros: Caminata y música en Qoyllurit'i. *Anthropologica*, 28(28), 15-38. <https://doi.org/10.18800/anthropologica.201001.002>
- Mujica Bermúdez, L. (2017). *Pachamama Kawsan: Hacia una ecología andina*. Instituto de Ciencias de la Naturaleza, Territorio y Energías Renovables (Inte-PUCP).
- Ramírez, J. A. (1969). La novena al Señor de Qoyllur Rití. *Allpanchis*, 1(1), 61-88. <https://doi.org/10.36901/allpanchis.v1i1.316>
- Rubina, C., & Kanashiro, L. (2015). *El Perú a través de sus discursos: Oralidad, textos e imágenes desde una perspectiva semiótica*. Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.
- Salas Carreño, G. (2021). Climate change, moral meteorology, and local measures at Quyllurit'i, a highland Andean shrine. In D. L. Haberman (Ed.), *Understanding climate change through religious lifeworlds* (pp. 44-76). Indiana University Press.

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.

# Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

## *Consumption, contestation, and affective configurations in the social outbreak*

PAULINA GÓMEZ-LORENZINI<sup>a</sup>

Pontificia Universidad Católica de Chile. Santiago, Chile

LILIANA DE SIMONE<sup>b</sup>

Pontificia Universidad Católica de Chile. Santiago, Chile

VANESA SAIZ-ECHEZARRETA<sup>c</sup>

Universidad Castilla La Mancha. Cuenca, España

CLAUDIO RACCIATTI<sup>d</sup>

Pontificia Universidad Católica de Chile. Santiago, Chile

<sup>a</sup>Professora associada da Facultad de Comunicaciones (FCOM) da Pontificia Universidad Católica de Chile (PUC-Chile). Pesquisadora associada do Observatorio de Consumo, Cultura y Sociedad da FCOM UC-Chile. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6261-7722>.

E-mail: [paulina.gomez@uc.cl](mailto:paulina.gomez@uc.cl)

<sup>b</sup>Professora associada da Facultad de Comunicaciones (FCOM) da Pontificia Universidad Católica de Chile (PUC-Chile). Diretora do Observatorio de Consumo, Cultura y Sociedad da FCOM UC-Chile. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0242-8716>. E-mail: [rldesimo@uc.cl](mailto:rldesimo@uc.cl)

<sup>c</sup>Professora titular da Facultad de Comunicación da Universidad de Castilla La Mancha. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1700-0296>. E-mail: [vanesa.saiz@uclm.es](mailto:vanesa.saiz@uclm.es)

<sup>d</sup>Professor adjunto de Comunicación Estratégica da Facultad de Comunicaciones da Pontificia Universidad Católica de Chile (PUC-Chile). Sócio 3Consultores. E-mail: [cracciatti@yahoo.com](mailto:cracciatti@yahoo.com)

### RESUMO

A agitação social chilena de 2019 representa um ponto de viragem na história recente do país, desencadeando uma crise sociopolítica cujas causas e expressões continuam a ser debatidas. Para alguns, foi uma reação a décadas de políticas neoliberais, enquanto outros a associam à frustração de expectativas não satisfeitas numa sociedade de consumo. Este artigo explora a estratégia do núcleo de protesto – a “linha da frente” – para se espalhar e permanecer ativo através da sua presença em espaços de consumo. Utilizando uma abordagem netnográfica, analisamos os sistemas de significado do protesto em espaços comerciais, centrando-nos nas dimensões afetivas relacionadas com o consumo no contexto das mobilizações. Investigamos o modo como as atmosferas afetivas ligadas aos rituais de protesto e consumo funcionaram como ferramentas sociopolíticas, aproximando diferentes espaços, colectividades e práticas, e tentando estabelecer um diálogo — nem sempre bem-sucedido — no contexto da rutura da ordem institucional. **Palavras-chave:** Rituais, consumo, explosão social, Chile, atmosferas afetivas

### ABSTRACT

The 2019 Chilean social uprising marks a turning point in the recent history of the country, triggering a sociopolitical crisis whose causes and manifestations remain debated. For some,

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p303-327>

V.18 - Nº 3 set./dez. 2024 São Paulo - Brasil GÓMEZ-LORENZINI et al. p. 303-327



# D

## Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

it was a reaction to decades of neoliberal policies, while others associate it with the frustration of unmet expectations in a consumer society. This article explores the strategy of the core protest group—the “front line”—to expand and remain active by establishing a presence in consumer spaces. Using a netnographic approach, this article analyzes the meaning systems behind protesting in commercial spaces, focusing on the affective dimensions related to consumption within the mobilization context. We examine how the affective atmospheres linked to the rituals of protest and consumption functioned as sociopolitical tools by connecting diverse spaces, communities, and practices, and by attempting to establish a dialogue—albeit not always successful—in a context of institutional breakdown.

**Keywords:** Rituals, consumption, social outbreak, Chile, affective atmospheres

**A** EXPLOSÃO SOCIAL É um marco na história recente do Chile, uma crise sociopolítica sobre a qual até hoje não existe um consenso interno ou uma tese abrangente que ofereça respostas a toda a sua complexidade. As causas e manifestações desta explosão são ainda um terreno de disputas políticas e sociosemióticas, que se expressaram desde cedo no espaço público local, dando vida a uma série de interpretações que foram registadas num vasto e heterogêneo número de publicações associadas (Araujo, 2020; Fernández, 2020; Herrera, 2019; Mayol, 2019; Peña, 2020; Poduje, 2020; Rojas-May, 2020).

Embora há mais de duas décadas vários académicos e analistas locais escrevessem sobre a existência de uma certa agitação social em vários sectores da população, associada a problemas na educação, saúde e pensões, entre outros (Moulian, 1999; Tironi, 2002, para mencionar alguns), a explosão social que explodiu na capital chilena na noite de sexta-feira, 18 de outubro de 2018, não foi prevista. Menos ainda se previu a força e a dimensão que a crise atingiu nos dias seguintes, em todo o país.

Apesar das causas multifacetadas que impulsionaram as palavras de ordem dos participantes nos protestos, desde as lutas étnicas, políticas, ambientais, educativas até as lutas antiespecistas, o que é certo é que o acontecimento desencadeador foi o anúncio do aumento do preço dos transportes públicos em Santiago em 30 pesos chilenos (0,0014 USD). Os acontecimentos que abalaram os alicerces da sociedade chilena envolveram mais de dois meses de mobilizações invulgarmente violentas: estações de metrô, fábricas, igrejas, centros comerciais e culturais foram incendiados, enquanto supermercados, lojas de bairro e monumentos nacionais foram saqueados e vandalizados. As manifestações que caracterizaram particularmente os primeiros dias do 18-O partilharam espaço com expressões pacíficas que atingiram a chamada “Maior Marcha do Chile” (25-0)<sup>1</sup> o seu testemunho mais significativo (Fernández, 2020; Landaeta & Herrero, 2021; Poduje, 2020).

<sup>1</sup>A maior marcha no Chile foi uma manifestação em Santiago do Chile em 25 de outubro de 2019. Mais de 1,2 milhões de pessoas participaram em Santiago. Acredita-se que tenham sido mais de 3 milhões em todo o país.

A explosão social chilena expressou-se na maioria das capitais regionais do país. De forma multicêntrica e dispersa, os protestos acumularam-se tanto no espaço público como nas contestações nas esferas públicas do debate digital (Brantner et al., 2021; Rodríguez-Amat et al., 2020). No entanto, o centro simbólico da explosão social e da cobertura mediática dos confrontos entre manifestantes e polícia foi a Praça Baquedano, também conhecida como Praça Itália. Embora não seja propriamente uma praça, mas antes uma rotunda de média dimensão para veículos, as suas imediações constituem um local central e histórico da capital chilena, utilizado tanto para a celebração de triunfos nacionais como para o início de marchas e manifestações locais, que depois se irradiam para oeste ao longo da Alameda, a tradicional via estruturante da capital.

A Plaza Baquedano é vivida como um espaço geográfico e simbólico de estruturação, distribuição e segregação do poder na cidade (Rodríguez-Amat et al., 2020), constituindo uma fronteira simbólica e urbana entre o sector oriental mais rico e o resto da sociedade (Hidalgo & Janoschka, 2014). Como centro nevrálgico da ação de protesto e resistência organizada contra as forças policiais no 18-O (Fernández, 2020; Orellana-Águila, 2022), a esplanada foi rebatizada pelos manifestantes e pelos meios de comunicação social como Plaza de la Dignidad, conceito e causa unificadora das diversas reivindicações que foram levantadas durante as mobilizações. Tornando-se o cenário factual do protesto, foram criadas neste local uma série de organizações que conseguiram “comunicar um sentido de protesto a todos os manifestantes” (Orellana-Águila, 2022, p. 11), como a estruturação da “linha da frente” e a sua complexa rede de participantes para a contenção e a luta armada (escudeiros, arremessadores, cortadores de pedra)<sup>2</sup>, que, com o passar dos dias, foram implantando todo um conjunto de instrumentos, emblemas, estéticas e ritos, que deram um imaginário a esse avanço e resistência (Orellana-Águila, 2020).

Uma das hipóteses que se difundiu durante os protestos foi a interpretação da explosão social como uma manifestação da insatisfação, dos abusos e da dor vividos pela população como resultado do modelo neoliberal que tinha gerado desigualdade no país e muito pouca solidariedade entre as classes sociais (Fernández, 2020; Saiz-Echezarreta et al., 2023). O slogan “Não são 30 pesos, mas 30 anos”, aludindo ao aumento do preço das tarifas dos transportes públicos e à manutenção das políticas neoliberais ao longo das últimas três décadas desde o regresso à democracia em 1990, quando o modelo económico instalado durante a ditadura não foi estruturalmente modificado, foi uma ideia que se generalizou como síntese explicativa das mobilizações.

Em contraponto, outros autores, como Rojas-May (2020) e Peña (2020), defendem a tese de um mal-estar que não surgiu de uma insatisfação com o

<sup>2</sup> A “linha da frente” era entendida como o grupo de manifestantes, geralmente encapuzados, que enfrentava as forças da ordem e liderava os confrontos, além de utilizar símbolos, coreografias e performances para dar um sentido épico à luta (Orellana-Águila, 2020).

modelo económico ou com a sociedade de consumo que resultou do seu desenvolvimento. Mas sim de emoções fortes – como o ressentimento, a frustração, a inveja – que tinham sido despertadas em sectores da população como resultado das expectativas criadas por uma sociedade de abundância, que apresentava muitas restrições no acesso ao mercado globalizado através do crédito e do endividamento desregulado e, com ele, o consumo sem restrições dos múltiplos bens disponíveis (Gómez-Lorenzini et al., 2016).

Num cenário em que ambas as explicações não são contraditórias nem incompatíveis, interessou-nos, enquanto investigadores, explorar as formas como a explosão social chilena se relacionou com as práticas e rituais de consumo e, mais especificamente, com as emoções que foram utilizadas neste período, procurando observar em que medida estas emoções funcionaram como uma ferramenta através da qual se transferiram exigências e afetos políticos entre os espaços de consumo e a linha da frente dos protestos, que *a priori* não parecem estar ligados.

A explosão chilena é um exemplo de como a rutura da ordem institucional em sentido lato está diretamente relacionada com a deslocação de um determinado quadro socioafetivo que lhe é consubstancial. A este respeito, Frédéric Lordon (2018) sugere que nada pode fixar a dinâmica coletiva dos afetos e, conseqüentemente, garantir a durabilidade das ordens institucionais. Na sua opinião, as configurações afetivas (Macón, 2020) que permitem, apesar dos antagonismos e dos conflitos, manter a estabilidade e a ordem institucional e sociocultural num dado momento, também podem romper-se. Neste contexto, emoções como a indignação podem funcionar como um afeto político que, suficientemente partilhado em larga escala, pode servir de motor a uma reação contra as configurações afetivas comuns que sustentavam a antiga ordem. “O que um afeto comum sustenta, um outro afeto comum, contrário e mais poderoso, pode desfazê-lo” (Lordon, 2018, p. 121).

Este artigo relata parte dos resultados dos estudos que, enquanto grupo de investigação sobre as questões do consumo, da cultura e da sociedade, temos vindo a desenvolver em relação ao 18-O. Neste trabalho, nosso foco é o desdobramento das dimensões afetivas em relação ao consumo no contexto da explosão, estabelecendo como hipótese interpretativa um quadro que já vem sendo proposto no país (Fernández, 2020; Luna, 2021; Mayol, 2019; Peña, 2020), o fato de que um acúmulo de afetos tristes por um longo período – seja qual for sua origem ou hierarquia – fez com que um número suficiente de sujeitos ultrapassasse seu ponto tolerável. E neste processo, como em muitos outros, um pequeno acontecimento precipitou sem aviso uma explosão de enorme amplitude (Lordon, 2018, p. 122). Nas palavras de Juan Pablo Luna (2021, p. 82): “O aumento do preço do bilhete de metrô desencadeou a indignação, mas a sua queda por si só não pode apaziguar a raiva”.

## QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

A primeira questão que nos convoca nesta análise é a de saber como as práticas e os rituais das mobilizações que caracterizaram a explosão (dos protestos pacíficos aos atos de vandalismo), se transferiram para os espaços de consumo e, em particular, para os centros comerciais do país nos dias que se seguiram à declaração da crise. Em concreto, debruçar-nos-emos sobre um conjunto de convocatórias que foram formuladas nas redes sociais para levar o protesto às periferias e aos bairros mais abastados da cidade. Tratava-se de manifestações que propunham concentrações massivas no exterior dos centros comerciais, bem como o desenvolvimento de ações de mobilização no seu interior, para apoiar a extensão do protesto e a luta contra a normalização das cidades.

A segunda questão que orienta este trabalho é a de saber em que medida estas iniciativas conseguiram hibridizar/questionar/validar os significados comuns ligados ao mundo do consumo e aos seus rituais (formas de agência, modos de ocupação do espaço, valores e emoções associados). Por outras palavras, se, para além de fazer ressoar o desabafo e as suas reivindicações nestes espaços, as ações permitiram (ou não) contestar os modos tradicionais de habitar os centros comerciais, abrindo outras trajetórias na relação entre os consumidores e as práticas de consumo e os lugares onde estas têm lugar.

Para realizar essa investigação, conduzimos uma análise semiótica do conteúdo publicado nas redes sociais entre 18 de outubro e 31 de dezembro de 2019, que inclui tanto as convocações para esses protestos por meio de cartazes, quanto vídeos e fotografias das ações realizadas em shopping centers de todo o país. Nosso objetivo é tomar esse material como representações de rituais de interação (Collins, 2009), uma estrutura conceitual que nos permite abordar a conexão e a hibridização entre rituais de protesto e rituais de consumo. Quanto à análise sociosemiótica, estamos interessados em focar sua execução na dimensão afetiva dos rituais, com base na hipótese de que as emoções, articuladas em atmosferas afetivas (Anderson, 2009; Macón, 2023), operaram aqui como uma linha de continuidade que ligava espaços e práticas.

## RITUAIS DE INTERAÇÃO

Se observarmos a maneira como Morales Urra (2017) aborda os rituais, pode-se dizer que eles abrangem todo o espectro de práticas sociais, mesmo que também seja possível distinguir alguns de seus elementos centrais:

Os rituais se assemelham a uma linguagem que – parafraseando Saussure – está entre vários domínios: é ao mesmo tempo psíquica e social, física e fisiológica, diacrônica

# D

## Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

e sincrônica... O social e o cultural, o simbólico e o cognitivo, a ação psicológica e social, o emotivo e o intelectual, o formal e o performativo, o sistêmico e o processual, o textual e o contextual, a ordem e a dinâmica social convergem. (p. 23)

Considerando que há muitas disciplinas e abordagens que trataram da definição de rituais sociais, seguimos Kertzer quando diz que talvez “não haja uma definição certa ou errada (mas sim) aquelas que são mais ou menos úteis para nos ajudar a entender o mundo em que vivemos”. Ou, como diz Leach, “o ritual não é um fato natural, mas um conceito, cuja definição, como qualquer outra, deve ser sempre funcional” (Kertzer e Leach, conforme citado em Morales Urrea, 2017, p. 24).

O horizonte de interesse que assumimos nesse campo deriva da microsociologia, que, nas mãos de Durkheim (2006 [1953]) e Goffman (1959), e, mais especificamente, Randall Collins (2009) nos apresentam uma “teoria das situações” (p. 18), atenta ao espaço onde ocorrem as interações e aos programas de ação que as compõem. A partir dessa abordagem, os rituais são considerados encontros programados entre pessoas que “aprenderam com os outros e com sua própria experiência a perceber, inferir, reproduzir, desenvolver e improvisar esses padrões” (p. 18). Para analisá-los, o foco está no caráter do ritual como uma situação na qual ocorrem ações de “pequena escala”, observando os “encontros temporários” face a face entre “corpos humanos” que intervêm neles “carregados de emoções e consciência devido ao efeito das cadeias de encontros previamente vivenciados” (p. 18).

Neste artigo, colocamos essas abordagens em diálogo com o paradigma teórico da mediatização (Hepp, 2020; Jansson, 2016), que argumenta que o desenvolvimento histórico das sociedades contemporâneas favoreceu a expansão e o aprofundamento das lógicas de mídia, produzindo uma articulação e interdependência entre as instituições, lógicas e práticas de mídia e o restante das instituições e práticas sociais. Isso significa que a noção de ritual, restrita a interações de copresença física, deve ser ampliada para incorporar rituais específicos de sociedades profundamente mediatizadas (Hepp, 2020), nas quais tanto as ações virtuais em copresença quanto a intervenção de lógicas e conteúdos midiáticos tornam-se consubstanciais – e, em muitas ocasiões – essenciais para o desenvolvimento tanto do ritual em si quanto das cadeias rituais de afeto que favorecem a configuração de comunidades ou coletividades em torno dele.

Como explica García (2015), a ênfase nos estudos microsociológicos está no processo, “na participação dos interagentes e nas configurações em que a interação ocorre”. Para Collins (2009, p. 71), os componentes essenciais desse processo são quatro: (i) *o encontro* entre duas ou mais pessoas que se reúnem no mesmo lugar e cuja presença corporal as afeta reciprocamente; (ii) *os sistemas de exclusão e*

*distinção* entre aqueles que fazem parte do grupo e aqueles que estão fora dele; (iii) a existência *de um foco comum de atenção*, sobre o qual os participantes estão coletivamente conscientes; e (iv) a presença de *uma consonância recíproca* dentro do grupo no nível *de microrritmos e emoções* corporais, ou seja, compartilhar o mesmo estado de espírito ou viver a mesma experiência emocional.

Conforme observado anteriormente, nesta pesquisa estamos interessados em destacar como os rituais de interação apresentam uma dimensão afetiva que é necessária para a composição e estabilização de coletividades e comunidades. Ou seja, de um nós – mais ou menos reconhecível e estabilizado – articulado em torno de valores, afetos e práticas compartilhadas não apenas durante o ritual, mas com a capacidade de se expandir/ressonar e ter efeitos além da situação (Mühlhoff, 2015), produzindo hábitos interpretativos, aprendizado social que será a semente de novas práticas, configurações afetivas e, em última instância, a base de novas ordens institucionais.

Observar o objeto comum em um ritual, ou seja, aquilo em que os participantes prestam atenção e se preocupam, bem como detectar qual é a energia emocional e como ela circula durante e depois, são dois elementos básicos para a análise dos componentes rituais que se reforçam mutuamente. Isso ocorre porque o aumento do foco na atividade compartilhada leva a uma maior consciência do que os outros estão fazendo e sentindo, uma percepção que, ao se tornar comum, permite que a intensidade emocional aumente e promova o vínculo entre os participantes. Da mesma forma, essas duas dinâmicas esclarecem e reforçam os sistemas de inclusão/exclusão que definem um interior (nós) e um exterior (outros) da situação e suas reverberações.

A força performativa dos rituais, ou seja, seu potencial para modificar as próprias convenções, códigos e expressões associadas à sua prática e os espaços nos quais eles intervêm e contribuem para a geração de mudanças culturais e sociais, é um dos elementos que distingue a ação ritual. Embora nem toda prática ritual seja bem-sucedida (e, portanto, é analiticamente interessante considerar as condições de sucesso e as de fracasso), quatro efeitos caracterizam sua eficácia e efetividade: (i) a geração *de solidariedade grupal entre os participantes*, que deriva em um sentimento de pertencimento ao grupo; (ii) *uma energia emocional* individual de confiança, entusiasmo, força, que incentiva e fornece iniciativa para a ação; (iii) a criação e *recriação de símbolos* de relacionamento social, que representam o grupo e o indivíduo; e (iv) um *sentimento de moralidade* que deriva da percepção de fazer a coisa certa, de honrar o que é socialmente valorizado (Collins, 2009, p. 73; García, 2015). 73; Garcia, 2015).

Collins (2009, pp. 57-61), seguindo Durkheim, explica que o sucesso de um ritual deriva do desencadeamento de uma ação coletiva e de uma

# D

## Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

consciência compartilhada, a partir da qual surge uma consonância afetiva que se manifesta por meio de sinais particulares ligados à rede afetiva mobilizada, bem como por meio de símbolos comuns (gritos, gestos, objetos) que são representativos e permitem que o coletivo tome consciência de sua identidade e solidariedade grupal e de sua unidade moral. Essas são as condições para que a participação gere energia emocional nos indivíduos, o que os leva a participar da ação e a garantir que ela tenha uma projeção futura, estabelecendo um território comum e criando novos hábitos cognitivos, axiológicos e também, se bem-sucedidos, sociopolíticos.

Essa é a estrutura na qual analisamos as experiências das mobilizações com relação aos espaços de consumo, que falam tanto de propostas bem-sucedidas quanto de iniciativas fracassadas. Os cartazes/posts que circulam nas redes sociais têm um foco comum: ampliar a “nova normalidade”<sup>3</sup> para áreas onde as pessoas vivem em uma estabilidade que é considerada uma “bolha”, uma exceção fora da “realidade”. Ocupar o shopping center e dar espaço para protestar nele é atender mais uma vez às dores, à desigualdade, é reconectar-se emocionalmente com os outros, experimentando uma co-solidariedade que se torna transversal: “O mais triste dessa mobilização é que não conseguimos fazer com que as dores sejam compartilhadas” (Fernández, 2020, p. 97). “O preocupante é que, quando começamos a experimentar coisas diferentes, o que precisamos é de pontes, de lideranças capazes de comunicar essas experiências. E vamos concordar que hoje é difícil encontrá-las” (p. 99).

Durante a explosão, a convocação de encontros entre sujeitos para gerar essas experiências de copresença apela para ir além das formas tradicionais de apropriação da cidade, para ir em direção a “outros” territórios, em rotas que demarcam um nós/eles de inclusão/exclusão com base em identidades de classe ou adesão ou não aos valores colocados em jogo durante a explosão. Os shopping centers são um lugar e um alvo para essa reconexão.

### ATMOSFERAS AFETIVAS: FENÔMENOS SOCIOAFETIVOS PARA A CONSTRUÇÃO DE PONTES

Os rituais de interação têm a propriedade de mobilizar energia emocional. Como podemos abordar a análise desse componente do ritual? Propomos aqui usar a noção de atmosferas afetivas (Anderson, 2009; Macón, 2023). Cecilia Macón (2020, 2023) argumenta que esse é um conceito particularmente útil para destacar atmosferas emocionais em tensão e em processo, como o das mobilizações políticas, e para evitar o risco de considerar as emoções como fenômenos isolados ou estáticos.

<sup>3</sup> Foi expresso em grafites e slogans que o país não queria voltar ao normal, mas sim um novo normal. Como expressou a cantora chilena Anita Tijoux (2020), uma voz relevante da explosão: “O novo normal é uma explosão permanente”. Sua canção, *Cacerolazo* (Panelaço), tornou-se um hino da revolta chilena.

Na conceituação de Anderson (2009), uma atmosfera afetiva refere-se a um fenômeno experiencial, a uma ocupação expansiva, de algo sem superfície, material e imaterial ao mesmo tempo, que é produzido por meio de corpos, em coletividade. Ou seja, refere-se ao modo como “uma multiplicidade faz parte de um vínculo”, por exemplo, no espaço de um ritual como a mobilização. Se algo define uma atmosfera afetiva, é sua ambiguidade: entre presença e ausência, entre seu caráter objetivado-autônomo e subjetivo, entre o definido e o indefinido. Essa indeterminação é a base da abertura constitutiva de qualquer atmosfera afetiva, seu constante surgimento e transformação, permitindo que ela se torne uma experiência coletiva. Esse caráter processual – e contagioso – facilita a conexão e a hibridização com outras atmosferas e outros sujeitos, espaços e temporalidades envolvidos em cada atmosfera que participa do processo/diálogo/ritual. É um fenômeno socioafetivo “quase autônomo”, “um tipo de ‘excesso’ afetivo indeterminado por meio do qual podem ser criados espaços-tempos intensivos” (Anderson, 2009, p. 80).

A partir dessa conceituação, definimos nossa hipótese de trabalho considerando que o ritual de mobilização, criado sobretudo na “linha de frente” durante a explosão chilena, gerou uma atmosfera afetiva caracterizada pela excepcionalidade, urgência, agressividade, luta, solidariedade, e que isso foi transmitido por uma série de experiências sensoriais que apelaram tanto para o contato com outros corpos quanto para a intensidade sensorial, por exemplo, do cheiro (ambientes com fogo, suor, gases etc.) e do som (gritos, cantos, arengas etc.), e do som (gritos, cantos, arengas etc.). Essa atmosfera foi essencial para manter as mobilizações e estendê-las a outros temas e localidades geográficas<sup>4</sup>.

Neste processo de expansão, que hoje pode ser analisado retrospectivamente graças aos milhares de evidências digitais geradas pelos usuários das redes sociais durante os protestos, formulamos a hipótese de que uma parte dos atores mobilizados tentou transferir esta atmosfera particular para os shopping centers para alterar o ritual de consumo, influenciando as muito diferentes atmosferas afetivas que tendem a predominar nestes espaços comerciais e nas práticas que os definem. O objetivo de compartilhar e ampliar a energia emocional gerada no ritual de protesto, ampliando sua atmosfera afetiva, foi – entre outros – curto-circuitar a temporalidade do presente atemporal do consumo (“normalidade”), para que entrasse em diálogo com outros espaços (a linha de frente) e temporalidades: com o passado, através da memória das mágoas e injustiças vividas; com o presente simultâneo parado, ritualizado e cíclico da explosão (“excepcionalidade”); e com o futuro que se projeta a partir do desejo de uma nova ordem institucional.

Nesse sentido, as atmosferas afetivas aparecem como instrumentos políticos relevantes neste contexto de crise porque conectam a dimensão material,

<sup>4</sup> A extensão dos referidos climas afetivos não isentou os pesquisadores deste artigo, que, como tantos outros, viram a necessidade socioafetiva de compreender teórica e empiricamente o vivido. Esta posicionalidade do investigador que encarna a experiência e se torna, por sua vez, sujeito do seu estudo, caracteriza as etnografias de conflito e implica várias questões multiescalares e éticas a considerar (Xiang & Wu, 2023). A expansão do fenômeno socioafetivo carregado de indignação, raiva e frustração marcou uma primeira interpretação dos fenômenos desenvolvidos a curta distância, e que com maior distância, tanto espacial quanto temporal, tornam-se mais claros em suas definições, efeitos e trajetórias.

# D

## Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

a dimensão sensorial e as experiências temporais e espaciais compartilhadas numa situação particular. A atmosfera afetiva veicula e circula conceitos políticos construindo sentidos e fazendo emergir o que está ausente, de modo que essa presença seja vivenciada não apenas a partir de abordagens cognitivas e axiológicas, mas, e principalmente, a partir da experiência afetiva e corporal (Macón, 2023).

Os discursos e práticas da erupção social (a primeira linha como enunciado de vocação expansiva em seu apelo à transformação social e à resistência a qualquer recuperação da normalidade) prefiguram para os centros comerciais um universo de sentido a partir do qual delimitam não só os destinatários, espaços e práticas, mas também o caráter das atmosferas afetivas com as quais devem entrar em contato e negociar. Isto implica que o centro comercial – enquanto paradigma dos rituais de consumo – deixa de ser concebido como um espaço restritivo restrito às compras e aos rituais típicos deste universo. Estes discursos partilham o pressuposto sociocultural de que o consumo e os seus lugares na cidade têm sido cada vez mais entendidos como uma encenação da vida urbana (Goffmann, 1959), resultado das múltiplas ações e representações que se realizam nestes espaços e que não o fazem. Dependem necessariamente do ato de comprar, mas falam de construções ideológicas e políticas, do papel do consumo na vida cotidiana e na configuração do modelo econômico e seus limites, entre outros aspectos (Pérez, 2024).

Da instalação de feiras nas encruzilhadas à complexidade contemporânea da cultura digital de consumo, praças, mercados, galerias, lojas de departamentos e shopping centers solidificaram a essência do intercâmbio entre os indivíduos e na esfera pública (Habermas, 1991). Para além desta caracterização genérica, numerosos autores propõem que, no caso chileno, os centros comerciais sofreram mutações simbólica e física até se tornarem espaços com muito mais usos públicos do que os do comércio de massa, diferenciando-se de forma concreta do que se tem observado noutros países. latitudes (De Simone, 2015; Salcedo & De Simone, 2013). A apropriação e domesticação dos seus interiores comerciais para outros usos não associados às compras sugerem a flexibilidade simbólica dos espaços para a população local e seus gestores. Segundo García Canclini (1995), esta domesticação dos locais de consumo poderia ser a porta de entrada para a compreensão dos centros comerciais como locais de identidade flexível entre o global do protótipo comercial e o local da identidade social chilena, peneirada através do consumo. Por isso, o fato de esses espaços serem utilizados para protestos não surpreende na medida em que essas ações estão em sintonia com a normalização do consumo e com uma visão que o posiciona como mais um no repertório de atividades públicas do cidadão-consumidor.

Seguindo a linha de investigação de Miller et al. (2005), McCracken (1990) e Douglas & Isherwood (2021), para citar os mais relevantes, aproximamos Pérez (2024) do consumo e suas práticas como atividades culturais e rituais, ou seja, como “espaços de transferência de significados e mobilização de emoções” que se dão através de “comportamentos estabelecidos e reconhecidos pela sociedade”, e que fornecem um contexto para as pessoas afirmarem, atribuírem, evocarem ou mesmo reverem significados. Compreendemos assim que num “mundo culturalmente construído, os significados que atribuímos aos bens, bem como as emoções e os valores sociais com que os transportamos” (p. 38), desdobram-se em processos e espaços que ultrapassam em muito aqueles da sociedade.

No quadro da gestão contemporânea da experiência que orienta as atividades de marketing, cada um dos pontos de contacto das marcas com os seus utilizadores tem um trabalho rigoroso e planeado de expressão nos centros comerciais<sup>1</sup>. Estes espaços, em muitos casos, posicionam-se como marcas reconhecíveis e como tal somam-se à tendência estratégica de planejar e propor aos consumidores um universo de significados, sensações e afetos particulares que os definem. Parte desse imaginário inclui a promoção de práticas que remetem à realização de desejos (Sassatelli, 2012) e de situações geradoras de emoções agradáveis e prazeres de consumo baseados na estimulação sensorial hedônica<sup>2</sup> (Lipovetsky, 2007), que são o germe das atmosferas afetivas hegemônicas. características dos shopping centers. Como mencionamos, especificamente no caso chileno é comum que estes espaços se abram para atividades além do consumo, o que permite a confluência de outros ambientes afetivos, geralmente definidos por quadros afetivos de valência positiva.

Em princípio, dir-se-ia que nada está mais longe da atmosfera afetiva de exaltação das paixões hedonistas (Sassatelli, 2012) que promove o consumo, do que a energia emocional transportada pelos rituais de protesto da linha de frente durante a explosão, os que foram dominados pela indignação, frustração e agressividade, embora também houvesse aberturas para a esperança e a solidariedade. No entanto, contaminar, se não quebrar, a distância que separava estes espaços, no que diz respeito à atmosfera emocional que se vivia na “Plaza de la Dignidad” e nos seus arredores, foi um dos principais objectivos propostos pelos repetidos apelos à concentração nas periferias e dentro dos shopping centers das áreas mais ricas da capital e de outras cidades chilenas.

Esta forma de procurar fazer com que o protesto se torne parte de um senso comum partilhado (Leone, 2012), cuidar do seu contágio e expansão para outros setores e espaços, expor dores, contradições e símbolos como forma de mantê-lo ativo a partir de novas solidariedades e energias emocionais que se harmonizam, é o que analisaremos a seguir. Faremos isso observando como os discursos se articulam

com atmosferas emocionais tensas. Para isso, tomamos como ideia norteadora a noção de que intervir nos problemas públicos e nas polêmicas coletivas, como as que acompanham a busca por uma nova ordem institucional e novas formas de convivência, implica inexoravelmente questionar e transformar uma configuração afetiva hegemônica (Macón, 2020; Peñamarín, 2020; Saiz-Echezarreta, 2024).

O que este caso nos permite é observar como a contaminação dos rituais, através da energia emocional semioticamente condensada em atmosferas afetivas reconhecíveis, pode ser um instrumento para intervir politicamente num espaço e modificar as práticas que nele ocorrem.

### LEITURA SEMIÓTICA DE RITUAIS DE INTERAÇÃO

Este estudo exploratório desenvolve uma abordagem qualitativa indutiva, baseada em métodos netnográficos digitais para imersão, identificação, seleção e análise de postagens públicas emitidas por usuários de redes sociais (Kozinets, 2019; Kozinets & Gretzel, 2024), a partir de matrizes semióticas e discursivas referentes aos protestos sociais chilenos.

Para a seleção das peças, do Chile foi realizada a busca avançada da plataforma X (ex-Twitter) com as palavras-chave “protesto” e “shopping” e a *hashtag* #manifestacionesmall, para recuperar os posts publicados no período da semana imediatamente anterior à explosão social até 10 semanas depois, ou seja, de 18 de outubro a 31 de dezembro de 2019. Para obter maior diversidade na amostra, o corpus foi formado utilizando os resultados da pesquisa como pontos de acesso para um rastreamento segundo o modelo bola de neve aplicado às postagens, com o objetivo de abranger as publicações de protestos localizados em diversos shopping centers do Chile e não apenas naqueles localizados no setor leste de Santiago, apesar de sua maior presença quantitativa na pesquisa. Após a revisão do material, foi composto um corpus de análise de 23 peças, algumas delas com imagens estáticas e outras com vídeos.

Dado que a perspectiva semiótica com que trabalhamos nos aproxima dos textos na sua dimensão de factos sociais e culturais, situados num contexto com o qual estão em permanente diálogo (Peñamarín, 2020), aproximamo-nos do nosso corpus procurando fazer uma seleção de discursos que nos permitiriam dar conta dos tipos de experiências promovidas, materializadas e difundidas durante a eclosão social. Para isso, a seleção das peças foi realizada a partir de três critérios: presença de eventos ocorridos em diferentes áreas de Santiago e em regiões; a inclusão de postagens que aludissem tanto à convocação quanto ao próprio protesto; e a inserção de unidades que mostrassem os diferentes tipos de manifestações observadas, com resultados diferentes ao mesmo tempo.

A abordagem dos textos foi realizada buscando uma leitura interpretativa a partir de práticas analíticas diversas (Abril, 2007), que possibilitasse dar conta da circulação de sentido tanto na perspectiva da transmissão de ideias quanto da ativação de enciclopédias e imaginários, bem como da dimensão afetiva (Peñamarín, 2020). Analisamos os textos-discursos como produto de uma interação social, em que se configuram e retratam atores, pontos de vista e relações interlocutórias específicos, organizados em um contexto específico. Para tanto, são produtivos os conceitos de atmosferas afetivas, ritual e posicionamento enunciativo (Paolucci, 2020). Especificamente, ao considerar que o conceito de atmosfera afetiva dialoga com as cadeias rituais de afeto de Collins (2009) e com suas propostas a respeito das energias emocionais e suas condições de desenvolvimento e feedback, e opera como ferramenta teórico-analítica para acesso a essas particularidades modos de circulação do significado.

## EIXOS DO SENTIDO

### **Chamadas: chaves espaço-temporais e configuração de nós/eles**

Como aponta a semiótica, toda enunciação se faz num horizonte de sentidos e expectativas; neste caso, os discursos que perpassam a explosão social referem-se a uma posição que se presume ser partilhada pela sociedade chilena, mas que tem diversas declinações. Os cartazes do *corpus* da convocatória correspondem a um discurso que assume que todos os cidadãos sabem o que se passa e as razões que têm sido apontadas para esta ruptura institucional. Na verdade, os banners que são desenhados e que incentivam as manifestações carregam um conjunto de implícitos, a começar pela referência à própria explosão, que não é explicitada.

Como mencionamos no início deste trabalho, o desdobramento da explosão considerou duas modalidades principais de mobilização: por um lado, as ações violentas dos dias iniciais, que incluíram saques, vandalização e incêndios de edifícios comerciais, culturais e institucionais. Esta trajetória foi simbolizada sob o conceito de “Primeira Linha” que se posicionou na “Plaza de la Dignidad” para, a partir daí, ritualizar e estabilizar o conflito e empreender ações semanais de provocação e contenção por parte das forças policiais, em diálogo com o desenvolvimento de protestos nas ruas e acusações de violações dos direitos humanos.

A outra posição, a retratada na chamada “Maior Marcha do Chile” que, sob um acúmulo de reivindicações diversas, reuniu pacificamente uma proporção sem precedentes da população. Esta opção representa uma vontade de redirecionar a energia emocional para novos acordos, que canalizariam e institucionalizariam soluções para as divergências manifestadas.

# D

## Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

Entre estes dois polos, as postagens do corpus agrupadas com a hashtag #manifestacionesmall enquadram-se numa linha discursiva que interpreta a explosão desde a “Primeira Linha” e através de um quadro emocional de valência negativa expresso, além disso, com elevado grau de intensidade. afetivo. Nesta perspectiva, não se trata de transmitir ideias fortes ou de apresentar argumentos sobre a legitimidade da crise, mas sim de garantir que a atmosfera emocional do protesto continue a ser válida para o maior número de pessoas e no maior número de espaços. possível, especialmente na zona leste de Santiago, onde vivem as classes abastadas (“Marcha massiva autoconvocada”; “Vamos lotar o Costanera Center”; “Todos ao Parque Arauco” – Figura 1). E procura ao mesmo tempo manter uma temporalidade idiossincrática: a excepcionalidade: (“Não+Normalidade”, “Vamos acordar esta bolha” (a dos shoppings)).

O eixo geográfico atua como uma das principais isotopias que conectam os espaços públicos paradigmáticos da cidade, estabelecendo a Plaza Italia/Plaza de la Dignidad como núcleo urbano, espaço icônico das mobilizações na capital. A partir deste centro do protesto organiza-se um percurso que avança no sentido oposto aos locais para onde tradicionalmente se dirigem todas as manifestações. Em vez de converter os principais órgãos do poder do Estado, localizados no centro da cidade, como a Casa do Governo, a sede do Congresso em Santiago ou os Tribunais de Justiça, nos seus espaços de referência, o protesto é mobilizado – e é graficamente visível nos textos – em direção “para cima”, o espaço das elites e das classes abastadas.

Figura 1

Post do protesto



Nota. Instagram @manifestacionesmall.

Os pontos de chegada propostos nos cartazes são os centros comerciais (Costanera Center, Portal La Dehesa, Parque Arauco, Mall Los Domínicos,

Casacostanera), no caso da capital, que se tornaram um símbolo de desenvolvimento e sucesso econômico e que o país alcançou durante os trinta anos em questão. Observamos a linha de continuidade que mostra os vetores de movimento entre esses espaços urbanos geográfica e simbolicamente distantes como uma proposta não apenas de deslocamento entre determinados territórios, mas sobretudo de circulação de energia emocional entre diferentes pontos.

Por que ir aos shopping centers? Em primeiro lugar, a proposta de manifestação nos shoppings assume como parte de sua enciclopédia que, como apontamos acima, o shopping é o local sintomático dos rituais de consumo, que não se restringem apenas ao ato de compra. É um espaço público que adensa a experiência do consumo como um ritual complexo ao promover a circulação de sentidos e a geração de identidades e valores, entre outros. Assim, não são os supermercados ou as lojas de bairro que são escolhidos como espaços de protesto, mas sim os centros comerciais.

Consumir como entretenimento representa uma atividade convencionalmente ligada às classes médias altas, o que reforça o esquema antagônico de nós/eles que é proposto em termos socioeconômicos e de status. E, por outro lado, o centro comercial é adotado por ser um espaço público de elevado valor simbólico, associado ao poder econômico, que é representado através da menção a bairros icônicos da cidade e dos nomes utilizados para quem vive em determinados setores. A partir deste lugar, os chamados constroem uma fronteira clássica que demarca o território compartilhado a partir do eixo nós/eles.

Neste ponto, o discurso sobre a explosão já não desafia a sociedade chilena como um todo, mas articula-se, por um lado, em termos de classe, procurando representar aqueles que não só não se identificam com as classes ricas, mas a quem elas resistem. ele. É então “o Povo”, “a voz do Povo”, os “quebrados”<sup>5</sup> que aparecem chamando para enfrentar os “ricos”, os “abastados”<sup>6</sup>, em suma, as elites. Trata-se então de “subir” desde a Plaza de la Dignidad, num percurso que avança passo a passo na cidade, em direção ao Costanera Center, ao shopping Los Domínicos, ao Parque Arauco, para conhecer aquele “outro Chile”, até chegar ao “Portal da Indignidade” (Shopping La Dehesa), onde os “policiais” e “zorrões” merecem ser reeducados<sup>7</sup>.

Nesta representação feita do protesto, a posição de enunciação utiliza uma linguagem, um gráfico, um estilo de interação que remete a disputas políticas, socioeconômicas e culturais polarizadas, que ganharam nova relevância no contexto da explosão (Mayol, 2019; Peña, 2020; Rojas-maio de 2020). Apela aos conflitos e emoções que vivem na memória dos cidadãos chilenos e que levam

<sup>5</sup> Expressão chilena que se refere a uma pessoa de classe social baixa ou condição humilde (Asociación de Academias de la Lengua Española, 2010).

<sup>6</sup> Expressão chilena que se refere a uma pessoa de classe social elevada e que mostra sempre os costumes dessa classe (Asociación de Academias de la Lengua Española, 2010).

<sup>7</sup> As fronteiras físicas e simbólicas entre as elites e o resto da população traduzem-se na autocorrelação da concentração do PIB nacional no cone nordeste da bacia de Santiago (Sabatini et al., 2010) com a localização dos protestos em shoppings observada em este estudo. Portanto, slogans como “Compartilhem os privilégios de los zorrões”; “Educar os abastados”; “Vamos dar um pouco da realidade do país”; “Por um Chile com Igualdade. O “chega de migalhas” encontrado nas convocatórias para manifestações em shoppings carrega uma interpretação sócio-territorial.

muitas pessoas de volta aos conflitos e confrontos que levaram ao colapso da democracia e à subsequente ditadura militar.

A exigência de escuta (“Façamos barulho onde devemos ser ouvidos”; “porque na Plaza de la Dignidad não nos ouviram...”; “chega de normalização, aqui seremos ouvidos”) que é exigida a estes atores, que se mostram insensíveis às insatisfações que têm sido expressadas, à necessidade de “justiça para o Povo”, articula-se a partir da densidade simbólica que emana do núcleo onde se sustenta o protesto vivo: a Plaza de la Dignidade e sua escudeiros, figuras icônicas do imaginário exposto ao redor da Primeira Linha, e que estão retratados nos cartazes.

A enunciação, ao lado de propor esse esquema de nós/eles que se articula a partir do estrato socioeconômico e em termos de classe, também estrutura outros lugares que têm a ver com posições singulares em torno da explosão, mas curiosamente não abordam diretamente as relações que isso representa. ocorrem no consumo. Ou seja, a proposta de intervenção nos centros comerciais não incluía explicitamente discursos de crítica ao consumo ou de desaprovação dos estilos de vida que o rodeiam. Este é um ponto interessante dado que a frustração com as limitações de consumo por parte da população organizou algumas das teorias explicativas sobre a explosão. Tanto as chamadas quanto as telas e as performances que foram exibidas no interior dos espaços não contemplaram uma menção ou interação com os consumidores a partir de um horizonte que evidencia as dimensões negativas do consumo, desde a falta de acesso à questão ambiental, passando pela hegemonia cultural etc.

Em vez deste ponto de vista que seria de esperar, a retórica mobilizada aponta sobretudo para a normalidade representada pela abertura dos centros comerciais e pela sua disponibilidade para permitir a continuação das atividades prazerosas de consumo. O eixo discursivo neste ponto é construído através de uma isotopia temporal e pressupõe também referência a tons e intensidades afetivas em tensão. Nesta perspectiva, o nós/eles que percorre as chamadas apresenta uma ambivalência que exige uma interpelação mais transversal: pretende questionar aqueles que frequentam os centros comerciais e que, dependendo do local onde se encontram, são também classes populares e classes médias. Observamos esta construção do destinatário em slogans como “Não à normalidade dos shoppings”, que apelam mais à dimensão de praça quase pública que estes espaços alcançaram no Chile, e à dimensão afetiva que a vida cívica mobiliza, do que ao papel e as emoções que derivam das interações ligadas às compras. A legenda “Vizinho ouça, junte-se à briga”, exposta em um shopping de uma área popular de classe média, reforça essa ideia.

Nestes casos, trata-se de renovar a atenção daqueles cuja harmonia emocional com a explosão foi diluída, os vizinhos que quem está na linha da frente procura. Sob o “Não+normalidade” emerge uma vontade que procura impedir que a possibilidade de o exterior do protesto ganhar legitimidade, facto que sustenta e valida a resistência todas as sextas-feiras pela linha da frente. Este nós que é chamado à ação é um nós mais restritivo – não se dirige a toda a sociedade chilena, mas procura a cumplicidade e tenta mobilizar as pessoas que pensam/duvidam – mas sobretudo sente que ainda não o é. será hora de voltar ao normal. A quem considera que é necessário manter a energia do protesto nas ruas, pois ainda não é hora de transferir o processo para o nível institucional e de reduzir a energia emocional voltando à calma.

### **Circular corpos e afetos para se encontrar**

O foco discursivo no espaço e no movimento visa tornar visível, para aqueles que são a favor da continuidade dos protestos – não importa em que setor da cidade – a necessidade de colocar o corpo e sua energia a serviço do protesto, o que para muitos pode significar cruzar fronteiras geográficas e simbólicas e demonstrar força e espírito de solidariedade com o grupo. Isto, para alcançar e ocupar espaços tradicionalmente estrangeiros, associados às classes privilegiadas, que muitos poderiam vivenciar como estranhos. A superação deste desconforto/estranheza requer a energia do grupo, o contágio e o comprometimento emocional que o ritual proporciona a nível individual e coletivo, como afirma Collins (2009, p. 149).

O que aconteceu quando os protestos se misturaram com as compras? O protesto irrompe no shopping através de diversas experiências sensoriais (que a priori estão deslocadas no shopping) e que afetam a audição através de gritos, canções; à vista com os banners; e tocar e cheirar com a presença de corpos que se movem, ficam parados e se distribuem de formas imprevistas (não respeitam os fluxos inscritos na geografia do shopping). A atmosfera fala de sentidos, de corpos em copresença – mesmo que seja imaginário virtual – e de intensidade afetiva em graus variados. A atmosfera é algo que é percebido inconscientemente, está implícito num espaço/ambiente e é interpretável. Por ser difuso, pode evoluir e misturar-se. É um discurso estratégico através do qual corpos rítmicos e afinados querem fazer com que o que sentem ressoe nos outros.

A harmonia aconteceu? Nas fotos e vídeos publicados sobre as manifestações dentro dos shoppings, que buscaram conduzir metafórica e literalmente a conversa sobre o futuro da explosão, observamos como os rituais de consumo

# D

## Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

e protesto foram vivenciados na maioria das vezes com respeito, recíproco. outros em conflito, exibindo até, em alguns casos, momentos de conexão. Juntamente com os fatores já referidos, as diferentes atmosferas afetivas que se geravam nestes espaços dependiam da energia emocional que o grupo que participava em cada protesto conseguia fazer circular, no qual intervinham: (a) as formas/conteúdos enunciados (a promove uma causa ou ataca um determinado grupo que o centro comercial representa, o que se refere à possibilidade de estabelecer e partilhar um foco comum); (b) o tipo de símbolos que foram exaltados (símbolos que sintetizam as divergências entre os dois mundos de sentido ou que têm a capacidade de representar possíveis valores de partilha); e (c) a identificação social dos manifestantes com aqueles que estiveram presentes no shopping (ou seja, a existência de um nós compartilhado antecipadamente, que permite que ambos se reconheçam em determinados códigos e expectativas).

Como acabamos de referir, na maioria dos casos não houve hibridização ou sintonia entre os dois ambientes, pelo que a experiência criada foi mais semelhante a uma conversa revezada. Assim como o ritual, uma conversa pode fluir e ter sucesso, a partir da geração de um alto nível de cumplicidade entre as partes, ou avançar a partir de solilóquios que cada participante mantém, sem nunca se conectar. Nesse sentido, o que se viu foram dois roteiros, implantados por cada uma das partes a partir do exercício de seu próprio ritual. Se os consumidores presentes pararam as suas atividades e atenderam às ações dos manifestantes, fizeram-no por curiosidade ou respeito, aguardando a sua vez de realizar as suas próprias ações. Podemos dizer que o que estava ausente do espaço de consumo como praça pública tornou-se presente, mas de forma muito precária e momentânea.

Em alguns casos, houve quem se sentisse invadido pelos slogans e pelas energias expressas pelo grupo neste espaço comum, mas supostamente estranho e atemporal em relação à realidade social vigente. As interpelações aos manifestantes – que ocorreram principalmente a nível pessoal e não a nível coletivo – atingiram uma elevada intensidade negativa, gerando uma atmosfera carregada de agressão e rejeição, mais típica do mundo do protesto do que do consumo. Em contrapartida, as vozes e os aplausos dos vendedores e dos consumidores somaram-se aos dos manifestantes nos setores mais populares. A energia positiva que percorria estes centros comerciais ao ritmo dos apitos que anunciavam e acompanhavam os cantos e movimentos, favoreceu a atenção, o contágio emocional, a maior participação e, com ela, a geração de um nós/coletivo mais amplo, ponto de partida para novas possibilidades de construção de capacidade de agência.

Para além das reações específicas que ficam registadas nos vídeos e que nos aproximam do sucesso performativo dos protestos, abordamos a questão da temporalidade como último ponto de análise. De acordo com Macón (2020, 2023), a temporalidade associada às atmosferas afetivas é o que lhes confere uma dimensão política, servindo de base para a articulação das comunidades e dos seus projetos.

Como argumentamos, o encontro no shopping supõe a convergência de duas atmosferas afetivas díspares que partem de dois rituais de interação distantes um do outro, cada um dos quais implica uma apropriação dos espaços e das formas em que se vive um tempo em particular, e que geram modos de coletividade muito diferentes. Em termos semióticos, os sistemas de significado que ambas as atmosferas mobilizam quando se encontram – e hibridizam – respondem a diversas temporalidades. As temporalidades inscritas na experiência do shopping aludem a um presente atemporal em que é possível, em termos goffmanianos, “agir como se” existisse um contexto de normalidade, além de um futuro de satisfação imediata baseado na consumação do prazer. Esta temporalidade opera a partir da condição do centro comercial como paradigma do não-lugar, no contexto da explosão, de um espaço de fuga, onde pode ocorrer uma pseudo-normalidade que permite fazer uma pausa no que está a acontecer fora. No shopping existe um presente parado onde a calma e o descuido são possíveis.

Diante deste enclave, o protesto busca ser um exercício de memória e de reimersão na realidade social do país. Eles colocam em jogo três temporalidades interligadas: o presente da excepcionalidade, o da explosão em efervescência, o da memória de um passado de mágoas que explica e legitima a indignação atual e o de uma projeção para o futuro que exige uma mudança nas configurações afetivas e, com ela, a ordem institucional. É o contacto entre estas temporalidades e a temporalidade não conflituosa do consumo que, articulado com outra série de elementos discursivos que ultrapassam o objetivo desta análise, evidenciam a dimensão política deste encontro entre atmosferas afetivas.

## CONCLUSÕES

Nossa análise baseia-se na ideia de que as atmosferas afetivas são entidades semiautônomas com capacidade de agência, que nos permitem observar como uma multiplicidade de corpos faz parte e está ligada a uma situação que os acompanha (Macón, 2023). No seu comportamento contagiante e na sua capacidade de hibridização, as atmosferas conseguem amalgamar e configurar práticas; em outras palavras, permitem espaços de ação e agências construídas

# D

## Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

como um conjunto de forças tangíveis (Slaby, 2020 conforme citado em Macón, 2023). Neste contexto, os rituais de interação constituem um instrumento para mobilizar energias emocionais, estabilizar o nós, gerar consciência coletiva e solidariedade de grupo e proporcionar continuidade e agência em torno de um foco comum de atenção.

Enquanto o protesto procura transcender um nós que questiona o status quo e que se projeta no futuro, abrindo um horizonte coletivo de possibilidades, no espaço de consumo dos centros comerciais observamos uma agregação temporária de sujeitos que se ligam através de uma experiência partilhada, a priori agradável, mas que não garante um sentido de comunidade para além da sociabilidade do consumo. Ou seja, o centro comercial não pressupõe a existência de uma experiência coletiva para a sua utilização e funcionamento, tanto espacial como emocional.

Esta divergência nos horizontes de sentido e de expectativas relativamente ao que cada experiência implica foi uma das razões pelas quais, embora os centros comerciais possam ter surgido inicialmente como espaços privilegiados para “levantar” o protesto, a sua materialização não será capaz de produzir uma hibridização entre ações afetivas. atmosferas. No seu cerne, o protesto promovido em espaços comerciais centrou-se fundamentalmente na luta contra a “normalidade”. O seu objetivo não visava questionar os centros comerciais ou a sociedade na perspectiva da sociedade de consumo, mas sim prolongar a comunidade emocional construída em torno da explosão, baseada numa encenação permanente.

Dado que com o passar dos dias a energia emocional que primeiro sustentou o ritual de protesto diário e depois semanalmente começa a diminuir, é necessário realizar ações que permitam reativá-la em todo o país para voltar ao que se sentia. nos primeiros dias. O protesto nos centros comerciais é então orientado para que as pessoas se sintonzem ou se reconectem (reconectem) umas com as outras e com o espírito refundacional e excepcional que a explosão instalou para alguns (“Chile Acordou”; “Não são 30 pesos; são 30 anos” que deve ser alterado).

Para isso, a estratégia enunciativa postulou um nós que se projetou desde a “Primeira Linha”, para se fundir com a “voz do povo” e com um imaginário confrontacional articulado com a classe e dotado de elevada intensidade afetiva de valência negativa. Uma perspectiva que também mobiliza uma memória polarizada, que remete ao período de colapso das instituições democráticas no país na década de 70, e revive vários traumas que ainda permanecem válidos na sociedade chilena. A partir deste espaço, surge uma comunidade que exige não só dignidade – um conceito central na explosão – mas fundamentalmente justiça social.

De mãos dadas com isso, estrutura-se uma comunidade mais transversal de solidariedades e sentimentos, que reúne vontades, visões, valores e emoções em torno da explosão. Os apelos constituem apelos à ação para aqueles que acreditam/pensam/sentem/vivem a importância de manter em vigor o excepcionalismo e a perspectiva refundacional através do protesto. As manifestações aqui desafiam transversalmente quem frequenta os shoppings, independentemente da classe. Mas neste caso, através da energia emocional que é mobilizada no ritual e que circula graças às atmosferas afetivas, a ideia é carregar os corpos com sons, cheiros, alegria, solidariedade ou outros valores, para entrar em harmonia emocional. entre si e com o foco comum que os une.

Não se observa que todas as manifestações foram capazes de gerar essa ligação. Em vez disso, reconhecemos que o espaço de manifestação e a sua atmosfera afetiva não conseguem penetrar no espaço de consumo e hibridizá-lo; O diálogo entre as duas esferas, a do protesto e a do consumo, funcionam como turnos de conversa, monólogos que nem sempre dialogam. Às vezes, a interação existe, e isso acontece tanto para gerar conflitos quanto para provocar momentos de conexão. Observamos isto em sectores populares, onde manifestantes, vendedores e consumidores se reconheciam como parte da mesma classe, embora não partilhassem necessariamente a mesma visão ideológica.

Estávamos interessados em avaliar se a hibridização de atmosferas afetivas possibilita ou dificulta novas agências, práticas, coletividades e sistemas de significado, especialmente em termos políticos. Como é que o enquadramento emocional transmitido através da atmosfera afetiva do protesto contribuiu para a atmosfera afetiva do centro comercial? Do nosso ponto de vista, a maior contribuição desses encontros foi conectar lugares, temporalidades e, sobretudo, explicitar forças em tensão: o centro simbólico da cidade e os protestos com os enclaves fechados que compõem os shoppings; emoções disfóricas e eufóricas; o presente preso na pseudonormalidade do consumo e na excepcionalidade das reivindicações políticas; o nós com vocação transcendente do sujeito político coletivo e o nós agregado e individualizado dos consumidores.

Esses encontros mostraram um espaço complexo e tenso, foram uma oportunidade para vivenciar o choque entre atmosferas afetivas e talvez serviram como um convite para se reconectar, mesmo que temporariamente, com a memória recente em torno da experiência própria e coletiva da explosão e do questionamento da ordem institucional chilena. Por outro lado, embora tenha sido um efeito secundário, uma vez que o protesto não se concentrou na crítica ao consumo, podemos interpretá-lo como uma ocasião para perceber os centros comerciais não como espaços isolados do resto da cidade, nem como ilhas de desconexão de uma natureza política. O consumo como parte

inerente à estrutura de classes e identidades da sociedade funde-se como um espelho de protesto, dotando os seus espaços de densidade sociopolítica e capacidade latente de agência à espera de ser apropriada performativamente pelos cidadãos. ■

## REFERÊNCIAS

- Abril, G. (2007). *Análisis crítico de textos visuales*. Síntesis.
- Anderson, B. (2009). Affective atmospheres. *Emotion, Space and Society*, 2(2), 77-81. <https://doi.org/10.1016/j.emospa.2009.08.005>
- Araujo, K. (Ed.). (2020). *Hilos tensados: Para leer el octubre chileno*. Editorial USACH. <https://libreria.editorialusach.cl/hilos-tensados-para-leer-el-octubre-chileno-2a-edicion>
- Asociación de Academias de la Lengua Española (2010). *Diccionario de americanismos*. Santillana.
- Brantner, C., Rodriguez-Amat, J. R., & Belinskaya, Y. (2021). Structures of the public sphere: Contested spaces as assembled interfaces. *Media and Communication*, 9(3), 16-27. <https://doi.org/10.17645/mac.v9i3.3932>
- Collins, R. (2009). *Cadenas rituales de interacción*. Anthropos.
- De Simone, L. (2015). *Metamall: Espacio urbano y consumo en la ciudad neoliberal*. Ediciones EURE UC y Ril Editores.
- Douglas, M., & Isherwood, B. (2021). *The World of Goods*. Routledge.
- Durkheim, É. (2006). *Sociología y filosofía*. Comares.
- Fernández, P. (2020). *Sobre la marcha: Notas acerca del estallido social en Chile*. Penguin.
- García, M. R. (2015). Interacción y emociones. La microsociología de Randall Collins y la dimensión emocional de la interacción social. *Psicoperspectivas, Individuo y Sociedad*, 14(2), 51-61. <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol14-Issue2-fulltext-439>
- García Canclini, N. (1995). *Consumidores y ciudadanos: Conflictos multiculturales de la globalización*. Grijalbo.
- Goffman, E. (1959). *The presentation of self in everyday life*. Anchor.
- Gómez-Lorenzini, P., Vergara, E., Porath, W., & Labarca, C. (2016). Publicidad chilena en un proceso de crecimiento económico: Aspectos formales, apelaciones textuales y papeles atribuidos a los personajes en la publicidad gráfica del retail a fines de la década de 1990. *Palabra Clave*, 19(1), 304-331. <https://doi.org/10.5294/pacla.2016.19.1.12>
- Habermas, J. (1991). *The structural transformation of the public sphere: An inquiry into a category of bourgeois society*. The MIT Press.

- Hepp, A. (2020). *Deep Mediatization*. Routledge.
- Herrera, H. (2019). *Octubre en Chile: Acontecimiento y comprensión política: hacia un republicanismo popular*. Katankura.
- Hidalgo, R., & Janoschka, M. (2014). *La Ciudad Neoliberal: Gentrificación y exclusión en Santiago de Chile, Buenos Aires, Ciudad de México y Madrid*. *Revista de Geografía Norte Grande*, (58), 261-264. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-34022014000200014>
- Jansson, A. (2016). Critical communication geography: Space, recognition, and the dialectic of mediatization. In P. C. Adams, J. Cupples, K. Glynn, A. Jansson, & S. Moores (Eds.), *Communications/Media/Geographies* (pp. 107-143). Routledge.
- Kozinets, R. V. (2019). *Netnography: The Essential Guide to Qualitative Social Media Research*. Sage.
- Kozinets, R. V., & Gretzel, U. (2024). Netnography evolved: New contexts, scope, procedures and sensibilities. *Annals of Tourism Research*, 104, e103693. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2023.103693>
- Landaeta, L., & Herrero, V. (2021). *La revuelta. Las semanas de octubre de estremecieron Chile*. Planeta Chile.
- Leone, M. (2012). Breve introducción a la Semiótica de protesta CIC. *Cuadernos de Información y Comunicación*, 17, 161-173. [https://doi.org/10.5209/rev\\_CIYC.2012.v17.39262](https://doi.org/10.5209/rev_CIYC.2012.v17.39262)
- Lipovetsky, G. (2007). *La felicidad paradójica*. Anagrama.
- Lordon, F. (2018). *La sociedad de los afectos. Por un estructuralismo de las pasiones*. Adriana Hidalgo Ediciones.
- Luna, J. P. (2021). *La chusma inconsciente: La crisis de un país atendido por sus propios dueños*. Catalonia.
- Macón, C. (2020). Rebeliones feministas contra la configuración afectiva patriarcal. Un relato posible para la agencia. *Revista Heterotopías del Área de Estudios Críticos del Discurso de FFyH*, 3(5), 1-19. <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/heterotopias/article/view/29038>
- Macón, C. (2023). Haunting voices: Affective atmospheres as transtemporal contact. In G. J. Seigworth, & C. Pedwell (Eds.), *The Affect Theory Reader 2: Worldings, Tensions, Futures* (pp. 347-364). Duke University Press Books.
- Mayol, A. (2019). *Big Bang. Estallido Social*. Catalonia.
- McCracken, G. D. (1990). *Culture and consumption: New Approaches to the Symbolic Character of Consumer Goods and Activities*. Indiana University Press.
- Miller, D., Jackson, P., Thrift, N., Holbrook, B., & Rowlands, M. (2005). *Shopping, place and identity*. Routledge.

- Morales Urra, R. (2017). Metamorfosis Ritual. Desde el Nguillatun al Culto Pentecostal. Teoría, historia y etnografía del cambio ritual en comunidades mapuche huilliche. *Revista Austral de Ciencias Sociales*, (22), 131-134. <https://doi.org/10.4206/rev.austral.cienc.soc.2012.n22-09>
- Moulian, T. (1999). *El consumo me consume*. Libros del Ciudadano Chile.
- Mühlhoff, R. (2015). Affective resonance and social interaction. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 14(4), 1001-1019. <https://doi.org/10.1007/s11097-014-9394-7>
- Orellana-Águila, N. (2020). Performance, ritual y movilización social. Primero de mayo y acción encapuchada en Santiago. *Izquierdas*, 49, 1912-1932. <https://doi.org/10.4067/S0718-50492020000100295>
- Orellana-Águila, N. (2022). Espacios de resistencia y movilización social. Interacciones insurgentes en Plaza Dignidad de Santiago, Chile. *Campos en Ciencias Sociales*, 10(2), 1-25. <https://doi.org/10.15332/25006681.7938>
- Paolucci, C. (2020) *Persona: Soggettività nel linguaggio e semiotica dell'enunciazione*. Bompiani.
- Peña, C. (2020). *Pensar el malestar: La crisis de octubre y la cuestión constitucional*. Taurus.
- Peñamarín, C. (2020). Fronteras afectivas de la esfera pública y semiótica pragmática. *Cuadernos de Información y Comunicación*, 25, 61-75. <https://doi.org/10.5209/ciyc.69968>
- Pérez, C. (2024). ¿Existen límites al consumo? De las transacciones comerciales a la circulación de significados. SB Editorial.
- Poduje, I. (2020). *Siete cabezas: Crónica urbana del estallido social*. Uqbar Editores.
- Rojas-May, G. (2020). *La revolución del malestar*. Ediciones El Mercurio.
- Sabatini, F., Salcedo, R., Wormald, G., & Cáceres, G. (2010). *Tendencias de la segregación en las principales ciudades chilenas*. INE.
- Saiz-Echezarreta, V. (2024). The affective configuration of the public problem of depopulation: From resignation to obstinance, *Communication & Society*, 37(1), 149-165. <https://doi.org/10.15581/003.37.1.149165>
- Saiz-Echezarreta, V., Gómez-Lorenzini, P., & Galletero-Campos, B. (2023). Tensiones institucionales del periodismo a propósito de las tomas feministas en Chile. *Perfiles Latinoamericanos*, 31(62), 1-30. <https://doi.org/10.18504/pl3162-009-2023>
- Salcedo, R., & De Simone, L. (2013). Una crítica estática para un espacio en constante renovación: El caso del mall en Chile. *Atenea (Concepción)*, (507), 117-132. <https://doi.org/10.4067/S0718-04622013000100008>
- Sassatelli, R. (2012). *Consumo, cultura y sociedad*. Amorrortu.

- Tijoux, A. (2020, 23 de octubre). “La nueva normalidad es un estallido permanente”. *Página12*. <https://www.pagina12.com.ar/300545-la-nueva-normalidad-es-un-estallido-permanente>
- Tironi, E. (2002). *El cambio está aquí*. La Tercera-Mondadori.
- Xiang, B., & Wu, Q. (2023). *Self as method: Thinking through China and the world*. Springer.

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.



# Semiótica dos afetos nos rituais de consumo: sensações, sentimentos e emoções

## *Semiotics of affect in consumer rituals: sensations, feelings, and emotions*

■ CLOTILDE PEREZ<sup>a</sup>

Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes. São Paulo – SP, Brasil

### RESUMO

O texto apresenta os resultados de pesquisa teórica sobre as conexões conceituais entre sensações, sentimentos e emoções, em uma perspectiva semiótica peirciana, fundada nas categorias universais da experiência Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, em articulação com a antropologia dos afetos, sendo o principal expoente Le Breton e a psicanálise. A partir do entendimento do consumo como ritual e nas suas articulações com identidade, cidadania e como ato de amor, compreendemos sua capacidade de produzir estímulos sensíveis, promover sentimentos aprazíveis e gerar emoções promotoras de satisfação imediata alimentada pela publicidade, linguagem privilegiada do consumo e das marcas.

**Palavras-chave:** Semiótica dos afetos, rituais de consumo, sensações, sentimentos, emoções

### ABSTRACT

This study describes the results of theoretical research on the conceptual connections between sensations, feelings, and emotions based on a Peircean semiotic perspective according to the universal categories of experience firstness, secondness, and thirdness, in articulation with the anthropology of affections, the main exponent being Le Breton and psychoanalysis. By understanding consumption as a ritual and its links with identity, citizenship, and as an act of love, we find its capacity to produce sensitive stimuli, promote pleasant feelings, and generate emotions that promote immediate satisfaction fueled by advertising, the privileged language of consumption and brands.

**Keywords:** Semiotics of affect, consumer rituals, sensations, feelings, emotions

<sup>a</sup>Professora titular de Semiótica da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Presidente da Federación Latino-americana de Semiótica (FELS). Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom) da ECA-USP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3062-4087>. E-mail: [clopez@usp.br](mailto:clopez@usp.br).

**A**S EMOÇÕES E OS AFETOS estão no centro da discussão das Ciências Humanas e Sociais e, certamente, na Semiótica, tanto aquela fundada na Filosofia, quanto aquela que se desenvolve a partir das Letras e da Linguística. Esta constatação pode ser verificada em Charles Sanders Peirce (1988, 1995), tanto na noção de Primeiridade como categoria do pensamento e da experiência, quanto no mal-estar causado pela dúvida como motor emocional que nos guia na direção do entendimento e da fixação da crença, prioritariamente nos casos de sua constituição por meio do método científico (Perez, 2023), quanto na Semiótica das Paixões de Algirdas Julien Greimas e Jacques Fontanille (1994, p. 22): “O sentir se dá como um modo de ser que existe enquanto tal, antes de qualquer impressão ou graças à eliminação de toda a racionalidade... Situar a paixão para além do surgimento da significação . . .”<sup>1</sup>. Também presente na investigação de Eric Landowski e José Luiz Fiorin (1997), que resultou na obra *O gosto da gente, o gosto das coisas*; nas reflexões semióticas sobre cinema e afetos em *O sentido das paixões*, de Hermes Leal (2023); na obra *Do inteligível ao sensível*, editada por Ana Claudia de Oliveira e Eric Landowski (1995); e nas obras clássicas de Umberto Eco, com destaque para *História da beleza* (2004) e *História da feiura* (2007) com seus desdobramentos emocionais de adesão e repulsa e tantas outras pesquisas e publicações que são referência para a discussão semiótica que se apresenta.

<sup>1</sup> No original: “El sentir se dá de entrada como un modo de ser que existe de suyo, con anterioridad a toda impresión o gracias a la eliminación de toda racionalidade... Situar la pasión en un más allá del surgimiento de la significación . . .”. Esta tradução, da autora.

Podemos entender afeto em uma dimensão primeira que nos leva à compreensão da interação entre um estímulo e um corpo, portanto, um evento que nos toca – estimula nossos sentidos e, com isso, produz reações físicas, mas também sentimentos – que fundamentam emoções. Estudar os afetos é também buscar a compreensão sobre as sensações e os sentimentos como fenômenos sógnicos, portanto fenômenos da linguagem, que subjazem e sustentam as emoções de natureza diversa. É falar das paixões humanas, do amor, mas também do ódio e da indiferença, para trazer uma filiação à psicanálise de Freud (1968, 2017) e seus leitores Cesarotto (2012) e Montoto (2012) que seguem na continuidade da obra psicanalítica, e da semiose desencadeada pela linguagem e pelas relações entre as formas de vida e o mundo sociocultural e de consumo, portanto, também uma área de interface com a Antropologia e a Sociologia, sem contar que a Filosofia e as Artes, têm nas emoções um importante campo de reflexão e atuação, desde suas remotas origens.

Ainda que a complexidade do objeto de investigação demande uma aproximação multidisciplinar, optamos neste momento por adentrar ao tema dos afetos integrando os preceitos teóricos da semiótica de Peirce (1988, 1995) adensados por Ibri (2008, 2015, 2020), em diálogo com a perspectiva antropológica, com ênfase às reflexões de Le Breton (2007, 2013 e 2016), para constituir o fundamento

conceitual acerca das sensações, sentimentos e emoções. A breve aproximação com a Psicanálise garantirá a conexão com o conceito de inconsciente e de desejo, fundamento das buscas de completude, em alinhamento a Freud (1968, 2011), Montoto (2012), Cesarotto (2012), Girard (2011) e Cesarotto e Perez (2023). Seguiremos com o aporte das reflexões sobre o consumo, analisando seus fundamentos conceituais com destaque para Douglas e Isherwood (2004), Miller (2002), Campbell (2001), McCracken (2003), García Canclini (2010), André (2006), Taschner (2009), Barbosa e Campbel (2006) e Perez (2003, 2016, 2020); já os aportes teóricos sobre a linguagem publicitária, persuasão e mecanismos de manejo das emoções estão centradas nas contribuições de Rocha (1995), Carvalho (1998), Vestergaard e Schroder (2000), Lindstrom (2005), Gobé (2002), Lipovetsky (2019, 2020), Perez (2016, 2020), Perez e Trindade (2019), Pompeu (2021, 2024), Pompeu e Sato (2024).

### **SENSAÇÃO, SENTIMENTO E EMOÇÃO: MÚLTIPLAS MIRADAS**

Partiremos do arcabouço teórico da semiótica de Charles Sanders Peirce para a compreensão das sensações, sentimentos e emoções humanas e seus desdobramentos na linguagem e, posteriormente, no consumo. Na Fenomenologia peirciana encontramos o entendimento das classes universais que fundamentam toda a experiência humana, materializada nas três categorias Primeiridade, Secundidade e Terceiridade (Ibri, 2015, p. 23), a sensação é um fenômeno intuitivo e introvertido. Trata-se, prioritariamente, de um acontecimento nos planos físico e/ou psíquico. Essa compreensão está evidenciada no entendimento da sensação como Primeiridade, pois pode ser considerada uma qualidade imediata que é uma impressão invisível, não tangível, portanto totalmente frágil em poder descritivo, sendo tão somente, sentida. A sensação como qualidade é assim aquilo que dá sabor, aroma, tom e matiz à nossa consciência imediata, aquilo que se oculta ao nosso pensamento, mas está atuando. A qualidade da consciência, na sua imediaticidade, é tão tenra que mal podemos tocá-la sem estragá-la (Peirce, 1988). A Primeiridade tem a natureza de uma interioridade que não se reduz ao mundo subjetivo, mas envolve também a dimensão física. O conceito de Primeiridade surge como uma categoria filosófica, um modo de aparecer fenomênico livre que é caracterizado “pela experiência de unidade entre sujeito e objeto” (Ibri, 2008, p. 229), e mais, é a experiência da qualidade exatamente como se apresenta: “Requer-se um modo poético de olhar, sem mediações” (Ibri, 2015, p. 32). Assim, há uma fusão entre as qualidades que constituem os objetos com a interioridade de quem as experimenta. Por isso, constatamos uma espécie de resíduo do mundo fenomênico, algo não contemplado pela

linguagem na sua expressão cotidiana, algo que é por ela desprezado porque estranho à sua própria estrutura e abrangência: a linguagem sempre busca o que pode receber um nome (Ibri, 2020, p. 108). Mas, como afirma Ibri (2008, p. 232), “os nomes requerem partilhamento e o que é primeiro de nada participa senão de si mesmo”, pura qualidade.

No plano psíquico a sensação é do âmbito do imaginário, pois está associada a uma ação/reação produzida somente pela mente. No plano físico, está diretamente associada aos cinco sentidos: olfato, paladar, visão, tato e audição e suas sobreposições, receptores dos estímulos do mundo. Notamos que sensação é um conceito que carrega uma grande tradição semiótico-filosófica associada aos estados afetivos que tem a corporeidade como origem, o que nos leva à busca pela compreensão dos sentimentos, uma espécie de consequência responsiva ao que nos afetou.

O sentimento pode ser definido como um estado afetivo, ou tendência afetiva em geral, diferente do conhecimento, âmbito da Terceiridade. O sentimento, portanto, é uma verdadeira fonte de emoções, calcadas em dores, angústias ou prazeres que têm causas culturais e morais e não causas orgânicas imediatas, ainda que o corpo seja o veículo. No caso do sentimento, a grande tradição está associada à reflexão, às crenças e à vida moral. Em Peirce, o sentimento está nos níveis da Primeiridade e da Secundidade, pois o sentimento tanto está localizado no âmbito de uma imediaticidade, portanto, Primeiridade, ainda em um estágio no qual não refletimos sobre o que sentimos, mas já sentimos; e a partir do momento em que começamos a refletir sobre o que sentimos é que criamos uma compreensão introdutória do que está acontecendo – Secundidade –, uma vez que o fenômeno está na nossa mente e que podemos verificar os inícios dos efeitos físicos no corpo. Até por isso Peirce (1988, p. 165-166) se refere a reação, existência, acontecimento ou ainda a experiência de uma percepção. Peirce (CP 1.306 e CP 1.307) é preciso em seu entendimento:

Por um sentimento eu entendo um exemplo daquele tipo de consciência que não envolve qualquer análise... Um sentimento não é um evento . . . *É um estado, que assim é em sua totalidade, em todo momento de tempo e na medida em que ele dure.*

Esta dimensão de uma temporalidade totalmente presente é realçada por Ibri (2015, p. 31):

*É o que Peirce chama de talidade (suchness), por ela, como qualidade, ser tal qual é e nada mais. Excluídos os aspectos de factualidade do passado e de intencionalidade para um futuro, a forma lógica deste estado de consciência é a mera possibilidade.*

Se as sensações são primeiras e os sentimentos segundos, as emoções são da ordem da Terceiridade. Uma espécie de reação à Secundidade, mediação. Como nos oferece Peirce (1988, p. 168): “Leva a informação a mente, determina a ideia e lhe dá corpo”. O signo primeiro, determinado pelo objeto dinâmico (segundo) é interpretado gerando um interpretante emocional (terceiro), que em nossas análises é um lugar lógico da emoção. A fenomenologia peirciana nos faz compreender que a Terceiridade faz uso do tempo alongado, apresentando-se como instância de mediação entre o passado vivido (encapsulamento da Primeiridade com a Secundidade) e uma ação futura.

A partir dessas considerações analíticas acerca das categorias universais de Peirce, seguimos com as aproximações aos estudos da Antropologia em sua dedicação a compreender as sensações, sentimentos e emoções. Entre os primeiros estudos empíricos das emoções de base antropológica podemos incluir diversas obras, com destaque para Marcel Mauss (2008), em *Ensaio sobre a dádiva*, no qual os sentimentos e as emoções foram compreendidos como estímulos aos comportamentos de troca e motivadores basilares dos ritos e seus significados culturais de incorporação e apartação nas comunidades estudadas. Não havia em Mauss uma preocupação em definições precisas sobre as possibilidades das emoções humanas, mas sim observá-las e compreendê-las. Mas, a principal referência para a antropologia das emoções ou a antropologia dos sentidos compreendida como uma linha teórico-metodológica que lida com a categoria analítica emoção como objeto de análise está em Le Breton (2007). Nessa tradição, boa parte dos sentimentos é compreendida como resultado de tradições culturais, que agem como um filtro (Le Breton, 2007, 2013, 2017). E essas tradições estão associadas às trocas simbólicas e sempre pressupõe o princípio da relação imaginária ou vivida com o outro, ou seja, medo, alegria, ódio, amor, angústia, tristeza etc., não ocorrem de forma “pura”, mas são frutos do modo como fomos culturalmente criados e vivemos. Le Breton tensiona Descartes (“Penso logo existo”) ao afirmar “Sinto, logo sou” (2007, p. 11), revelando uma forma de admitir que a condição humana não é toda espiritual ou mental, mas primeiramente, corporal, sensível, experiencial, uma nítida convergência com a Primeiridade em Peirce, sem, evidentemente, mencioná-la. E continua “Entre a carne do homem e a carne do mundo, nenhuma ruptura, mas uma continuidade sensorial sempre presente” (Le Breton, 2007, p. 11). Outra convergência com o pensamento de Peirce sobre a continuidade existente entre a qualidade dos objetos e a interioridade de quem os experimenta. Só tomamos consciência de quem somos por intermédio do nosso sentir, pelos atravessamos que experimentamos na vida cotidiana. Nosso corpo sensível se apropria dos fenômenos e das coisas do mundo e o faz sua pela mediação dos signos partilhados em um processo

contínuo que é o próprio viver. Uma primeira síntese é que para a Antropologia das emoções os sentidos não dependem somente de uma fisiologia, mas de uma orientação cultural que deixa margem à sensibilidade individual (Le Breton, 2016, p. 14). O sentir não funciona sem a mediação das significações dadas na e pela linguagem, posição diferente da concepção peirciana, que localiza o sentir na Primeiridade em sua imediaticidade qualitativa e o sentimento na liminaridade – Primeiridade encapsulada na Secundidade – caracterizado pelo estado corporal afetado e pela compreensão inicial que nossa mente nos oferece.

Como vimos, enquanto na semiótica peirciana as sensações são primeiras, os sentimentos localizados no movimento entre a Primeiridade, qualidade de sensação e a Secundidade, estado físico e consciência inicial, as emoções são da ordem terceira, ou seja, interpretação, pensamento, generalização, portanto encaminhada à identificação das regularidades e ao crescimento. Já na Antropologia as sensações e os sentimentos são fruto da linguagem, decorrentes da nossa história pessoal, da nossa educação (daí falar-se em uma educação dos sentidos) e de nossa experiência no mundo, como Le Breton (2016, p. 11) afirma: “O indivíduo só toma consciência de si através do sentir, ele experimenta a sua existência pelas ressonâncias sensoriais e perceptivas que não cessam de atravessá-lo”, ou ainda “Sentir é ao mesmo tempo desdobrar-se como sujeito e acolher a profusão exterior” (p. 25). Como é possível notar, considera-se o homem não como um corpo biológico que pode ser penetrado pelo mundo fenomênico, mas sim um ser do sentido “Ver, escutar, saborear, tocar ou sentir o mundo é permanentemente pensá-lo através do prisma de um órgão sensorial e torná-lo comunicável” (p. 25). Mas, a compreensão acerca das percepções é convergente com Peirce, a saber: “A percepção não é coincidência com as coisas, mas interpretação” (Le Breton, 2016, p. 12), assim, intimamente ligada à linguagem ainda que não sendo totalmente subordinada a ela.

Sem a pretensão de aprofundamentos, mas com o objetivo de analisar o vínculo da semiótica de Peirce com a Psicanálise, no caminho de uma semiótica psicanalítica, Cesarotto (2012, p. 141), afirma: “Somos seres simbólicos, sujeitos à lei da linguagem, porém, reféns das pulsões”. Essa sintética e consequente afirmação evidencia a rentabilidade dos aportes psicanalíticos ao entendimento das emoções. Nessa direção reflexiva, o conceito de emoção está associado à noção de desejo, ou seja, uma energia inconsciente que busca a saciação de uma falta que é constitutiva de todos nós. A emoção seria uma espécie de agitação de sentimentos, um certo arrebatamento afetivo, portanto, é movimento expressivo dos afetos que, como bem problematiza o psicanalista-semioticista Montoto (2012), tem no amor a expressão mais significativa de toda a corrente de sentimento, mas também no ódio, que, segundo o autor e, em alinhamento à

Freud, não é apenas uma das antíteses do amor, uma vez que admite os opostos “amar-se/ser amado” e “amor-ódio/indiferença” (Freud, 2017).

No interior dessas tradições antropológicas e psicanalíticas, a emoção pode tanto estar repleta de questões culturais quanto de questões inconscientes que se manifestam em linguagem e que foram compreendidas e sistematizadas por Sigmund Freud (2011), com realce para a obra *O mal-estar na civilização*. Assim, compreendemos que as sensações são de ordem interna, uma convergência entre a interioridade dos objetos e a nossa própria interioridade (possível pela sensibilização de nossos sentidos), pura qualidade, Primeiridade em essência, que se manifesta em um sentimento – capacidade de sentir; um estado – que se localiza entre a Primeiridade e a Secundidade (quando o sentimento está no pensamento inicial), que é fonte da emoção, esta, sim, a convergência expressiva corpo-mente, interpretação, generalidade, mediação, Terceiridade. Peirce, como cientista inovador e um empirista radical (Ibri, 2020), dedicou muito de suas reflexões e escritos – *Collect Papers* (CPs) – ao método científico, as categorias universais, aos métodos do pensamento, portanto ao que conhecemos como razão e, por isso, não há em sua obra espaço destacado para o entendimento da emoção nas suas abordagens antropológicas ou subjetivas, no entanto, há uma originalidade na compreensão da emoção como Terceiridade, vinculando-a aos processos interpretativos, cognitivos e a inteligência.

## O CONSUMO DE EMOÇÕES

Com todas as tensões pelas quais passamos, apenas se considerarmos o século XX, com as duas grandes guerras e suas consequências (fundamentos do “mal-estar”) e a entrada no novo milênio acompanhada de crises plurais de natureza tão diversa quanto as advindas da política, religião, meio ambiente e saúde, fica evidente que a realidade tem sido muito dura, intensamente compartilhada midiaticamente e de difícil compreensão quando buscamos no passado as explicações para tentar vislumbrar o futuro. “Claro que toda a realidade decepciona, ou seja, talvez a única finalidade da teleologia da realidade é decepcionar” (Montoto, 2012, p. 84). Assim, nos resta enfrentarmos nossa condição falível nesse contexto, no mínimo, desfavorável, inseguro e promotor de emoções negativas.

Um dos caminhos clássicos para lidarmos com as tensões, sofrimentos e angústias próprias da realidade é a arte e, lançando atenção para Nietzsche (“A arte existe para que a realidade não nos destrua”), a crença do filósofo que só a arte nos daria condições de lidar com nossas dores cotidianas, não a arte grega da perfeição, mas aquela da tragédia, do sofrimento, aquela que mostra que as dificuldades e os dissabores são parte da vida. Diferentemente dos gregos clássicos, que pensavam a arte na perspectiva apolínea como caminho para ordenar o caos

da vida, uma espécie de justificativa estético-racional originada na perplexidade diante do absurdo da existência. Por isso, Nietzsche acreditava que os gregos criaram os deuses do Olimpo e a beleza como estratégia para mascarar os terrores devastadores da existência. Já a arte contemporânea segue por múltiplos caminhos, encontrando no protesto, no ativismo e na denúncia um modo de se manifestar muito potente. Há tempos, já não é a beleza, no sentido clássico, sua expressão mais significativa, principalmente se nos centrarmos nas artes plásticas, performáticas e decorativas. Despertar as emoções mais sublimes, também não. Apontar e denunciar o “*no future*” para ser o tom. E aqui não tem um julgamento, mas, sim, uma constatação a partir da experiência no campo em diferentes projetos de investigação ao longo de mais de três décadas de intensa e permanente atividade científica. E quem ocupa esse lugar sensível tão necessário à nossa existência?

Na contemporaneidade, a promoção da emoção está no corpo dos processos midiáticos plataformizados, suscitando imaginários, produzindo significados edificantes e proporcionando imersões sensíveis, terreno fértil para o consumo (Gobé, 2002; Lindstrom, 2005; Lipovetsky, 2020; Rocha, 1995), impulsionado pela linguagem publicitária persuasiva dos produtos, serviços e marcas. Se “. . . só aquilo que faz sentido, de maneira ínfima ou essencial, penetra o campo da consciência, suscitando um instante de atenção” (Le Breton, 2006, p. 27), ou em termos semióticos “Só fica o que significa”, concluímos que, tanto para nos protegermos da realidade, quanto para nos vincularmos aos significados que “importam”, as respostas têm sido dadas pelo ecossistema publicitário por meio da linguagem persuasiva que lhe é própria (Carvalho, 1998; Perez, 2016, Pompeu 2024; Vestergaard & Schroder, 2000). O consumo se oferece como o significante da Falta, visando dar-lhe completude (Perez, 2003), ou como bem tratado por Cesarotto e Perez (2023, p. 9), “. . . muitas satisfações são oferecidas ao alcance dos cartões de crédito e do pix. Curta agora, pague depois. O princípio do prazer norteia o consumo, enquanto desejos são incentivados para realizar aqui e agora”. Assim, o paradoxo fundante da publicidade se apresenta: exhibe a falta ao mesmo tempo que proporciona a completude. Mas, invariavelmente, não exhibe a falta pelo reforço explícito da carência, ao contrário, é uma falta comunicada e experimentada sensivelmente pela possibilidade exuberante da completude no consumo, pelas maravilhas do ter, e por isso, ser, pura sedução e encantamento, daí considerar-se o consumo de satisfações (Cesarotto & Perez, 2023).

Lipovetsky (2020, p. 194) reforça o papel da publicidade e do marketing na promoção das emoções quando afirma: “Para além da indústria manufatureira, é a indústria cultural que, a fim de atrair os consumidores, coloca em cena os afetos e se dedica a provocar emoção”. Em direção convergente, “se em certo tempo do passado as instituições que mediavam a vida em sociedade tinham centralidade simbólica,

definindo parâmetros e princípios, estabelecendo limites e possibilidades, apontando nortes e dando certezas, hoje o consumo é que parece cumprir esse papel” (Pompeu, 2021, p. 54). Esse caminho fica nítido no recente posicionamento de marcas assumindo causas sociais ou mesmo propósitos legitimados socialmente, como acontece com os discursos e práticas inspirados nas pautas identitárias de sexualidade, gênero e etnia, por exemplo. Tem especial aplicação no contexto das marcas emocionais (Gobé, 2002), nas *lovemarks* (Roberts, 2005) ou nas *brand desire* (Ind & Iglesias, 2016), em que toda a criação marcária e sua comunicação estão centradas na promoção das emoções humanas por meio de signos qualitativo-icônicos potentes (cores, linhas, formas, texturas, sonoridades, sabores, fragrâncias etc., vivências sensíveis em mundos imaginários e nas relações com os bens e serviços), capazes de gerar interpretantes emocionais, como expectativa de vínculos duradouros.

Compreendendo consumo como

Um ritual de construção de vínculos de sentido pela mediação da cultura (i)material que envolve múltiplos processos sógnicos heterárquicos e de natureza complexa, ora pautados em informação e objetividade, ora no mais puro encantamento. Esse ritual envolve a busca de informação, passando pela aquisição, uso, posse, guarda, descarte ou ressignificação de produtos e serviços, todos promovidos e sustentados pela ecologia publicitária das marcas. (Perez, 2020, p. 10)

Estabelece-se, assim, o lugar estratégico da publicidade na transferência de significados do mundo culturalmente construído para o dia a dia das pessoas (McCracken, 2013; Perez, 2020; Perez & Trindade, 2019). Essa concepção ritualística, portanto, processual, implica a integração das dimensões culturais (sistemas de valores, crenças, língua, influência dos grupos, matrizes religiosas, etnias etc.), materiais (publicidade, marketing, design, moda, marca, tendências...) e humanas (perspectivas antropológicas e psicanalítica), “no sentido de entender a profundidade dessas relações na vida cotidiana pelo viés interpretativista” (Perez, 2020, p. 52). Consumo não apenas como aquisição de bens ou serviços, mas como expressão identitária, vivência cidadã e experiência afetiva, ofertadas pela magia publicitária que promove a completude possível recorrendo às estratégias que distanciam as promessas da referencialidade das ofertas, em um esforço de imaginação e exercício criativo para construir os vínculos emocionais, justamente pela dificuldade que a linguagem referencial tem para traduzir a fineza dos sentidos. Carvalho (1998, p. 11) se manifesta sobre a publicidade como linguagem da sedução “Tudo são luzes, calor e encanto, numa beleza perfeita e não-precívél”. Em reflexão complementar Rocha nos oferece o seguinte caminho de entendimento:

Mundo onde produtos são sentimentos e a morte não existe. Que é parecido com a vida, no entanto, completamente diferentes, posto que sempre bem-sucedido. Onde o cotidiano se forma em pequenos quadros de felicidade absoluta e impossível. Onde não habitam a dor, a miséria, a angústia, a questão. Mundo onde existem seres vivos e, paradoxalmente, dele se ausenta a fragilidade humana. (Rocha, 1995, p. 25)

Mas, antes de adentrarmos na crítica produtivista e nos perdermos na miríade fácil dos ataques ao sistema capitalista, culpabilizando a publicidade como discurso demoníaco e o consumo como expressão degradante do materialismo humano (Baudrillard, 2009, Bauman, 2008 e Veblen, 1965 já são suficientes nesta empreitada, como veremos a seguir), importante lembrar que a publicidade não disfarça suas intenções, diferente de outros discursos que podem estar carregados de intencionalidades vis, mas se travestem de notícias, de religião ou mesmo de entretenimento descompromissado. Não é demais lembrar o que é publicidade, como apresentado por Piratininga (1994, p. 21):

Ninguém pode esquecer, por um momento sequer, que a publicidade comercial, mesmo ideologicamente engajada em divulgar valores éticos e morais de comportamento, tem por função objetiva e primordial informar as características deste ou daquele produto ou serviço, de forma a promover a sua venda, pois para isso ela é paga.

Assim, constatamos o quanto o consumo, por meio da ecologia publicitária e de seus rituais de transferência de significado, é fonte de engajamento e construção de vínculos, fundamento de emoções cotidianas, proporcionadas pela linguagem publicitária persuasiva e sensível dos nossos tempos, possível pela evolução dos mecanismos tecnológicos que favorecem o estímulo aos nossos sentidos proporcionando sensações gratificantes, pela criatividade transbordante e por produtos e acessos a mundos possíveis potentes em promover a sensação de bem-estar (Cesarotto & Perez, 2023), sedução (Lipovetsky, 2020) e prazer, intencionalmente centrada na exploração dos signos escópicos (Perez, 2022, p.88), ainda que na certeza da transitoriedade da completude, jamais assumida.

### **CONSUMO: DE OBJETO DE ESCÁRNIO A ATO DE AMOR**

A tradição do viés sociológico produtivista nas Humanidades e Ciências Sociais estabelece que o trabalho é considerado fonte de criatividade, autenticidade e identidade e o consumo é pura alienação, falta de originalidade e um processo crescentemente individualista, imediatista, desagregador e, mais recentemente, destruidor do ambiente natural. Essa posição foi determinante

da máxima “não trabalhar é um estigma”, enquanto o não consumir é uma qualidade, moralmente superior ao seu inverso (Barbosa & Campbell, 2006). Reforçado por perspectivas reducionistas na compreensão do consumo, com destaque para Veblen (1965), com a obra *A teoria da classe ociosa*, a emulação pecuniária (competição por meio da exibição dos signos de riqueza e status elevado) e o consumo conspicuo (ligado ao desperdício), passando por Simmel (2006, 2013), responsável pela divulgação do conceito de *trickle down* (já presente nas proposições de Veblen), mais recentemente em Baudrillard (2010) com a promoção da infelicidade decorrente das promessas não cumpridas, o consumo segue mais como objeto de desdém do que como um fenômeno transversal e inevitável à *vida* contemporânea. Nesse sentido, em direção semelhante Bauman (2008), em *Vida para o consumo*, encaminha as críticas na trilha da coisificação dos sujeitos e sua transformação em mercadoria, vejamos:

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. (Bauman, 2008, p. 20)

Também Bauman (2008, p. 60) chama a atenção para o tempo agorista instaurado pelo consumo: “A sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a promover felicidade na vida terrena, aqui e agora e a cada agora sucessivo . . .”. Nesse entendimento, parece que o consumo é tão-somente enganação, o que de fato não se sustenta em sua totalidade, como veremos adiante, pois se fazendo ritualístico no cotidiano, o consumo se sacraliza. Ainda que a tradição de desdenhar do consumo tenha sido dominante ao longo de séculos de reflexão e produção de conhecimento, encontramos outras perspectivas para o seu estudo, que ampliam a compreensão e aprofundam a nossa discussão. *Não estamos com isso promovendo a divinização do consumo*; ao contrário, a crítica precisa estar presente principalmente em contextos sociais e econômicos de grandes distanciamentos e diferenças de acesso, como o Brasil e a América Latina. Destaca-se, nesse aspecto, a postulação de Mary Douglas e Isherwood (2004, p. 26), na obra *O mundo dos bens*:

Há, atualmente, na literatura profissional sobre o consumo, a tendência a supor que as pessoas comprem bens com dois ou três propósitos restritos: bem-estar material, bem-estar psíquico e exibição. Os dois primeiros não necessidades individuais: a necessidade de se alimentar, vestir e abrigar e de paz de espírito e recreação. A última é um termo geral que cobre todas as demandas da sociedade. Estas, então, tendem a ser resumidas, grosseiramente, como exibição competitiva. Veblen é em parte responsável

# D

## Semiótica dos afetos nos rituais de consumo

por isso, se considerarmos a amplitude da circulação de sua análise da classe ociosa e a influência de seu desprezo generalizado pelo consumo conspícuo. É preciso fazer várias modificações para trazer a discussão de volta a um patamar mais realista.

Além da necessidade de entender o consumo em uma perspectiva plural, manifestam-se concepções que associam o consumo a constituição das identidades dos sujeitos contemporâneos, com destaque para as contribuições pragmáticas de André (2006), que entende a identidade como repetição e sua evidência nos processos psicossociais, sendo o consumo central nas metrópoles contemporâneas, itinerário cotidiano para a constituição das subjetividades, em alinhamento com Canevacci (2008). Em direção complementar, Campbell (2001, p. 42) compreende a dialogia identidade-consumo, fundamento da vida social:

A insistência romântica no caráter único e autônomo do self, bem como em sua realização através da experiência e da criatividade, ao mesmo tempo deriva-se da e corrobora para a revolução do consumo. Cada vez mais, os indivíduos estavam preparados para supor que o self é construído através do consumo (e que) o consumo expressa o self.

Sentir-se cidadão é uma postulação *destacada nas pesquisas* de várias regionalidades científicas e mais recentemente recebeu atenção dos estudiosos do consumo, com destaque para Soper & Trentmann (2008), Taschner (2009) e García Canclini (2010), este *último com foco* no consumo na América Latina, como não poderia ser diferente. O autor afirma:

Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação de necessidades. (García Canclini, 2010, p. 35)

Outro aspecto iluminado nas reflexões de García Canclini é a constatação de que o consumo nos ajuda a pensar, portanto, é um caminho reflexivo também para o autoconhecimento e sua expansão, em alinhamento com o que já preconizavam Douglas e Isherwood (2004):

O consumo serve para pensar, partimos da hipótese de que, quando selecionamos os bens e nos apropriamos deles, definimos o que consideramos publicamente

valioso, bem como os modos de nos integrarmos e nos distinguirmos na sociedade, de combinarmos o pragmático e o aprazível. (García Canclini, 2010, p. 35)

Essas perspectivas mais ampliadas sobre o consumo revelam uma abertura à compreensão de que ele é um dos mais importantes mecanismos de expressão na vida contemporânea no Ocidente e boa parte do Oriente. Consumo é identidade, consumo é cidadania, consumo serve para pensar. Mas, se há uma radicalidade na compreensão restrita do consumo como ostentação ou simplesmente marcação e diferenciação social, a compreensão do consumo como ato de amor, recobre-se de inovação. Daniel Miller (2002, p. 142) *é preciso quando compreende* o consumo como mecanismo fomentador das relações afetivas:

... Pode haver resistência à ideia de que existiriam valores criados por intermédio da gama e da forma das próprias mercadorias que contribuem para a humanidade dos compradores... Componente essencial do argumento é que objetos são meios para criar relacionamentos de amor entre os sujeitos e não algum tipo de beco sem saída materialista que desvia a devoção do sujeito adequado – as outras pessoas.

O consumo promove relações entre as pessoas, portanto, pode não as degradar, mas ao contrário, fomentá-las, torná-las ainda mais aprazíveis, vinculantes e transbordantes em significados longevos. Esse caminho é emblemático quando adentramos nos significados dos souvenirs, objetos cuja função de afeto e memória é predominante sobre qualquer funcionalidade que possa ter e nos presentes e no ato de presentear, fenômenos antropossígnicos afetivos por excelência. Como podemos observar a seguir, a cultura material de consumo tem a capacidade de promover sentimentos positivos e emoções prazerosas:

Quando analisamos os sentimentos envolvidos no ato de dar e no de receber presentes, notamos importante semelhança, sentimentos muito positivos que transitam da felicidade à gratidão, passando pela alegria, pelo carinho e pelo amor. No entanto, enquanto o receber presentes não despertou qualquer resposta negativa ou mesmo tensionada, os sentimentos relacionados à ansiedade (como expectativa, não-saber) surgem com alguma recorrência no contexto do dar presentes, instaurando importante campo de pesquisa interdisciplinar acerca das reações aos presentes e seu alinhamento ou não às expectativas daqueles que oferecem o regalo. (Perez & Pompeu, 2021)

Mas, o consumo como ato de amor não está incluído apenas no presente e no presentear como reciprocidade, gratidão ou afago (não estaria no presente por obrigação), está muito vivo no cotidiano da vida de todos nós, envolvendo um amálgama

entre ato de comprar, amor e sacrifício. Quando fazemos do outro objeto do nosso desejo, colocando-o em referência, como parâmetro de nossas escolhas, estamos na essência dos afetos, uma vez que em uma perspectiva psicanalítica, desejamos o desejo do outro, nosso desejo é sempre mimético (Girard, 2011). E ao colocá-lo à frente dos nossos próprios desejos, o ato de comprar transforma-se em sacrifício, renovando as relações, priorizando os afetos empáticos, legitimando o amor. O que seria senão amor, comprar o peito do frango para o jantar do filho, enquanto os pais comem asinha? Não seria amor dar ao outro algo que seja considerado por ele totalmente significativo, de modo que o que recebe se sinta a pessoa mais importante do mundo, porque o presenteador o conhece como a ninguém mais? Nos sentirmos únicos quicá seja o sentimento mais regozijante experimentado por nós. Não seria amor, o broche herdado da avó que carrega múltiplos significados em uma transmissão familiar de um produto que um dia foi objeto de compra (ou presente), e agora segue sua trajetória perene de cultura material, com camadas mais robustas de significados, memórias e sentimentos, podendo ser inclusive objeto de culto e devoção muitas vezes nem se concretizando em uso?

De acordo com Miller (2002, p. 162), quando consumimos fora do âmbito do consumo para si, “O ato de comprar é interpretação do outro como sujeito que deseja”. É o reconhecimento da singularidade e da alteridade em sua essência. Não seria necessariamente comprar as coisas que os outros querem, mas lutar para continuar se relacionando com os sujeitos que querem essas coisas, até porque a satisfação é sempre transitória, portanto, infinita em possibilidades, mas experimentada na emoção da busca, compra, uso, posso ou ressignificação da cultura (i)material de consumo, que pode nos colocar em comunhão.

Assim, compreendemos o lugar privilegiado do consumo contemporâneo como promotor de prazer, bem-estar e beleza ao fazer uso de estratégias sgnicas que oferecem estímulos exuberantes aos nossos sentidos (incitação às sensações); promovem estados aprazíveis (sentimentos positivos) que podem ocorrer na compra, uso, posse e troca de mercadorias e acessos; e transbordam em processos afetivos (emoções favoráveis, prazerosas, satisfação) fundantes da nossa identidade, do pertencimento cidadão, da diferenciação social, do materialismo exacerbado, da paixão narcisista, mas também do amor pelo outro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a semiótica dos afetos nos coloca na responsabilidade ética acerca do entendimento multidisciplinar de como são e em que bases se estruturam as sensações, os sentimentos e as emoções humanas. Demanda a compreensão da fusão entre a interioridade sensível dos sujeitos e dos objetos, em um *continuum*,

pura qualidade, início da semiose, Primeiridade, com a instância segunda, os sentimentos, capacidade de sentir, que se localiza na liminaridade entre a Primeiridade (as qualidades que nos penetram pelos sentidos) e a consciência inicial, o sentir, Secundidade, tendo a emoção como resultado, resposta, generalidade, efeito produzido, interpretação, portanto, Terceiridade. Essas correlações são o fundamento explicativo da razão pela qual Peirce intitula tal parte de suas reflexões filosóficas como categorias universais da experiência e do pensamento.

Na contemporaneidade e no contexto do capitalismo estético (Lipovetsky & Serroy, 2015), as fontes de emoção estão fortemente midiaticizadas e encontram no consumo seu manancial mais potente, tanto pelo inimaginável avanço nas tecnologias de produção de produtos e serviços – que estimulam nossos sentidos em explorações físicas, digitais e suas hibridizações, afetando-nos pela qualidades das coisas e dos fenômenos – quanto aquelas de circulação de significados (espaços físicos, suportes tradicionais, mídias sociais, aplicativos de mensagens, filtros etc., constituindo uma ambiência imersiva emocional). Tendo em conta que a publicidade, linguagem própria do consumo, busca encantar e seduzir, portanto, emocionar para poder vender, o encadeamento sócio-estratégico passa por promover sensações apazíveis que gerem sentimentos favoráveis e emoções singulares e, no limite máximo, vínculos afetivos mais duradouros com os produtos e marcas que sustentam o ciclo infinito desejo-satisfação-e-rôsão-novo desejo, fundamento do nosso existir.

Com contextos de crises plurais, descrença nas instituições e o deslizamento da arte para o caminho do ativismo e da denúncia, o consumo se apresenta como práxis cotidiana prenhe de significados estéticos e éticos, engendrados em lógicas ritualísticas ativas que constituem relacionamentos, interferem neles e remetem novamente a eles, pela circulação de significados inerentes à sua dinâmica. O consumo pode revelar contradições entre autoimagem e a idealização publicitária ou a desvalorização do eu pelos outros. Pode expressar a natureza do poder, como o presente obrigatório que não pode ser recusado ou ainda a concordância submissa com o que foi determinado pelos outros (no consumo familiar, por exemplo). Podemos refletir de modo ainda mais contundente sobre os milhões de brasileiros, latino-americanos, africanos e tantos outros indivíduos nas diferentes partes do mundo, apartados do consumo, em que “dias sem compras” (típica hipocrisia daqueles que tem tudo) não têm qualquer sentido, porque todos os dias são dias sem compras. Mas, também, não podemos cerrar os olhos diante da centralidade do consumo na vida contemporânea. Consumo se refere aos relacionamentos sociais e íntimos que mantemos, e o que pretendemos com eles, muito mais do que mero exercício materialista de marcação classista, em uma abordagem essencialmente sociológica e pseudo-marxista. É no consumo, pela

força da sua presença e transversalidade, que experimentamos novas sensibilidades, vivenciamos as possibilidades do sonho, gerando sentimentos aprazíveis e formamos imaginários e vivências emocionais de puro afeto, transcendendo a dureza da vida cotidiana, fazendo-nos esquecer da nossa irrevogável finitude. ■

## REFERÊNCIAS

- André, M. G. (2006). *Consumo e identidade: Itinerários cotidianos da subjetividade*. DVS.
- Barbosa, L., & Campbell, C. (2006). *Cultura, consumo e identidade*. FGV.
- Baudrillard, J. (2009). *Sociedade de consumo*. Edições 70.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para o consumo*. Zahar.
- Campbell, C. (2001). *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rocco.
- Canevacci, M. (2008). *Fetichismos visuais: Corpos eróticos e metrópole comunicacional*. Ateliê.
- Canevacci, M. (2018). *Antropologia da comunicação visual*. Perspectiva.
- Carvalho, N. (1998). *Publicidade: A linguagem da sedução*. Ática.
- Cesarotto, O. (2012). Entrevista Oscar Cesarotto & Semiótica Psicanalítica. *Leitura Flutuante*, 4(2), 141-151. <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/13544>
- Cesarotto, O., & Perez, C. (Orgs.), (2023). (Orgs.). *Bem-estar na cultura: Consumo de satisfações?* ECA/USP.
- Douglas, M., & Isherwood, B. (2004). *O mundo dos bens: Para uma antropologia do consumo*. Ed. UFRJ.
- Eco, U. (2004). *História da beleza*. Record.
- Eco, U. (2007). *História da feiura*. Record.
- Freud, S. (1968). *Obras completas*. Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (2011). *O mal-estar na civilização*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (2017). *As pulsões e seus destinos*. Autêntica.
- García Canclini, N. (2010). *Consumidores e cidadãos*. UFRJ.
- Girard, R. (2011). *Anorexia e desejo mimético*. Realizações.
- Gobé, M. (2002). *A marca emocional*. Negócio Editora.
- Greimas, A., & Fontanille, J. (1994). *Semiótica de las pasiones: De los estados de cosas a los estados de ánimo*. Siglo Veintiuno.
- Ibri, I. A. (2008). O significado de Primeiridade em Schelling, Schopenhauer e Peirce. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 9(2), 223-234. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/12979>
- Ibri, I. A. (2015). *Kósmos Noetós: A arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. Paulus.

- Ibri, I. A. (2020). *Semiótica e pragmatismo: Interfaces teóricas* (Vol. 1). FiloCzar; Cultura Acadêmica.
- Ind, N., & Iglesias, O. (2016). *Brand desire: How to create consumer involvement and inspiration*. Bloomsbury.
- Landowski, E., & Fiorin, J. L. (1997). *O gosto da gente, o gosto das coisas: Abordagem semiótica*. Educ.
- Le Breton, D. (2007). *El sabor del mundo: Una antropología de los sentidos*. Nueva Visión.
- Le Breton, D. (2013). *Antropologia da dor*. Fap-Unifesp.
- Le Breton, D. (2016). *Antropologia dos sentidos*. Vozes.
- Leal, H. (2023). *O sentido das paixões: Teoria semiótica da narrativa e da ficção*. Zagodoni.
- Lindstrom, M. (2005). *Brandsense: A marca multissensorial*. Bookman.
- Lipovetsky, G. (2019). *Agradar e tocar: Ensaio sobre a sociedade da sedução*. Edições 70.
- Lipovetsky, G. (2020). *A sociedade da sedução: Democracia e narcisismo na hipermodernidade liberal*. Manole.
- Lipovetsky, G., & Serroy, J. (2015). *A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista*. Companhia das Letras.
- Mauss, M. (2008). *Ensaio sobre a dádiva*. Edições 70.
- McCracken, G. (2003). *Cultura & consumo*. Mauad X.
- Miller, D. (2002). *Teoria das compras*. Nobel.
- Miller, D. (2013). *Trecos, troços e coisas: Estudos antropológicos sobre a cultura material*. Zahar.
- Montoto, C. (2012). *Amor: Metáfora eterna*. Bluecom.
- Oliveira, A. C., & Landowski, E. (1995). *Do inteligível ao sensível: Em torno da obra de Algidras Julien Greimás*. Educ.
- Peirce, C. S. (1931-1935; 1958). *Collected papers of Charles Sanders Peirce* (8 vols., C. Hartshorne, P. Weiss, & A. Burks, Eds.). Cambridge, MA: Harvard University Press. (Citado CP seguido do número do volume e do número da página).
- Peirce, C. S. (1988). *El hombre, un signo: El pragmatismo de Peirce*. Editorial Critica.
- Peirce, C. S. (1995). *Semiótica* (2a ed.). Perspectiva.
- Perez, C. S. (2003). O marketing da completude: A busca do objeto de desejo. *Psilacânise*, (1). [https://www.pucsp.br/psilacanise/html/revista01/18\\_rev\\_semiotica\\_02.htm](https://www.pucsp.br/psilacanise/html/revista01/18_rev_semiotica_02.htm)
- Perez, C. (2016). *Ecologia publicitária: O crescimento sígnico da publicidade* [Apresentação de trabalho]. 39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, São Paulo, Brasil.

- Perez, C. (2020). *Há limites para o consumo?* Estação das Letras e Cores.
- Perez, C. (2022). La punsi3n esc3pica en la cultura digital de consumo: una aproximaci3n semiopsicanal3tica. In F. Contreras & A. Mar3n (Orgs.), *Estudios visuales en Brasil*. Tirant Humanidades.
- Perez, C. (2023). *Charles Sanders Peirce: A fixa3o da cren3a*. Paulus.
- Perez, C., & Pompeu, B. (2021). *Os sentidos do presente e do presentear: Contribui3es da antropologia, do consumo e da semi3tica* [Apresenta3o de trabalho]. 30º Encontro Anual da Comp3s, S3o Paulo, S3o Paulo, Brasil.
- Perez, C., & Trindade, E. (2019). Tr3s dimens3es para compreender as media3es comunicacionais do consumo na contemporaneidade. *MATRIZES*, 13(3), 109-126. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i3p109-126>
- Piratinga, L. C. (1994). *Publicidade: Arte ou of3cio?* T. A. Queiroz.
- Pompeu, B. (2021). *De onde veio, onde est3 e para onde vai a publicidade*. Esta3o das Letras e Cores.
- Pompeu, B. (2022). Publicidade p3s-causa: o poder da linguagem publicit3ria. *Rizoma*, 9(2). <https://doi.org/10.17058/rzm.v10i1.17036>
- Pompeu, B. (2024). *Publicidade: Uma biografia – Dos preg3es de rua 3 l3gica algor3timica*. SB.
- Pompeu, B., & Sato, S. K. (2024). Publicidade contempor3nea e semi3tica peirceana: uma proposta metodol3gica. *MATRIZES*, 18(1), 145-170. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i1p145-170>
- Roberts, K. (2005). *Lovemarks: O futuro al3m das marcas*. M.Books.
- Rocha, E. (1995). *Magia e capitalismo: Um estudo antropol3gico da publicidade*. Brasiliense.
- Simmel, G. (2006). *Quest3es fundamentais da Sociologia*. Zahar.
- Simmel, G. (2013). *Filosof3a del dinero*. Capit3n Swing.
- Siqueira, D. (Org.), (2015) *A constru3o social das emo3es: Corpo e produ3o de sentidos na comunica3o*. Sulina.
- Soper, K., & Trentmann, F. (2008). *Citizenship and consumption*. Palgrave Macmillan.
- Tachner, G. (2009). *Cultura, consumo e cidadania*. Edusc.
- Veblen, T. (1965). *A teoria da classe ociosa*. Pioneira.
- Vestergaard, T., & Schroder, K. (2000). *A linguagem da propaganda*. Martins Fontes.

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.

# Magia publicitária: a arte da mediação<sup>a</sup>

## *Advertising magic: the art of mediation*

ROBERTO FLORES<sup>b</sup>

Instituto Nacional de Antropología e Historia. Ciudad de México, México

### RESUMO

Este artigo desenvolve uma abordagem antropológica e semiótica para anúncios publicitários que encenam um produto. A hipótese é que a publicidade apela para os mesmos recursos da magia. Para que o ato mágico-publicitário seja eficaz, é necessário criar as condições rituais para sua apresentação, o que gera, por meio da catarse, um sentimento de comunidade que envolve todos os personagens participantes da cena. A presença de observadores é inevitável, pois eles são mediadores na produção da catarse. Dessa forma, a causalidade mágico-publicitária se espalha não apenas entre os personagens, mas transborda o enunciado para atingir o espectador.

**Palavras-chave:** Publicidade, magia, eficácia simbólica, catarse, comunidade participativa

### ABSTRACT

The article develops an anthropological and semiotic approach to advertising spots that narratively place a product on stage. The hypothesis is that advertising appeals to the same resources as magic. For the magical-advertising act to be effective, the necessary ritual conditions of its presentation must be set: through catharsis, a feeling of community that involves all the characters participating in the scene is created. The presence of observers is unavoidable as they are mediators in the production of catharsis. Thus, the magical-advertising causality spreads, not only among the characters, but goes beyond the statement to reach the viewer.

**Keywords:** Advertising, magic, symbolic efficacy, catharsis, participatory community

<sup>a</sup> Este ensaio é uma continuação e um desenvolvimento das teses expressas no livro *Publicidad mágica. Semiótica de la eficacia simbólica* (Flores, 2022).

<sup>b</sup> Doutor em ciencias del lenguaje, com especialidade en semiótica, pela Universidad de París III. Professor e pesquisador no Instituto Nacional de Antropología e Historia, do Mexico. Suas pesquisas abordam as ciências antropológicas com um enfoque semiótico. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3623-1495>. E-mail: [rflores57@yahoo.com](mailto:rflores57@yahoo.com)

O ESTUDO DA PUBLICIDADE é um dos assuntos abordados pela semiótica desde seu início na década de 1950, assim como, por exemplo, o estudo dos mitos. Sua importância e popularidade residem tanto no fato de se apresentarem em pequenos discursos de grande densidade semântica, quanto em sua ampla difusão e influência na sociedade atual, características que, em conjunto, permitiram a Barthes (1957) incluí-los como suporte privilegiado dos mitos da contemporaneidade, aos quais devemos acrescentar a famosa análise das pastas de Panzani (Barthes, 1964), do mesmo autor.

O mito concebido como linguagem, como “palavra” (Barthes, 1957) ou, mais precisamente, como modo de falar, permite ao pensador francês afirmar que tudo pode ser mitologizado e, helmslevianamente, sustenta que o mito é um significado dentro de um segundo sistema semiológico, ou seja, uma metalinguagem (Barthes, 1957, p. 187). O significado mítico é construído a partir de palavras comuns das quais ele toma como significante, um segundo significado emerge das laboriosas construções de anunciantes e marqueteiros que incitam o consumo ou, pelo menos, promovem uma imagem benevolente do produto.

Anos mais tarde, o semioticista igualmente francês Jean-Marie Floch (1990) propôs uma estrutura básica de quatro termos para abordar a axiologização de produtos na publicidade. Além dos valores práticos e utilitários, dos valores lúdicos e das ponderações de custo-benefício, ele dá lugar aos valores míticos. Neles, ele vê a realização de uma “função construtiva da linguagem”, ou seja, a metalinguagem a que Barthes se referiu. É aí que reside a força desse tipo de publicidade, em sua capacidade de construir ou convocar valores que não são imediatos ou denotativos, mas que se infiltram por meio do significado primário das palavras para evocar ou sugerir a existência de um universo mágico, distinto da vida cotidiana.

Embora esses autores tenham reconhecido a importância do pensamento mítico na publicidade, eles concentraram a reflexão no produto anunciado e não nos meios usados por esse tipo de discurso para acessar esse universo. Aqui, argumenta-se que são esses meios mágicos que dão à publicidade sua eficácia no reino simbólico. Para mostrar a eficácia mágica da publicidade, o conceito Lévi-Straussiano de eficácia simbólica, os fundamentos da publicidade e sua estrutura narrativa básica são sucessivamente abordados como pano de fundo para o exame da causalidade mágica que a publicidade encena. Por fim, ele mostra o papel da catarse como criadora de um senso de comunidade que valida a própria publicidade, o papel dos observadores como mediadores que catalisam a catarse e o contágio que afeta o espectador e o torna participante da comunidade assim criada.

## EFICÁCIA SIMBÓLICA

Para demonstrar isso, é necessário fazer referência a Lévi-Strauss (1958) em duas de suas obras, nas quais ele aborda a questão da eficácia simbólica da magia: “A eficácia simbólica” e “O feiticeiro e sua magia”. No primeiro deles, o antropólogo aborda a questão da eficácia da cura xamânica entre os índios Cuna do Panamá: sua análise conclui que é necessário levar em conta a relação entre o paciente e o xamã em termos de *ab-reação*, ou seja, em termos das emoções despertadas pelas palavras mágicas e a reciprocidade emocional resultante. Entretanto, é possível considerar que, em vez de uma troca ou confronto apaixonado, a cura opera por meio de mecanismos de *catarse generalizada* que afetam não apenas o paciente e o xamã, mas incluem toda a comunidade (Flores, 2010). A precisão fornecida nos permite incluir a comunidade como um terceiro participante essencial para a eficácia da cura. A tarefa deste artigo é mostrar quais são os mecanismos que, no campo da publicidade, tornam necessária a presença desse terceiro e estabelecer uma analogia entre a publicidade e as operações mágicas.

A segunda contribuição de Lévi-Strauss refere-se ao reconhecimento da eficácia da magia pelo próprio xamã. Ele apresenta a história de Quesalid, um índio Kwakiutl da região de Vancouver, um aprendiz de feiticeiro que conta a jornada iniciática que o levou a se tornar um mágico poderoso. Deve-se observar que o protagonista da história era cético em relação ao poder dos feiticeiros e que sua iniciação começou como uma tentativa de mostrar a falsidade dos procedimentos empregados. Aos poucos, porém, Quesalid começou a entrar no universo xamânico e foi chamado para exercer seus supostos dons em rituais de cura. Para sua surpresa, o cético descobriu que seus pacientes começaram a reconhecer seus dons de cura. Quesalid se torna um curandeiro e, no final da história, passa a duvidar de suas próprias dúvidas: os procedimentos podem ser meros truques, mas isso não significa que a magia não exista de fato.

O que os dois estudos mostram, com a correção do primeiro, é que a produção de efeitos no mundo por meio de procedimentos “sobrenaturais” ou, pelo menos, simbólicos, reside na possibilidade de atribuir eficácia causal a eles. Pouco importa que, no mundo das demonstrações científicas, as explicações para esse tipo de efeito sejam consideradas ilusórias, o fato é que, assim como Quesalid, as comunidades imersas no pensamento mágico reconhecem a eficácia desses procedimentos. No caso da publicidade, seria possível argumentar que a atribuição de um valor a um produto anunciado e a aceitação dessa atribuição pelos espectadores operam sob os mesmos princípios da feitiçaria e que é necessário entender a eficácia da publicidade, antes de mais nada, como sua eficácia simbólica.

### TRÊS PILARES DA PUBLICIDADE E UMA ESTRUTURA BÁSICA

A publicidade não é apenas atribuição e transmissão de valores, mas também persuasão e validação. A publicidade busca convencer sobre os benefícios do produto e persuadir as pessoas a comprá-lo. Mas, além da axiologização e da consequente persuasão, a publicidade precisa ser validada pelos consumidores em potencial. Em outras palavras, a publicidade deve convencer, além das características do produto, da sinceridade com que promove a compra. A publicidade busca ser validada pelo público e essa validação é obtida por meio da validação de si mesma. Dessa forma, é possível afirmar que, além de anunciar um produto, a publicidade anuncia a si mesma.

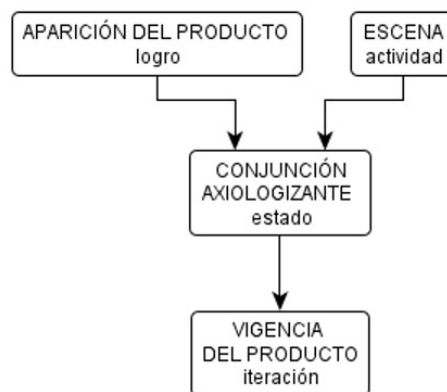
Promover valores, convencer e validar são os três pilares em que se baseia o discurso publicitário. Para isso, é necessário propor histórias curtas que entrelaçam esses três procedimentos. Em alguns casos, esses textos assumem a forma de uma história curta na qual o produto é encenado e apoiado pelos três pilares. Um refrigerante refresca os jovens, um conhaque suaviza relacionamentos difíceis, um creme dental permite que um jovem conquiste seus sonhos etc.<sup>1</sup>. Em todos esses casos, o produto entra em cena e transforma uma situação frustrante, conflituosa ou dolorosa, ou seja, disfórica.

A euforia resultante da *mera presença do produto* é apresentada como consequência de uma estrutura narrativa elementar, articulada em três momentos: um antecedente, uma conjunção ou entrada em cena e uma consequência. Em termos de relações pressupositionais (Flores, 2015), isso permite a elaboração de uma árvore elementar em forma de Y (Figura 1).

<sup>1</sup> A maioria dos exemplos foi extraída de Flores (2022). O leitor é convidado a consultar esse texto para conhecer o corpus estudado.

**Figura 1**

*Pressuposições da estrutura elementar de ações*



*Nota.* Elaboração própria.

Nessa pequena estrutura, temos uma sequência *quase ritual* de eventos (Turner, 1969). O estágio antecedente, apresentado na parte superior direita da árvore, corresponde a um momento preliminar no qual o hábito e as atividades cotidianas dominam e no qual a comunidade<sup>2</sup> não está imediatamente, mas apenas tacitamente, ciente de sua existência. A isso se segue a liminaridade em que ocorre a entrada repentina no cenário da realização. Essa aparição é instantânea e, portanto, temporariamente inseparável da conjunção resultante entre a cena anterior e o produto. A conjunção interrompe o curso normal dos eventos, suspende o cotidiano, tensionando a comunidade e forçando-a a tomar consciência de seu ser e a assumir a presença perturbadora do produto. Finalmente, na fase pós-liminar, há um retorno a uma vida cotidiana que não é a anterior, mas o produto de duas transformações: uma é a integração da presença repentina do produto, que se torna permanente, e a outra é o reajuste que essa permanência exige da comunidade. Assim, por exemplo, o valor refrescante de um refrigerante se torna o comportamento *frio* e desavergonhado de um jovem bonito que, sob o olhar de seus amigos, rouba o refrigerante de uma jovem muito bonita. Isso faz com que os amigos dela, cheios de inveja, peçam um refrigerante por sua vez, aparentemente em uma tentativa de se tornarem vítimas de um roubo. A aparição do refrigerante na cena preliminar e cotidiana das garotas na piscina produz uma ruptura liminar nas expectativas que até então prevaleciam – tomar sol, conversar – e introduz o tema da sedução por provocação, por meio de um ato flagrante de roubo. A consequente multiplicação de pedidos de refrigerante tem caráter pós-liminar e mostra a maneira pela qual as moças assumem a presença do refrigerante como instrumento ou convite à sedução.

Nesse breve relato, portanto, a valorização do produto (seu frescor), a persuasão ou incitação ao consumo (o refrigerante como meio de sedução) e a validação da propaganda (a ousadia ou o *frescor* como meio eficaz de propaganda) são combinados. Em termos da ocorrência dos eventos narrados, a vida cotidiana monótona é interrompida pela ocorrência inesperada e intensa do produto, que é seguida por uma reintegração da vida cotidiana, mas sob novas perspectivas que foram abertas pelo aparecimento do produto<sup>3</sup>.

## MITO E MAGIA

Como Barthes (1957) já reconheceu, a publicidade oferece os mitos de nossa contemporaneidade porque constrói e apresenta um novo significado com as palavras e cenas usuais; é o reino do imaginário, fora de toda rotina, no qual tudo é possível. Mas Floch, nesse sentido mais “antropológico”, fala de valores míticos como valores utópicos que afetam a própria existência da pessoa que os

<sup>2</sup> A comunidade, nesse caso, é formada pelos protagonistas do comercial, pelas trupes e, como será visto mais adiante, pelos próprios espectadores do comercial.

<sup>3</sup> Há três formas que uma semiótica do devir assume: o devir estrito composto de durações e flutuações mínimas de estados de coisas, o devir de eventos instantâneos e surpreendentes, o devir que é composto de eventos que são profeticamente anunciados e progressivamente realizados. O leitor pode comparar essas três formas de devir com as três concepções gregas de devir: *moira* (o inevitável), *tyché* (o aleatório), *pronoia* (o predestinado).

assume. Assim, a publicidade de perfumes se torna uma exaltação da feminilidade como um valor supremo, um valor de grande intensidade que transcende todas as circunstâncias e se torna um valor “absoluto”, como diria Zilberberg (2011), válido em si mesmo, como faz a publicidade de perfumes.

O acesso a esse universo de valores opera por meio de magia: a publicidade é magia em ação. Ela coloca em ação a eficácia causal dos produtos, seus benefícios, por meio de procedimentos sobrenaturais. Tradicionalmente, a magia é a relação entre um praticante e sua operação taumatúrgica que, para os crentes, tem efeitos verificáveis no mundo. A história de Quesalid ressalta a importância dessa verificação, que é feita com um viés de confirmação, no qual se busca validar crenças preexistentes.

A causalidade mágica traz à tona a atribuição de causalidade, que é um julgamento *a posteriori* sobre a eficácia da magia. Esse julgamento relaciona o mundo natural ao mundo das palavras. Reconhecer um efeito causal é operar cognitivamente no mundo, mas reconhecer um efeito causal na publicidade é atribuir *discursivamente* a causalidade às cenas ali apresentadas. Nesse sentido, a mini história publicitária encena um procedimento mágico, mas não apenas como uma representação teatral, mas também como uma performance, ou seja, como um ato real de encantamento. As palavras na publicidade não são simplesmente denotativas, mas têm um valor performativo, ou seja, ao falar sobre os efeitos mágicos do produto, elas causam o próprio efeito do orador.

Cassirer (1972, p. 46) afirma: “Para o pensamento mítico . . . a imagem vista, como a palavra falada ou ouvida, é dotada de poderes reais”.

### MAGIA POR CATARSE

A atribuição de causalidade, seja cognitiva ou discursiva, é uma inferência causal, é o julgamento da validade da magia e de sua eficácia. Essa inferência não é o trabalho de um único indivíduo, mas, em virtude de seu caráter quase ritual, envolve toda uma comunidade. A cura xamânica cria as condições para que ocorra uma catarse, na qual, além dos atores diretamente envolvidos, opera um terceiro ator, a figura do observador que desempenha o papel de catalisador: um ator que intervém indiretamente e facilita a transformação do estado, mas que não é imediatamente afetado por ela<sup>4</sup>.

A catálise é generalizada, pois ninguém escapa da catarse (nem mesmo o enunciador, como veremos a seguir). A intervenção do observador é realizada sob um princípio de participação que leva ao estabelecimento de um tipo específico de actante coletivo. Fontanille (2018) e Fontanille e Couegnás (2018) definem comunidades participativas como aquelas em que seus membros não

<sup>4</sup>No médio prazo, entretanto, ele é afetado, embora isso exija mecanismos suplementares além da própria catálise.

fazem parte dela como indivíduos, mas como constituintes de um *todo integral* (Greimas, 1976). Esses autores afirmam que esse tipo de coletividade é típico de sociedades animistas e naturalistas. Diferentemente das explicações analíticas que partem de um mundo considerado como uma totalidade partitiva e que são características das sociedades totêmicas e analógicas (Fontanille, 2018; Fontanille e Couegnás, 2018).

O processo que leva ao estabelecimento desse actante é de natureza mágico-causal, que, desde Frazer (2011), é considerado como uma magia simpática que opera à distância ou por contato. Cassirer, por sua vez, reconhece o papel central da atribuição causal nas operações mágicas.

O pensamento mítico tem na causalidade “uma de suas categorias verdadeiramente fundamentais”. . . Por meio de um mecanismo simples de “associação”, a contiguidade espacial ou temporal é transformada em causalidade. (Cassirer, 1972, pp. 48, 49)

Dessa forma, é produzido o senso de *communitas* que Turner atribui à fase liminar dos rituais. Esse senso permite que os participantes compartilhem igualmente da experiência ritual e tenham um senso comum de unidade. Independentemente das críticas que possam ser feitas a Turner – como pensar que *communitas* não tem estrutura ou ignorar os conflitos internos a esse tipo de coletividade – o surgimento do senso de *communitas* oferece um caminho promissor para a compreensão da magia e da publicidade.

Assim, vemos que, em muitos casos, o observador aparece no texto publicitário. Por exemplo, aqueles que assistem a uma briga de galos contemplam os efeitos conciliatórios da simples presença de um conhaque sobre os oponentes, que fundem suas asas em um abraço fraterno: espectadores e galos se reúnem para comemorar em torno da bebida. Em outro exemplo, homens jovens observam enquanto sua parceira é encharcada de café quente por uma ex-namorada furiosa, o que, para eles, é um sinal de inexperiência em terminar relacionamentos, pois eles teriam pedido um refrigerante. Em outro, as garotas ao redor da piscina observam a capacidade de um refrigerante de atrair um namorado. E em outro, o barman testemunha a mudança de atitude de um sogro em relação ao genro, dependendo da presença cintilante de um logotipo de conhaque.

## O CONTÁGIO E A MEDIAÇÃO

A produção do senso de comunidade e a catarse resultante são produzidas pelo mecanismo de contágio (não apenas biológico) que Landowski estudou (2004). Esse mecanismo é específico das interações passionais entre sujeitos,

que se ligam uns aos outros a ponto de se identificarem com o outro: ele se opõe às relações de sujeitos com objetos, nas quais a conjunção muda o estado de um sujeito, mas o mantém distinto do objeto. O contágio opera por fusão e é o produto da apreensão sensível e estase das interações. Os sujeitos contagia-dos não agem sucessivamente, seguindo uma programação narrativa, mas em uníssono: ao contrário da programação de ações que institui actantes coletivos sintagmáticos, o contágio institui actantes coletivos paradigmáticos.

Landowski considera o contágio como um aspecto central de uma semiótica da experiência, que começa como uma experiência sensível. Ele fala dos efeitos passionais despertados pelas presenças e propõe, conseqüentemente, estudar a eficiência do sensível. Se, dentro da programação narrativa, o objeto é convocado pelo sujeito com vistas a uma conjunção, no contágio, o outro *impõe* sua presença ao sujeito e o convida à fusão: aí está a eficácia da dimensão sensível.

Na experiência, o observador desempenha um papel crucial. Mas não se trata de um papel cognitivo, no qual se obtém uma imagem e um conhecimento do observado, no qual o olhar é direcionado ao outro para vê-lo como um objeto. O observador na experiência sensível, no contágio e na catarse, observa o outro como um *alter ego*, igualmente subjetivo. O olhar é um ato sensível, mas também apaixonado e até carnal. É um olhar cúmplice que devolve ao observado seu *status* pleno de sujeito: a presença do outro é direta, é um face a face e um corpo a corpo, um corpo a corpo, um corpo presente. O olhar não é um simples ato cognitivo, mas é inevitavelmente um ato corporal.

Entretanto, essa presença corporificada nem sempre é evidente na publicidade. Enquanto vemos as moças na piscina como testemunhas oculares das audácias do galanteador, ou o barman observando o sogro e o genro divertidos, captamos apenas indiretamente a presença do observador na modelo que caminha cadenciadamente pela passarela coberta por um vestido translúcido e perfume, no ponto de vista escolhido pelo fotógrafo. Esse fotógrafo está implícito e, em vez disso, a modelo parece estar vindo em nossa direção, forçando-nos a assumir o papel de observadores. Dessa forma, nos tornamos presentes na cena: somos os observadores e somos responsáveis por catalisar a transformação mágica. Ao sermos observadores, nos tornamos cúmplices do passe de magia, de sua eficiência e de sua difusão contagiosa.

### O COLAPSO ENUNCIATIVO

A intervenção do espectador na enunciação é o produto de um *colapso enunciativo*. Tradicionalmente, na teoria da enunciação, desenvolvida pela Escola de Paris (Greimas & Courtés, 1979), o enunciado é o produto de uma

desvinculação: a enunciação produz um enunciado e se desvincula dele, a fim de lhe dar sua própria existência. O desengajamento pode ser total ou parcial. Quando é total, o enunciado é apresentado como o produto de um ato impessoal de enunciação: não há vestígios do enunciador ou do enunciatário, exceto pelas operações de focalização, perspectiva e ponto de vista. Entretanto, quando é parcial, aparecem traços ou indícios da enunciação. Esses indícios são de natureza múltipla e oferecem uma imagem da enunciação com maior ou menor clareza. Assim, por exemplo, uma câmera subjetiva, com seus movimentos, oferece a ilusão de que há um olhar que se move pela cena e presta atenção a certos aspectos dela.

O desengajamento parcial não significa que o enunciado realmente apareça em cena, mas sim que é um simulacro de sua presença na imagem, ou seja, uma ilusão. O que acontece é que o desengajamento parcial se dá quando, a partir de um desengajamento total, ocorre um retorno ou embreagem à instância da enunciação. Mas esse retorno é impossível porque a enunciação já tem uma existência independente, alheia à da enunciação. Em vez disso, o retorno à enunciação é simulado.

A presença de um observador na cena é uma das maneiras pelas quais a embreagem é produzida. Um barman observa a cena do sogro e do genro discutindo. Algumas moças observam as audácias do belo ladrão de refrigerantes. Alguns expectadores observam a mesma cena, cercada por bandeiras, que a rinha observa. Esses observadores são atores delegados da instância de enunciação. Quando o barman, as garotas e os assistentes observam, isso significa que o observado também está na mira do observador implícito no ato da enunciação. Há tanto um observador explícito interno à cena quanto um observador implícito externo à cena. A embreagem ocorre quando os dois observadores entram em sincretismo em um agente coletivo duplo.

Mas a publicidade não opera apenas sincretismos, ela também envolve o observador externo na cena. A imagem do homem roubando o refrigerante da garota bonita é um exemplo disso. Essa cena é seguida por um corte abrupto para dar lugar à presença repentina e forte do logotipo, que ocupa toda a tela. Com essa irrupção, uma segunda declaração é criada fora da cena dos jovens na piscina. Esse logotipo satura o olhar do espectador externo e suas qualidades visuais o fazem invadir o espaço da enunciação implícita. O logotipo do refrigerante espirra o observador externo, conforme sugerido pela presença de círculos coloridos no logotipo, que parecem gotas ou bolhas refrescantes. Assim, o espectador é refrescado da mesma forma que os participantes da cena da piscina. Com esse recurso visual, o observador é envolvido como um dos que sentem os efeitos prazerosos do produto.

O que se nota nesse exemplo é que, além de um desengajamento enunciativo e de uma embreagem parcial, há uma transferência fictícia da instância de enunciação para o enunciado, o que foi chamado aqui de colapso enunciativo. A publicidade apela e interpela os observadores: a enunciação é obrigada a intervir ativamente no conteúdo anunciado. Esse é o ponto culminante da magia da publicidade: esse envolvimento é o ato final pelo qual a comunidade participativa é criada.

### CONCLUSÕES

A publicidade é magia causada pela intervenção crucial de observadores internos e externos. Além de *axiologizar* produtos e transmitir valores, a publicidade cria comunidades participativas por meio de efeitos de catarse. Os observadores são os catalisadores da catarse: eles são mediadores entre as causas e os efeitos mágicos. Eles também são mediadores entre a instância da enunciação e a da enunciação. A participação no ato mágico-publicitário é abrangente: todos os presentes, internos ou externos à enunciação, estão envolvidos. A publicidade apela e incentiva a intervenção. É aí que reside a força de sua eficiência.

Fazendo parte de um universo mágico, a publicidade explica os fatos do mundo, mostra a ordem sobrenatural que rege as coisas. A publicidade desperta e gerencia os caprichos aquisitivos: ela mostra as motivações subjacentes à aquisição e ao uso de produtos. Como sugere Cassirer (1972, p. 53) com relação à magia, essas motivações não são legais, mas fatalidades, adventos no mundo: a publicidade se encarrega de realizar os desígnios que guiam o devir do mundo, um assunto cujo desenvolvimento deixaremos para outra ocasião. ■

### REFERÊNCIAS

- Barthes, R. (1957). *Mythologies*. Seuil.
- Barthes, R. (1964). Rhétorique de l'image. *Communications*, 4(4), 40-51.
- Cassirer, E. (1972). *Filosofía de las formas simbólicas* (Vol. 2). FCE.
- Floch, J. -M. (1990). *Sémiotique, marketing et communication*. PUF.
- Flores, R. (2015). *Sucesos y relato*. ENAH/Del Lirio.
- Flores, R. (2010). Admiración y fascinación. Eficacia simbólica y ciencias del lenguaje. In M. E. Olavarría, S. Millán, C. Bonfiglioli (Coords.), *Lévi-Strauss: un siglo de reflexión*. UAM.
- Flores, R. (2022). *Magia Publicitaria: semiótica de la eficacia simbólica*. Aracné. <https://www.aracneeditrice.eu/free-download/9791221803136.pdf>

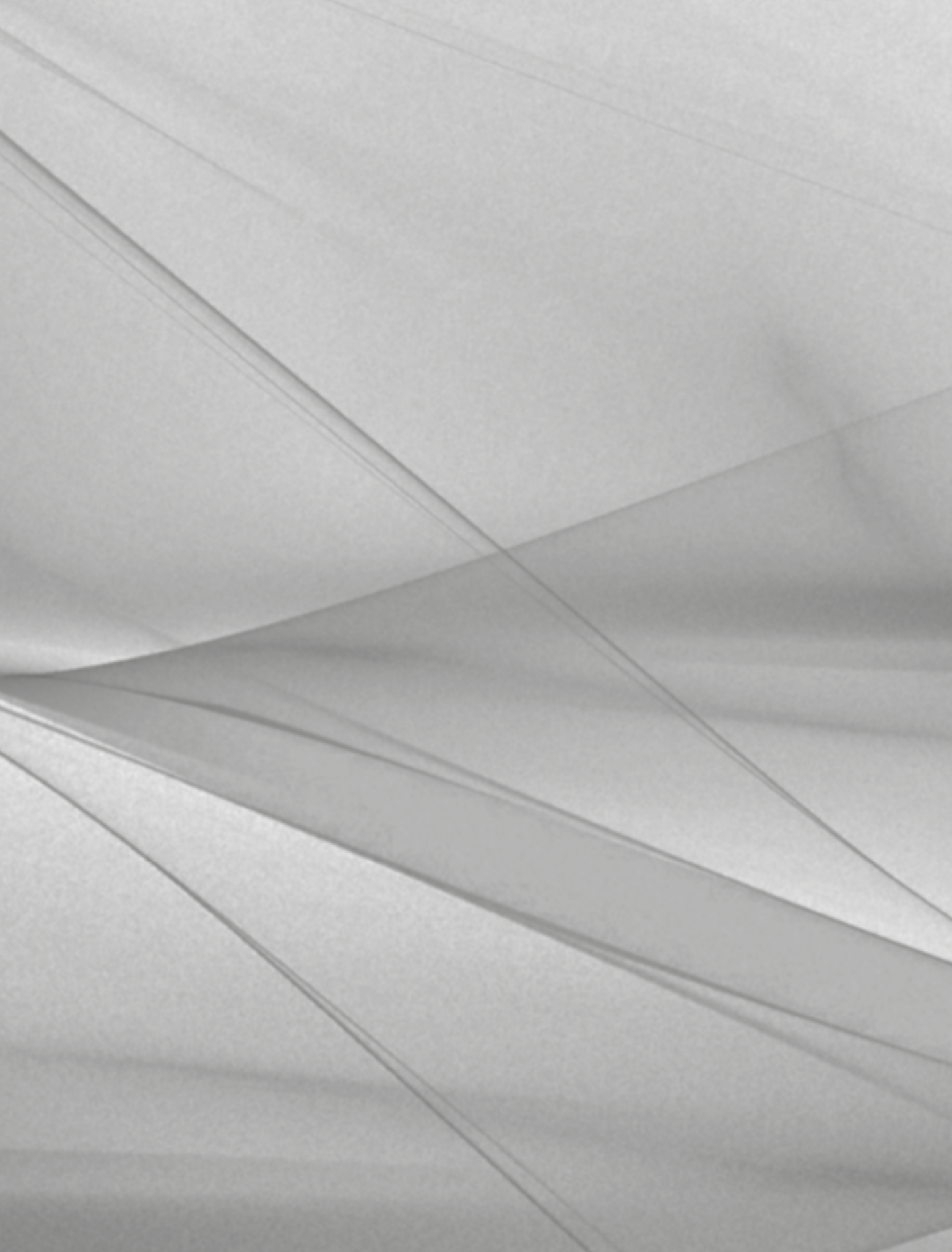
- Fontanille, J. (2018). La constitution de l'actant collectifs. *Fondation Maison des Sciences de l'Homme*. <http://http://afsemio.fr/wp-content/uploads/SAISIE-07.11.18-Jacques.Fontanille.pdf>
- Fontanille, J., & Couégnas, N. (2018). *Terres de sens*. PULIM.
- Frazer, J. G. (2011). *La rama dorada* (Edición abreviada). FCE.
- Greimas, A. J., & Courtés, J. (1979). *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Hachette.
- Greimas, A. J. (1976). *Sémiotique et sciences sociales*. Seuil.
- Landowski, E. (2004). *Passions sans nom*. PUF.
- Lévi-Strauss, C. (1958). *Anthropologie structurale*. Plon.
- Turner, V. (1969). *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. Aldine Transaction.
- Zilberberg, C. (2011). *Des formes de vie aux valeurs*. PUF.

---

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.



**PARACERISTAS**



## Lista de Pareceristas novembro de 2023 a novembro de 2024

Ada Machado Silveira - Universidade Federal de Santa Maria

Adilson Cabral - Universidade Federal Fluminense

Adilson Citelli - Universidade de São Paulo

Adriana Braga - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Adriana Pierre Coca - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Afonso de Albuquerque - Universidade Federal Fluminense

Alan César Belo Angeluci - Universidade de São Paulo

Alberto Efendy Maldonado - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Ana Suzina - Loughborough University London

André Pase - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Ariane Diniz Holzbach - Universidade Federal Fluminense

Bernardo Borges Buarque de Hollanda - Fundação Getulio Vargas do Rio de Janeiro

Camilla Quesada Tavares - Universidade Federal do Maranhão

Camilo de Oliveira Aggio - Universidade Federal de Minas Gerais

Cássio Adriano Braz de Aquino - Universidade Federal do Ceará

Celbi Vagner Melo Pegoraro - Universidade de São Paulo

Cicilia Maria Krohling Peruzzo - Universidade do Minho, Portugal

Clarice Greco - Universidade Paulista

Cláudia do Carmo Nonato Lima - Universidade de São Paulo

Cristiane Freitas Gutfreind - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Cristiano Figueira Canguçu - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Daiana Sigiliano - Universidade Federal de Juiz de Fora

Daniel Melo Ribeiro - Universidade Federal de Minas Gerais

Danielle Naves de Oliveira - Universidade de Brasília

Deivison Moacir Cezar de Campos - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Denize Correa Araujo - Universidade Tuiuti do Paraná

Ébida Rosa dos Santos - Universidade de Brasília

Edmundo Manuel Porém Balsemão Pires - Universidade de Coimbra

Eduardo Gabriel Velho - Instituto Infnet do Rio de Janeiro

Elisa Reinhardt Piedras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Eliza Bacheга Casadei - Escola Superior de Propaganda e Marketing

Elton Antunes - Universidade Federal de Minas Gerais

Eneus Trindade Barreto Filho - Universidade de São Paulo

Erick Felinto de Oliveira - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Eugênio Bucci - Universidade de São Paulo

Eun Yung Park - Universidade de São Paulo

Fernando Firmino da Silva - Universidade Estadual da Paraíba

Gabriela Borges Martins Caravela - Universidade Federal de Juiz de Fora

Giuseppe Mario Cocco - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Helena Martins - Universidade Federal do Ceará

José Afonso da Silva Júnior - Universidade Federal de Pernambuco

Julianna Nascimento Torezani - Universidade Estadual de Santa Cruz

Julice Salvagni - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Juremir Machado da Silva - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Karina Janz Woitowicz - Universidade Estadual de Ponta Grossa

Kérley Winques - Universidade Federal de Juiz de Fora

Laan Mendes de Barros - Universidade Estadual Paulista

Laura Loguercio Cánepa - Universidade Paulista

Leonardo Pinheiro Mozdzenski - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Leonor Graciela Natansohn - Universidade Federal da Bahia

Liriam Sponholz Erfurt - University of Applied Social Sciences

Luciano Victor Barros Maluly - Universidade de São Paulo

Luís Fernando Angerami Ramos - Universidade de São Paulo

Marcel Vieira Barreto Silva - Universidade Federal da Paraíba

Marcia Benetti Machado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Marcio Serelle - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Marcus Vinicius Fainer Bastos - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Maria Amélia Paiva Abrão - Escola Superior de Propaganda e Marketing

Maria Cristina Castilho Costa - Universidade de São Paulo

Maria Cristina Palma Mungiolí - Universidade de São Paulo

Maria Ogécia Drigo - Universidade de Sorocaba

María Laura Schaufler - Universidade Nacional de Entre Ríos

Marilia Xavier de Lima - Universidade Anhembi Morumbi

Nilda Jacks - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Nísia Martins do Rosário - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Noel Dos Santos Carvalho - Universidade Estadual de Campinas

Otávio Daros - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Patrícia Mallmann Souto Pereira - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Patrícia Moran Fernandes - Universidade de São Paulo

Pedro Silva Marra - Universidade Federal do Espírito Santo

Rafael Bellan Rodrigues de Souza - Universidade Federal do Espírito Santo

Reges Toni Schwaab - Universidade Federal de Santa Maria

Rita Cássia Rimeiro- Universidade Federal de Santa Catarina

Roberto Chiachiri - Universidade Metodista de São Paulo

Rodrigo Carreiro - Universidade Federal Fluminense

Rodrigo Christofolletti - Universidade Federal de Juiz de Fora

Rogério da Costa - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Rosana de Lima Soares - Universidade de São Paulo

Roseméri Laurindo - Universidade Regional de Blumenau

Samuel Mateus - Universidade de Lisboa

Sandra Maria Ribeiro de Souza - Universidade de São Paulo

Sandra Portella Montardo - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Sandro Tôrres de Azevedo - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Saraí Patrícia Schmidt - Universidade de Brasília

Sheila Schvarzman - Universidade Anhembi Morumbi

Stefanie Carlan da Silveira - Universidade Federal de Santa Catarina

Tatiana Giovannone Trivisani - Universidade de São Paulo

Teresa Mendes Flores - Universidade Nova de Lisboa

Thiago Falcão - Universidade Federal da Paraíba

Thiago Vasconcellos Modenesi - Universidade Federal de Pernambuco

Victor Rabello Piaia - Fundação Getulio Vargas do Rio de Janeiro

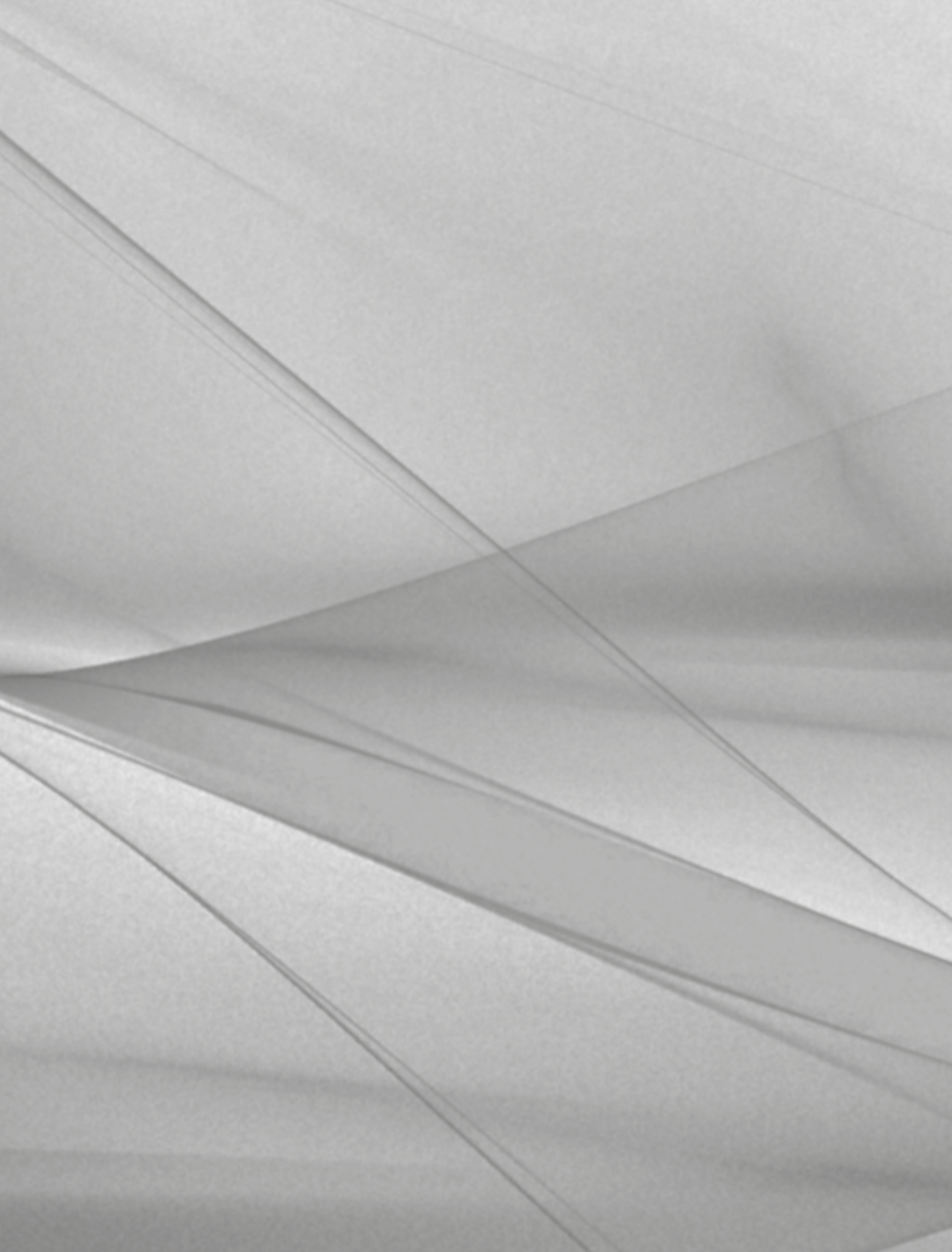
Virginia Pradelina da Silveira Fonseca - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Vitor Souza Lima Blotta - Universidade de São Paulo

William Fernandes Araújo - Universidade de Santa Cruz do Sul

Wilson da Costa Bueno - Universidade de São Paulo

# TESSES E DISSERTAÇÕES



# Teses e dissertações

## 1<sup>o</sup> de Julho de 2023 a 30 de Junho de 2024

### DOUTORADO

ANDRADE, Marcelo de

*O brincar mediado e mediatizado: uma proposta antropológica sobre os rituais de consumo dos influenciadores mirins e suas articulações de sentidos na constituição de um modelo de negócio*

ORIENTADORA: MARIA CLOTILDE PEREZ RODRIGUES

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-03072024-152550>

CALIXTO, Douglas de Oliveira

*O avesso dos algoritmos: sociabilidades na escola e mediações educacionais no ritmo do TikTok*

ORIENTADOR: ADILSON ODAIR CITELLI

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2023.tde-20122023-123018>

CAMARGO, Camila Acosta

*Captura e reconfiguração do jornalismo digital independente e alternativo: o papel da filantropia das fundações internacionais*

ORIENTADORA: ROSELI APARECIDA FIGARO PAULINO

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-02072024-122316>

CRISTO, Veronica Reis

*Narrativas para uma comunicação pública nas universidades: um estudo em três universidades públicas paulistas*

ORIENTADOR: PAULO ROBERTO NASSAR DE OLIVEIRA

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-13052024-153929>

DIAS, Michelle

*Entre a informação e o dialogismo: desafios e possibilidades na comunicação pública digital da Assembleia Legislativa de Santa Catarina*

ORIENTADORA: MAYRA RODRIGUES GOMES

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2023.tde-02042024-121721>



**FIGUEIREDO, Carolina Moura Klautau de Araujo**

*Narrar entre nós: protagonismo social e possibilidade de interação sociocultural de mulheres em situação de refúgio e imigrantes*

**ORIENTADORA: CREMILDA CELESTE DE ARAUJO MEDINA**

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-13052024-132542>

**GOMES, Ana Claudia Fernandes**

*Ecosistema transmídia de conteúdo infantojuvenil do SBT: um estudo de caso sobre a multiplataformização no Sistema Brasileiro de Televisão*

**ORIENTADORA: BRASILINA PASSARELLI**

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2023.tde-15122023-175844>

**GURGEL, Daniela Picarelli do Amaral**

*Gatekeeping digital da música: proposta de modelo teórico e sua aplicação em Funk Brasileiro, Sertanejo, Forró e MPB*

**ORIENTADOR: LUIZ GUILHERME DE CARVALHO ANTUNES**

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2023.tde-19122023-160916>

**ITOCAZO, Carolina Pedrosa Cardoso**

*As mulheres livres e seus retratos roubados: como as imagens do movimento “#elenão”, de 2018, foram deturpadas pela vingança ressentida*

**ORIENTADOR: EUGÊNIO BUCCI**

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-12092024-135457>

**KINOSHITA, Jamir Oswaldo**

*Muito além da porta de entrada: as relações de comunicação no mundo do trabalho das pessoas com deficiência motora e suas contribuições no processo de inclusão social*

**ORIENTADORA: ROSELI APARECIDA FIGARO PAULINO**

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-03072024-142202>

**NARDY, Rita Machado de Campos**

*As info-ecologias e as formas comunicativas do habitar: um estudo sobre redes ecológicas digitalmente conectadas*

**ORIENTADOR: MASSIMO DI FELICE**

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-03072024-153933>

OLIVEIRA, Daniela Ferreira de

*Mudanças no mundo do trabalho dos Mídias de agências de publicidade no contexto das plataformas de Mídia Programática*

ORIENTADORA: ROSELI APARECIDA FIGARO PAULINO

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-12092024-141902>

OLIVEIRA, Maria Jaciara de Azeredo

*A questão da recepção nas histórias em quadrinhos: a construção do leitor-pesquisador da série Fábulas*

ORIENTADOR: WALDOMIRO DE CASTRO SANTOS VERGUEIRO

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-12092024-144558>

PAULA, Luciano Teixeira de

*Alteridade, refúgio e migrações: um estudo dos discursos e da produção de sentido na telenovela Órfãos da Terra*

ORIENTADORA: MARIA CRISTINA PALMA MUNGIOLI

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-12092024-143925>

SANTANA, Alex Sander Alcantara Lopes de

*De passagem: A etnografia como método de observação para contextos socioculturais na reportagem (Uma experiência etnográfica no Elevado João Goulart, o Minhocão, em São Paulo)*

ORIENTADOR: EUGÊNIO BUCCI

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2023.tde-19122023-153236>

SILVA, Ana Flávia Marques da

*Uma só Globo: o caso da Globoplay na plataformização da empresa brasileira de comunicação*

ORIENTADORA: ROSELI APARECIDA FIGARO PAULINO

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-02072024-120927>

SOUZA, Renata Silva

*Corpos Virtuais: uma investigação semiótica das relações entre representação fotográfica e experiências corporais nas redes sociais*

ORIENTADOR: ANDERSON VINÍCIUS ROMANINI

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-03072024-153503>



**TÔZO, Carla de Oliveira**

*A práxis do jornalismo científico: a experiência do Jornal da USP e de universidades públicas brasileiras no período pandêmico*

**ORIENTADOR:** LUCIANO VICTOR BARROS MALULY

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-02072024-122634>

**ZIMERMANN, Patricia**

*Comunicação organizacional para a cultura oceânica e o desenvolvimento sustentável*

**ORIENTADORA:** MARGARIDA MARIA KROHLING KUNSCH

Doi: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-03072024-153035>

### **MESTRADO**

**BARROS, Karina Ferrara**

*A prática profissional de Relações Públicas na perspectiva do Programa Etnomatemática: atitudes perante a Matemática e utilização de saberes matemáticos segundo egressos da ECA-USP*

**ORIENTADORA:** MARIA APARECIDA FERRARI

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-20122023-145054>

**COZZETTI, Giovanna Mendonça**

*Relações Públicas: da metanarrativa à metarreflexividade crítica*

**ORIENTADOR:** LUIZ ALBERTO BESERRA DE FARIAS

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2024.tde-13052024-133138>

**DIAS, Emily Hozokawa**

*A igreja transante: política, religião e comunicação digital no Dunamis Movement*

**ORIENTADOR:** RICHARD ROMANCINI

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-18122023-172341>

**DOMINGUES, Jacqueline Ausier**

*Da veneração ao repúdio: como a cultura do cancelamento transformou a imagem pública de J.K. Rowling em comunidades digitais de fãs no Brasil*

**ORIENTADORA:** MARIA CLOTILDE PEREZ RODRIGUES

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-27112023-103227>

**FERNANDES, Leonardo de Sá**

*Presença de Electra em Avenida Brasil: da tragédia grega à telenovela épica*

**ORIENTADORA:** MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-19122023-113529>

FRIAS, Eliana Sanches de

*Imprensa refletida. Como a interação virtual entre repórteres, leitoras e leitores transformou a práxis jornalística na versão digital da revista ELLE*

ORIENTADOR: EUGÊNIO BUCCI

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-01112023-161753>

GALLO, Janaina Soares

*Mídia, gênero e direitos humanos: uma análise a partir da metodologia GMMP*

ORIENTADORA: CLAUDIA LAGO

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2024.tde-03072024-142747>

GOULART, Karen Pavani

*Metodologias ativas de ensino-aprendizagem e interações comunicacionais: um olhar a partir da experiência do Cieja Campo Limpo*

ORIENTADOR: ADILSON ODAIR CITELLI

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-02042024-111614>

LOPES JUNIOR, Claudinei

*Sob as luzes da interseccionalidade: um estudo sobre a produção de sentido na construção das representações das protagonistas da série Coisa Mais Linda*

ORIENTADORA: MARIA CRISTINA PALMA MUNGIOLI

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-01112023-160404>

MARQUES, Viviane Barbosa

*Pela lente do amor: O ativismo voluntário nas campanhas de Guilherme Boulos em 2020 e 2022*

ORIENTADOR: RICHARD ROMANCINI

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-22032024-121950>

MAZZUCATTO, Maria Rita

*Novas narrativas da parentalidade contemporânea: um estudo sobre a influência da comunicação, da afetividade e da educação nas relações entre pais e filhos a partir da coluna de Vera Iaconelli na Folha de S. Paulo*

ORIENTADOR: PAULO ROBERTO NASSAR DE OLIVEIRA

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-13112023-145715>

PÔRTO, José Ilton Lima

*Marcas de resistência das jornalistas LGBTQIA+ à cisheteronormatividade na profissão*

ORIENTADORA: CLAUDIA LAGO

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-02042024-110929>



**RELLSTAB, Clara Cavalcanti**

*É rádio, mas também é cinema e jornalismo: Um estudo sobre os roteiros nos podcasts narrativos a partir de Praia dos Ossos*

**ORIENTADOR:** LUCIANO VICTOR BARROS MALULY

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-18122023-155636>

**RIBEIRO, Ana Carolina Druwe**

*Estratégias transmídia e juventudes pelo clima: reflexos do movimento Fridays for Future no Brasil*

**ORIENTADOR:** ANDERSON VINÍCIUS ROMANINI

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-01112023-155005>

**RIBEIRO, Jéssica Faria**

*Documentários, feminismos e a crítica à colonialidade na Escuela Audiovisual al Borde*

**ORIENTADOR:** RICHARD ROMANCINI

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2024.tde-13052024-151153>

**SANTANA, Yonara Aparecida**

*As relações de comunicação e trabalho dos profissionais do setor de tecnologia da informação e os discursos de incentivo ao trabalho excessivo*

**ORIENTADORA:** ROSELI APARECIDA FIGARO PAULINO

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-02042024-134246>

**SANTOS, Mario Filipe Cavalcanti de Souza**

*O digital numa densa neblina: análise crítica do discurso publicitário bancário brasileiro sobre tecnologias digitais, privacidade e proteção de dados*

**ORIENTADOR:** ENEUS TRINDADE BARRETO FILHO

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-02042024-113508>

**SCHLEDER, Marcelo Salton**

*A lógica algorítmica do Facebook e suas implicações para o jornalismo e a esfera pública política*

**ORIENTADOR:** ANDERSON VINÍCIUS ROMANINI

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-19122023-163543>

**SILVA, Dalila Coelho**

*Novas narrativas de amor: uma análise de conteúdo da coluna Modern Love sobre a pandemia de Covid-19*

**ORIENTADOR:** PAULO ROBERTO NASSAR DE OLIVEIRA

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-01112023-161007>

**SILVA, Lucas Nibbering Alves da**

*Museus e ritualidades: alguns exemplos a partir do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP)*

**ORIENTADOR: PAULO ROBERTO NASSAR DE OLIVEIRA**

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2024.tde-12092024-142210>

**SOLON, Rudi Alexandre**

*Ilusões de Imagem: Cruzamentos da Mágica e Imagens Técnicas na Mediação de Realidades*

**ORIENTADOR: WAGNER SOUZA E SILVA**

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-02042024-133643>

**SOUZA, Alvaro Francisco de**

*Lu do Magalu: um estudo de caso sobre influência digital virtual, novas humanidades e marcas que viram pessoas*

**ORIENTADORA: ELIZABETH NICOLAU SAAD CORREA**

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-01112023-155542>

**TORETA, Fabio**

*Narrativas organizacionais e impacto: estudo das cartas de Larry Fink aos CEOs*

**ORIENTADOR: PAULO ROBERTO NASSAR DE OLIVEIRA**

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-18122023-173704>

**TÔRRES, Jéssica Vieira**

*Movimentos populistas contemporâneos nas ambiências digitais*

**ORIENTADOR: LUIZ ALBERTO BESERRA DE FARIAS**

Doi: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-19122023-162528>

# MATRIZES

é um periódico destinado à publicação de estudos que tenham por objeto a comunicação. Analisa pesquisas teóricas e empíricas sobre processos comunicativos, meios e mediações nas interações sociais. Trata-se de uma publicação aberta às reflexões sobre cultura e linguagem midiáticas e suas implicações sociopolíticas e cognitivas. MATRIZES preserva o horizonte transdisciplinar do pensamento comunicacional e espera redimensionar conhecimento e práticas que contribuam para definir, mapear e explorar os novos cenários comunicacionais. No limite, MATRIZES busca ser um espaço de debates das diferentes perspectivas do campo da Comunicação.

